

20.00  
£ 20.00

**ROMANCE**

**D'UMA SENHORA**

**LISBOA — TIP. DE FOTOG. — Rua da Cruz de Pau, n.º 15.**

ALEXANDRE DUMAS (Filho)

ROMANCE

# D'UMA SENHORA

TRADUÇÃO DE

F. F. DA SILVA VIEIRA.

I



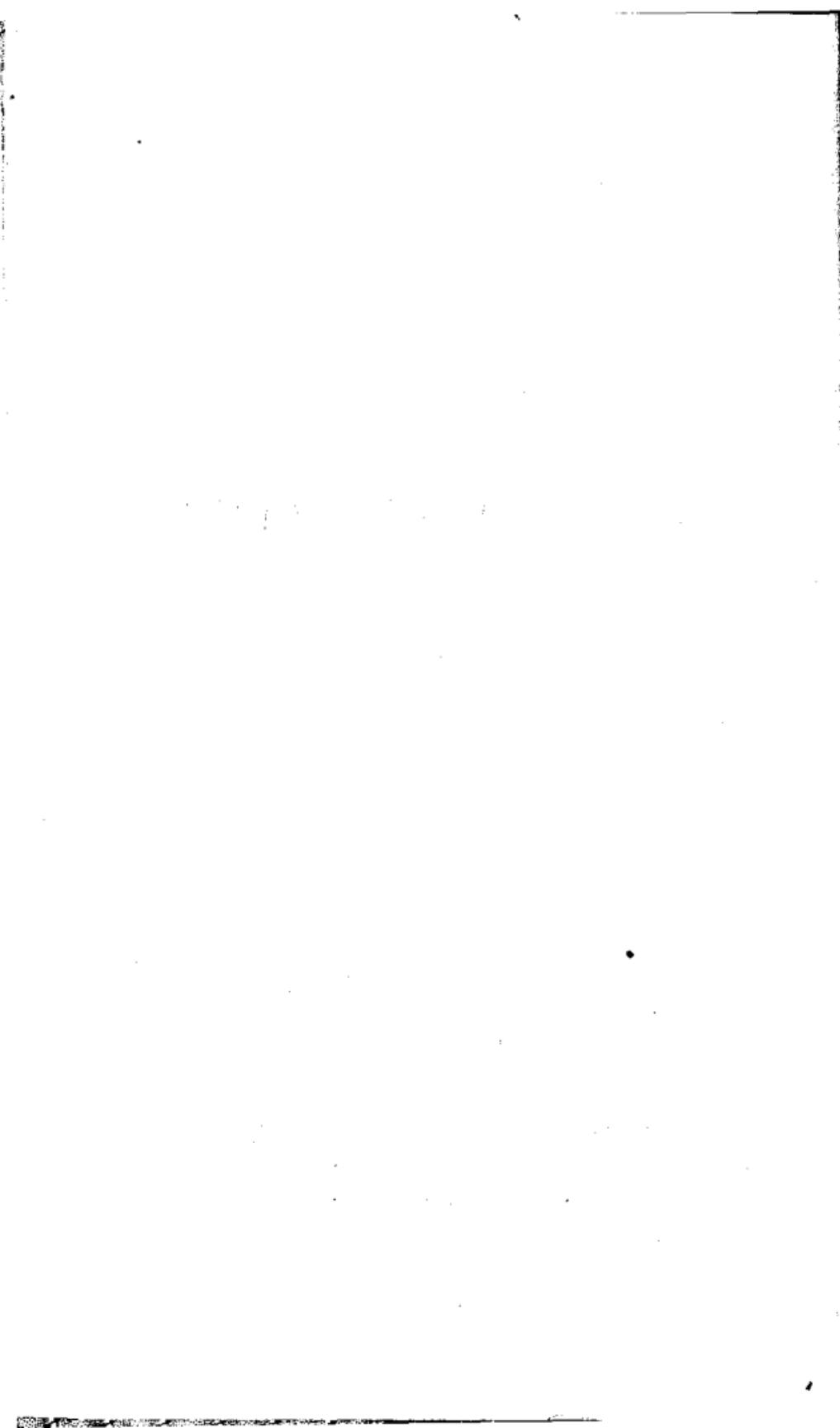
LISBOA

J. P. MARTINS LAVADO  
Rua Augusto, 15.

PORTO

A. R. DA CRUZ COUTINHO  
Rua dos Caldeireiros, 14.

1860



## AO LEITOR

---

Tenho quasi como certo que tem conhecido dessas mulheres, cuja apparencia, e mesmo costumes, estão bem longe de annunciar a heroína do romance, e a quem não obstante, ouvio uma ou outra vez dizer:

— Se escrevessem a minha vida, fariam um livro bem curioso.

Eu tantas vezes ouvi repetir aquellas palavras, que um dia tive a phantasia de as tomar ao serio, e escrever pelas informações d'uma creada velha, antiga governante, que apenas tem um papel de segunda ordem, neste drama, a historia que vae ler, se logo no começo se não sentir enfastiado.

Julgo não precisar dizer mais para explicar o motivo por que chamei a este livro *Romance d'uma senhora*.



ROMANCE

## D'UMA SENHORA

---

Conhece, por acaso, o leitor, a cidade de Dreux? Se não a conhece, não deixará, por certo, de conhecer qualquer outra cidade da província. É quanto basta. Todas as cidades da província têm o mesmo carácter, os mesmos ridiculos, e prejuízos.

Dreux só tem de mais que qualquer outra, a sua especialidade—a salchicheria; mas sendo esta especialidade perfeitamente inutil ao interesse do nosso livro, despresal-a-hemos, mesmo com o risco de atraír-mos a antipathia de todos os salchicheiros d'aquella subperfeitura, e de ficarmos mal com a sua numerosa *freguezia*. E não se julgue ser um gracejo a antipathia de que fallo; a província nunca perdoa a quem a critica. A provin-

cia assimelha-se a essas velhas, de voz rouca, e nariz adunco, vestidas de brocado, cobertas de joias impossiveis, secas, pretenciosas, e más; dizendo sempre mal, com especialidade das jovens que encontram em seu caminho, não recuando nunca deante da calunia; a essas criaturas, que ao abrigo d'uma virtude de cincuenta annos, que nunca ninguem pensou em atacar, ou occultar pela cortina da sua habilidade, e algumas vezes da sua devoção; maldizem e diffamam quanto é bello, joven e cheio de confiança, invulneraveis, como são, debaixo da couraça que souberam fabricar.

Afaquem esta especie de mulheres, e verão se elles sabem perdoar. Ninguem pôde calcular o odio d'uma velha, quando a edade lhe auctorisa as palavras, quando a sua reputação, pelo menos a que acceita como verdadeira, lhe reveste os juizos, d'um certo cunho de infalibilidade.

Temos horror á provincia, porque é, em relação a Paris, o que as taes mulheres são, a respeito da gente moça. Mas quando fallamos da provincia, não involvemos na nossa idéa as grandes cidades, que contam cem ou duzentos mil habitantes, e que, pelo seu commercio, industria, e intelligencia, estão em relação directa com Paris. Essas cidades teem os seus ridiculos, como Paris não deixa de ter; mas tanto uns como outros, quasi que desapparecem, pela bulha que produzem. As cidades, que detestamos, e d'onde fugiremos sempre que nos fôr possivel, são as que não encerram mais do que doze ou quinze mil

almas, e que são *honradas* com uma subperfeição, e *ornadas*, com um procurador regio.

Mas, dir-nos-hão: Paris não é senão uma grande cidade, que contém muitas outras pequenas, com os mesmos costumes e defeitos, unicamente menos visíveis, porque o theatro é maior e os actores mais numerosos.

É verdade; mas ao menos Paris, se encerra o mal, tem também em si a compensação; se tem as grandes paixões, possue as grandes luzes; se tem os maiores vicios, dispõe de grandes intelligencias, que os corrigem; se tem manchas como o sol, é como elle, fecundante.

No fim de tudo, não sabemos com que fim nos aventuramos a criticar as provincias e a capital, quando tudo isto não tem a menor relação, com o que pretendemos contar. Voltemos, pois, a Dreux.

Quer o leitor conheça, quer não, a cidade de que se trata, vamos em meia duzia de palavras dar-lhe idéa da sua topographia.

Vindo de Paris, entra em Dreux pelo arrabalde de Saint-Jean, atravessa o Blaise, riosinho de muito bonito aspecto e continua caminhando, sempre em linha recta; deste modo entra na rua Parisis, que vae desembocar na praça do Paraíso. O caminho ali forma um cotovello. Ande um pouco mais, e está no arrabalde Saint-Martin, que termina pela rua de Chartres. Agora pare, porque chegámos onde queríamos leval-o.

A penultima casa do arrabalde, é, ou pelo menos, era em 183... um collegio de meninas. Esta casa era rodeada por um muro bastante alto, a

porta era pintada de verde, e por cima, lia-se em letras amarellas, sobre fundo preto — *Collegio de meninas*. Por detraz d'esta porta, havia um certo numero d'arvores por entre as quaes se distinguia uma ou outra janella, alegre e socegada, com a sua cortina verde, e o seu caixilho exterior de madresilva, ou baunilha. Era a casa mais apropriada, ao mesmo tempo, para os estudos e prazeres das educandas que a habitavam; bastante isolada para não ser perturbada pelos rumores da cidade, ficando-lhe proxima, quanto era preciso, para que de tempos a tempos lhe chegasse um murmurio, que recordasse a todas aquellas almas noveis, que havia no mundo outra gente, além das suas regentes, e outras casas, além da sua. Entrando achar-nos-hemos n'um primeiro pateo. D'um lado é a casa do porteiro, com as suas gaiolas de canarios, seus vasos de flores, e tudo o que constitue a felicidade d'esta honrada classe; do outro lado está a *creaçao*, isto é, grande numero de gallinhas, patos, etc., que, mais moralisados que os habitantes da cidade, ha muito já que dormem. Pela parte de cima ha um pombal, cheio de pombos mansos e familiares, que vão incessantemente, e sem a menor hesitaçao, pouar no meio das creanças, e pedir, depois do jantar, migalhinhas de pão a todas as mãos, que os acariciam. No centro, ha um jardinsinho cheio de flores; nos angulos grandes choupos, e aos dois lados da casa, duas fileiras de tilias, produzindo a mais agradavel sombra, e convidando á meditaçao.

Em quanto ao interior da casa, é mais comodo do que agradavel, mais previdente do que poetico. Atravessal-a-hemos, lancando uma vista rapida á sala que serve de locutorio, cujas janelas são ornadas de bambinellas brancas e escarlates, tendo um classicoo piano, um relojo represando o carro do sol, e uns candelabros não representando coisa alguma. Entrando, abriremos uma porta que dá para o gabinete particular da dona da casa, onde se acha uma bibliotheca aberta todos os dias á curiosidade das educandas; é inutil dizer quaes os livros que a compõem: facilmente se advinha. Abriremos ainda uma outra porta, que dá para a casa de jantar de madame Duvernay, a preceptora. Esta casa não differe em coisa alguma das suas irmãs; abafada pelas cortinas, *incommadada* pelos moveis, e d'um aspecto frio. Todavia está alli uma das ambições das educandas, porque aquellas, que, durante a semana, foram cuidadosas, e diligentes no trabalho e nas lições, são no sabbado admittidas a ir jantar á meza de madame Duvernay, podendo vér, com um risinho de ironia, encaminharem-se as suas companheiras para o refeitorio, em quanto ellas, durante o tempo que esperam a hora do jantar privilegiado, passam em revista as gravuras que ornam as paredes, ou folheam os livros da bibliotheca.

Que encantadores não são os annos que se passam a ambicionar tão innocentes recompensas e a receiar castigos do mesmo alcance! Que felicidade, aquella em que se temem os ralhos, sempre

brandos, da carinhosa mãe, e em que, no fim de tudo, pôde, a innocentemente, apenas anotar, e depois de fazer as suas orações, adormecer tranquila, sem que um mau sonho lhe perturbe o sono, ou um pensamento triste lhe atormente o despertar! Ha nada mais agradável, do que entrar, em companhia d'um parente de alguma educanda, no locutorio d'uma d'aquellas casas de educação, e ver atravez dos vidros das janellas, debater-se sobre a relva e entre flores, a louca recreação? Ficar-se-ia dias inteiros a ver voltar aquellas sombrasinhos rosadas, brancas e loiras, que, descuidosas, risonhas e vagabundas, não temiam mais empenho em saber o que se passou nos primeiros annos da sua vida, do que o que poderá haver além do muro do seu jardim. Por isso, depois de termos atravessado as casas ao rez-do-chão, apressar-nos-hemos em chegar sem sermos de todo vistos, ao meio dessas lindas crianças, que, apenas nos aperceberem, fugirão como gazellas do deserto, perdendo ao mesmo tempo aquella physionomia, que tanto desejamos conhecer. Não daremos ao primeiro andar a honra da nossa visita; tomaremos unicamente nota da sua existencia: é o quarto de madame Duvernay, e a enfermeria. No segundo são os quartos das meninas mais *crescidas*, e a arrecadação da roupa.

São sete horas e meia do dia 15 d'agosto; no dia immediato começam as férias, por isso, já não se observam restrições nos brinquedos, nem se conhecem limites á alegria. Seria necessário cometer uma bem enorme falta, para qualquer edu-

canda ser privada de sair no dia immediato, quando fosse reclamada por sua mãe. As salas de estudo, situadas no fundo do jardim, e formando com os dormitorios e refeitorios um edificio á parte, estão desertas para o trabalho, vendose alli apenas algumas meninas mais previdentes, que antecipadamente escolhem e acondicionam os livros que desejam levar consigo, promettendo á sua mestra de os ler, e jurando a si mesmas de nem ao menos lhes tocar. As outras divididas em grupos, com quem vae ter de vez em quando madame Duvernay, deixam escapar dos innocentes corações as mais doces illusões, que, ligeiras como a aveinha a quem abrem a gaiola, vão visitar desconhecidas paragens, para depois voltarem, como a pombinha da arca, com algum ramo de esperança e de paz. No meio dos alegres grupos encontra-se necessariamente alguma pobre creança, que, desherdada de parentes ou de fortuna, observa a felicidade das suas companheiras atravez do seu abandono, como o prisioneiro contempla a liberdade atravez das grades que o encerram. Pobres creanças, que conhecem a tristeza antes da alegria, e que, em scus noveis corações, demasiadamente innocentes para poderem abrigar a duvida, não deixam de perguntar a Deos a causa desta irregularidade que as condemna, não obstante serem tão jovens, tão lindas, e tão castas como as suas companheiras, a não serem do mesmo modo felizes como elles, e a não poderem viver na mesma sociedade, depois de terem vivido no mesmo collegio! Po-

bres innocentes, a quem o Senhor deu, como ás outras, olhos para vér o coração para amar, e que, apenas estendem as mãosinhos, vão logo tocar n'um infortunio ou n'uma decepção. Eis o que o collegio, isto é, a reunião de muitas existencias no mesmo circulo, e com o mesmo modo de viver, tem de terrivel; é de collocar, durante um certo tempo, no mesmo nível aquelles que mais tarde devem ser separados pelas gradações sociacs. D'aqui resulta o egoismo para uns, a inveja para as outras; e só Deos sabe o que mais tarde resulta de ambas as coisas.

Felizmente, não é uma existencia já infeliz a que vamos descrever, não é uma sombra já triste que temos de seguir; mas como ainda não acabámos de percorrer o jardim onde começa esta historia, deixemos por um momento, aquellas cabeçinhas loiras, com os seus ingenuos sonhos, e dirijamo-nos por uma grande rua orlada de frondosos choupos, onde a sombra é mais espessa, e as educandas mais raras. Dentro em pouco encontraremos duas meninas das mais crescidas, e que caminham pelo braço uma da outra. Ainda que, como dissemos, já fosse escurecendo, podermos ainda distinguir-lhes as feições. A mais moça é uma encantadora morena; a outra uma deliciosa loira. É nestas duas que se limitarão as nossas observações, e, ainda que não tenhamos a varinha d'Aladino para nos tornar invisíveis, segui-las-hemos. Tem visto o meu caro leitor, as mulheres de *Diaz*, brancas, córadas, e risonhas, debaixo de um céo do mais bello azul, com os pés

perdidos entre as flôres, e, como as deusas da antiguidade, traçando em torno de si um círculo de luz? Tem visto os *frescos* de *Muller*, em que se nos apresentam os rostos mais poéticos e amorosos, com seus sorrisos de rubis, os olhos azuis, e o cabelo de ouro? Pois bem; peça a um todo o vigor da sua palheta, e ao outro todos os segredos dos seus lapis, e obterá a imagem da maravilhosa loira de que lhe falei.

Muito tempo se tem discutido e muito mais se discutirá ainda, a fim de saber quacs o que devem ter a primaria, se os cabellos loiros, se os pretos, e se um rosto branco, se emoldura melhor em ébano, do que em ouro. Em quanto a nós que souliâmos sempre tres typos de belleza e de poesia: — Eva, a Virgem, e a Magdalena — isto é, tres typos perfeitos; quer fechemos os olhos e as vejamos em sonhos, quer estudemos as obras primas dos mestres, e invoquemos aquellas tres imagens sobre a tela, encontramolas sempre com os mais bellos cabellos loiros. Não somos, de certo, antagonista dos cabellos pretos, mas unicamente admiradores dos loiros; dizemos apenas, que na natureza, tons vigorosos, que surprehendem; e outros tão suaves, que só produzem a melancolia e a meditação; que a primeira mulher que se desenha em nossa imaginação, o primeiro rosto que se esboça em nossos corações, é sentimental e suave, e que por isso não pôde nunca ser adorado de cabellos pretos. Dizemos em fim, que a paixão, é morena, e que o amor é loiro.

Agora que estamos no jardim de madame Du-

vernay com as duas interessantes meninas, sigamos a que é loira com a maior attenção. Talvez lhe encontremos no rosto linhas poeticas ou dolorosas, ou que é, pouco mais ou menos, a mesma coisa, que não descubramos no da sua companheira; talvez que, á parte a nossa predilecção, lhe devísemos em seus olhos azues o que inutilmente procuraremos nos olhos pretos; pode ser emfim, que em seu raro sorriso estrellado de perolas, comprehendamos uma tristeza vaga, se não como a expressão do presente, ao menos como o pressentimento do futuro; um sorriso que os labios da sua amiga nunca terão podido affectar, e que sem duvida nunca affectarão. A vida futura desta jovem interessa-nos a nosso pesar, e por isso desejamos vér o que Deos fará da sua novel existencia. Deixaremos, pois, as creanças, que ha pouco vimos em grupos, fazerem os seus castellos no ar, e sigamos misteriosamente as duas sombras, bem de perto, para que possamos ouvir o que dizem.

— A que hora partes amanhã? dizia a joven morena á sua amiga.

— Queres dizer, a que ora partimos.

— Pois sim, a que hora partimos.

— A carroagem deve estar aqui ás onze horas.

— E quando chegaremos a tua casa?

— Nove horas depois.

— Que felicidade! Que lindo tempo que temos para a nossa jornada; olha como o céo está estrellado! Tu é que és muito feliz!

— E qual é a causa da minha felicidade?

— Ainda m'o perguntas? Pois não sahes amanhã d'aqui, para não voltar; não deixas para sempre os nossos bancos, onde se está tão mal assentada, e os nossos maus leitos, para ires viver em Paris, n'um palacio, em companhia de teu pae e de tua mãe; para entrares n'uma sociedade de que dizem tanto mal, e de que eu penso tanto bem, e perguntas-me a causa da tua felicidade? Olha, minha querida, tu ou és muito exigente, ou muito esquecida.

— Tens razão, mas a tua vez tambem ha-de chegar.

— Não pôde haver comparação. Em primeiro logar, para a minha saída, tenho de esperar ainda um anno; e depois não sou, como tu, milionaria. Tu entras na vida por uma porta de oiro, ao passo que aquella por onde deverei entrar é apenas doirada. Quando sair d'aqui irei viver na província com minha tia, e far-me-hão casar com qualquer tabellião, ao passo que tu desposarás algum príncipe! Mas no meio de tudo isto o que mais me desespera, é pensar que um dia os prejuízos, talvez mais ainda do que a distancia, nos hão-de separar.

— Isso é impossivel.

— Seria muito mal feito, porque realmente depois que nos conhecemos, tenho sempre sido uma boa companheira, e mesmo uma boa amiga; e depois, vês tu, ha o quer que é de religioso que é preciso não destruir nesta amizade de dois corações, nesta reunião de duas sympathias, operadas sem laços de sangue, e unica-

mente devidas ao acaso. Diz-me, has-de ser sempre muita minha amiga ?

— Como tu és minha.

E dizendo isto abraçaram-se.

— Quando eu penso, continuou a moreninha, com toda a alegria de uma creança entusiasmada, que vou passar dois mezes fóra d'aqui, e em tua companhia ! A proposito ; o teu pae é muito boa pessoa, não é verdade ?

— Excellente ; e minha mäe !

— Tua mäe já eu conheço.... como nos divertiremos !

— E nada de madame Duvernay !

— É esse o nosso beneficio mais positivo ! Vejamos, francamente, que effeito te produz saber do collegio ?

— Sinto que heide ter pena.

— Deveras ?

— Posso jurar-to.

— Porque ?

— Porque deixo os habitos de uma vida, se não feliz, ao menos regular ; porque, até hoje não tenho tido outros desgostos, senão os das punições que me impunham, e que ha dois annos, que já sou uma senhora, continuou Maria surrindo, nem mesmo esses desgostos tenho tido ; por que em fim, sei o que deixo, e não sei o que vou achar.

— Ora, e achas que é isso uma rasão ? Eu te vou dizer o que vaes achar. Em primeiro logar uma casa magnifica em Paris, com uma mobilia, um pouco differente da que tens no teu quarto do

collegio, com creados, cavallos, e todo o luxo possivel. Vaes achar um pae e uma mãe que te adoram *de graça*, em lugar de madame Duvernay, que te sorri com benevolencia por dois mil frances annuacs. Vaes achar no verão uma magnifica casa de campo com bosques, planicies, bellos horisontes, e um céo todo inteiro para ti só, em quanto aqui nunca vemos senão uma pequena parte; no inverno os espectaculos, os baiiles, as toilettes, o encanto da boa sociedade, a admiração dos homens, e a inveja das mulheres, o que não tem nada de insignificante, e no meio de todos esses homens o direito de escolher o mais elegante, o mais nobre e espirituoso, por que tu és a mais elegante, a mais nobre e a mais linda menina que pôde ver-se, o que, não é para despresar, sejam quacs forem as cirenmstancias, mesmo no apogeo da felicidade. Finalmente, vaes achar a liberdade, essa palavra por cuja causa se tem derramado tanto sangue: ora aqui tens a pcquena mudança que vae operar-se na tua existencia. Acho-te muita graça em teres saudades d'alguma coisa. Eu, que de certo não espero o mesmo que tu deves esperar, não tenho saudades de coisa alguma d'estas.

Maria sorrio-se.

— Ah, sim, teria saudades d'uma coisa, d'uma boa amiga que não tornaria talvez a encontrar, e que daria a sua vida por mim.

— Pois ahi tens justamente de que tenho saudades.

— Mas não vou eu contigo?

— Só por dois mezes.

— Ia-des achar até de mais.

— Não digas isso.

— Era impossivel que eu te acompanhasse por toda a parte ; acabava por te aborrecer horrivelmente. Escuta, minha querida Maria, tu sabes que eu sou forte e alegre, pois acredita que é atravez da alegria que melhor se vê o mundo ; quando se é assim desculpam-se-lhe mais facilmente os defeitos, e não incomodam tanto as suas ingratidões. É indispensavel que cada um siga o caminho que lhe está traçado. Vamos passar dois excellentes mezes, a sermos muito amigas, e a correr nos bosques como loucas, sem penas nem cuidados. No fim destes dois mezes separar-nos-hemos ; tu voltarás para Paris, e eu para aqui. Escrever-me-has durante algum tempo, contando-me as tuas novas alegrias e triumphos ; depois hade-te começar a faltar o tempo para me escrever. Eu hei-de escrever-te continuadamente, e isto porque me aborrecerei, pelo menos, doze horas por dia, mas estarei sempre satisfeita sabendo que és feliz. Agora, se queres, vamos arranjar as nossas malas.

— Vamos.

As duas amigas altravessaram o jardim e subiram aos seus quartos, que eram vizinhos um do outro.

— Façamos o inventario, disse Maria.

— Eu peço que sejam esquecidos voluntariamente todos os livros de historia e de geografia.

— Concedido.

— Peço tambem que sejam esquecidos os livros d'inglez, d'alemão, e de arithmetica.

— Igualmente concedido.

— Agora continuou Clementina, vou abrir a minha porta de communicacão, para que possamos conversar em quanto arranjamos as malas.

O quarto de Maria era o mais encantador e virginal que podia ver-se; era situado n'um anglo do edificio, e abria todos os dias ao sol tres janellas, ornadas de cortinas brancas; as paredes eram forradas de um papel cinsento com florinhas azues, de uma apparencia ingenua, e que faziam sempre lembrar a primavera. N'este quarto havia logar para tudo; a interessante menina tinha achado meio de alli poder ter um piano, uma comoda, um cavalete, e uma meza. É verdade que o espaceo vasio era muito limitado, e tanto mais, que havia ainda duas cadeiras, que nunca se sabia onde se haviam de collocar, e que, não ocupando nenhum logar determinado, encontravam-se em todos os logares. Felizmente o leito achava-se n'uma alcova fechada, sem o que, seria impossivel dar um passo por entre aquelles moveis, e todavia tudo estava saturado do perfume, que parece lançar em torno de si, uma mulher da idade de Maria. O piano aberto parecia ainda vibrar com as harmonias produzidas durante o dia; sobre o cavalete surria um esboço; alguns cadernos de musica, um espelho, um crucifixo, e duas ou tres jarras com flores, completavam o todo do quarto, asilo discreto e mysterioso dos pensamentos e sonhos da

interessante menina. Era respirando os perfumes d'aquellas flores, orando áquelle Christo, e mirando-se n'aquelle espelho, que ella se entregava ás suas esperanças, ás suas illusões e pequenas vaidades de mulher. Quem podesse ler n'aquelle novel coração, teria encontrado o mais adoravel dos livros.

Maria chegou uma cadeira para junto da commoda, e depois de se ter assentado, abrio as gavetas, umas depois de outras, e collocou sobre a meza o que devia levar comsigo. É uma coisa para se vér, a commoda d'uma joven; tudo alli se acha arranjado com ordem, e simplicidade, mas não sem *coqueteria*. Não são ainda as ricas rendas, nem as opulentas cachemiras, que um dia farão o orgulho da mulher, mas unicamente os simples vestidos de mousselina auctorisados pelo collegio, aventaesinhos de seda, cuidadosamente preparados, adoraveis touquinhas com suas fitas azues ou cõr de rosa, e que só se põem á noite, diante do espelho, á hora em que já não ha segredos para as paredes, que, por mais que digam, nem todas tem ouvidos. Quem pôde advinhar os pensamentos que a tal hora se despertam no coração da mulher? Quem sabe quão rapidamente crescem as asas áquellas avesinhos da solidão a que chamam sonhos, e que nascem de repente na alma ao calor da esperança? Quem sabe, por exemplo, em que pensava Maria, quando, encerrada no seu quarto, chegava á janella, escutava os rumores da cidade, até de todo se extinguirem, não vendo no meio do silencio que a ro-

deava, senão a vigia dos dormitorios? — Estamos convencidos, que o que torna embalsamadas as noites da primavera, não são tanto os perfumes, que a brisa rouba aos campos, como os pensamentos vagos das jovens que alli passeiam, e que são abandonados ao vento que lhes acaricia a fronte. — Ora, era aquelle quarto, testimunha, havia dois annos, das suas mais castas esperanças, que Maria ia deixar. Passados alguns instantes veio Clementina para junto d'ella.

— Já acabei, e venho ajudar-te, disse esta ultima.

— Então vamos a isto, depressa, disse Maria, chamada á realidade pela presença da sua alegre companheira.

— Primeiro a roupa branca, depois os vestidos. Ninguem como eu arranja depressa urna malla, principalmente quando é para sair d'aqui; quando se trata de voltar, é outra coisa; nunca sei por onde hei-de começar.

— Em quanto ao chapéo, continuou ella, sou de opinião que deve estar á vista até ao momento da partida, para expulsar as idéas tristes que possam assaltar-nos. Vio-se nunca um chapéo similar? Podia servir de alojamento para familias inteiras; olha cá para mim; não te parece que quando aos domingos vamos á missa, com estas coisas na cabeça, devemos parecer uns cogomellos? Que efecto não vamos produzir em casa de tua mãe! Deve haver, pelo menos, seis ou sete annos que se não usam os chapéos deste feitio, se alguma vez se usaram; e quando penso que tenho ainda que passar um anno abrigada por elle!

E a alegre creança, pondo na cabeça o chapéu da sua companheira, que não podia esquivar-se a partilhar aquella alegria, mirava-se ao espelho soltando grandes gargalhadas.

— Agora passemos aos livros.

— O que? queres leval-os todos?

— Todos; tenho o maior interesse em guardal-os.

— Para estudo?

— Não, para recordação.

— Então vamos a elles; vejamos estes: *Exercicios da lingua franceza*, *Tratado d'Arithmetica*, e *Grammatica franceza de Lhomond*; estes tres recomendo-te eu; o estylo é agradavel, e em quanto ao interesse...

— Dá-os cá sempre.

— Mas parece-me que tínhamos convencionado, que se abandonassem estes infelizes á solidão, que tanto lhes convem.

— Perdão-lhe, disse Maria, mas não os tornarei a abrir.

Estavam encantadoras as duas amigas, alumadas unicamente pela luz de um candieiro, que lhes inundava os rostos d'uma claridade palida e suave, deixando-lhe parte das feições n'uma meia sombra que só o pincel poderia reproduzir.

— Passemos do grave ao agradavel, continuou Maria; eis-aqui a *Historia dos navegadores illustres* e as *Fabulas de La Fontaine*.

— Escondamos este depressa! disse Maria.

— Como se chama o culpado?

— *Telemaco*.

- À fogueira!
- Não, isso não.
- O minha querida Maria peço-te eu, deixa-mo queimar!
- Mas porque?
- É meu inimigo pessoal.
- Porque lhe tens tanto odio?
- Porque o sei de cór.
- Agora comprehendo a tua raiva; aqui o tens.
- É o decimo segundo, ha tres mezes; todos os que encontro.... à morte!
- Mas desse modo vaes fazer apparecer uma nova edição!
- Clementina foi continuando a chegar o livro à luz.
- Não queimes! exclamou Maria sorrindo.
- Appellen o condemnado?
- Não, mas o condemnado é encadernado em pergaminho, e se o queimas, não se poderá aqui estar com o mau cheiro.
- O corpo de um inimigo morto cheira sempre bem.
- E o desgraçado volume foi inexoravelmente queimado.
- Passemos a outros; acabámos de punir o chefe, que tinha, sem a menor duvida, grande numero de cumplices.
- Procuremos: *Paulo e Virgina*.
- Os *Contos de Perrault*, disse Maria abrindo um velho volume, de pequenissimos caracteres, e encadernado em carneira. Tinha bastante rasão em querer levar comigo os livros, para conservar em

tempos talvez mais tristes, as recordações de outros mais felizes. Eis-aqui um que me ajuda a remontar ao meu passado. Este livro, é toda a minha infancia; foi-me dado por minha avó, quando eu tinha apenas cinco annos. Todas as tardes, depois do jantar, passavamos para a sala; minha avó assentava-se na sua poltrona, e eu a seus pés; a velhice gosta de juntar-se á infancia, e de confundir com as esperanças d'esta, as suas recordações. Eu então encostava a cabeça aos seus joelhos e ella contava-me o *Petit Poucet* e a *Barbe Bleue*. Pobre senhora, que, como todas, tinha tido as suas illusões e as suas dores, e que lançando o esquecimento sobre o passado como um lençol sobre um cadaver, não podia ter maior prazer do que contar-me contos de fadas; depois, acabado o conto, abraçava-me; a creada ia deitar-me, e no outro dia repetia-se o mesmo. Apenas sube ler, deu-me minha avó este livro; não me lembra de ter experimentado alegria maior do que a que senti, quando recebi um tal presente. Desde então ia todas as tardes para junto d'ella, mas para ler, do que eu tinha grande presumção, por que, pela minha vez, lhe contava o que tinha lido. Depois de saber o livro de cór, colorilhe as gravuras, mas como era á noite que o fazia, enganava-me nas cores, como vés, ficando azul o que devia ser verde. Eram excellentes estes serões, com toda aquella monotonia de felicidade, que, não se disfruta senão nos primeiros annos. Depois, n'um dia, primeiro desgosto da minha vida, e que eu não comprehendi desde logo, ar-

mou-se a casa de preto ; a causa fóra que minha avó, depois de me ter abraçado como de costume, adormecera na sua poltrona, para não tornar a acordar, passando da vida á morte, da terra ao céo, como uma alma justa que era, e que não só não tinha saudades do passado, como não tinha receios do futuro. Ninguem mais se assentou na grande poltrona ; chorei muito, depois tudo esquecei, porque tudo esquece. Fui crescendo, metteram-me no ecclégio, mas conservei sempre o livro, como echo d'um amor que perdera, e que todavia, como piamente creio, vélá ainda sobre mim.

A boa menina beijou religiosamente o livro que tinha na mão, e ficou pensativa, mergulhada em suas recordações. Clementina tinha-a escutado com as lagrimas nos olhos.

— Tu choras, Maria ? lhe disse ella. E acto continuo foi com sua propria mão enxugar as lagrimas que estavam suspensas das pestanas de oiro da sua amiga.

— São agradaveis estas lagrimas ; podem-se derramar sem que os olhos se fatiguem, sem que o coração se esgote ; estas lagrimas tem o valor de uma oração. Mas tu tambem estás chorando !

— É que com as tuas recordações despertaste as minhas ; é que se tu perdestes um dos amores da tua infancia, eu perdi já os dois esteios da minha vida ; é que tu és mais feliz do que eu, porque ainda tens pae e mãe, e eu já os não tenho. Os dias em que me ves tão alegre não são muitas vezes senão as vesperas de grandes tristesas. Quando

à noite te deixo, e que volto sósinha ao meu quarto, quando não tenho diante de mim os teus lindos olhos, e não oïço as tuas palavras doces e suaves, penso no passado, porque é nas horas de solidão e de repouso que as sombras queridas ao nosso coração, vem erguer-se diante de nós; então choro tambem, ao encarar esse retrato indelevel dos parentes, que Deos permitte que as creanças conservem no coração, como em um sanctuario, para que mais tarde lhes sirva de consolação ao mal que soffrem, e lhes dê coragem para o bem que praticam. Não sustenhas na minha presença essas lagrimas, que de tempos a tempos te cahem da alma; abre-me o teu coração, porque eu que me alegro com a tua alegria, quero consolar-te na tua tristesa, quero ser tua amiga, mas sempre.

Clementina inclinou-se para Maria, e beijou-a, depois, pegando-lhe nas mãos, olhou-a de frente, com um surriso cheio de serenidade.

— Ora vamos; para que nos havemos entregar de repente a tão grande tristesa, quando ainda há pouco estavamos tão alegres!

E dizendo isto ria atravez das lagrimas com esse riso que faz lembrar o raio de sol atravesando a chuva.

— Então não acabamos de arranjar a malla?

— Não; temos ámanhã muito tempo.

— N'esse caso vamos dormir; vou tratar de sonhar que não volto mais aqui.

— E eu vou tratar de sonhar que hei-de voltar; não ha sonho que não minta.

— Bem, ahi voltou de novo a alegria.

— E era-me bem precisa.

— Adeos, até ámanhã.

— Até ámanhã.

E em seguida separaram-se as duas amigas depois de se terem abraçado. Clementina voltou para o seu quarto e deixou a porta entreaberta. Maria, sempre um pouco pensativa, despio-se. Descobri então o pescoço mais alvo e bem composto que podia ver-se, uns hombros deliciosamente arredondados, um peito divino ainda que precoce, uns braços finos e torneados, e um pésinho de nimpha; depois abriu a porta d'alcova onde ia dormir pela ultima vez, pegou no candieiro e n'um livro que collecou sobre a mezincha da cabeceira, tirou de uma gaveta uma toucasinha branca com fitas cor de rosa, que alli havia deixado com intenção, pol-a graciosamente na cabeça, depois de ter com o maior cuidado prendido a sua magnifica trança de oiro; depois dirigindo uma ultima supplica com o coração e com a vista ao retrato de sua mãe, que a protegia durante o sonno, meteu-se na cama. Neste momento ouvio a voz de Clementina que lhe gritava:

— Já estás deitada?

— Estou.

— Boa noite.

— Boa noite.

Maria quiz ainda ler algumas paginas, mas os olhos affastavam-se involuntariamente do volume meio aberto sobre os lençoes, e o espirito seguia-lhe o pensamento vagabundo. Conservou-se por

algum tempo n'este estado, no meio do silencio, que apenas era interrompido pela propria respiração suave e perfumada, olhando para as paredes do seu quarto, onde, a partir do dia immediato, não tornaria a acordar; depois, pouco a pouco, fecharam-se-lhe os olhos, o livro escorregou para o chão, e a encantadora menina estendeu de mansinho a mão para o candieiro, cuja luz apagou vagarosamente. Dez minutos depois dormia Maria com o sonno, por assim dizer, transparente, que Deos só concede ás avesinhas e ás creanças.

---

## II

Maria acordou muito cedo, e entreabriu a janela ás brisas puras da manhã. As arvores que a rodeavam estavam cheias de concertos, como se aquellas amigas da sua infancia, e companheiras do seu recolhimento, desejassesem, vendo-a partir, dizer-lhe um ultimo adeos. O céo estava do mais bello azul; ao longe viam-se no meio dos campos, os grupos de ceifeiras, cujas faces vermelhas, as fazia assimelhar a flores gigantes desabroxadas por entre o trigo. Era uma d'essas madrugadas explendidas e magnificas, como raras vezes se veem nas nossas terras do norte. No pateo, o galo cantava triumphante, passeando com a maior gravidade; os pombos de diferentes cores começavam as suas peregrinações quotidianas, e as innocentes rolinhas, vinham ao para-

peito da janella, buscar as migalhinhas de pão alli depositas por mão amiga. Facilmente se comprehende que a creança educada no meio de tão rica naturesa, gosando todos os annos a primavera, desde o seu primeiro bafejo, e o outono até ao seu ultimo surriso, devia crescer casta e meditativa, absorvendo todos os perfumes de que se sentia rodeada, e todas aquellas poesias da naturesa. Era, pois, esta vida uniforme, mas tranquilla e suave, de que Maria sentia saudades ao deixal-a. Até alli não tinha experimentado um unico desgosto; durante dois annos que habitara aquelle quarto, não tinha sentido a menor alteração em sua vida. Todos os dias ás sete horas, levantava-se, abria a janella, nos bellos mezes do anno, e pegava n'um livro onde encontrava sempre algum alimento, quer para o espirito, quer para o coração; ás onze horas descia para almoçar com madame Duvernay, passeava depois com Clementina no jardim, envolvendo-se algumas vezes nos brinquedos das criancinhas, voltava depois para o seu quarto, para ler, bordar, desenhar, ou estudar musica em companhia da sua amiga, o que durava até á hora do jantar; quando a noite estava agradavel, repetia se o passio, conversava-se, depois orava-se, e finalmente dormia-se. Era como um reflexo da vida dos anjos. Convém dizer que Maria não era d'essas naturesas ardentes que se sentem sempre sequiosas de uma felicidade desconhecida, e cujo coração, tem necessidade, para viver, de paixões e excentricidades. As repetidas cartas de sua mãe, a

alegria nativa da sua companheira, a naturesa de Deos, eram-lhe sufficientes para os seus desejos : similhantes a essas flôres modestas, que só exigem um pouco de sol, depois da sombra, uma gota d'agua depois do sol.

O inverno devia parecer-lhe bem sombrio e monotono senão fossem as distrações que lhe fazia participar a dona da casa. À noite reuniam-se na sala ao rez-do-chão, e tocavam algumas peças de musica. De tempos a tempos alguns *papás* e *algumas mamãs*, enfadonhos em quaesquer outras circunstancias, vinham tambem renovar o ar do collegio. Estes mesmos davam algumas reuniões, e até bailes, onde ia sempre madame Duvernay, acompanhada das suas duas discipulas mais crescidas, para quem estas pequenas festas, eram grandes acontecimentos. Com effeito, por pouco ceremoniosas que fossem aquellas companhias, no começo do anno, à volta das férias, havia sempre certos vestidos, comprados para a occasião, e que a *coqueteria* das duas jovens morria por mostrá-los. Depois o que havia de mais encantador era a completa ausencia de perigo para os seus corações. Figuras graves e circumspectas de substitutos, ou perfeitos, e alguns manecbos pertenciosos e ridiculos, que lhes promoviam o riso ; tal era a sociedade que sempre encontravam. O inverno passava-se, pois, o melhor que era possivel, esperando a volta do verão. Eis a existencia limpida e serena que até então tinha passado Maria.

Esta, como já dissemos, tinha-se erguido muito cedo ; a impaciencia de tornar a ver sua mãe

contribuira em grande parte para tanto madrugar. A excellente menina esperava pois a hora convencionada, contentando-se, com a maior minuciosidade, em completar o arranjo das mala-s. Passado pouco tempo apareceu Clementina, meio vestida, e risonha como de costume. No momento em que as duas acabavam os seus preparativos, vieram dizer-lhes, que eram esperadas por madame Duvernay, para almoçar. A previdente preceptor-a tinha antecipado a hora do almoço, que seria a mesma da partida se assim o não tivesse feito.

As duas meninas desceram, pois, para a casa de jantar, onde encontraram madame Duvernay, e o velho cura encarregado de instruir as educandas em religião. O bom velho pegou na mão de Maria, a quem sempre fôra affeiçado, e pousou-lhe na fronte o santo beijo que transmitte o perdão de Deos, e que teria sido uma absolvição, se a alma da excellente creança necessitasse d'ella; em seguida abraçou Clementina, e assentaram-se á meza.

É uma coisa extraordinaria o quanto a presença do homem do Senhor que nos vio crescer, a quem confiámos as nossas primeiras faltas, que sempre nos perdoou com a sua voz solemne e socegada, nos alegra o coração. Sente-se prazer em contemplar o velho, cuja vida tem roçado pelas paixões humanas, sem conservar d'ellas um unico vestigio, uma lembrança sequer, e que, ao contrario, pelo seu simples contacto, tem santificado e absolvido os que se lhe tem aproximado carregados com o

peso d'essas paixões. Entre as suas primeiras recordações, encontrava Maria aquella fronte nobre e suave, via-lhe sempre os seus bellos cabellos brancos, que parecia terem-lhes sido dados por Deos permaturamente para augmentar ainda o respeito d'aquellos que o viam passar, e tornar mais solenne o perdão, que lhe partia dos labios; fôra elle que déra a Maria a sua primeira comunhão, e fôra esse um bello dia, tanto para o velho como para a creança. Era impossivel ser mais casta do que ella; qualquer anjo poderia ter ouvido aquella primeira confissão d'um passado curto e transparente; depois consumára-se o sacramento. No meio da dolorosa harmonia do orgão, haviam-se aproximado as meninas da meza santa, com os corações no mais angelico extasi, e os olhos cheios de lagrimas. O velho sacerdote illuminado, atravez dos vidros da egreja, por um grande feixe de luz solar, que lhe dava a apparencia dos apóstolos, déra a todas aquellas jovens almas o pão da esperança, da fé e da caridade, de que cada um tem a sua parte, tendo-o todos inteiro, como disse um grande poeta. Depois, terminada a missa, tinham as creanças deixado a egreja acompanhadas com os sorrisos dos assistentes, e com a benção do sacerdote, encontrando á saída, o sol resplandecendo por de sobre as flôres, como continuaçao do perdão, que vinham de receber, e começo da eternidade que acabavam de lhe prometter.

Era pois, esta indelevel recordaçao para todo o coração generoso, que se apresentou a Maria em presença do velho sacerdote. A interessante menina

sentia a maior veneração e amisade pelo excelente velho, por que a tinha feito boa, por que lhe tinha indicado tudo que devia amar, sem jamais lhe fallar do que devia aborrecer, porque lhe tinha lançado no espirito uma a uma, as religiosas sementes, que mais tarde brotão, quando as esperanças da creança se transformam em consolações para a mulher. Por isso, apenas Maria viu o sacerdote assentado á meza, não duvidou um instante que alli estivesse por sua causa, e que sabendo da sua saida, não tinha querido deixal-a partir, sem dar-lhe os ultimos conselhos do seu coração. Maria agradeceu-lhe do fundo d'alma, lançando-lhe de quando em quando o seu olhar angelico, ao que o respeitavel velho respondeu com um serriso, e uma leve inclinação de cabeça, que parecia dizer: «Advinhou, estou aqui por sua causa.» Com effeito, acabado o almoço, dirigio-se o velho cura a Maria, pegou-lhe pela mão, conduzio-a á sala, e convidou-a a assentar-se junto d'elle.

— Minha filha, começou elle, com a maior suavidade; a menina vae trocar esta casa pela dos seus parentes, a maneira de viver que já conhece, por uma outra que lhe é desconhecida; vae, apenas entrar a porta d'essa nova habitação, tomar outros habitos, e contrair novos deveres; vae entrar n'um mundo, em que necessita ser forte, e é-o, para o poder atravessar. Mas, não esqueça nunca as innocentes alegrias da infancia, que lhe servirão de sentinelas á sua felicidade. Dirija-se a Deos, mas sem que necessite de perdão, amontoe

aos pés da sua clemencia, o maior numero de orações, para que nos dias de infelicidade elle se recorde da menina, e o seu coração se não quebre na desesperação e na duvida; respeite a Deos como a seu pae; ame seus paes como ama a Deos, por que são elles na terra os interpretes do Senhor junto de si, o que muito melhor ha-de comprehender quando lhe chegar a sua vez de ser espousa e mãe. Tenha a certesa de que a infelicidade não é, as mais das vezes, senão uma provação; e não ha provação em cujo limite não conceda Deos uma recompensa. Nunca se esqueça de que deve a maior obediencia a seus paes, e que no fundo de toda a vontade maternal, ha sempre grande porção de amor. Finalmente, no meio das alegrias da sua familia, a cujo seio volta, pensé sempre um pouco n'aquelle que deixa; no meio dos encantos de um mundo desconhecido, recorde-se dos nossos simples entretenimentos, da nossa humilde egreja, onde recebeu pela primeira vez a visita do Senhor, e se alguma vez soffrer, se Deos a quizer completar por meio da dor, volte para aqui; não ha nada que console e fortifique, como as recordações da infancia, juntas á da piedade. Se então, eu ainda não tiver deixado este valle de lagrimas, consolal-a-hei com as minhas palavras; se eu tiver morrido, encontrará sempre Deos. Agora, vá, minha filha, quiz dizer-lhe estas poucas palavras, dizendo-lhe adeos. Eu aqui já não sou um sacerdote, não sou mais do que um amigo que vac deixar a vida, no momento em que a menina dá n'ella o primeiro

passo, e que, lançando uma vista segura para o passado, a pôde livrar dos escolhos, que são invisíveis na sua edade, em que a razão é enganada pelo entusiasmo ! Adeos, minha filha.

E o velho, tomando a loira cabeça da interessante menina entre as mãos, de novo a beijou. Maria enxugou uma furtiva lagrima ; em seguida, depois de ter recebido a bênção do seu velho amigo, voltou para a casa de jantar, onde se foi juntar a Clementina. O padre pegou no chapéu e na bengalla, e depois de fazer ainda umas últimas recomendações ás duas amigas :

— Adeos, adeos, minhas filhas, lhes disse elle.

Maria foi para a janella, para ver sair o santo homem, que, ao abrir a porta da rua, lhe fez um signal com a mão, e desapareceu. Alguns instantes depois, parou á porta do collegio, a carroagem de posta, por que esperavam ; Maria, que a tinha sentido, correu ao encontro da sua boa Marianna, e lançando-se-lhe nos braços, perguntou-lhe primeiro que tudo :

— Como passa minha mãe ?

— Perfeitamente, minha menina.

— Como ! exclamou Maria, chama-me menina ! Já não és minha amiga ?

— Sou de certo, mas encontro-a tão crescida...

— Então que tem isso ? chama-me sempre minha Mariquinhas, como no tempo em que ralhavas comigo, d'este modo esquecer-te-has de que estou crescida.

— É mesmo um anjo.

— Ainda ?

— És mesmo um anjo, Mariquinhas! tornou a excellente velha com as lagrimas nos olhos.

— E meu pae?

— O papá tambem passa como se deseja.

— Para onde vamos nós?

— Para Paris.

— Por muito tempo?

— Dois ou tres dias, o muito.

— Muito bem; estou ás tuas ordens.

— E eu estou prompta a receber *as tuas*.

— Ora graças a Deos! É verdade, já sabes que levo comigo uma das minhas amigas?

— A *senhora* disse-mo.

Durante este tempo, tinha o criado que acompanhára Marianna, subido a buscar as mallas das duas meninas. Clementina e Maria foram despedir-se de madame Duvernay, que, apesar de estar habituada áquellas scenas, não pouse conter as lagrimas, de tal modo, que n'aquelle dia de alegria todos choraram. No momento em que a nossa heroína atravessava o primeiro pateo, dirigindo-se para a carragem, vio o modo por que corriam as creancinhas atraz della gritando todas, quasi a uma voz:

— Adeos, Maria!

— Adeos meus, anginhos! —lhe respondia ella.

Em seguida entrou em casa do porteiro, e deixou-lhe escorregar na mão cinco luizes. O bom velho agradeceu-lhe, tirando o seu barrete, e dizendo.

— O céo lhe dé todas as felicidades, minha menina.

Emfim, abraçou mais uma vez a sua mestra, e subiu para a carroagem. A porta fechou-se, e Maria ainda ouviu a voz da dona da casa, que dizia, da parte de dentro:

— Vamos, meninas, voltem para o jardim.

A carroagem partiu ao galope. Maria estava louca d'alegria; ja emfim juntar-se a uma família sempre querida, e conhecer o mundo; por isso começavam os sonhos a prepassar-lhe no espirito, e os surrisos espontaneos, que lhe iluminavam o rosto, denunciavam o momento em que alguma suave esperança lhe preenchia o coração. É preciso convir, que seria necessário que o carácter de Maria fosse bem máo, para não confiar no futuro.

Tinha em si o principio de toda a bondade, de todo o amor, de toda a alegria; a sua bellesa seria capaz de causar ciúme aos anjos, tornar feias todas as mulheres, e roubar a rasão aos homens. No primeiro salão em que entrasse, devia deslumbrar, como uma divindade antiga. Tudo resplandecia em torno della, e por ella; não precisava mais do que collocar o coração ao abrigo da esperança, como as avesinhas abrigam a cabeça debaixo das azas, e entregar-se ao seu sonho, ella, que não tendo ainda passado, não receia o futuro. Além de tudo isto, quem seria capaz de duvidar de qualquer coisa, atravessando as paragens que se iam apresentando aos olhos de Maria. O sol brilhava em todo o seu esplendor, semeando os prados, e as arvores de rubis, de diamantes e de esmeraldas; as médias já feitas erguiam-se pe-

los campos como pyramides de oiro. O céo estava de um azul de saphira, e tudo se apresentava tão esplendido, que os proprios passarinhos se calavam, como para escutarem um concerto mysterioso, desconhecido aos nossos ouvidos.

A carroagem atravessava toda esta alegria terrestre, todos estes beneficios de Deos, ao galope dos seus quatro cavallos; qual, pois, o receio de estar triste, quando é atravez de similhantes encantos, que se vac ao encontro d'uma tal felicidade! Entretanto o sol foi descendo no horisonte, estendendo os scus raios em longas fachas vermelhas, os campos foram, pouco a pouco, tornando-se desertos, apenas de tempos a tempos se encontravam nas proximidades d'uma aldeia, alguns ceiseiros, que haviam largado o trabalho um pouco mais tarde; depois começaram a deixar-se ver as estrellas, vindo emfim o silencio. A carroagem parou em frente da melhor hospedaria que foi possivel encontrar, e que, como sempre, era uma detestavel estalagem; mas, na idade de Clementina e de Maria, estas coisas, bem longe de causarem enfado, são uma distração. Jantaram, pois, o peior possivel, o que muito as divertio, e, sempre risonhas, voltaram a tomar os seus ló-gares.

Ao calor que fizera durante o dia, sucedera um vento, fresco de mais. As duas amigas, embuçaram-se nas suas mantas e encostaram-se no fondo da carroagem, que continuou no seu galope habitual. Eram umas nove horas, quando chegaram ás barreiras.

— Eis-nos em Paris! exclamou Clementina.

— Paris! murmurou Maria, abrindo muito os olhos; quem sabe o que Paris me reserva? continuou ella com um suspiro de desconfiança?

— Minha querida, Paris reserva sempre coisas encantadoras, para aquella que alli entra na tua idade, em carroagem de posta, e que vae juntar-se ás pessoas que mais ama.

A carroagem seguiu pelos caes até á rua *des Saints-Pères*, onde o creado desceu da faboa, e fez abrir os dois batentes da porta n.º 7. A carroagem entrou no patco, e a porta tornou a fechar-se.

---

### III

Madame d'Hermi, sentindo parar a carroagem, correra a sair ao caminho a sua filha, de sorte que descia a escada quando esta alli chegava. Alguns degraos mais acima achava-se o senhor d'Hermi, que abria os braços a Maria, em quanto a querida filha lhe apresentava a sua amiga.

— Minha filha, disse a mãe á joven pensionista, quem assim acompanhou minha filha não pôde deixar de ser uma joia; tanto eu como o sr. conde muito lh'o agradecemos.

Depois beijou-a, e pegando-lhe na mão, em quanto Maria surria a seu pae, conduzio-a ao salão, onde se achava um sujeito, que fôra abandonado durante esta scena de familia.

— Desculpe, meu caro de Bay, disse-lhe o conde

apenas entrou; havia um anno que não viamos a nossa filha!

— É muito natural, respondeu o sujeito de quem se tinham esquecido, n'aquelle primeiro momento d'alegria.

— Permita-me que lh'a apresente; de hoje em diante fica em nossa companhia.

Um observador consciencioso, teria visto desenhar-se no rosto d'aquelle a quem o senhor d'Hermi dirigia a palavra, uma especie de sorriso que muito se assimilhava a uma careta.

— O senhor barão de Bay, disse o pae de Maria, apresentando-lhe o seu amigo.

Maria fez o cumprimento do costume e assentou-se ao lado do conde.

E eu acrescentou a condessa, apresento-lhe Clementina, minha segunda filha, que vem passar dois mezes comosco.

E convidou Clementina a assentar-se a seu lado, abraçando-a e beijando-a ainda outra vez.

A presença do desconhecido tinha contrariado um pouco Maria, que esperava ser recebida em familia, e não encontrar um estranho, que esfria sempre os primeiros instantes de uma reunião, esperada durante um anno. Em vez de se abraçarem de instante a instante, de fazerem reciprocamente uma serie de perguntas, para se tornarem a abraçar, tinha-se visto obrigada a assentar-se ceremoniosamente, não tomando parte senão por algumas palavras soltas na conversação interrompida pela sua chegada. Entretanto, o sr. de Bay. comprehendeu que era necessario deixar

os seus hospedes entregues á alegria que lhes causava a volta de sua filha. Pegou no chapéo, e disse, levantando-se :

— Meu querido conde, agora que vejo quanto se sente feliz, quero deixal-o gosar as duçuras domesticas, portanto, retiro-me.

Maria agradeceo no fundo do coração, ao senhor de Bay a idéa que tinha tido; mas o conde d'Hermi fez assentlar de novo o seu amigo, dizendo-lhe ao ouvido :

— Um minuto mais, bem sabe que nunca enfada nesta casa.

M. de Bay tornou a assentlar-se, dirigindo a Maria uma vista resignada que parecia dizer:

— Bem vê, que me obrigam a ficar.

— No fim de tudo, somos nós, disse de repente a condessa notando o olhar do barão, que vamos deixal-os entregues á sua conversa politica, que foi tão felizmente cortada pela chegada das nossas duas filhas. Venham comigo, continuou dirigindo-se ás duas meninas.

Estas ultimas voltaram-se com uma pressa, que não deixava duvida sobre a sua preferencia, e, como verdadeiras pensionistas, aproveitaram imediatamente a permissão que lhes era concedida.

O conde e o barão ficaram conversando.

— Ó mamã quem é este senhor? perguntou, Maria.

— É um amigo da casa.

— Vem cá muitas vezes?

— Tedos os dias. Teu pae não pôde passar sem elle. Ainda que fossem bem simples estas palavras,

madame d'Hermi, não pôde impedir-se de corar ao dizer-as.

Madame d'Hermi poderia facilmente passar por irmã de sua filha. Uma era morena, a outra loira, eis a diferença; de resto, o mesmo encanto, a mesma mocidade, e a mesma beleza. A condessa não era uma d'essas mulheres, que dizem ser bellas para a idade, que têm; era bella como toda a mulher desejaria sel-o. Possuia os mais lindos cabellos pretos, que lhe sombreavam magnificamente a fronte, alva e sem rugas, os olhos eram azuis, e d'uma limpidez extremamente voluptuosa, a bocca não se abria senão o necessário para deixar ver uns dentes brancos como leite; depois as prégas do seu vestido accusavam umas formas gregas, pelas quais mais d'uma donzella teria dado os seus deseseis annos. Junte-se a isto uma suprema *coqueteria*, uma graça nátila, um espirito encantador, e fazer-se-ha aproximadamente idéa de madame d'Hermi. Era a mulher de salla, em toda a extensão da palavra, para quem se volviam todos os olhos, á sua entrada, e a quem se rendiam todas as homenagens. O seu casamento não a fizera mudar em coisa alguma; reduzira-se tudo a tomar um outro nome. Finalmente, para aquelle socego exterior, era necessaria a felicidade interna, e essa tinha-a, como não se poderia encontrar n'outra parte. Havia comtudo desesete annos que madame d'Hermi era casada, o que não se acreditava facilmente, vendo-a só; mas dentro em pouco ninguem o poderia duvidar por que Maria ia dar

a sua entrada na sociedade. Não obstante, madame d'Hermi, estava de tal modo segura da sua beleza, que, longe de ser como muitas mães, ciosa do efecto que sua filha devia produzir, e dos cortezãos que devia agrupar em torno de si, sentia-se orgulhosa, e era para ella um dia de prazer, aquelle em que tivesse de a apresentar. Desesete annos antes, era o conde d'Hermi um dos mais elegantes mancebos que podia ver-se, como mademoiselle Clotilde d'Herblay era a mais linda menina que podia encontrar-se. Há existencias superiores que Deos creou afastadas umas das outras, e que se compraz em mais tarde reunir; a isto chamamos nós acaso, o que prova o nosso atheismo, quando lhe deveríamos chamar Providencia.

Houve um salão em que estas duas naturezas ricas e privilegiadas se encontraram. M. d'Hermi foi para mademoiselle d'Herblay como o ferro para o iman; M. d'Hermi era citado pelas suas boas fortunas, por isso era sempre olhado com certa admiração. Quando o viam n'um salão fazer a corte a uma senhora, desde esse dia essa senhora tornava-se moda; podia fechar-se os olhos, e assegurar que a escolhida do conde, era linda elegante e espirituosa. Foi, pois, um espectáculo encantador quando os dois jovens se acharam face a face. Todos os outros homens desapareceram para Clotilde, todas as outras mulheres se eclipsaram para o conde; infelizmente Clotilde, não era das que lutam e que acabam por se render; não queria um usurpador, queria um rei

legitimo: tratou-se de casamento, e casaram. Os esposos tinham bastante felicidade íntima para poderem exilar-se dos prazeres em que os outros tomavam parte, e por isso retiraram-se a um palacio bem mysterioso, bem isolado, bem proprio para os amores romancescos e solitarios. Este viver durou um anno, ao fim d'elle nasceu Maria.

Madame d'Hermi quiz tornar para a sociedade, o que facilmente foi consentido pelo conde, em quem os antigos costumes começavam a reapparecer. Toda a gente achou madame d'Hermi mais encantadora do que mademoiselle d'Herblay; o conde, por isso mesmo que era casado, foi mais *afortunado* do que nunca o tinha sido, de sorte que a solitaria habitação depressa foi esquecida. No momento em que os dois esposos aceitaram de novo a sociedade, deram uma prova de que se achavam enfastiados do seu isolamento, e por consequencia havia todas as probabilidades de que facilmente acolheriam a primeira distracção que se lhes offerecesse. Os homens fizeram, pois, provisão de cumprimentos para a condessa, e as senhoras de sorrisos para o conde.

Um mez depois da sua *resurreição*, tinha o conde uma amante, e um mez mais tarde tinha-o a condessa imitado. Sucedeu então o que sucede sempre: o conde, sustentando uma ligação illegitima, queria que sua mulher não ultrapassasse os limites da honestidade e da honra; a condessa, não pensando senão n'um amor illicito, exigia de seu marido a maior fidelidade. Esta pretenção é sempre reciproca, e eterna.

N'um dia chocaram-se as exigencias: houve tempestade. Mas como ambos possuiam um *espirito superior*, a tempestade terminou, como todas as tempestades, com alguma chuva, seguida de magnifico sol. Das recriminações passaram ás explicações, e das explicações ás confidencias. Confessaram mutuamente, que se tinham *amado mais pelo espirito*, do que pelo coração; que tinham *imaginado ser heroes de romance*, mas que seria extremamente ridículo serem victimas de similhante veleidade; concluindo que obrariam em completa liberdade, mas com a condicção, de que seriam respeitados os nomes e as conveniencias. Depois, retirou-se cada um para o seu quarto, não podendo, nem um nem outro conciliar o sono toda a noite, dizendo comsigo mesmos: «Enganar-me! a mim que o amava tanto; é horrivel!»

Entretanto, foi tudo socegando, de sorte que era impossivel encontrar um par mais unido. Não obstante, sucedia de tempos a tempos uma coisa assaz notavel: todas as vezes que a condessa sabia que seu marido tinha uma nova amante, apaixonava-se por elle; e reciprocamente, todas as vezes que mr. d'Hermi descobria junto de sua mulher um novo perfidente, apaixonava-se por ella. Ora, fosse por acaso, ou fosse por calculo, as renovações destes amores andavam sempre a par, de tal modo que o conde começava a rodear sua mulher de attencões, como fizera n'outro tempo a mademoiselle d'Herblay, e durante quinze dias ou tres semanas, tanto o novo con-

corrente, como a nova amante, eram votados ao esquecimento; depois de passado este tempo, tomavam as coisas o seu curso ordinario. E atra-vez de tudo isto nunca havia a mais ligeira re-crimiação, ou a mais suhtil allusão. Em quanto ao mundo que tão bem sabe advinhar o que não vê, não dizia coisa alguma.

Este modo de viver durava havia uns quinze annos, quando Maria saiu do collegio, por isso começavam já a moderar-se um pouco. O conde tinha quarenta e cinco annos, pouco mais ou menos, e as idéas de amor iam cedendo o logar a outras mais sérias. A condessa tinha trinta e quatro annos, e por isso comprehendera, que pelo menos, até que Maria cazasse, era preciso a maior moderação. Em consequencia, era preciso ser muito difficult de contentar, para lhe levar a mal a ligação que a entretinha na occasião da volta de sua filha. Com effeito m. de Bay era calvo, mas discreto; pouco espirituoso, mas muito amavel; se não era demasiadamente agradavel á mulher, agradava sobre modo ao marido, e de mais, não era muito que madame d'Hermi se sacrificasse de tempos a tempos pelo conde.

Clotilde não mentira a sua filha quando lhe disséra que seu pae não podia passar sem o barão; porque no fim de tudo, ha uma idade, em que os prejuízos desapparecem e as paixões se acalmam. Mr. d'Hermi, e mr. de Bay tinham chegado ambos a esta edade; assim, o conde era demasiadamente previdente para o barão, que pela sua parte guardava a maior disciplina, não

abusando, nem por sonhos, das suas vantagens. Tudo o que elle precisava era d'uma casa assaz intima, onde podesse ir a toda a hora repousar das conversas banaes dos salões, e dos insignificantes, prazeres do club. O pobre barão, tinha o coração, senão extinto, ao menos muito resfriado, e por isso queria ter uma amante, como se fôra uma tia, a casa de quem fosse jantar e passar a noite. Em quanto a sentimento, convém dizer, que raras vezes se tratava disso entre elle e a condessa; e quando Maria chegára, não fôra o receio de se vêr affastado de sua mãe, que lhe produzira aquelle certo sorriso, de que fallámos, mas sim o enfado de pressentir uma alteração nos seus habitos. De resto era uma ligação muito conveniente: se madame d'Hermi ora ainda bella, ao barão não faltava, de certo, merito. Tinha quarenta e seis annos, é verdade, mas poderia ter mais vaidade do que vergonha da sua edade, porque não parecia tel-a; era como já dissemos, calvo, mas os cabellos que lhe restavam, eram ainda magnificamente loiros, e ornavam-lhe a fronte, com certa graça, eneobrindo do melhor modo aquella enfermidade; os olhos eram sufficientemente vivos, e a bocca bem composta. Além de tudo isto, conheciam-se-ihe algumas boas fortunas, que, graças á sua posição, e á reputação do seu passado merito, poderia ainda renovar. Havia concessão de ambas as partes, porque a condessa poderia ainda achar algum amor joven e sentimental, que lhe recordasse os primeiros capitulos da sua vida; mas é indispensavel que de

tempos a tempos se sacrificasse alguma coisa ao mundo. De que serviria entregar a sua reputação, e talvez o coração a um mancebo, borboleta d'amor, que vôlea para todas as flores, queimando-se em todos os fogos? Era precisa uma ligação solida, e por assim dizer, conhecida de todos, até ao dia em que as paixões, cedendo o logar aos sentimentos, podessem ambos lançar sobre o passado, o perdão e o esquecimento, voltando a viver unidos, como tinham jurado á face da egreja; isto devia succeder, quando madame d'Hermi, conhecesse que o conde valia tanto como qualquer outro homem, e o conde, que a condessa era superior ás outras mulheres.

Em quanto a mr. d'Hermi, gentilhomem em toda a extenção de palavra, tinha herdado muito espirito e philosophia do decimo oitavo seculo. Sentia-se a sua alta aristocracia, a uma legoa de distancia, e, mais fino do que o seu olhar, só havia a sua palavra. Era amoroso sem exigencia, espirituoso sem ostentação; sabia, segundo as circumstancias, amar como Fuablas, ou suspirar como Tireio. O coração, graças á educação d'um seculo já passado, tornara-se-lhe uma especie de camaleão, tomando todas as cores, um Protheo, que aceitava todas as formas; sabia quanto amor era preciso a uma duqueza, e nunca contava o dinheiro que dava uma dançarina; conhecia, tanto por pratica como por theoria, que era necessario ser elegante com as cortezas, e desleixado com as senhoras da grande sociedade. Enganava com tanto espirito, e arrepedia-se de

um modo tão encantador, que era sempre absolvido, e sempre amado. É indispensável dizer que a este fundo admirável juntava-se uma superfície tentadora. Era alto, bem feito, e d'um aspecto nobre; tinha uns pés para humilhar qualquer mulher, e umas mãos capazes de fazer corrar uma rainha. Os cabellos eram castanhos, e emolduravam-lhe maravilhosamente o resto mais sympathetico, que podia ver-se; era digno para os seus eguaes, e benevolente para os inferiores. Emfim bastava ver uma vez o conde, para conhecer que não era um desses homens a quem se engana, como Georges Dandin, mas que se deixam enganar, como Richelieu. Entretanto o conde tinha comprehendido que um tal gencro de vida, tão feliz para elle e sua mulher, podia não o ser para sua filha. Não tinha querido que a sua casta filha crescesse no meio d'aquelle atmosphera, um pouco corrompida, de sorte, que apenas ella teve edade de ver e comprehendêr, tinha dito a *Glótilde*:

— A minha opinião, é que se torna necessário affastar Maria.

Desta vez, como sempre, tinham-se os dois esposos achado de acordo, e mademoiselle d'Hermitage tinha sido entregue aos cuidados de madame Duvernay, em Dreux, onde habitava n'aquelle época uma irmã da condessa, que pouco depois havia falecido. Emfim tudo se havia acalmado, pouco a pouco; Maria voltara para a casa paterna que encontrara feliz, e que não odia deixar de acreditar pura. O que havia de mais certo para ella,

era que seu pae morria por ella, que era adorada por sua mãe; que ia passar dois excellentes mezes, com uma amiga, que lhe servia de irmã; que a estação era bella; que o sol era puro, e que Deos era extremamente bom. Assim entregava-se completamente á alegria de ter um quarto novo, e ás mil phantasias de que sue mãe o havia adornado; abraçava madame d'Hermi, que no fim de tudo, teria dado todos os prazeres do mundo pela alegria de beijar sua filha, a quem amava como amam as mulheres apaixonadas, que não conhecem liuites nem nos sentimentos, nem nas paixões. O quarto de Maria estava deliciosamente prehenchido como os ninhos das avesinhias ao despertar da naturesa; havia tantas coisas que dizer, tantas impressões para contar, tanto que sonhar! A joven mãe sentia-se feliz pelas expansões das duas meninas, que lhe recordavam o seu passado, e lhe faziam antever no futuro uma felicidade até então desconhecida; emsí, depois de ter respondido a todas as recordações, a todas as perguntas, depois de ter correspondido a todos os beijos, madame d'Hermi abraçou de novo aquellas a quem chamava suas filhas, dizendo-lhes:

— Devem estar fatigadas da jornada, e por isso necessitam de descanso; vou immediatamente mandar-lhes Marianna.

Em seguida foi juntar-se com o conde e com o barão, que conversavam a um canto do salão, como os melhores amigos do mundo.

— Então já dormiram as nossas filhas? disse mr. Hermi vendo entrar sua mulher.

— Ainda não, estão cedendo.

— Então vou dar-lhes as boas noites.

O conde levantou-se e foi discretamente bater á porta do quarto, onde entrou.

— Que tem, barão? Parece não estar satisfeito; dizia durante este tempo madame d'Hermitage ao senhor de Bay.

— Não tenho nada; acho-a uma excellente mãe.

— E isso admira-o?

— Não, mas entristece-me.

— Porque?

— Porque, em quanto pensa n'aquelles que ama, esquece-se dos que a amam.

— Isso é uma reprehensão?

— De modo algum; é apenas uma reflexão.

— Será acaso cioso?

— E por que não?

— De minha filha!... ha-de convir que é uma exigencia...

— Tanto mais é impossivel de combater a afseição que se receia, tanto mais rasão ha para ser cioso.

— Está hoje n'um dos seus máos dias, barão; mas perdoa-lhe.

— No momento de partir é o menos que pôde fazer; é um perdão que se assimelha muito á piedade.

— Eis-aqui uma verdadeira questão de namorados! Continue barão; tornamo-nos assim mais moços.

— Não gosta que lhe recorde o tempo em que amava...

— E em que me amavam.

Houve um momento de silencio.

— Ora vejamos, continuou madame d'Hermi ; o que fiz eu que lhe desagradasse ?

— Ainda m'o pergunta ? Chego aqui esta noite, deixo tudo para passar uma ou duas horas junto de si, e a senhora não achou meio de estar dois minutos comigo; ao menor ruído produzido por uma carroagem deixava-me para ver se era sua filha que chegava, e não voltava senão para me dizer que dentro em dois dias sairia com ella de Paris ; ha-de convir, minha querida condessa, que tenho direito de estar um pouco impertinente.

— Devo mesmo confessar que abusa d'esse direito ; mas, não obstante, raciocinemos.

— É o que desejo.

— O que o entristece, é a minha saida de Paris ; é o deixar-me ?

— Certamente.

— N'esse caso, vá comnosco.

— Sabe muito bem, que é convite que não aceitaria.

— De mais a mais, é rancoroso ?... oh, barão, isso é de máo gosto.

— E o conde ?

— O conde faz o que eu quero, e eu só faço o que o barão manda.

— Decididamente, disse o barão beijando a mão que lhe estendia madame d'Hermi ; é sempre encantadora.

— Volta, enfim, á rasão.

— Como poderia deixar de ser assim?

— O conde ha-de convidal-o, e irá ter com-nosco.

— Dois ou tres dias depois de terem partido, não é assim?

— Que trabalho que é necessario para nos comprehendermos!

— E Maria? que pensará ella?

— De que?

— Da minha estada em sua casa?

— Não pensará coisa alguma. Maria é uma creançá, que acaba de sair do collegio, e que não sómente não advinha nunca, mas que até nem vê.

— N'esse caso, é ponto assentado.

N'este momento abrio o conde a porta do salão.

— Esperava-o meu querido conde, disse mr. de Bay, levantando-se, para fazer as minhas despedidas.

— Até ámanhã, não é assim, barão?

— Até ámanhã, respondeu o barão tocando na mão do conde.

— Senhora condessa, continuou elle inclinando-se e dirigindo-se para a porta.

A senhora d'Hermi respondeu com um sorriso.

M de Bay sahio.

— Já deu as ordens para a nossa partida? disse o conde a Clotilde.

— Desde hontem que estão dadas.

— E quando partimos?

— Depois de ámanhã.  
— Boa noite, condessa.  
— Boa noite, conde.

O senhor d'Hermit beijou a mão de sua mulher, e sahio.

Eu quanto a Clotilde, abrio a janella, fez um signal com a mão a uma sombra, que desapareceu, depois de corresponder áquelle signal; depois fechou a janella, chamou a sua creada do quarto, foi abraçar mais uma vez sua filha, que já dormia, voltou para o seu quarto e deitou-se.

---

### III

Todas as coisas se passaram como tinham sido convencionadas; ha combinações femininas que o acaso não pôde destruir. No dia immedio convidou o conde d'Hermy ao seu amigo barão de Bay a ir passar dois mezes á Bretanha; mr. de Bay acceitou. A condessa fez comprehender a sua filha, que o barão era tão indispensavel a seu pae no campo, como na cidade, e tudo ficou concluido.

Os dois dias que precederam a partida foram empregados em fazer compras, em passeios, e em frequentar os spectaculos. Para as duas meninas tudo era maravilhoso e novo. A condessa levantava-se muito cedo e ia ao quarto de Maria, como quando esta era creancinha, ia ter ao quarto de sua mãe; assentava-se ao pé da cama, e co-

meçavam então entre as tres, essas inferminaveis conversas de coração, de toilettes, de recordações e de esperanças. Clementina e Maria levantavam-se e vestiam-se ajudadas por Marianna, e em seguida almoçava-se. Era então que apparecia mr. d'Hermit, sempre bom, e com o sorriso nos labios.

Depois do almoço vestiam-se de novo, porque, como é sabido, a toilette constitue a mais importante occupação das senhoras, e mandavam pôr a carroagem. Às tres horas saiam todas tres para ir ao Bosque, onde começavam as diversões. Alli viam-se os magnificos *trens*, riquissimos vestidos, muita gente, muito ruido, muita vida, e muito sol. As senhoras mais curiosas, deitavam um pouco a cabeça fóra das portinholas para verem as duas interessantes meninas que iam na carroagem da condessa, os homens mudavam de caminho para poderem reconhecer aquelles dois lindos rostos, e os que conheciam a condessa, cumprimentavam com o maior respeito. Depois encontravam mr. de Bay, a cavallo, ou em carroagem, conversavam alguns instantes com elle, convidavam-o para a noite, e ás seis horas voltava o caleche, ao trote largo dos seus dois cavallos baios, para a rua *des Saintes-Pères*, deixando atraz de si grande numero de commentarios, e maior ainda de ambições. Clementina tinha uma excellente metade de todo este paraíso, porque apresentava-se vestida do mesmo modo, e era tão linda e tão joven, como a sua companheira. No segundo dia, se quizessem con-

sultar a opinião das duas pensionistas teriam inevitavelmente que se demorar na partida, apesar de Paris estar quasi deserto de tudo que formava o *bom tom*.

Na verdade quando chega o verão, é o campo uma coisa encantadora, para os que fatigados dos negocios, ou dos praseres de Paris, lhes vão pedir aos seus ares limpídos e puros uma boa porção de saude para poderem arrostar com o inverno seguinte; mas para duas creanças, que passaram todo o anno no campo, é Paris, por mais deserto que esteja, um mundo magico, cheio de tentações, e que é difícil de deixar sem grande saudade. As noites, tão monotonas na província, completam tão bem os dias, em Paris! Em attenção ás duas recemchegadas, alterou a condessa os seus habitos, indo duas noites seguidas ao theatro, quasi desconhecido aos provincianos. As duas amigas, apesar de alli terem ido só duas vezes, morriam já por elle, quando sairam de Paris.

Durante este tempo, tinha mr. de Bay feito a corte ás duas meninas, e tão bem, que Maria achava-o encantador, Clementina não acreditava que elle tivesse a idade que dizia, ficando ambas contentíssimas quando souberam que ia também passar dois meses na Bretanha. Em quanto a mr. d'Hermi sentia-se feliz pela volta de sua filha; esta affeição virginal, este amor puro rejuvenescia-o e serenava-lhe o coração. No ponto de vista moral, poder-se-ia estigmatizar no conde muitas coisas, que tinham todavia a desculpa de serem herança de uma outra época; mas em

tudo que respeitava a Maria, tornava-se o conselheiro mais casto, o mentor mais exigente que poderia imaginar-se. Quando elle fixava aquelles bellos olhos aznes, que ainda nenhum outro homem tinha fixado, quando pegava n'aquellas mãos tão brancas e finas, quando correspondia aos seus sorrisos, a quem só elle e Clotilde tinham então direito, sentia na alma tão nobres impulsos, pensamentos tão puros, que seriam sufficientes para resgatar muitas das suas faltas; parecia-lhe que poderia passar o resto da vida n'aquelle santa contemplação. Com effeito é tão ineffável a poesia, que uma menina transmite as seus paes, em cujos braços vive, indiferente a todas as paixões humanas, que se chocam e se despedaçam em seu caminho, que seria o maior dos benefícios conservar-lhe aquella innocencia, aquella ignorancia do coração, que a torna tão bella, que a deixa tão tranquila, passar os melhores dias da sua existencia. Mr. d'Hermi era quasi cioso de sua filha, quereria guardal-a sempre junto de si, e a existencia que tivesse de passar a vel-a feliz e descuidosa, não se ocupando senão de toilettes, não sabendo senão amal-a, ter-lhe-hia parecido a mais agradavel que Deos lhe podia conceder. Infelizmente sabia, e bem, que, apesar de todo o seu amor, não podia ser sufficiente para a felicidade de Maria; sabia bem que um dia a menina se faria mulher, e que as paixões do mundo sucediam ás affeições da familia; que um amor desconhecido lhe faria brilhar aquelles lindos olhos de modo bem diferente, e fazer-lhes talvez derramar as

primeiras lagrimas; era o que elle receiava. A vida que elle e Clotilde tinham comprehendido de um modo um pouco bizarro, nem por sombras a queria comprehender para Maria. Se o marido de sua filha fosse como elle, matal-o-ia.

Todos estes pensamentos occupavam o espirito do conde, quando assentado junto de sua filha, a via surrir, quando atravez do azul de seus olhos, advinhava a pureza da sua alma. Em quanto a nós, não conhecemos nada mais encantador do que uma menina, e não acreditamos, que entre os explidores que provam a existencia de Deos, se possa encontrar uma expressão mais verdadeira da divindade. Quando se abandona o mundo das falsas illusões, e dos amores ficticios, no meio do qual começamos a viver aos dezoito annos, e nos achamos, de repente, n'um outro, que não é talvez melhor, mas que oculta quanto pôde o que tem de máo, não ha nada tão consolador como contemplar uma joven, que ainda acredita não haver nada na terra além da dança, dos vestidos, e das flôres, cujos labios estão virgens de beijos, o coração virgem d'amor, que procura mitigar a dôr, sem indagar da causa, que julga verdadeiro e sincero todo o sorriso, cujos olhos fechados para a suspeita, nem sequer advinham a possibilidade do mal, e que, quando se acha n'um theatro ou n'um passeio, junto de uma d'essas mulheres, perdidas, porque nunca conhecerao o arrependimento, a admira com a maior ingenuidade se ella é bonita, chegando até a invejal-a, sem que mesmo lhe passe pela

ídea, tão pura e casta, a enormidade da distancia que as separa.

Eis o que era Maria, isto é, um anjo; os olhos e a alma podiam ver ou encontrar os maos pensamentos dos outros, mas impunemente, sem lhe ficar a menor mancha: o mundo era para ella um livro, escripto n'uma lingua desconhecida, mas adornado de bellas gravuras, que podia sem receio admirar. Em vista do que acabamos de dizer, facilmente se comprehenderão os receios e cuidados de mr. d'Hermi, porque as suas prevenções eram filhas da experienzia, e do seu espirito superior e delicado; por isso sentia-se seriamente embaraçado, com o futuro de sua filha. «Se a deixo escolher, dizia elle comsigo mesmo, prefirirá um bonito rapaz, que será como eu, que não a amará passado um anno, e que fará della o que eu fiz de Clotilde; era possivel que isso fosse a felicidade para ella, porque Clotilde parece feliz; mas para mim seria horrivel, e antes quereria afogal-a, do que vel-a em tal estado. Se lhe escolho eu um marido, posso preferir um homem de quarenta annos, que já será um velho, quando ella fór apenas mulher, e que por isso não poderá amar. Neste caso terá ella o direito de me pedir contas do seu futuro, que eu terei destruido, e da desgraça que lhe terei causado, em troca da alegria que me tem dado.» E depois de pensar em tudo isto, levantava-se, e ia vér sua filha, que encontrava conversando e rindo com sua māe ou com a sua amiga, abraçava-a, e dizia: «Esperemos.»

Parecerá, talvez, extraordinario que mr. d'Hermi, ocupado até então com os seus amores, tomasse de repente um tal cuidado do futuro de sua filha; é que, por mais indiferente, por mais dissoluto que o mundo tenha feito um homem, conserva-lhe sempre Deos, no intimo do coração, um sentimento invulneravel e occulto, que mais tarde se torna o abrigo mysterioso e bemfasejo onde repousa e se occulta, depois de cançado, e de, por assim dizer, gasto; é que, pelos seus amores passados, conhecia as mulheres, e nunca tinha visto em nenhuma o olhar, a candura, e a virgindade de alma, que via em Maria; é que começava a conhecer os homens, e que tremia só com a idéa de associar a vida de sua filha, á vida d'um d'aquelles que todos os dias encontrava. De resto, o conde era coerente, porque sempre adorára Maria; quando ella estava ainda no berço divertia-se, elle, o homem da moda, o homem mais desejado de Paris, a brincar, serões inteiros, com as mãosinhos que lhe puchavam pelos cabellos, a contemplar aquella boquinha que lhe sorria sempre, e aquelles grandes olhos do mais lindo azul que podia imaginar-se. Estes momentos eram raros, mas emfim existiam; e as noites que se lhe succediam não eram as peores que o conde passava.

Tinha, pois, construido o seu futuro sobre a esperança d'aquelle amor, o que fizera com que desperdiçasse não pouco os outros. Em quanto a Clotilde, nem mesmo mr. d'Hermi lhe comunicava os pensamentos que o ocupavam havia al-

gum tempo. A condessa não tinha mudado em coisa alguma, não via mais claro na vida de sua filha do que na sua; não sómente não procurava combinar um futuro para Maria, mas nem mesmo parecia suppôr que devia tratar de similhante coisa. Amava sua filha a ponto de lhe sacrificar tudo que constituia a sua felicidade, de lhe sacrificar até a vida, se fosse necessario; mas é muito provavel que se Maria não tivesse senão sua mãe, ou não casaria, ou então fal-o-hia desploravelmente, e isto porque a condessa tel-a-hia deixado casar com o primeiro homem, que ella julgasse amar.

Maria collocada assim entre duas affeções tão similhantes, e ao mesmo tempo tão diferentes, não pensava no futuro, mas no presente; não queria saber do que seria provavel, mas do que era certo. Ora, o que era certo era a saida do collegio e a sua entrada na sociedade, a fortuna, a bellesa, e a realidade de todos os sonhos do seu coração. Durante dois dias, devia ter sido o assumpto de bastantes conversas; mas, como o espelho, não tinha conservado a menor sombra do que lhe passára pela frente. Tinha visto muitos mancebos, que lhe haviam parecido, no todo, naturalmente menos ridiculos do que aquelles que vira nos bailes da provincia; mas, por mais romanesca, e sentimental, que ella parécesse ser, devemos dizer, que nenhum tinha tido a influencia de fixar por mais de um instante os seus olhos, nem de ocupar-lhe o espirito, entrando depois do passeio e do espectaculo, para

casa de sua mãe do mesmo modo que entrava para casa de madame Duvernay. O que lhe causava saudade de Paris, não era mais do que a vida nova e ruidosa, que, dois mezes mais tarde, devia encontrar mais ruidosa ainda. Clementina, essa, era feliz em toda a parte; era-lhe completamente indiferente partir, ou ficar.

Tudo se passou pois, como fôra determinado. Tres dias depois da chegada de Maria, batiam nas pedras do pateo, os quatro cavallos de uma carroagem de posta. As duas meninas desceram alegres e risonhas, e foram tomar logar na parte dianteira da carroagem, o conde e sua esposa, ocuparam os logares do fundo; Marianna subio para a varanda posterior em companhia de um antigo creado; os postilhões montaram a cavallo, e partiram a galope.

---

Era magnifico o castello que mr. d'Hermi possuia junto de Poitiers. As suas torrinhas de tijollo e os seus tectos ponteagudos, elevavam-se graciosamente por entre as giestas; contemporaneo de Luiz xii conservára todo o caracter da sua época. Causava pena o vér descer as suas escadas a personagens do nosso tempo, de fatos pretos, sombrios e mesquinhos; porque, ao vel-o, a imaginação não podia deixar de o povoar de elegantes cavalleiros, com os seus justilhos, capas de velludo, e chapeos de grandes plumas, passeando de cabeça erguida, e a mão sobre os copos da durindana. Não sei porque, mas gostamos quasi sempre dos trajos que se usaram nos tempos que já foram. É provavel que aquelles que os usaram se achassem, por vezes, incom-

modados com elles, não sabendo onde acommodar os seus grandes chapeos, e tropçando a cada passo na comprida espada. Se elles hoje voltassem ao mundo talvez se achassem encantados de encontrar os homens com as pernas occultas pelas calças, os corpos metidos em saccos, e as cabeças abrigadas por uma especie de chaminés, mais ou menos altas. O que é um facto, é que se os trajes antigos eram incommodos, tinham bastante elegancia e sumptuosidade, e que é uma coisa bem triste, que um povo que usava de espada, esteja reduzido a não poder usar senão de bengala.

Confessamos que muito nos agradaria, assistir a uma festa, no tempo de Luiz XIII, no magnifico parque que rodea o castello, sombrio como um *ninho de aguia*. Havia alli prados para passearem quinhentas pessoas, e cantinhos que pareciam formados de proposito para conversas *a duo*; e depois, era facil perder-se um ou outro, por entre o bosque, onde a furto se mostrava um espantadiço cabrito, ou por entre as giestas, brilhantes como feixes de oiro, e cerradas como uma floresta. Depois de se percorrer todas estas magnificencias de folhagem, de sombra, e de flores; depois de se ter passado pelas immensas avenidas, traçadas por arvores seculares, para gigantes, que já não existem; depois de se terem entreaberto as portas de mysteriosas cabanas, espalhadas por um e outro lado, como os oasis no meio do deserto, e penetrado por longos caminhos direitos e arcosos, que, quem sabe onde conduzem, que

isolam ao mesmo tempo os passos e o pensamento do resto do mundo, que occultam bastantes perfumes e canções, para embriagar durante todo o transito, e cuja espessa folhagem, atapeta o solo, chega-se á planicie. Ali começavam os dominios da laboura, com o seu movimento habitual; viam-se então, debaixo de um sol ardente, os ceifeiros levando os feixes de trigo para formar as médas, as vacas inquietando-se ao menor ruido, e os brincalhões rebanhos com as suas capainhas, melodiosas á força de monotonia; era a vida depois da solidão, o ruido depois do silencio. Se o exterior era encantador, o interior era adoravel, pelo movimento dos trabalhadores, preparando as charruas e todos os outros instrumentos do campo; por uma immensidate de avesinhas que vivem como parasitas a expensas dos que as escutam; pelo grande numero de patos indiferentes a tudo, de galinhas, de pombos, emfim, d'essas mil notas aladas e buliciosas, que compõem o concerto quotidiano, que começa, no campo, ás cinco horas da manhã, e só acaba ás sele da tarde.

A primeira coisa que Maria e Clementina tinham feito ao acordar, no dia immediato da chegada ao castello, foi levantar-se para irem percorrer todo o dominio, completamente novo para Clementina, mas já cheio de recordações da infancia para Maria. Tinham pois, saboreando a largos tragos a liberdade, corrido em todos os sentidos, parque, prados, e floresta, affrontado os caminhos mais arriscados, rindo como loucas,

e sem comtudo espantarem as avesinhas que as reconheciam por irmãs; tinham assim, de eve-  
nida em avenida chegado ao campo cultivado,  
onde tinham sido recebidas por exclamações de  
alegria da caseira, de seu marido, e pelos gritos  
de terror das galinhas e dos patos. Tinham, acto  
continuo, visitado todos os cantinhos da proprie-  
dade, deixando por toda a parte um reflexo da  
sua graça nativa, cumprimentando os caseiros,  
pelo bom arranjo em que tudo se achava, admir-  
ando-se das coisas mais vulgares, bebendo leite,  
comendo fructa, e correndo como loucas; em  
seguida, e depois de acariciarem uma ultima vez  
as creanças loiras, que brincavam á porta, e que,  
seriam de um aspecto encantador se não tives-  
sem metido as mãos na agua em que os patos  
metiam os pés, levando-as depois á cara, monta-  
ram a cavallo, e voltaram apressadamente para  
casa, porque os estomagos já lhes advirtiam que  
tinha chegado a hora de almoçar. O almoço era  
servido n'uma d'aquellas magnificas casas de jan-  
tar dos tempos passados, onde se nos figura a  
cada momento ver apparecer algum cavalleiro  
das velhas lendas, severo e hospitaleiro. Dois im-  
menses bahus de carvalho deixavam vér atravez  
das suas tampas de vidraça a baixela de prata  
hereditaria; ao longo da parede forrada de um  
estofo espesso e sombrio, estavam alinhadas umas  
cadeiras de *pau santo* que a commodidade mo-  
derna tinha dotado de uma almofadas, a que os  
proprios antepassados não poderiam deixar de  
ser sensiveis. O sol penetrando pela larga janella

entreaberta, fazia brilhar sobre os cortinados, os arabescos de oiro de que eram bordados. Do tecto, atravessado de pesadas vigas, estava pendente um grande lustre, o mais antigo, e ao mesmo tempo o mais commodo possivel, por baixo do qual, tinha sido disposto em uma mesa quadrada o almoço quotidiano, que, é preciso confessal-o, foi o que mais attrahio as vistas das duas meninas, apenas entraram.

Acabado o almoço, conduzio Maria a sua amiga a visitar o interior do castello. Ao fundo da casa de jantar havia uma escada de pedra, muito larga, com corrimões de ferro de ambos os lados, que conduzia a um corredor muito comprido, e que apenas recebia luz por uma serie de frestas; era ali que estavam os retratos da familia, desde o tempo de S. Luiz até aos nossos tempos. Aquelles retratos tinham não sei que de hirtos, haviam sido feitos em posicões proprias para atrair a admiracão do futuro; uns direitos e seccos em suas armaduras, outros, imponentes e altivos em seus justilhos; estes com um ar bellicoso, aquelles com um todo da maior modestia, conforme o que possuiam: regimentos, ou abadias. Depois seguiam-se os retratos dos que mais se nos aproximam. N'uns viam-se datas alegres e innocentes; n'outros, datas sanguinolentas. D'um lado, Luiz xv, do outro a revolução. Tudo n'aquelle galeria, tinha um aspecto imponente. Debaixo de todas aquellas armaduras, justilhos, ou casacas, advinhavam-se corações nobres, e boas inspirações; comprehendia-se alli, todo o orgulho que devia ter o

ultimo descendente de tão nobres avós, quando, ao mostrar aquelles quadros, dissesse: Eis aqui os meus antepassados.

Todavia as duas amigas não se demoraram muito tempo em contemplação diante de tão bellas figuras; deixaram a galleria, para continuarem a sua visita. Cada época tinha posto o seu sello, e deixado os signaes da sua passagem, n'aquelle magnifico castello. Do seculo que o vira nascer, restavam-lhe as côres sombrias, e os moveis pesados, como os da casa de jantar. De Luiz xiv e xv, os toucadores dourados, sobrecarregados de pinturas mythologicas; mas não tinham, espiritualmente, guardado do imperio, senão um salão, ornado de branco e purpura, abdicando as procelanas, os moycis e os ornatos de máo gosto, que caracterisam aquella época bellicosa. Emfim, madame d'Hermitage tinha sabido alli crear o mais maravilhoso ninho, que uma mulher poderia imaginar, ninho de setin e de rendas, que uma fagulha teria destruido, onde o sol penetrava, cér de rosa, onde o vento não ousava entrar, onde se dormia um sonno perfumado, onde o veludo abafava o ruido dos passos, protegendo os pés perguicosos, onde finalmente, quando o pianno despedia as suas harmonias sob os alvos dedos da condessa, eram ellas tão suaves e mysteriosas, que mais pareciam o écco de uma melodia celeste, do que a expressão de musica humana.

As duas meninas tinham cada uma um quarto forrado de estofo da Persia, e quasi irmão; as janellas davam para o parque, e por isso eram

as primeiras saudadas pelo sol, e pelas avesinhas. A capelia occupava um dos lados baixos do castello. Clementina e Maria pararam alli um instante, e começaram a fazer ouvir a religiosa musica do orgão. Todos nós em quanto jovens e scepticos, á força de felicidade, mas que a mais pequena apparencia de dôr torna tão crentes, participamos das crenças dos outros. Todos nós temos entrado n'uma egreja, sem que ahi vejamos outra coisa além d'um symbolo sem raso, e de uma tradicção inverosimil. Todos nós temos dito, envolvendo-nos no atheismo que vemos affectar a certa gente, que para viver não são necessarias, nem fé nem orações; e todavia, sem mesmo pensarmos n'isso, seguimos uma religião qualquer, que não é senão uma parte da que a Egreja exige. Com efeito, todo o homem, se finge duvidar de Deos, tem sempre no coração algum outro amor, que adora, que reverenceia, e que o conduz insensivelmente á verdade de que duvida: creança, tem uma mãe; mancebo, tem uma amante, cujo nome pronuncia para se acalmar, nos momentos de abandono e de sofrimento, sem se lembrar que por traz d'esse nome está Deos, e que, como o marinheiro, em logar de se dirigir distinctamente ao Senhor, se dirige a uma estrella. Depois, admittindo que duvida realmente, é quando vê soffrer aquelles que ama, que é obrigado a orar; é quando em presença d'uma dôr incurável para os homens, quando á cabeceira d'um doente querido, quando vê a morte desapiedada anniquilar o thesouro do seu amor, que

elle pensa n'esse poder superior, que é o unico que pôde dizer á morte, como ao mar: Não irás mais longe! e que guarda sempre no recondicto da sua celeste bondade a esmola do perdão para o que se arrepende. É extremamente consolador o poder dizer: Se não acho alivio á minha dôr; se não tenho amigos, nem familia; se quando choro não encontro lagrimas que se confundam com as minhas, se a minha alma, enfim, não encontra écco em nenhum dos horisontes terrestres, posso, sem nada pedir aos homens, entrar n'um d'esses templos creados por Christo, e collocados de distancia em distancia, como pontos de descanso para a dôr; posso, ajoelhando-me diante do altar, escutar a oração que cantam incessantemente em torno de mim, e depois de ter por alguns instantes confundido o meu coração e a minha voz a esse piedoso murmúrio, erguer-me-hei, despojado de saudades, e revestido d'esperanças, terei arrojado para longe de mim o meu manto de sofrimentos, e terei lavado a minha alma com as agoas do Senhor. Durante o momento, por mais curto que seja, que tiver passado n'essa egreja, ter-me-ha o céo dito, o que não diz senão aos que soffrem, sem d'elle se esquecerem; quando sair da casa santa, serei melhor do que quando alli entrei, serei mais forte do que a minha dôr. Eis o que diz o orgão com a sua voz, cheia de soluços como os remorsos de Magdalena, cheia de canticos como a resurreição. Maria e Clementina, embriagadas pela musica que lhes nascia debaixo dos dedos, e que lhes comprimia o co-

ração e o cerbero, ora faziam rir, ora queixar-se o instrumento sagrado, de sorte que já as sombras tinham invadido a capella, e ainda elas estavam no mesmo lugar, similhantes a esses genios invisiveis da noite, que lançam sobre a terra essa musica da natureza que tanto arrebata os homens. De repente calou-se o orgão, e a ultima nota correu fremente em torno da capella, como uma avesinha que entrando n'uma casa, vôa de encontro ás paredes, sem saber onde ha-de fechar as azas, e depois tudo ficou silencioso. As duas amigas olharam-se, como se tivessem acordado ambas ao mesmo tempo, do mesmo sonho; e deram reciprocamente as mãos, porque experimentavam um vago sentimento de medo.

— É tarde, disse Clementina.

— É verdade, respondeu Maria.

— Vamos-nos embora.

— Vamos.

Mas nem uma nem outra deixou o seu lugar; parecia-lhes, que movendo-se no meio das sombras que as rodeava, veriam erguer-se alguma das pallidas figuras que a sua harmonia tinha evocado, e cuja apparição deveria ser terrivel, aproximaram-se uma da outra, e disseram mui devagarinho, com a maior ingenuidade: «Tenho medo.» Depois, tocaram ao mesmo tempo ambas violentamente no orgão, como para não estarem sós, e, no meio do ruido instantaneo, que produziram, desceram a escada, quasi a correr, com o coração agitado como se acabassem de commetter uma falta. Chegando ao fim da escada, pararam

ouvindo extinguir-se a ultima nota, e aproximaram-se da porta, mas no momento em que iam abril-a, ouviram o leve ruido d'um vestido de seda, e algumas palavras trocadas em voz baixa: d'esta vez não havia que duvidar, além d'ellas estava mais alguém na capella. Pararam quasi sofocadas, não ousando dar nem mais um passo. Mas, foi ainda muito peor, quando aquella voz misteriosa, tornando-se mais distineta, murmurou: «Maria.» A pobre menina, convencida d'esta vez que era a sombra errante de algum de seus avós, e com a esperança insinuativa das creanças que chamam em seu socorro aquelles que mais amam, exclamou: «Minha mãe!»

— Socega, que sou eu, respondeu a mesma voz, que não era outra senão a da condessa.

— É minha mãe!

— É a senhora condessa! exclamaram as duas meninas, tomando, em fim, a respiração.

— Fiz-lhes medo? continuou a senhora d'Hermi.

— Parece-me que sim, disse Maria abraçando sua mãe.

— Nem eu nem o conde sabíamos aonde estavam. Ha duas horas que andamos a procurá-las no jardim e no bosque.

— É muito tarde?

— São oito horas.

— Mas ha muito tempo que aqui está?

— Ha uma hora, pouco mais ou menos.

— E meu pae também?

— Também.

— Mas o que está fazendo ?  
— Está escondido.  
— Porque ?  
— Porque tem estado a chorar.  
— E quem o fez chorar ?  
— Tu, ou antes, tu e a tua amiga.  
— Nós ?  
— De certo.  
— E como ?  
— Com a sua musica.  
— Meu bom pae !  
— Procurámos-as por toda a casa, depois de não as termos encontrado no jardim, e quando passámos junto da capella, onde não suppunhamos que estivessem, ouvimos as vozes do orgão, e entrámos. Eu quiz logo charmar-te, porque estava morrendo de fome, mas teu pae oppoz-se, dizendo: « Escutemos um instante ; » escondemo-nos então muito devagarinho a traz de uma columna, assentamo-nos e escutámos, e é provavel que se não se tivessem cançado de tocar, não estariamos ainda cançados de ouvir. Esta musica, esquecida, a ponto de ser de todo nova para teu pae, causou-lhe, principalmente por ser produzida por ti, uma tal impressão, que o fez chorar como se fôra uma creança; eu mesmo senti lagrimas nos olhos. Quando desceram disse-me teu pae: « Vou-me embora, porque se ellas me veem com os olhos vermelhos, são capazes de se rirem de mim ; » e saiu pela porta que dá para a sachristia. Agora, vamos jantar ; mas se aqui voltarem, não se esqueçam de ouvir a sineta, que dá o signal para

o jantar, porque o orgão é encantador para o coração, mas terrível para o estomago.

E madame d'Hermi, levando consigo as duas meninas, desceu rapidamente a escada, e apareceu com elas na casa de jantar, onde encontraram o conde passeando de um para outro lado; Maria foi lançar-se-lhe nos braços. Depois de jantar foram passear para o jardim, a condessa junto de Clementina, o conde dando o braço a Maria. Clementina e a condessa conversavam sobre modas.

— Meu pae, disse Maria a mr. d'Hermi, tenho muitos perdões que lhe pedir.

— E de que, minha querida filha?

— De o ter feito chorar.

— Mas quem t'lo disse?

— Minha mãe.

— Tua mãe é uma indiscreta; queria que ignorasses sempre a impressão que me causaste, porque, como um egoista, queria aproveitar-me mais vezes, sem que tu o suspeitasses; queria tornar a ouvir-te, oculto n'um cantinho como estive hoje: mas agora já não pôde ser.

— Porque?

— Porque quando voltares á capella, has-de estar sempre desconfiada que eu alli esteja.

— E julga que por isso tocarei peor?

— És um anginho, disse o conde beijando sua filha; quando tencionas lá voltar?

— Não sei, tive hoje tanto medo!

— Tiveste medo?

— É verdade; quando vi que ia escurecendo,

e quando me achei rodeada de tão grande silêncio, depois da bulha que tinha feito, não tive ânimo para sair do logar em que estava.

— Não tornarás a ter medo, porque irei contigo.

— Assim de certo que não terei.

— Mas has-de tocar no orgão?

— Tudo o que meu querido pae desejar.

— E que te ei-de eu dar por isso?

— Dar-me-ha mais um abraço, e ficará ainda meu créedor.

— É indispensavel, minha querida filha, que eu tenha feito alguma boa accão, de que me não recordo, para que Deos permitta, que exista a meu lado, um anjo como tu

— O meu pae é muito meu amigo, e isso é bastante para que Deos me conserve na sua companhia. E depois, essa felicidade de que acaba de fallar, não vae de mim para si; eu é que a recebo: se algum de nós deve agradecer a Deos, sou de certo, eu.

— Assim has-de pensar até ao dia em que tiveres de orar por um outro.

— Por quem hei-de orar, senão por meus paes?

— Por teu marido.

— Por meu marido?

— De certo; pois não é uma coisa inevitavel que tu cazes, e que nos deixes?

— É verdade; nunca tinha pensado n'isso. Mas é indispensavel que eu caze? Gostaria mais de estar sempre em sua companhia.

— Isso não pôde ser, minha filha; o coração é

sujeito a mudanças, prescriptas pelo proprio Deos. Essa affeição que nos tens, não te será sufficiente, dentro em pouco; depois, quando Deos nos chamar a si, será necessario que tenhas alguem a quem estimes sobre a terra, e que os vivos te consolem da perda dos que tiverem morrido.

— Que está dizendo, meu pae?

— Unicamente a verdade, minha filha. É preciso, como disse, que sejas para outros, o que tua mãe e eu somos para ti. Deos, na sua bondade, permite, que á medida que um amor se extingue no coração, seja substituido por um outro, que só espera o vacuo que o primeiro deixa, morrendo, para o ocupar completamente; e tu verás minha boa Maria, o amor que has-de ter a teus filhos ha-de ser muito maior do que aquelle que tens tido a teus paes. Eu mesmo, quando perdi minha mãe, chorei e soffri muito, mas consolei-me pensando em ti. É que, em todos os tempos, a esperança consolará da recordação, o berço fará esquecer o tumulo.

— Parece-me que se engana, meu pae, continuou a boa menina, arrastada, sem o querer, ás santas confidencias; porque, muitas vezes, quando estava só no collegio, e que pensava em todas as coisas que podiam dar-mé alegria ou tristes, não descobria felicidade senão no nosso duplo amor, não antevia desgosto senão no dia em que elle cessasse; de então para cá não tenho mudado de pensar. Esta manhã, na capella, quando tocava o orgão, as sombras que via passar diante de mim, os pensamentos que me atravessavam o espirito,

eram meus paes; a minha ultima oração quando estou para adormecer, o meu primeiro pensamento quando acordo, são sempre para ambos. Não, continuou Maria, iançando-se ao pescoco de seu pae, o que peço a Deos, é que me deixe viver sempre assim.

— Escuta, minha filha, é possível que penses sempre assim, porque o teu coração maravilhosamente bom e casto, é já uma excepção; mas se um dia, repara bem no que vou dizer-te, não pensares do mesmo modo, não m'o occultes, por effeito de uma falsa vergonha; não acredites que deves, por que agora só nos amas, a nós, não amar a mais ninguem, e sobre tudo impores-te o sacrifício de não m'o confessar. Se na sociedade em que vaes entrar; se na nova estrada que vaes seguir, e cujas commoções e encantos te são desconhecidos, julgares ter encontrado o homem, de quem deve, um dia, depender a tua felicidade, não m'o occultes, mostra-me esse homem, por que se elle for digno que eu lhe confie o que mais estimo n'este mundo, has-de ser feliz. O Senhor, cada vez que cria uma alma, cria-lhe ao mesmo tempo uma outra similar, porque toda a alma tem uma irmã, em qualquer parte; depois separa-as, e interpõe muitas vezes, entre elles, distancias immensas, até que o acaso, como dizem os homens, a Providencia, como dizem os sabios, faça encontrar face a face, as duas naturezas que, creadas uma para a outra, se reconhecem por signaes celestes e particulares, por que devem partir juntas para a patria d'onde

Juntas sairam. Isto, como vês, é a vontade do Senhor; quem se oppõe a ella, é não só querer ser desgraçado, mas até sacrilego. O que te peço, pois, é franqueza, é que me tomes por confidente das tuas primeiras commoções, por que, como facilmente comprehenderás, ninguem se occupa mais da tua felicidade do que eu. Bem vês que fallo como a um amigo; porque o coração da mulher forma-se mais cedo do que o nosso, e porque tudo que hoje te digo, te deve assegurar o repouso no futuro. Agora, se passarmos ás coisas materiaes da vida, lembra-te que nasceste para ser feliz, porque és muito joven, linda, rica, e possues um nome que pôde associar-te aos mais nobres. Assim, minha querida Maria, a tua vontade será sem duvida a de Deos, e por isso será tambem a minha. Entre tanto, conserva-te o maior tempo possivel junto de nós; e em quanto aqui estivermos, não te esqueças do prazer que me causaste esta tarde, e o modo porque m'o pôdes tornar a dar.

E o conde beijou de novo sua filha, que ficou muito pensativa. Em seguida, depois de darem algumas voltas pelo jardim, e expulsos pela noite, que começava á esfriar, voltaram para casa acompanhados da condessa e de Clementina. As dnas meninas despediram-se dos senhores d'Hermi e foram para os seus quartos.

No momento em que abriam a porta, disse Clementina:

—Conversei muito com tua mãe sobre toilettes; que bello gosto que ella tem.

\*

E começou a contar á sua amiga tudo que lhe tinha dito a condessa. Durante este tempo, Maria, assentada diante do espelho, escutava-a, sempre pensativa. Marianna abrio a porta, segundo o costume, para ajudar a sua menina a despir-se.

— Obrigada, minha boa Marianna, disse-lhe Maria, abraçando-a, ajudâmo-nos hoje uma á outra.

— Que tens tu ? perguntou Clementina, depois de Marianna ter fechado a porta.

— Não tenho nada ; é que, se tu conversaste sobre toilettes, nós fallámos do futuro ; e que se minha mãe tem o melhor gosto, meu pae possue o melhor coração.

— Então, continuou Clementina rindo, teem ambos o que é absolutamente preciso, para que tu sejas a mulher mais feliz d'este mundo ; se o não fores, é por falta de boa vontade.

---

O barão de Bay tinha ficado em Paris. Como o leitor se deve lembrar, fôra convencionado, que não partaria senão dois ou tres dias depois da saída do conde. O barão achava-se, o que vulgarmente se chama um corpo sem alma, procurando em vão, no que distraia os outros, uma diversão á sua momentanea solidão. Foi ao circo, onde se aborreceu um pouco mais do que se estivesse em casa, saio d'alli ás nove horas, lembrou-se que se representava *A Judia*, e entrou na Opera. A sala estava cheia. O barão não achou um unico logar, o que o obrigou a procurar descobrir, n'um ou outro camarote, alguem a quem podesse pedir hospitalidade. Quiz o acaso que todos os rostos fossem desconhecidos ao barão, de sorte, que ia já sair, quando depois de deitar o oculo

para uma pessoa que estava só n'uma frisa exclamou :

— Com a fortuna ! cis-alli o que procurava ! e correu a bater á porta da frisa.

— Ah ! é o barão ! disse o espectador vendo-o entrar.

— Sim, meu charo Emmanuel, sou eu, disse de Bay estendendo a mão ao seu amigo, que vengo pedir-lhe um lugar na sua frisa.

— O meu amigo é sempre bem vindo.

— Mas, como succede que um homem austero, como o sr., esteja assistindo a um espectáculo.

— Foi obra de momento, não tinha tido a menor tenção d'aqui vir. Bem sabe o modo porque passo a vida, e que por isso nunca poderia ter similhante idéa; não por que desprese a musica ou a literatura, Deus me defenda de similhante coisa ! mas porque tenho os dias tão ocupados, que á noite prefiro descansar, quando estou fatigado, ou trabalhar quando o não estou; mas hoje, continuou surrindo, Emmanuel, a que nós apenas conhecemos pelo nome, sacrifico-me ao mysterio.

— Não percebo.

— Quero dizer, que esta manhã recebi uma carta, a que não prestei logo grande attenção, mas depois, não sabendo que fizesse, segui o conselho que me dava, e que se continha n'estas palavras :

«Vá esta noite ouvir *A judia*; é uma bella musica que lhe haverá agradar, além de que, estará na sala alguém que se julgará feliz se alli o vir.»

- Só isso?
- Só.
- E por isso resolveu-se a vir?
- Como vê.
- Que tal é a letra em que está escripta?
- Muito fina.
- Mas letra de mulher?
- Evidentemente.
- N'esse caso é uma aventura.
- Seja o que fôr, é tempo perdido.
- Porque?
- Em primeiro logar, porque não creio na bondade d'estas fortunas, e depois porque *vou* sair de Paris.
- Para onde?
- Para L..., a uma legua de Poitiers.
- E vai só?
- Vou.
- Se tivesse a certesa de o não incomodar, propunha-lhe a minha companhia, para a jornada.
- Mas da-me muito gosto. Vai tambem para aquele lado?
- Vou a casa do conde d'Hermi.
- É quasi meu vizinho; o seu castello fica a tres quartos de legua da minha casa de campo.
- Conhece-o?
- Unicamente pelo nome.
- Mas ha-de tomar com elle um conhecimento mais amplo, e asseguro-lhe que lhe hade agradar.
- Mos devo prevenir-l-o de que saio de Paris para trabalhar.

— Sempre hade caçar um pouco?

— De certo.

— Então caçará nos dominios do conde; desde já o convidó em seu nome.

— Pelo que vejo a sua amisade com elle é muito intima?

— O mais intima possivel. Quando tencioná par-tir?

— D'aqui a dois ou tres dias.

— Tal qual como eu. Como vae?

— Na minha carroagem.

— É grande?

— Sufficientemente.

— E commoda?

— Como um leito.

— Na verdade meu amigo, estou contentissimo por tcl-o encontrado. Agora nada de loucuras.

— Não percebo.

— Quero dizer que não vá agora deixar-se fi-car em Paris.

— Mas quem me obrigaría a isso?

— Quem lhe mandou a tal carta.

— Não pense n'isso; de mais a mais, nem a co-nheço.

— Fazer-se-ha conhecer.

— Que m'importa! Não lhe disse já que não creio n'essas fortunas?

— É possivel; ella, é que de certo crê. Mas é por-que o meu amigo é uma excellente fortuna.

— Em que?

— Em tudo.

— Está brincando?

— De modo nenhum. O sr. é moço, possue um bello nome, que sustenta dignamente; além de que, n'este momento é um homcm de quem todos fallam em Paris.

— Olhe meu amigo, desejaria antes que ninguem se lembrasse de mim! Não faz idéa como me sinto cançado de todas estas luctas. Ha dias em que tenho desejos de abandonar tudo, e a prova é que vou sair de Paris.

— Para trabalhar com mais tranquillidade. Conheço-o muito bem, meu amigo, e por isso não acredito, nem no seu desanimo, nem no desejo de mudar de vida. O facto é que tem feito uma guerra atroc ao ministerio.

— E ha-de cair! disse Emmanuel com energia.

— Bem vê, respondeu de Bay, rindo, que não está tão fatigado de lutar, como ainda ha pouco me disse.

— Pois sim, mas não fallemos agora d'essa gente, demais me occupo d'elles na camara; escutemos antes esta magnifica aria, que Duprez está cantando tão admiravelmente. Como é feliz a gente que não vê senão este lado da vida, meu querido barão! Quando penso que ha quem se ocupe de fazer cair um ministerio, quando se podia estar ouvindo tão bella musica! Os homens quando não são mäos, são loucos. Escutemos.

Emmanuel encostou-se para o fundo da frisa, appoiou o cotovelo ás costas da cadeira, a cabeça á mão, e escutou. O barão fez o mesmo durante alguns instantes; depois, olhou machinalmente para o seu amigo, que parecia ceder ao

mais agradavel extasi produzido pela musica. De Bay, contemplou, mesmo sem querer, e com a maior attenção, a cabeça para que estava olhando. Realmente, era dificil ver um typo de rosto mais fino, mais intelligente, mais nobre, e mais caracteristico.

Emmanuel de Bryon, não tinha barba, porque não era dos que suppõem que é das barbas que vem a originalidade do rosto. Ao contrario, estava convencido, e com razão, que não existe nas feições do homem, a menor linha inutil, e que a barba rouba sempre alguma coisa á physionomia. Era pallido, mas de uma pallidez nativa, suave, e distincta; os olhos eram azues, altivos e benevolentes; conhecia-se no seu olhar, que era ao mesmo tempo facil e indomavel; os olhos reflectiam-lhe a alma, tal qual era, nobremente entusiasta, mas nobremente ambiciosa; duas rugas prependicularares traçavam energicamente a força de vontade sobre aquella fronte tão joven ainda. Um ligeiro piscar de olhos fazia acreditar, quando olhava para alguma coisa, que não a julgava instantaneamente, e que tinha a necessidade de a observar mais detidamente para lhe comprehender a fórmula, ou abraçar a idéa. Um homem que tivesse taxado de impertinencia aquelle modo de olhar, seria inquestionavelmente um parvo. O nariz era direito, ajudando de um modo admiravelmente o todo, e o caracter typico do rosto. A bocca era ligeiramente arqueada; seria bastante ver esta parte do rosto de Emmanuel para o reconhecer por um homem d'espirito, de graça, e de

energia. Os dentes eram pequenos e brancos, os labios delgados, um pouco ressequidos pelo anuito fallar, e descorados pela assiduidade do estudo. Mr. de Bryon estava vestido de preto, não porque estivesse de luto, mas porque aquella cor se combinava melhor com a expressão da sua physionomia, e com os seus habitos.

Accrescente-se a tudo isto, umas mãos ao modo de Van Dyck, torneadas, com umas unhas rosadas, dedos compridos, mas de que Emmanuel devia evidentemente ter um cuidado minucioso, apesar do horror que elle tinha por tudo que aproxima o homem da mulher; estas mãos saiam de uns punhos de finissima bretanha artisticamente enroquelados, e fazer-se-ha idéa do todo de Emmanuel; sobretudo se tiverem reparado que é de pequena estatura, e que a aristocra-cia dos pés, correspondia perfeitamente á das mãos.

Mr. de Bay nunca deixava, cada vez que encontrava, ou via Emmanuel, de admirar pelo lado physico, aquella natureza tão imminente mente completa, e para a qual elle sentia uma attracção muito particular. Em quanto a Emmanuel, acabára por ser quasi magnetizado pela musica; de tal modo, que com as mãos appoiadas ao parapeito da friza, e a barba encostada ás mãos, escutava attentamente, com um prazer tão inge-nuo, com uma alegria tão franca, como se fosse uma creança, e estivesse pela primeira vez no thea-tro. O barão, depois de fazer o exame physico, que tantas outrasvezes fizera, e que no seu espirito com-

pletava a parte moral do seu amigo, affastou d'elle a vista, satisfeito de não ter encontrado a menor mudança nas linhas d'aquelle sympatico rosto; e como elle sabia *A judia* de cór, e como por assim dizer, uma voz interior lh'a cantava, antes do cantor, pegou no seu oculo, e começou a passar revista ás senhoras que occupavam os differentes camarotes.

Entre estas ultimas havia uma, que tinha o oculo tão obstinadamente fixo em Emmanuel, de quem não podia vêr mais do que o perfil, que mr. de Bay, procurou desde logo reconhecer-a; mas como ella tinha diante dos olhos um d'esses grandes oculos brancos, cuja moda começava então, e que quasi occultavam o rosto de quem os empunhava, foi-lhe necessario esperar que o oculo se abaixasse. Então foi o barão que começou uma escrupulosa investigação, que não escapou á senhora a quem se dirigia, e que nem mesmo parecia ser-lhe desagradavel, por isso que não fez o menor movimento para a evitar. N'este movimento cahio o panno: terminára o quarto acto, no meio de estrondosos aplausos.

— Diga-me uma coisa Emmanuel, disse mr. de Bay, tocando no braço de mr. de Bryon, que ainda se conservava mergulhado na sua admiração pela musica; conhece aquella mulher?

— Qual mulher?

— A que está no terceiro camarote de frente, a partir da porta da esquerda.

— A que está toda vestida de branco?

— Sim.

— Que tem um enorme ramilhete sobre o parapeito do camarote?

— Justamente.

— Não conheço. Por que fez a pergunta?

— Porque em todo o acto que acabou não dei-xou de olhar para o sr. Não me havia de admirar muito d'uma coisa.

— De que?

— Se fosse aquella mulher a que lhe escreveu.

— Mas que razão tem para o suppor?

— Por que, emfim, é indispensável que tenha sido alguem, e a sua insistencia, para tornar-se-lhe notavel, fez-me desconfiar que seja ella. Para quem lhe escreveu desejar que o sr. aqui viesse esta noite, é claro que contava aqui estar tambem; não lhe parece?

— De certo.

— Pois eu aposto que a carta foi escripta por aquella mulher.

— É possivel, disse Emmanuel, com certa negligencia.

— — — Mas parece-me que não se inquieta com isso?

— Que quer que lhe faça? Não lhe sou reconhecido senão d'uma coisa; é de me ter feito ouvir *A judia*, que no meio da minha laboriosa perguiça, nunca pensei em ouvir.

— Que homem este! Aquella mulher é encantadora, continuou o barão, começando a acreditar, que podia assertar o oculo para a desconhecida, sem excrupulo. Tem uns bellos cabellos pretos, no meio dos quaes é do melhor effeito

aquelle enfeite de veludo cér de cereja; uns dentes magnificos, um surriso de coraes e perolas, como dizem os poetas, a mais linda cér de peile, e umas sobrancelhas chacias de promessas. Oh! meu amigo, ha-de convir que é uma linda mulher. Veja aquelles hombros, aquelle braço, as mãos, e aquella cachemira vermelha bordada de oiro, sobre que está encostada, e que forma o contraste mais frisante com o seu vestido branco. Que artista! Emmoldurada assim no seu camarote, poder-se-ia achar-lhe similhanças com um quadro de Ticiano. Digo-lhe que é muito feliz Emmanuel.

Tudo isto tinha sido dito n'um tom meio convencido, meio caçoador, que fez surrir mr. de Bryon.

— Ora veja e admire, continuou mr. de Bay, dando o oculo a de Bryon.

A desconhecida, que, com o admiravel instinto das mulheres, tinha comprehendido que se fallava d'ella no camarote de Emmanuel, vio o movimento do barão, e desde logo tratou de procurar a posição que devia tomar para melhor se apresentar ao oculo de mr. de Bryon.

Nenhum d'estes promenores escapou ao barão, que, cada vez mais convencido, disse a Emmanuel:

— O que eu affirmo é que aquella mulher e a sua correspondente não são mais do que uma só pessoa. Demais, vamos já sabel-o; lá está o marquez de Grige que acaba de entrar no seu camarote: vou fazer-lhe signal para vir ter comnosco.

— O que eu vejo meu querido barão, é que se diverte com estas coisas.

— De certo, e muito.

Neste momento, o barão cumprimentou com a mão o mancebo que acabava de entrar no camarote da desconhecida, fazendo-lhe ao mesmo tempo signal, para que descesse, ao que o marquez respondeu por um movimento de cabeça afirmativo.

---

VII

Alguns instantes depois, entrava o marquez de Grige no camarote de Emmanuel; estendeu a mão a mr. de Bay, e comprimentou mr. de Bryon, a quem o barão o apresentou.

— Quem é aquella mulher tão encantadora com quem ha pouco conversava? — perguntou o barão ao recemchegado.

— Não a conhece? disse este ultimo n'um tom de admiração, e assentando-se, em quanto Emmanuel não parecia prestar grande atenção a este dialogo.

— Não conheço.

— É a bella Julia Lovely.

— Tem um nome ao mesmo tempo inglez e italiano; de que paiz é ella?

— É franceza, respondeu surrindo o marquez;

mas é uma franceza original. Olhe bem para ella, é impossivel que não a tenha já visto em alguma parte.

O barão assentou novamente o oculo para Julia.

— Com efeito, disse elle, não me é totalmente desconhecida.

— Assiste a todas as primeiras representações da Opera, e tem camarote nos Italianos.

— É isso, é isso, agora me lembro. Mas o que é ella? É alguma cortezã de primeira ordem?

— Pouco mais ou menos.

— Foi amante do duque de Pal...

— Exactamente.

— Já estou bem certo de que a conheço! Agora, meu amigo, asseguro-lhe que foi ella quem lhe escreveu, disse o barão, dirigindo-se a Emmanuel.

— Uma carta sem assignatura? — perguntou o marquez.

— Sim, respondeu surrindo, de Bryon.

— Tres ou quatro linhas apenas?

— Justamente.

— Um convite?

— Para esta noite, aqui.

— Foi ella, não o duvide: conheço os meios de que costuma usar.

— Então essa especie de cartas são usuaes n'ella?

— Já lhe disse, meu caro barão, que é uma mulher excepcional. Torna-se-lhe necessario em politica, em artes, ou em litteratura, possuir o homem que domine todos os oulros; o que contribue para me convencer que foi ella quem lhe escreveu, disse de Grige a Emmanuel. É uma mu-

lher que vive com immenso luxo, demasiadamente caprichosa, e que não tem dividas; tem apenas vinte e sete annos; é aborrecida pelas senhoras, e reune em torno de si os homens mais distintos. Ha quem diga que tem máo coração.

— Já foi seu amante? perguntou o barão.

— Nunca. Eu conheço-a do tempo em que foi amante de D... nosso grande pintor, e que era meu amigo. Foi ligação que durou pouco, mas eu continuei a visital-a. É preciso que lhe diga senhor de Bryon, que as ligações com ella são sempre pouco duradouras: Julia tem amantes como se tem uma bibliotheca ou um erbario. O que ella exige das summidades, não é o seu amor, é o seu nome. Quando possue dois, tres, ou quatro autographos amorosos, trata de se descartar de quem os escreveu, que fica, todavia, com o direito de continuar a visital-a como amigo, e a certeza de achar sempre um talher á mesa da sua antiga amante. Mas, tambem devo dizer, que com o caracter que lhe conheço, se ella um dia se sentir apaixonada por um homem, e que este a despreze como ella tem despresado os outros, deve ser uma mulher terrivel, e, o que é mais ainda, perigosa; porque, como pôde julgar, uma mulher que acha bons todos os meios para ter um amante, deve achar boas todas as armas para se vingar d'elle no dia em que elle a despresar.

— O marquez está-me assustando, disse Emmanuel n'um tom meio risonho.

— Quer que lhe falle com franqueza?

— Certamente.

— Não quereria estar no seu lugar.

— Porque?

— Porque, uma de duas: ou ella consegue possuir-o, ou não. No primeiro caso, como o sr. é um homem, principalmente para ella, superior a todos a quem tem pertencido até ao presente, há todas as probabilidades de que lhe inspire uma paixão verdadeira; no segundo caso, como ella nunca encontrou resistência em pessoa alguma, pôde apostar-se mil contra um, que o seu capricho se transformará em amor, o amor em ódio, e o ódio em vingança. Que poderá fazer-me uma mulher de similhante especie? me dirá o sr.: Quando uma mulher, por mais fraca que pareça, quer perder um homem por mais forte que se julgue, tem sempre meio de o fazer. Já vê que o previno; o sr. corre um perigo, e o que tem de mais terrível é que pôde atacar o seu mérito e reputação.

— Agradeço a advertencia, respondeu Emmanuel, mas estou quasi certo de escapar a esse perigo.

— Não serei imperilente, perguntando como?

— Saio de Paris, d'aqui a dois dias.

— Por muito tempo?

— Por dois mezes, ao menos; é natural que durante esse tempo o seu capricho mude de direcção, se ella é tão volvel como o sr. acaba de dizer.

— Não o creia; não muda senão depois de ter possuido. É muito regrada no meio do seu luxo; não põe de parte os seus vestidos senão

\*

quando já os não pôde usar. Terá talvez outros amantes, durante a sua ausencia; mas, esteja certo de uma coisa, é que ella só amará ao sr. não deixando de o perseguir apenas tiver noticia da sua volta.

— Felizmente Emmanuel é um grande politico.

— Com os homens, disse mr. de Byron, mas não com as mulheres. Sobre esse assumpto, confessó a minha ignorancia. Mas nós temos raciocionado sobre hypotheses. Quem pôde affirmar que a carta seja de Julia? Quem sabe se, sendo d'ella, não passará d'um gracejo? Quem sabe se, não sendo um gracejo, não passará d'um capricho a meu respeito? Seja o que fôr, não me mette medo, e desejo muito nunca correr maior perigo do que este; e depois, se fôr absolutamente preciso sucumbir, sucumbirei.

— E fará muito bem. Ao menos se d'ahi resultar algum mal, será depois de ter produzido algum prazer, porque, enfim, é uma creatura encantadora.

— Lá isso é, murmurou o barão; e não se me dava de estar no logar de Emmanuel.

— Eu digo o mesmo, accrescentou o marquez.

— Disse a Julia que vinha a este camarote; perguntou o barão a de Grige.

— Disse.

— É de certo por isso, que ella agora olha mais obstinadamente para cá, do que antes. Mostre-se um pouco; parece que está com vontade de o chamar, mas assim não o vê.

O marquez avançou a cabeça fóra do camarote,

e com effeito vio Julia, que apenas o appercebeu lhe fez signal, para lhe ir fallar.

— Vae-se tratar do sr., disse de Grige dirigindo-se a Emmanuel. Se souber alguma coisa de novo, virei dizer-lho.

Abrio e fechou brandamente a porta, porque havia alguns instantes que tinha começado o quinto acto, e dirigio-se ao camarote de Julia.

— Que tinha mr. de Bay a dizer-lhe? perguntou ella, apenas o marquez se assentou.

— Conhece mr. de Bay!

— Muito.

— Pois elle apenas a conhece pelo nome?

— É o amante da condessa d'Hermi.

— Deveras?

— Elle mesmo.

— Está bem certa?

— Certissima.

— D'onde o sabe? É a primeira vez que oíço similhante coisa.

— Mas eu tenho um segredo para penetrar os mysterios.

— Qual é?

— Olho.

— E quando não vê?

— Advinho.

— É um meio incerto.

— Está enganado, é certíssimo; a prova é que nunca me engano. E mr. de Bryon, que lhe disse?

— Nada. Não falla senão na camara.

— Então é um puritano?

— Porque pergunta isso?

- Para saber, unicamente.
- Parece que d'esta vez não lhe é suficiente o seu segredo.
- Não graceje; conheço-o melhor do que o senhor.
- Sem contar, se me não engano, que tenciona cultivar o seu conhecimento.
- Não sei o que quer dizer.
- Que mr. de Bryon lhe deve agradar, e que dentro em pouco o contará no numero dos seus amigos
- Porque não?
- A menos que elle não esteja completamente absorvido por outra coisa; por um amor, por exemplo.
- Está enamorado?
- Não, mas não está livre de o estar.
- Então não passa d'uma suposição o que disse.
- Sim, mas que não deixa de ter já uma certa base.
- Creada por elle? perguntou Julia.
- Não por uma mulher.
- Joven?
- Tem a sua idade.
- Bonita?
- Tanto como a sr.<sup>a</sup>
- Diabo! E é espirituosa?
- Exatamente o seu genero.
- Como se chama?
- Julia Lovely.
- Julia, apesar de habituada a estas situações,

não pôde evitar um subito rubor, que não escapou a de Grige.

— Mas o que o fez suppor semelhante coisa?

— Uma carta.

— Que o sr. viu?

— Sim.

— Assignada?

— Não, mas cuja letra se me não engano, se assimelha muito á sua.

— O sr. está louco.

— Tanto melhor!

— Porque?

— Porque aquella que escreveu a mr. de Bryon corre o risco de não ser attendida.

— Pelo menos esta noite não deixou de o ser.

— Sabe o que dizia a carta?

— Bem vê que advinho algumas vezes.

— De certo, mas creio que a segunda tentativa, não produzirá o mesmo resultado á bella anonymous.

— É o que veremos.

— Pelo que vejo toma o seu partido?

— Talvez.

— Então tem de se apressar.

— Porque?

— Porque mr. de Bryon sabe de Paris d'aqui a dois dias.

— Faz-me um favor, marquez? diz ao meu criado, que está no vestíbulo, que mande chegar a carroagem?

— Não está até ao fim?

— Não.

— Sente-se incommodada ?

— Não, tenho pressa de sair.

— Nesse caso, corro a obedecer-lhe.

Cinco minutos depois, já de Grige estava de volta no camarote de Julia.

— A carroagem espera-a, lhe disse elle.

— Acompanha-me ?

— Não, fico.

— Para prevenir o inimigo ?

— Ou para ajudar a formular o tratado.

— Não o julgo capaz d'isso ?

— Quem sabe ? Gosto immenso da gente feliz.

— Quando tornarei a vel-o :

— Depois da victoria.

— Até cedo, adeos.

— Adeos.

Julia e a sua amiga, que não proferira uma unica palavra, e que a Lovely só levava consigo, unicamente por não estar só, despediram-se do marquez, o qual, voltando ao camarote de Emmanuel, lhe disse apenas entrou :

— Aconselho-lhe que esteja em guarda ; é com effeito ella.

Quando as duas mulheres se acharam na carroagem, disse a amiga de Julia ?

— Para que confessaste que tinhas escripto.

— Sei muito bem o que fiz, respondeu Julia mirando-se no espelho que mandára collocar na dianteira da carroagem ; quem te disse que não desejo ser traída ?



## VIII

A primeira coisa que o creado de Emmanuel lhe entregou, apenas chegou a casa foi uma carta, cuja letra era similar à da primeira, e assinada por Julia Lovely. Dizia-lhe, que, visto ter sido tão prompto em cumprir um primeiro desejo, lh' o viriam agradecer no dia imediato pela manhã.

Por mais forte em política que fosse mr. de Bryon, nem se quer um instante suspeitou as intenções de Julia, e se consultasse a vaidade em coisas d'esta ordem, teria acreditado, ao deitar-se, que tinha inspirado uma paixão. Mas Emmanuel tinha atirado com a carta para cima do fogão, contentando-se em dizer ao creado :

Se amanhã de manhã vier uma senhora procu-

rar-me, quer diga o seu nome quer não, manda-a entrar, e vem previnir-me.

E mandou retirar o creado; depois, em logar de se deitar, como se teria podido acreditar vendo-o tirar a gravata, a casaca e o colete, assentou-se á meza, e, continuando o trabalho que tinha interrompido para sair, deixou-se absorver completamente pelo pensamento. Passados dez minutos, nem ao menos se lembrava da carta que recebera. De espaço em espaço, repetia em voz alta, o que tinha escripto, depois, a estes monologos seguiam-se prolongados silencios, durante os quacs o unico ruido que se sentia era o da pendula, e da pena correndo sobre o papel. De vez em quando passava pela rua uma carroagem, mas o nocturno trabalhador, estava sem duvida costumado áquelle especie de interrupções, por que não conseguiam distral-o do seu trabalho.

Quem não conhecesse Emmanuel senão pelo seu caracter e reputação, ter-se-hia admirado da mobilia do quarto em que trabalhava; mas quem uma vez o tivesse visto, e notado os instintos aristocraticos, que ainda ha pouco descrevemos, não se sentiria, de certo, surprehendido, por ver que tinham sido esses instintos, quem presidira á elegancia e á commodidade da sua habitação. Emmanuel era par de França; era um homem integro, leal, e sincero. Os seus costumes encerravam toda a austeridade que é necessaria ao pensador, e ao trabalho consciencioso. Pertencia á opposição mais avançada, e as ques-

tões mais graves e importantes, eram-lhe familiares. Era não sómente um forte espirito, mas um sabio politico, e a sua sciencia do passado não contribuia pouco para firmar as suas convicções sobre o futuro. Assim, como há pouco diziamos, quem não conhecesse d'elle, senão os seus discursos e talento, teria podido imaginar um homem calvo, com cincuenta annos de idade, com uma habitação simples e severa como os seus costumes, mas se esse alguém fosse admitido a visitar o grande orador, ficaria sobremodo admirado, por se ver n'um verdadeiro quarto semenil, todo doirado, perfumado e lépido como um ninho de tutinegras. De que procedia tão apurado esmero? Procedia de que Emmanuel comprehendia o bello e a grandeza em tudo; em moveis como em politica, em artes, como em moral. Estava tão certo de que a sua reputação não tinha nada a receiar, que se entregava livremente a todos os seus goslos. Não dormia mais do que tres ou quatro horas em cada noite, mas dormia n'uma cama macia, elegante e rica; não era dos que acreditam que a austerdade se deve sustentar até no repouso. Raras vezes procurava saber da vida dos outros, absorvido como andava em seus pensamentos e trabalhos; mas quando o intentava, queria que tudo concorresse para o distrair. Possuia quadros dos mais notaveis mestres, antigos e modernos, e comia em serviço de prata, carne de vacca e batatas, por que não se julgava obrigado a comer outra coisa além d'aquillo de que gostava. Depois, não

admittia, que, sob o pretexto de que se é um homem superior, se deve fazer pagar por uma fadiga ou um aborrecimento qualquer, áquelles que os visitam, o prazer de os ver. Gostava que toda a gente que o visitava, fosse qual fosse a sua esphera social, artistas, ou gentishomens, encontrassem em sua casa todos os seus habilos, que se assentassem commodamente, e tivessem sempre boas coisas, ao alcance, quer da vista, quer das mãos.

Agora, acreditar-se-ha, talvez, que de tempos a tempos aquelle quarto tão elegante era visitado por alguma dama mysteriosa, velada, e á qual a grande posição de Emmanuel tinha inspirado uma paixão adultera? Pois não succedia assim. Emmanuel não tinha amante, não porque desprezasse as mulheres; ao contrario, amava-as demasiadamente e temi-as. Estava convencido que duas grandes paixões não podem ter logar no mesmo coração, sem que uma seja aniquilada pela outra. A politica era a grande paixão de Emmanuel; vivia só para ella. O amor não lhe tinha aparecido até alli senão como uma distração, e muitas vezes como uma necessidade. Tinha tido occasião para as melhores fortunas, e desprazera-as; em primeiro logar porque receava o imperio que uma mulher superior teria podido exercer sobre elle, e depois porque aborrecia a mentira, e porque sentindo que nunca amaria uma mulher, nunca tinha querido dizer-lhe que a amava. Não tinha amantes, tinha mulheres. Amava-as, como as amava o imperador, como as amam to-

dos os grandes espiritos, ocupados d'uma grande obra, e que não tardam nunca em se convençerem de que o amor é um obstaculo a todas as ambições. Como um viajante apressado que não descobre ainda o ponto ao qual necessita chegar, e que, em seu longo caminho, colhe de tempos a tempos uma flor, para lhe aspirar o perfume, Emmanuel, de tempos a tempos fechava-se com uma mulher; em vez de se servir do seu nome para inspirar um capricho, só se servia da atração do dinheiro ou do prazer, e quando, pela manhã, a mulher saia de sua casa, levava talvez, uma recordação, mas não se poderia gabar de deixar uma similitante. Entre tanto, do mesmo modo que possuia as melhores coisas, tinha as mais lindas mulheres, n'essa classe, bem entendido, onde só se exige das mulheres a belleza physica.

Agora que os nossos leitores conhecem um pouco mais Emmanuel, devem comprehendê-lo mais facilmente a sua indifferença por Julia Lovely.

Foi, pois, mais do que um inimigo, foi um indiferente que ella encontrou, quando no dia immediato se apresentou em sua casa. E Julia era realmente linda. Emmanuel não a tinha ainda visto senão de longe, quasi em toilette de baile, num camarote da Opera, rodeada de flores, e então, via-a simplesmente vestida, envolvida na sua cachemira, sem nenhum dos accessórios da vespera, sendo não obstante, obrigado a convir, que era sempre bela. Foi, pois, com um sentimento de ingenua admiração, que a convidou a assentá-se, e que se assentou junto d'ella.

— Devo parecer-lhe muito indiscreta, disse Julia, com desembaraço, e pondo-se muito á sua vontade, como se conhecesse Emmanuel ha muitos annos; mas fazendo tudo isto mais com aquella graça que só se adquire na boa sociedade, do que com a indifferença caracteristica da cortezâ.

— Indiscreta em que? respondeu Emmanuel. Não vejo na sua visita, ao contrario, senão muita bondade e indulgencia para com um pobre solitario, que não ousaria nunca dirigir-se-lhe.

— E isso por uma unica razão: por que nunca lhe teria merecido attenção. Conlicço bem as suas idéas a respeito das mulheres.

— As minhas idéas sobre as mulheres são sempre as mais lisongeiras.

— Physicamente, talvez, mas a influencia moral sei que l'h'a recusa.

— Confesso, que assim sucede algumas vezes, mas não espero senão a occasião de mudar de opinião, respondeu Emmanuel, encarando Julia, e dizendo consigo mesmo que a tagarelice indispensavel que preside á primeira conversação que se tem com uma mulher moça e bonita, não chega nunca a comprometter.

— Permita-me que lhe diga, que falta á verdade, e que acredita, que se encontrar uma mulher superior, não sómente não a amará, mas que 'até fugirá della.'

— N'esse caso como sucede que esteja ainda aqui? por que, se não me engano a senhora é de certo a mulher superior de quem fugiria.

— Talvez. O senhor de Grige esteve hontem no seu camarote?

— Esteve.

— Disse-lhe alguma coisa a meu respeito?

— Disse.

— O que foi?

— O que eu já sabia, que é uma mulher d'espirito.

— Unicamente?

— Unicamente.

— Apenas conversamos ha cinco minutos, e já mentio duas vezes; é demasiado, mesmo para um diplomata, e sobre tudo a uma mulher.

— Então o que quer que elle me tenha dito?

— Disse-lhe que tenho tido amantes.

— Mas isso, julgo que o não oculta.

— De certo.

— Logo, podia dizer-mo.

— Não lhe quero mal por isso. Disse-lhe tambem que tinha sido eu quem lhe escrevera.

— Apenas o supoz.

— Bem vê que tinha razão.

— Foi mais uma lisonja para mim, do que uma critica para a senhora.

— Não lhe disse mais nada?

— Mais nada.

— Então vou ajudar-lhe a memoria, que ás vezes o trahe, o que é muito natural, sendo a lembrança d'uma mulher, como eu, um bem pequeno acontecimento na vida d'um homem como o sr. Disse-lhe que me apaixonava por todas as celebridades, e que por isso o amava.

— Pelo que vejo repetio-lhe a nossa conversaçāo.

— Não, mas conheço-o bastante para adivinhar o que elle disse.

— Bem! adivinhou.

— Agora, eis o que o sr. disse consigo mesmo: Esta mulher quer-me contar no numero dos seus amantes, porque Paris falla em mim, como um libertino, quer juntar á lista das suas amantes uma mulher da moda. Será uma ligação como todas as que tenho contraido, ligação inutil por consequencia, e que não servirá senão para me fazer perder tempo, e atrazar o meu caminho. Chegou mesmo a hesitar se me devia receber, não é verdade? Falle francamente; não está na cāmara.

— É verdade.

— E se consentio em me receber, é porque parte d'aqui a dois dias, e por isso está certo de me escapar. Isto não o adivinhei, disseram-me.

— Não é menos verdade.

— Por consequencia recebeu-me esta manhã, continuou Julia fixando em Emmanuel os seus grandes olhos pretos, por politica, desejando talvez, que o deixe o mais depressa possivel.

— O que acaba de dizer era talvez verdade ha uma hora, mas agora não o é de certo.

— Palavra de gentilhomem, ou de diplomata?

— Palavra de gentilhomem.

— Então fallemos livremente; as perguntas terminaram, vamos ás confidencias. Ha tres mezes que o amo, mas a ponho de perder a cabeça. Pa-

rece-lhe extraordinario que uma mulher lhe falle assim, e lhe faça uma declaração, que qualquer homem ousaria apenas balbuciar; mas além de que eu não sou notavel pelo meu pudor, sou conhecida pela minha franqueza. Se mais cedo o não procurei, é por que senti que d'esta vez não era, nem á minha phantasia, nem aos meus sentidos que obedecia, mas sim ao coração. Resolvi submeter-me a uma prova. Isolei-me, desliguei-me do meu amante, que até então julgára adorar. Quiz experimentar se o enfado me lançaria de novo nas minhas distracções d'outro tempo, ou se o amor que sentia me preencheria a existencia para que o resto do mundo me fosse indiferente. Impuz-me, disse Julia surrindo d'um modo que bem provava o quanto algumas vezes lhe deveria ter sido dolorosa similar prova, impuz-me uma viuvez de tres mezes, e hontem cheguei ao ultimo dia sem ter esmorecido. Hoje estou segura de mim: tenho a certeza de que o amo!

A posição era embaraçosa para Emmanuel. Acreditar cegamente o que lhe dissera Julia teria sido fatuidade; tratá-la como todas as mulheres que tinha tido até então, seria uma cobardia, porque era possível que tivesse dito a verdade. Depois, um homem, quando é moço, e por mais fortificado que esteja contra o amor, sente, a seu pezar, o imperio da mocidade, e da vaidade, essa eterna juventude do coração, ferver-lhe no cerebro e influenciar todas as suas resoluções. Reflectindo, havia ainda mais. Que interesse teria Julia em ir

dizer-lhe francamente similarente coisa, se o não tivesse pensado, e não fosse levada aquella confissão pelas impaciencias e desejos do seu amor? É verdade que no dizer de mr. de Grige, aquella especie de resoluções residiam nos habitos de Julia; mas o que Emmanuel acabára de ouvir, fôra dito n'um tom tão sincero, com uma franqueza tão espirituosa, e tão bem acompanhado de olhares e surrisos concludentes, que, a seu pezar, sentio de repente alguma coisa no espirito e nos sentidos, por aquella mulher, que o obrigou a estender-lhe as mãos.

— Succeda o que succeder, dizia elle comsigo mesmo, ou eu me engane ou não, não accepto uma grande responsabilidade.

E reflectindo d'este modo, olhava para Julia e cada vez a achava mais bella, mais realmente tentadora.

Julia percebeu facilmente o effeito que tinha produzido, porque, quasi sem interrupção continuou:

— Escute, Emmanuel; o sr. é só, sem familia, sem amigos, porque os admiradores não são amigos; não tem amor a coisa alguma, excepto á sua ambição, porque é ambicioso; mas a ambição é uma d'essas amantes, que como Messalina, sente-se algumas vezes fatigada, mas nunca saciada; é uma d'essas paixões que dominam, e que não é possivel dominar. É-lhe necessario que ame alguma coisa entre os seus amigos e a sua ambição; alguma coisa que o ame, que o adore, que lhe obedeça, e que seja dominada pelo sr.; um

ser que seja seu, que se torne o seu escravo, o seu cão; que o sr. possa deixar e tornar a acceptar, segundo a sua phantasia; que o distraia e o console: uma verdadeira amante, emfim. Quer que seja eu tudo isto?

E como Emmanuel não respondesse senão com o olhar, continuou:

— Sei bem que não pôde amar-me assim de repente, e talvez mesmo, que o passo que dei hoje sirva de obstáculo ao seu amor e confiança; mas submetta-me a uma prova, exija de mim um sacrifício qualquer, porque o farei, ficando-lhe ainda reconhecida.

— Não lhe pedirei senão uma coisa, respondeu Emmanuel levando aos labios as mãos de Julia.

— O que será?

— A permissão de lhe repetir esta noite, em sua casa, o que acabou de me dizer aqui.

— E partirá amanhã?

— Se me acompanhar.

Os olhos de Julia brilharam de alegria.

— Mas então, esta noite? repetiu ella.

— A que hora?

— Às nove horas; mas não vá dizer-me que me não ama.

— Ficarei até pela manhã dizendo-lhe o contrario; agrada-lhe?

Julia por unica resposta, offereceu os labios a Emmanuel, cujo coração batia violentamente, porque havia n'aquellea mulher, o quer que era que evocava o desejo, e que podia durante

algum tempo enganar a alma com os sentidos, e fazer-lhe acreditar que era amor o que sentia.

— Sim, sim, disse ella; vejo que me comprehendeu.

— Como somos fracos, murmurou Emmanuel apertando Julia nos braços, e sentindo, atraído da eacheimira, que a envolvia, os impulsos convulsivos, que a agitavam; eu que tinha jurado a mim mesmo que nunca amaria uma mulher, e quando isso me acontecesse, nunca lho dizer! Até hoje tinha sustentado a minha resolução.

— É por que nunca tinhas encontrado uma mulher que te amasse como eu te amo, meu Emmanuel, respondeu Julia, que parecia não poder resistir mais aos conselhos dos sentidos; é que ainda nenhuma mulher t' o disse como eu, e sobre tudo, continuou ella, fechando os olhos sob a esperança da voluptuosidade promettida, como t' o direi esta noite.

Era preciso que Julia tivesse, quer em theoria quer em practica, todos os recursos physicos e moraços, que podem circumscrever instantaneamente o espirito d'um homem, e submetê-lo ao imperio da paixão, como o milhafre envolve sob o seu vôo circular a perdiz, ou um outro passaro qualquer, que não pode deixar o seu logar, e que, todavia, vê diante de si a immensidade da planicie, e a liberdade. Emmanuel estava tão certo de dominar sempre os sentidos, que, apenas Julia sahio, e se achou só, sentiu-se por as-

sim dizer, espantado da scena que acabára de se passar. Via-se atraido para aquella mulher por um encanto irresistivel e fatal; conhecia o que sentia, conhecia que era a atração do prazer, elle, o homem dos grandes estudos, e dos costumes austeros. Conservava d'aquelle visita, contra a qual se acreditara fortemente armado, a fadiga moral, que rouba ao espirito a energia e a resolução. Julia envolvera-o n'um tal perfume de voluptuosidade, que, até ao momento de a tornar a vér, não respiraria senão fogo; deixára-o n'esse grau de paixão, em que o homem se julga convencido, que a mulher que mais tem amado, e que mais poderá amar, é a que tem n'esse momento nos braços. Julia offereceu-se bastante, para que Emmanuel soubesse a esplendida natureza de que era dotada, para que lhe podesse surprehender os thesouros da forma, e por consequencia do prazer, que se occultavam sob a sua cachemira; mas ainda assim, não se dera completamente, deixára no espirito do seu amante o que bastava de realidade para completar a beleza do sonho.

— Se eu amasse esta mulher! foi a primeira idéa de mr. de Bryon, depois de Julia sair.

Quanto a ella, quando subio para a carroagem, tinha completamente reparado a desordem da toilette, o rosto apresentava-se tão socegado, como se saisse de casa da sua modista, e disse ao cocheiro, com uma voz em que não se descobria a menor commoção:

— Ao ministerio do interior.

Passado um quarto de hora parava a carroagem á porta do palacio do ministro, e Julia entregava pela sua mão ao porteiro uma carta, que este foi logo levar ao secretario particular de s. ex.<sup>a</sup>

## IX

Até á noite, conservará-se Emmanuel sob o imperio da visita que tinha recebido, e na expectativa do que poderia resultar. Como o homem por mais forte que seja, sente fundir toda a sua força, em frente da vontade de uma mulher, como a cera em presença do fogo! Era evidente para Emmanuel, e era o que mais o espantava, que tinha um lado vulnerável e accessível a essas commoções do coração, que tanto havia afastado até então, por que até então, como já dissemos, não encontrára em suas passageiras ligações, uma natureza que se approximasse á de Julia. Era a primeira vez que a imagem d'uma mulher se lhe fixava assim no espírito, e que o fazia debater entre estes dois sentimentos: o arrependimento de a ter recebido, e a esperança de a tornar a vêr.

Entretanto o thesouro de vontade que Emmanuel tão pacientemente accumulára não podia perder-se de todo com as primeiras promessas d'uma mulher; mas, devemos dizer-l-o, não via senão um meio de se esquecer de Julia, e esse meio, era possuir-a. Attribuia o que sentia ao desejo, procurando defender ainda a alma dos ataques do amor.

— Depois de satisfeitos os sentidos, pensava elle, ficará esta mulher sendo para mim o que tem sido todas as outras.

Às nove horas da noite estava em casa de Julia, a quem encontrára tal qual o tivera deixado. Unicamente, ao vestido de seda e ao chale tinha sucedido fim penteador branco que se entreabria sempre a propósito, deixando ver tudo o que à vista só podera adivinhar. Julia morava na rua Taitbout n'uma bella casa, citada pela sua elegancia e commodidade. Ninguem como ella sabia o que convinha ao amor. Sabia perfeitamente que, para o homem que faz a sua primeira visita amorosa, não deve existir senão a mulher que vae possuir, e por consequencia rodeava a sua queda de tudo que a podesse poetisar. Era a cortezã, mas a coriezã experimentada, que já não se fia sómente nos seus encantos, e que se socorre aos recursos do espirito, e aos atrativos do luxo. Entrando em sua casa, o homem que ia ser seu amante, achava-se de subito isolado do mundo e das outras mulheres que tivesse podido ver. Respirava uma atmosphera nova, e depois de fechada a porta do quarto, não saberia como

saisse, e ainda mesmo que o soubesse, não o teria tentado. Flôres, rendas, tapetes, perfumes, tudo concorria para o mesmo fim; sentiria que tinha ido alli para ser embriagado por todos os prazeres terrestres. Nem o mais pequeno ruido exterior chegava até ao feliz iniciado, e o quarto, sem eco, não repetia uma unica syllaba das extraordinarias palavras, que tantas vezes ouvira, e que, a uma certa hora, pareciam sair dos ornatos que as tinham abafado, e envolver o seu amoroso concerto aos perfumes excitantes d'aquelle asylo.

O vestuario de Julia correspondia completamente ao todo do quarto. Quando Emmanuel chegou, estava deitada sobre um sofá, tendo apenas vestida a camisa, e um grande penteador de cambraia branca, que, em resultado dos movimentos que fizera desde que estava n'aquelle posição, subira um pouco, deixando descobertos os pés, e uma pequena parte das pernas. Ora, ou fosse por coquetteria, ou por costume, tinha as pernas nuas, e segurava apenas com os dedos dos pés, umas chinelinhas de setim, que pareciam cair-lhe a cada momento. Apresentava, e sem pertença, a indolente posição das mulheres do Oriente. É escusado dizer que os pés eram pequenissimos, e brancos como leite, e que as pernas eram feitas, como as de lidas as mulheres que as deixam ver.

Quando Emmanuel se aproximou de Julia estendeu-lhe a mão ardente e febril, fazendo-lhe comprehender pela pressão da mão a causa da febre.

Abster-nos-hemos de contar o que se passou a partir d'este momento, até á hora em que Emmanuel entrou em sua casa. Tudo o que podemos avançar, é que, depois, que passára das suposições á certeza, sentia-se ainda mais assustado.

Uma hora depois de ter chegado, annunciaram-lhe o barão de Bay.

— Bom dia, charo amigo, disse o barão, entrando. Vinha com receio de não o encontrar.

— Porque ? respondeu Emmanuel estendendo a mão ao seu amigo.

— Porque vim hontem ás nove horas e meia, e o seu creado teve a indiscripção de me dizer que não ficaria em casa esta noite. Pelo que vejo, está tudo feito. A bella Julia Lovely sucumbio, ou antes, foi o meu amigo que sucumbio á bella Julia.

— Ora !

— Que diz ? é uma creature admiravel. Acabo agora mesmo de a encontrar ; é realmente digna do sr.

— Acaba de a encontrar ?

— Ha um instante.

— É extraordinario ! Ha apenas uma hora que a deixei.

— Não obstante era ella.

— A pé ?

— Não ; de carroagem.

— Onde iria ella ?

— É precisamente o que não sei. Haverá por ahi ciumes ?

— Não, de certo.

— Tome cuidade, meu amigo; porque, depois do que ouvi dizer, se tiver ciumes, tem com que se enterter.

— Como é que soube?..

— Fallei d'ella no club.

— Conhecem-na alli?

— Toda a gente. Sou talvez eu o unico do club que não a conhece particularmente.

— D'esse modo, é com effeito uma corteza?

— Sim; mas todos concordam em que é de todas as cortezas de Paris, a mais intelligente, ambicionavel, e rica.

— Tem fortuna?

— É indispensavel que a tenha para suslentar o luxo em que vive. Se não a tivesse, como poderia ter vivido tres mezes sem amante?

— Então esteve só, tres mezes?

— É verdade.

— Logo não me mentiu?

— O que ella tem de mais notavel, é que faz dos seus amantes outros tantos amigos, e como tem escolhido os seus amantes na melhor sociedade, succede que não ha duqueza, como nos disse de Grige, que tenha um cortejo tão agradavel, e servidores tão assiduos, como ella. Mas ha n'esta mulher uma coisa que faria com que eu, se estivesse no seu lugar, desconfiasse d'ella.

— O que é?

— O ser muito instruida para o mister que exerce, e muito discreta para a posição que ocupa. Conhece os seus amantes, desde as suas familias até ás suas opiniões; analysar-lhos-ha a to-

dos, e nenhum d'elles poderá dizer, donde ella procede, nem mesmo o que fez durante o tempo em que foi sua amante. Está sempre corrente nos negócios mais inacessíveis ás mulheres as mais distintas ; tem um modo de suprehender a confiança, que faz com que no fim de certo tempo de intimidade com ella, se torne uma confidente em vez de uma amante. Ha quem diga que a fortuna que possue é proveniente dos segredos de que tem sabido apoderar-se, e que tem vendido áquelles a quem interessam: mas o que ha de mais extraordinario, é que aquelles de quem ella tem assim tirado partido, são os seus mais calorosos amigos, e sinceros partidarios. Acautele-se Emmanuel, essa mulher possue o segredo de alguma das magicas da antiguidade. Julia partecipa das qualidades de Aspasia, de Circe, de Messalina, e de Cleopatra, concorrendo todas para a tornar irresistivel: acautele-se. Ha-de subjugal-o pelo espirito e pelo prazer, e na sua posição é necessario não estar á descripção de similhante feiticeira.

— Tem rasão, meu amigo ; agradeço-lhe o conselho. Tudo o que acaba de me dizer, já eu o tinha persentido, e, convenho, que esta mulher possue o quer que é, que nunca encontrei em nenhuma outra. O que receio, não é que ella me arranque os meus segredos; não os tenho, e mesmo quando os tivesse, sou demasiadamente habituado ao silencio; mas receio que me absorva de mais, e que me confisque o tempo e o pensamento. Felizmente ainda não é tarde, e amanhã tudo estará acabado.

— É o que deve fazer. Mande-lhe cem luizes, e não pense mais n'isso. É mesmo desnecessario que ella saiba, que o meu amigo a julgou diferente de qualquer outra mulher da sua especie. Está convencionado, não é assim ?

— Está convencionado.

— Sabe o quanto sou seu amigo, acrescentou o barão estendendo affectuosamente a mão a Emmanuel, e por isso não vim aqui esta manhã senão para lhe dar este bom conselho. Esta ligação poderia ser mal interpretada pelos que tem interesse em mal interpretar as menores acções da sua vida, pelos seus inimigos, em fim ; é o que não deve succeder. O sr. tem diante de si uma bella e magnifica carreira, não se affaste d'ella. O menor incidente pôde destruir tão bello futuro. Repare bem onde põe os pés, e não ame senão aquelles ou aquellas que forem dignos do seu amor, senão pôde dispensar-se d'amar, o que seria muito melhor. Então sempre partimos ?

— De certo.

— Àmanhã ?

— Àmanhã.

— Muito bem. Não me quer mal pelo que lhe disse ?

— Está louco ?

— Àmanhã virá a carroagem buscal-o.

— A que hora ?

— Às dez horas ; convém-lhe ?

— Seja às dez horas.

— Partirá sem saudades ?

— Esteja ranquillo, tanto mais que quando o

meu amigo entrou já eu estava decidido a partir.

Mr. de Bay apertou ainda uma vez a mão a Emmanuel, e despediu-se. Alguns instantes depois entrou o creado de mr. de Bryon e apresentou a seu amo uma carta, que acabava de lhe ser entregue. Emmanuel reconheceu logo a letra; era de Julia, e continha estas palavras:

«Entre hontem e hojo existe um abysmo de duvidas para ti, e de receios para mim. A que hora virás, pois, dizer-me que não duvidas, e que não devo receiar?»

— Esperam a resposta? perguntou Emmanuel ao creado.

— Não, senhor; respondi que tinha saído, como me fôra recommendedo.

— Bem, podes retirar-te. Em seguida leu segunda vez o bilhete de Julia, accrescentando:

— Sou obrigado a confessar, que é bem feliz, quem tem a liberdade das suas impressões, e não deve a ninguem conta das suas acções.

---

X

Para que o leitor mais facilmente encontre explicaçāo ao subito imperio que Julia exercera sobre Emmanuel, é indispensavel que conheça alguns pormenores da juventude de mr. de Bryon.

O velho conde de Bryon, como nos parece já ter dito, fôra nomeado par do reino, por Luiz xviii. Ora o pariaato, n'aquellea época, era mais uma recompensa do que uma missão, e a perfeita incapacidade de mr. de Bryon teria sido facilmente reconhecida, se Luiz xviii se dêsse ao trabalho de tomar conhecimento de alguma coisa.

Em consequencia, Emmanuel fôra criado como um gentilhomem destinado a não se ocupar de coisa alguma, e a ser par de França depois da morte de seu pae, do mesmo modo que este o tivesse sido. O joven de Bryon acceptará volun-

tariamente aquelle genero de educação, sempre seductora para um mancebo, não pedindo nada de mais. N'esta época de sua vida, tinha-se lançado nos prazeres, que seu pae ainda não abandonará — o jogo, as mulheres, e os cavalos. Mas, de tempos a tempos assaltava-o a idéa de que teria um dia um mandato politico a cumprir, e a cumprir conscientemente, porque não seria como para seu pae, uma recompensa de serviços e desfidelidade. Comprehendera que o principio de heriditariedade era um privilegio destinado a cair em abuso, e por consequencia a ser destruido, mais tarde ou mais cedo, se aquelles que d'elle se achavam investidos não vissem n'elle mais do que uma sinecura, juntando ao seu nome mais aquelle titulo, sem lhe satisfazeren as exigencias. A partir d'este momento, a resolução de Emmanuel fôra fixada, affastára-se sem esforço da sua vida de outro tempo, e, muito joven ainda, tinha-se embrenhado no arido caminho da politica, dos homens e das coisas. Era d'ahi que provinha a força de vontade que formava a base da sua vida, e essa necessidade de luxo exterior de que não tinha podido completamente separar-se, e mesmo porque não era indispensavel que se separasse.

Repetimos ainda, em materia de consciencia, Emmanuel era um puritano, mas em materia d'amor não o era. Interpretava a palavra *coração*, como a interpretava Baufiers, concedendo-lhe exigencias, que se concedem ao cerebro e ao estomago, e nada mais. Como já dissemos, não eram

para elle senão umas *lindas coisas*, não se occupando nunca em lhes sondar a politica do coração, essa outra politica mais mysteriosa, e mais difficult que a dos reis e dos povos. N'uma palavra, lia todos os jornaes, todos os livros sérios, desde a primeira até á ultima límba; passava noites inteiras n'essa tarefa, mas teria adormecido no meio do primeiro capítulo d'um romance de Balzac, se alguma vez tivesse a idéa de o ler, mas nunca a teve, felizmente, para Balzac. E todavia, acreditava conhecer o coração humano: Louco! que não sabia que é no estudo das mulheres que se aprende a conhecer os homens.

Julia tinha, pois, destruido por um momento as prudentes theorias de Emmanuel, e para isso fôra sufficiente que conversasse alguns instantes com elle. Julia, ou fosse porque realmente amasse Emmanuel, o que em breve saberemos, ou fosse porque tivesse um interesse qualquer em fazer-se amar por elle, tinha desenvolvido, para lhe agradar, todos os recursos physicos e moraes, de que a natureza e a civilisação a tinham dotado. Uma primeira noite d'amor, por mais desejada que tenha sido, por mais ardente que seja, não se passa sempre entre dois amantes, quando são um pouco intelligentes, a provarem brutalmente que se amam, e a dormir em seguida. Ha mesmo, acalmados os primeiros transportes, uma nova voluptuosidade, em conversar em voz baixa, á pálida claridade d'uma luz duvidosa, com a mulher que se ama, e a tomar um conhecimento sem reserva com a parte immaterial da sua amante.

A mulher, possue, depois de se entregar, maior expansão no coração, mais franqueza na palavra, mais doçura na voz. Comprehende que acaba de se dar toda inteira, e que o espirito deve, em certos casos, soccorrer-lhe os sentidos.

Então, com as faces divinamente córadas, os olhos meio fechados, os cabellos em desordem, e o peito nú, apoia-se sobre a mão, e, contemplando o homem a quem se entregou, e a quem o seu instantaneo abandono, tornou seu senhor, tem um momento de triumpho e de alegria, vendo-o tão fraco como ella. Depois, toma-lhe as mãos, e com uma voz cheia ao mesmo tempo de recordações e de promessas, faz-lhes d'aquellas mysteriosas perguntas, que só se dizem em voz baixa, em todas as línguas do mundo. O homem, n'esse momento, acredita que toda a sua vida amará aquella que assim lhe falla; treme só com a idéa de uma separação. O coração procura concentrar todas as illusões, aves de resplandecentes plumagens, que ora se mostram, ora desapparecem, e, quando já não encontra phrazes assaz persuasivas para a convencer do seu amor, é porque a energia dos seus affagos, vai além de tudo o que poderia exprimir pela palavra.

A primeira noite que Emmanuel estivera com Julia, passara-se, pouco mais ou menos, d'este modo. E, pensar que chega uma época em que se pronuncia, algumas vezes com desprezo, não menos vezes com odio, e quasi sempre com indifferença o nome da mulher, com quem se passaram tão bellos instantes! Todavia se os homens

e as mulheres o quizesscm, haveria um meio para obstar a que essa época chegasse; seria o não terem senão um d'esses sonhos durante a vida, não se sujeitando nunca a segunda prova. N'este caso, haveria ainda um certo mysterio em tal abandono; e bastante encanto em recordal-o. A mulher ter-se-hia dado bastante, para que o seu amante tivesse a convicção de a ter possuido, e para que se despertasse, cada vez que se encontrassem, uma recordação tanto mais doce e suave, quanto ella se aproximava da duvida; mas não a teria possuido bastante, para chegar á saciedade. Quando sentimos muita sede, o primeiro copo d'água que bebemos, causa-nos um prazer infinito, a metade do segundo causa-nos apenas prazer, e a idéa de beber terceiro, quasi que nos horrorisa. O que é pós o amor, senão a sede do coração?

Crêmos que não haverá homem algum, a quem não tenha sucedido, ao menos uma vez na vida, ver uma mulher, amal-a, obter d'ella uma entrevista, e possuirl-a. No dia immediato, os ciumes de um marido, os receios que não tinham sido previstos na vespéra, uma partida, tudo o que pôde suceder, em sum, separaram-no d'essa mulher. Não conservou sempre d'ella a memória mais doce e terna? Quando está só, não é o seu nome o que primeiro lhe ocorre ao espírito, procurando animar-lhe a solidão? O que ella lhe concedeu, não lhe fará pensar perpetuamente, no que lhe poderia ter ainda concedido? Não será essa mulher, para elle, o que para o viajante é o fructo que

só uma vez saboreou, o sitio que só um dia vio, e que não mais tornará a ver? Não se sentirá elle, em qualquer situação que esteja, impellido subitamente para ella, experimentando uma infatigavel necessidade de a tornar a ver, e de a amar ainda? Felizmente essa necessidade nunca se sacia, porque a realidade commun, não destroie o agradavel sonho d'uma noite, e porque o tumulo que se lhe erigio na alma, está sempre ornado de novas flôres. Entretanto, se, passados alguns annos, o acaço o colloca em presença d'essa mulher, se a barreira que o separava d'ella se destrui, offereça-lhe a mão como a uma amiga, mas não tente ligar a realidade ás suas recordações. Será terminar com uma banalidade um periodo cheio de espirito. Forceje por não amar n'ella senão a mulher d'outro tempo, o seu amor poetico. Cada vez que a encontrar, pular-lhe-ha o coração como no tempo da juventude; achará n'ella, como um sorriso eterno a que nunca deixará de corresponder. Vel-a-ha envelhecer sem que a sua primeira impressão envelheça. Os olhos que nunca se cançaram em contemplal-a, continuarão a só ver n'ella a fresca e bella criatura que uma vez lhe pertenceu. Será como a flôr que recorda um dia feliz: as folhas podem murchar, o perfume desappacer; mas ha um outro perfume que nunca perderá: o do objecto que recorda. Essas recordações são como os diamantes, o estojo que os guarda pôde envelhecer, os diamantes são sempre novos. Se ao vel-a-fôr bastante forte para resistir ao desejo que na-

turalmente o arrasta para ella, nunca perderá as suas illusões. Estará sempre seguro de encontrar no deserto da sua vida um verdejante oasis, onde repousar, e no vacuo que lhe ficar na alma, um nome sempre consolador. Coisa alguma lhe poderá destruir o encanto d'essa amante de um dia. Poderá ella amar outros homens, chegar mesmo a prostituir-se; terá sempre um cantiño no coração que coisa alguma poderá penetrar; haverá n'ella uma primeira mulher ao abrigo da segunda. E tudo isto será tão verdadeiro, que, por mais corrompida que ella esteja, não precisará mais do que aproximar-se-lhe, e acordar-lhe do fundo do coração essa recordação adormecida, para a fazer surrir, ou chorar; e quando uma mulher chora, ou surri, nunca ha motivo para desesperar.

Ora, se voluntariamente se fizer o que o acaso faz muitas vezes, chegar-se-ha ao mesmo resultado; mas, confesso que será muito difícil fazer comprehender a uma mulher, que para a amar sempre, é necessaria uma separação rapida. O homem que fizesse similhante proposta, seria accusado d'indifferença, d'ingratidão, e até mesmo despresado, como querendo tratar a mulher que dizia amar, como se fôra uma cortezã. E todavia, uma tal proposta, seria a felicidade! Todos sabem como terminam os casamentos por amor.

Agora, que, por assim dizer, começamos um curso d'amor, vamos procurar tornal-o completo; uma vez que encefamos uma digressão, havemos de percorrel-a até ao fim.

A curiosidade é o grande principio, o grande motor do amor. Este homem amar-me-ha d'outro modo que meu marido ? — dizem consigo as mulheres, quando tentam tomar um amante. — Esta mulher dir-me-ha o mesmo que as outras ? — pergunta a si mesmo o homem que procura uma nova ligação.

Poderia sempre responder-se a ambas as perguntas: será exactamente a mesma coisa, que não terá, para a mulher senão o attrativo do mysterio, e para o homem o da mudança e variedade.

Uma vez admittido o principio, de que tanto os homens como as mulheres só enganam por curiosidade, principio incontestavel, por que foi a este unico peccado que a Escriptura ousou fazer succumbir Eva, é facil combatel-o, pelos mesmos meios — pela mulher e pelo homem.

A sua amante, meu caro leitor, gosta da variedade, e o sr., ama a sua amante. Muito bem ; lisongeie-lhe o gosto não sendo sempre o mesmo homem. Apresente-se-lhe sempre com um aspecto diferente; diligencie que ella o não conheça completamente á primeira vista. Como um economico que poupa o seu dinheiro, procure poupar as suas qualidades ; conserve sempre um lado impenetravel. Surprehenda-a ; adopte todas as formas, e variedades que agradarem ao seu caracter. Faça-se Protheo por amor, para que ella encontre no sr. o que pôde querer procurar n'outro. Siga, não só com a vista, mas com o coração todas as necessidades da sua organisação. Advinhe-lhe os

pensamentos. Seja assaz confiante para lhe provar o seu amor. Affaste-a, mas sem violencia, das occasiões, que a possam tentar. Não se lhe apresente nunca demasiadamente grave, porque pôde aborrecer-lhe; nem muito superficial e ligeiro, porque lhe pôde dar má idéa de si. Nunca se esqueça que a mulher tem o quer que é de creança, e que necessita, tanto de folguedo, como de protecção. Procure recordar-lhe, o mais convenientemente possível, todo o valor do coração da mulher; não lhe falle no passado, senão com a maior precauão. Costume-a à idéa de que o futuro de ambos é inseparável. Lisongei-a sobre a sua toilette, como se ainda lhe fizesse a corte; sucede muitas vezes que o amor se prende no coração por fios da maior subtilidade. Nunca exponha theorias em sua presença, porque pôde fazer-lhe nascer o desejo de lhas contrariar. Finalmente viva em perfeita harmonia com ella; e se depois de tudo isto, for enganado, é porque, decididamente a mulher que o sr. ama não tem coração.

Mas, dir-me-ha: o que me aconselha, tornar-se-ha a minha ocupação de todos os intantes. Deixarei de ser um amante, para ser uma sentinelha, e não poderei ocupar-me em mais coisa alguma.

Responder-lhe-hei, que é só aos que fazem do amor o grande assumpto da sua vida, que eu me dirijo, e esses, de certo, me comprehenderão. Em quanto aos que não vêem no amor senão um prazer, uma distracção, ou uma necessidade, a esses

não dou conselhos; não os precisam: tem a sua mocidade ou o seu dinheiro, que é tudo quanto lhes hasta.

Já sabemos o quanto Emmanuel estava longe de ter em amor os principios que acabamos de apresentar, porque as suas theorias eram as que já dissemos: poder-se-ia mesmo collocal-o na categoria d'aquelles de que fallámos em ultimo logar. Mas devemos confessar, que as primeiras reflexões que fizemos, o acommelheram tambem, e que elle as havia acceptado como um excellente meio de illudir o perigo que tanto temia.

— Julia, pensava elle, é a única mulher que me inspirou um desejo, e em quem tenho pensado depois de o satisfazer. Se continuo a vel-a, posso apaixonar-me por ella, e como será indispensavel, que mais tarde ou mais cedo se rompa esta ligação, scrá por consequencia uma grande somma de desgostos, que terei preparado pelas minhas mãos. Sejamos, pois, forte. Julia é uma mulher espirituosa, e por isso acceptará uma ruptura original. Acabemos com isto, desde já, em quanto não temos de que reciprocamente nos reprehendermos. Segundo me tém dito, tem enganado todos os seus amantes; eu quero ser o unico a quem ella não engane, e um dia virá em que nos recordaremos com prazer dessa noite que passamos juntos. Além de tudo isto, parto amanhã, e a minha ausencia fará o resto.

Emmanuel contava muito com esta ultima razão, que julgava ser a melhor; todavia tinha um vago pressentimento de que as coisas não corre-

riam, como elle imaginava, e que, de qualquer modo que fosse, esse desejo, a que tinha succumbido, teria, mais tarde ou mais cedo, influencia sobre a sua vida. Era possivel que não passasse de um pressentimento chimerico, e talvez proveniente de ser Julia a primeira mulher que tinha chegado, por um instante, a distrair-o dos seus trabalhos. Em consequencia de todas estas reflexões, meditava sériamente na resposta que daria á carta que acabara de receber, e nas boas razões de ruptura, que pertendia apresentar. Vamos entretanto deixal-o entregue ás suas meditações, e ver o que Julia fazia durante este tempo, e qual a razão porque tinha saido tão apressadamente, depois de Emmanuel regressar a sua casa. Parecemos que não será isto de pouco interesse para o leitor.

---

Como se devem lembrar, Julia ao sair na véspera de casa de Emmanuel, tinha-se dirigido ao ministerio do interior, onde havia deixado uma carta, que fôra imediatamente entregue ao secretario do ministro. A carta, continha apenas estas palavras:

«Esta noite. Até ámanhã.»

Era assaz mysterioso, e comtudo era o que hastava para ser comprehendida, porque o ministro pareceu satisfeito depois de ter lido a carta, que logo queimou, sem ter precisão de a ler segunda vez.

No dia immediato quando Emmanuel saio de casa de Julia, vestio-se esta á pressa, mandou *pôr* a carroagem, e foi novamente ao ministerio. N'este trajecto é que o barão a encontrou.

Davam dez horas quando ella chegou á porta do ministro. Apeou-se, subio as escadas, como quem conhecia a casa em que se achava, abrio a porta da sala em que se achavam os amanuenses, que se ergueram ao vel-a entrar, cumprimentando-a respeitosamente.

— Deseja que dê parte da sua chegada? perguntou-lhe um delles.

— Não é necessario, respondeu ella; e foi entrando.

Abrio com a maior familiaridade uma das portas, que se achavam no corredor, e que era a do gabinete do secretario. Este ultimo, que era um mancebo, levantou a cabeça ouvindo passos, e vendo que era Julia, deixou o seu lugar, e veio recebel-a, dizendo:

— Então como passas, minha linda madrogadora?

— Perfeitamente, e o teu ministro?

— O ministro espera-te.

— N'esse caso vae previnil-o.

— Tens muita pressa, pelo que vejo? disse o mancebo apertando a mão de Julia, e olhando para ella de modo a fazer-lhe comprehender o que não dizia.

— Esta manhã, respondeu ella, repelindo-o, não posso perder tempo.

— Realmente?

— Realmente.

— E as novidades?

— São magnificas.

— Mr. de Bryon?...

— Depois o saberás. Vae prevenir o ministro; não te demores.

O secretario abrio uma porta e desappareceu. Julia olhou machinalmente para o que elle começava a escrever, na occasião em que ella entrára, e vendo que era coisa sem importancia, assentou-se em presença do espelho, admirando a sua propria belleza; depois, encostou a cabeça a uma das mãos e começoou a reflectir, o que muitas vezes lhe succedia, quando estava só.

Qual poderia ser o objecto das suas reflexões? Em que teria pensado qualquer mulher, a quem em vinte e quatro horas tivesse sucedido tudo o que sucedera a Julia? Seria o novo amor, ou o novo amante, quem assim lhe absorvia o espirito? Tudo o que podemos dizer, é que quando o secretario voltou estava ella tão profundamente absorta, que o não sentio.

— Podes entrar, lhe disse elle tocando-lhe no hombro. Em que pensas tu? accrescentou, vendo-a tão preocupada.

— Não tens nada com o que eu penso.

— Estarás tu apaixonada por acaso?

— Quem sabe?

— Has-de contar-me isso.

— Veremos.

— Voltas por aqui?

— Volto.

Em seguida passou ao gabinete do ministro, que estava assentado, quando ella entrou.

Era um homem de cincuenta e cinco annos, com os cabellos já grisalhos. O rosto era grave e

altivo, os olhos pequenos e vivos, a bocca secca, os dentes brancos e pequenos. As suas feições denotavam ao mesmo tempo, socego, ambição, força de vontade, e astúcia. Conhecia-se á primeira vista, que era uma superioridade.

— Bom dia, Julia; disse elle, indo correr o fecho de uma outra porta do seu gabinete.

— Bom dia, senhor ministro, respondeu Julia, assentando-se tanto a seu commodo como se estivesse em sua casa. Parece-me que v. ex.<sup>a</sup> está muito alegre, esta manhã.

— Bem sabe, Julia, que fico sempre alegre quando a vejo.

— Mas porque?

— Porque nunca me procura sem que me traga uma boa noticia.

— E porque as boas notícias são raras para v. ex.<sup>a</sup>, não é assim? Continua a estar satisfeito com o seu secretario particular?

— Muito.

— V. ex.<sup>a</sup> deve confessar que foi um excellente presente que lhe fiz.

— Confesso, de certo.

— Pobre rapaz. Sabe v. ex.<sup>a</sup> que foi bem feliz em me conhecer?

— Como assim? perguntou o ministro, surrindo.

— Se me não tivesse conhecido, não teria um emprego de quinze mil francos.

— É verdade; mas se não a tivesse conhecido, não estaria arruinado.

— V. ex.<sup>a</sup> acredita isso? Ter-se-ia arruinado com uma outra, que se contentaria em o pôr fóra da

porta; porque essa outra não teria nem o meu reconhecimento, nem as minhas protecções; acrescentou Julia inclinando-se em frente do ministro, em signal de agradecimento.

— Então que novidades temos? perguntou o ministro, que parecia ancioso por chegar de prompto ao facto que promovera a visita de Julia.

— Do estrangeiro?

— Não, do interior.

— V. ex.<sup>a</sup> está bem ao facto do que se passa entre os nossos vizinhos?

— Estou.

— De tudo?

— De tudo.

— Como está o rei da Sardenha?

— Perfeitamente bom.

— V. ex.<sup>a</sup> está mal informado; está quasi a morrer.

— Quem lh' o disse?

— Aurelia.

— Quem é essa Aurelia?

— É a amante do embaixador da Sardenha. Ora, como v. ex.<sup>a</sup> sabe, o pobre embaixador é já muito velho, de sorte que tomou uma amante, para provar que o não é. Todas as noites, das nove até á meia noite, vae estar com ella. Mas é indispensável que estas tres horas se preencham de algum modo: então, para se desculpar do seu... como lhe chamarei? do seu silencio, diz-lhe que está preocupado com os negocios do seu paiz, e, convençido de que ella não comprehende coisa alguma em similhantes assumptos, revela-lhe, com a maior

emphase, os segredos da Sardenha. No dia immedio conta-me ella tudo, bocejando ainda, e eu venho repetil-o a v. ex.<sup>a</sup> O embaixador dá por isto tres mil francos por mez a Aurelia. É indispensavel que v. ex.<sup>a</sup> se convença que a policia exercida pela mulheres, é a melhor de todas as policias.

— E essa Aurelia, é ainda muito nova?

— Tem vinte annos.

— Deve enfastiar-se bastante com tudo isso.

— Não se enfastia, porque tem um outro amante.

— Quem é?

— O primeiro secretario da embaixada de Inglaterra.

— Williamis S...

— Exactamente.

— E esse?

— Conta-lhe do mesmo modo os negocios do seu paiz.

— Por insufficiencia, como o outro?

— Não; por leviandade, e sem saber o que faz.

— Então o que se passa entre os nossos vizinhos d'alem mar?

— Coisa alguma que v. ex.<sup>a</sup> não saiba melhor do que eu; porque se as minhas amigas tem amantes na embaixada ingleza, v. ex.<sup>a</sup> tem uma amante em Inglaterra, e de tal especie, que só ella sabe mais do que todos os embaixadores. É uma coisa magnifica ser amante d'um ministro.

— Não obstante tem-mo recusado bastantes vezes.

— Por que v. ex.<sup>a</sup> apenas o deseja pela politica. Não sou uma senhora de alta jerarchia para des-

empenhar o papel, que a amante de que fallei desempenha em Inglaterra; mas tenho bastante intelligencia e espirito para desempenhar com v. ex.<sup>a</sup> o papel que Aurelia representa com o seu embaixador.

— Então sou-lhe eu similhante?

— Depois dos cincuenta annos, todos os diplomatas se assimelham, em amor.

— Asseguro-lhe que se engana, a meu respeito.

— É possivel. Em todo o caso, preso mais o meu erro, do que desejo a realidade. Voltemos ás coisas sérias. Sabe v. ex.<sup>a</sup> que a missão que aceitei, é ás vezes difficult de preencher?

— Pois encontra difficultades?

— Atraiçou-o todos os meus amigos.

— Em primeiro logar, amigos não existem.

— É justo; mas existem amantes, quando se é mulher.

— Pois bem, quando os atraiçoe um pouco, não faz mais do que tomar a iniciativa sobre elles.

— Todavia, é mal feito.

— Mas de que nascem esses remorsos?

— Nascem de que ha homens que não são como os outros.

— De quem falla?

— V. ex.<sup>a</sup> sabe-o tambem como eu; e tambem está convencido de que elle não é como os outros homens.

— Por isso não encontrei senão Julia Lovely que fosse capaz de sair victoriosa da empresa.

— E se eu desertar para o inimigo?

- Não a julgo capaz d'isso.
- Poderia, não é impossível. Bem sabe que elle não tem cincuenta annos.
- Pois esse homem, que, segundo dizem, nunca amou ninguem, apaixonar-se-ha?
- Eu não disse isso.
- Nesse caso a paixão, é da sua parte.
- Ninguem deve responder pelo futuro, mas é possível que assim venha a succeder.
- Diabo! Mas isso é terrível para mim.
- E para mim!
- Vejamos; já fallou a Emmanuel?
- Já.
- Foi a sua casa?
- Fui.
- Quando?
- Hontem.
- E quando saio?
- Esta manhã.
- Não foi má a partida.
- Apesar de jogar a sangue frio, confessó que tenho medo.
- Então esse homem tem todas as vantagens a seu favor?
- Nem mais, nem menos; e depois, nós outras, as mulheres, assimilhamo-nos á polvora; não precisamos senão d'uma fagulha para nos incendiar.
- Está-me assustando, Julia; nunca a ouvi falar assim.
- Emfim, sr. ministro, farei o que poder para cumprir a minha palavra, mas uma tal victoria

ser-me-ha contada por duas, porque, se triunphar d'elle, é porque triumphei de mim.

— Escute, Julia ; fallemos sériamente, porque a situação é grave. Este homem é forte ; é mais forte do que eu. Tenho tentado todos os meios de o perder, sem o ter conseguido ; esta é a minha ultima esperança. É indispensavel que Emmanuel se apaixone, ou então está tudo perdido.

— Ha-de apaixonar-se. Entretanto, sr. ministro, sinto que não terei mais coragem para o atraíçoar a elle do que a v. ex.<sup>a</sup> Farei tudo o que poder para o prender, para o affastar dos negocios publicos, para o fazer abandonar a politica. Falhei viajar, matal-o-hei, se fôr indispensavel, como uma mulher mata o homem a quem ama. V. ex.<sup>a</sup> aproveitará a posição ; vence-o-ha em quanto dormir. Terei sido sua cumplice na intenção mas não o serei no facto. Emmanuel teme o amor ; o amor é o seu unico lado vulneravel, por isso que tanto se tem affastado d'elle. Ha-de amar-me ; eis tudo o que posso fazer...

— É quanto desejo.

— Se v. ex.<sup>a</sup> soubesse que especie de homem elle é !

— Demais o sei !

— Que firmeza de sentimentos ; que delicadeza de coração !

— Conheço-o tambem pelo receio, como a sr.<sup>a</sup> pelo entusiasmo.

— Ainda ha-de ser seu collega.

— Feliz seria eu se elle não fosse mais do que meu collega ; o que eu temo é que elle seja o meu

substituto. Denais, o seu interesse Julia, é que elle não chegue ao ministerio.

— Porque?

— Porque se elle me substituir, perde de certo uma grande fortuna.

— Quer dizer, que a terei duplicada.

O ministro mordeu os labios.

— Supponha v. ex.<sup>a</sup> que o atraíço-o, para lhe fazer ganhar a partida, a elle; julga que é homem que se esqueça?

— Então o que sente por elle, tem tanto de amor como de ambição?

— É muito possivel. Diante de v. ex.<sup>a</sup>, nunca occultei as minhas más paixões; mas v. ex.<sup>a</sup> bem sabe, que sou reconhecida, e que nunca me esquecerei de quanto lhe devo. V. ex.<sup>a</sup> fez consular o conde de C..., meu antigo amante que, desde essa época, me estabeleceu uma renda de mil escudos; concedeu-me uma pensão para M... que me deu cincuenta mil francos; fez nomear secretario de embaixada a Henrique de... que não me havia dado coisa alguma, mas por quem eu me interessava; condecorou o visconde, que acredita, ou antes, quer fazer acreditar que descende dos reis da primeira raça, e que me deu vinte mil francos, por essa cruz de diamantes, que comprou a credito; o que me é completamente indiferente; tomou por secretario particular um homem que eu tinha amado, pagando-lhe assim o juro de capital, que eu lhe tinha consumido; fez obter uma concessão de caminho de ferro ao meu primeiro amor, que na véspera d'essa concessão, me pre-

senteou com duzenias accções, que eu vendi no dia immediato, com um interesse de quatro centos francos cada uma; v. ex.<sup>a</sup> mesmo tem a extrema galanteria de me mandar, de tempos a tempos alguns milhares de francos, dos seus fundos particulares; empregou meu irmão; sou-lhe quasi necessaria, e devo-lhe a minha fortuna presente: não esqueço nada d'isto. Emmanuel de Bryon incomoda-o, é um inimigo muito forte; v. ex.<sup>a</sup> precisa de auxilio para o poder vencer, lembrou-se de mim, e disse-me: «Seja amante desse homem, e procure prival-o de que me guerreie. Ame-o como Messalina amou Chereas, para o perder. Surprehenda-lhe os seus segredos, se os tiver, ou faça com que os tenha.» Confesso que prometti tudo isto a v. ex.<sup>a</sup>, porque de ha muito que lhe pertenço, e porque, como a minha vida é uma continua venda, quiz que a minha prostituição servisse ao menos para coisas grandes. É esta uma vaidade como qualquer outra. Sou, pois, amante de Emmanuel, o primeiro passo está dado; mas, torno a repetir; ha um tal encanto n'este homem; uma tal embriaguez para a mulher em se julgar amada por elle, que hoje, apenas me comprometto a cumprir a minha palavra; e se tem algum grande segredo, de que v. ex.<sup>a</sup> possa usar contra elle, e que seja surprehendido por mim, preccio muito que lho não diga.

— Pois bem, Julia; não lhe peço senão uma coisa: é que o ame. Amal-a-ha elle tambem?

— Assim o creio.

— Se a sua saude se fatigar, accrescentou o mi-

nistro com um olhar significativo, faça-lhe compreender o quanto lhe será proveitosa uma viagem, e levo-o consigo; o seu triunfo será imenso, Julia, se conseguir arrebatar completamente á política esse homem, que até hoje, só tem vivido para ella. Que victoria para o amor!

— V. ex.<sup>a</sup> graceja; pois não é bom gracejar com coisa alguma:

— Mas, tente o que lhe disse.

— Nunca julguei que elle fosse tão terrível, para v. ex.<sup>a</sup>, bem entendido.

— Não o nego.

— Mas porque?

— Porque é, ao mesmo tempo, ambicioso e virtuoso, e porque possue as virtudes proprias das suas paixões. Os homens assim são sempre terríveis.

— É a primeira vez que o meu coração se sente interessado, nos serviços que presto a v. ex.<sup>a</sup>

— Isso é de mau agouro.

— Não para mim, porque ganho sempre, seja quem for que atraíçoe.

— Ao menos que apesar das suas traições, Emmanuel não chegue a conseguir o que eu tanto receio.

— Por isso só atraíçoarei v. ex.<sup>a</sup> em metade. Adeos sr. ministro, conte comigo! Darei talvez o coração a Emmanuel, mas a cabeça é de v. ex.<sup>a</sup>

— Adeos, Julia, até cedo.

O ministro beijou a mão a Julia, que saiu do ministerio depois de ter conversado cinco minutos com o secretario particular.

Julia dissera a verdade; sentia por Emmanuel o que nunca sentira por ninguem. Assim, como

as mulheres, mesmo as mais corrompidas se entregam algumas vezes ao seu primeiro impulso, entrou em casa, com a alegria no rosto; porque, como não deve ter esquecido, escrevera a Emmanuel, antes de sair, e esperava encontrar uma resposta.

Não tinha vindo coisa alguma. Esperou até á noite sem poder comprehender um tal silencio.

Às oito horas, pouco mais ou menos, recebeu uma carta, e um estojo, que encerrava um bracelete de diamantes. A carta dizia o seguinte:

«Minha bella Julia. — Saio de Paris. — Depois do que hontem se passou, uma mulher vulgar julgar-me-hia indiferente, mas a sr.<sup>a</sup> que muito bem se conhece, deve ter rasão para acreditar que tenho medo. Se a não amasse, ficaria.

«Permitta-me que lhe offereça este bracelete. «Não é um presente, é uma recordação. — EMMA-  
-NUEL DE BRYON.»

— E eu que o amava! murmurou Julia empalidecendo ao ler a carta. Não sabe quem eu sou, sr. de Bryon!

Em seguida mandou pôr a carroagem, foi á casa do secretario do ministro e disse-lhe:

— Verás ainda hoje o ministro?

— Com toda a certesa.

— Mostra-lhe esta carta, e diz-lhe, que agora, pôde contar comigo.

— E que queres que faça da carta?

— Se quizeres vai ámanhã levar-ma.



## XII

No dia immedio, foi o barão buscar Emmanuel, que, desde a vespera, tinha dado ordem para que dissessem que já tinha partido; precaução inutil, porque Julia não só o não procurára, mas nem mesmo lhe escrevera. Mr. de Bryon e mr. de Bay partiram. Emmanuel estava encantado do modo porque terminára as relações com Julia. O tempo estava excellente, a estrada era magnifica, a carroagem não podia ser melhor, por consequencia a jornada era para invejar.

— Apresental-o-hei ao conde, disse mr. de Bay a Emmanuel; que se julgará muito feliz por tomar conhecimento com o meu amigo. Verá alli uma casa encantadora, um homem de espirito, uma senhora adoravel, e duas meninas alegres como avesinhos ao despontar a aurora. Além de tudo,

temos então uma tapada magnifica, para as nossas caçadas.

Por mais que Emmanuel dissesse que ia para a província para trabalhar; era indispensavel que cedesse aos desejos obsequiosos do barão; por conseguinte foi convencionado que seria apresentado no dia immediato á sua chegada.

O barão dirigiu-se a casa do conde, em quanto Emmanuel tomava o caminho do seu castellinho, distante uma meia legoa da habitação do conde. Mr. de Bay foi recebido com a maior alegria, mesmo pelas duas meninas, e deu parte ao conde da liberdade que devia tomar no dia immediato, de lhe apresentar Emmanuel. Em todo o serão não se fallou senão do sr. de Bryon, da sua posição, da sua fortuna, da sua familia, do seu talento, integridade, e coragem; finalmente, de todas as virtudes que se citam d'uma pessoa por quem se tem grande sympathia. No outro dia, eram onze horas, anunciaram Emmanuel.

O conde d'Hermy, sabendo que mr. de Bryon lhe devia ser apresentado, tinha mandado montar a cavallo um dos seus creados, para levar a mr. de Bryon uma carta, em que o convidava para almoçar; advertindo-o além d'isso, que mandára preparar os cavallos para uma caçada.

Feita a apresentação foram para a meza. Tanto o conde como a condessa examinaram com atenção o rosto d'aquelle homem, de quem tinham ouvido contar tantas coisas; e, como sucede sempre em similhantes circumstancias, a conversação caio sobre as questões de que Emmanuel

se achava preoocupado, e sobre as que o conde desejava ouvir-lhe discutir.

— Então que fez hontem? perguntou mr. de Bay.

— Trabalhei, respondeu Emmanuel.

— Pois, já?

— É verdade. Escrever palavras, e mais palavras, como disse Hamlet.

— De certo, mas palavras uteis.

— Quem sabe? Em politica, as palavras que hontem eram uteis, serão inuteis amanhã.

— Mas não para aquelles, que, como o sr., têem triumphado no passado, e estão senhores do futuro.

— Magnifico triumpho, na verdade; sou forte porque sou só. Porque, muito moço ainda, coloquei-me acima das illusões da minha idade, e porque o mundo que me vê sobre um pedestal, não quer saber se esse pedestal é feito com as pedras d'um altar, ou com o marmore de um tumulo. Triumpho; mas sei o que esse triumpho me custa; conheço quaes os sentimentos e virtudes que me tem sido preciso immolar, para o poder alcançar.

— Ora vamos, meu charo Emmanuel, não se queixe sem rasão. A gloria politica não é coisa para desdenhar; aqui está o sr. conde que bastante vezes a inveja.

— Se deseja seguir um bom conselho, sr. conde, renuncie a essa vida que v. ex.<sup>a</sup> ainda não encarou senão d'um lado; disse Emmanuel a mr. d'Hermi. Deixe a ambição, que é mais do que

uma paixão, que é um vicio, áquelles que não tem, nem familia, nem amigos, nem fortuna; áquelles que a fatalidade lançou sós na terra, e que, não podendo amar, querem ao menos, odiar, porque toda a paixão, e sobre tudo esta de que se trata, é baseada n'um odio. É só depois de destruir que se pôde reconstruir. O coração vae-se concentrando de tal modo, que chega a desaparecer de todo, e em seu lugar só se vê, como na aguia do Norte, um brazão e uma divisa. Acredite-me sr. conde, conserve o seu reposo, e a sua fortuna, e ame a sua familia; v. ex.<sup>a</sup> possue uma senhora, e uma filha que o amam, tem um castello real, que mais do que tudo isto pôde v. ex.<sup>a</sup> desejar amar? Inimigos? invejas? remorsos, talvez.... O que lhe digo é a verdade: a alma perde-se apenas se reveste com essa tunica de Nessus a que chamam ambição, que brilha, mas que queima.

— E todavia...

— E todavia, continuou Emmanuel, vae v. ex.<sup>a</sup> dizer, porque não renuncio eu a essa vida de que pertendo livrar os outros? Por que é que o homem que cae ao mar, em pleno Oceano, não pôde salvar-se imediatamente? É porque não avista nenhuma praia para onde possa dirigir-se, e por isso tem de lutar e morrer no sitio em que cahio; é por que uma vez mergulhado n'esta atmosphera ardente, é custoso deixal-a, porque nos é insufficiente o ar que os outros respiram; é porque o coração habitua-se a estas commoções quotidianas, a estas invejas, e a estes odios, e que

se se abandona este genero de vida, corre-se o risco de morrer de aborrecimento. Mas se eu não tivesse herdado de meu pae idéas ambiciosas, se eu não tivesse de tão cedo velar só por mim, se tivesse conhecido alguma affeição real, não teria nunca entrado n'nm tal labyrintho de paixões. Infelizmente eu era d'aquelles, que se deixavam entusiasmar por uma phrase brillante. Quando ouvia os nossos grandes oradores, dizia comigo mesmo, que havia um dia subir á mesma tribuna, e ardia em desejos de possuir a mesma eloquencia. Eu tão quasi que não dormia, passava as noites estudando. A mocidade, que outros a quem chamam loucos, e que o eram, talvez menos do que eu, passavam em divertimentos, e em amores fáceis, desperdiçava-a eu, entre um livro e a luz d'uma vela. O meu coração aberto para as coisas grandes, fechava-se para as coisas suaves e doces, e consumia-se no seu proprio fogo, sem ter alumiado ninguem, sem se aquecer a si mesmo. Não era assaz alegre para ter um amigo, vivia muito isolado para ter uma amiga. Como o judeu amaldiçoado por Deos, caminhava para um pensamento, sem parar, e parece-me que no dia em que meu pae morreu, exclamei: Emfim! Com effeito, a contar desse momento, o meu sonho tornava-se palpavel e sensivel. Ja ser alguma coisa, depois de não ter sido por muito tempo senão uma pessoa. As questões d'Estado que eu estudava longe dos debates pareciam-me mal julgadas. Cheguei á camara cheio de idéas novas, e acreditei que, pela minha vez poderia destruir para edificar de-

pois. Tive que sustentar luctas terríveis, mas como, felizmente, tinha a consciencia tão forte como a voz, triumphei. Mas o que esse triumpho me custou de vigilias e de insomnias, o que mè foi preciso amontoar no coração e no cerebro, é impossivel dizer; e, laureado como estava, confesso que teria preferido a essa bella posição creada pelos homens, a que Deos concede ao mancebo independente e livre, que passa alegremente com a sua noiva pelo braço, e o coração cheio de amor.

— Bem lh'o dizia, meu caro conde, interrompeu o barão, surrindo, Emmanuel tornou-se misanthropo.

— Não é tanto assim, meu amigo. Não se detesta os homens senão quando se começam a conhecer. Quando de todo se conhecem, esquecem-se. São mais loucos do que maos, por isso não os odeio. Nas questões que tenho sustentado contra elles, não é um homem que eu ataco, mas sim uma idéa; não é nunca ao coração, mas á cabeça, que eu dirijo os meus golpes. Depois de tudo, a nossa natureza é tão mudavel, os nossos pensamentos tão pouco fixos, que seria necessário ser o proprio Deos para termos o direito de nos queixar-mos dos outros. O que ha de verdadeiramente grande e bello no mundo, não é essa gloria ficticia, apoz de quem todos correm, uns por caminhos direitos, outros por atalhos; não é essa reputação, que faz com que, quando se passa, os outros homens se affastem, e nos olhem talvez com admiração, talvez com inveja; não é o ter ao peito uma fita vermelha, que de todos

os lados nos criticam, esperando arrancar-nos com ella uma porção do coração. O que é verdadeiramente grande no mundo, é tudo o que Deos creou; é esta paisagem animada, e sem ruido, que temos diante dos olhos, são estas flores, estes campos, estas aves que formam o magnifico concerto, de que não se ouve uma unica nota, quando se vive no cahos da cidade. Torno a repetir-lho sr. conde, conserve o seu repouso, repare na náturesa, no centro da qual vive. É possivel imaginar coisa mais bella, do que este horizonte tão azul, que nós estamos vendo? Que importa que haja além delle outros homens que se julgam mais intelligentes do que esses pobres camponezes que cavam a terra, toda a sua vida, e que não exigem della senão o que lhe pode dar. Que importa os gritos da multidão. Quando além se realisa uma grande ambição, quando alguma grande lucta politica se agita, apresenta a náturesa, ou o horizonte alguma mudança? É menos bello o céo, as estrellas menos brilhantes, o ar menos puro? Não, de certo; toda a vaidade está além. Aqui só a felicidade. E todavia não posso gozar da felicidade que aconselho, porque não tenho ninguem que a partilhe; porque como os thisicos, é a febre quem me sustenta. Assim, todos os dias, apenas acordo, em lugar de me levantar, e ir admirar o despertar de Deos, peço os jornaes, que não largo sem os ter devorado. Espero cartas, duvido, receio, emfim espero, que sei eu? E morrerei provavelmente sem ter acrescentado coisa alguma, à obra dos outros. Mas,

peço perdão, minhas senhoras; tenho estado a desenvolver theories bastante enfadonhas, que termino um pouco tarde; a meu pezar, deixei-me arrastar pelo assumpto.

Maria, que escutára com grande espanto, aquelle homiem que fallava de coisas tão novas para elas, não pôde conter-se sem dizer, córando um pouco:

— Ao contrario, peço-lhe que continue. Sinto o maior desejo de saber o que é a política.

— A politica, respondeu Emmanuel, é de certo uma coisa bem enfadonha, para uma menina como v. ex.<sup>a</sup>

— Mas emfim, o que é?

Maria e Clementina olharam-se surrindo; e o proprio Emmanuel não pôde impedir-se de surrir com a expressão d'aquelle ingenua curiosidade.

— Pois bem, continuou Emmanuel, els o que a politica é para mim, e o que deveria ser para v. ex.<sup>a</sup> se se occupasse della. V. ex.<sup>a</sup> não tem visto, quando passeia pelas planicies do sr. conde, um milhafre descrever, durante um quarto de hora, um voo circular, e acabar por cair sobre uma pobre perdiz, que, magnetizada por elle, não poderá fugir, e á qual elle abre as entranhas? A politica eonsiste para uns em ser o milhafre, e para os outros em defender a perdiz; por outro modo: a politica consiste, para os maos, em abusar do poder contra as classes pobres, e para os bons em proteger os fracos. É esta ultima a politica que v. ex.<sup>a</sup> exerceria, e da que eu tenho tentado fazer a base da minha vida.

— O sr. deu-me uma explicação, como se eu fosse uma creança, respondeu Maria, fazendo-me uma parabola, como Jesus Christo fazia aos pobres d'espirito. Eu queria ouvir-o fallar da alta politica; da politica dos reis e dos povos, das nações e do mundo, da civilisação e do progresso. Tenho lido estas palavras nos jornaes que vem para meu pae, queria saber o que significam.

— Louquinha! murmurou mr. d'Hermi.

— Creançá! disse a condessa abraçando sua filha.

— Então minha senhora, continuou mr. de Bryon, que parecia tomar interesse na conversação com a curiosa menina, e aquem aquella insistencia lisongeava um pouco; vou tentar iniciai-a na grande scena politica. Existem tres grandes principios que formam o grande eixo sobre que gira o mundo: Deos, os reis, e os povos. Em 93 o povo francez, que não podemos deixar de tomar por exemplo, porque tem sido sempre o povo de iniciativa e acção; o povo francez, como disse, quiz negar dois desses grandes principios, julgando-se suficiente a si mesmo. Abolio a realesa e decapitou o rei. Abolio o seu Deos, e decapitou os sacerdotes. O abuso que se tinha dado nas mais altas regiões, repetio-se nas mais baixas. Agora que ellá já passou, podemos dizer-l-o, aquella revolução foi um grande acontecimento, mas era indispensavel. Deos, principio infinito e eterno, reconstituiu-sé, porque as mãos dos homens não podiam chegar-lhe; mas o throno ficou fortemente abalado. Desde 93, a cada movimento que a rea-

lesa produz, sente-se prestes a cair. O povo ameaça eternamente, porque o povo já não é ignorante, e começa a pedir contas ao seu rei e aos seus ministros, da sua miseria e do seu abandono. Aqui é que começa a política. Trata-se, para uns, de pregar a paciencia ao povo, e de aconselhar os reis: e para os outros, de fazer passar sobre o throno a onda popular, e estabelecer em lugar do principio monarchico, o principio de igualdade, pregado pelos que se dizem socialistas. Qual dos dois tem razão? O que quer que o povo tenha um senhor que o dirija, como os filhos tem um pae que os conduz, ou o que quer que o povo seja senhor de si mesmo, e que por si mesmo se dirija? Os povos são como os homens. É muito raro ver um homem, chegado á sua maioridade, usar com intelligencia a herança da sua familia, e empregar utilmente a liberdade dos seus vinte e cinco annos. Se, mais tarde ou mais cedo, o que é inevitavel, o povo recomeçar a revolução, se elle se julgar chegado á maioridade, enfim, praticará loucuras enormes, e será obrigado a voltar ao dominio de um rei, isto é, a uma unidade, e, tanto mais esse rei for absoluto, tanto mais o povo será feliz. As revoluções que tem feito em nome das idéas, não tem sido mais do que questões de estomago. Se o povo tem fome, bate-se. Façam com que o povo, o operario, tenha sempre de que viver, elle e a sua familia; introduzam-lhe ao mesmo tempo no espírito os conhecimentos que lhe convem, e essa sciencia do bem e do mal, que ainda não possuímos, e perder-se-

hão as tradições revolucionárias. O povo não exige mais um modo de governo, do que outro; pede unicamente a liberdade de trabalhar, de pensar, e de viver. Que o chefe do governo seja um Bourbom do ramo mais velho, ou do ramo mais novo, pouco lhe importa, contanto que esse chefe seja leal, e o ame. Em quanto á república, essa utopia, que alguns loucos ainda pertendem explorar em França, é tão impossível no futuro como o tem sido no passado. Antes de chegarão bem estar que procura, é muito possível que o nosso paiz ainda ensaie esse modo de governo, como um doente ensaia uns apoz outros todos os remedios conhecidos; mas repelil-o-ha bem depressa, porque cairá em mãos de ambiciosos ignorantes, que o affastarão do caminho que deve seguir. Ha sempre gente que disfructa enormes rendas, tendo á sua porta quem morra de fome. Que fizeram uns para serem ricos, e que fizeram os outros para serem pobres? Toda a questão se reduz a isto. Em quanto existir esta injustiça social, estaremos sobre um vulcão, e, desgraçadamente, existirá ainda por muito tempo.

— Porque? perguntou Maria. Parece-me muito simples, que os que tem, dêem aos que não tem.

— Parece simples a v. ex.<sup>a</sup> porque é muito boa, que os ricos partilhem com os pobres; mas não sucede o mesmo a toda a gente. E depois as paixões tem nisso uma grande parte. Ha no povo homens intelligentes, a quem a sua intelligencia não dà senão o odio e a ambição. Estes homens

dizem continuamente ás classes que soffrem: « Deos é injusto e os homens são maus. Em quanto os ricos vivem no meio do luxo, vós viveis na miseria; isto não deve ser, e como elles não querem dar-nos do que têm, é preciso tirar-lh' o. » Estas poucas palavras formam o circulo em que se fazem todas as revoluções. Desgraçadamente, se uns querem tirar, os outros forcejam por guardar, para que lho não tirem; e quem soffre com tudo isto? é sempre o povo, que não percebeu que só servio de instrumento de odios e de ambições, affastando de si, pelos meios violentos que empregou, as sympathias e confiança.

— Mas o que se deve fazer, nesse caso?

— Se se soubesse o que se devia fazer, ter-se-hia achado a felicidade. O que se deve fazer para manter no exterior a honra e a superioridade de um paiz? O que se deve fazer para manter no interior a confiança e a tranquilidade? Os que inventaram o proverbio, « ser feliz como um rei » não sabiam evidentemente o que diziam. A misão é rude, e é possivel que consumamos a vida para nada. Em quanto a mim, amo o povo, como amo o oceano, mais pelas suas tempestades, do que pelo seu socego, porque me parece que o marinheiro é mais para admirar quando lucta com as vagas, do que quando canta tranquilamente, durante a serenidade da noite. Tenho a ambição de chegar a acalmar um dia todas essas paixões, a nivelar todas essas diferenças, a extinguir todos esses odios. Será uma bella e grande coisa, sob cujo peso eu, sem duvida, succumbirei, como

todos os outros, mas que tentarei com todas as forças da minha vontade.

— Nunca pensei que fosse uma coisa tão espantosa, disse Maria, surrindo. É uma desgraça que as senhoras não possam entrar em politica; é tal o entusiasmo com que o sr. falla d'ella, que eu desejaria tambem experimental-o.

— As senhoras tem uma politica muito mais suave e facil, porque lhe nasce no coração. Toda a politica d'uma senhora consiste na sua bondade e no seu amor. Para elles simplificou Deus a questão; e é essa a politica que v. ex.<sup>a</sup> exerce desde a sua infancia.

Todo o tempo que durára esta conversação estivera Maria sempre com os olhos fixos em Emmanuel. Esse mundo de que ella nem mesmo suspeitava a existencia, e de que mr. de Bryon lhe fizera conhecer todas as grandezas e misérias; as revoluções, que ella até então só considerára como factos isolados, e que de repente lhe appareciam com todas as suas causas e resultados, seus fins e consequencias, esse mundo, dizemos, dava que pensar á ingenua menirra. Depois, é necessário confessar, que se ella sentia prazer em ouvir a historia, achava o maior encanto no historiador, cuja voz, doce e vibrante, lhe parecia uma melodia. A exageração que é propria aos espíritos neoveis, augmentava com todas as suas forças o mérito de mr. de Bryon. A pobre creança, parecia-lhe vel-o, á pallida luz do seu candieiro nocturno, trabalhando sem cessar, sempre rodeado de inimigos, sem ter um momento de

socego; e essa vida tão diferente da sua, interessava-a, como interessam todas as coisas que nos são desconhecidas, e cuja profundidade e alcance nos é impossível penetrar. Alguns dos relâmpagos, que Emmanuel fizera sair do caos que descrevera, haviam illuminado, por momentos, coisas tão novas para Maria, que de modo algum se podia esquivar á admiração que sentia pelo homem, que vivia continuamente na ardente atmosphera da politica e das revoluções.

Todavia, apesar do prazer que toda a família, á exceção de Clementina, experimentava, em escutar Emmanuel, levantaram-se todos da meza, e trataram de se preparar para a caçada. O conde, Emmanuel, e o barão, ficaram conversando; a condessa, Clementina e Maria, foram vestir os seus fatos á amazona.

— Segundo parece, agradou-te muito tudo o que disse mr. de Bryon? perguntou Clementina á sua amiga.

— Muito; respondeu esta.

— Sempre és muito feliz! Eu confesso, que tive grande trabalho para não ceder ao sonno. São bem enfadonhos, os grandes homens.

A condessa e as duas meninas tornaram a aparecer, ponco depois, indo em seguida montar a cavallo, no meio das recommendações de prudencia do conde e do barão, que, passados alguns instantes, estavam promptos a partir, assim como Emmanuel. O dia estava lindo; os cães latiam atrelados pelos batedores: o pequeno bando poz-se a caminho. O conde e Emmanuel iam na

frente, depois seguiam-se o barão, e a condessa; Clementina e Maria fechavam a marcha, rindo a todo o instante, como duas creanças que eram. Os batedores entraram com os cães no bosque, e um quarto de hora depois, ouvia-se o signal de vista.

Os cavalleiros pararam prestando o ouvido. Maria e Clementina, que presenceavam aquellas scenas pela primeira vez, sentiam-se alegremente commovidas. O gamo passou com a rapidez do vento: o conde cravou as esporas no cavallo, Emmanuel fez outro tanto, e toda a comitiva, picadores, gamo, e cavalleiros, desappareceu no meio de uma nuvem de poeira dourada, de gritos de alegria, e do acompanhamento das trompas. Emmanuel parecia arrebatado pelo cavallo, cujas pernas, finas como o aço, não conheciam obstaculos. Saltava os vallados, e descia as encostas n'um galope temivel; dir-se-ia ser um desses cavalleiros fantasticos das balladas allemãs, cujos cavallos lançam fogo pelas ventas, avançando com tal velocidade, que nem tocam o solo com os pés. O conde d'Hermi montava tambem admiravelmente, e contudo, custou-lhe a acompanhar mr. de Bryon. É porque para o primeiro, o andar a cavallo era um habito, em quanto que para Emmanuel era ainda um prazer. Reconhecia-se nelle o homem ardente em todas as coisas, e que devia empregar em todas as luctas physicas ou móraes a mesma energia, e ao mesmo tempo a graça com que dirigia o cavallo. Sentia-se como embriagado pela corrida, e, de certo, se alguem

fosse n'aquelle momento fallar-lhe de Julia, ficaria por muito tempo sem ser comprehendido. Tudo isto provava, que aquelle homem, vivendo durante dez annos no centro das paixões que lhe tinham encovado os olhos, e talvez dissecado o coração, sobre certos sentimentos, conservára as expansões e os gostos singelos d'uma creança, que nunca tivera tempo de ser. N'uma palavra, divertia-se, e de tal modo, que no primeiro alto que fizeram suara tanto como o seu cavallo. Em quanto limpava o rosto com uma das mãos, estendia a outra a mr. d'Hermi, dizendo-lhe:

— Agradeço-lhe infinitamente, sr. conde; ha muito tempo que não me sinto tão feliz.

O conde apertou a mão a Emmanuel, e renovou-lhe os seus offerecimentos e convites. Durante este tempo, o barão, que, mais prudente, se havia encarregado de acompanhar as senhoras, acabava de chegar a trote, acompanhado das tres amazonas, risonhas, quasi despenteadas, e contando os mil accidentes, porque haviam passado, felizmente sem máo resultado.

Emmanuel causára viva impressão no espirito do conde, que encontrará nelle a natureza correspondente á sua, reconhecendo-lhe além disso a superioridade do talento e da posição. Assim, pois, mr. d'Hermi admirava o seu hospede, e sentia-se disposto a fazer delle um amigo. Em todo o tempo que durou a caçada, não se separaram um instante. Entretanto o gamo acabou como todo o gamo d'uma boa casa deve acabar. Depois de corrido cincas horas, não teve outro recurso

senão o de fazer frente aos cães, que o apertavam cada vez mais furiosos. Então, aproximou-se do conde um guarda, apresentando-lhe uma clavina; o conde offereceu-a a Emmanuel, que, depois de se ter inclinado em signal de agradecimento, apontou vagarosamente. O desgraçado gamo ergueu a cabeça, deixando-lhe os cães apenas descoberto o logar para a balla. Todos tinham os olhos fixos em mr. de Bryon. O tiro partio. O gamo tinha a balla no meio da fronte; Maria soltou um grito de admiração e espanto. Depois de feita a ceva, foi a victima lançada sobre uma carreta, dirigindo-se em seguida o pequeno bando, para o castello, que dentro em pouco avistou, desenhando-se vigorosamente sobre as grandes fachas vermelhas do ocaso.

---

### XIII

Já nessa tarde existia entre o conde e Emmanuel uma verdadeira intimidade; não era essa intimidade de palavras, que não é muitas vezes mais do que a expressão exagerada d'um sentimento que não existe; mas sim a intimidade do coração que se manifesta até no olhar, e na voz. Depois de jantar, sairam ambos, deixando a condessa e as meninas com o barão, e isolaram-se nas grandes avenidas do parque. Como facilmente se comprehende, foi a conversação da manhã, que teve a sua continuação. Perguntas da parte do conde; conselhos da parte de Emmanuel.

— Devo-lhe um dos melhores dias da minha vida, sr. conde, disse o mancebo.

— Vamos, não me lisongeie, continuou mr. de Hermi; confesse que quando a camara dos pares

está completamente cheia, e que o sr. sobe á tribuna, diante d'aquelle multidão sympathica e entusiasta, confessse que passa um melhor dia, do que este que passou aqui.

— Não é assim, porque essa não é senão a festa da vaidade, em quanto hoje, foi, permitta-me que o diga assim, a festa do coração. V. ex.<sup>a</sup> deome uma hospitalidade tão cordeal, que deveras me sensibilisou. Na posição que alcancei, os homens não vêem em mim senão um estadista; não ha entre elles um unico que tenha a idéa de que eu possa ter coração. Não sou, para elles, mais do que uma especie de authomato, movido pela ambição. Finalmente, sou para todos, mr. de Bryon, par de França; mas não sou para ninguem um irmão, um pae, um amigo. Respeitam-me, mas não me amam; escutam-me, mas não me desejam nunca. Agora, neste momento em que lhe estou fallando, é o meu nome talvez pronunciado, mas entre os que o pronunciam, não ha ninguem que o faça por affeição.

— Vejamos, continuou mr. d'Hermi, surrindo, pois o sr. não tem no fundo do coração, a recordação de um nome qualquer? Não ha nessa grande cidade de que diz tanto mal, uma casa habitada por alguém, que não diz, talvez, o nome do meu amigo a pessoa alguma, mas que á noite o repita como uma oração? Ora vamos! Pois a sua alma, tão grande e nobre, não tem uma irmã em qualquer parte? O sr. não tem amores! é impossivel.

— E todavia é assim.

— Absolutamente?

— Absolutamente.

— O meu amigo, ou é muito modesto, ou muito discreto.

— Asseguro-lhe, que é verdade o que lhe disse.

— Nesse caso, lastimo-o.

— E tem razão.

— Felizmente está moço ainda; o que a vida lhe não oferece no presente, reserva-lho, sem dúvida, para o futuro.

— Talvez.

— Eis a expressão da esperança.

— E da dúvida.

— Decididamente, o sr. está misanthropo. Heide curar-o.

— Fará uma cura maravilhosa, sr. conde; e no dia em que me achar convalescente, terá demais um amigo bem dedicado.

— Havemos de tentar. Já sei o estado do meu doente, e conheço o seu carácter, o que já não é pouca coisa. Por em quanto, não lhe tenho falado senão do presente, é preciso tratarmos do passado. Essa melancolia, é o resultado d'uma dor, ou a ignorância d'uma affeição. Nunca amou?

— Nunca.

— Por má vontade?

— Sim, mas não da minha parte. Tenho tido amores, mas amores inuteis. Parece-me que se tivesse encontrado uma affeição sincera, teria abandonado tudo por ella; mas, francamente, essas mulheres, cujo amor é ligeiro como o gaze, com os rostos encantadores, e as almas equivocas,

não valiam a pena, que eu lhos sacrificasse um futuro que sonhára desde a infancia. De sorte, que nunca amei.

— E amigos?

— Amigos, é uma palavra riscada do meu coração. Amigos! Um homem como eu, não os tem. Conheci homens a quem a minha fortuna servia a ambição, e que me apertavam a mão até ao momento em que lhe achavam alguma coisa. Conheci outros, que me cobriam de lisonjas em minha casa, e de injurias nos seus jornaes; outros ainda, e era aos que mais facilmente perdoava, que me pediam dinheiro emprestado, e que me roubavam as amantes. Todos estes de que lhe fallo se diziam os meus melhores amigos, porque todos ganhavam alguma coisa em tomar esse título; mas, como de certo, o pensa, nunca acreditei o que me diziam.

— E o resultado?

— O resultado é que me sinto gasto antes de ter saboreado a vida; gasto por theoria, e não por pratica. É que uma só paixão tem-me demasiadamente resfriado o coração, para que esteja gelado para todas que dão felicidade aos outros.

— É preciso amar.

— Quem?

— A primeira mulher que lhe appareça, arruinando-se antes por ella, do que abandonar-se a essa vida, que lhe aniquilará o coração e a intelligencia.

— Isso parece facil a v. ex.<sup>a</sup> porque é feliz, porque tem uma esposa adorável, uma filha que é

um anjo, uma fortuna immensa, excellente saude, o esquecimento das paixões que matam, e os sentimentos que engrandecem; a v. ex.<sup>a</sup> que, para qualquer lado que olhe, encontra alguem que partilhe a sua tristesas ou alegria, e que sabe, em fim, que todas as manhãs, e todas as noites, ha sobre a terra uns labios puros, e um coração angelico, que fallam de v. ex.<sup>a</sup> a Deos. Mas, na verdade, não sei porque lhe tenho dito todas estas loucuras; porque, em fim, não sou infeliz. Tenho estado a representar de Werther, eis o erro. Estou como as pessoas que riem demasiadamente e que acabam por chorar; como me senti hoje mais feliz do que de ordinario, estou agora mais triste do que de costume. Sou um louco de quem v. ex.<sup>a</sup> se deve rir, em vez de me lastimar.

— Mas nem por isso deixo de ficar sendo seu medico.

— Como quizer.

— E seguirá as minhas prescripções?

— Pontualmente.

— Eis a primeira.

— Vejamos.

— Ha-de vir ámanhã jantar commosco.

— Mas, sr. conde...

— Se diz mais uma palavra, duplico a dose, e então ha-de vir tambem almoçar.

— Seja assim.

— Resigna-se?

— Que remedio? E a segunda?

— Sabel-a-ha ámanhã.

— Estou capaz de fazer uma aposta.

— Qual é?

— Que a segunda prescrição será igual à primeira.

— Talvez. Bem sabe que para as doenças crônicas são necessários tratamentos prolongados, simples e uniformes. Consinta que o cure: são-lhe necessárias distrações, proporcionar-lhas-hei; precisa d'uma família, dar-lhe-hei a minha; necessita d'um amigo, sel-o-hei eu, e sincero e eterno. Com a fortuna! Se tudo isto não for bastante para a cura, haverá falta de vontade da sua parte.

— É demasiadamente bom, meu amigo.

— Não sou; faço o que devo fazer, e mesmo há no fundo de tudo isto um pouco d'egoísmo, porque o há em todas as boas ações. O sr. possue uma rica e poderosa organização, que me atrae, e, ainda que o não conheça senão desde esta manhã, tenho a certeza que hei-de sentir a sua falta se nos separarmos. Assim, sou eu quem tenho que agradecer. O barão é uma excelente pessoa, mas está continuamente fatigado; gosta do repouso, e depois, é mais amigo da condessa do que de mim, aquelle querido barão. Pois bem; deixémolos em paz, e façamo-nos ambos vagabundos. Montaremos a cavallo, caçaremos, faremos excursões por todos estes sítios vizinhos; faremos, em fim, tudo que lhe agradar, e como para o inverno, é possível que não esteja ainda de todo curado, continuaremos o tratamento em Paris. Convém-lhe o meu sistema?

— Entrego-me nas suas mãos.

— Ora ainda bem. Agora, se lhe parece, voltemos para casa; vamos ver o que fazem os nossos dois anjinhos: já vai sendo tarde.

— Com muito gosto.

Os dois novos amigos dirigiram-se para a sala em que se achava o barão, as duas meninas, e a condessa. Junto da porta pararam, para verem de longe o que se passava no salão. Clotilde e mr. de Bay estavam assentados um ao lado do outro, e conversavam; Clementina e Maria, uma de pé, outra assentada, junto do piano, estudavam musica.

— É muito feliz, meu amigo, disse Emmanuel ao conde, observando aquelle quadro.

— Realmente? disse este.

— De certo.

— Talvez um outro no meu lugar o não fosse.

— Era necessário que fosse bem exigente.

— Ou bem escrupuloso, disse mr. d'Hermi, sorrindo.

— Não comprehendo.

— Mas comprehendo eu. A felicidade não está senão onde a fazem estar; em quanto à felicidade propriamente dita, essa não existe.

— Olá, doutor! Dar-se-ha o caso que adoeça também? Previno-o de que não me encarregarei da cura.

— Tranquilise-se; se eu tivesse de morrer de uma tal doença, já de ha muito não existia.

E o conde seguia, sorrindo sempre, Emmanuel que ia entrando na sala. Mr. de Bay, ao velos, levantou-se.

— Não se incommode, meu charo barão, disse o conde.

O barão tornou a assentlar-se. Maria correu a abraçar seu pae.

— Estavamos á sua espera para lhe pedir licença de nos retirar-mos.

— Tel-a-has, mas antes disso...

— O que deseja, meu pae?

— Bem sabes, continuou mr. d'Hermi, em voz baixa, e beijando sua filha, que não fomos hoje á capella; por tanto, deves-me uma indemnisação.

— É muito justo.

— Então assenta-te ao piano, e toca-nos alguma coisa.

— Estou prompta. O que prefere?

— Toca o que quizeres.

Maria assentou-se, e preludiou em quanto seu pae ia para o fim da sala, assentar-se junto de Emmanuel. A musica deve ser escutada na sombra.

A interessante menina tocou a *Oração de Moisés*, mas com tanto sentimento e expressão, que ella propria se sentia commovida, a ponto, que quando aos applausos das pessoas que alli se achavam, se foi lançar nos braços do conde, uma lagrima se lhe soltou dos olhos, meio fechados, para a conterem. Emmanuel mesmo não podera resistir á sensação que todos sentem, ouvindo aquella musica unica; de sorte que quando Maria chegou junto delle, foi verdadeira a comoção com que a cumprimentou, olhando para ella com mais al-

tenção, do que d'antes. Até alli não a considerára senão uma creança, mas a expressão que ella acabava de dar áquella musica, revelava-lhe que era uma mulher. Começou, pois, a examinal-a detalhadamente, juntando ainda aquella nova impressão, no seu espirito, novos encantos á beleza de Maria; de tal modo, que quando sahio da salla com Clementina, não pônde deixar de a seguir com um olhar em que se divisava a mais terna admiração, disendo ao mesmo tempo ao conde:

— Que encantadora menina!

— Gosta de musica? perguntou-lhe o conde.

— Da que nos faz chorar. As lagrimas são o suor da alma, que sempre mitiga uma dôr qualquer.

— Nesse caso, far-lhe-hei ouvir ámanhã a musica de que gosta.

— Aonde?

— Aqui.

— Quem tocará essa musica?

— Minha filha.

— Decididamente, doutor, parece-me que consegue curar-me.

— Pertendo renovar-lhe a alma, como se renovava o sangue; querer fazer-lhe chorar toda a tristeza que tem no coração, até que esteja como no dia em que Deos lho deu. Maria será o meu auxiliar.

— V. ex:<sup>a</sup> toma um anjo por alliado, como os grandes heroes da antiguidade, que não podiam combater sem a intervenção de uma deosa. Se eu um dia tivesse uma filha assim!

- Case-se.
- Com quem?
- Com a primeira menina que lhe agradar.
- Mas será necessário que também lhe agrade.
- É preciso que seja bem difícil, para que não succeda assim.
- E se eu me apaixonar por minha mulher?
- Seria uma desgraça que o meu amigo repararia facilmente, e de que ella, provavelmente teria o cuidado de o garantir. Quando lhe digo que se case, não lhe digo que ame sua mulher. Interpretou mal o meu pensamento. Case-se, mas para ter uma família, uma distração, filhos, e sobre tudo, hábitos.
- Parece-me que tem razão; hei-de reflectir.
- Entretanto, só lhe aconselho esse remedio em caso extremo.
- É também assim que o entendo. A primeira consulta foi excelente. Agora, permitta-me que me retire, até amanhã, isto é, até à segunda consulta.
- Mas eu é que não consinto; o meu amigo fica por cá.
- Isso é que não posso aceitar.
- O seu cavalo está estafado, e agora que está descansando seria uma barbaridade incomodá-lo. Já dei as minhas ordens para que o meu amigo tenha um quarto ao lado do meu.
- É impossível deixar de lhe obedecer.
- Suponha que está em sua casa, e por consequencia quando quizer recolher-se, não faça a menor cerimonia.

— Nesse caso, sr. conde, começarei desde já a abusar dessa permissão. Como não estou habituado a grandes jornadas, sinto grande necessidade de repouso.

— Então vou eu mesmo conduzil-o.

Emmanuel cumprimentou a condessa e o barão, e saiu com o sr. d'Hermi. No outro dia, às seis horas da manhã, deixou Emmanuel o castello, onde estava de volta às quatro horas da tarde. O conde apertou-lhe a mão disendo:

— Já o esperava.

Emmanuel foi fazer os seus cumprimentos a madame d'Hermi, e acompanhou o conde.

— Então onde me leva? perguntou Emmanuel.

— Já se esqueceu? Levo-o a ouvir aquella musica de que tanto gosta.

Dirigiram-se, pois, á capella, e esconderam-se atraz do altar. Pouco depois, appareceu Maria, e, certa de que seu pae estava occulto em qualquer parte, fez resoar o orgão, juntando de vez em quando a voz aos soluços do instrumento. Emmanuel escutava, com a cabeça encostada á parede, e os olhos vagamente fixos na socegada paisagem que estava vendo pela janella. A voz da interessante menina era tão maravilhosamente suave, que insinuava na alma, como o mais agradavel perfume. Emmanuel ficaria horas inteiras naquelle mudo extasi, se de repente se não achasse no meio do silêncio, com a admiração do homem, que sonhando com as delicias do eco, se vê acordado sobre a terra. Aproximou-se, com o conde, da interessante menina, e beijou-lhe as

mãos, com as lagrimas nos olhos. Mr. d'Hermi beijou sua filha, que se tornou extremamente corada, quando viu que tinha sido escutada, por um outro, alem de seu pae.

A contar deste dia, tornou-se Emmanuel comensal de casa do conde, que já não podia passar sem elle, a ponto de despertar ciumes em mr. de Bay. Entretanto ia-se executando a cura predita por mr. d'Hermi; a metamorphose prometia ser completa. Emmanuel era sempre melancolico, mas não triste; aquella mesma melancolia assimenhava-se muito à contemplação; trabalhava sempre, mas trabalhava com alegria. O conde atribuia-se toda a honra d'aquelle mudança; e como se tinha estabelecido uma certa familiaridade entre toda a familia de mr. d'Hermi e Emmanuel, o barão não se sentia muito longe de ter reteios pelos seus amores. Com esse efeito, a condessa, com o seu muito espirito, e a sua graça, por assim dizer, descuidosa, era encantadora para com o seu hospede, tornando-o mais agradavel possível a hospitalidade que lhe offerecia. Havia, pois, momentos em que mr. de Bay se arrependia de ter apresentado Emmanuel.

N'um dia, decidiu o conde, que pagariam, de uma só vez a mr. de Bryon, todas as visitas que este lhe tinha feito. Partiram todos de carroagem para o castellinho de Emmanuel, que apenas alli chegou, offereceu o braço à condessa, para lhe mostrar a sua habitação. Clementina e Maria demoraram-se algum tempo no jardim a admirar a architectura elegante do pastello, que, com as

suas torrinhas e estatuasinhos, parecia obra de um architecto contemporaneo de Carlos ix. Em seguida, depois de não deixarem coisa alguma por ver, foram juntar-se ao resto da familia. No primeiro andar encontraram um salão de um gosto severo e rico; ao mesmo tempo, e de novo se demoraram para observarem os quadros de Delacroix e de Decamps, que naquella época estavam em todo o viço da mocidade e do genio. Em um dos cantos do salão, estava aberta uma porta, que dava para uma camara, illuminada por uma luz spallida e mysteriosa. Em quanto Clementina admirava os mil objectos que povoavam o salão, Maria aproximou-se d'aquella porta, e olhou curiosamente para dentro. Lá dentro não estava ninguem; entrou. Era o quarto de cama de Emmanuel. O que tinha despertado a curiosidade de Maria, obrigando-a a entrar, não fôra, nem a magnifica pintura das paredes, nem os ricos moveis de carvalho que mobilavam o quarto, mas sim um retrato de uma mulher de extraordinaria bellesa, que estava em frente do leito. Maria aproximou-se quanto podera, daquelle retrato, contemplando-o silenciosamente, e perguntando a si mesma, quem poderia ser aquella senhora tão bella, para ser objecto de tão particular devoção. Olhava ainda para o retrato, quando sentiu passos pôr detrás de si, voltou-se de repente, ficando muito envergonhada por ser surprehendida em flagrante curiosidade. Era Emmanuel.

— Andava em sua procura, minha senhora. A

senhora condessa chamou-a, já estava com cuidado em v. ex.<sup>a</sup>

— Estava admirando este retrato; respondeu Maria um pouco embaraçada, e disendo comigo mesma, que sceria bem feliz, se me parecesse com elle.

— Era um desejo inutil: v. ex.<sup>a</sup> é mais bella ainda que o retrato.

— É muito lisongeiro, sr. de Bryon, comparando-me a uma pessoa, que parece ser-lhe cara.

Esta phrase quasi que envolvia uma reprehensão.

— É o retrato de minha mãe, disse Emmanuel.

—Quando era ainda moça?

— Um anno antes de falecer.

— Era muito novo ainda?

— Tinha apenas um anno.

— Então não a conheceu?

— Não, minha senhora. Esta resposta era por si só, a expressão de uma grande dor.

— O que lhe peço, sr. de Bryon, é que me desculpe de ter entrado neste quarto que deverá ser para mim tão sagrado como se fôra um sanctuário. E tomado o braço de Emmanuel, dirigio-se com elle ao sitio em que estava sua mãe, sem accrescentar nem uma unica palavra.

XIV

Esta ultima circumstancia que acabamos de contar, tinha estabelecido uma corrente sympathica entre Emmanuel e Maria. As mulheres gostão de querer que lastimar os outros, para terem occasião de lhes prodigalizar consolações, e a nossa heroína não differia das suas irmãs em coisa alguma. Surprehendera naquella phrase que lhe dissera Emmanuel: «É minha mãe,» um tal accento de dor e saudade, que imediatamente disse comsigo mesma: «O homem que soffre por este modo, tem por força um nobre coração;» e por consequencia procurou fazer quanto lhe era possivel para lhe fazer esquecer aquella tristesia, que, como sombrias nuvens, lhe obscurecia de tempos a tempos, o rosto. Além de que, as mulheres, em geral, e sobre tudo quando são ainda

mui jovens possuem em sua graça nativa, um tal maravilhoso, que sabem sempre encontrar as palavras consoladoras. Deos deu-lhes uns dedos finos, e uma voz suave, para que elas podessem, sem produzir dores, curar tanto os males do corpo como os da alma. Emmanuel tornado o hospede frequente e o amigo sempre desejado d'aquella casa, tinha todos os dias occasião de estar horas inteiras em companhia das duas meninas. Era então que m.<sup>ele</sup> d'Hermi lhe fazia d'essas perguntas, que se não fazem senão com a idéa de obter um tal ou qual direito a uma esperança. Emmanuel deixava-se arrastar pelo encanto das recordações, essa immensa escada, a que cada dia se junta um novo degrão, e pela qual a velhice desce sempre á infancia. Contava á interessante menina os primeiros cuidados e commoções da sua vida; dizia-lhe, como privado muito cedo de sua mãe, procurára em torno do seu berço e da sua mocidade, aquele amor que lhe faltava, e de que nem mesmo sabia o nome; dizia-lhe ainda, como, apenas teve a idade de poder comprehendér as coisas, vivendo com outras creanças da sua idade, começára desde logo a soffrer e a invejar. Essas outras creanças tinham, pela maior parte, essa metade do coração, de que Deos o havia privado, de sorte, que quando no collegio via alguma extremosa mãe abraçar seu filho, retirava-se para um canto, e chorava. Assim, quando ia passar as férias a casa de seu pão, passava tempo immenso em contemplação, em extasi, e em oração, em presença do

retrato que Maria tinha visto. Contava-lhe também o que tinha experimentado no dia em que seu pae lhe tinha pegado na mão, no cemiterio, mostrando-lhe o tumulo que se havia aberto ao lado do seu berço; chorára muito nesse dia, a pobre creança, procurando reconhecer com os olhos da alma, sob o marmore frio, as feições que a télã lhe apresentava.

Não é facil imaginar o encanto que Emmanuel encontrava em conversar com Maria. Elle, que sempre, por habito, desconfiára de toda a gente, eueontrára, enfim, uma alma, em que podia, sem receio, depositar o que superabundava da sua. Todas as coisas que elle contava com esse surriso melancolico que é sempre o reflexo do passado, comprehendia-as completamente <sup>elle</sup> d'Hermi. Então começavam as confidencias, abandonando-se ambos, com a confiança das almas puras, a contarem reciprocamente todas as suas impressões. Os corações difundiam-se, como os olhos, porque, muitas vezes sucedeu, durante as narrações de Emmanuel, aparecerem lagrimas nos olhos de Maria. Mr. de Bryon, repetimos, tinha, sob o manto da ambição, e das paixões do homem, conservado os sentimentos e a simplicidade da creança, e de tal modo, que bastava uma palavra para fazer aparecer aquellas qualidades; ordinariamente é a mãe quem diz essa palavra; se não é a mãe, é uma mulher amada; mas, como já sabemos, Emmanuel nunca tinha encontrado mulher assaz pura, para que a sua voz, o seu olhar,

ou o seu amor, fizessem vibrar as cordas adormecidas das suas castas recordações. Maria era a primeira mulher que o acaso lhe deparara no caminho, como uma consolação viva. Mas não se vá por isso acreditar que Emmanuel sentia por ella esse entusiasmo que se sente pela mulher de quem queremos fazer uma amante. Amava-a como teria amado sua filha; ou sua irmã; e esse amor era ainda impregnado de reconhecimento, pelo prazer que Maria experimentava em ouvi-lo, e pelas doces horas de entretenimento que lhe devia Emmanuel, sem mesmo o suspeitar; contraria um desses hábitos do coração, a que facilmente nos entregamos, e que, quando se querem destruir, nos levam consigo uma porção da vida. Assim, quasi que tinha esquecido a camara e os homens, passando o tempo a ouvir tocar e cantar *m.elle d'Hermi*; depois quando durante uma ou duas horas havia sonhado, escutando-a, beijava-a na testa, e tudo estava dito. E todavia Emmanuel era um mancebo; mas há homens que a razão tem amadurecido antes da idade própria, e com elle succedia isto a tal ponto, que no castello tinha, para todos, a mesma idade de *mr. d'Hermi*. O conde, que tornara a seu cargo o destruir a melancolia nativa de Emmanuel, sentia-se feliz pelos progressos da cura; e como adivinhara, logo à primeira vista, toda a probidade do joven par, deixava-o sem receio, só com Maria, e tanto mais, que a maior parte das vezes, como já dissemos, estava Clementina com ella.

Quando esta ultima estava presente, a conver-

sacção nunca podia ser a mesma; a alegria da louca creança ia sempre pousar no meio da costumada meditação, e o riso era instantaneamente substituído ás phrases sentimentaes, tão queridas de Maria. As duas amigas completavam-se, uma pela outra, de sorte que Emmanuel amava-as a ambas. Com effeito, ambas lhe produziam impressões que não conhecera até então; unicamente, com Clementina brincava como com uma creança, e com Maria conversava como se conversa com uma mulher. Clementina, sempre alegre e risonha, parecia conhecê-lo desde muitos annos; fazia-o correr, montar a cavallo, condusindo-se, enfim, como verdadeira pensionista, lançando sempre em torno de si, os bellos reflexos da sua inocente travessura.

Clementina era um espectáculo quotidiano, e variado, proprio para repousar a vista de um pensador como Emmanuel. Não havia meio de conversar cinco minutos com ella, sem que a sua imaginação vagabunda tivesse tocado todos os assuntos, passando da suprema alegria, á maxima tristeza, sem razão, e sem nexo. Corria pelo meio da conversação como pelo jardim, saltando, quebrando tudo, e voltando sem transição ao ponto de partida — a pouca attenção a todas as coisas! Era impossivel estar triste em sua companhia, e quando ella via Emmanuel abandonar-se áquellas conversações intimas, que nunca tinham fim, entrava alegremente no salão, dava um beijo na sua amiga, tomava-lhe o braço, pedia a Emmanuel que as acompanhasse, e iam os tres cor-

correr pelo parque, dar de comer ás gallinhas, ou colher flores.

Era nestas duas interessantes criaturas que Emmanuel pensava apenas despertava. Tinham tomado um tal logar na sua vida, pela força do habito, que já não podia respirar senão o ar que elles respiravam. Chegava sempre muito cedo ao castello, e logo as encontrava, ou passcando no jardim, ou bordando. Algumas vezes, quando já vinha proximo, apercebia-lhe as graciosas cabeças á janella, e advinhava-lhe os sorrisos; via os gestos com que o cumprimentavam, e então mettia o seu cavaílo a galope sem affastar dellas os olhos, não párrando senão em frente da porta. A condessa era do mesmo modo encantadora para o jovem par. Clotilde, como todas as mulheres felizes em razão da sua independencia, tinha a pertençao de ser poetica, sentimental, e melaneolica. Ora, se havia no mundo uma organisação a que faltasse este triplice caracter, era de certo a sua; mas nem por isso deixava de tomar o braço de Emmanuel, e de se embrenhar com elle por entre o arvoredo, desenvolvendo theorias, e apresentando axiomas sobre a nossa pobre existencia. Mr. de Bryon reconheceria logo á primeira vista, que o que era naturalidade na filha, não passava de estudo na mãe; não se entregando nunca com esta, ao abandono a que cedia com a outra.

Em quanto ao conde, via tudo, sem dizer coisa alguma; tinha, ou pelo menos, parecia ter um pensamento fixo, que seguia sempre no fundo d'alma, estudando-o com o olhar seguro, e a in-

telligencia lucida do homem que não toma parte nem nas tristesas, nem nas alegrias dos outros. Restava o barão, que, tornamos a repetir-o, tinha chegado a arrepender-se de ter apresentado Emmanuel. O barão tomava ao serio os passios da condessa e do seu amigo, e tremia com a idéa de que Clotilde se apercebesse da diferença que existia entre elle e Emmanuel. Mr. de Bay, como já sabemos, receiava, antes de tudo, perder um habito, adquirido havia um anno, e vinte vezes esteve a ponto de fazer perguntas a Emmanuel, para saber em que termos elle estava com a condessa, e impedil-o de ir mais longe, se ainda fosse tempo de o suster. De resto, teria sido um passo inutil, porque Emmanuel tudo advinhára, desde os amores da condessa até à indifferença do conde. Em certos olhares do barão tinha divisaado vigilancia e ciúme, e não obstante calara-se, sem mesmo investigar se o devia fazer. Deixou, pois, toda a gente continuar a sua vida tal qual era no momento da sua chegada, gosando tranquillamente da felicidade que alli encontrára.

Estavam, pois, as coisas neste ponto, quando uma tarde, depois do jantar, desceram a passear no jardim, segundo o costume de todos os dias, á mesma hora. O barão effereceu o braço á condessa, o conde tomou o de Emmanuel, e as duas meninas seguiram juntas. Parecia que todos tinham alguma coisa a dizer, que demandava de preliminares, porque passearam perlo de dez minutos, sem que se trocasse uma unica palavra de parte a parte. Em fim, ou por acaso, ou por ven-

tade individual, cada um dos grupos se destacou em diversa direcção, começando cada um a sua conversação especial. O barão e a condessa, era inutil escutal-os; facilmente se advinha o que diziam. O barão fallava dos seus receios, a condessa procurava tranquilisal-o. De um outro lado do jardim iam o conde e Emmanuel, de braço dado.

— Então, disse o conde; e a cura promettida?

— Como vê, caminha, e mais rapidamente do que eu supunha.

— Eu bem lh' o affirmei.

— O peor é que receio muito uma recahida.

— Porque?

— Por que não tarda que deixemos o campo.

— Mas não volta, como nós, para Paris?

— De certo; mas Paris tem as suas exigencias e prejuízos. Alli não poderei estar continuamente em sua casa, como sucede aqui. O que aqui é simples, será lá inconveniente; e, apenas ficar só, tornar-me hei triste, como d'antes.

— Ha tom meio de não se achar só.

— Qual é?

— Case-se.

Emmanuel olhou muito serio para o conde.

— Mas v. ex.<sup>a</sup> já me disse que esse remedio era extremo.

— Não conheço outro; tanto mais que hoje já não estamos na epoca em que lh' o aconselhei, porque agora, se o quizer fazer, achará mulher imediatamente.

— De quem falla v. ex.<sup>a</sup>?

— Vejamos, seja franco; não vem aqui, espe-

cialmente por alguem; que lhe déva uma certa preferencia?

E dizendo isto, encarava o seu interlocutor.

— Não, conde; venho por todos; e especialmente por v. ex.º

— Vamos, vamos; é muito discreto, mas eu vejo tudo.

— Nesse caso, explique-me o que tem visto.

— Quem o tornou tão alegre, aqui? Quem tem o poder de o fazer correr atraç das borboletas, o sr., um homem serio, como se fóra uma creança?

— M.<sup>me</sup> Clementina.

— Com quem passeia mais frequentemente pelo jardim?

— Com ella.

— Pois bem; despose-a. Não é talvez um bom casamento, mas é uma boa ação. Clementina ama-o, ou ha-de amal-o; é uma excellente menina, e ao menos não se achará só.

Emmanuel olhava para o conde, diligenciando ler-lhe no rosto, a segunda tençao que lhe ditava aquelle conselho.

— Falla seriamente conde? lhe disse elle.

— Seriamente.

— Eu, casar-me!

— E por que não? Pela minha honra, crê-o que é a mulher que lhe convém.

— Acredita isso? repetio machinalmente Emmanuel, que todo entregue a um novo pensamento, apenas esentava mr. d'Hermi.

— Clementina possue justamente o caractér oposto ao seu. O sr. é um homem d'estudo e de

meditação; ella é a alegria personalizada. O sr. partecipará da sua alegria, e ella da sua melancolia; e creio que será assim muito feliz. Realmente, não sei por que lhe estou dizendo coisas que o sr. sabe tão bem como eu. É claríssimo, pela maneira por que o meu amigo lhe beija a mão, à noite quando se despede, e o modo porque lhe sorri no outro dia, quando volta, que é ella quem tem operado a metamorphose que lhe predisse, e que, ou por reconhecimento, ou por amor, é por ella que vem aqui.

Emmanuel esperava, de certo, alguma coisa n'aquelle sentido, mas não era um tal conselho da parte do conde. Quando lhe ouvira dizer: «Casc-se!» o coração batera-lhe mais apressadamente, e um outro nome que não era o de Clementina, lhe tinha subido do coração aos labios; mas quando ouvio o pae de Maria aconselhá-lhe seriamente, que desposasse Clementina, não achára nada que responder, chegando mesmo a duvidar do sentimento que experimentava por mle. d'Hermi. A principio acreditara que o conde usára de um rodeio, para o levar a fazer-lhe confidências, e tinha, como dissemos, diligenteado sondar o rosto d'aquelle que assim lhe fallava; mas o rosto não desmentia em coisa alguma as palavras, e parecia evidente que o conde estava conscio de quel dizia. Se o conde não tivesse provocado aquella explicação, é provavel que Emmanuel continuasse por muito tempo na duvida, e que a idéa de que Maria poderia ser

sua esposa, não o tivesse assaltado; mas um instante supposera que o conde tinha advinhado o que lhe ia n'alma, e então a esperança de desposar sua filha, revelara-se-lhe de repente. Depois, aquella esperança desapparecera tão depressa como tinha apparecido, continuando ambos o passeio, mas em silencio. Logo atraç d'elles vinham Clementina e Maria.

— Que pensas tu de mr. de Bryon? perguntava Clementina á sua amiga.

— Porque me perguntas isso?

— E porque não respondes tu?

— É que me fizeste essa pergunta n'um tom tão extraordinario...

— Responde sempre.

— Penso que é um homem encantador, e que eu amo muito.

— Mas como o amas tu?

— Como a um amigo; menos do que a ti, já se entende.

— Tu mentes! disse Clementina, rindo.

— Minto!

— Sim, mentes.

— E que interesse tenho eu em mentir?

— É a mim que tu deves occultar coisas similhantes?

— Mas não te comprehendo, minha querida Clementina,

— Qual é a razão por que estás agora sempre triste?

— Não o fui eu sempre, mais ou menos?

— Mas agora, mais do que nunca.

— É muito natural: d'aqui a pouco vamos separar-nos.

— Lisongeira; pois é de mim que tu tens saudades? Escuta, Maria; tu tens segredos para mim; é muito mal feito. Com quem conversas tu durante o dia? Ao lado de quem estudas musica?

— Com mr. de Bryon, e ao lado de mr. de Bryon.

— A quem contas tu todas as coisas do coração, que n'outro tempo me contavas a mim, e com quem te tenho encontrado, um sem numero de vezes, com as lagrimas nos olhos?

— Com elle, é verdade.

— E então?

— E então?

— É por que o amas, eis ahi tudo.

— Enganas-te.

— Engano-me?

— Posso jurar-t'o; amo o sr. de Bryon como a um irmão. Ignoro como isto sucede, mas sinto o coração arrastado para o seu, sempre que me sinto triste. Sinto prazer em vel-o, e felicidade em consolal-o, porque creio que soffre. Em quanto a elle, julgo que tambem me ama, como se eu fôra sua irmã; mas nada disto quer dizer que verdadeiramente o ame; porque o não amo, posso afirmar-te.

— Falla só por ti, não falles por elle; tenho a certesa de que te ama.

— Ainda te enganas.

— Não me engano, de certo; e o que é mais, é que estou certa que só vem aqui por tua causa.

— Mas, realmente, não sei em que pensas esta tarde.

— Penso em ti, minha querida Maria.

— Não é mr. de Bryon o mesmo para nós ambas? Não tem elle para contigo as mesmas providências, e a mesma amisade, que tem por mim? Na verdade, parecê-me, que estás louca. E quem diz que não sejas tu quem elle ama?

— Estou bem certa do contrario.

— Porque?

— Porque não faz senão rir comigo, em quanto que tu, choras com elle, e bem sabes, que em amor, a tristeza é um poderoso auxiliar. Vamos, confessa que sentes grande prazer, quando o vês chegar.

— Confesso.

— Confessa que te entristece só a idéa de não o poderes ver tão amiudadas vezes.

— É verdade.

— Então, sempre oamas?

— E eu digo, que ou perdeste a razão, ou tens ciúmes. Tu é que me parece que oamas.

— De certo; amo-o como amo toda a gente.

— E eu tambem.

— Tanto peor.

— Tanto peor, porque?

— Porque seria melhor que o amasses; se fosse assim, desposal-o-hias, e se o desposasses, serias muito feliz.

— Quem sabe?

— Não é difícil de advinhar; é um homem que fará a felicidade da mulher que escolher para

esposa. É bom, nobre, rico, generoso; para mim não exigia tanto.

— Porque não o desposas tu, então.

— Como és linda! Então posso eu dizer-lhe: sr. de Bryon, como eu entendo que o sr. deve ser um excellente marido, peço-lhe que case comigo.

— E se elle te pedisse?

— Aceitaria immediatamente.

— E amal-o-hias?

— Toda a minha vida.

— Mal sabe elle que anda tão proximo da felicidade, pelo que dizes.

— Não de certo; porque não sou a mulher que lhe convem, sou d'uma naturesa humana de mais para elle. É um homem que precisa de um amor ideal e poetico. Não digo que me odiasse, mas ser-lhe-hia indiferente, e um dia viria a aborrecer-lhe.

Maria pensou toda a noite no que lhe dissera Clementina.

O resultado destas reflexões foi Maria concluir, que devia tornar-se mais fria e reservada, do que tinha sido até então, para com Emmanuel, por isso que o modo de se conduzir tinha despertado suspeitas á sua amiga, que sem dúvida tinham assaltado o espirito incomparavelmente mais exercitado do conde. Assim, no dia imediato, quando Emmanuel, preocupado com a conversação que tivera na vespere com mr. d'Hermi, se apresentou no castello, sentio-se extremamente surprehendido, de que Maria correspondesse ao seu sorriso quotidiano, pelo cumprimento mais cerimonioso, e menos usado anteriormente. Perguntou a si mesmo a causa d'aquella friesa, e apenas se achou só com a encantadora menina, não hesitou em lhe perguntar; mas ella respondeu-

lhe que fôra sempre assim, e que era assim que devia ser para o futuro.

Ainda que Maria se sentisse realmente comovida, e tivesse de fazer um evidente esforço para lhe fallar por um tal modo, Emmanuel acreditou-lhe as palavras, sem diligenciar aprofundar-lhe o pensamento. Em politica, tinha o jovem para essa finura, e essa dupla vista que faz advinhar o que não se vê, mas em amor, tanto a finura, como a dupla vista abandonava-o completamente. Do conhecimento do coração dos homens, á sciencia do coração das mulheres ha uma distancia incommensuravel; Lavater, que acreditava conhecer uns, confessou que nada podia dizer das outras. Em consequencia mr. de Bryon acreditou tudo quanto lhe disse m.<sup>elle</sup> d'Hermi, e sentio comprimir-se-lhe o coração. Como ella lhe fizesse comprehender que as suas frequentes entrevistas poderiam tornar-se notadas, levantou-se, sahio da sala em que se achavam, e desceo para o jardim. Maria não esperava aquella saida, de sorte que se Emmanuel se retirava com o coração esmagado, deixou a pobre menina com as lagrimas nos olhos. Mas ella, com essa força que as mulheres sabem ter sobre si mesmas para occultarem as suas fraquezas, fez cessar as lagrimas, e levantando-se tambem, ergueu um pouco a cortina da janella, para ver a direcção que Emmanuel tomava. Vio-o atravessar o jardim, olhar para o lado da janella, em que ella se achava, o que produzio na cortina um estremecimento, que elle, felizmente, não percebeu, e depois de se ter

voltado vinte vezes, julgando não ser visto, desappareceu por entre as arvores.

— Clementina engana-se, disse Maria tornando a assentar-se; não me ama.

— Tinha-me enganado, dizia Emmanuel, esta creança nem mesmo pensa em mim. Estava louco!

É verdade que m.<sup>elle</sup> d'Hermi não lhe havia saltado ao pescoço, como Julia, dizendo: «Amo-te». É verdade que não lhe havia escripto; mas se não lhe havia dado tão expressivas provas, tinha-lhe dado outras não menos certas, e que era preciso ser cego, para não as ver. Emmanuel era moço, Maria estivera, por muitas vezes, horas inteiras com elle, fallando em voz baixa, em assuntos do coração; havia-o tomado por confi-dente dos seus noveis pensamentos, e das suas primeiras recordações, comovera-se com os seus sofrimentos, estendera-lhe a mão, e elle nada advinhára. Emmanuel via-a, sempre que chegava, na janella, para ser a primeira a sorrir-lhe; conservar-se a seu lado, algumas vezes, meia hora, sem proferir uma unica palavra, receiando, que de repente as suas palavras, ou somente a sua voz, lhe não trahissem o coração, e elle nada havia comprehendido. Emmanuel via-a, em fim, d'um dia para o outro, quasi sem transição, apresentar de permeio, com receio da sua frasesa, a barreira das conveniencias, sendo a primeira a descobrir que ia muito longe a sua intimidade, e ficára convencido que Maria nem mesmo pensava nelle.

No fim de tudo, talvez que nem a propria Ma-

ria soubesse que amava Emmanuel. Sabem por acaso, as meninas da idade de Maria, quando e como amam? Depois, o coração da mulher é um tal labirintho, que muitas vezes, nem elles mesmas conhecem; seguem algumas vezes um pensamento que por elle caminha, perdem-lhe o rasto, para só o encontrarem muito tempo depois, mas fortalecido com a fadiga do muito caminhar. É uma felicidade que a mulher seja assim organisada; porque assim, serve aos loucos, e aos que o não são. Para os primeiros é uma paixão, para os outros é um estudo. É verdade que os loucos são os que muitas vezes, as conhecem melhor; mas, como depois de adquirido esse conhecimento, elles recobram a razão, vem sempre tudo a convergir ao mesmo ponto. Parece-me que já disse isto mesmo n'uma outra parte qualquer; mas, que importa? O que é bom para se dizer, deve ser bom para se repetir.

Iam, pois, ambos, Emmanuel e Maria, um dizendo: «Se ella sentisse por mim alguma affeição, não me teria dito o que ha pouco me disse!» Se elle me amasse, dizia a outra, não tomaria tão rapidamente uma tal resolução, deixando-me aqui só, como me deixou!» E por fim, ambos se enganavam. Uma creança de deseseis annos, e um grande político, são da mesma força, em amor. Pobre Emmanuel! Se nesse dia o tivessem visto, não reconheceriam o homem sério e pensador, que esboçamos no começo deste livro. O que é certo, é que se houve homem com força de vontade, era sem dúvida, elle. Se alguma vez essa

vontade assentou as bases e o limite da vida, foi de certo a sua. Desde que tivera a idade das paixões, previnira-se contra elles, e nunca succumbira.

Julia fôra a unica mulher, cuja influencia por um instante, receára, e vimos como quebrou todos os laços que o poderiam prender a ella, como rapidamente a tinha esquecido. Emmanuel, era, em fim, o que pode chamar-se um homem forte, e seguro de si.

Insensato, mil vezes insensato o homem que pensa conio pensava Emmanuel; que acredita poder subjugar a natureza, e as paixões humanas. Um tal homem contará as suas victimas, ou antes, as suas victorias; terá quinze annos de provas em apoio das suas theories; terá, como Ulysses, resistido ao canto das sereas, por mais astuciosas, e encantadoras que tenham sido; como Emmanuel, terá escapado a Julia, isto é, ao typo da astucia feminina, e do entusiasmo sensual; um bello dia, deixar-se-ha prender, como um collégial, pela candida ingenuidade d'uma menina de deseseis annos, que o tenha fixado com os seus bellos olhos azues, que não terá por si senão a sua graciosidade de pensionista, e que saberá tanto o que fez, apaixonando-se por elle, como elle sabe até onde pode ir, escutando-a. Decididamente, a arma mais temivel das mulheres, é a virgindade.

Entretanto o coração de Maria agitava-se, e quando o coração se agita, é por que se sente conquistado; porque nunca pensa senão em se

defender, ou em se entregar, o que, para as mulheres, é, pouco mais ou menos a mesma coisa.

Emmanuel passeava, torturando a pobre alma, e arrancando-lhe, de minuto a minuto, uma ilusão, e uma esperança. Em fim, tanto raciocinou, que se convenceu, ou acreditou convencer-se de que Maria, decididamente o não amava. Maria, como é facil de ajuizar, fazia pela sua parte o mesmo.

Mas d'onde vinha a Emmanuel essa instantanea necessidade de amar? Quem sabe se elle estava para isso preparado pelas primeiras commoções dos sentidos, que Julia lhe havia despertado? Em amor, todas as coisas se prendem entre si; a seu pezar, vinha muitas vezes a imagem de Julia, collocar-se paralella á de Maria. A comparação contribuia ainda para augmentar o sentimento, completamente novo que Emmanuel surprehendera em si mesmo, e que, ou fosse por affeição real, ou pela influencia da solidão, se havia tornado a primeira necessidade da sua alma. Durante o seu passeio pelo jardim, encontrou o conde.

— Olhe, disse mr. d'Hermi, parando, e apontando para um dos lados.

— O que é?  
— Não vê?  
— Vejo Clementina, apanhando flores.  
— Que tal a acha?  
— Adoravel.  
— Ha nada mais encantador? Repare como o grande chapéo de palha, lhe fica bem sobre os lin-

dos cabellos pretos! Deve tornar-se uma linda mulher!

— Julga isso?

— Tenho a certesa. Ora vamos, confesse que a ama.

— De certo, tenho-lhe muita amisade; mas sómenté amisade.

— Razão de mais, para a desposar; é sempre uma desgraça estar-se apaixonado da mulher com quem se vae casar.

— Mas porque?

— Por que com essa paixão envolvem-se sempre um pouco os sêntidos, e satisfeitos estes, torna-se a mulher o que são as amantes; em quanto uma simples affeição do coração, é mais dura-doura, e mais segura, sem contar que ha sempre a liberdade de lhe juntar o outro amor.

— V. ex.<sup>a</sup> acaba sempre por ter razão.

— Faça o que lhe digo; despose Clementina.

— Com efeito, parece-me que é o que tenho de melhor a fazer, murmurou Emmanuel, a quem o conde estudava com o seu olhar fino e prespicaz.

— Eu mesmo tratarei de tudo isso, continuou mr. d'Hermi.

Emmanuel não respondeu.

— Casarei com esta creança, dizia elle comsigo mesmo; dever-me-ha tudo, e amar-me-ha reconhecendo-o; é assim que se deve ser amado. Para que vim eu aqui? Estou-me desconhecendo. Que é o que se passa em mim? Nem mesmo sinto a força de recusar ao conde o casamento inutil que me offerece.

— Não havia tempo a perder. O fim das férias aproximava-se, e era indispensável que se arranjassem as coisas antes de Clementina regressar para o collegio. Em quanto á pobre menina nem mesmo suspeitava do que se passava em torno de si. Mr. d'Hermi não podia fallar a Clementina do projecto de casamento; foi á condessa que se dirigio. Disse-lhe que á felicidade d'Emmanuel dependia d'aquella união, e encarregou-a de ser intermediaria entre o perlendente e a interessante menina, pedindo-lhe ao mesmo tempo que se tornasse mais séria do que costumava, por isso que tinha em suas mãos, duas existências. M.<sup>me</sup> d'Hermi, assumio um ar solemne, e dirigindo-se a Clementina, disse-lhe:

— Minha filha, temos que conversar, subamos ao teu quarto.

Como se vê, no castello toda a gente partilhava, ou parecia partilhar o mesmo erro. O conde, a condessa, Emmanuel e Maria, não viam senão o que não existia. Sómente Clementina suspeitara um instante a verdade; mas, como vimos, a sua amiga desenganou-a no mesmo instante. É que, por mais joven, rico, nobre e espirituoso, ha coisas que não se advinham nunca; pode-se, como um conquistador, revolver um mundo, sem que por isso se consiga ler no coração d'uma mulher. Todas as grandes forças cahem diante desta insondável fraqueza, como a sciencia dos homens diante do enigma da sphinx; e que, velho ou moço, vaidoso pela mocidade, ou pela experien-cia, é sempre enganado pelos mesmos olhates, e

pelos mesmos sorrisos. Clementina passou adiante da condessa, subindo ambas para o quarto da primeira.

— Minha filha, disse m.<sup>me</sup> d'Hermi, assentando-se, metamorphoseando completamente a physionomia, tornando-se grave, em fim; é sobre o teu futuro que quero conversar contigo.

— Estou prompta a escutar, minha senhora.

— Já tens idade bastante para que te possa falar como a uma mulher. Nas resoluções, que abraçam toda a existencia, a interessada, é a que deve, segundo a minha opinião, ser consultada em primeiro logar. Já não tens pae, nem mãe; tens só uma thia, que fará o que tiveres resolvido, não é assim?

— Eu assim o julgo.

— Então escuta-me. É indispensavel que uma menina, mais cedo ou mais tarde, se case; isto faz-te surrir, e pensar ao mesmo tempo, que é melhor cedo do que tarde, e que se tu, por exemplo, te cazasses agora, não sómente ganharias um marido, mas livrar-te-hias d'um anno de collegio.

— Mas então é de mim que se trata?

— É de ti.

— Estou anciosa por saber...

— Nesse caso, responde-me como responderias a tua mãe; porque, como ella quereria, eu não queria senão a tua felicidade. Já imaginaste, como todas as meninas, um marido impossivel, repelindo o que é verdadeiro, pelo amor do ideal?

— Não, minha senhora, disse Clementina sor-

rindo ; até tinha dito muitas vezes a Maria, que só esperava um marido da província, muito humano, e não menos material.

— Desse modo, acceitarias de bom grado um mancebo, nobre e rico, que havias de amar, tomando a responsabilidade de o tornar tão feliz quanto coubesse em teu poder ?

— De certo, minha senhora.

— Então, minha filha, parece-me que não tornarás para casa de m.<sup>me</sup> Duvernay.

— Que está dizendo ?

— A verdade.

— Parece-me impossivel !

— Torno a repetir-te ; se não tens algumas theorias, alguma resolução anterior, e que se a tua thia não se opposer, d'aqui a um mez estarás casada.

— E eu conheço meu marido ?

— Conheces.

— É moço ?

— É.

— Bonito rapaz ?

— Sim.

— Bondoso ?

— Muito.

— E vivirá em Paris ?

— Sempre.

— Acceito, acceito !

— E alem de tudo isto é rico, o que não é para desprezar.

— Eu é que o não sou.

— Q'importa isso, se elle o é ?

— Como se chama ?

— Advinha.

— Não posso saber quem seja.

— É alguem que tu vês todos os dias.

— Mr. de Bryon ?

— Elle mesmo.

— Mas elle não me ama.

— Adora-te.

— Nunca m'o disse.

— Nunca t'o disse, mas disse-o ao conde, que me encarregou de te consultar.

— Como v. ex<sup>a</sup> é boa para mim ! Eu tambem o amo muito.

— É o que elle desejava saher. Agora não falles disto a ninguem ; finge ignorar tudo o que acabei de te dizer ; e espera que elle se dirija a tua thia. Promettes-me de não dizeres coisa alguma.

— Prometto.

— Nem mesmo a Maria ?

— Sim, minha senhora.

— Já comprehendes, minha filha, que tudo quanto faço é para a tua felicidade. Mr. de Bryon é um magnifico partido ; mas, sobre tudo, paciencia, e descripção. Agora, dá-me um beijo.

A interessante menina beijou a condessa, que desceu encantada por ter sido encarregada de uma missão tão grave, e extremamente satisfeita por ter obtido tão bom resultado.

— Então ? perguntou o conde a Clotilde.

— Então ? Tambem ella o ama.

— Tanto melhor, serão muito felizes.

— Quem sabe? disse a condessa com um suspiro.

— Eis-ahi um *quem sabe*, bem malicioso! disse mr. d'Hermi, surrindo.

— Tem-se visto tantos casamentos começarem assim...

— E acabarem por outro modo, não é verdade?

— Os homens teem tão pouco amor!

— E as senhoras são tão fortes no esquecimento!

— Isso é uma reprehensão, conde?

— Não tive similhante idéa.

— Tu nunca me amaste?

— Calate, disse mr. d'Hermi.

— Porque?

— Porque vem ahi o barão.

— Que m'importa o barão?

— Ingrata!

Durante este tempo, forcejava Clementina, para voltar a si, de tão grande surpresa; passeando pelo quarto, e mirando-se ao espelho, formava os planos mais extravagantes, e a imaginação, acompanhando o coração, viajava, só Deus sabia por onde. Quando, no momento de irem assentar-se à meza, se achou junta de Emmanuel, sentiu o coração sobresaltar-se-lhe. Círou e empallideceu ao mesmo tempo; pouco faltou para desmaiar. Mr. d'Hermi olhou-a de um modo que só ella podia comprehender, e a pobre menina forcejando por acalmar aquella primeira impressão, assentou-se.

Emmanuel, que ignorava a conversa da con-

dessa com Clementina, olhava como sempre, furtivamente para Maria, que estava um pouco mais preocupada que de ordinario, mas que fazia todos os esforços para parecer alegre. A condessa nunca o estivera tanto; o conde e o barão estavam encantadores.

À tarde, mr. d'Hermit, chamou de parte a Emmanuel, e contou-lhe o que a condessa tinha feito; Maria olhava para mr. de Bryon, suspeitando que se passava alguma coisa extraordinaria. Emmanuel olhou tambem uma ultima vez para ella, como para se assegurar de que não era amado, e vio-a inclinar-se para Clementina, e dizer-lhe qualquer coisa, que promovera o riso a ambas.

— Fez muito bem a sr.<sup>a</sup> condessa, disse Emmanuel.

O coração de Maria parecia querer sair-lhe do peito. N'aquelle noite todos se recolheram muito cedo. Clementina e Maria foram ambas para os seus quartos. Clementina mostrava a maior alegria; Maria estava melancolica, e, depois do constrangimento de todo o dia, os olhos occultavam as lagrimas, que só esperavam uma occasião para se derramarem. Clementina ardia em desejos de contar tudo á sua amiga, e, depois de um dia de silencio, os labios occultavam-lhe um segredo, que só esperava uma palavra para sair.

— Boa noite, disse Maria, estendendo a mão a Clementina.

— Já! disse esta.

— Estou muito fatigada.

- São apenas dez horas.
- O que é verdade, é que não parece teres vontade de dormir.
- Se eu estou tão contente!
- Tu sempre o estás.
- Hoje estou-o como nunca.
- Mas então, que te sucede?
- Ora! ahi está; disse Clementina, no tom, que quer dizer: É um segredo.
- Não te peço confidencias.
- Tu zangas-te?
- De modo nenhum.
- Eu digo-te, mas...
- Mas?
- Has-de jurar-me que não contas a ninguém.
- Juro o que quiseres.
- Imagina tu, continuou Clementina, aproximando-se de Maria, em quem a curiosidade supplantava a tristeza, e que escutava com a maior attenção; imagina que estou para casar.
- Deveras, e quando?
- D'aqui a um mez.
- Tua thia escreveu-te?
- Não: minha thia ainda não sabe nada.
- Mas então onde te casas?
- Em Paris.
- Nesse caso, m.<sup>me</sup> Duvernay.
- Votada ao esquecimento.
- Que felicidade! exclamou Maria; não nos separaremos... E com quem casas?
- Advinha.
- Eu conheço o teu marido?

— Conheces.

Maria teve um pressentimento, mas não ousou dizer o nome que lhe veio aos labios.

— Não sei quem possa ser.

— Procura bem.

— É alguém que vem aqui? disse ella tremendo.

— É.

— Muitas vezes?

— Todos os dias.

— O barão de Bay?

— Que loucura!

— Mr. de Bryon? disse Maria empallidecendo.

— Exactamente.

Maria esteve proxima a cahir no chão.

— Tens-lhe amor? continuou Maria.

— Muito.

— Mas ha dois dias, não o amavas.

— Hoje acredito que o amo.

— Mas... elle?

— Tambem me ama.

— Disse-te elle?

— Não.

— Então como foi...

— Disse-o a teu pae, e tua mãe repetio-mo hoje.

— Oh! meu Deus! exclamou Maria.

— Que tens?

— Nada; a alegria que me causa essa noticia...

— Emmanuel vae escrever a minha thia, que não ha-de ter a lembrança de recusá. Tu a mãe é quem trata de tudo isto; mas não digas nada.

— Podes ficar descansada.

— E eu que esperava casar com algum detestável tabellião ! O que, sobre tudo, me dá o maior prazer, minha boa Maria, é a idéa de que não irei para longe de ti. Que felicidade !

E Clementina lançou-se nos braços da sua amiga, que julgava estar sonhando.

— Parece que te entristeceu o que te disse.

— Pelo contrario, minha boa Clementina, tome o maior interesse na tua felicidade ; disse Maria assentando-se, e forcejando por suster as lagrimas.

— Sentes-te então muito feliz, não é verdade ? continuou ella.

— Nem podia deixar de ser.

— Tanto melhor !

— E eu que julgava que era de ti que mr. de Bryon estava enamorado... como era louca !

Maria estava passando pelo maior de todos os martyrios.

— Boa noite, disse ella quasi sem poder fallar.

— Tens muito sonno ?

— Muito.

— Então boa noite.

Clementina abraçou a sua amiga, que se tinha assentado na borda do leito, onde se conservava com o olhar fixo. A alegre creança foi para o seu quarto, não podendo socegar á força de felicidade, de mais a mais tão inesperada. Apenas ella saio foi Maria, maquinamente, sem ter a consciencia do que fazia, fechar a porta ; mas faltando-lhe de todo as forças, e sentindo-se ven-

cida por um esmorecimento difícil de exprimir, cahio de joelhos no meio do quarto, dando expansão ás lagrimas que em todo aquelle mao dia se lhe haviam accumulado no coração !

Pobre creança ! Era a primeira decepção por que passava !

---

## XVI

### II

A noite parecia não ter fim para a pobre Maria. É facil adivinhar qual o sofrimento que produz a primeira insomnìa de uma menina da idade de Maria. Muitas vezes, parecia-lhe que o pensamento lhe fugia, chegando a não se lembrar do motivo das suas lagrimas. Então, levantava-se, ahria a janella, e no meio do socego e da serenidade da noite, perguntava a si mesma, com os olhos fitos no arvoredo; mysteriosamente sombrio, se era aquella a felicidade que se obtinha da vida; depois, desesperando do presente, e do futuro, cabia n'uma tristesia indisivel; porque a alma, nunca se sente triste de mais, e saborea, por assim dizer, a voluptuosidade da dor. Fôra necessaria a Maria aquella circumstancia, para lhe revelar, não que amava a Emmanuel, mas quanto

o amava. Era ao ver passar toda a esperança da sua vida, para a vida de uma outra, que começava a comprehendender o que sentia: chegava ao amor, pelo ciúme. Depois, reprehendia consigo mesmo a mr. de Bryon por tal-a enganado, acusava-o de não ter sabido advinhar o que ella lhe occultava, e passeava pelo quarto, sempre debulhanda em lagrimas.

E a noite sem acabar. Maria, á janella, nos entreactos da sua dór, procurava aspirar o socégo da atmosphera que a rodeava: ter-se hia dito que não havia vivos, sob aquelle céo, senão ella e o seu pensamento. A lua illuminava magestosamente as flores que guarneциam a base do muro, e o grande prado que se apresentava aos olhos da desolada menina; mas só deixava filtrar um raio furtivo pelas longas e sombrias avenidas. Além desse indeciso raio não se via senão a sombra fantastica, na qual o espirito julga aperceber os seres sobrenaturaes, que desapparecem ao primeiro alvor do dia. De tempos a tempos, passava sob a lua uma nuvem transparente, que lhe obscurecia, por um minuto a pallida claridade. Tudo dormia com esse sonno imponente que acaba por assustar, a quem, só, o presenceia; de sorte que Maria, tomada de um terror vago, fechou a janella, e foi deitar-se. Tornou a accender o candieiro, e escutou, porque as noites sem somno, passam-se ordinariamente a escutar; julga-se sempre que por ser noite, se vão passar coisas, que não se passam durante o dia.

Maria, depois de ter chorado muito, tinha tor-

nado a deitar-se, como acabamos de dizer, e, habituada a uma vida feliz, começava a duvidar da sua dor.

Ainda assim não podia dormir; havia seis semanas que saíra do collegio, onde, feitas as rezas de todas as noites, dormia sem cuidados, e já tinha insomnias, por causa de um outro, que não era seu pae, ou sua mãe. De resto, não era ella a unica que velava.

Emmanuel, voltando para casa, não tinha podido conciliar o sono; mas este eslava costumado ás vigilias; entretanto, naquella noite, não era, como de costume, um pensamento de estudo, que o fazia assentar á meza; e, se por acaso tivesse a idéa de trabalhar, seria como uma diversão ao pensamento que o perseguia, e sem descanso o assaltava, porque, de instante a instante, levantava-se e passeava agitado pelo quarto, levando frequentes vezes a mão á fronte. Como Maria, abrira a janella, aspirara o mesmo ar, e dissera consigo mesmo: «A esta hora está ella dormindo socegadamente;» como ella dissera: «Agora dorme.» Depois fechára a janella, e voltando-se, apercebera na sombra o retrato de sua mãe, surrindo-lhe e como que protegendo-o. Aproximara-se do retrato, e uma lagrima lhe cahira dos olhos, ao mesmo tempo que uma supplicia lhe saíra do coração. Da recordação de sua mãe, transportara-se á de Maria, e fôra em vão, que se tornara a assentar á meza para trabalhar. E que, repetimol-o ainda, havia-se operado uma grande mudança na alma de Emmanuel. Desde

que visitava mr. d'Hermi, todas as vezes que se ocupava dos trabalhos sérios e graves, que até então lhe haviam preenchido a vida, ia a sombra da interessante menina, que vira durante o dia, pousar-lhe alegremente no meio dos assuntos mais transcendentes, dispersando-os, como as brisas do estio, dispersam os objectos mais leves, e tenues. Então Emmanuel não se dava ao trabalho de ligar a corrente interrompida das suas idéas; recostava-se na cadeira, e esquecendo o mundo e os homens, pensava só em Maria, que não vira ainda senão como a irmã da sua alma, e que agora ambicionava para companheira da sua vida; em Maria, a quem lhe parecia que fôra transmittida a alma de sua mãe, e a protecção viva que do céo lhe enviara á terra; em Maria, em quem, logo á primeira vez que a vira, julgara reconhecer o anjo do seu futuro; em Maria, enfim, que tanto amava, e por quem não era amado. Era quando o assaltava esta idéa perigosa e fatal, que sentia desgosto da vida, despresando os homens mais do que nunca.

— Os homens! os homens! pensava elle; concepção maldicta, que só concede a gloria com a condição de annullar o coração de quem aspira a ella! E é para ouvir pronunciar o seu nome pela multidão, que um homem se desherda em vida; de toda a felicidade e alegria que possa caber-lhe; quando seria tão doce e agradável que esse nome não fosse pronunciado senão por uma só boeca, na sombra, entre a oração e o sonho, entre a alma e Deos! Eu, o homem ambicioso e

egoista ; eu, nutrido até hoje só de orgulho e de vaidade ; eu, que tinha acreditado poder mathematisar a minha vida, daria todos os meus trabalhos passados, todas as minhas esperanças de fortuna e de futuro, para que a esta hora Maria velasse como eu velo, e pensasse em mim, como eu penso nella. Se ella me amasse, partiríamos ambos, isolando-nos no nosso amor. Abandonaria Paris e os homens, deixaria caminhar o mundo sem mim, no que elle não perderia coisa alguma ; porque, o que pôde a minha pequena vaidade sobre os seus grandes destinos ? Tenho sido um louco. Mas ella não me ama, e eu vou desposar uma outra, sem saber bem porque, nem para que ! Se tivesse mãe ! A minha pobre mãe ! Aconselhar-me-hia ; porque era mulher, dir-me-hia as coisas que o meu coração não sabe advinhar ; se não pudesse dizer-me coisa alguma, choraria comigo, e eu sofreria menos, porque sucede assim quando temos quem se interesse no nosso sofrimento. Nem mesmo cheguei a conhecê-la ; fui antecipadamente dosherdado do mais casto e santo amor ! Se eu escrevesse a Maria ; se lhe contasse tudo !

E começava uma carta, que logo em seguida inutilisava, por que lhe achava falta de senso commum.

Eis como Emmanuel e Maria passaram aquella noite. Havia ainda uma terceira pessoa, com o seu papel naquelle drama de familia : era Clementina, que, despedindo-se de m.<sup>me</sup> d'Hermitage, se havia

retirado para o seu quarto, e ao contrario de Maria, se deitara muito possuidor da felicidade que a esperava. Ia cumprir-se providencialmente, o que ella nem mesmo ousara sonhar, de sorte, que todos os seus pensamentos eram de amor e reconhecimento. Fazia votos de tornar feliz o homem que ia dar-lhe o seu nome; e a sua alma ingenua e candida, entregava-se aos projectos mais encantadores e castos. A imaginação de uma menina de deseseis annos caminha ligeira, e Clementina adormeceu, surrindo ás suas novas esperanças, como uma creança rodeada de novos *bonitos*. Infeliz, ou felizmente, talvez, tanto a alegria como a dor, tornam o sonno ligeiro, de sorte que a excellente menina, no meio dos seus sonhos doirados, sentio o ruido de uma janella que se abria, e levantou-se sobresaltada. Escutou e não ouvio mais nada. Dispunha-se já a deixar-se de novo adormecer, quando lhe pareceu que tinha luz no quarto, vendo logo em seguida, que aquella claridade nascia do feixe de luz que passava por baixo da porta do quarto de Maria. Davaam duas horas naquelle momento.

Clementina chamou pela sua amiga, que não respondeu. Então levantou-se, e foi muito devagarinho entreabrir a porta, entrando sem fazer bulha, com os olhos muito abertos, e o ouvido attento.

— Que imprudéncia! pensou ella; dormir com o candieiro acceso. E dirigio-se para o candieiro para o apagar. Foi assim até á cama, e vio Maria, que, appoiada sobre uma das mãos; os olhos

vermelhos, á força de chorar, tinham a fixidez que denuncia a tenacidade de um pensamento.

— Que tens tu, Maria?

Esta ultima, ouvindo uma voz junto de si, soltou um grito de susto.

— Sou eu, respondeu Clementina; causei-te medo?

— Ah f és tu; disse Maria, enxugando os olhos.

— Não me ouviste?

— Não.

— Pois chamei-te duas vezes.

— Estava dormindo.

— Não mintas; tu não dormias. Que tens? continuou ella abraçando Maria, e assentando-se junto della.

— Não tenho nada.

— Tu choraste?

— Foi um mau sonho.

— Já te disse que é muito mal feito teres segredos para mim.

— Mas tu, como acordaste?

— Ouvi abrir ou fechar a janella...

— Enganaste-te.

— Estou bem certa do contrario. Vamos, minha boa Maria, diz-me o que tens.

— Já te disse que não passa d'uma creancice. Nunca te sucedeu chorares sonhando, e acordares nessa occasião?

— Sim; mas tu não dormiste.

— Quem te disse isso?

— O teu candieiro, que não estava apagado, como é costume.

— Foi por que tornei a accendel-o. Mas que te importa o que eu tenho?

— Como! Que m'importa o que tu tens? Eu não mereço que me digas isso.

— Tu és feliz.

— E tu tambem.

— É verdade.

— Não obstante, choras.

— Não se tem muitas vezes ponsamentos tristes, que fazem chorar, como se fossem dores? Tudo isto não passa de um ataque de nervos.

— Não acredito nada disso. Occultas-me alguma coisa. Fico mal contigo. Adeos.

— Vais-te?

— Vou.

— Porque?

— Porque já não és minha amiga.

— Peço-te que fiques.

— Desejo-o bem; mas has-de dizer-me porque choras.

— É impossivel.

— É então uma coisa muito grave?

— Oh! se é!

— Tua mãe sabe-o?

— Só eu o sei.

— Com efeito, ha alguns dias que te desconheço. Sentes-te aborrecida?

— Talvez.

— Amanhã ter-te-ha passado.

— Assim o espero.

— Abraça-me.

— Sempre me deixas?

— Tu percisas dormir, e eu tambem. Amanhã tornaremos a fallar dos teus cuidados, disse Clementina affastando-se. Boa noite.

— Boa noite.

Clementina retirou-se para o seu quarto; mas em logar de se deitar, conservára-se a traz da porta que communicava o seu quarto com o da sua amiga. Alguns instantes depois viu que se apagava o candieiro, e supondo que Maria, enfim, se decidira a dormir, foi tambem deitar se.

No outro dia appareceu Maria, com os olhos muito vermelhos, mas parecia mais socegada.

— Não digas a minha mãe, que chorei, disse ella a Clementina.

— Mas ha-de ser com uma condição.

— Qual é?

— Dizeres-me a causa das tuas lagrimas.

— Mais tarde t'o direi.

— Quando?

— Quando já estiveres casada.

E Maria acompanhou esta phrase com um sorriso triste, e, por assim dizer, pallido. Mr. de Bryon chegou á hora do costume, e reparou na pallidez de Maria, que não reparou na sua, tanto ella era habitual. Como, por acaso, se achassem a sós, não pôde Emmanuel conter-se sem lhe dizer:

— Parece que tem soffrido, minha senhora.

— Passei parte da noite conversando com Clementina, o que me causou uma certa fadiga; nunca nos devemos poupar a uma vigilia para nos entretermos com uma pessoa que amamos.

— E m.<sup>lle</sup> Clementina é feliz?

— É o sr. quem o pergunta?

— E porque não?

— Porque o deve saber melhor que ninguem; porque é o sr. a causa da sua felicidade.

— Não sei o que quer dizer.

— Então não está proximo a desposal-a?

— É esse o desejo de mr. d'Hermi.

— Mas confesse que é cumplice n'esse desejo.

— Confesso.

— Eu dou-lhe os parabens; Clementina é uma excellente menina.

— Que talvez me ame.

— Que já o ama.

— Disse-lh'o ella?

— Não fez outra coisa em toda a noite.

— E v. ex.<sup>ª</sup> aprova este casamento?

— Eu aprecio muito as felicidades de Clémentina, porque sou muito sua amiga; e a sua, por quem tenho a maior estima.

Mr. de Bryon, ouvindo estas palavras, sentio obscurecerce-lhe a vista. Levantou-se, e Maria imitou-o.

— Clementina está no jardim, lhé disse elle.

— Obrigado, minha senhora, respondeu elle cumprimentando-a; e sahio.

Deixamos ao leitor o julgar os pensamentos que agitaram, durante todo o dia, tanto um como outro. Clotilde não suspeitava coisa alguma; o barão só se ocupava desta *última*; Clementina conversava, e gorgoeava como uma avesinha, não se tornando séria senão em presença de mr. de

Bryon; e o conde parecia feliz, no meio de tudo aquillo. Quando foram para a meza, para jantar, começou a conversação. Emmanuel procurava affectar o maior sangue frio, forcejando mesmo por sorrir; Maria quiz fazer o mesmo, mas era um desejo superior ás suas forças, e vinte vezes esteve a ponto de não poder suster as lagrimas. Poude conter-se, mas era facil perceber a sua preocupação. Seu pae interrogava-a com o olhar inquieto, que nascce do coração, mas a pobre menina evitava aquelle olhar, porque sentia que bastaria uma palavra, para a fazer romper em soluções.

— Estás incommodada? perguntou-lhe Clementina em voz baixa.

— Não tenho nada; deixa-me.

— Como estás pálida! disse-lhe a condessa.

— Isto não é nada, minha boa mãe.

Como se comprehende, todas estas perguntas e respostas, torturavam demasiadamente a pobre menina; mas, ao menos, occupavam-se d'ella, e n'aquelle mesma importunidade havia uma especie de consolação. Em fim, acabaram por não dar mais atenção ao seu estado, tomando a conversação uma outra direcção.

— Nem mesmo me perguntou o que tenho, pensou Maria, referindo-se á Emmanuel.

Somente Clementina, com a tenacidade irreflectida da mocidade, continuava a fazer perguntas em voz baixa, á sua amiga. Maria, não podendo já soffrel-a, levantou-se da meza e sahio.

— Onde vai ella? perguntou a condessa.

— Julgo que não se sente boa; vou ver o que

ella tem, disse Clementina, levantando-se, para ir em seguimento da sua amiga.

— Vae, vae; peço-to eu, disse a condessa.

Emmanuel teria dado tudo, por acompanhar Clementina, que foi encontrar Maria no seu quarto, debulhada em lagrimas.

— Pelo amor de Deos, diz-me o que tens; exclamou Clementina, tambem quasi a chorar.

— Deixa-me; diz a minha mãe se tem a bondade de aqui vir.

Clementina voltou á casa de jantar, transmittir á condessa o pedido de sua filha. Clotilde levantou-se, e foi logo aonde era chamada. Depois foi mr. d'Hermit quem interrogou Clementina.

— Eu creio que o seu sofrimento, é todo proveniente de um ataque de nervos.

— Minha querida mãe exclamou Maria, lançando-se a soluçar, nos braços da condessa.

— Que tens tu, minha filha?

— É muito minha amiga, não é?

— Tu bem o sabes; não há aqui uma só pessoa, que não seja muito tua amiga.

— Não é tanto assim, minha mãe.

— Queres que mande chamar o doutor?

— Não é preciso; o chorar far-me-ha bem.

— O tempo, está tão máo, tão pesado, dizia Marianna.

— É do tempo, é, minha bõa Marianna, respondeu Maria, estendendo a mão á excellente creature.

— Deita-te, deita-te, minha filha.

— Vou deitar-me, vou; mas não posso ficar só.

— Vou dizer a Clementina que venha fazer-te companhia.

— Não ; Clementina, não.

— Então ficarei eu ; mas, conversemos.

— Pois sim, minha querida mãe ; disse ella, abraçando a condessa, que não comprehendia coisa alguma de tão extraordinario sofrimento.

Maria, em seguida, deitou-se.

— Estás ardendo em febre ; cobre-te bem.

— Isto não ha-de ser nada.

Clementina tinha ficado só com mr. de Bryon. O barão passeava sem companhia.

— O que tem Maria ; m.<sup>elle</sup> Maria, queria eu dizer, perguntou Emmanuel a Clementina.

— Julgo que não tem coisa alguma

— Não está doente ?

— Parece-me que não.

— Deos o queira !

Clementina olhou para Emmanuel, que lhe fez aquella pergunta, visivelmente comovido.

— É extraordinario, pensou ella ; e Maria que não me quer ver !

E affastou-se preocupada com esta idéa, applicando-se toda a tarde, a estudar Emmanuel. Maria acabou por socegar, e, vencendo, como sempre, a naturesa, adormeceu, ou fingio que adormecia. Alguns instantes depois, entrou Clementina no quarto da sua amiga, que, pressentindo-a, abrio os olhos.

— Ainda me queres mal ? perguntou-lhe Clementina, abraçando-a.

— Nunca te quiz mal ; estava doente, e bem

— Sabes, que se é sempre um pouco má quando se soffre. Perdoa-me, e assenta-te alli. Mas, também estás pallida.

— É possivel.  
— Porque?  
— Porque, ha uma hora, tenho pensado muito.  
— Em que?  
— No futuro.  
— Tornaste-te previdente?  
— Assim é necessario.  
— É muito justo; vaes casar...  
— Já não caso.  
— Não te casas?! exclamou Maria, não podendo conter um movimento d'alegria involuntaria.

— Não.  
— Que queres fazer, então?  
— Voltar para o collegio.  
Maria encarou-a com a maior attenção, procurando advinhar-lhe o pensamento.  
— Mas, parecias tão feliz, com a idéa do teu casamento.

— Mudei de opinião.  
— Amavas mr. de Bryon...  
— Assim o acreditava.  
— Mas elle amava-te?  
— Não.  
— Quem t'o disse?  
— Ama outra.

Maria empallideceu; mas sentio aproximar-se a certesa da felicidade que havia sonhado.

— Como sabes tu que ama outra? perguntou ella, com a voz mal segura.

- Advinhei-o.
- Enganas-te, de certo.
- Não me engano; e essa outra tambem o ama.
- Crês isso?
- Tenho toda a certesa. Já estás melhor, não é verdade? Já tens melhor cór.
- Sinto-me, com effeito, melhor.
- Então, retiro-me.
- Tão cedo?
- Ámanhã ha-de vir mais cedo, para saber do teu estado.
- O que queres tu dizer?
- Quero dizer que mr. de Bryon ainda não sahio, e que é capaz de ficar no castello toda a noite, sem ter animo de ir para casa.
- És um anjo, minha querida Clementina.
- Então sempre confessas?
- É indispensavel.
- E amas-lo.
- Mais do que tudo, neste mundo.
- Sendo assim, sé feliz.
- Vem ahi alguem; é minha mãe. Cala-te, não digas nada. Deixa-a ignorar tudo; é um segredo entre nós ambas.
- Podes estar descansçada; não lhe direi coisa alguma.

Com effeito, a condessa, ouvindo fallar no quarto de sua filha, entrou. Clementina approximou-se da janella, para enxugar uma lagrima, e voltou com o sorriso nos labios.

Então? disse Clotilde.

\*

— Bem lhe tinha dito que não era nada, minha mae. Foi Clementina quem me salvou.

E estendeu uma das mãos á sua amiga, e outra a sua mae.

## XVII

— Queres voltar para a sala? disse m.<sup>me</sup> d'Hermi a sua filha, apenas a vio socegada.

— Não, minha boa mãe; passarei o resto do serão, com Clementina.

— Queres que diga a teu pae que venha ver-te?

— Desejava-o bem.

— Não tarda que mr. de Bryon se retire; portanto d'aqui a pouco estará teu pae livre.

— Diga-lhe que já estou boa, minha querida mãe; e apresente as minhas desculpas a mr. de Bryon, continuou ella, olhando para Clementina.

— Vou já fazer tudo isso, respondeu m.<sup>me</sup> de Hermi, que estava a cem legoas de distancia da verdadeira causa da indisposição de Maria.

— Assegura-me, exclamou esta ultima, lançando-se nos braços da sua amiga, apenas a con-

dessa fechou a porta ; assegura-me que não ficas ressentida comigo.

— E porque, meu Deus ! Porque amas mr. de Bryon ? Pelo contrario, estou satisfeitissima, porque tambem elle te ama.

— Estás bem certa disso ?

— Bem sabes que ha muito que te previni.

— É verdade, respondeu Maria, beijando a sua amiga ; tu és mais do que boa, és previdente, o teu excellente coração advinha o que se passa no coração dos outros ; por isso, minha querida Clementina, tenho o maior empenho na tua felicidade. Mr. de Bryon e eu, encontrar-te-hemos um bom marido.

— Tu fallas de mr. de Bryon, como se já fosses sua mulher.

— Mas não tenho quasi a cortesa de o ser ?

— Tambem eu já disse o mesmo. Fizeste muito bem em me prevenir a tempo. Que triste coisa devia ser o meu casamento ! Como eu deveria aborrecer ao pobre Emmanuel ! Mas seria esposa d'um par do reino ! Não era lá qualquer coisa.

— Confessa que tens pena.

— Porque não ! Se não tivesse pena, não seria sacrificio o que faço por ti ; e eu quero ter as honras da acção ; quero um dia poder dizer, que me deverás a tua felicidade.

— A felicidade de toda a minha vida, continuou Maria, por que agora conheço, que só depende deste casamento.

— Tens a certeza de te não enganares ? Na nossa idade obedecemos aos primeiros conselhos do co-

ração, por tanto seria uma grande desgraça encadear a vida por um sentimento que não fosse verdadeiro. Se um dia descobrisses que não amavas mr. de Bryon ?

— Não tenho esse receio, porque o amo, minha querida Clementina. Ninguem, antes delle, me perturbou o sonno e o pensamento ; ninguem antes delle, pôde fazer, com que eu, por algum tempo, te odiasse.

— Com efeito ; chegaste a ter-me odio ?

— Toda uma noite.

— És uma creançal Devias ter-me dito a verdade.

— Que queres ? Eu julgava que não era amada por elle. Olha, o que te posso affiançar, é que no dia do teu casamento, morreria de desgosto.

— Que dirá teu pae, que estava tão satisfeito com a sua obra ?

— Não lhe falles de coisa alguma.

— Parece-me, ao contrario, que seria bom prevenir-l-o, visto as coisas terem chegado ao ponto a que chegaram.

— Espera ainda algum tempo.

— Se assim o queres, absolutamente...

— Quero, sim ; ainda não ha muito tempo que disse a meu pae, que nunca me separaria d'elle.

— Teu pae, minha querida Maria, segundo tu mesma me tens dito, tem-te confiado a tua propria felicidade ; tem-te deixado a liberdade da escolha, convencido de que um nobre coração como é o teu, não poderá nunca enganar-se. Teu pae sentir-se-ha feliz com o teu amor.

— Sem duvida ; mas toda a gente de casa saberá que amo mr. de Bryon, e todos fallarão logo de casamento. Prefiro, agora que não tenho rival, guardar por um pouco, este segredo para mim só ; digo para mim só, porque o teu coração é como o meu, e por isso não me ha-de atraíçoar. Prefiro, que mr. de Bryon, agora que estou certa do seu amor, duvide ainda algum tempo, se o amo. Quero exercitar a minha politica de menina, contra a sua de homem d'Estado. Quero ver se o grande diplomata, que tão facilmente lê no coração dos homens, e nos destinos dos impérios, saberá ler na minha alma, a palavra que tanto o interessa. Quero collocar-me acima da sua ambição, porque, felizmente, é ambicioso. Dizem que é uma grande e nobre paixão, quando reside n'um grande e nobre coração. Quero fazer-lhe esquecer os seus trabalhos, os seus fins, seus calculos, e theorias, tudo sobre que até hoje tem baseado a sua vida, e com cujo apoio parece contar. Não te lembras das nossas conversações ; não te lembras da infallibilidade com que nos dizia ter calculado o seu futuro politico ? Quando assim fallava, parecia, sem com tudo o confessar, não ligar grande importancia aos detalhes do coração, não lhe concedendo sobre a existencia d'um homem, como elle pertende ser, senão uma influencia muito mediocre. Quero punil-o de tal presumpção. Quero, uma vez que sou a mais forte, e por que tu me affirmas que me ama...

— Affianço-t'o, respondeu Clementina, rindo.

— Quero que me offereça o sacrificio de todos os seus trabalhos e projectos. Quero fazer um Tircis deste Talleyraud, ainda que tenha depois de dar-lhe a liberdade. Que triumpho para mim, se dissessem : Mr. de Bryon, o nosso joven par, o o nosso anstero politico, vae deixar a Camara, para ir viyer n'um valle da Suissa, com sua mulher, uma creança de desesete annos, loira, ingenua, e sentimental ? Ora, diz, não gostarias que dissessem isto ?

— De certo ; sobre tudo se juntassem : É á pobre Clementina Dubois que m.<sup>ella</sup> d'Hermi deve o ter podido operar uma tão grande transformação.

— Ahí está ; já o esquecia. Como é egoista a felicidade ! Mas fica sabendo, continuou Maria, que não me parece difficult de execução tudo isto que imagino. Mr. de Bryon, é dotado, sob o seu manto politico, da sensibilidade de uma menina ; quando me fallava de sua mãe, tinha lagrimas nos olhos. Do que eu estou certa é que mr. de Bryon tem mais amor no coração, do que ninguem ; tanto mais que nunca teve occasião de o empregar. A prova está na avidez com que elle accitou a amisade e a convivencia da nossa familia. Não o viste no dia da caçada ? Não era um homem, era uma creança. Queres ser a minha dama de honor ?

— Quando tu te casares, estarei eu em casa de m.<sup>me</sup> Duvernay.

— Mas casar-me-hei em Dreux.

— Farás o que dizes ?

— Porque não? Não será mais do que uma superstição bem natural, um reconhécimento bem justo, um dever bem suave...

— Que effeito isso não fará em Dreux!

— Toda a cidade se interessará.

— E que honra para o collegio de m.<sup>me</sup> Duvernay!

— Que feliz coisa é a vida, minha querida Clementina!

— Hontem não dizias tu isso.

— Mas desde hoje, dil-o-bei sempre.

— É o que peço a Deos, minha querida Maria; mas com quem casarei eu, agora?

— Não te inquietes; achar-te-hemos um marido.

Neste momento bateram á porta do quarto.

— Fallaremos d'outra coisa, disse Maria; ahi está meu pae. Pode entrar, gritou ella, com a voz mais doce.

O conde abrio a porta, e appresentou-se muito risonho.

— Então que é isso, minha filha; estiveste doente?

— Um pequeno incommodo, que já passou.

— Tua mae, acaba agora de me dizer, que foi Clementina quem fez tão bella cura.

E dizendo isto olhou para m.<sup>elle</sup> Dubois, de um certo modo quasi confidencial, de que a pobre menina não achou bem a explicação.

— É verdade, respondeu Maria; mas como o papá tardou tanto em vir vêr-me!

— Que querias; não havia de mandar embora mr. de Bryon.

— Então tinha alguma coisa bem importante que lhe dizer.

— Não; estava sómente com cuidado em ti. Dizia-me que tinha estudado um pouco a medicina, e offerecia-me os seus serviços; fazia-me perguntas sobre o que poderia ter-te indisposto de tal modo; em fim, continuou m'r. d'Hermi, no tom mais natural, dizia-me tudo o que um homem de boa sociedade, pode dizer a um pae em similhante circumstancia.

— Mas o papá socegou-o completamente.

— Sim; o que não impedirá, disse-me elle, de vir ámanhã muito cedo, para ter notícias tuas.

O conde, em quanto fallava assim, estudava o rosto de sua filha. Maria córou um pouco, olhando desfarçadamente para Clementina, mas não respondeu. Mr. d'Hermi assentou-se junto da cama, e pegou-lhe na mão; m.<sup>me</sup> d'Hermi foi juntar-se a seu marido, e ás duas meninas. O barão foi admittido alguns instantes no quarto de cama de Maria, e quando eram onze horas separaram-se.

— Levanta-te cedo, ámanhã; tenho que te falar, disse o conde, em voz baixa, a Clementina, em quanto a abraçava.

— Quando forem oito horas, estarei no jardim, sr. condé.

Maria não ouvio, nem o que dissera seu pae, nem o que respondera a sua amiga.

— Parece-me que esta noite has-de dormir melhor, disse Clementina, depois de se acharem sós.

A unica resposta de Maria, foi abraçar mais uma vez a sua amiga, que em seguida passou

para o seu quarto, para também se deitar, e descançar da fadiga d'aquelle dia, em que tanto tinha pensado.

Clementina, no outro dia, fiel ao que havia promettido, e sem poder advinhar o que o conde lhe quereria dizer, desceu ao jardim. Para isso, foi-lhe preciso atravessar o quarto de Maria ; mas esta, a quem a alegria tivera por muito tempo acordada, não tinha adormecido senão muito tarde ; de sorte, que estava com a cabeça sobre o braço direito, dormindo profundamente, com a bocca entreaberta, e surrindo. Se Emmanuel a tivesse visto assim, affianço que não teria resistido á tentação de beijar aquella fronte alva, e aquelle hombro artisticamente arredondado, que o lencol mal cobria. Clementina atravessou o quarto nas pontas dos pés, e desceu. Maria não fez o menor movimento. Mr. d'Hermi andava já passeando, acompanhado dos seus dois cães favoritos, que se aproveitavam o melhor que podiam, d'aquelle favoritismo.

— Eis-me aqui, sr. conde ; disse Clementina, tomado o braço de mr. d'Hermi.

— És muito exacta, minha filha, disse o pae de Maria, beijando a interessante menina. Agora vamos conversar de coisas sérias.

— Estou prompta para escutar.

— A condessa fallou-te um dia destes, disse o conde no tom mais paternal, e tomado na mão esquerda a branca mãosinha que Clementina apoiára no seu braço direito.

— Bem sei o que vae dizer-me.

— Já sabes !

— Vae fallar-me do meu casamento com mr. de Bryon.

— Justamente.

— Eu renuncio a elle.

— Porque ?

— Porque, decididamente, não o amo, e elle parece que tambem não me ama.

— É só essa a razão ?

— Só.

— Juras-lo.

— Conforme sobre o que tiver de jurar.

— És um anjo ! Mas é inutil tentar enganar-me. Já sei tudo.

— Mas então o que sabe, sr. conde ?

— Sei que Maria ama mr. de Bryon.

— Como o soube ?

— E que Emmanuel ama minha filha.

— Mas quem lhe disse tudo isso ?

— Vi-o eu.

— Hontem ?

— Logo no segundo dia que Emmanuel aqui veio, eu previ que seria assim, e ha mais de quinze dias, que adquiri a certeza da minha previsão.

— Agora é que não comprehendo, disse Clementina.

— O que é que não comprehedes ?

— Como é que o sr. conde, sabendo tudo isso, me quiz fazer cazar com mr. de Bryon ? Não queria que elle desposasse Maria ?

— Pelo contrario ; é o meu maior desejo.

Clementina olhou para o conde, com um ar de quem queria dizer: Qual de nós é que perdeu a razão?

— Foi por te explicar todas essas coisas, que eu te pedi que viesses hoje aqui, para conversarmos a sós. Eu sabia que Maria amava Mr. de Bryon, e que este amava minha filha; mas sabia também que não confessariam reciprocamente o seu amor; porque o nosso grande político, em coisas do coração, é uma creança, e de certo não seria Maria, quem primeiro encetasse o assumpto. O tempo ia passando; nós íamos voltar para Paris, aonde as relações seriam naturalmente menos frequentes. Eu desejava, e desejo ainda esta união, porque acredito que Emmanuel tornará Maria feliz; era, pois, preciso uma crise que obrigasse os nossos dois amorosos a pronunciarem-se. Comprehendes agora, minha querida filha?

— Maravilhosamente.

— Aconselhei a Emmanuel que te desposasse...

— Com a esperança de que elle lhe confessasse o seu amor por Maria?

— Exactamente. Mas Emmanuel, que não tinha a certeza de ser amado, e que agora mesmo, ainda não percebe bem, o que sente, aceitou.

— Que bello casamento que eu teria feito!

— Não havia a receiar que este casamento tivesse lugar. Foi então que eu pedi à condessa, que ainda hoje está convencida de que Emmanuel está louco por ti, para te fallar. Eu estava bem convencido, que apesar da promessa que lhe tinhas feito, de não dizer nada a Maria, não re-

sistirias á tentação de lh'io contares, e que ella então confessaria tudo. Não confessou nada; mas a scena de hontem foi bastante significativa; e a perturbação de Emmanuel ao vel-a doente, provou-me que não me tinha enganado. Quando hontem á noite vi a alegria de Maria, comprehendi desde logo, que ou ella te havia dito tudo, ou tu, tendo-o advinhado, renunciáras, por consequencia, voluntariamente, a este casamento.

— Tudo isso é verdade. Como v. ex.<sup>a</sup> vê tudo de longe!

— É por que a minha amisade por Maria, está acima de toda a expressão.

— E se eu estivesse apaixonada por mr. de Bryon? disse Clementina, rindo.

— Mas não o estavas.

— Também conheceu isso?

— Também. Agora, minha querida menina, tenho ainda a dizer-te, que te pedi que viesses aqui, para te agradecer o que fizeste por Maria, e para te affiançar, que é um sacrificio que nunca esquecerei. Devo-te um bom marido: dar-te-hei.

— Não se inquiete com isso sr. conde; encontra-lo-hei eu, se v. ex.<sup>a</sup> o não encontrar.

— Será necessário recommendar-te, que não digas nada a Maria, do que acabei de te dizer?

— É inutil, sr. conde, contar-lhe-hei tudo.

— Mas em presença d'Emmanuel, da condessa e de mr. de Bay?

— Guardarei o maior silencio.

— É isso mesmo. A felicidade, minha querida

Clementina, é uma flor, que necessita de sombra para desabrochar. É preciso que Maria, tu, e eu, sejamos os unicos a conhecer a sua felicidade.

— Esteja tranquillo ; calar-me-hei.

— Mr. d'Hermi abraçou e beijou Clementina.

— Mas, continuou esta, como havemos nós agora, romper o meu casamento com mr. de Bryon ?

— Não receies nada ; não o desposarás. Eu me encarrego desse detalhe. Com effeito, Maria está quasi apaixonada por elle ?

— Esteve toda a noite a chorar ; v. ex.<sup>a</sup> bem vio o estado em que ella estava hontem, ao jantar.

— Assim, acreditas que será feliz ?

— Eu conheço bem Maria ; estou certissima de que ha-de ser muito feliz.

— Perdoas-me então ?

— Mas o que ?

— O ter-te enganado.

— Maria não é, como se fôra minha irmã ? não é v. ex.<sup>a</sup> como se fôra meu pae ? Não sómente lhe perdôo, mas sinto o maior prazer de ter podido ajudar a assegurar a felicidade de Maria. Demais, Maria prometteu-me uma coisa, que me destruiria qualquer pena, se acaso a tivesse.

— O que foi ?

— Prometteu-me que iria casar-se a Dreux.

— E ha-de cumprir a sua promessa.

— Olá ! sr. conde, como passa m.<sup>clie</sup> d'Hermi, disse por de traz do conde, uma voz, que elle

reconheceu ser de mr. de Bryon, que não faltaria ao que promettera.

— Obrigado, meu charo Emmanuel, respondeu o pae de Maria, voltando-se, e apertando cordealmente a mão do joven par, obrigado; vae magnificamente, vel-a-ha dentro em pouco.

Emmanuel tirou do bolço o lenço, e limpou a fronte banhada de suor. Tinha vindo ao trote largo do seu cavallo, gastando apenas dez minutos em percorrer meia legoa. Clementina e o conde olharam um para o outro, e surriram-se.

## XVIII

Chegára o mez de novembro; o tempo tornara-se frio, e as arvores iam perdendo a folhagem. O parque começava, por assim dizer, a emmagrecer, e as folhas, já amarillas, estremeciam continuamente com o vento do outomno. Já não se passava de tarde, e já a noite se passava em torno do fogão. Maria e Clementina tocavam e cantavam; mr. de Bay jogava o bilhar com o conde, e mr. de Bryon, com o pretexto de não deixar só a condessa, ficava escutando Maria. N'um dia dissera o conde a Emmanuel:

— A condessa escreyeu á thia de Clementina, perguntando-lhe a sua opinião, sobre o casamento projectado.

— E a thia de Clementina... perguntou Emmanuel com uma inquietação, que não podera dissimular.

— A Ibia de Clementina, continuou o conde, a quem não escapára o movimento de mr. de Bryon, respondeu que desejava que sua sobrinha passasse ainda um anno no collegio.

É desnecessario dizer que Emmanuel não insistio no assumpto. A abertura das Camaras estava proxima, e mr. de Bryon, que necessitava, por isso, de voltar a Paris, não fallava em similarhante coisa; esperava pela partida de toda a familia de mr. d'Hermi. Era nella que residia o seu coração; se tivesse passado o inverno no castello, ter-lhe-hia sacrificado a Camara. Foi Maria quem advinhou tudo isto.

— Meu pae, disse ella uma manhã, em presença de Emmanuel, desejava assistir á abertura da Camara dos pares; tenho ouvido tantas vezes mr. de Bryon *fallar da politica*, que desejava ver tudo aquillo de perto.

— A Camara abrir-se-ha d'aqui a oito dias, disse Emmanuel, e nesse tempo, ainda v. ex.<sup>a</sup> aqui estará.

— Nesse caso, disse o conde, que comprehendeu a intenção de Maria, partiremos ámanhã.

Emmanuel agradeceu a Maria com um olhar imperceptivel. No dia immediato, ao meio dia, subiram para uma carroagem, a condessa com as duas meninas; e partiram. Logo em seguida, iam n'uma carroagem de posta, o conde, Emmanuel, e mr. de Bay. Dentro em pouco chegaram a Paris, o que quer dizer, que se separaram. O conde, sua esposa, Clementina e Maria, entraram para o seu palacio da rua dos Saint-Pères, onde

\*

Emmanuel e o barão fizeram as suas despedidas.

Emmanuel teve consigo o barão todo o resto do dia; ter-se-ia dito, que desejava ter continuamente a seu lado, alguem que lhe recordasse a felicidade que gozara durante dois mezes. A vista do seu quarto lançou-o, por assim dizer, na realidade. A primeira coisa que se lhe apresentou á vista, foi a carta de Julia, que deixara sobre a meza, e que ia encontrar no mesmo sitio. Parecia-lhe, tornando a ler aquella carta, que havia dez annos, que tivera lugar a aventura, que ella lhe recordava. Queimou-a. Aquele quarto, em que elle outrora entrava, sempre tão preoccupiedo, onde o trabalho, hospede egoista, não deixava penetrar nenhum outro pensamento, pareceu-lhe deserto. O habito que tinha contraido, no castello d'Herini, de ter sempre presentes aquellas duas sombras, que lhe animavam a vida, fazia-lhe então achar um grande vacuo no coração. Parecia-lhe que a propria Clementina não seria de mais em sua casa. A alegria da interessante creança tel-o-hia consolado um pouco do sentimento de tristesa, e de saudade que o tinha assaltado, ao entrar em sua verdadeira casa, e em sua verdadeira vida.

O que elle havia previsto, realisou-se. Era impossivel, tanto a Emmanuel, como á familia do conde, o verem-se tão frequentemente, como quando estavam no campo. Uma visita era em Paris uma coisa quasi transcendent; em quanto que antes, era um prazer facil e quotidiano. A cidade não aceita a liberdade do campo, e to-

davia o conde tinha instado com Emmanuel, para que não alterasse em coisa alguma os costumes do castello. Entretanto, o novo sentimento, que de repente invadira o coração de mr. de Bryon, espantava-o de tal modo, desde que voltara a Paris, que, bem só, comsigo mesmo, e em presença dos seus habitos passados, quiz estudar esse sentimento e raciocinar. Dizia comsigo, que talvez o aspecto continuado da natureza, o repouso, o isolamento, a intimidade d'uma nova familia, lhe tinham criado necessidades á vida, que sem duvida a sua volta a Paris, isto é, aos negocios e trabalhos, ia destruir, ao menos pelo lado sentimental que podesse ter. Em presença da sua existencia theorica, e cujo menor incidente era para elle uma prova, tentou convencer-se de que a sua organisação era antipathica aos praseres sedentarios da familia. Chegou mesmo a pensar, que seria ridiculo, que seguisse o caminho comum, e que desposasse uma pensionista de desseis annos, elle, o homem que tinha jurado á sua carreira politica, nunca se distrair do seu fim, conservando-se sempre independente. Concluiu por perguntar a si mesmo, se decididamente amaria m.<sup>elle</sup> d'Herri, felicitando-se de não a ter ainda pedido a seu pae.

Foi raciocinando deste modo que Emmanuel adormeceu na princira noite da sua chegada. No outro dia, ergueu-se muito cedo; pedio os jornaes, envolveu-se no seu chambre, assentou-se junto do fogão, como costumava fazer antes de partir para o Poitou, e, conscienciosamente, to-

mou a posição de um homem, que vae occupar-se de coisas muito serias. Abrio os jornaes, cujos caractares, pareciam dançar-lhe diante dos olhos, porque em quanto os lia, pensava n'outra coisa; e machinalmente, a seu pesar, vestio-se, e dirigio-se á rua dos Saint-Pères, quasi sem saber o que fazia, e como se seguisse o coração, servindo-lhe de guia.

Eram nove horas quando se apresentou em casa do conde. Toda a gente dormia ainda. Emmanuel não era ainda bastante conhecido de toda a familia para tomar a liberdade de esperar familiarmente que mr. d'Hermi se levantasse. Deixou pois a rua dos Saint-Pères, quasi envergonhado daquella invencivel atração a que tinha cedido, e que não o conduzio a coisa alguma. O tempo estava bom, mas frio. Emmanuel em vez de voltar para casa, foi passear, ao acaso, sem fim, sem razão, e sem saber senão uma coisa, e era que se lhe tornava impossivel fazer coisa alguma sem que tivesse visto Maria.

Passando pela ponte Real, viu um mancebo que lhe pareceu conhecer, e que, com effeito, se lhe aproximou com certo respeito lisongeiro, e o cumprimentou, perguntando-lhe pelo seu estado de saude.

— Sou o marquez de Grige, disse o mancebo, vendo que Emmanuel, não obstante reconhecel-o, não se lembrava do seu nome; e tive a honra de lhe ser apresentado pelo barão de Bay.

— Recordo-me muito bem, respondeu Emmanuel, offerecendo affectuosamente a mão ao jo-

ven marquez, pedindo-lhe ao mesmo tempo notícias suas.

— V. ex.<sup>a</sup> deixou Paris, como tencionava fazer, dois ou tres dias depois daquelle em que o vi na Opera ? perguntou Leão.

— É verdade ; fui para o Poitou.

— E, continuou o marquéz, surrindo, não será indiscripção perguntar-lhe, como se terminou aquella aventura com a bella Julia ?

— Magnificamente.

— V. ex.<sup>a</sup> resistio ?

— De modo nenhum.

— Mas, partio ?

— Com de Bay, no dia, e á hora convencionada.

— E o que pensou ella dessa partida ?

— Não sei ; não a tornei a ver, nem me escreveu.

Emmanuel continuou caminhando para o lado do caes Voltaire.

— Vae ao arrabalde Saint-Germain ? perguntou-lhe de Grige.

— Vou ; á rua dos Saint-Pères.

— Se o permite iremos de companhia, porque vou á rua Jacob. Com que então não tornou a ouvir fallar de Julia ; acrescentou Leão, com ar de admiração, e caminhando ao lado de Emmanuel.

— Nunca mais. Como vê, exagerava a paixão que ella tinha por mim, e a importancia que lhe ligava.

— Mas, é de crer, que não esteja tudo acabado.

— Pelo contrario, está tudo bem acabado, res-

pondeu Emmanuel, n'um tom, que queria dizer: Não tenho tempo para similhantes amores.

— Pela sua parte, acredito que tudo se acaba, mas ella não é mulher que aceite assim a quebra de relações com um homem como v. ex.<sup>a</sup> que era, para ella, mais do que um amante, era uma posição. Julia Lovely, amante de mr. de Bryon! Pense um pouco, no effeito que isto produziria em Paris, e quanto a sua reputação de mulher da moda, augmentaria. É possivel que v. ex.<sup>a</sup> a ferisse ao mesmo tempo no orgulho e no amor; porque, no fim de tudo, não seria uma coisa espantosa que ella, devérás, o amasse.

— Mas Julia fallou-lhe dessa historia? perguntou Emmanuel.

— Não tornei a vel-a depois disso. Sahi de Paris, quasi ao mesmo tempo que v. ex.<sup>a</sup>, e ha apenas alguns dias que voltei; mas ámanhã temos grande representação nos Italianos, a que ella não deixará de assistir, e aonde eu irei. É preciso que lhe faça algumas perguntas, para lhe conhecer as intenções, por que é impossivel que um tão brusco desenlace lhe não ferisse o amor proprio. Se ella nutre intenções hostis, e que eu lhas conheça, honrar-me-hei atraiçoando-a para informar v. ex.<sup>a</sup>

— Asseguro-lhe, respondeu Emmanuel, que se sentia humilhado por ver a importancia que o seu interlocutor estava dando a uma coisa que lhe parecia tão futil; asseguro-lhe que as declarações de guerra da tal Julia Lovely, n'to são mais para receiar do que as suas declarações de

amor. Penalisar-me-hia imenso que uma tal aventura fosse conhecida, e que se acreditasse que me deixou a menor impressão.

— Peço desculpa da minha insistência em similar assunto; continuou de Grige; eu vivo n'uma sociedade, para quem esta especie de aventuras são sempre grandes acontecimentos, e esquecia-me, que, felizmente, v. ex.<sup>a</sup> não vive no mesmo grupo.

A conversação mudou rapidamente de assunto. Passaram a fallar de caçadas, de cavallos, e de politica. D'este modo chegaram á rua dos Saint-Pères.

Emmanuel parou á porta n.<sup>o</sup> 7.

— Era aqui que se dirigia? disse Leão.

— Era aqui.

— Aqui mora o conde d'Hermi?

— Justamente. Conhece-o?

— Não. Devia ha muito tempo ser-lhe apresentado por mr. de Bay, que me tinha dito ser uma casa muito agradavel, mas ainda o não fui. Mas não deixo de ter o mesmo desejo de conhecer o conde.

— Eu me encarrego da apresentação, disse Emmanuel, e cumprirei melhor a minha promessa do que o barão. O conde ainda hontem voltou do campo. Apenas receber visitas, irei procurá-lo para o apresentar. Onde mora?

— V. ex.<sup>a</sup> tem realmente muita bondade, respondeu Leão, inclinando-se, e entregando a mr. de Bryon o seu bilhete de morada, que o recebeu, despedio-se, e entrou no palacio.

O conde já se havia levantado.

— Já é a segunda vez que vem? disse ellé a Emmanuel, apenas o vio, e surrindo.

— É verdade.

— Porque não entrou?

— Por que v. ex.<sup>a</sup> ainda estava recolhido.

— Mas não está aqui em sua casa?

Emmanuel apertou a mão do conde.

— Realmente, acabo dc proceder como se fosse desta casa.

— Como?

— Promettendo a um bello moço, o marquez de Grige, de lh'o apresentar.

— Apresente, meu amigo, apresente. Todos os que tiverem um tal padrinho, serão sempre os mais bem vindos. Já sabe que almoça commosco.

— Isso não. Quiz unicamente vel-o, já satisfez o meu desejo, agora retiro-me.

— Estou certo que não sente uma unica das palavras que acabou de dizer. O seu coração meu charo Emmanuel, não é ainda bem politico; não sabe occultar o que deseja. As meninas não tardam em aparecer.

— Como me conhece tão bem, fico.

Com effeito, Emmanuel, assentou-se ao lado do conde.

— Tem a noite d'amanhã compromettida? perguntou este ultimo.

— Não.

— Então, passa-a commosco.

— Com o maior prazer.

— Vamos aos Italianos; temos grande represen-

tação. A condessa obteve o seu camarote do costume; queremos mostrar o theatro a Clementina, que d'aqui a dois dias volta para Dreux.

— Estou ás suas ordens, repetio Emmanuel.

Ha muito quem assegure que se tem o pressentimento das infelicidades. Emmanuel, que era tão fatalista como qualquer outro, nem ao menos suspeitou, a influencia que a noite do dia immedio devia ter na sua vida.

---

XIX

Maria não tinha passado a primeira noite em Paris, sem que tivesse pensado muito; estava bem convencida de que amava Emmanuel. Era grande a mudança moral que se havia operado na sua vida, depois do apparecimento do sr. de Bryon, para que ainda o duvidasse. O castello donde tinha vindo, parecia-lhe triste, deserto, e inhabitável sem Emmanuel; não comprehendia, como, até então, tinha podido passear nos seus bosques, sem que advinhasse que devia um dia alli achar-se com elle; em fim, a presença d'Emmanuel em todos os logares que lhe eram queridos, parecia-lhe o accessorio indispensavel para a sua felicidade no futuro. Nem uma só palavra d'amor tinha sido trocada entre ella e mr. de Bryon, mas a partir do dia em que Clementina tinha renun-

ciado ao seu casamento, comprehendera que era a sua instantanea friesa, que tinha levado Emmanuel a acceptar aquella união ; tinha-se arrependido, e para o indemnizar do que elle deveria ter soffrido, restituio-lhe a sua antiga intimidade, e, com a arte, que em tão alto grão possuem as mulheres, acabára de conquistar o coração e o pensamento de Emmanuel. N'uma palavra, nem um nem outro tinham o confessado, mas estavam certos de que se amavam. Entretanto, Maria receiara muito a volta para Paris ; receára que os negocios politicos, e os habitos anteriormente contrahidos, não fechassem em seu centro aquelle que tanto amava, conseguindo distrial-o de um amor accidental. Assim, quando no dia immediato á sua chegada, o tinha visto ir ás nove horas, e voltar ás onze, cobrára novo animo, dizendo : «Decididamente, ama-me.»

Teria sido, e era, natural, que houvesse uma grande parte de orgulho no amor de Maria a Emmanuel. Qualquer mancebo, mais moço, mais bello, mais expansivo do que elle, ter-lhe-hia sem duvida, agradado menos. O que a havia logo sedusido em mr. de Bryon, á primeira vista, fôra o seu modo celebre e extraordinario de viver. Occupar o pensamento de um tal homem, fôra, para ella, uma especie de desafio, que o seu coração lhe arremeçava, e, como dissera a Clementina, tinha imaginado submettel-o a si, reduzir á sua unica vontade aquella poderosa organisação, que, até então, precisára, para subsistir, das grandes luctas parlamentares. E tinha-o conseguido ; Em-

manuel, já não tinha vontade propria. Como o conseguira, nem ella mesma o sabia. Inclinárase sobre o proprio coração, escutára, e fizera o que elle lhe mandára que fizesse.

A representação que ia ter logar nos Italianos, e a que Emmanuel devia assistir, no mesmo camarote em que ella estivesse, era para Maria um acontecimento da maior importancia. Parecia-lhe que toda a gente lhe ia advinhar no rosto o amor a que prendera mr. de Bryon, e que no outro dia não se fallaria de outra coisa em Paris. Maria não só contava a Clementina todos os seus sonhos, mas sem cessar lh'os repetia. Esta ultima tornára-se um pouco triste, por que no dia imediato devia partir, e deixar aquella doce vida que gosava, havia dois mezes, para continuar a de provincia e de collegio. Devemos confessar que havia momentos, em que não podia deixar de ter saudades do bello sonho, que tivéra, por tão pouco tempo, e que tão facilmente sacrificou á sua amiga. Quando pensava no pequeno quarto aonde em breve, ia encontrar-se só, não podia resistir a uma grande tristeza, em que Maria, absorvida pela sua felicidade, nem mesmo reparava.

— Como eu vou estar aborrecida em Dreux, dizia Clementina.

— Pobre amiga, dizia-lhe então Maria, que, apenas a saudade da sua companheira se exprimia pela palavra, logo a interessava; queres tu que eu vá passar alguns dias contigo, em casa de m.<sup>me</sup> Duvernay?

— Sabes muito bem que não aceitaria.

— Porque?

— Havia de ter animo para te affastar de Paris  
nesta occasião?

— Sacrificava-te Paris, da melhor vontade.

— Acredito, mas não sacrificavas todas as pes-  
soas que ahi estão desde hontem.

A unica resposta de Maria foi apertar affectuo-  
samente a mão da sua amiga.

Chegou a hora de irem para o theatro. A con-  
desa tinha naquelle theatro um grande camarote  
de frente, com uma sala contigua, aonde era raro  
que o barão não fosse dormir, ao menos, durante  
um acto, cada vez que alli iam. O apparecimento  
de m.<sup>me</sup> d'Hermi, das duas meninas, e de mr.  
de Bryon, no mesmo camarote produzio grande  
sensação. Todos os oculos se voltaram para aquelle  
lado, obrigando Maria a baixar os olhos, a seu  
pesar, contendo o violento bater do coração.  
Entre os olhos que se fitavam no camarote, ha-  
via dois, inquestionavelmente lindos, que per-  
tenciam á nossa antiga conhecida, Julia Lovely.

— É realmente elle, murmurou Julia, empalli-  
decendo um pouco, ao reconhecer Emmanuel  
de Bryon.

— Estão duas lindas meninas no camarote de  
mr. d'Hermi, disse Leão de Grige, que estava no  
seu camarote.

É preciso observar que este camarote, era uma  
frisa, e que por isso Leão não podia ser visto,  
senão quando o quizesse ser.

— Duas creanças assaz insignificantes, disse

Julia depois de ter assestado o oculo. Já me vio, disse ella, de repente.

— Então não tarda que aqui venha.

— Não, fingio não me ver.

— É preciso que eu saiba quem são as duas creanças, continuou Leão.

— São, de certo, filhas do conde.

— São encantadoras; a loira, principalmente.

— Que faz Emmanuel, naquelle camarote? perguntou Julia.

— Faz o que eu faço neste; está nos Italianos.

— Mas elle conhece mr. d'Hermi?

— Muito.

— Quem lhe disse?

— Elle.

— Já lhe fallou?

— Hontem.

— Aonde?

— Na ponte Real.

— Fallou-lhe a meu respeito?

— Disse-me, respondeu negligentemente Leão, que era uma mulher encantadora.

— Só isso?

— Que queria que me dissesse mais?

— Está hoje insuportavelmente impertinente, meu charo Leão.

Este, com os olhos sempre fitos no mesmo ponto, parecia não ouvir o que lhe dizia Julia, e não respondeu senão maquinalmente.

— Para onde está olhando desse modo?

— Para a tal loirinha; é realmente linda.

— Parece-me que já está apaixonado.

—Porque não? Nunca vi cabecinha tão encantadora.

—É mais um cumprimento que me dirige?

—Ha muito tempo que não lhe dirijo nenhum. Não me servem de nada.

—É talvez um novo meio de me conquistar.

—Palavra de honra que não é; já renunciei a isso.

—E fez muito bem.

Seguiu-se um momento de silencio.

—Julgava, continuou Leão, passados alguns instantes, que a condessa d'Hermi não tinha senão uma filha.

—Esta-me apoquentando de mais, com a sua m.<sup>ele</sup> d'Hermi. Como vê estão lá, seu pae, e mãe, vá pedil-a em casamento, despose-a no primeiro entre-acto, e deixe-me tranquilla.

Julia estava visivelmente impaciente, mas não era Leão quem a impacientava. De instante a instante olhava para o camarote aonde se achava Emmanuel, fingindo olhar para outro lado da sala. M. de Bryon parecia um pouco inquieto. Com effeito, a presença de Julia era-lhe desagradavel, não porque ligasse grande importancia ao que tinha passado com ella, mas porque desejava evitar as occasões de a encontrar. Assentou-se no fundo do camarote, consolando-se em contemplar Maria, feliz ao mesmo tempo pelo orgulho, e pelo coração, porque podia apostar, que não havia, em toda a sala, mulher mais bella, e mais amada do que ella. No meio de tudo isto cantava a Grisi.

—Está alli uma senhora que está sempre a olhar para aqui, disse Maria a sua mãe, indicando-lhe com os olhos o camarote de Julia. Conhece-a?

—Não.

—E o papá? continuou ella, dirigindo-se ao conde.

—Tambem não.

—É muito linda, e tem no braço um magnifico bracelete de diamantes; é talvez para o mostrar, que tem sempre o oculo assestado.

Emmanuel estremeceu involuntariamente, ao lembrar-se de que Maria podesse saber, que fôra elle quem dera aquelle bracelete a Julia; e o motivo porque lho dera. Mas logo se tranquillisou, e com rasão, porque, quem iria explicar a uma menina similhantes detalhes?

Apenas terminou o acto, levantou-se Leão, para sair do camarote de Julia.

—Onde vae? lhe disse esta.

—Vou fallar a mr. de Bryon, que acaba de sair do camarote do conde.

—Não m'o traga cá.

—Esteja trauquilla; é de crer que elle não tenha grande desejo de vir aqui.

—Quem lho disse?

—Tenho rasões para o suppor.

Leão que nunca fôra amante de Julia, e que não a receava por motivo algum, não a poupava; mas o que lhe dizia, era sem má intenção, o que, desta vez não impedio que Julia mordesse os beiços.

— Então deixa-me só?

— Aqui está o conde de Camnl, que vem visitá-la.

— Julgava que já tinha morrido de velhice.

— Se tivesse de morrer de uma tal doença, nem já nos lembrariamos delle.

Leão encontrou Emmanuel no salão. Mr. de Bryon, a seu pezar, como todos os homens de elevada posição, e que fazem voltar a cabeça aos que passam, mostrava-se voluntariamente nos logares publicos. Sentia quasi a necessidade de ouvir murmurar o seu nome, e nesse dia, mais do que em qualquer outro, por que estivera dois meses ausente de Paris. N'aquella occasião passeava com o conde, que era substituído no camarote, ao lado da condessa, por mr. de Bay.

— Não podia achar melhor occasião, disse Emmanuel, pegando na mão do marquez de Grige. Meu querido conde, apresento-lhe o marquez de Grige, que havia muito desejava ser-lhe apresentado. É este um prazer que eu roubo ao barão.

Leão inclinou-se.

— Nós *recebemos* todas as quintas feiras, a contar de 15 de novembro, disse o conde; espero que queira ser dos nossos. Encontrará sempre o nosso prezado amigo de Bryon. Faço-lhe esta advertência, para o obrigar ainda mais a não faltar.

Leão respondeu com um novo cumprimento.

— Desejava perguntar-lhe uma coisa, disse este ultimo, em voz baixa, a Emmanuel.

— A mim só?

— Só.

— Eu volto d'aqui a um instante, meu charo conde.

O conde e o marquez, cumprimentaram-se novamente.

— A condessa d'Hermi tem duas filhas? perguntou Leão.

— Não; só tem uma.

— A morena, ou a loira?

— A loira.

— Nunca a tinha visto.

— Sahio ha pouco d'um collegio de Dreux.

— É muito linda.

— É, realmente. A morena é tambem encantadora; apressou-se Emmanuel em accrescentar.

— É parente?

— Apenas uma amiga do collegio, que se vae embora ámanhã.

— Gosto muito mais d<sup>e</sup> m.<sup>elle</sup> d'Hermi; e o sr.?

— Eu tambem; disse Emmanuel, sem poder conter um sorriso.

— Porque surri?

— Por coisa alguma.

— A proposito; não sei se sabe que tenho estado no camarote de Julia: ainda não cessou de fallar a seu respeito.

— Pôde fallar.

— Não tem desejo de a ver?

— Não, de certo.

— Lá subio o panno. Obrigado pela apresentação: Até sempre.

E voltaram, um para o camarote do conde, o outro para o de Julia.

— A loira é que é a filha do conde ; disse Leão apenas se assentou ao lado da Lovely, que fez um movimento d'impaciencia, ouvindo de Grige falar-lhe d'uma coisa, que lhe era completamente indiferente. Foi mr. de Bryon quem m'o disse.

— Não lhe disse mais nada ?

— Apresentou-me ao conde, que recebe todas as quintas feiras, e em cuja casa sempre se encontra.

— É porque talvez seja amante da condessa.

— Talvez.

— Estes homens politicos procuram quasi sempre, amantes impossiveis.

— Hei-de saber isso.

— Como ?

— Indo ás partidas do conde.

— Para suprehender a mãe ?

— Não ; mas para ver a filha.

— Tem logar na platea ?

— Tenho.

— Então dê-me o prazer de o ver lá ; porque, está hoje fastidioso como nunca.

— Vou já, respondeu Leão, surrindo.

E sahio, depois de ter beijado a mão de Julia. No seguinte entreacto, levantou-se e voltando as costas á scena, começou a passar em revista todos os camarotes.

— Olha, disse em voz baixa Clementina a Maria, designando-lhe Leão ; vés aquelle rapaz que está surrindo para aquella senhora, que ha pouco mostraste a tua mãe ?

— Vejo.

— Se eu podesse escolher um marido, havia de ser como elle.

— Pois terias bem mau gosto.

— Porque?

— Porque é bonito de mais, para que possa ser um bom marido.

Depois de acabado o spectaculo, foi Leão buscar Julia, que, como succedia muitas vezes, tinha ido só, e conduzio-a até á carroagem.

— Dá-me de ceiar até pela manhã? lhe disse elle.

— Não.

— Sem rancor.

E affastou-se, surrindo. Todas as vezes que via Julia, pedia-lhe para ser seu amante. Era já um habito, e de tal modo inveterado, que succedia muitas vezes, pensar n'outra coisa, em quanto lh' o dizia.

---

XX

No dia immedio deixou Clementina a casa do conde, acompanhada por Marianna, que devia entregar-a a sua thia, em cuja casa se tinha convenzionado que passaria alguns dias, antes de voltar para o collegio. È escusado dizer que esta partida deu occasião a muitos abraços, lagrimas, promessas de se escreverem, ejuramentos de amisade eterna. A carroagem partio. Clementina agitou pela ultima vez o lenço á esquina da rua dos Saint-Pères, e desappareceu. Maria fechou a janella que tinha aberia, para dizer o ultimo adeos á sua amiga.

O amor é um sentimento tão egoista, que Maria quasi se sentia feliz com a partida de Clementina; porque lhe permittia entregar-se livremente a todos os pensamentos que povoam sempre a solidão da mulher que ama e que é amada. Não

procurou analysar o sentimento que lhe produzia a ausencia de Clementina, mas acceitava-o sem o menor esforço.

Não vamos contar, um a um, todos os pequenos acontecimentos da vida de Maria, nem seguir-a, hora a hora. Ouvindo-a fallar faremos melhor idéa da situação da sua alma. Alguns dias depois de Clementina sair de Paris, recebeu Maria uma carta, concebida assim:

«Minha boa amiga; sinto-me muito triste, e é por tua causa. Estive tres dias com minha thia, em Rieuville, aquella terrinha, que tu tão bem conheces, e cujas casas, na primavera, parecem açafates de rosas. Mas, nesta epocha do anno, as roseiras que as adornam, estão todas desfolhadas, e a pobre aldea assimelha-se sempre ao açafate de flores, mas de flores emurcheadas. Minha thia continua a morar na casinha que tambem conheces, aonde vieste, duas ou tres vezes, passar as fórias da Paschoa, e que agora me parecèu um mundo de solidão e melancolia. Senti-me alli mal, e desde logo desejei voltar para casa de m.<sup>me</sup> Duvernay. És tu quem m'o fez desejar como distração. Cheguei esta manhã. Aqui ainda senti mais o meu isolamento. Em casa de minha thia, passaste apenas alguns instantes, e aqui estiveste annos inteiros. Encontrei o meu quarto, tal como o havia deixado, e, durante mais de duas horas não tive animo de entrar no teu, tão certa estava de não te encontrar. A nossa velha roupeira, a quem chamavamos *thia saia*, veio abril-o com a indiferença propria de quem, nem ao menos, suspeita,

que possa dar-se a menor importancia a uma coisa tão simples. Abria-o para lhe renovar o ar, e por essa occasião, propoz-me a escolha, entre elle, e o que sempre fôra meu. Fiquei com o teu.

«Eu, e m.<sup>me</sup> Duvernay, não fallámos, em todo o dia, senão em ti. É muito tua amiga, a nossa boa mestra; por duas, ou tres vezes, lhe vi lagrimas nos olhos, quando lhe descrevia o risonho futuro que te espera. Aqui tudo é tristeza. As arvores estão desfolhadas, e a paizagem que se descobre das nossas janellas, está deserta. As tuas pombinhas familiares parece advinharem, que já aqui não estás. O frio é quasi insuportavel. As recreações tem lugar nas aulas, porque o jardim está sempre humido. Ás cinco horas é noite. Que farei aqui tão só? Escreve-me, será essa a minha unica distracção, escreve-me muitas vezes, sempre; diz-me que és muito feliz. Não deixes que teus paes se esqueçam de mim. Não lhes terei eu causado uma pequena saudade? Que bom tempo o que eu passei no Poitou! E como elle passou depressa!

«Não sei porque, de repente, a vida se me apresenta com um aspecto lugubre. Sinto-me tão triste como se, pela segunda vez, perdesse meu paes; chego a imaginar que nunca serei feliz. Não te esqueças de que deves casar em Dreux; fica certa de que adoecerei, se o não fizeres.

«E mr. de Bryon?

«Toda a gente aqui me tem pedido noticias tuas. O nosso velho cura, continua passando bem. Anda quasi louco de contentamento, porque vac fun-

dar-se um convento de freiras, sob os seus auspícios, e que deve ficar n'um lindo sitio; dominará o valle de Vert, aonde tantas vezes iamos passear.

«Adeos, minha boa Maria, não te escrevo mais desta vez, porque receio enfasliar-te, mas é com a condição que me has-de escrever uma carta muito extensa, em que fallarás só de ti.

«Tua amiga, sempre affeçoada

CLEMENTINA DUBOIS.

Maria sentio-se commovida lendo esta carta, que a transportava ao tempo em que saira do collegio, e que ella já olhava como o mais feliz da sua vida. Sentia-se quasi assustada da rapidez com tinha vivido, por isso que em tres mezes, havia determinado um fim á sua vida, e desejado a sua felicidade.

— Pobre Clementina! disse ella, sou eu a causa da solidão em que te achas, e do isolamento do teu coração!

Foi sob esta impressão que começou a responder á sua amiga; mas o coração de umia menina não pôde, por muito tempo mascarar as suas verdadeiras impressões, e, como vamos vêr, deixou-se bem depressa arrastar pelo prazer de fallar de si mesma, e do futuro que tão graciosamente lhe sorria.

«Minha boa Clementina, escrevia ella, recebi a tua estimavel carta. Não era necessario que me escrevesses o que sentes, advinhara-o pelo que sinto. Julgando-me no teu lugar, comprehendo a dolorosa tristeza que deve ter-te assaltado, ao entrarres no collegio; felizmente, não durará muito

tempo. Todos os dias fallamos de ti, da tua alegre loquacidade, do encanto do teu espirito, e da bondade do teu coração. Meu pae tem por ti a mais sincera e verdadeira amisade. «Clementina é um anjo, diz elle muitas vezes; hei-de dar-lhe a felicidade.» Felizmente ainda vive a minha excellente mãe, senão acreditava que virias a ser minha madrasta.

«Porque é que tua thia exige absolutamente, que estejas ainda um anno no collegio? Por mais que lhe pedisse, nas minhas ultimas cartas, que te deixasse ficar comnoseo, não consentio. Diz que não tens bastante fortuna, para que possas prescindir de teres uma educação completa, por que é com ella que mais conta, para te fazer um bom casamento. Acreditará ella que o homem escolhe uma mulher para ter um diccionario? Quererá ella fazer de ti uma governante? Parece-me que a sua maior pena é que tu não saibas grego. E comludo; sempre te direi, que a tua grande erudição, não é a menor causa da affeição que meu pae te tem. Eu mesma, me sinto, por isso, um pouco envergonhada, por que sou uma ignorante, relativamente, bem entendido.

«Emmanuel vem aqui todos os dias. Receava muito que a nossa volta a Paris lhe mudasse os habitos, o que, no fim de tudo, lhe era bem necessario. Não sei, realmente, quando elle tem tempo de trabalhar; passa todas as noites em nossa casa. Estou convencida de que meu pae está em dia com o nosso amor; e não recearia apostar, que tens parte na denuncia. Minha mãe

é que não vê coisa alguma; é preciso que te diga que parece mais creança do que eu. Não falta senão de toilettes; os bailes a que devemos assistir este inverno, são para ella antecipadamente uma festa. O seu espirito e o seu coração tem apenas dezesseis annos, os dois. Emmanuel parece com prazer-se com o silencio exterior do nosso amor; tem a certeza de que o amo; e elle, o eloquente orador, não emprega comigo senão a eloquencia da alma e dos olhos. Parece que não encontra em toda a sua sciencia palavras equivalentes ao que sente, e ao que quereria dizer. Conhece-se a sua admiracão pelo que sente, e, sendo tão profundo politico, deixa-se analysar, fibra a fibra, por uma creança saída do collegio. Todavia, será indispensavel que se pronuncie. Por mais materiaes que sejam o sim matrimonial, e o infallivel escrivão, conduzem a uma felicidade immensa, ao menos para mim. É uma chave commum, com que se abre a porta d'um paraizo, como diria um amador d'antitheses.

«Já começaram as nossas partidas, em que nos divertimos muito; passa-se o tempo entre a musica e a dança. Não estares tu cá, minha querida Clementina! Já me esquecia dizer-te uma coisa: Lembras-te d'aquelle rapaz que me mostraste, nos Italianos, e a proposito de quem me disseste: «Um marido assim é que eu desejava,» pois fica sabendo que vêm ás nossas partidas; foi apresentado a meu pae, por Emmanuel.

«É muito amavel, e sobre tudo muito elegante. Desejava vê-lo n'uma das reunões de Dreux, deve-

ria parecer uma ave muito linda, perdida n'um ninho de corvos. Tem conversado muito comigo; conversa muito bem, e olha-me como se eu fôra um acontecimento.

«Hontem estive duas horas só com Emmanuel. Creio que foi meu pae, quem, por assim dizer, preparou esta entrevista. Parece-me ainda mais impaciente do que eu, e desejoso de que mr. de Bryon se explique sem mais demora. Em quanto a mim, como já te tenho dito, esquivo-me, quanto posso, á conversação; tenho preferido sempre o sonho á realidade. Sei muito bem que hei-de ser feliz, quando fôr casada, mas a minha felicidade será conhecida por toda a gente; agora disponho della, sem que seja conhecida de pessoa alguma. Sempre que a desejo, invoco-a, e quando a invoco responde-me. Assim chega-me intacta, porque ainda não passou por labios estranhos; ainda não chegou a ser facto; não tem ainda lugar na chro-nologia; não está registada em livro algum, nem distribuiu bilhetes de participação. Ninguem sabe que amo Emmanuel, ou que sou amada por elle, á excepção de ti, e de meu pae, dois corações que são meus, dois tabernaculos santos, em que eu, sem desconfiança, encerraria todos os thesouros da minha vida. Ser-me-ha sufficiente fazer um gesto, para tornar palpavel o meu sonho; mas julgo a felicidade uma coisa tão fragil, que receio, apressandô-me em obtel-a, fazer-lhe cair a flôr, como as creanças fazem cair a poeira doirada, e o aveludado virginal, que cobrem os fructos, quando, com a loueura que lhes é propria,

os pertendem colher. Quero-lhe muito, minha querida amiga, para que voluntariamente lhe diminua o explendor.

« Voltando ao que te dizia ; passei hontem com Emmanuel duas horas, que me pareceram dois minutos. E como ellas foram prehenchidas, com as poucas palavras que dissemos ! Minha mãe estava vestindo-se ; meu pae escrevia ; e eu estava no toucador, onde Emmanuel, encontrando-me só, se assentou junto do fogão.

« — Tinhamb-me dito que estava aqui mr. d'Hermi, me disse elle, como para desculpar a sua visita, como se precisasse de desculpa.

« — Meu pae não tarda, apressei-me eu em dizer, com receio de que se retirasse imediatamente.

« Em seguida, passou-se um quarto de hora, sem que trocassemos uma unica phrase. Quantas palavras teriam agitado o ar, se os nossos labios tivessem repetido tudo o que se nos passava no coração ! Eu estava bordando, e, com os olhos fixos no bordado, sentia que a vista de Emmanuel se não afastava de mim. Finalmente, ergui a cabeça e pareceu-me divisar-lhe lagrimas nos olhos.

« — O que tem ? perguntei-lhe eu, com uma intonação, que encerrava todos os sentimentos que experimentava.

« — O que tenho ? É que nunca senti saudades de minha mãe, como estou sentindo hoje.

« — Porque ? É infeliz ?

« — Não ; porque se ella vivesse, diria, por mim, a v. ex.<sup>a</sup>, tudo o que eu não ouso dizer-lhe.

« — Não m'o tem dito o seu silencio, tão bem como sua mãe o diria ? Não é comigo que precisa fallar, é com meu pae.

« Era impossivel fazer-me uma declaração mais sincera e franca. Emmanuel, então, pegou-me na mão, tirou de um dos seus dedos, uma simples argolinha de oiro, que pertencera a sua mãe, e, sem dizer uma só palavra, metteu-m'o no dedo. Olhamos um para o outro, e não proferimos nem mais uma palavra.

« Parece-me, minha querida Clementina, que haverá bem depressa, em Dreux, uma missa de casamento. Nunca rezo a minha ultima oração da noite, senão depois de ter beijado o annel de Emmanuel. E todavia, tenho medo do futuro: apresenta-se-me muito bello.

« Dá, por mim, um abraço e um beijo em m.<sup>me</sup> Duvernay; recommends-me muito ao nosso excellente cura, e diz-lhe que espero, no dia do meu casamento, ajudal-o na piedosa fundação do seu convento.

No dia em que se passára, entre Emmanuel e Maria, a scena que esta, logo no outro dia, escrevera a Clementina, tinha mr. de Bryon, saindo do palacio da rua dos Saint-Pères, encontrado Leão de Grige.

— Onde vae desse modo ? lhe dissera elle.

— Vou visitar a condessa d'Hermi. E o sr. ?...

— Venho de lá.

— Meu charo de Bryon, disse então Leão a Emmanuel, apertando-lhe affectuosamente a mão; acredita-me digno d'algum interesse ?

— De certo; e se posso ser-lhe prestavel, julgue-me desde já á sua disposição.

— Tem influencia no espirito do conde?

— É o meu melhor amigo.

— Hei-de precisar da sua protecção, para com elle.

— Então de que se trata?

— D'uma coisa que lhe hei-de contar esta noite, se tiver a condescendencia de me dizer onde posso procural-o.

— Em minha casa; dar-me-ha muito prazer em recebel-o.

— Obrigado, respondeu Leão apertando a mão a Emmanuel, e despedindo-se; obrigado, em sendo nove horas, estarei em sua casa.

E mr. de Bryon afastou-se, perguntando a si mesmo, o que poderia querer-lhe de Grige.

A visita do marquez á condessa prolongou-se, pelo menos, uma hora. Entretanto deixava Maria, que as sombras invadiam o toucador, sem pensar em pedir luz, e sem querer apparecer na sala, donde Leão sabia mais pensativo ainda do que tinha entrado.

---

## XXI

Desde que Emmanuel saira de Paris, nem um só dia, se esquecera Julia de que precisava vingar-se delle. Julia era d'essas mulheres a quem o tempo aumenta o odio, em vez de o apagar. N'ella uma idéa, tornava-se um habito, uma necessidade, e era preciso, que tarde, ou cedo, idéa d'amor, ou de vingança, tivesse o seu desenvolvimento. Fallava-se na boa sociedade, que a conhecia, de terríveis represalias, com que ella perseguira todos, de quem julgára ter motivos de queixa, e coisa alguma era mais facil do que incorrer no seu desagrado, por que era impossivel encontrar uma outra mulher mais despoticamente exigente e caprichosa.

Havia, pois, tres mezes, que todas as manhãs com uma tenacidade de ferro, se entregava áquell,

pensamento: era indispensavel que se vingasse! O amor proprio, a sua mesma fortuna, estava ligada áquelle vingança. Julia só quizera ser amante de Emmanuel, por *dever*; por que tinha-o prometido ao ministro; por que em troca de tudo o que este lhe dava, se resolvera a prestar-lhe todos os serviços que estivessem ao seu alcance.

Ora, não havia coisa que menos custasse a Julia do que tomar um novo amante; mas o acaso tinha querido deparar-lhe um homem excepcional, que repentinamente se lhe apoderara do espirito, e por quem, a seu pesar, tinha sentido alguma coisa bem poderosa, para que chegasse a fazer ao ministro a confissão que os leitores conhecem. Depois, aquelle homem tratara-a como á ultima das mulheres perdidas, abandonando-a depois de lhe haver pago, julgando-se assim quite para com ella.

Pela sua natureza de mulher, sentira-se ferida no amor proprio, e n'aquelle outro sentimento, novo, para ella; por consequencia, difficilmente perdoaria. A partir do momento em que recebera a carta de mr. de Bryon, declarara-lhe uma guerra implacavel, e passara em revista todos os seus meios d'agressão. A lucta era, contudo, difficil, e a convicção que ella, de dia para dia adquiria, de que Emmanuel era invulneravel, soldara-lhe ainda mais solidamente no coração aquella necessidade de vingança, que teria, talvez, esquecido, se se tratasse d'um adversario vulgar.

Como, já dissemos n'outro logar, Julia tinha

conhecimentos, e mesmo amigos, em toda a parte. Havia-se servido de muitas das pessoas a quem conhecia, sem que elles o suspeitassem, explorando-lhe a influencia, com incrivel habilidade. Todos perguntariam como tinha Julia podido apoderar-se de certos segredos, que pareciam ser conhecidos só de Deos: se ella contasse como os tinha surprehendido, não o teriam, de certo, acreditado. O seu odio a Emmanuel, não teria recuado nem mesmo em presença do assassinio, ainda que não fosse a vida o que ella mais desejava destruir-lhe. O que ella desejava aniquilar-lhe era aquella reputação de lealdade, que por toda a parte precedia o joven par; era a pureza transparente do seu passado, as esperanças no futuro. Desejava poder atacal-o no que elle tivesse de mais charo: na familia, a cuja memoria elle conservava o mais religioso respeito: nas affeções intimas, se lh'as conhecesse. Procurára por muito tempo, qual a mulher que tivesse sido sua amante, e a quem podesse comprometter, mas não tivera conhecimento senão de ligações banas, ás quaes, no seu desdeni pelas mulheres, juntára o amor de Julia. N'um dia tinha feito uma serie de perguntas a um fidalgo velho, da mesma terra de mr. de Bryon, e inimigo declarado das opiniões do nosso par; não se poupará a coisa alguma para que aquelle homem lhe fosse apresentado, e muito mais teria feito, para obter delle o menor detalhe contra Emmanuel.

— Conheces o' pae de mr. de Bryon?

- Conheci muito bem.
- Que jaes eram as suas qualidades ?
- As melhores que podem desejar-se. Era um homem encantador, cheio de dedicação, e que possuia o melhor dos corações.
- Não atraíçou, um pouco, a causa dos Bourbons ?
- Nunca.
- Conheceu também sua esposa ?
- Era um anjo de virtude, de resignação, e de charidade.
- Nunca se fallou dos seus amores ?
- Nunca amou senão seu marido.
- Está bem certo d'isso ?
- Tão certo, que sendo eu adversario político de seu filho, mataria como a um cão, o homem que ousasse calumnial-a. Os pobres camponezes da nossa terra, conservam pela memoria de m.<sup>me</sup> de Bryon uma tão grande devoção, como se fôra uma santa.

Julia procurára assim lançar mão de todos os odios e indisposições, que Emmanuel poderia ter feito nascer na sua passagem, atravez da sociedade, e ouvira sempre a mesma resposta, de todos os seus inimigos. Dirigira-se então aos amigos ; mas, por um estranho acaso, tanto amigos como inimigos tinham feito justiça a mr. de Bryon. Sentira, pois, aumentar-se-lhe a raiva, com a lealdade dos outros, e esperava com a maior impaciencia a volta de Emmanuel, promettendo a si mesma, tomar conselho, das circumstancias que se lhe apresentássem. Em quanto

esperava, mandára publicar nos jornaes, artigos contra elle, e que lhe tinham chegado á vista, mesmo no Poitou, conservando-se-lhe indiferente, como um homem habituado ás luctas, e que conhece, antecipadamente, as armas de que perdem servir-se os seus antagonistas. E demais, Emmanuel, estava a cem legoas da idéa, que Julia tivesse a menor parte naquelles ataques; alem disso, não tinha elle, para o compensar de tão pequenos enfados, a felicidade, que todos os dias o esperava em casa de mr. d'Hermi?

Não obstante, Emmanuel, como todos os caracteres leaes, sentia-se sempre ferido pela calunia. Que o atacassem nos seus actos, concedia elle a toda a gente; mas que attribuissem ás suas ações uma intenção diferente da que tivera, um outro fim do que aquelle que se proposera; que attentassem contra a probidade da sua oposição, e contra a lealdade das suas armas, era o que lhe produzia sempre, a peor das impressões.

Uma ocasião, achára Julia, mediante uma certa somma, um escrevinhador, assaz habil, que antes de a conhecer, estava, pouco menos, do que a morrer de fome, e que se posera á sua discreção, promettendo escrever tudo quanto ella quizesse. Escrevia n'um jornal insignificante; mas quando a arma de que alguem se serve, está envenenada, que importa que seja pequena! Appareceu, pois, um artigo, que atacava a memoria do pae d'Emmanuel. Este mandou immediatamente pedir satisfação, ao miseravel que o tinha escripto, e que de certo, o não esperava, porque deveras tremeu

em presença dos emissarios d'aquelle, que tão vilmente insultára, publicando no dia immediato, a mais humilde, e baixa, das retratações.

Julia despedi-o, como a um lacaio; e vendo que todas as suas aggressões, não serviam senão de glorificar, cada vez mais, o seu inimigo, foi acommettida d'um terrivel accesso de colera, no meio do qual, lhe annunciaram Leão de Grige. Foi, justamente, no dia em que este ultimo fôra visitar a condessa d'Hermi, que se apresentou em casa de Julia, em cujas feições lhe foi facil reconhecer, que se achava profundamente preocupada, com pensamentos pouco usuaes ao seu caracter.

— Tem alguma coisa qué lhe dé cuidado? perguntou-lhe de Grige.

— Não tenho coisa alguma; respondeu Julia, que não sentia o menor desejo de dar a saber a causa do seu sofrimento.

— Está tão palida!

— Engana-se.

— Parece estar muito contrariada.

— Continua a enganar-se.

— Enfado-a, talvez?

— Tanto como nos outros dias.

— É da maior delicadesa, o que acaba de me dizer. Julia não respondeu.

— Quer que me retire?

Julia lembrou-se de que, provavelmente, mais se aborreceria se ficasse só, por isso disse a Leão:

— Se sabe alguma coisa de novo para me contar, pôde ficar.

— Apenas uma novidade, que me parece ser-lhe de muito pouco interesse.

— O que é?

— Estou apaixonado.

— Com efeito, é-me completamente indiferente. Quem foi que lhe introduziu esse amor no coração?

— Uma creança.

— A loirinha que estava nos Italianos?

— Justamente.

— Aonde imagina chegar com esse amor?

— Aonde conduz o amor?

— A fazer-se amar, ordinariamente.

— Nem sempre.

— Vio-a hoje?

— Não; mas estive em sua casa, visitando sua mãe, que é uma senhora de muito espirito.

— Mas então, ama a filha ou a mãe?

— A filha.

— Tem-lhe feito a corte?

— Não se faz facilmente a corte, a uma menina d'aquellea ordem. Não sei mesmo como me hei-de haver.

— Como se houve comigo?

— Ha-de convir que não é a mesma coisa.

— Obrigado.

— E depois, comsigo não havia motivo para comprometter, porque me repelio; mas junto de m.<sup>ele</sup> d'Hermi tenho um poderoso auxiliar.

— Quem é esse portento?

— Mr. de Bryon.

— Pelo que vejo, é o primeiro amigo da casa?

- Eu assim o creio.
- E o sr. é amigo de mr. de Bryon ?
- Sinceramente amigo.
- Já lhe confiou o seu amor ?
- Ainda não, mas não tardará. Hei-de encontrar-me com elle esta noite.
- Aonde ?
- Em sua casa.
- Elle não teve, ultimamente, uma questão qualquer, não sei mesmo se um duello ?
- Sim, com um jornalista *consciencioso*, que acabou por lhe dar toda a sorte de explicações.
- Faz-me o favor de lhe dizer que estive muito inquieta com essa notícia ? Promette ?
- Prometto ; não me hei-de esquecer.
- Mas, voltando á sua loirinha ; diga-me, pertende, realmente, chegar a um fim ?
- Por que não ?
- O que ? casar-se ?
- Certamente.
- Logo á primeira vista ?
- Eu sou assim. E depois, é necessário não esquecer, que tenho apenas, o tempo de minhas vidas ; uma menina tão nobre, tão linda e rica, deve ser muito requestada.
- Mas, entre os que a requestarem, hão-de haver poucos tão nobres como o marquez, e... perdão, ia a dizer, tão ricos.
- Pôde dizer-o. Não tenho gasto mais do que um milhão, e ainda me resta outro ; com o que ella deve ter, é mais do que sufficiente.
- E acredita que os paes lh'a deem ?

— Não digo isso, o que digo é que vou pedil-a, ou antes incumbir mr. de Bryon de o fazer, por mim, fallando ao conde, das minhas intenções, fortuna e familia. Deste modo saberci desde logo o que deverei fazer.

— E se lh' o negarem?

— Sairei de Paris, attendendo a que, se o não fizer, amal-a-hei cada vez mais.

— Diz isso sério?

— Muito sério!

— Agora é que vejo até que ponto é inflamavel.

— Parece-me que se arrepende de ter sido tão rigorosa para comigo; disse Leão, surrindo.

— Não pense similhante coisa.

— Emfirm, se se arrepende, diga-o depressa, por que, de certo, não tem tempo demais.

— Quem julga o sr. que eu sou? respondeu Julia, a quem algumas vezes feriam as impertinências de Leão, o qual procurava todas as ocasiões de se desfarrar do tempo que perdera, fazendo-lhe a corfe.

— Ora vamos; se sé zanga, vou-me embora.

— O que tenciona fazer esta noite? perguntou-lhe Julia, levantando-se e alisando o cabello.

— Já lh' o disse. Vou a casa de mr. de Bryon. E a sr.<sup>a</sup>?

— Eu não saio.

— Se não voltar muito tarde, virei dar-lhe as boas noites.

— Peço-lhe que não se incomode por minha causa.

— É encantadora a cordialidade das nossas relações! Disse Leão, rindo e beijando a mão de Julia. Ralhamos como se já nos tivessemos amado.

— Abi eslá... e fiem-se nas apparencias!

— Adeos?

— Então pelo que vejo, só veio aqui para me dar parte dos seus novos amores?

— Só.

— Agradeço a confiança. Diga a Emmanuel muitas coisas da minha parte.

— Não lhe tornou a fallar, depois da sua volta a Paris?

— Não. Diga-lhe que chego a querer-lhe mal; e que teria sido de bom gosto, o ter ficado sendo meu amigo; faça-lhe comprehender isto.

— O que me dá se eu lh'o trouxer?

— Tudo de que poder apoderar-se.

— Não é bastante; disse de Grige, rindo, e despedindo-se novamente de Julia; mas nem por isso farei menos diligencia para o conduzir.

— Tente sempre.

— Ainda o ama?

— Talvez.

— Quer que lh'o diga?

— Não; seria obrigal-o a vir.

E fallando deste modo, tinha Julia acompanhado Leão até á porta da sala.

O marquez subio para a carroagem e affastou-se.

— Julia, a seu pezar, não podia, de espaço a espaço, deixar de dizer comsigo mesma:

— Se elle viesse!

Este pensamento causava-lhe forte commoção; e de cada vez que sentia vibrar a campainha da porta, sentia pulsar o coração com mais violencia.

Eram dez horas, appareceu Leão, já de volta.

— Só! murmurou Julia, apenas vio de Grige. Mas, que extraordinaria phisionomia, meu charo Leão! exclamou ella, divisando nas feições do mancebo a expressão do maior desgosto. Que lhe succedeu?

— Estive com mr. de Bryon.

— E então?

— Quer saber o que me disse?

— Naturalmente, que já está promettida a mão de m.<sup>ste</sup> d'Hermi.

— Exactamente. Mas imagina a quem?

— Não.

— A mr. de Bryon.

— A elle! exclamou Julia, com uma especie de alegria selvagem.

— Nem mais nem menos.

— Quando casam?

— D'aqui a um mez.

— É, talvez, por isso, disse Julia, com azedume, que elle não quer aparecer na nossa pessima sociedade.

— É, de certo; respondeu Leão, quasi machinalmente.

— Ah! senhor de Bryon! murmurou Julia; ou eu mo engano muito desastradamente, ou desta vez cahio-me nas mãos.



## XXII

Quem estivesse escondido no quarto de Julia, e podesse ter visto o que alli se passou depois da ameaça, murmurada apenas, pela astuta cortezã, assistiria, de certo, a um spectaculo, bem extraordinario, e curioso. Mas, para que o espectador occulto podesse avaliar devidamente esse spectaculo, seria indispensavel que soubesse, tão bem, como nós, quaes tinham sido, até esse dia, as idéas de Julia, a respeito de Leão.

O marquez não se constrangia nunca em presença da Lovely; assim, com os dois pés estendidos para o fogão, e a cabeça encostada a uma das mãos, reflectia profundamente, cheio de tristesa, sobre o que acabava de lhe suceder, sobre aquella esperança, que se lhe desvanecera, tão depressa como nascera. Julia observou-o por algum tempo,

naquelle attitude, sem lhe dirigir uma só palavra. Parecia estar meditando no que lhe ia dizer, que devia, sem duvida, ser coisa de muita importancia. Em fim, achando o seu plano sufficientemente combinado, aproximou-se de Grige, pegou-lhe na mão, e disse-lhe, com uma voz quasi maternal.

— Ora vamos, meu amigo, não esmoreça.

— Lastima-me, Julia?

— Porque não o hei-de lastimar?

— É uma coisa fóra dos seus habitos.

— Vê-se bem que me conhece pouco.

— Não é irreparavel, a desgraça que me succede.

— Não, de certo; mas em fim, a perda d'uma esperança, produz sempre uma grande dôr.

— Mas, para que diabo me fui apaixonar por uma creança?

— Essa paixão, é das que passam depressa.

— É indispensavel que assim seja; entretanto vou sair de Paris.

— Para que? O raciocinio poderá fazer mais do que a fuga. Ha-de reflectir, que apezar de tudo, nem mesmo teve o tempo necessario para se apaixonar seriamente por m.<sup>ene</sup>, d'Hermi, e achará distraecção a essa creancice, na sociedade dos seus amigos; porque, na verdade, não passa d'uma creancice.

— Nunca a vi tão compadecida como hoje, minha chara Julia.

— É porque nunca me appareceu soffrendo como hoje. Tem acreditado, como toda a gente, que

não passo d'uma mulher, a quem só entretem relações banaes ; apenas, um pouco mais espirituosa do que as outras ? Nunca se lembrou, de que poderia existir em mim uma corda sensível, e sympathica, sempre prompta a vibrar com a dor d'aquelles a quem amo ? Porque nunca fui sua amante, acredita que o não amo ? Não terão os homens descoberto, senão um unico modo de provar a sua affeição a uma mulher ? Com efeito, tenho sido amante de homens muito inferiores ao sr. Fiz mal em acreditar que não se contentaria com o amor que satisfazia aos outros ? Seria uma prova da minha indifferença, não o amar, por julgal-o mais espirituoso do que qualquer outro ? Como ainda hoje disse, ralhamos continuamente, mas sempre como bons amigos. Hoje, vejo-o soffrendo uma grande dor, estendo-lhe a mão, e digo-lhe : « Posso servir-lhe d'alguma coisa ? Quando mesmo não sirva senão para o distrair, disponha de mim. »

Julia exibia toda esta tirada, n'um tom quasi commovido ; tinha encontrado ainda na voz certas notas patheticas, de que soubera tão bem aproveitar-se, que Leão beijou a mão que lhe oferecia, dizendo-lhe :

— Perdoe-me Julia ; mas é que este acontecimento torna-me, realmente, enfadonho. É doença para alguns dias, apenas. Agora, vou livral-a de mim ; retiro-me.

— De modo algum. Ha de demorar-se ainda um pouco, por que vamos cear.

— Obrigado ; não sinto vontade de comer.

— É possível; mas eu ceio, e como não gosto de cear só, ha-de fazer-me companhia.

E ao mesmo tempo fez soar a campainha.

— Tragam-me a ceia, disse ella a um creado, que, alguns instantes depois, trouxe para o quarto uma banquinha, completamente servida.

Julia tomou lugar.

— Esse casamento, estava, sem duvida, de haver muito, resolvido, entre a familia d'Hermi, e mr. de Bryon? Naturalmente, a sua saida de Paris, era uma coisa já convencionada?

— Não; no Poitou foi que tudo se convencionou e decidiu.

— Emmanuel não conhecia m.<sup>lle</sup> d'Hermi?

— Nunca a tinha visto.

— E apaixonou-se por ella?

— Como um louco.

Julia mordeu os labios.

— Elle é que lhe contou tudo isso?

— Foi.

— Está, então, muito sentimental?

— Quando o escutava, esquecia-me de que era mr. de Bryon quem fallava; tal era o modo por que tudo quanto dizia, se afastava da idéa que eu fazia delle.

— Abi está, pois, o homem sério, e de espirito forte, apanhado, por uma creança! Uma aguia prisioneira d'uma pomba! É muito curioso!

— É, realmente, extraordinario!

— Recommendou-lhe segredo, quando lhe contou tudo isso?

— Não; houve-se comigo admiravelmente. Tra-

tou-me como a um amigo, e disse-me que era a primeira pessoa a quem dava parte das suas novas impressões.

— Mas em tudo isso que lhe disse, divisava-se, sem duvida, um certo orgulho, pelo amor que inspirou?

— De modo nenhum. O que me disse foi: «M.<sup>elle</sup> d'Hermi, é de tal modo digna de ser amada, que se o sr. a amasse sériamente, comprehenderia o seu sofrimento; mas, acrescentou elle; o meu amigo conhece-a ha muito pouco tempo, e portanto esse amor não pôde ter lançado profundas raízes. Está ainda muito moço, e sentio-se seduzido, mais pela bellesa, do que por qualquer outra qualidade de m.<sup>elle</sup> d'Hermi. No seu amor por ella, tem muito maior parte, os sentidos e o espirito, do que o seu coração.» E é que talvez tenha razão. Seja como fôr, é um homem feliz.

— A sua felicidade, não data desse amor; disse Julia com intenção.

— Tambem assim o julgo, respondeu Leão, surrindo, porque advinhára o pensamento da sua interlocutora.

— É necessario distrair-se, meu charo Leão; disse Julia levantando-se da meza e indo assentár-se junto do marquez.

— Mas, fazendo o que?

— Tomando uma amante

— E poderei eu encontrar-a, que se assimelhe a m.<sup>elle</sup> d'Hermi?

— Quem sabe? disse Julia, tocando novamente a campainha. Levem esta meza, disse ella ao

creado, que logo obedeceu. Diz á minha creada do quarto que não preciso hoje della. Retira-te. Diz também lá embaixo, que não recebo mais ninguem hoje.

Leão olhou para Julia quasi espantado.

— Assusta-se por ficarmos a sós?

— Pelo contrario; sinto-me muito feliz.

— Julga-se obrigado a fazer-me a corte, por desencargo de consciencia? Para que serviria isso, se não me ama?

— E quem é o culpado? Não sou eu, de certo.

— Querem ver que sou eu? Pois estava, ao contrario, muito disposta a amal-o, disse Julia tirando as mangas. — Desataca-me o vestido?

— Com muito gosto.

Leão levantou-se, e começou a desacolchetá-lhe o vestido de seda.

— Vae deitar-se?

— Vou.

— Então retiro-me.

— Tem medo de ver uma mulher deitada?

— Não; mas receio incomodar uma mulher que vae deitar-se.

Julia despio o vestido, e assentou-se n'uma poltrona.

— Quer que lhe desaperte agora o colete? perguntou Leão, que parecia não desgostar d'aquelle genero de trabalho.

— É inutil, respondeu Julia; e puxando pela parte de traz uma barba de baleia, cahio o colete.

Julia estava em frente do fogão, de sorte que

a claridade do fogo, desenhava-lhe a travez da finissima camisa de bretanha, umas formas maravilhosas, de que Leão, a seu pezar, não podia affastar a vista.

O facto, é que a realidade d'uma coisa, affasta algumas vezes o pensamento, d'uma outra.

— Agora, disse ella, assentando-se, e apresentando o pé a Leão; descalça-me as botinhas.

De Grige fez immediatamente o que lhe mandavam.

— E as meias? disse logo em seguida Julia.

Leão despiu-lhe as meias de seda, e levou aos labios aquelles pésinhos brancos e rosados, de que Julia era tão presumpçosa.

Desde que a Lovely começara a despir-se, tivera de Grige o tempo necessário para estudar os detalhes que se lhe apresentavam á vista; e, se não fosse o que acabara de saber em casa de Mr. de Bryon, estava na melhor occasião de lastimar a pouca insistencia que fizera em agradar a Julia.

— Obrigado, disse esta ultima, tomado entre as mãos a cabeça de Leão, e abaixando-se um pouco para o beijar na fronte. Com este movimento abriu-se-lhe a camisa, quanto era necessário, para que o pobre de Grige pudesse ver dois seios firmes e arredondados, como os de Venus de Milo.

— Não há de que, halucinou Leão, sem poder affastar a vista do que tanto o fascinava.

— Quando se pensa, dizia, comigo mesmo Julia, a quem não escapará a perturbação physica de Leão; quando se pensa que podem prender-se todos os homens do mesmo modo!

Depois correu para o leito, e desapareceu entre a roupa, como se fosse uma friorenta.

— Vamos, disse ella, agora chegue-se para aqui, e conversemos.

— De que lhe hei-de agora fallar?

— Do que ha pouco me fallava.

Leão calou-se.

— Que horas são? perguntou Julia.

— Onze.

— Já?

— Ah! está uma palavra bem agradavel para mim.

— Já me aborreceu alguma vez a sua compagnia?

— Mas hoje sinto que devo, realmente, aborrecer a todos.

— Que quer, se está apaixonado! Isso ha-de passar. Sabe uma coisa, continuou Julia; se o sr. não obtendo a mão de M.<sup>ele</sup> d'Hermi perde uma mulher encantadora, tambem ella perde um elegante e sympathico marido.

— Tambem lhe digo, respondeu Leão, pegando-lhe na mão, que se mr. de Bryon possue uma mulher encantadora, desposando M.<sup>ele</sup> d'Hermi, perde, na bella Julia, a mais adoravel das amantes.

— Nunca poderei ter a vaidade de me collocar em paralelo com M.<sup>ele</sup> d'Hermi.

— Creia que lhe é superior em bellesa.

— Em primeiro logar, não lhe sou, como acaba de dizer, superior em bellesa; depois, não tenho dezeseis annos, nem tão pouco o que cons-

titue as virgens; esse attractivo por que tantos homens se deixam arrastar, sem quererem comprehender que a verdadeira virgindade das mulheres, reside-lhes mais na alma do que no corpo.

— Eu assim o acredito.

— Já alguém me amou, como Emmanuel ama essa creança? Tenho tido amantes, mas não amores. E todavia, sou moça, acham-me bonita, e tenho uma alma como todas as mulheres. Não ha um só dia que não me sinta disposta a amar o homem, que se me entregar sem restricção, e que queira fazer do seu amor alguma coisa mais do que uma brutalidade, ou uma troca; um homem que me ame por si e não por mim, que não se julgue obrigado a pagar-me, e a quem eu possa dizer tudo, o que ainda não ousei dizer a pessoa alguma; todos os meus sonhos, e recordações da infancia, tão suaves, tão innocentes, e que morrerão, abafados pelas cinzas da minha vida ardente e devastada. Olhe, continuou Julia, apertando a mão de Leão; sinto que amaria muito, o homem que me comprehendesse.

— Mas é tempo ainda.

— Não é, de certo! Não obstante, ha apenas tres mezes, cheguei a acreditar-o. Ao sr. posso dizer-l-o: por instantes cheguei a crer no amor d'Emmanuel. Nunca tinha visto um homem tão ardente em amor, e mais capaz de transtornar a razão de qualquer mulher; e não me amava. O que elle será quando deveras ame! — M.<sup>elle</sup> d'Hermi deve ser incontestavelmente feliz. Apenas passei uma noite com o homem que ella deve esposar, e não

se passa um só dia, em que a lembrança dessas poucas horas, não venha escaldar-me o cerebro!

Se Julia, fallando por este modo, tivera uma intenção, não havia errado o alvo. Leão sentio-se, de repente, presa de um sentimento de odio por Emmanuel, que mais se avivava, contemplando com os olhos da alma o quadro dos seus amores com Maria.

Julia observava-o. Parecia estar estudando o que se lhe passava no espirito.

— Então, lhe disse ella; não quero demoral-o.

— Isso quer dizer que me despede?

— De modo algum; mas é talvez esperado...

— Por quem?

— Pela sua amante.

— Não tenho amante. A senhora é que, certamente, espera alguem.

— Não dei eu ordem para que não deixassem subir pessoa alguma?

— Então, deveras, não tem amante?

— Não.

— Desde quando?

— Desde que conheci Emmanuel.

— Mas porque?

— Porque nunca encontrei um homem que valesse tanto como elle.

— Em que?

— Em tudo.

Leão calou-se.

— Mas é natural, continuou elle, depois d'um momento de silencio, que não viva sempre assim?

— É provavel.

— Se eu não fosse tão insufficiente, propunha-me de novo.

— O sr. ?!

— Porque não ?

— Porque é o ultimo homem que eu acceitaria.

— Qual é a causa de tão grande repugnancia? disse Leão, a seu pezar, ferido por uma tal resposta.

— Não é repugnancia ; é receio.

— Então receia-me ?

— Muito.

— Peço-lhe que se explique.

— Não é necessaria grande explicação ; receio apaixonar-me repentinamente.

— Permitta-me que duvide.

— Como quizer ; mas asseguro-lhe que tem sido esse receio, que me tem impedido de accéitar as suas propostas.

— Demais a mais, escarnece-me.

— Em que ? Ainda ha pouco lh'o disse : sou a mulher mais disposta a amar. Se fosse sua amante, e o amasse, era, por força, muito desgraçada ; o sr. é muito moço, não pode deixar de ser volvel. Depois, vem propôr-me o ser meu amante, meia hora depois de me contar o desgosto que o opprime por não poder ser marido de uma outra. Se aceitasse, daria um bello passo.

— Faça o que quizer, Julia ; o que posso affirmar-lhe, é que, agora, é a unica mulher que poderia amar.

— Não sabe o que o faz pensar assim ?

— Diga.

— É o desejo de se vingar de mr. de Bryon, supondo que ainda pensa em mim.

— Engana-se; estou até convencido do contrario.

Julia empalideceu, e mordeu os labios.

— Escute, disse ella ; jura que não tem amante ?

— Juro.

— Confessa que á excepção de m.<sup>do</sup> d'Hermi, não ama outra mulher ?

— É á verdade.

— Então...

— Então ? repetio Leão, aproximando-se de Julia, não podendo já resistir á fascinação.

— Não, decididamente, não quero.

— Mas quem o saberá ? disse Leão em voz baixa.

— Não é isso o que receio ; ao contrario, se fosse meu amante, quereria que todo o mundo o soubesse.

— Porque ?

— Porque me sentiria, por isso, lisongeada. Mas, é uma coisa que não pôde, nem deve ser.

E fallando assim, apertava a mão de Leão, como para lhe fazer acreditar que resistia ao conselho dos sentidos.

— Mas então, disse Leão, muito baixinho, ajoelhando junto do leito, e aproximando o rosto do hombro de Julia ; há tres mezes ?...

— Há tres mezes, nem um só homem tem apertado entre as suas, uma só das minhas mãos, posso jurar-lh'o, o que não tem deixado de ser um sacrificio, accrescentou ella ; porque, emfim, sou ainda moça, e o sangue que me corre nas veias, é italiano.

— Pois bem, consinta que eu seja o primeiro, e se amanhã sentir, que lhe será muito difícil o amar-me, dir-mo-ha francamente.

— Conta, talvez, com a impossibilidade de sismilhante declaração ?...

— Por que julga isso ? disse Leão, em certo tom de reprehensão ; porque, presa do desejo, julgava dizer verdades, e sentia-se disposto a amar Julia.

— Hei-de ser muito ciosa, continuou esta.

— De quem ?

— De todas as mulheres !

— Estarei sempre comsigo. Com efeito, pensou Leão, quando o não estiver, sentir-me hei estupido. É indispensável que tenha uma amante, por isso, tanto valle esta, como qualquer outra. — Vejamos, Julia, continuou elle, lançando-lhe os braços em volta dos hombros, forceje por me amar um pouco.

— Como sabe tornar-se necessário ! respondeu a Lovely, cujos olhos brilhavam de desejos, e extremecendo involuntariamente com o contacto das mãos ardentes de Leão. Va-se, deixe-me ; vou chamar o meu criado, para lhe allumiar.

E saltando abajo do leito, correu para a campainha do fogão.

No momento em que ia tocar-lhe, foi surprehendida pelos braços de Leão, que sentio, junto a si, aquelle bello corpo, unicamente defendido por uma finissima camisa, extremecer de prazer e de amor.

Se, no estado em que Leão se achava, podesse reflectir em qualquer coisa, ter-se-ia lembrado de

que Julia mandára retirar os creados; ordenando-lhes que se deitassem, e que por isso, inutilmente os chamaria.

Leão só sahio de casa de Julia, no outro dia, ao meio dia.

Pouco mais ou menos, á mesma hora, escrevia Maria a Clementina :

«Emmanuel acaba de sair d'aqui. Pedio, finalmente, a minha mão. D'aqui a quinze dias serei sua mulher. Sinto me demasiadamente feliz; pede a Deos por mim !»

XXIII

Foi realmente tocante a ceremonia, que se passou na egreja de Saint-Pierre de Dreux, quinze dias depois dos acontecimentos que acabamos de contar. A egreja estava cheia de curiosos, que haviam corrido de todos os pontos da cidade, para verem de perto os jovens esposos. O nome de m.<sup>elle</sup> d'Hermi, que tinha sido educada em Dreux, era conhecido de todos, e o de mr. de Bryon não era desconhecido de pessoa alguma. O proprio céo tinha sorrido á felicidade dos dois esposos, porque a pesar do seu caracter aspero, dezembro, mostrara-se doce e sereno.

Muitos outros antes de nós, teem descripto casamentos felizes, por tanto, poder-nos hemos abster de estirados detalhes. Uma egreja cheia de curiosos, flores, canticos, sorrisos, votos de felicidade.

dade, recolhimento e amor, eis-aqui tudo. Foi o velho cura, com quem tomámos conhecimento no começo d'este livro, quem officiou; o santo homem tinha lagrimas nos olhos, tanto se sentia commovido pela piedosa superstição que levára a excellente menina a ir casar-se á mesma egreja, em que, pela primeira vez, commungára. Clementina estava radiosa, feliz, e altiva. Depois da missa, entregou Maria, ao velho cura, a somma de dez mil francos.

— É para o seu convento do val do Vert, lhe disse ella.

— Obrigado, minha filha; ainda pôde prestar ao convento um outro serviço.

— Qual é?

— Orar por aquellas que alli vierem buscar um asylo, para que sejam abençoadas por Deos, que não pôde desattender as orações d'um anjo.

Mr. de Bryon offereceu egual somma, para o mesmo fim. É facil julgar se a cidade de Dreux fallou muito tempo desta dupla generosidade. M.<sup>me</sup> Davernay não tinha faltado á festa, levando em sua companhia todas as educandas já de certa idade. Os pobres voltaram para suas casas, ricos por oito dias, e todas as offertas e presentes foram feitas, com tanta graça e pudor, pela jovem desposada, que nem uma só mão exilou em receber o que ella lhe offerecia.

Nesse mesmo dia, disse mr. de Bryon a Clementina:

— Pelo que ténho visto, parece ter-se sentido muito feliz neste dia?

— É verdade, respondeu Clementina; e tanto mais, quanto é a mim que Maria deve toda a sua felicidade. Digo isto, sem a menor idéa de reprehensão... accrescentou ella córando e surrindo ao mesmo tempo.

— Eu tive conhecimento da sua conducta em todo este negocio, minha filha, permitta-me que lhe chame assim; e Deos sabe quanto lhe sou reconhecido. Permitta-me, a mim que serei quasi seu pae, e que quero ficar seu amigo, o deixar-lhe uma lembrança deste dia. O que lhe offereço, não tem, para mim, valor, senão porque pertenceu a minha mãe; mas a lembrança que deve receber de mim, necessita ter mais do que valor intrínseco, deve ter um valor só estimativo; um valor do coração. Acceite estes adornos, accrescentou elle, offerecendo-lhe um estojo de joias, e permitta-me que a abrace como a uma irmã; se alguém esquecer este dia, não serei, de certo eu. Eu não ousava offerecer-lhe pessoalmente esta recordação; mas Maria, M.<sup>me</sup> de Bryon, disse Emmanuel surrindo d'um modo indescriptivel, foi quem absolutamente o quiz.

— E fiz muito bem, não é assim, minha boa Clementina? exclamou Maria entrando n'aquella occasião, e abraçando a sua amiga.

As duas meninas, das quaes a mais velha, havia uma hora, se tornara senhora, abraçaram-se, deixando correr as lagrimas de feliz comoção, que pezam nas palpebras, durante todo um dia, como aquelle que descrevemos. Clementina tinha na mão o estojo, mas não ousava abrir-o, ainda

que a curiosidade lh'o aconselhasse. Isto não escapou a Maria, que pegou no estojo, abriu-o, e tirou um colar de esmeraldas e diamantes, que imediatamente lançou ao pescoço de Clementina, dizendo-lhe:

— Assim é que isto se põe.

Aquella joia valia uns trinta mil francos. Clementina ficou deslumbrada; quereria percorrer as ruas de Dreux, com o seu colar, para que toda a gente o visse, e ficasse deslumbrada como ella.

Eram quatro horas da tarde, quando os condes d'Hermy, Emmanuel e sua esposa, partiram para Paris. Clementina ficou com sua tia, muito contente com as suas esmeraldas, mas bem triste pela perda da sua amiga.

Emmanuel e sua esposa iam sós n'uma carroagem. Os que desejarem saber o que elles disseram, advinhem, ou recordem-se.

XXIV

Há coimmoções de que é indispensavel renunciar a ser o historiador. Dissemos tudo que podíamos dizer. O que é certo, é que os dois noivos, amavam-se. Emmanuel, tinha a seu pesar, empregado n'aquelle amor toda a mocidade, força e ambição. Quando um homem de uma tal tempeira chega á sua idade sem amar, o dia em que ama, pela primeira vez, deixa que esse amor lh'invada o coração até trasbordar, e, como um avaro que se tornasse prodigo, dispensa-lhe todas as alegrias que até então accumulára, sem gosar. Assim, Mr. de Bryon era para sua mulher, o que devia ter sido para a sua primeira amante; passava horas inteiras a seus pés, contemplando-a como a uma madona, beijando-lhe os pés, e vassando, imprudentemente, toda a sua vida na vida

de Maria, que sem reserva se abandonava a todos os encantos da sua nova existencia, dando em troca o seu amor, e a felicidade de ser amada. Era uma alma tão novel, tão ingenua, tão casta, tão da excellente menina! um livro tão puro, o da sua vida! Nem um pensamento que não fosse santo, nem uma acção que não fosse nobre, nem uma palavra que não podesse ser escutada pelos anjos! Emmanuel folheava triumphalmente aquelle livro, inscrevia o seu nome em todas as suas paginas brancas, e a doce e suave companheira da sua vida, toda amor e piedade, entregava-se com o maior abandono, às realidades dos seus sonhos.

FIM DO VOLUME I.

ROMANCE  
D'UMA SENHORA

---

LISBOA—Typ. de Fettera—Rua da Cruz de Pau, n.º 35.

ALEXANDRE DUMAS (Filho)

ROMANCE

# D'UMA SENHORA

TRADUÇÃO DE

E. E. DA SILVA VIEIRA.

II



LISBOA

J. P. MARTINS LAVADO  
Rua Augusta, 15.

PORTE

A. R. DA CRUZ GOUTENHO  
Rua dos Caldeireiros, 14.

1861



## I

O casamento de Emmanuel com m.<sup>lle</sup> d'Hermi, fizera grande ruido nos salões, onde, com maior impaciencia, esperavam vér, d'um momento para o outro, apparecer os noivos. Mas o tempo passava e os noivos não apareciam. É que elles não queriam, logo no começo de uma intimidade tão desejada, verem-se circumscriptos pela sociedade, que estava anciosa de os atacar com os seus cumprimentos, raras vezes sinceros, quasi sempre enfadonhos, e ás vezes equivocos. Passavam as noites em casa, Emmanuel junto de Maria, sorrindo sempre, e fallando em voz baixa, apezar de estarem sós.

—O dia em que realmente descobri o que sentia por ti; dizia Maria, assentada aos pés de Emmanuel, descancando-lhe a cabeça sobre os joe-

lhos; foi aquelle em que fomos ao teu castellinho, quando vi o retrato que estava á cabeceira do teu leito. Ignorava que fosse tua mãe, e tive ciumes; ora, sem amar não se tem ciumes.

—E todavia, fizeste-me soffrer tanto. Se soubesses o estado em que fiquei no dia em que me fizeste comprehendér, que era demasiada a intimidade, que existia entre nós!

—É porque sentia que já te amava, e receava não ser amada; e depois, querias desposar Clementina.

—Foi teu pae quem imaginou esse casamento.

—E se Clementina não tivesse recusado?

—Ter-se-hia feito.

—O que seria então de mim? Morria!

—Como poderia eu também resistir?

—Mas era uma coisa simples confessar tudo.

—É verdade.

—Sempre se é muito louco quando se ama!

—É também verdade.

—Como eu chorei na noite em que Clementina, toda risonha e cheia de alegria, me contou que ia casar contigo!

—Porque não lhe confessastes o que sentias?

—Por que havia de destruir-lhe a sua alegria, sem a certesa de obter a felicidade para mim? Então ainda eu acreditava que a amavas.

Era d'este modo, com a ingenuidade de creanças, que contavam um ao outro as suas comemorações passadas.

Como dissemos, o casamento d'Emmanuel produzira muito ruído, e tanto maior, quanto de-

pois que elle se consumára, havia abandonado completamente a camara. Com effeito, era impossível imaginar um viver de familia mais encantador, nem felicidade mais perfeita. Emmanuel e Maria, viviam um para o outro, sem, nem por sombras, sentirem a falta de sociedade. Maria divertia-se com a sua nova posição; a creança reaparecia sob as formas da mulher; era tão joven ainda, que, por assim dizer, brincava com o seu casamento. A correspondencia continuára entre ella e m.<sup>me</sup> Dubois, que se tornára, ou antes, continuára a ser a confidente de todas as comungões, que unicamente m.<sup>me</sup> de Bryon podia desfrutar.

«Minha bon Macin, escreveu-lhe um dia Clementina, detida a casa de m.<sup>me</sup> Duvernay; cis-me, do todo, junto de minha tia. O collegio já se me ia tornando insupportavel. Partecipo-te que ha na minha casinha de Rieuville, um quarto, que poderás aceitar com mr. de Bryon, se para a primavera consentires em vir, com elle, passar oito dias junto d'uma amiga, que sem cessar pensa em ti, e a quem arrebataste metade do coração. Apesar de tudo sempre me divirto aqui; bem sabes que de pouco preciso para isso. Mas é que realmente era preciso que estivesse profundamente triste, para não rir de tudo que aqui vejo. Minha tia não occultou que me tirava do collegio para me casar, de sorte, que já concorrem os pretendentes, e que pretendentes! Já fui pedida pelo filho do recebedor das decimas, o qual posso, além da cabeça mais caricata que possa ima-

ginar se, uma somma de cem mil francos, com o que se julga habilitado para comprar Paris, se elle se vendesse. Apênas entro em alguma casa em que elle está, fita em mim os seus grandes olhos azues, e contempla-me. N'essas occasiões, desejava que viessem sempre dar-me alguma má noticia, que me fizesse chorar; tal é o desejo que sinto de rir. Toca flauta, canta modinhas, e não se falla aqui senão das suas aventuras felizes.

«Ha outros que me fazem a corte, mas que querem assegurar-se do meu coração antes de pedirem a minha mão. Não fazes idéa como são curiosos os cumprimentos que eu recebo. Como estes senhores sabem que vivo só com minha tia, não teem o mais leve escrupulo de me escreverem cartas, as mais burlescas que possa escrever um provinciano. Envio-te algumas como amostras do espirito da localidade.

«Tenho feito sensação, e por isso sou admiravelmente recebida em toda a parte. Não obstante, tenho os meus depreciadores, e sobre tudo, depreciadoras. São os pais e mães *preciosas*, de filhas ridiculas, cujas nupcias se sentem entorpecidas com o meu apparecimento. Criticam e tratam de afastar de mim os partidos que se apresentam. Neste ponto devo confessar que sou um pouco cumplice, por que não dou o menor passo para os atrair. Emfim, minha querida Maria, se tu és sempre feliz, eu sou sempre alegre. Se tu amas, eu rio. Não se tem mudado coisa alguma na nossa existencia, e por isso que temos sempre

a mesma sorte, tenhamos sempre a mesma amizade. Apenas houver alguma novidade importante para mim, informar-te-hei. »

A isto respondeu Maria com o tom doutoral tão vulgar nas mulheres casadas, que julgam tornar-se, de repente, pensadoras e rasoaveis, como se fosse esse o effeito ordinario do casamento.

«Minha querida Clementina, pensa bem antes de casares; não te fies nas apparencias, lembra-te primeiro que tudo, do futuro. Como sou muito feliz, tenho todo o empenho em que tu o sejas tambem. Procura, primeiro que tudo, as boas qualidades do coração, inapreciadas antes do casamento, e inapreciaveis depois d'elle.

«Mr. de Bryon é sempre o mesmo para mim; sim minha querida amiga, sou muito feliz, mas ha ainda uma outra coisa, que aumenta a minha felicidade: é a certeza de que vou ser mãe. Não o podes por em quanto avaliar, mas um dia saberás toda a felicidade que se liga a esta palavra; não podes, por ora, comprehender a alegria que se sente em se dizer: Vae dever-me a vida um ser, que me ha-de amar, porque será o filho do meu amor e das minhas entranhas. Meu marido, depois que lhe dei esta noticia, não sae um só instante do meu lado; não ha nada mais interessante do que os cuidados minuciosos que tem comigo, a todos os instantes. Tem chegado a levar-me ao cólo, como a uma creança, desde o meu quarto até á carruagem; todos os meus desejos, até mesmo os caprichos, são satisfeitos, antes mesmo de os exprimir. Muitas vezes, quando

estou junto d'elle, em quanto trabalha, e eu bordo, ou leio, o tenho surprehendido, com os olhos fitos em mim, admirando-me, porque o seu amor o leva a achar-me mais bella, do que realmente sou.

«Se ouvisses como nós formamos castelles no ar, como legislamos para o futuro, por força teríasss muito. Chegamos a imaginar impossiveis, porque, recordando-me de todas as grandes dôres, de que tenho sido, senão a testimunha, pelo menos o ecco, chego a convencer-me de que é impossivel que similhante alegria e felicidade, durem sempre; e todavia não ha razão para que ella cesse; porque nos amamos talvez mais do que no primeiro dia. O que me faz acreditar que sempre amarei Emmanuel, é o não poder pensar em coisa alguma que lhe seja estranha. Não comprehendo uma festa, ou um praser, em que elle não tome parte; o que sobre tudo prefiro são os entertenimentos intimos, á noite, junto do fogão, na nossa linda casa. Succede muitas vezes, interrompermo-nos, elle nos seus pensamentos, eu na minha leitura, para surrirmos um para o outro. Então levanta-se, para se deitar a meus pés e conservar-se assim horas inteiras. Ouvimos extinguir-se todos os ruidos da cidade, a quem não pedimos o menor prazer, e que de longe vemos agitar-se sem precisarmos dela, e sem que que ella precise de nós. Depois tudo se cala, a noite torna-se soccegada e silenciosa, e parece que em toda a naturesa, não existe coisa alguma além do nosso amor.

« Não sei d'onde vem ou para onde vão, os que passam, mas lastimo aquelles ou aquellas, que não teem, nas primeiras horas da noite, um coração que as ame, e que lhe povoem o seu isolamento.

« Mais tarde, d'aqui a um anno talvez, iremos fazer uma viagem; iremos ver Roma, Napoles, Veneza, todos esses paraïsos que Deus deu á terra. Que encantadora viagem para se fazer com o homem que se ama! Ir vér os paizes das grandes coisas, onde Deus dispensou os seus favores, ou manifestou as suas coleras; vér, tanto com o coração, como com o espirito; seguir com o nosso proprio amor, os vestigios de todos os amores passados; respirar aquelle ar perfumado de recordações; embriagar-se de sol em Napoles, de canticos em Veneza, de pensamentos em Roma; e não sermos sempre senão dois! É ainda uma felicidade, e esta, tel a-hei. Ha, realmente, poesias, que não podem comprehender-se senão quando se ama. Lembras-te, de quando stavamos no collegio e que tradusiamos Shakespeare? Achavamos no grande escriptor coisas magnificas, é verdade, mas erâmos insensíveis a muitas d'ellas; é que certas cordas da nossa alma, não tinham ainda sido tocadas por mão amada, e, não tendo ainda recebido a vida, conservavam-se mudas. Agora, passo os dias inteiros a ler o meu Shakespeare, o mesmo que tinha no collegio, e parece-me um livro, novo para mim. Então parece-me ser simultaneamente Julietta, Ophelia, ou Desdemona; comprehendo as paixões d'aquellas

bellas e castas heroínas ; comprehendo o seu amor, pelo meu. Acho-as mais do que bellas, acho-as verdadeiras ; depois passo o livro a Emmanuel, e oiço-o lér. Parece-me ouvir Othello, Hamlet, ou Romeo : advinho nas intonações da sua voz, na sua alma, que unio á do poeta, todo o ciume do Mouro, toda a melancolia de Hamlet, todo o amor do amante de Julieta. Quando leio todas estas coisas, duvido que fosse sómente um homem quem as escreveu, e parece-me que a palavra Shakespeare é um pseudonimo divino.

« É o coração quem forna e esclarece o espirito ; mas como esta luz é terrestre engana muitas vezes. Comprehendo facilmente os erros das jovens, que, sós, sem terem quem as guie, se perdem, por causa destes livros, que se acham tão bons a *duo*. Apaixonam-se por um d'aquelles typos, que julgam sempre encontrar no primeiro homem que se lhes apresenta, e deixam que a imaginação se occupe do que só é attributo do coração. É esta a sua grande falta.

« Talvez te aborreça tudo isto que te tenho escripto, minha bca Clementina, mas a tua alma é a confidente da minha ; não posso resistir ao desejo de te dizer todos os meus pensamentos, dos quaes o primeiro e o ultimo, é que sou cada vez mais tua amiga. »

« Até que em fim, minha querida Maria, dizia, mais tarde m.<sup>elle</sup> Dubois, n'uma das suas cartas, parece-me que vou, dicididamente, casar. Aquelle rapaz, de olhos azues, lembra-te, o que toca flauta,

como o Deos Pan, é no fim de tudo, o que a cidade tem de melhor. Tem muito bom coração: tenho sabido de boas acções praticadas por elle. Ama-me muito, o pobre rapaz! Passa todas as noites a jogar o whiste com minha tia, e bem sabes que de ha muito se prova assim o amor que se tem ás sobrinhas. Confesso-te que não posso ser insensivel a similhante prova. Depois, é preciso dizer-te tudo; já não parece o mesmo, tenho-o mudado completamente. D'antes via-o sempre vestido de modo mais amavel do que elegante, mas sempre com o gosto mais desastrado; não havia para elle nada de exagerado, nem mal cabido; usava, por exemplo, uma barba cheia de magestade na vida militar, mas horrivel no estado civil. Disse um dia, na sua presença, como gostaria que meu marido trajasse, e tres dias depois, apresentou-se em casa de minha tia, exactamente vestido segundo o meu figurino. Ora comprehendes que não se pode ser insensivel a uma tal obediencia; de sorte que não poderei deixar de chamar-me m.<sup>me</sup> Barillard.

« Sabes que não sou das mais exigentes. Reunido o que ambos temos, e o que elle deve ter, por morte de seu pae, achar-nos-hemos com uma duzia de mil libras de renda, e podemos ir passar tres mezes em Paris, se ahi não ficarmos de todo; porque, vou-me tornando ambiciosa, e tu, como o podes julgar, és uma das causas desta ambição. Não ha senão uma coisa que me desconsola, é elle chamar-se Barillard, e de mais a mais Adolpho; mas a felicidade não está no nome.

De resto, pertence a uma excellente familia; seu pae é um homem de muito espirito, e asseguro-te, que d'um espirito muito fino. Assim casarei com o filho, mas conversarei com o pae. Vem muitas vezes a casa de minha tia: faz-nos esquecer as horas com a sua conversação. É um dos que viu a revolução, e bem sabes quanto é interessante ouvir os que tem visto grandes coisas.

«Ajuda-me pois, com os teus conselhos de senhora casada, e de amiga, minha querida Maria. Parece-me que encontrarei n'este homem uma affeição sincera e duravel; é quanto preciso. Faça-me elle todas as vontades, como conto que fará, e tornal-o-hei o homem mais feliz do mundo. Não sentirei nunca um grande amor por elle, mas ter-lhe-hei evidentemente amisade e estima, porque é bom. Está decidido, vou casar-me; sómente, fal-o-hei esperar um pouco, por que nunca se perde em ser desejada.

As cidades de província são realmente curiosas para estudo. A assiduidade deste rapaz, junto de mim, tem devidido os ociosos em dois campos. Tenho partidarios e inimigos. Durante os serões não fallam senão de mim. Uns criticam-me sem me terem visto, outros protegem-me sem me conhecerem, e tudo isto por que entendem que não faço mais do que zombar com Mr. Baillard, que era a ambição de todas as mães. É verdade, que me tenho arrojado um pouco atraez dos habitos estabelecidos, e destruido a monotonia que encontrei á minha chegada. Quando vi o quarto que me destinavam, e que era o mesmo

d'outro tempo, mandei arrancar das paredes o papel antigo, e d'uma pintura solemne, com que estavam forradas, e substituui-o por um outro, igual áquelle do quarto, que occupava em tua casa; n'uma palavra, transformei-o todo. Apenas isto se soube, gritaram contra o escandalo de similhante luxo, e eu deixei-os gritar. Agora servem-se d'aquelle insignificante despeza que eu fiz, para as suas malidicencias, dizendo que com a minha pouca fortuna, não tardarei a morrer de fome, se continuar a ter taes excentricidades; e eu deixo-os maldizer do mesmo modo porque os deixei gritar.

«Escreve-me com mais frequencia, minha querida amiga Maria; com o pretexto da tua felicidade, esqueces-me.»

Clementina tinha rasão para se queixar, por que as cartas de Maria, cada vez se tornavam mais raras. É verdade que não tinha tempo de escrever senão quando estava só, o que não sucedia muitas vezes, porque Emmanuel, a quem a politica não conseguia distrahir da sua nova felicidade, não tinha a menor rasão de deixar sua mulher, nem mesmo um instante. O tempo que Maria dedicava a Clementina, era, pois, roubado a seu marido, e durante alguns mezes, ao menos, tanto a amisade, como a politica deviam ceder o passo ao amor.

Todavia apenas, recebeu esta ultima carta de Clementina, respondeu imediatamente:

«Pedes conselhos, minha querida amiga: casa-te; o casamento é a felicidade, quando se ama,

e se é amada. Desposa mr. Adolpho Barillard, e vem viver para Paris, uma vez que é esse o teu desejo, e os teus desejos devem ser as vontades de teu marido.

«Emmanuel fez-me hontem uma confidencia, que me tinha occultado até então. Parece que o marquez Leão de Grige, aquelle mancebo, que me mostraste nos Italianos se agradára extremamente de mim, e que, sabendo quanto Emmanuel era estimado de meu pae, lhe fôra pedir a sua protecção para obter a minha mão; o que decidiu mr. de Bryon a pedil-a immedialtamente, mas por si, e sem mesmô fallar a meu pae das intenções do marquez. É um mancebo muito amavel, mas quanto diferente de Emmanuel! Depois do meu casamento ainda não ousou apparecer em casa de meu pae, nem procurou Emmanuel, de quem era amigo. Tem feito mal. Emmanuel tem toda a confiança em mim, e de certo não o recearia. É uma coisa que succede todos os dias, ser negada a mão d'uma menina a um mancebo, por já estar dada a outro. É um facto que não tem nada de humilhante.

«Não te tenho ainda fallado de meu pae; e todavia não podes imaginar como me ama. Eu occupo todos os seus pensamentos, toda a sua vida. Foi immenso o sacrificio que se impoz, cassando-me. A minha separação deixou-lhe um grande vacuo no coração. Nos primeiros dias, toda entregue á felicidade egoista de me vêr casada, não reparava no seu estado; agora é que o tenho percebido. O dia que se passa, sem que

o vá vér, é para elle um dia de grande tristesa; e no immediato, quando lhe appareço, advinho-lhe o desgosto no surriso, e diviso-lhe as lagrimas nos olhos. E apesar d'isto, nunca me dirige uma reprehensão; reduz-se tudo, a dar-me mais um abraço, como se me dissesse: Não te vi hontem, e não te verei talvez amanhã. Mas agora vou vel-o todos os dias; esta visita quotidiana é, para mim, mais do que um dever, é um prazer; e sabes porque? Porque a minha presença torna-lhe os dias alegres, e a ausencia, cobre-lh'os de tristesa.

«Ha alguns dias, disse-lhe inconsideradamente, que tencionava ir com Emmanuel á Italia; só me respondeu com um sarriso. Lancei-lhe então os braços ao pescoço, dizendo-lhe: «Socegue, não partirei.» A sua unica resposta foi apertar-me ternamente contra o coração. Como é pura e santa esta affeição paternal, que nos protege por todos os lados, tornando-nos inpenetraveis aos maus pensamentos, offerecendo-nos sempre abrigo, nas occasões difficeis! Se alguma vez me sentir triste ou desgraçada, será com meu pae que irei chorar, e Deos me consolará, por que em logar de uma, attenderá a duas supplicas, qual dellas a mais fervorosa.

«Eu e Emmanuel vamos aproveitar alguns bons dias, que o céo parece prometter, indo visitar o seu castellinho do Poitou, que não tornei a ver depois do nosso casamento. Meu pae acompanhar-nos-ha. Emmanuel nem quer ouvir fallar em camara. Não te dizia eu que a politica não

seria mais forte do que eu, e que faria deste diplomata austero, o mais singelo pastor?

«Tornemos agora a fallar do teu casamento com mr. Adolpho. Pelo modo porque fallas a seu respeito, vê-se que não estás longe de o amar. Para te fallar com franqueza, nunca julguei o teu caracter susceptivel d'uma d'essas paixões extraordinarias, que devastam o coração. Sempre te julguei destinada a uma vida suave e socegada, formada pela harmonia dos habitos, alegrias da familia, e cuidados domesticos. Repito-te ainda: casa, e depressa, com mr. Adolpho, e vem viver para Paris; será o modo desta grande capital ter em si duas mulheres realmente felizes, o que não lhe terá, de certo, sucedido muitas vezes. Acredita, a felicidade não é vulgar.

«Minha mãe encarrega-me de te abraçar. Como podes imaginar, é sempre a mesma, a minha querida mãe. Passou toda esta noite n'um baile, e quando pela manhã fui cumprimental-a, encontrei-a tão fresca e bem disposta, como se tivesse dormido socegadamente. Não conheço uma só pessoa mais risonha e alegre do que minha mãe. Quando disse, que com a tua vinda para aqui, possuiria Paris duas mulheres realmente felizes, fiz mal em não enumerar uma terceira; esquecia aquella que o é ha tanto tempo.

«Adeos, querida amiga; escreve-me, para que, na minha volta, encontre a tua carta, porque, segundo me parece, partiremos ámanhã. Se, entretanto tiveres alguma coisa muito interessante para me dizeres, uma boa nova, por exemplo, escreve-

me para o campo: uma boa nova não se recebe nunca cedo de mais.

No dia immediato partiram como estava combinado. A primeira coisa que Maria fez, apenas chegou ao castellinho que já conhecemos, foi lançar-se aos pés do retrato da mãe de Emmanuel. Agradecia-lhe, sem duvida, toda a felicidade que lhe devia, e pedia-lhe que lhe affastasse do coração toda a sorte de duvida ou suspeita pelo futuro. Depois voltou para junto de seu pae, que passeava no jardim, em quanto Emmanuel dava as suas ordens.

— Então, minha filha, continuas a ser feliz?

— Muito, meu pae. O que poderia faltar ao meu coração, rodeado, como está, pelas tres mais puras affeições, que pode apreciar: a de minha mãe, a de Emmanuel, e a sua?

— Estás bem certa do meu interesse pela tua felicidade?

— Como deixaria de o estar?

— E se eu te désse um conselho?

— Seguilo-ia immediatamente.

— Então escuta. Tu vés a mudança que tens operado em teu marido; vés que, por ti, esquece tudo que n'outro tempo amava. É preciso que comprehendas, que um homem tem outros deveres além dos d'esposo, e sobre tudo, um homem com a posição d'Emmanuel. Mr. de Bryon é par do reino; representa um paiz que lhe confiou os seus interesses, é preciso que os defenda. Teu marido tem inimigos e invejosos, como tem sempre todo o homem de talento; por tanto, esta especie

\*

de deserção da camara, pode ser-lhe nociva. Talvez que o seu muito amor por ti, o tenha feito esquecer da responsabilidade, que tomou sobre si; mas, não deve de modo algum, faltar mais ao juramento que fez á sua patria, do que ao que fez á sua esposa. Talvez muito bem comprehenda, que não tem o direito de desapparecer por tal modo, do mundo politico, e lhe falte o animo de te pedir duas horas de liberdade em cada dia. Pois bem; essas duas horas, convem que tu lh'as dês, e passal-as-has comigo. Teu marido não perderá coisa alguma, e teu pae ganhará muito. Depois, Emmanuel é um homem forte e energico, uma intelligencia muito elevada, para que não chegue a fatigar-se da ociosidade. Deixa-o continuar a ser grande, para continuar a ser feliz; e quando elle voltar, quando depois do ruido da camara, tiver a certesa de encontrar o repouso junto de ti, amar-te-ha ainda mais.

— Já tinha pensado em tudo isso; mas Emmanuel parecia tão satisfeito junto de mim, que recearia, se lhe houvesse feito a proposta de voltar á camara, que elle me suspeitasse cançada de ser feliz. Mas, uma vez que o papá me faz as mesmas reflexões, que eu já tinha feito, e acha justo não o roubar por mais tempo aos seus deveres, começarei, desde hoje mesmo, seguindo o seu conselho.

Com efeito, n essa mesma tarde, disse Maria a seu marido, tomando-lhe o braço, e descancando-lhe meigamente a cabeça sobre o hombro.

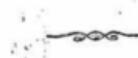
— Acabei agora mesmo de ter uma fantasia.

- Qual é ?  
 — Voltar para Paris.  
 — Caprichosa ! Partiremos ámanhã.  
 — Promettes ?  
 — Hoje mesmo, se o desejas.  
 — E se antes desejasse ficar ?  
 — Ficariamos.  
 — Então partiremos ámanhã.  
 — És, com efeito, caprichosa !  
 — E sabes tu, por ventura, o que vamos fazer ?  
 — Faremos o que tu quizeres.  
 — Vae agitar-se na camara uma grande questão.  
 — Como sabes isso ?  
 — Vi-o n'um jornal.  
 — E então ?  
 — Então ? Iremos á camara dos pares n'esse dia.  
 — Mas, para que ?

Maria fixou Emmanuel, surrindo, como se não accreditasse uma tal expressão de desdem ; e segundo nos parece, fazia bem em não acreditar.

- Tu, fallarás ; e eu escutarei, continuou ella :  
 Emmanuel beijou Maria na fronte, dizendo-lhe :  
 — Decididamente, és um anjo.  
 — Fui feliz em advinhar ?  
 — Foste.  
 — Vamos ! continuou ella ; o sr. é uma creança muito crescida, a quem não convem tirar os bonitos.

E dizendo isto com a maior meiguice, fazia, com os braços, um collar a seu marido.



## II

Facilmente se deve comprehender, qual o amor que o conde tinha a sua filha, pelos conselhos que acabava de lhe dar ; desde que tornára a vel-a, á sua volta do collegio, tão linda, tão casta e meiga, sentira o coração invadido por um sentimento quasi desconhecido. Comprehendera desde logo, que a sua vida dependeria da felicidade d'aquelle creança. Movido, senão pelo remorso, ao menos pela recordação, pedira perdão a Deos, do seu passado, supplicando-lhe o esquecimento para elle, com receio que o seu reflexo não manchasse a pureza do anjo, que collocára a seu lado. Deixára, pois, a condessa, continuar na sua vida tecida de frivolidades, e encerrou no coração aquelle amor, que promettia protegel-o, fazendo-o melhor do que tinha sido. Fôra feliz, em quanto Maria

ignorava qualquer affeição além da de seus parentes ; mas, desde o dia em que advinhára que um outro se tornára necessario para a felicidade de Maria, sentira apertar-se-lhe o coração com um pensamento de amor egoista e invejoso, muito natural e desculpavel. Todavia, resignara-se, por que metade do amor paternal compõe-se da abnegação, e do sacrificio que faz de toda a sua alegria, á de seus filhos.

Assim, na noite do casamento de Maria, quando a excellente menina, junto d'aquelle que amava, tudo esquecia, o conde lembava-se, e, assentado, só, no seu quarto, conservava-se triste, como se tivesse sido ferido por uma grande desgraça ; era com as lagrimas nos olhos, e na alma que mr. d'Hermita dizia, comigo mesmo, pensando em sua filha : «Ama a um outro ! » Comtudo não podia, sem causar a desgraça de Maria, conservar a felicidade para si, e como Deos deu aos paes e mães, a resignação, resignou-se, e não procurou mais senão assegurar a tranquillidade de sua filha.

Era, pois, natural, que com o muito conhecimento que adquirira dos homens, pensasse em dar a sua filha o conselho que lhe dera, que ella tinha seguido, e que mr. de Bryon aceitára. De resto, as idéas ambiciosas que Emmanuel ainda nutria, era Maria quem as alimentava. O homem de coração, deseja sempre honrar a mulher que ama, dando-lhe o spectaculo da sua força e genio, augmentando, por assim dizer, e seu amor, juntando-lhe o entusiasmo e a admiração. Se no mundo ha alguma coisa, ou antes algum ser vaidoso, é in-

contestavelmente a mulher. A mulher tem a sua ambição, que a eleva, quando é preenchida por seu marido, e que a perde, quando pretende satisfazê-lo para si mesmo ; deseja sempre possuir, além do amor que lhe consola o coração, o nome que lhe lisonjeia a vaidade ; quer que os outros voltem a cabeça, ao ouvirem esse nome, e difficilmente uma mulher enganará o homem que lh' o der.

Todos estes pensamentos tinham assaltado o espirito de Maria, dando parabens a si mesma por ter ido ao encontro d'um desejo, que, tarde ou cedo reconquistaria o seu logar no espirito de seu marido.

Mr. de Bryon, tornou pois, a aparecer na camara, o que alli causou grande sensação. Agitava-se com effeito, uma questão muito importante, até mesmo das mais graves, e havia dias que Emmanuel, sabendo do que se tratava, não podia conter-se de lastimar a sua ausencia, que ia tornar-se uma especie de deserção, dos principios que tinha estabelecido. Tratava-se de fazer voltar para o paiz os principes exilados. A camara pronunciava-se toda contra esta proposta, quando Emmanuel subio á tribuna. Como o coração de Maria batia n'aquelle momento ! Como a sua vista, a sua alma, todo o seu ser estavam suspensos dos labios do orador, e como ella se sentiu pequena e mesquinha, quando ouvio aquella voz poderosa, e respeitada, que dominava toda a assembléa. Aquelle homem que estava fallando, e cuja palavra alargava, de repente, os horisontes politicos,

não lhe parecia ser o mesmo que, na vespera, deitado a seus pés, murmurava palavras d'amor.

Emmanuel foi sublime, e cada vez que o auditorio applaudia, fitava os olhos no ponto da sala em que se occultava Maria, com a mão sobre o coração, e tremula ao mesmo tempo de receio e de admiração. Emmanuel queria, com toda a convicção, a volta dos exilados, fossem elles principes, ou tivessem sido reis. Queria que a França triumphasse, não somente dos outros, mas de si mesma, e que, grande pela força, fosse grande pela confiança e pelo perdão. Tudo o que Emmanuel pedia era bello, nobre e justo, como o seu caracter. Todo o auditorio applaudia freneticamente.

A camara passou á ordem do dia.

Esta transicção era uma derrota para Emmanuel; mas uma dessas derrotas em que o vencido fica superior ao vencedor; uma especie de Mouscow politico. Cessára já de fallar e ainda Maria o escutava; parecia-lhe continuar a ouvir vibrar em torno de si a voz de seu marido; porque não era só com os ouvidos que escutava; mas com o coração, com toda a sua alma.

Uma outra mulher, a quem o discurso de mr. de Bryon não produzira a mesma impressão que em Maria, assistia áquella sessão. Esta mulher, era Julia, occulta, como m.<sup>me</sup> de Bryon pelo seu veu, que lhe occultava tambem a ameaçadora pallidez. Quanto mais Emmanuel se engrandecia, tanto mais forte ella o reconhecia, tanta mais raiva se lhe accumulava no coração. Não deixa-

remos, dentro em pouco de ir encontral-a, trabalhando na sua obra ; teremos de voltar a ella, pelo mesmo modo porque voltamos á fatalidade, potencia mysteriosa que espera o homem em todos os cantos da vida, como o ladrão e o assassinio esperam o viandante na sombra da estrada.

Julia vendo que Emmanuel não apparecia na camara, havia muitos mezes, e ouvindo fallar da sua intenção de sahir de França com sua mulher, sentira-se espantada, com a idéa de que poderia escapar-se ás suas represalias, por que, como havemos de ver, já a sua futura vingança lhe custava bem cara, para que deixasse de pôr todo o empenho no seu cumprimento. Quando ouvio dizer que mr. de Bryon ia dar a nova entrada na camara, quiz achar-se presente, como o seu mau genio, ou ao menos como um mau presagio ; mas Emmanuel nem mesmo suspeitava a presença da sua antiga amante. Julia era uma mulher cujos intentos se fortificavam na rasão directa dos obstaculos.

—Este homem é forte e poderoso, pensava ella, ouvindo-o fallar ; este homem é feliz e tranquillo, pensava ella ainda, vendo-o sair com Maria ; pois bem ! quero que um dia a sua força e felicidade, caiam ao meu sopro, estorcendo-se a meus pés.

Maria, nem sequer lhe passava pela idéa a mais insignificante de todas estas coisas. Acaso a inocente pomba que passa no ar, se lembra do milhafre que a espera ? Maria apenas se sentia assustada d'uma coisa, que a tornava ao mesmo tempo orgulhosa ; era d'aquella poderosa eloquen-

cia, cuja grandesa apenas chegára a comprehendér, e que lhe fizera sentir quaes as commoções de que necessitava a alma ardente de seu marido. Assim, quando depois da sessão, voltaram para casa, sentiu como uma especie de medo de Emmanuel. Passado o primeiro momento lançou-se-lhe nos braços, dizendo :

— Mas, amas-me sempre, não é assim ?

— Porque me fazes essa pergunta, louquinha ! ?

— É porque vendo, ha pouco, quanto és grande, quaes as idéas que te ocupam o espirito, considerei o meu amor tranquillo e solitario, um bem pequeno assumpto para entreter uma existencia como a tua ; considerei que o meu amor nunca será forte bastante para te consolar, se um dia, a politica te causar um grande desgosto. Senti a minha inferioridade. Tive ciumes da França, e disse comigo mesma : «Ella dá-lhe a gloria, e eu não posso dar-lhe mais do que a minha vida», e cheguei a arrepender-me de ter contribuido para que voltasses á camara.

— Não tenhas o menor receio ; has-de ser sempre a querida da minha alma. Deixa que tome na camara, uma porção dessa febre de que preciso para viver, e desse modo ainda me parecerá mais doce e calmante o amor, que me espera junto de ti, e que bebo n'esses queridos labios. E apesar de tudo, não sou eu o teu escravo, tão submisso, como feliz ? Diz uma palavra, minha linda feiticeira, e a torrente tornar-se-ha em limpido arroio, a tempestade, passará de repente, a uma serenidade eterna ; evoca um novo paiz, e

ambos, um para o outro, esquecidos d'um mundo, que nos esquecerá, partiremos, sem saudades do passado, e sem receios pelo futuro ; queres que seja assim ?

— Não meu Emmanuel ; preenche a tua vida como o desejas, porque o meu amor, não é exemplo d'orgulho, e eu quero admirar-te tanto quanto te amo. O que te peço, é que me guardes no fundo do coração um logar bem mysterioso e abrigado, onde ninguem possa entrar, além de mim.

O desejo de Maria foi cumprido. Emmanuel entregou-se completamente á sua vida d'outro tempo ; vida de trabalho, de estudo, e de lucta. Sómente tinha de mais do que então, quem o animasse no trabalho, quem o ajudasse no estudo, quem o afagasse depois da lucta. Mas Maria, que assistia ás sessões da camara, tinha tambem as suas commoções, ora de prazer, ora de susto. Se ao menor signal de approvação, ella applaudia com o coração e com o gesto, á menor palavra d'agressão, tremia como uma creança. O seu espirito feminino exagerava as consequencias d'aquelle combate quotidiano, e sentia-se sempre prestes a desfalecer, quando via toda a sala levantar-se contra uma palavra d'Emmanuel, que, com a fronte socegada, lhe sorria, para lhe restituir a tranquillidade. Não obstante mr. de Bryon oppoz-se a que continuasse a ir ouvil-o, e Maria, cujo amor de tudo se assustava, ia ainda a casa de seu pae, para lhe ouvir dizer mil vezes, que Emmanuel não corria o menor perigo.

Tudo isto que temos dito era assumpto para

correspondencia, de sorte, que Clementina, ora recebia cartas, em que trasladava a alegria, ora tristes e cheias de amargura. Depois, pouco a pouco, graças ao amor d'Emmanuel, e ás cartas da sua amiga; graças, em fim, a seu pae, que continuamente a tranquilisava, Maria, habituou-se áquella vida, a qual, em começo, só encarára pelo melhor lado, exagerára em seguida, os perigos, chegando, por fim, a ver sempre a entrada de Emmanuel, com alegria, e a sua partida, sem o menor receio, ou tristeza.

Clementina continuava a sua vida transparente e limpida. A excellente menina tinha, com efeito, desposado mr. Adolpho Barillard, de quem fizera a felicidade, tomando-lhe o nome. O pobre rapaz era a creatura mais feliz deste mundo, e é preciso confessar que Clementina não tinha coisa alguma que pedir a Deos, e que a vida se lhe apresentava sob o aspecto mais harmonioso, e revestida das cores mais ternas. A boa amiga de Maria, divertia-se com tudo, e em tudo encontrava prazer; não porque fosse egoista, demais a conhecemos, para que o passamos julgar, mas porque encarava a vida pelo unico lado rasoavel de a encarar.

Assim, muito se admirava de achar nas cartas de Maria certos reflexos d'aquella tristesa precoce, que nunca podéra vencer, e que continuavam a aparecer, como o seu pesar. Todavia, Clementina não faria, por coisa alguma deste mundo, a menor pergunta á sua amiga, sobre similarmente assumpto; recearia revellar-lhe o que pa-

rencia adevínhar, limitando-se a escrever-lhe, em contraposição, cartas sempre alegres e indiferentes. Contava-lhe todas as aventuras e ridiculos da provincia, derramava, em summa, em todas as suas cartas, aquella alegria descuidosa e negligente, com que, durante dois meses, encantára o castello de mr. d'Hermi

Maria era como todas as mulheres. Se Clementina, advinhando o que lhe ia no espirito, lhe escrevia : Porque esás tão triste ? Maria respondia-lhe: Ignoro o motivo que te faz acreditar na minha tristeza ; continuo sempre a ser feliz. Mas Clementina, tornamos a repetil-o, por uma delicadesa de coração, bem sentida, tinha sempre mostrado desconhecer a visivel melancolia que transparecia em todas as cartas de m.<sup>me</sup> Bryon, de sorte que esta, que o não confessaria, se a sua amiga lhe fizesse terminantemente a pergunta, confessou-lh'o, por isso mesmo que a pergunta não apparecia. Escreveu-lhe pois :

« Minha querida e boa Clementina ; se ainda és minha amiga, como eras, deves ter notado nas minhas ultimas cartas, uma certa tristesza. Não sei se é porque os dias teem estado frios e chuvosos ; parece que se communica ao coração a tristura da naturesa. É n'essas occasiões que tenho muitas saudades de ti, porque, bem o sabes, é n'essas horas sem fim, em que sentimos o coração oppresso, que pensamos nas amigas. Mr. de Bryon está quasi sempre na camara, de sorte, que vivo continuamente só. É verdade que vou visitar meu pae ; mas ficam as noites, durante as

quaes, desde certo tempo, meu marido trabalha, e eu não tenho como recurso senão a leitura, e na minha idade, nem sempre o lér é agradavel, por mais verdadeiro e interessante que seja o livro. Tenho esperanças que passe este modo de viver. Chove sempre; a chuva é evidentemente a deusa do aborrecimento, e se Jupiter inventou a chuva de oiro para seduzir uma mulher, reservou a d'agua para punir os homens.

«Emmanuel é sempre bom para mim; se h' n'elle alguma mudança é de certo, no augmento do seu amor, porque me ama cada vez mais. Todavia, tenho uma rival, por assim dizer adquirida por mim; e que voluntariamente anniquilaria: é a politica. Havia no mundo bastantes desgraças e accidentes inevitaveis, era bem desnecessario inventar mais este. Se se tem um marido militar, o dia em que elle volta do exercito, com um braço ou uma perna de menos, é de certo, um dia de grande desgosto, convenho, mas ao menos fica impossibilitado de para alli voltar, e pôde então possuir-se completamente, senão pelo corpo, ao menos pelo coração. Mas não me fallem d'estas luctas, cujo campo de batalha é a tribuna. Alli as paixões e os odios são mudas, como os murmúrios inintelligiveis que de continuo excitam. O combatente sente-se algumas vezes cançado, mas nunca saciado; começando de novo todes os dias, com a mesma força e vontade, porque é sempre a mesma paixão que lhe roe o espirito. Pensar eu que ha na terra, porções do paraíso esquecidas por Deus: a Italia, a

llespanha, o Oriente; pensar em que se encontram no coração praseres celestes dados pelos anjos: a amisade, a fé, o amor; e que em vez de ir visitar estes paraisos, que illuminam o pensamento, teem os homens inventado paixões egoistas, quando não são odientes; paixões de que fazem as suas glorias, para darem um lindo nome a uma coisa horrenda, como cobririam um esqueleto com uma corôa de oiro, e um manto de purpura! Os homens são incontestavelmente loucos! Se ha algum, casto e santamente amado, se existe amor associado a um outro amor, dedicado e eterno; é Emmanuel, é o seu amor. Não tenho um pensamento que não lhe perienza, um sonhe em que não tome parte, uma ambição que não partilhe; e em lugar de estar sempre a meu lado, em lugar de fugirmos, escoltados pela felicidade que reside em nós mesmos, para os pais encantados, aonde se vive tambem a *duo*; vae para a camara. A camara! bella gloria! excellente compensação! usar n'uma tribuna a voz do seu amor, para juntar um titulo ao seu nome, e uma vaidade ao seu orgulho, quando poderia empregal-o em dizer palavras tão doces e suaves, tanto para serem ouvidas!

«E todavia, não tenho direito de me queixar, porque, o que hoje reprovo é o que n'outro tempo me seduzio, e agora mesmo, quando os jornaes fallam delle, quando vejo o seu nome acima dos outros, sinto-me altiva e feliz e esqueço as horas de tristeza que passei, para chegar a um momento de triumpho. É porque, em primeiro

logar, devo a este triumpho a alegria de meu marido; é que, ao menos, vejo-o entrar em casa menos pensativo, tornando-se apparentemente, o que no fundo nunca deixou de ser: o marido mais amante que poderia desejar-se. Ha uma coisa que me consola, ainda que, bem entendido, não me sinto infeliz a ponto de precisar ser consolada, é a ideia de que vou ser mãe, e que, o meu filho, será por si só, mais forte, do que todas as politicas do mundo. Quando Emmanuel me falla das suas esperanças a esse respeito, vejo brilhar-lhe nos olhos todos os fogos do coração.

«Tu, é que me parece seres muito feliz. Que encantadora organisaçāo a tua! É impossivel que Deus não te tome por modello para formar os anjos. Illuminas tudo que te rodeia; a desgraça não ousaria aproximar-se-te: és para ella um ter-rivel adversario. Continúa assim, minha boa Clementina; sente-se sempre uma grande alegria, em saber que são felizes aquelles que se amam: porque, se cessassem de o ser, poderia ir-se-lhe ao encontro, e investigar-lhe o coração, do mesmo modo porque se dispõe da bolsa d'um amigo. Como teu marido deve viver feliz! como deve adorar-te! Deve ser a familia mais interessante que possa vêr-se. Parece-me estar a ver-te, com a tua phisionomia zombeteira, e o teu eterno surriso, a fazel-o enfadar, para que te pague com um beijo todas as tuas loucuras. Em fim *minha querida m.<sup>me</sup> Barillard*, é preciso que não tomes ao serio a minha tristeza, e que não acredites mais do que deves acreditar. Tenho momentos menos occupa-

dos do que outros, e são os primeiros os que sempre emprego em te escrever. Deves-m'o agradecer. É uma prova da minha affeição por ti. Lembraste dos nossos serões do collegio, quando nos assentava-mos ao lado uma da outra, com os cotovellos sobre os joelhos, olhando para o lume do fogão até vel-o extinguir de todo, no meio do silencio e das sombras? Era a época em que formavamos os projectos que agora se teem realizado.

«Já tomámos o nosso logar na vida. Que de mudanças em tão poucos mezes! Se alguém nos dissesse, ha um anno, que estariamos hoje ambas casadas, não o teríamos acreditado, e com tudo, era a verdade. Como passam os mezes, os dias, e os annos! Como se continua rapidamente a cadeia das comoções quotidianas! A excepção das duas ou tres horas que Emmanuel passa na camara, as outras passam-se como minutos. As noites são quasi eternas; lembra-te que vivendo no meio dos praseres de Paris, não tomo n'elles a menor parte. Raras vezes vamos a um espectáculo, excepto aos Italianos, onde, de tempos a tempos, me acompanha minha mãe, mas agora é a época de estar fechado o theatro. Emmanuel tem horror pela sociedade; o ruido inutil dos theatros e das festas, fatiga-o; de sorte, que como conheço que é um sacrificio que elle me faz, acompanhando-me, prefiro sacrificar-lhe eu esse prazer, ficando em casa em sua companhia. Mas então, repito, trabalha, e eu sinto ciumes das palavras que escreve, do pensamento que o occupa,

e até da pena que tem na mão. Assim, muitas vezes, quasi sempre, aborreço-me de o vér entregue a similhante tarefa ; tiro-lhe o papel que lhe absorve a attenção, e obrigo-o a que só se occupe de mim, o que elle faz, devo confessal-o, com a graça mais perfeita.

« No fim de tudo, é preciso desculpar algumas coisas, áquelles que nos amam ; e elle ama-me tanto ! Todos os dias mostra por mim novos cuidados, que vão além da previdencia. É raro que entre uma só vez em casa, sem que tenha uma joia, qualquer coisa, para me offerecer, risonho, e sempre feliz com a surpresa que me causa. Mas estas desgraçadas joias, são-me de todo inuteis ; estão, como condemnadas, escondidas nas gavetas, estou certa que chegando a passar de moda, sem serem vistas. Algumas vezes jantamos em casa de uma irmã de Emmanuel, que ficou solteira, e que se tornou beata. Não reconheço coisa alguma mais avessa e impertigada do que esta mulher. Possue, talvez, um bom fundo, mas a sua bondade occulta-se sob principios inexoraveis. Não perdoa coisa alguma, e eu desconfio sempre d'aquellas que não foram nunca, nem esposas, nem mães, e a quem Deus recusou os dois mais nobres sentimentos do coração : o amor do esposo, e dos filhos. Por coisa alguma d'este mundo quereria ter por onde merecesse as reprehensões d'esta mulher. Emmanuel, sente, talvez, a seu respeito, o mesmo do que eu, porque parece ter por ella mais estima, do que affeição.

« Porque não vens tu a Paris ? Devias vir na

primavera, a primavera passou, e tu não pensaste em similhante coisa. Se teu marido não pôde acompanhar-te, vem só; Paris não te perderá, e serás aqui recebida como uma irmã. Entre tanto, não te inquietes mais com certas sombras de tristeza, que se devisam nas minhas cartas, do que te inquietas com as nuvensinhas brancas que por vezes apparem no céo, para logo desapparecerem com a mais leve viração.»

---

### III

Voltemos a tratar um pouco de Julia. Os leitores, sentiram-se, talvez, admirados da maneira brusca porque ella se entregou a Leão; mas além de saberem, que a Lovely não era avara dos seus encantos, que facilmente prodigalisava, devem ter supposto que a rapida mudança, que se operou n'ella, a proposito do marquez, não foi sem motivo. Com efeito, á luz do seu pensamento, que sempre tendia ao mesmo fim, tinha Julia comprehendido o partido, que um espirito habil podia tirar do amor que mr. de Grige sentia já por m.<sup>elle</sup> d'Hermi; e como não reconhecia em pessoa alguma, habilidade superior á sua, tomára para si mesma, o papel que lhe era conveniente desempenhar n'esta circumstancia, entrando resolutamente na sua execuçao, tornando-se amante

de Leão, a quem primeiro que tudo, era preciso impedir, que saisse de Paris. A astuta cortezã tinha, e bem, previsto a demora do misterioso resultado a que pertendia chegar; mas a paciencia é a virtude da eternidade, e Julia, nutria no fundo d'alma um odio eterno.

Mas era rasoavel aquelle odio? Não era.

Muitos homens lhe haviam feito, o que Emmanuel lhe fizera, e a esses não odiára, nem mesmo pensára em se vingar d'elles. D'onde vinha pois que não succedia assim com mr. de Bryon? Vinha simplesmente de que mr. de Bryon era um homem superior, e de que, na solidão das suas esperanças, ousára por um instante, associar a sua vida á do joven par; de que chegára a ter sonhos os mais insensatos; e de que tudo se lhe desvanecera n'um segundo, á vista da carta desdenhosa que succedera á primeira entrevista que concedera a Emmanuel, e em seguida, pelo profundo amor que elle sentira por m.<sup>elle</sup> d'Hermi, e que devia fazer-lhe esquecer até o nome de Julia.

Já o dissemos; Julia era uma d'essas criaturas fataes, que obstáculo algum é capaz de conter, e que vão, por qualquer que seja o caminho, até á realisaçao dos seus designios, com uma tenacidade de ferro. O odio que tinha a uma sociedade que a repelia, e que bem fazia em a repelir, era enorme. Por muito tempo procurára occasião de manifestar esse odio, por algum grande escandalo, que collocasse as cortezãs superiores ás mulheres de boa sociedade, pa-

radoxo social, que, como todos os paradoxos, é ● algumas vezes verdadeiro, mas que difficilmente será admittido; infelizmente para ella, bem entendido, essa occasião não se tinha nunca apresentado, até ao dia em que soubera que Emmanuel ia desposar m.<sup>elle</sup> d'Hermi, a mais bella, a mais casta, e sobre tudo a mais feliz e amada, de todas as meninas d'aquelle sociedade vedada a Julia. A contar d'esse momento, o odio geral de Lovely, se assim nos podemos exprimir, tinha emfim um alvo, como o seu odio particular: encarniçar-se na perseguição d'aquelle typo de graça, de bellesa, de mocidade, de amor e de virtude; destruilo, arrastalo pela lama, e dizer: Fui eu, Julia Lovely, a cortezã, quem fez tudo isto! Tal era a ambição que concebera a nossa heroína.

Agora já os leitores começam a comprehendêr, para que podia, em tudo isto, servir-lhe o amor de Leão por Maria. Poderia atrevidamente apostar-se que era insensata uma tal combinação, mesmo impossivel, e que seria desmoronada pela pureza da innocent menina; mas, onde estaria o mérito do triumpho, se elle fosse facil?

Desde o dia em que Maria se tornou esposa de Emmanuel, nunca Julia a perdeu de vista, e se alguém lhe tivesse podido ler na alma, sentir-se-hia espantado e horrorizado do que alli ia, como o viajante que sonda com a vista a profundidade do abysmo, e que ouve o terrivel rugir de correntes misteriosas. Começára por envolver Leão com aquelle encanto que possuia, no mais subido grau, e que traçava, em torno do homem a

que amava, ou a quem dizia amar, um círculo de que não podia sair, a menos que não fosse, como Emmanuel, dotado d'uma vontade de ferro. Apregoára por toda a parte o seu novo amante, apresentando-se com elle, sem o menor rebuço ; creara-lhe o habito de a vér todos os dias ; afectára a paixão com a mais requintada arte ; n'uma palavra, era exteriormente amante, e completamente senhora de Leão. Mas no fundo, e isto poderíamos deixar de o dizer, detestava-o, ou antes despresava-o, como se despresa o instrumento de que nos servimos, como se despresa o espirito de que se necessita, e que se sente ser-nos inferior.

Assim, os dias de Lovely, não eram todos tecidos de rosas. Era inúmeras vezes presa, não do desanimo, porque era incapaz de desanimar, mas do receio, vendo quanto tempo lhe era preciso esperar, para começar a sua obra de destruição.

Se Julia tivesse podido lér a ultima carta que Maria escrevera a Clementina, e que nós reproduzimos no fim do capítulo precedente, sentir-se-ia bem satisfeita, vendo aquella primeira melancolia, que, como um nevoeiro, se levantava no espirito de m.<sup>me</sup> de Bryon.

Quando Julia leu n'um jornal: «mr. de Bryon, par do reino, desposou em Dreux, a filha do conde d'Hermi,» passára o jornal a Leão, dizendo-lhe :

— Lé.

E estudára a impressão que fizera no seu amante, aquella noticia.

— Já o sabia, respondeu o marquez. Que tenho eu com esse casamento?

— Já não ama m.<sup>elle</sup> d'Hermi?

— Sabes-lo melhor do que ninguem.

De Grige mentia evidentemente, e não conseguia enganar Julia.

— Tanto peior! disse entao Lovely.

— Tanto peior, porque?

— Por que por isso vejo quanto é pouco duradouro o amor, no seu coração, o que me faz reinar por mim.

No fim desta phrase, assentara-se Julia aos pés de Leão, descansando-lhe a cabeça sobre os joelhos.

— Não amo a ninguem senão a ti, minha Julia, respondeu Leão, passando os dedos pelos cabellos da sua amante.

— Fui muito imprudente, continuou ella.

— Porque?

— Ainda o pergunta! Tornando-me sua amante, para o distrahir um pouco do desgosto que lhe causava o casamento de m.<sup>elle</sup> d'Hermi. Agora que conheço quanto o amo, receio que me desprese, e alé que me não ame. Com effeito, quem sou eu, ao lado dessa menina, e qual a compensação que pôde dar-lhe o meu amor, em troca d'aquelle que lhe teria dado m.<sup>elle</sup> d'Hermi? Sirvo-lhe, talvez, já de enfado, e pôde ser que venga ainda vêr-me apenas por dó, e porque sabe que uma tal separação me destruiria uma das minhas mais doces esperanças.

— Enganas-te, Julia; amo-te, e não penso em

mais ninguem, disse Leão, pousando os labios sobre os de Lovely.

— Vae tudo optimamente, pensou esta, a quem era difficult enganar em materia d'amor; ainda a ama.

Julia não deixava escapar uma só occasião de entreter Leão com o amor, que Emmanuel tinha a sua esposa, amor que estava causando grande admiração na alta sociedade. Ia conseguindo assim, não que Leão se apaixonasse mais por Maria, por que, em summa, o amor que elle sentia por m.<sup>elle</sup> d'Hermi, estava destinado a morrer cedo, como o fogo que se extingue por falta d'alimento; mas a inspirar-lhe odio contra Emmanuel, que lhe roubára, e que saboreava a felicidade que elle, tanto ambicionára. Deste modo, havia occasiões, em que, se não ~~livesse~~ sido a coisa mais ridicula do mundo, iria Leão provocar mr. de Bryon, e, veja-se quanto é fraca e baixa a nossa pobre organisação, de Grige seguia tão cegamente a politica de Julia, que chegára a tornar-se ciumento, elle que não a amava, do amor que ella lhe confessára ter sentido por Emmanuel; a detestar, um pouco mais Emmanuel, por essa causa, e a convencer-se, por momentos, de que estava louco por Julia.

Não ha uma só pessoa, crêmos, que não tenha visto um gato, brincando com uma bola de papel. Succede muitas vezes, que com um movimento repentino, arroja a bola para debaixo d'un movel, escapando-lhe assim momentaneamente; mas tanta deligenceia, quer procurando meter-se

debaixo do movele, quer estendendo simplesmente a mão, que se torna senhor do seu brinco, um segundo depois de o ter perdido. Pois bem; o homem, qualquer que seja, é entre as mãos da mulher sagaz e astuta, o que a bola de papel é entre as mãos do gato. Se conseguem escapar-se, é só por acaso; se são abandonados, é porque não têm o menor prestímo.

Havia momentos em que de Grige, pensando na sua situação, fazia a seguinte reflexão, que será comprehendida por todos que, como elle, tenham vivido com mulheres como Julia.

— Não faço senão comprometter-me com a Lovely, apresentando-me com ella em toda a parte, e isto com um modo de quem se julga muito feliz por ser seu amante, e por possuir uma mulher, que todos têm possuido. Como de Bryon deve rir, vendo-me tomar ao sério os amores com uma mulher, que elle não quiz senão para uma vez! Um tal riso quer dizer que devo contentar-me com os seus restos, e achar a felicidade no que elle não achou mais do que um objecto de desdem! Mas se chego um dia a achar occasião de desforra, que Deus me castigue se a perder!

Acreditará alguem que estes secretos monologos escapassem a Julia, que trabalhava quanto podia para os provocar? Julia conhecia o terreno que tinha á sua disposição, e bem sabia que lhe bastava alli semear uma palavra, para que o odio, o rancor, a vaidade, e todas as pequenas paixões inherentes ao homem, germinassem e se desenvolvessem.

No meio de tudo isto, deu o conde d'Hermi um baile, ou antes uma festa, n'uma casa de campo, que allugára nas proximidades de Paris, por ter decidido não ir n'aquelle anno para o Poitou, ou que, se lá fosse, não seria senão depois de m.<sup>me</sup> de Bryon ter tido o seu bom successo. Maria achava-se rodeada de tantos cuidados, que seu pae e seu marido, receavam, por ella, em primeiro logar, a jornada, e além disso, o ir estar n'um ponto em que os bons medicos não abundavam, e onde não poderiam encontrar para uma senhora no seu estado, todos os recursos da arte, no momento em que fossem necessarios. A festa de que fallámos tinha logar em Ville-d'Avray: O conde, que ignorava o que se passára entre Emmanuel e de Grige, enviou a este uma carta de convite, o que do mesmo modo faria, se tivesse conhecimento dos projectos que o marquez chegára a conceber.

Leão tinha o maior desejo de ir áquelle convite, mas não o ousava, sem consentimento de Julia, què acabára por se apossar da completa direcção da sua vida, e á qual, que de tempos a tempos parecia ter ciumes de Maria, não se atrevia a pedir rquelle permissão. Foi ainda Lovely, que foi ao encontro do seu pensamento.

A noticia d'aquelle festa estava produzindo grande ruido em Paris; por que alli tudo produz ruido quando se deseja que o produza.

— O conde d'Hermi dá um grande' baile, disse Julia a Leão, na vespera do dia em que elle devia ter logar.

— É verdade, respondeu Leão.

— Não foi convidado?

— Fui; recebi uma carta.

— E não vai?

— Não.

— Porque?

— Acho mais prazer em passar a noite aqui.

— Mas deve ir.

— Porque motivo?

— É uma inconveniencia faltar a elle. Parecerá que está indisposto com mr. de Bryon, que pela sua parte poderá acreditar que sou eu quem o affasto d'elle.

— É justo.

— Acredite-me Leão, continuou Julia; eu posso, de tempos a tempos dar um bom conselho, por que não sou uma mulher como as mais: não somente não deve mostrar a mr. de Bryon o mais ligero despeito, mas deve offerecer-lhe a mão; prove-lhe que não tem a menor pena do que por causa delle perdeu, e que se sente feliz com a mulher que elle despresou. Vá a esse baile, que lh'o peço eu.

Julia insistiu d'este modo, por fingir acreditar que de Grige não tinha o menor desejo de tomar parte na festa.

Leão fingio ceder, e fci. Viu Maria mais bella do que nunca fôra, porque todos os encantos da donzella haviam augmentado, com o não sei que, que a virgem adquire, tornando-se mulher; encanto indefinivel, especie de virilidade, que a torna, ao mesmo tempo, mais seria e mais terna,

que lhe dá á bellesa fluxibilidade, energia, força e abandono. De Grige ficou maravilhado.

Emmanuel veio ao seu encontro.

— Julgo-me muito feliz, por vel-o, Leão, disse elle, estendendo-lhe afectuosamente a mão, e como uma alma leal e honesta, que se dirige a uma sua igual. A partir de hoje, espero que hei-de vel-o não sómente em casa do conde, mas de tempos a tempos, em minha casa. m.<sup>me</sup> de Bryon tenciona receber para o proximo inverno, por tanto, creio que será dos nossos, não é assim Maria ? disse Emmanuel a sua esposa, que n'esse momento passava proximo, e que, tendo reconhecido de Grige, o cumprimentou.

— Estás dizendo ao sr. de Grige, que não se esqueça dos seus amigos, não é verdade?

— Exactamente.

— Fazes muito bem, meu amigo, acrescentou Maria com um desses sorrisos de boa sociedade, que uma senhora dispensa com profusão n'um baile, mas que, todos reunidos, não pesariam tanto como o quarto do sorriso, que uma amante dispensa a um amante amado.

Leão inclinou-se.

— Que confiança que tem este homem! murmurou elle.

E aperiou a mão de Emmanuel. Maria affastou-se depois de ter olhado mais uma vez para seu marido. Aquelle olhar expressará todo o seu amor.

— Como ella o ama, disse comsigo Leão ; e como é bella !

O baile durou até ás seis horas da manhã.

O marquez foi o ultimo que saiu.

— Então divertiu-se muito? perguntou Julia, no dia immediato.

— Não, de certo.

— Vio mr. de Bryon?

— Vi-o, e fallei-lhe.

— Que lhe disse elle?

— Convidou-me para as suas proximas partidas.

— Vamos, isto vae bem.... pensou Julia. Espero que não deixe de ir, disse ella em voz alta; não quero que alguem possa suspeitar um instante que escraviso o homem a quem amo, e por quem sou amada, por que me ama sempre... porque me *amas* sempre, meu querido Leão.

Entretanto, Julia não descuidava os seus interesses, de sorte que n'esse mesmo dia foi visitar o ministro, que já tivera noticia da sua ligação com o marquez.

— Que tem feito de si, minha querida Julia? lhe disse elle; ninguem a vê. Que demonio d'amor é esse que lhe entrou no coração? Que inutil amante é esse de Grige?

— V. ex.<sup>a</sup> engana-se; nunca tivemos um auxiliar mais poderoso. Tel-o-ia eu alcançado sem de Grige?

— Explique-me esse mysterio.

— V. ex.<sup>a</sup> duvidou de nós, por conseguinte quero castigal-o, não o fazendo.

— Tome cuidado, Julia; Emmanuel torna-se cada vez mais perigoso, por que todos os dias aumenta a sua popularidade.

Por um momento, tive a esperança de que o casamento o faria renunciar á politica, mas enganei-me; voltou a ella, mais forte do que nunca; o seu discurso, quando entrou de novo na camara, deu-lhe grande nome.

— Asseguro-lhe que desta vez é nosso. Mas o que me produzirá esta victoria?

— Tudo o que desejar.

— Abra então o seu cofre, por que conto com v. ex.<sup>a</sup> para completar a minha fortuna, e poder depois descansar.

— E viver com mr. de Grige, á maneira de rolinha?

— Não, irei viajar.

— Encontral-a-hei na Russia.

— Fallaremos a esse respeito; a politica estrangeira servir-me-ha de descanso para as fadigas da do interior.

---

## IV

O mez d'agosto chegou, emfim. Ora, se o leitor possue a memoria das datas, deve lembrar-se que o mez d'agosto devia produzir uma grande mudanca na vida de Maria. Com effeito, a 20 do mez, começoou a sentir as dôres do parto. Aquelle sofrimento que ia tornal-a mae, supportou-o com a maior alegria.

Emmanuel não a deixava um instante. Foi n'aquelle occasião que o seu amor se revelou em toda a sua força. Surria-lhe como se surri a uma creança; conservava-se de joelhos junto do leito, implorando, do fundo d'alma a Deus, que pouasse a fraca creatura, por quem elle, que tanto a amava, não podia nada; beijava-lhe as mãos, e a terna esposa feliz com aquella affeção tão santa e profunda, surria no meio dos gemidos e das lagrimas.

Mr. d'Hermi, presente, como não poderia deixar de estar, á dôr de sua filha, conservava-se imóvel; mas, pallido, e com o coração inquieto, e desasocegado, não affastava d'ella os olhos, um só instante. Era elle quem mais sofría, e Maria bem o comprehendia, porque se exforçava na sua presença em abafar os gritos que lhe opprimiam o peito, e que á vista das outras pessoas soltava sem constrangimento. Em quanto á condessa, era sempre a mesma. Cuidava de sua filha, porque era a ella quem cumpria esse dever; mas aquelle sofrimento, que já experimentára, parecia-lhe a coisa mais natural do mundo, e portanto, nem levemente a inquietava. Conservava-se, pois, assentada ao lado do leito, rindo e conversando, como de costume, o que, no fim de tudo, socegava sua filha sobre aquella dor desconhecida. Quanto mais o momento previsto se approximava, tanto mais augmentava o receio de mr. de Bryon. Passeava pelo quarto, a passos largos, com o lenço entre os dentes, e quando o medico entrava, seguia-lhe os movimentos com uns olhos supplicantes, como os do condemnado para o seu juiz.

Todos conheciam, quanto a sua vida estava ligada á de sua mulher, e que se uma se extinguisse destruiria a outra. Este estado durou tres dias; na noite do terceiro, declarou-se uma crise mais violenta. Toda a gente sahio do quarto, á excepção do medico, e d'ahi a duas horas já Maria era mãe. Mr. d'Hermi e Emmanuel haviam passado este tempo orando separados, e quando

lhes foram dar a feliz noticia, aproximaram-se então um do outro, e apertaram as mãos. Ha, com effeito, sofrimentos em cuja presença a natureza humana é impotente, não achando, por isso, recurso senão na oração, essa eterna mensageira dos homens para Deos. Maria estava como louca; não queria mais separar-se de seu filho. Como tinha passado o perigo, todos em casa riam, desde Emmanuel até a Marianna, que como o leitor de certo pensa, velára todas as noites junto da sua querida menina. Depois seguiu-se a convalescência, veio apoz ella o esquecimento d'aquelles maus dias, de que não ficará senão uma felicidade, isto é, uma linda creancinha, uma menina.

Cada um voltou á sua existencia ordinaria. O conde e sua esposa tornaram para sua casa, e Emmanuel continuou como costumava, indo para a Camara. Sómente na vida de Maria é que havia alguma mudança, consagrando-se toda a sua filha. Escrevera a Clementina dando-lhe parte do nascimento da filhinha, e alguns mezes depois escreveu-lhe Clementina, anunciando-lhe o nascimento d'um menino.

As existencias das duas amigas continuavam a caminhar a par, ainda que separadas, quando começou o inverno. Ora, n'aquelle inverno anun-ciava-se grande quantidade de festas. Parecia que tudo queria fazer o melhor acolhimento á felicidade da joven mãe.

Clementina devia ir passar o inverno a Paris, mas mr. Barillard, que gostava da provincia, que tinha alli todos os seus habitos, e a sua familia,

demorava, quanto possível, a partida. Sua mulher procurava não o atormentar com instancia. Sucede sempre assim. Quando duas meninas sahem do collegio, e que são amigas, acreditam que não poderão nunca viver uma sem a outra, mas chega um dia, depois de ambas casadas, e quando já tem estado um ou dois annos separadas, em que descobrem que vivem perfeitamente sem se verem. Mas a sua reciproca amisade nem por isso diminue, sentindo-se ainda mais felizes, quando depois se encontram. É que a vida tende sempre a isolar-se dos primeiros habitos adquiridos; é que tanto no homem como na mulher, o amor substitue a amisade, que passa ao estado de recordação, até ao momento em que de novo se torna uma necessidade, quando o amor produziu o desengano, ou os annos augmentaram. Não era, pois, extraordinario, que Clementina e Maria, entregues ambas ás primeiras alegrias do casamento e da maternidade, se tornassem um pouco negligentes em suas relações, senão na sua mutua affeição, e que Clementina escrevesse a Maria: «Vem a Dreux» em quanto Maria escrevia a Clementina: «Vem a Paris.» Tanto uma como outra teriam ficado encantadas de se verem; mas nenhuma queria dar o primeiro passo, entregues, como estavam, ás suas novas reflexões.

Maria, voltando a frequentar a sociedade, encontrou-se com Leão. Para qualquer outra mulher, a presença do marquez teria sido um pretexto para receios; mas para Maria que encarava a vida atravez da sua felicidade e innocencia,

não sómente não a embaraçou em coisa alguma a presença de Grige; não sómente não pensou em que era um homem que a tinha amado, e que a amava talvez ainda, mas ainda quiz, como que indemnizar o marquez do seu amor por uma, franca e pura amisade.

Leão não pensava completamente do mesmo modo. Quando vira Maria tornar-se esposa de mr. de Bryon, dissera comsigo. Não tenho coisa alguma a esperar d'este lado; e procurara tomar uma resolução, mas como já dissemos, Julia tinha sabido entreter no espirito do seu amante, o nome e a recordação de Maria, e isto com tal habilidade, que Leão não poderia dizer nunca, que lhe tinha ouvido fallar de mr. de Bryon, desde que a conhecia. Então o marquez detestara um pouco Emmanuel, que lhe parecia demasiadamente seguro da sua felicidade, desejando a mulher pelo odio que tinha ao marido; depois, fallara a m.<sup>me</sup> de Bryon, iôra por ella recebido com uma tão encantadora ingenuidade, mostrara-lhe uma alma tão pura, que o obrigara a dizer comsigo: «Querer inspirar amor a esta mulher seria uma loucura; fazer-se amar por ella, uma cobardia» e tomara a firme resolução de não pensar mais em Maria, como até alli pensara, passando, franca e lealmente a apertar a mão que Emmanuel lhe offerecia.

Infelizmente, havia muitas horas desoccupadas na vida de de Grige. Julia todos os dias lhe repetia que o amava, offerecia-lhe, com a certesa de que não acceptaria, o exilar-se do mundo,

para ir viver com elle em algum paiz retirado, bem ignorado e poetico ; mas Leão sentia, a seu pesar, que não podia completamente harmonisar a sua vida com a da sua nova amante. Não ousava abandonal-a, porque ella desempenhara tão bem o seu papel, que o levára a fazer este raciocinio. « Esta pobre mulher, tão calumniada por toda a gente, e mesmo por mim, que nunca perdi occasião de o fazer, entregou-se-me para me distrair, para me consolar do meu primeiro desgosto ; agora que me ama, heide deixal-a, recompensando-a com o abandono ! Seria muito mal feito. Depois, que faria ? A vida que passo com ella, não é, na minha posição, a mais feliz que posso ter ? »

Todavia, Leão, pensando assim, bem sentia que a felicidade não estava para elle, na vida ficticia, que tivera, e que continuava a ter com Julia. Durante os poucos instantes em que nutrira a esperança de esquecer Maria, sentira despertarem-se-lhe sentimentos, que sempre desconhecera, e que de repente lhe haviam apresentado a existencia sob um novo aspecto ; a felicidade sob um novo ponto de vista.

N'aquelle época, lançára a vista para o seu passado, e encontra-o sombrio e deserto. Dissera comsigo : « De que me tem servido tudo o que tenho feito ? » e reportando-se ao futuro, entrevira uma vida pacifica e socegada, como o viajante que se enganou no caminho, que se fatigou a subir e a descer aridas montanhas, e que depois descobre que poderia ter seguido um trilho suave,

peia margem d'uma ribeira transparente e tranquilla, na qual, felizmente, ainda lhe resta o tempo para se lembrar, e indemnizar-se um pouco, da lentidão e enfados da penosa viagem.

A impossibilidade de realizar os seus sonhos com Maria, não destruira no espirito de Leão, esta nova ordem d'idéas. Entrevira a felicidade, não podia já renunciar a ella. Procurava sempre com a vista e com o coração, o cantinho do ceu que lhe tinha aparecido, e não entregava a sua vida a Julia senão em quanto esperava; pelos menos, assim o acreditava, como um rei que volta ao seu palacio, e que é obrigado a contentar-se com as más hospedagens que encontra no caminho.

Quando tornára a vêr Maria, tão feliz com Emmanuel, amando-o tanto, e por elle tão amada, perguntava a si mesmo, senão poderia dedicar a uma outra o sentimento que experimentara por ella, e continuar com uma outra donzella o sonho que começara com aquella. Em seguida procurára e muito; mas nunca pôde encontrar em nenhuma outra tudo o que em Maria o encantara, acabando por concluir.

— Vamos; decididamente, ha uma parte na minha vida que está ligada a esta mulher. Como não pude ser seu marido, e não posso ser seu amante, ser-lhe-hei tudo o que posso ser: serei seu amigo.

Emmanuel e Maria, como dois corações leaes, que eram, acceitaram aquella amisade; e Leão, que, franca e lealmente déra parte a Emmanuel, dos diversos sentimentos que experimentára por

elle e por sua mulher, fôra recebido com a cordialidade que é devida a todos os corações franceses e generosos.

Entretanto, Leão, não dissera a Julia, coisa alguma de tudo isto. Pensava elle, que conhecendo Julia o amor que sentira por Maria, teria ciumes das visitas que fazia a esta ultima; ora, de Grige não tinha razão alguma para desgostar Julia. Era pois ás escondidas da sua amante que ia visitar m.<sup>mo</sup> de Bryon e m.<sup>mo</sup> d'Hermi, que o adorava, e que, senão estivesse em caminho de se desligar do seu passado, teria talvez, tornado bem infeliz mr. de Bay.

Julia via tudo, sabia tudo, e não dizia coisa alguma; unicamente promettia a si mesma, que um dia faria pagar bem caro a Leão o ridiculo papel que elle julgava fazel-a desempenhar.

---

Quando Leão saindo de casa de m.<sup>ma</sup> de Bryon, voltava para Julia; quando comparava aquellas duas existencias tão diferentes entre si, perguntava a si mesmo, porque não tinha querido Deus que uma lhe pertencesse, e porque fizera o acaso que elle estivesse ligado a uma outra. Quando pensava nesta deslocação, sentia-se subjugado pela mais invencível tristeza. Então, não ousando voltar para casa de Maria, não querendo estar com Julia, começara a caminhar sem destino, sem se importar onde iria, com tanto que para onde fosse, podesse livremente levar consigo os seus pensamentos.

Este estado moral de Leão fez comprehender a Julia que era necessario não deixar caminhar as coisas entregues a si mesmas, sob pena de se achar de repente abandonada de todo, perdendo

por incuria, o fructo de uma ligação tão pacientemente preparada, e que se tornara proverbial em Paris. Todos diziam: Apaixonado como Leão, e fiel como Julia; e este estado era tanto mais notavel, quanto ninguem o suspeitaria dois annos antes.

Apenas as ausencias do marquez começaram a tomar certa importancia, logo Julia calculou que lhe era indispensavel tomar algumas precauções. Como uma scena de ciume não poderia deixar de ser proveitosa, tentou-a. Nesta scena creou para si o direito de poder, mais tarde, dizer ao seu amante: « Bem o tinha prevenido. »

— Leão, lhe disse ella um dia, ha um certo tempo que parece esquecer-se um pouco de mim; se já me não ama, é preferivel que m'o diga francamente.

É este um excellente meio que todas as mulheres conhecem para ouvirem asseverar-lhe que são adoradas.

— Por que julga assim?

— Por que raras vezes me vem ver. Onde emprega o tempo?

— Tenho ido ao club...

— Então troca a minha companhia pelo jogo?

— De modo nenhum; mas receio enfastial-a, estando sempre a seu lado. É uma mulher excepcional, Julia; sente a necessidade de ser amada, mas amada ás horas que destinou para o ser.

— Eis a traducção livre do que acabou de dizer: — Não tem mais sentimento do que qualquer outra mulher.

— Não é isso o que queria dizer.

— Pois foi o que eu percebi ; e como eu costume advinhar o que me não dizem, advinho agora, meu caro Leão, que tem uma outra amante.

— Juro-lhe que não, Julia.

— Pelo menos ama uma outra mulher.

— Ainda menos.

— Talvez essa m.<sup>me</sup> de Bryon.

— Como pode pensar em similhante coisa ?

— Eu é que fui uma louca, em lhe aconselhar que procurasse tornar a ver esse homem ! Naturalmente disse-lhe muito mal de mim, não é assim ? Que não sou digna de ser amada, que sou uma cortezã, uma mulher perdida ; e o sr. que está apaixonado por sua mulher, teve um duplo interesse em acreditar-o. Confesse que encontrei a verdade.

— O sr. de Bryon não pronunciou nunca o seu nome na minha presença.

— É ainda maior demonstração de desprazer. É capaz de me jurar que não ama m.<sup>me</sup> de Bryon ?

— Juro.

— Jura também que não lhe faz a corte ?

— Juro-lhe que apenas a tenho visto

— Tenha cuidado, meu amigo. Eu amo-o, como nunea amei ; se um dia me atraíçoar com essa mulher, esteja certo que a hei-de perder. Sou cheia de dedicação no meu amor, mas o meu ódio asseguro-lhe que não é para desrespeitar. Repare que ainda é tempo ; se já me não ama, se um outro amor se lhe apossou do coração, diga-m' o francamente, dar-nos-hemos as mãos, ficaremos bons

amigos, e não fallaremos mais em similhante assumpto.

— Torno a repetir-lhe, Julia, que não tem o menor fundamento as suas suas suposições; que a amo, e que é uma louca em suspeitar o contrario.

E' necessario fazer a Leão a justiça, de dizer, que se elle fosse o amante de m.<sup>me</sup> Bryon, não somente o não confessaria a Julia, mas occultar-lho-hia ainda com o maior cuidado, a ella, como a todo o mundo.

— Agora a nós tres! disse comsigo Julia; e nessa mesma noite metteu mãos á obra. Julia tinha a vantagem de vêr, ou antes de presentir de longe os acontecimentos.

Recostada no fundo da sua carroagem, dirigiu-se a casa de Leão, que a havia deixado depois de jantar em sua companhia, e que fôra para os Italianos, onde ella não quisera ir. Não o encontrar era o seu desejo.

— Está em casa o sr. de Grige? perguntou ella ao porteiro.

— Não, minha senhora.

— E o seu creado do quarto?

— Esse está em casa.

— E' quanto basta, respondeu Julia, e sem esperar mais, subiu.

— Florencio, disse ella ao criado; quanto ganhas aqui?

— Cento e cincuenta francos por mez, minha senhora.

— Queres ganhar o dobro?

— N'outra casa?

— Não; ficando nesta, mas fazendo tudo que eu te ordenar. Quatrocentos e cincoenta francos por mez, parece-me que não é coisa para despresar.

— Estou ás suas ordens, minha senhora.

— Onde vae o teu amo mais frequentes vezes?

— Á rua de Varennes.

— A casa de mr. de Bryon?

— Sim, minha senhora.

— E depois?

— Á rua dos Saint-Pires.

— A casa do conde d'Hermi?

— Sim, minha senhora.

— Diz-me francamente; sabes tudo o que faz teu amo?

— Parece-me que sim, minha senhora!

— Costumas ler as cartas que elle se esquece de guardar, e mesmo as que elle guarda, apenas tens occasião para isso, não é verdade?

Florencio hesitou.

— Não tenhas receio; não vim aqui para te comprometter. Pelo contrario, preciso muito de ti.

— Nesse caso, devo confessar que advinhou, minha senhora, disse Florencio. Um creade gosta sempre de saber em casa de quem está; acrescentou elle como para se desculpar.

— E' muito justo disse Julia. Não se trata, para que ganhes os teus trescentos francos, senão de fazeres por meu interesse, o que até agora tens feito pelo teu.

— Assim, as cartas que se esquecer de guardar...

— Não m'as leves. Só me entregarás as que estiverem mais bem guardadas.

— Mas como o poderei fazer?

— D'um modo bem simples. Ha sempre um moevo de preferencia para guardar certa especie de papeis. Onde guarda o sr. de Grige as minhas cartas?

— Não as guarda, minha senhora; queima-as. Julia mordeu os labios.

— Onde guarda os seus papeis d'importancia? continuou ella.

— Neste cofre, respondeu Florencio, e indicou-lhe um lindo cofresinho collocado entre as duas janellas da sala.

— E tem sempre a chave comsigo?

— Sim, minha senhora.

— Então é necessario fazer uma outra chave.

— Mas como?

— Apoderando-te da do marquez, fazendo-lhe em seguida acreditar que a perdeu. Depois entregar-ma-has. Torno a repetir-te, Florencio, não tenhas o menor receio; não ha em tudo isto mais do que um pouco de ciume feminino. O teu encargo limita-se a dizeres-me todos os dias onde o teu amo esteve, se recebeu algumas cartas, e se as guarda ou queima? Percebes bem isto?

— Sim, minha senhora.

— Então amanhã pela manhã, a chave?

— E à noite o relatorio do que se tiver passado.

— E' isso mesmo. Aqui tens o teu primeiro mez.

Julia deu a sua bolça a Florencio.

— Se alguma vez aqui vier uma senhora, preciso sabel-o dez minutos depois... dez minutos antes se for possível.

— Fica convencionado. Se a senhora se esquecer d'alguma coisa, tratarrei de o advinhar.

— Então és muito intelligent? disse Julia.

— A senhora verá?

— E sobre tudo, silencio.

— Pode estar descançada, minha senhora.

No dia immediato tinha Julia em seu poder a chave do cofre.

Mas o que fazia Maria, em quanto se ocupavam della por um tal modo, e quando Julia espreitava o momento em que ella enganaria seu marido? Partilhava o seu coração entre seu pae, sua mãe, Emmanuel, e a sua filhinha. Mas devemos suppôr que a casta esposa, pendia sempre mais para o lado d'Emmanuel, e de sua filha, e que, quando escrevia a Clementina, já as suas carlas não iam impregnadas d'aquelle tristeza, que tanto assustou a sua amiga.

---

## VI

Entre tanto, eis o que ella escreveu um dia a Clementina:

«Já te disse, n'uma das minhas ultimas cartas, que o sr. de Grige, que teve a fantasia de me desposar, não ousára voltar mais nem a casa de meu pai, nem á nossa ; e, se te lembras, disse-te tambem que fazia muito mal, porque dava assim grande importancia, a uma coisa, que não a devia ter. Pois agora, sabe que tomou animo, e tornou a apparecer. Tem-se tornado um dos meus fieis seguidores, e julgo mesmo que me faz a corte. Comprehendes bem que não tenho dito a Emmanuel uma só palavra de tudo isto, porque não preciso de pessoa alguma para me defender de uma tal corte, que por fim de contas sempre me distrairá um pouco. Os homens são realmente incri-

veis! Imaginam facilmente, que quando se é casada apenas ha dezoito mezes, deve-se estar já fatigada do marido, e por isso dispostas a acolher as suas pertenções. É possivel que seja assim a organisação das outras mulheres; mas então ha uma grande diferença entre mim e elles. Não me lisongeio pela minha força, porque não é em mim que ella reside, mas no amor que sinto por Emmanuel, e na affeição que tenho a minha filha, duas sentinelas que Deus collocou junto de mim, e que me guardam melhor do que um exercito. E demais, de Grige tem uma linda amante, muito mais bella do que eu, na verdade; não sei mesmo como elle não passa a vida a seus pés. Todas as coisas n'este mundo se ligam d'um modo extraordinario aos mais pequenos acontecimentos da vida. Lembras-te d'aquella mulher de cabellos pretos, que nós vimos nos Italianos, e que tinha no braço um bracelete de diamantes, que attrahia todas as vistas? É justamente essa mulher quem é a amante do sr. de Grige, ou, se o não é, faz tudo quanto é possivel para o fazer acreditar, porque, por toda a parte se encontra com elle.

« Voltando ao que me diz respeito, eis o que hontem se passou. Tu sabes como Emmanuel é franco e leal. Estendeu a mão a mr. de Grige; convidou-o a que nos visitasse, e nem mesmo se lembra, que pude n'outro tempo ter agradado ao marquez, ou que este pensou em mim. Emmanuel, na vida privada, vê sempre o coração dos outros atravez do seu. Não é sceptico senão em

politica. N'uma palavra, mr. de Grigé, vem visitar-me muitas vezes, e quasi sempre nas occasões em que meu marido está na Camara. De ordinario estou acompanhada, por meu pai, por minha mãe, ou por mr. de Bay, mas algumas vezes estou só, como hontem, por exemplo. Logo pelo modo porque o marquez encetou a conversação, percebi que estava preoccupiedo ; mas nem mesmo suspeitava que me fizesse uma declaração tão formal. Asseguro-te que comprehendo o prazer que devem experimentar certas mulheres, em presentir que lhes fazem a córte. É uma caçada onde se é ao mesmo tempo, caça e caçador ; deve ser muito interessante, para as que não tem nada melhor em que empregar o tempo.

« Se continuo assim com as minhas digressões, não chegarei nunca ao facto.

« Encetei com mr. de Grige, uma dessas conversações banaes, que seriam completamente inuteis na sociedade, se não servissem de mascarar um pensamento, scudo pretexto para se chegar a dizer o que não se diria entrando em materia. E todavia ha uma especie de gente que eu apenas conheço ha muito pouco tempo, e que é a coisa mais insipida e desanimadora, que pôde imaginar-se. Fallo da gente que nos faz visitas, para quem a visita é um habito, um dever, uma necessidade, e que não se occupam n'outra coisa, porque não tem outra coisa em que se occupar. Esta gente não se afasta nunca da mais escrupulosa etiqueta; não se pode imaginar nada mais cheio de conveniencias, nem mais enfadonho. Vê

tu se podem soffrer-se individuos, que põem uma gravata, vestem a casaca, e calçam as luvas para virem dizer-nos coisas como estas :

« — Esteve hontem na opera, minha senhora ?

« — Estive.

« — Que lhe pareceu a representação ?

« — Admiravel.

« — Diz-se que vamos ter uma nova opera de Rossini.

« — Tanto melhor.

« — Falla-se muito n'isso.

« — É conhecido o assumpto.

« — Ainda não ; mas parece que é magnifico.

« — Nem poderia deixar de o ser, sendo escolha de Rossini.

« — Tencionava ir ao baile da condessa de \*\*\* ?

« — Não sei ainda se irei.

« — A condessa recebe a sociedade mais escolhida. Devem alli encontrar-se as senhoras mais elegantes e lindas ; v. ex.<sup>a</sup> não pôde faltar !

• Quando desejam fazer-nos um cumprimento, é d'esta força. Isto dura assim por uma hora, depois do que, vão a uma outra casa, e assim sucessivamente. Chamâ-se a isto gente de boa sociedade ; ha mesmo, quem por habito, chegue a achar-lhes espirito. Ora dize-me ; para que serve uma tal gente sobre a terra ? Não amam coisa alguma, não tem a menor affeição, e como são completamente senhores do seu tempo, dissipam-no do medo mais inutil e inémodificativo. Ha mulheres que não podem viver sem elles ? Em quanto a mim, agradam-me mais os que, como mr. de Grige, teem \*

um fim na sua visita ; ao menos não é um automato o que temos diante dos olhos. A minha conversação com mr. de Grige começou pelos mesmos preliminares ; mas era evidente, mesmo para mim, que sou pouco habil n'esta especie de manobras, que o marquez, como um jogador de pella, que está *fazendo a mão*, rolava a bolla antes de a lançar. Procurei desde logo tomar-lhe o caminho.

« — V. ex.<sup>a</sup> esteve na ultima representação dos italianos ? me disse elle.

« — Estive, e parece-me que o vi lá.

« — Lá estive, com effeito.

« — N'um camarote lateral, não é verdade ?

« — É verdade, respondeu de Grige, cárando.

« — Eu sustentava que era v. ex.<sup>a</sup>, e o sr. de Bryon ateimava que não. Apenas se via, porque estava no fundo do camarote ; a frente estava ocupada por uma senhora muito bella.

« — É pena ter o cabello preto, disse mr. de Grige n'um tom quasi de desprezo, e que era uma lisonja para a cór dos meus cabellos.

« — Não diga mal dos cabellos pretos, repliquei eu surrindo ; são muitos lindos ; sabe-o tão bem como eu. Se não é essa a sua opinião, não ha muito tempo que reconsiderou, porque ainda hontem, nos campos Elysios, conversava á portinhola da sua carruagem, com aquella senhora, que eu encontro tantas vezes. Levei mesmo a minha curiosidade até perguntar a minha mãe se a conhecia ; respondeu-me que a via pela primeira vez.

« — Aquella senhora é estrangeira, por isso não admira ser desconhecida ; respondeu de Grige tornando a cósar.

• — Aposto que é italiana ?

« — É verdade.

• — Gosto muito das italianas ; são as mulheres que possuem o mais admirável tipo de bellesa.

« — V. ex.<sup>o</sup> é indulgente para elles, como o deve ser uma rainha para as suas subditas.

« Era demasiadamente banal ; mas não quiz deixar de responder, para ver se mr. de Grige se aproveitaria da minha resposta.

« — O marquez é um verdadeiro cortezão ; desejava bem que mr. de Bryon fosse um pouco o que v. ex.<sup>o</sup> é.

« — E eu aceitaria de bom grado a troca, respondeu elle ; consentiria em ser também um pouco do que elle é.

• — Chegou-me a minha vez de cósar. Esperava, de certo, alguma coisa d'espirito, mas não uma resposta de tão mau gosto.

« O marquez percebeu sem duvida o mau efecto do que acabára de me dizer, porque, correndo, por assim dizer, atraç da sua phrase, a que procurou dar um novo sentido, continuou :

« — Não se falla em toda a parte senão de mr. de Bryon ; toda a gente se julgaria feliz e altiva se estivesse na sua posição.

« — É precisamente o que me torna, por vezes, bem triste ; em quanto elle se cobre de gloria na Camara, estou eu sosinha ; de sorte, que succede muitas vezes aborrecer-me.

« Fazia talvez mal em fallar por um tal modo, provocando assim o pobre mancebo a fazer-me as suas confidencias ; mas fazia-o pelo seu proprio interesse, e para que a nossa posição reciproca, ficasse desde logo definida.

« — Aborrecimento que deve por força aumentar com as visitas dos importunos, não é assim ?

« — Eu disse  *muitas vezes*, devendo dizer: quando estou só. O marquez é tão escrupuloso como lisongeiro.

« — N'esse caso, minha senhora, apressou-se de Grige em accrescentar, se o permitte, continuarei a vir pedir-lhe um pouco do seu aborrecimento.

« — Infelizmente, vai deixar Paris.

« Com effeito, de Grige, n'uma das suas ultimas visitas, havia-me dado parte da sua intenção de sair de Paris. Acreditaria talvez que a idéa da sua partida despertaria em mim o amor ?

« — É justo, me respondeu elle; mas se eu tivesse o poder de a distrair, uma hora por dia, não partia.

« — Mas porque motivo faria um sacrificio, de que os cabellos loiros apenas poderiam ser reconhecidos, atraendo talvez o castigo dos cabellos pretos ?

« — Quer dizer que faria melhor se não renunciasse aos meus projectos de viagem.

« — E tanto mais, accrescentei eu com verdadeira crueldade, que me queixo como uma crença, sem ter rasão para me queixar, e que, se estou triste durante a ausencia, quando ella cessa muito mais feliz me sinto. Depois, a Camara, nem sem-

pre ocupará todos os momentos d'Emmanuel, e então poderá viajar comigo. Porque não se casa, marquez? Podia viajar com sua esposa.

« N'este momento entrou Marianna, trazendo minha filha, que queria dar-me um beijo. Era a primeira vez que de Grige a via.

« — Está um dia muito lindo, disse eu a Marianna; manda *pôr* a carroagem, e vae dar um passeio a Clotilde. Este nome foi escolha minha; quiz que tivesse o nome de minha mãe.

« — Desculpe-me de o fazer assistir a estes detalhes de familia, lhe disse eu, mas quando fôr casado hade comprehendêr estas felicidades.

« Marianna saiu com Clotilde.

« — Casar-me, continuou de Grige; para que, e com quem?

« — Porque não casa com a bella estrangeira?

« — Quem diz a v. ex.<sup>a</sup> que não seja casada; e demais, amo-a eu, para poder desposal-a?

« — Porque não a amaria? É moça e é linda...

« — Porque ha alguém a quem ella ama, respondeu o marquez.

« — E por quem, talvez, não é amada? É sempre assim, disse eu n'esse tom, que tinha o meio termo entre uma melancolia philosophica e uma philopia zombadoira.

« — Que já a não ama, respondeu de Grige.

« — Por sua culpa?

« — Porque houve na vida d'esse homem acontecimentos, que lhe destruiram o amor que julgava sentir por ella.

« — Mas completamente?

— Completamente; e que fizeram com que aquelle amor se dedicasse a uma outra, o que fez também com que não haja o menor remedio.

— E essa outra ama-o?

— Não, minha senhora.

— Talvez tambem, continuei eu lentamente, para não pôr algum pé em falso, no novo terreno para que fôra levada a conversação; talvez tambem o amor d'esse alguém, não seja mais do que uma teima.

— Não; é um amor real; um d'esses amores de que se pôde morrer.

— Mas de que não se morre.

— O que é uma desgraça, porque a morte, é o esquecimento.

— O marquez parece que comprehende perfeitamente esses sofrimentos.

— É porque já os experimentei, minha senhora.

— E conhece a pessoa que sofre assim?

— Muito.

— Porque não fica para a consolar?

— Porque parte comigo.

— Faz, talvez, mal.

— Em que?

— E a esperança?

— Agora é impossivel.

— Eis ahi uma grande homenagem á virtude da pessoa amada.

— E todavia, v. ex.<sup>a</sup> aconselhar-lhe-ia que ficasse?

— Aconselhava.

« — Mas se, pedindo lhe esse conselho, elle lhe dissesse: minha senhora, não me sinto com forças de passar friamente junto d'aquelle que amo desde ...

« De Grige hesitou.

« — Desde quando? Disse eu surrindo. Ha, talvez, um mez?

« — Ha dois annos, minha senhora, respondeu elle com uma voz grave. Se elle lhe dissesse: ella é feliz, e a sua felicidade faz-me soffrer; se lhe dissesse, em sim: Serei talvez um dia bastante atrevido, para lhe dizer que a amo, e morrerei se for repellido; o que lhe aconselharia?

« — Aconselhava-lhe ainda que ficasse. Dir-lhe-hia: para que se hade separar d'uma sociedade que pôde distral-o, e de uma mulher que pôde, ella mesma, curar-o d'esse amor? Fique, veja-a muitas vezes, e o seu amor, tornar-se-ha, pela intimidade, um sentimento fraternal. Não poude, ou não quiz ser sua esposa; não pôde nem quer ser sua amante, mas pôde e quer, sem a menor duvida, ser sua amiga. A ausencia separa, mas não consola. Volta-se julgando não se amar já, e fica-se muito admirado de encontrar o amor, que o espera ao descer da carroagem. O habito, creio eu, é o verdadeiro tumulo dos amores sem esperança.

« — Mas se elle accrescentar ainda, continuou de Grige. É este amor, por mais desgraçado e impossivel que seja que me sustenta a vida, e que eu prefiro ao socego d'espirito. Extincto este amor, não será o meu coração mais do que um pu-

nhado de cinzas, e a minha vida não terá mais do que um movimento sem causa, sem razão e sem resultado. É uma morte viva, o que me aconselha ; quer tornar-me um cadáver com a única percepção da dor ?! .. Que lhe responderia, minha senhora ?

— Nesse caso dir-lhe-hia : parta, mas não volte.

« Mr. de Grige levantou-se. Estendi-lhe a mão, porque bem via a commoção que o agitava.

« — Essa mulher é casada, disse eu, parece-me que m'o disse ; isto quer dizer que tem um nome que recebeu puro, e que deve transmitir a seus filhos, tal qual o recebeu. Será necessário que o seu amigo comprehendendo que, no caso que fique, pôde comprometter-a com as suas visitas muito frequentes, porque é quasi certo que lhe tenha feito a confidência do seu amor. Será, pois, um grande embaraço para c'la, o vel-o muitas vezes. Uma mulher, mesmo a que está mais segura de si, não gosta nunca de se achar em presença de um homem, por quem sabe ser amada, a um tal ponto. Diga ao seu amigo que vá vel-a quando quizer, mas quando tenha a certeza de encontrar seu marido ; e, se eu conheço o coração das mulheres, posso asseverar-lhe que se julgará feliz de o vêr assim, porque lhe dará, por esse modo, uma prova do seu respeito, e da pureza dos seus sentimentos. Diga-lhe tudo isto, e accrescente, que o conselho parte d'uma mulher, o que não deixará de o animar. Peço desculpa de me retirar tão cedo, mas não poço deixar de o fazer : preciso ir *buscar* meu marido á Camara.

« O pobre rapaz não encontrou uma só palavra para me responder ; beijou-me a mão, e saiu.

« Eis, pois, minha querida Clementina, a scena que hontem teve logar entre mim e o sr. de Grige. Fiz bem ou mal, no que lhe disse ? Até então não tinha descoberto n'aquelle especie de corte que me fazia o marquez, mais do que uma variante que me distrahia ; mas quando, pelas suas assiduidades lhe reconheci um caracter mais grave, procurei terminal-a por uma vez. Todavia, quando se despediu de mim, estava tão triste, que me causou pena. Talvez me ame ; se assim é, lastimo-o ! »

M.ºº de Bryon em resposta a esta carta, só recebeu a seguinte linha :

« Lastima-o ; se assim o queres, mas acaute-la-te. »

---

VII

« Dizes-me que me acautele ? escreveu logo Maria á sua amiga. Acautelar-me ! E de que meu Deus ! Do amor do sr. de Grige ? Enlouqueceste ? Para que esse amor fosse perigoso, era preciso que houvesse cumplicidade; que fosse partilhado por mim. Ora, não sei qual seja a razão que leve a suppôr, por um só instante, que eu possa amar o sr. de Grige

« Não conheces o meu caracter ; é preciso que te descreva os meus sentimentos e modo de pensar ? Qualquer outra mulher poderia deixar-se seduzir pelo nome, pela mocidade, pela elegancia do sr. de Grige, convenho ; mas eu, poderia ter uma razão antes, ou uma desculpa depois ? Não sustentam, meu pae, minha mãe, meu marido, minha filha, sobre a minha cabeça, um escudo que me

torna invulnerável? O respeito que tenho pela minha família, e por mim mesmo, o meu constante amor por Emmanuel, não são bastantes garantias a teus olhos, aos olhos de uma amiga, que tão bem devia conhecer-me? Ora vemos, não sabias o que fazias, quando escreveste aquella linha, tão curta, é ao mesmo tempo tão extensa. Todavia, não te occulto, que durante as horas de isolamento em que me deixam as ausências de meu marido, quiz enterter-me um pouco com a corte do sr. de Grige, e ver qual o modo por que se conduzem aquelles a quem chamam libertinos, e quese empregam em lançar a desordem e a desgraça no interior das famílias; mas, confesso que é necessário ter grande desejo de succumbir, para succumbir a tão pequenas tentações. É preciso, sobre tudo, porque não quero censurar as que são menos fortes do que eu, que as que succumbem não tenham como eu, no coração, um nome, que as garanta de toda a macula, como faziam os talismans das magicas da meia edade

«Aquellos talismans não eram de certo, senão a fé conservada á pessoa que se amava. A medalha ou a cruz que então se trazia ao pescoco, era destinada a recordar a todo o momento o que se havia jurado; e a credulidade popular acabava por acreditar na influencia phisica daquelle objecto, medalha ou cruz, em quanto faria melhor em dizer: «O que torna o homem forte e invulnerável, é a lembrança de que ha uma outra existencia ligada á sua, e que perecerá se a sua perecer. O que o guarda, é a oração que todos os

dias sóbe até a Deus, por elle, e que parte d'um coração que se conserva puro, porque é amado; amado porque é puro. Eu posso este talisman. Amo e sou amada; não tenho coisa alguma a receiar. Não me sinto por isso mais altiva, por mim, nem mais severa para as outras.

«Falemos agora de ti.

«Então não nos tornamos a ver? O sr. Baril-Jard, como um grande egoista, quer ter-te eternamente em Dreux? Não sabe que tens em Paris uma boa amiga, que o receberá como a um irmão, porque le ama como a uma irmã? Se elle não pôde acompanhar-te, por que não vens só, passar alguns dias comigo? Dar-se-ha o caso de ser zeloso de ti a um tal ponto? Realmente quem nos visse ha dois annos, sem podermos prescindir uma da outra, e nos tornasse a vêr hoje separadas por trinta leguas, sem que andemos ao menos uma, para nos vêrmos, devia por força admirar-se, e muito. Nós, que em todos os nossos projectos, associavamos sempre as nossas existencias; que não concebíamos a felicidade, senão escoltada pela nossa amisade, como é que nos contentámos só em escrevermo-nos? Apressa-te em resolver este problema, tu, que n'outro tempo achavas solução a todas as coisas. No fim de tudo, tem-nos parecido sufficiente o sabermos que somos felizes. Além dos olhos do corpo que apenas vêem a uma limitada distancia, não temos nós os olhos da alma, com a ajuda dos quaes atravessavamos o espaço? Não te vejo eu tão distintamente como se estivesses junta de

mim? Conheço completamente os teus habitos, o teu caracter, e a tua alma; já vi a casa em que habitas, e as tuas feições tenho-as tão gravadas na memoria, como as de minha mãe. Deste modo, quando penso em ti, o que me sucede frequentes vezes, pelo coração e pelo pensamento, recomponho a tua vida. Véjo-te andar, quasi que te oíço; e estou certa que não te sucede coisa alguma, por que, se assim fosse, sentiria uma dor, e soltaria um grito.

« Meu marido trabalha muito neste momento. Estou iniciada em todos os mysterios da politica. Recordas-te das perguntas que eu fiz a mr. de Bryon a primeira vez que nos visitou? Hoje olharia com desdem a mulher que fizesse perguntas similhantes. A minha força em politica seria capaz de produzir artigos de fundo para qualquer jornal. Estou ao facto das intrigas, das cabalas, das causas e effeitos; e todos aquelles palavrões, como patria, e povo, que fazem bater o coração, a tão boa gente, apparecem-me agora no seu verdadeiro sentido. Estas duas palavras, são os arames, com que, ha muitos centos d'annos, se fazem dançar todos os titeres politicos.

« Esta autopsia das coisas grandes, é muitas vezes bem triste, vista de perto; mas o que me torna feliz e altiva, é o caracter recto e leal que Emmanuel conserva no meio de tudo isto. É provavel que esta independencia lhe seja em breve proveitosa. Falla-se d'uma nova combinação ministerial de que Emmanuel fará parte. O rei começa a comprehender que tem a necessidade de

se rodear de homens probos e d'espirito forte. Digo-te tudo isto com o sello do segredo. Emmanuel ha tres dias que vae ás Tulherias. A passa foi-lhe offerecida officialmente, mas respondeu que não a acceptaria se lhe não fosse permittido destruir todos os abuzos, que encontrasse, e substituir todos os homens que illudem a confiança do paiz. Parece que é muito difficult para um governo desembaraçar-se dos que *mais prejuiço lhe causam*, e chamar a si os que são capazes de honradamente o sustentarem. A probidade em assuntos politicos é uma coisa difficult de collocar. Espero que Emmanuel o consiga, isto por ser uma coisa que lhe dá prazer, porque, em quanto a mim, bem deves comprehendêr, que desejaria antes viver com elle no fundo d'algum valle suisso, do que no mais sumpluoso ministerio. Como é esta a sua ambição, o meu desejo é que a satisfaça; hade amar-me tanto sendo ministro, como sendo par do reino.

« Agora é que começo a comprehendêr a natureza do seu amor. Emmanuel não pôde amar-me como um pastor de Florian, ou como um galan de comedia. O seu espirito, desde a infancia nutrito d'idéas politicas, não pôde satisfazer-se unicamente com as minhas palavras. A sua alma é demasiadamente vasta para conter unicamente o amor; bem sabes que seria uma pretenção ridícula querer preencher um oceano, com o conteudo d'um rio. Eu sou para elle o que lhe faltava até ao ponto em que me conheceu. Não conhecera até então senão a lucta sem o repouso, não era

completamente feliz; mas se não tivesse senão o repouso sem a lucta, seria de todo infeliz. Eu sou, por assim dizer, o banco de musgo, que em cada dia elle encontra, depois da estrada percorrida, sobre o qual adormece, e onde cobra a força necessaria para o dia imediato. Que queres tu? Ha organizações, que tendem sempre ao movimento. O que devemos, nós, outras, ser para esas organizações? Devemos comprehendê-las, admirá-las, sustentá-las, fazendo-lhes nascer do nosso amor a consolação e a esperança. E depois, esta vida agitada de Emmanuel, é para mim, uma garantia de que sempre me ha-de amar. Como não pôde dar-me senão algumas horas por dia, não gasta o seu amor, permite-me a expressão, como se podesse dar-me todos os instantes da sua vida. Compreendo muito bem, que um homem e uma mulher, que não tenham outra occupação além do seu amor, cheguem, passados dois ou tres annos, sem se separarem um instante, a sentir-se saciados um do outro, como no fim de um certo tempo se sente repugnancia em comer das iguarias que mais se gostava, se se tiverem comido a todas as refeições.

«Durante os instantes que me consagra, é Emmanuel o mais expansivo dos amantes. Ignoro como as outras mulheres são amadas, mas não julgo possivel, que o sejam mais do que eu. E para que elle possa conversar comigo, como com um amigo, para lhe ser mais do que sua mulher, que eu tenho procurado, pouco a pouco, iniciar-me em todos os mysterios da politica contemporânea.

ranea. Acreditarás tu que me consulta algumas vezes?

«Nesses dias sinto-me orgulhosa! Como é grande a bondade de Deus, em permittir que o amor se exprima de tão diferentes modos, facultando-lhe tão variados caminhos! Isto ereio que depende da intelligencia do coração. Para ser feliz em amor, parece-me necessario, não sómente saber amar, mas ainda saber ser amada.

«A ternura d'Emmanuel por sua filha é uma coisa indescriptivel; é preciso dizer que a querida menina assimelha-se a um dos rosados anjinhos, da corda de anjos de Roubens. Como é incrivel e extraordinaria esta transmissão da vida! Que de cuidados nos desperta a vista d'um filho! Que doces comoções experimentâmos ao ouvilo balbuciar as primeiras palavras! Depois, esse filho cresce; aparece a intelligencia, o balbuciar torna-se voz, os instictos sentimentos e paixões; vae subindo a largos passos a rampa que nós começamos a descer, e no meio da qual a naturesa ordenou que os abandonhassemos, sem duvida para lhe permitir ao coração as affeições de que necessita para ser feliz, e que o nosso amor egoista lhe não pôde preencher, porque então já não temos coisa alguma para dar; temos tanto a receber. Agora comprehendo melhor o que meu pae me dizia a este respeito. Que de coisas n'uma criança! Quando considero este pequeno ser, ainda sem força e sem pensar, que apenas sabe instinctivamente estender os bracinhos para o célo que me deu a vida, custa-me a convencer que já fos-

semos o mesmo que elle é. Pergunto então a mim mesma, qual será o futuro que Deus reserva a tão fraca criatura, que um dia terá a percepção de todas as coisas da vida, que amará, que sofrerá talvez, que encontrará em qualquer parte um homem, como ella agora, creança, de quem nós, nem ao menos sabemos o nome, que de repente se lhe tornará necessário para a sua felicidade, como Emmanuel o foi para a minha. Depois, como nós, terá filhos, chegar-lhe-ha a sua vez de morrer, e virá um tempo em que não seremos para os nossos descendentes, mais do que uns nomes. Os nossos retratos, retratos de velhos, serão pendurados na galeria, onde estão os que nós vimos; e do nosso amor, dos nossos sonhos doirados, das nossas alegrias, não restará coisa alguma; e milhares de annos, que não veremos, se passarão ainda, e a terra devorará até aos ossos, os que, com muitas lagrimas, os nossos filhos lhe tiverem confiado.

« Eis o que é a vida. É quando me sinto assaltada por estas reflexões, que eu pergunto a mim mesma, porque Emmanuel em vez de me dar, e a sua filha todo o seu tempo, o desperdiça em ambições chimericas, que nem chegarão a durer, durante a nossa existencia. Mas um surriso da minha Clotilde, e um beijo de meu marido dissipam todas estas idéas tristonhas, que vão causar-te grande admiração, ao encontrá-las na minha carta, e ás quacs eu espero que te conserves sempre estranha; mas tu, sabes-l-o melhor do que ninguem, sempre fui um pouco melancolica;

lembra-te que me chamavas, rindo, m.<sup>me</sup> Werther.

« Bem vês por tudo isto, como estou longe de rececer o sr. de Grigo.

« Escreve-me agora uma carta muito estensa, para me compensares da tua ultima. »

M.<sup>me</sup> Barillard, respondeu :

« Se te escrevi : « Acautela-te, » é porque nunca se deve julgar que se faz um juizo enfallivel á cerca dos homens. Os menos seductores contam boas fortunas, e por isso, com mais forte rasão as devem esperar, aquelles, que, como o sr. de Grigo, são moços, bellos, ricos e elegantes. Bem sabes como sempre tive uma certa inclinação para elle, estimo e muito, para repouso de m.<sup>r</sup>. Barillard, que elle não habite em Dreux ; se assim fosse estaria menos segura de mim ; do que tu dizes estar de ti. Creio que tudo que foi, ainda pôde ser, ora, tem sucedido muitas vezes, que mulheres que adoravam seus maridos, os teem depois enganado. Nós somos feitas do mesmo barro que as outras, minha querida Maria ; por conseguinte acautelemo-nos. Temos dezoito annos ; não respondâmos pelo futuro ! Nães talvez acreditar ao ler isto, que estou assaltada d'um amor qualquer ? Desengana-te ; não há nada mais simples e mais prosaico do que a minha vida. Não amo senão meu marido, que infelizmente, não está, como o teu, proximo a ser ministro. A sua unica occupação seria, é ajudar seu pae nas suas contas d'administração ; a sua unica distracção, é tocar flauta ; a sua unica felicidade, sou eu e o

meu filho, amavel gaiatinho, que começa já a gritar como um endemoninhado, e que poderá ser um excellente marido para m.<sup>me</sup> de Bryon, se o não achar demasiadamente plebeu, quando lhe chegar a idade de se casar.

« Voltando ás boas sortunas dos homens, os menos seductores, tenho sabido de não poucas de mr. Barillard. Imagina, minha querida amiga, que o sr. Adolpho, antes de casar, era um dos maiores libertinos da cidade de Dreux. Farás tu idéa do que poderá ser um libertino de Dreux, que toca flauta? Tinha roubado uma rapariga, uma costureira, de quinze annos, e fugido com ella para Paris. O pae da raptada, que era um pobre homem, zangou-se como o acontecimento; e o sr. Barillard filho, ameaçado com um processo, que prejudicaria immonso ao sr. Barillard pae, viu-se obrigado a pagar a brincadeira por vinte mil francos, com os juros dos quaes o honesto pae da victima vive a duas leguas de Dreux, tão tranquilamente, como se os vinte mil francos fossem o prodícto do seu trabalho. Parece, por isto que ha por aqui paes, que avaliam em vinte mil francos a honra de suas filhas; é caro ou barato, que te parece? Mas o meu Adolpho não parou ainda; fez a corte á mulher d'um funcionario d'aqui, e realizou por tal modo os seus intentos, que o alto funcionario foi obrigado a pedir a demissão, havendo depois quem trabalhasse para que lhe fosse dada uma condecoração, que elle recebeu como ultima prova de honradez. Ora aqui está o que tem sido o Lovelace com quem eu casei.

Quando sube e lhe fallei de tudo isto, que elle suppunha eu ignoraria sempre, fez uma cara tão extraordinaria, que não pude deixar de rir, como ri-o ainda ao escrevel-o.

• Estou convencida que para certa gente, toma o amor as suas setas, n'algum carcáz particular; meu marido faz, de certo, parte deste grupo. Amo-o bastante, mas duvido, se fosse mulher d'um outro, que o enganasse por sua causa. Em summa, sou muito feliz. Sirvo-me maravilhosamente de quanto aprendi, para levar Adolpho a fazer tudo quanto desejo. Elle pela sua parte, está apaixonado, como uma rolinha.

«Mas não julgues, pelo que te digo, que meu marido é algum monstro. Has-de vel-o, porque imaginei ir a Paris, e irei; mas por ora não, porque me parece que dentro em pouco terá meu filho um irmão ou uma irmã, ou talvez ambos ao mesmo tempo, ninguem sabe o que pôde suceder. As tuas idéas são bem philosophicas, por não dizer tristes; de certo, serei sempre estranha a ellas. Tenho sempre vontade de rir. Depois que sube das boas fortunas de meu marido, não posso olhar para elle, sem ter desejos de rir, e olho para elle tantas vezes....

«Tivemos um báile magnifico na sub-perfeitura. M.<sup>o</sup> X..., que tu conheces, apareceu com um vestido de setim verde; e uma especie de turbante amarelo, inclinado sobre a orelha, e sumptuosamente ornado. Dava idéia d'um papagaio, em dia de gala entre os papagaios. Foi a que se apresentou melhor. Sabes o conselho que te dou?

Quando estiveres triste, vem aqui; has-de rir por força.»

Um mez depois de receber esta carta teria Maria podido partir para Dreux, por que estava bem triste; mas com uma d'essas tristezas que coisa alguma consegue dissipar. Eis o que sucedeu.

## VIII

No meio de tudo isto, m.<sup>me</sup> d'Hermi, conservava-se sempre a mesma. Continuava a ser o que sempre fôra, mulher da sociedade, amando o baile, a luz, as festas, as flores, e todos os prazeres da via exterior. A condessa depois que sua filha casára, tentára muitas vezes arrastal-a comigo, mas Maria não cedera senão umas cinco ou seis vezes, preferindo, ao contrario de sua mãe, o socego do seu lar, ao ruido da sociedade. Entretanto, três semanas, pouco mais ou menos, depois dos acontecimentos que ultimamente conhecemos, devia ter logar um grande baile, dado pela marqueza de L...., e de que, antecipadamente se contavam maravilhas. M.<sup>me</sup> d'Hermi tanto atormentára sua filha, que esta por fim consentira em acompanhá-la; e Emmanuel, que não teria

sabido recusar um tal prazer a sua mulher, tinha affectado grande interesse e influencia por aquelle baile; tanto elle tomava a peito, não sómente conceder a Maria o que ella desejava, mas mostrar-se feliz pela concessão.

Quinze dias antes do baile, m<sup>me</sup> Hermi e Maria, tinham começado aquella infallivel tarefa de percorrer as casas de modas, para se munirem de tudo que fosse aconselhado pela moda, e pelo bom gosto. A confesssa procurava fazer comprehender a sua filha, o prazer que se sente, em mudar repetidas vezes de idéas, em assumptos de toilette. Toda a gente em Paris, conservou profunda recordação d'aquelle baile, onde concorreu tudo que possuia um nome distinto, e que tão singularmente contrastou com o aspecto da cidade. Com efeito, fazia um frio pouco conhecido nos annaes dos thermometros parisienses, e a neve cahindo em grossos flocos, formava nas ruas de Paris um tapete de meio pé d'altura. Mas em Paris, quem é que quer saber do tempo, quando se trata de ir a um baile? Sobe-se para uma carroagem, cujas portinholas se fecham cuidadosamente; chega-se, dança-se, e no fim volta-se do mesmo modo, não havendo no dia immediato nem ao menos a lembrança do frio ou da chuva da vespéra.

Na praça Vendome, onde morava a marqueza de L... achavam-se mais de trescentos *trens*. Maria não se influia por um baile antes de alli se achar, mas depois, não podia ser incensivel á embriaguez da dança, que exerceia sobre ella todo o seu

vertiginoso encanto. Leão achava-se no baile. Havia um mez que Maria o tinha visto apenas tres ou quatro vezes; de Grige, pela sua parte parecia ter esquecido a conversação que tivera com m.<sup>ma</sup> de Bryon, e que os leitores já conhecem. Foi com elle que a condessa dançou logo depois de chegar, e foi pelo seu braço que voltou para junto de sua filha.

— Aconselho-te que concedas uma walsa ao sr. de Grige; nunca enheci quem walsasse melhor.

Maria não tinha razão alguma para não dançar com Leão. Procurou mostrar não se aperceber da commoção em que estava o marquez, quando lhe tomou a mão, e, mesmo walsando, surria para Emmanuel, em torno do qual se haviam grupado numerosos admiradores, empenhados em conhecê-lo, e sêrem por elle conhecidos.

As luzes, os diamantes, as flores, os perfumes, e a harmonia, enchiam os salões da marquezia. Havia na athmosphera que alli se respirava o necessário para fazer dançar incalculavel numero de jovens senhoras; um baile é para estas o mais curto caminho entre o paraíso e o inferno, se de facto elle existe, o que eu não duvido. É incalculavel o numero de virtudes, que sentem prezadas as azas em todas aquellas pressões de mãos, que tem por simples pretexto uma walsa, ou uma polka!

Estas reflexões são completamente estranhas a Maria. Naquella noite houve muitas mãos que apertaram a sua, mas acharam-na sempre de marmore. Comtudo, por mais bello, por mais fasci-

nador e alegre que seja um baile; tem sempre a sua hora em que acaba como todas as coisas. Chegou a hora da retirada, e os salões foram insensivelmente, mostrando-se mais vazios.

— Vamo-nos embora, minha filha, disse a condessa à Maria, porque achava que ás quatro horas da manhã, quando as toilettes estão já em perfeito desalinho, todo o baile se torna impossível, e por isso, tinha então tanta pressa de o deixar, como tivera de ali se achar.

Deu ordem para que chegassem a carroagem, e quando lhe foram dizer que já a esperava, desceu, unicamente coberta com a simples pelissa que levára à ida, e sob a qual nos admirariamos de não ver tremer-lhe de frio os hombros nus. Quando chegaram á porta, tinha uma outra carroagem tomado o passo á sua, obrigando-a a esperar cinco minutos n'uma galeria, onde de espaço a espaço penetrava o ar glacial que vinha da rua.

O conde fez-lhe ver que era prudente subir por um instante, para os salões, mas sua esposa não attendeu á sua previdencia; de sorte, que quando subiu para a carroagem, batia os dentes com frio. Quando se levantou, ás quatro horas da tarde, não podia mover-se; parecia-lhe ter um veu de chumbo sobre a cabeça, e sentia-se devorada por uma febre ardente e consumidora. Quizeram desde logo mandar chamar o medico, mas oppoz-se, dizendo que a sua indisposição era unicamente proveniente da fadiga; mas á noite, declarou-se o delírio, e então foi indispensável mandar chamar o medico.

savel recorrer aos conhecimentos do seu doutor assistente.

Maria, foi, como de costume, visitar sua mãe, e tendo-a encontrado de cama, mandou-o logo dizer a Emmanuel, e juntamente, que não voltaria para casa.

Chegou o medico, e, indagando o que a doente fizera nos ultimos dois dias, queixou-se setitidamente, de que o mandassem chamar tão tarde; declarando logo que a condessa se aohava sendo victima d'uma bronchite aguda. Nessa mesma noite não houve pessoa alguma de certa ordem, que não soubesse da subita doença da condessa, e que não fosse desde logo inscrever-se como visita. Leão, como se deve julgar, não foi o ultimo em cumprir este dever.

Emmanuel, ao sair da Camara, foi juntar-se a Maria, que não sahia um instante do lado de sua mãe, tremendo todas as vezes que a via cahir de novo em delirio. Sentia-se assustada com aquella loucura momentanea, com aquella alienação febril, e lançava-se, por assim dizer, sobre sua mãe, abraçando-a e chorando; depois, a doente socegava, e a piedosa filha passava das lagrimas à oração, e do terror à alegria. E todavia, sempre que o medico voltava, ouviam-no repetir:

— Porque não me mandaram chamar immediatamente? — Então Maria encarava-o, cheia de inquietação, supplicando-lhe que a socegasse, e o pobre homem, que avira nascer, e que lhe queria, como se ella fosse sua filha, respondia-lhe:

— «Tranquilise-se, minha senhora, por ora não ha perigo;» mas Marianna vira-o manear a cabeça d'um modo suspeito, ao sair do quarto da doente, o quē ella se guardaria de dizer a pessoa alguma; o que ella só dissera a Deus, por que a boa mulherinha desde logo corrido á egreja, a queimar uma vela aos pés da Virgem, suppli-cando-lhe melhoras pâna sua ama.

A doença fazia, com efeito, terríveis e rápidos progressos; em tres dias a condessa, era apenas a sombra de si mesma, os seus bellos olhos, pouco, antes tão cheios de brilho, já não brilhavam se não por intervallos, como os passageiros relâmpagos, produzidos pela febre; os labios rosados no dia do baile, estavam descolorados, e entreabertos para darem passagem a pma respiração difícil e embaraçada; as feições haviam-se ca-vado, e as faces, sempre ardentes, apresentavam aquellas rosetas, denunciantes para a gente da arte; os braços tinham emagrecido de sorte, que todos perguntariam, vendo aquella mulher tão abatida e transtornada, se Deus faria della, o que já fôr.

Maria não dormia um instante; tinha os olhos constantemente fitos em sua mãe, procurando descobrir o centro da doença; estudava-lhe a respiração, o modo de olhar, o delírio, não encontrando para a consolar, em todo aquelle sofrimento, senão lagrimas e orações. Assim a pobre doente, que nos seus momentos lucidos, via quanto fazia soffrer a sua filha, tomava-lhe as mãos, e punhava-lhe para sobre o peito a loira cabeça, pro-

curando então ella consolal-a, dizendo-lhe que tivesse esperança. Logo depois faltavam-lhe as forças, e tornava a cahir n'aquelle estado de atonia, que parece ser o prefacio da morte. Ninguem pôde imaginar, a menos que o não tenha experimentado, qual é a tortura, de ver soffrer uma mãe, ou outra qualquer pessoa a quem nos ligue uma affeição santa e pura. O mundo desapparece em presença de uma tal dor, todas as outras affeições se concentram no ente querido, que se receia perder, e dar-se-hia metade da vida por uma palavra d'esperança; ri-se, ou chora-se, segundo o doente sofre, ou sente alivio; os dias são interminaveis, ou curtos, segundo o medico se mostra mais ou menos satisfeito; quando se aproxima a hora em que elle deve chegar, treme-se, como o condenado que espera o juiz, e o coração parece querer sair do peito; deseja-se então poder estar no logar d'aquelle que soffre, e que nem mesmo sabe o que se passa em torno de si; depois, se a prescripção do medico produz um bom resultado, agradece-se conscienciosamente, e com a maior devoção a Deus; se, como para m.<sup>mo</sup> d'Hermi, os remedios e os soccorros humanos são todos impotentes, cada um se concentra com a sua dor, chegando a sentir-se perto da blasphemia.

Durante a noite, sentia-se a pobre creança cheia de terror, quando, sobre a poltrona em que se assentava para velar, adormecia por um momento, e que de repente acordava, achando-se no meio d'aquelle quarto, alumiado apenas pela fraca luz de uma lamparina, entre seu pae que a contem-

plava, meio occulto na sombra, e sua mãe, cuja entrecortada respiração, felizmente, ainda ouvia. Tinha medo. Então levantava-se, deitava num copo uma porção de tisana, que procurava fazer beber a sua mãe, cuja oppressão se acalmava, por um instante, mas para logo depois começar de novo; em seguida ia abraçar seu pae, e voltava para a sua poltrona, onde começava a aplicar o ouvido ao menor ruido que perturbava o silencio da noite, e ao movimento cadenciado do relojo, cujo ponteiro podia d'um instante para o outro, marcar uma hora fatal.

Depois, quando amanhecia, e que os primeiros rumores de Paris despertando, chegavam aos ouvidos da bella enfermeira, em quanto o dia penetrava gradualmente no quarto, entreabria um pouco as cortinas, e procurava vér o que se passava na rua, porque a sua existencia estava desde alguns dias, tão dolorosamente alterada, que sentia a necessidade de vér a vida dos outros, para acreditar na sua. Às sete ou oito horas chegava o medico, depois Emmanuel, depois mr. de Bay, que se conservava junto da condessa todo o tempo que as conveniencias o permitiam, e a quem aquella doença causava uma bem viva impressão.

Melhoras não as havia; no estado de m.<sup>me</sup> de Hermi. De espaço a espaço recobrava o conhecimento libertando-se do somno febril que a opriam; pegava nas mãos de sua filha e de seu marido, encarando-os simultaneamente, a uma com uma bênção, ao outro com uma supplica; porque, no momento de comparecer perante Deus,

tinha o direito de abençoar, como mãe ; mas, como esposa, era indispensável que implorasse ; porque era preciso que obtivesse o perdão na terra, para merecer a absolvição no céu.

Para o conde não havia a menor dúvida sobre o desfecho de tão fatal doença ; tentava dar esperança a sua filha, mas não a tinha. Via os assustadores progressos do mal, cujo termo advinhava, e aquella hora, tão solemne, não tinha força para se lembrar do passado. Não via n'aquella mulher moribunda, mas ainda bella, senão a candida menina, que outr'ora amara ; não se recordava, nem queria recordar-se, senão d'aquelle saudoso anno que tinham vivido juntos, que ficará sendo a unica estrella do seu passado, e que em breve iria ser obscurecida por uma nuvem de morte. Perdoara, pois, com a vista e com a alma ; e chorava como um amante, reconhecendo n'um tal fim a consequencia da vida de Clotilde.

Era uma coisa logica que a condessa, descuidosa, louca, e ligeira, não vivendo senão da vida superficial da sociedade ; de bailes, de festas, de esplendor ephemero, morresse, do que a tinha feito viver. É impossivel descrever a alegria da pobre senhora, vendo as lagrimas de seu marido, visivel perdão, que lhe subia do coração aos olhos ; e, se n'aquelle momento podesse ter esperança de viver, faria o mais solemne voto de não viver mais senão para elle. Unicamente Maria esperava melhorias, tratando de sua mãe com uma bondade e uma candura desanjo. Confiando nas palavras do medico, acreditava que tudo que

se applicava á doente, era um passo firme no caminho da cura; e depois, tudo na naturesa, o sol, as estrellas, os homens, a vida dos outros, em fim, apresentava-se de tal modo inalteravel, que a pobre creança não podia suppôr que, sem rasão, Deus, que devia ainda abençoal-a, lhe arrebataria um dos entes a quem mais queria neste mundo.

Todavia, apesar das suas orações e cuidados, cumpriu-se a lei da fatalidade. No sexto dia depois que Cletilde adoeceu, conversou por espaço d'uma hora com o barão, com o conde, com Emmanuel, e com sua filha, reunidos em torno do seu leito; depois foi-se-lhe extinguindo a voz, pouco a pouco, não podendo já senão articular sons, dos quaes os seus gestos, a muito custo podiam explicar o sentido; ao mesmo tempo corriam-lhe dos olhos abundantes lagrimas, e, a contar d'esse momento, ninguem, nem mesmo Maria, ousou conservar a esperança. A condessa pareceu adormecer, e todos julgaram que era a morte que se aproximava; mas um sonno quasi natural se apoderou della, sahindo logo todos do quarto, á excepção de sua filha, que não queria nunca separar-se della, e que, de joelhos, continuou a oração que começara havia seis dias. O sr. de Bey, ao sair do quarto da condessa, estendeu a mão ao conde d'Hermit, que comprehendeu todo o sentimento que havia n'aquelle gesto, e que, sem responder uma só palavra, apertou a mão que o barão lhe offerecia, e a quem deixou chorando, e passando a largos passos, d'um para outro lado.

Assim se passou o dia. Às quatro chegou o médico.

— Vem amanhã, doutor? perguntou o conde, vendo-o assentar-se, depois de se ter demorado muito poucos instantes junto da doente.

— Esta é a minha ultima visita, respondeu o doutor; agora pertence ao medico da alma.

Os dois homens apertaram as mãos, e o sr. d'Hermi tornou a entrar no quarto, onde Maria continuava a orar. Aproximou-se dela, e tocou-lhe no ombro.

— Vem comigo, minha filha, lhe disse elle.

— Para que, meu pae?

— Tenho que te dizer.

— Oh! meu Deus! O que será?

E levantou-se, muito assustada.

— Não tenhas receio, minha filha; não é coisa que te entristeça.

— Mas diga-m'o aqui mesmo, meu pae; muito devagarinho para não despertar a mamã, e para eu não ter de a deixar.

— É impossivel.

— Porque?

— É preciso que tua mãe esteja só.

— Meu Deus! meu Deus! exclamou m<sup>o</sup> de Bryon; e, debulhada em lagrimas, lançou-se nos braços de seu pae.

— Vem comigo; repetiu o conde, commovido com aquella scena.

Maria seguiu-o machinalmente; mas tendo chegado á porta, voltou para traz, e correu ao leito da muribunda, que, com os olhos já fixos, respirava ainda.

— É preciso muito tempo para o que tem a dizer-me, meu pae?

— Não, minha filha, vem depressa, que já voltas, e então não deixarás mais tua mãe.

Maria saiu, apoiada ao braço de seu pae, mas sem affastar a vista do leito. No momento em que o conde fechava a porta, disse-lhe Marianna, toda chorosa, algumas palavras em voz baixa. O sr. d'Hermitage, depois de ouvir, levou ainda mais rapidamente Maria, em quem um ruido de passos que se sentiram na escada, fez nascer as idéas mais estranhas.

— O que é isto, vão levar minha mãe? disse ella.

— Não, soccega, minha filha.

— Mas que bulha é esta? exclamou ella, suffocada pelos soluços.

— Esta bulha, disse-lhe o conde, assentando-a n'um outro quarto, quer dizer, que é preciso que os homens saiam, quando o Senhor entra.

— A extrema-união! disse ella. E cahio de joelhos; as lagrimas cessaram, porque soffria demais, para que pudesse chorar. Mas quando as lagrimas não sahem pelos olhos, é porque cahem sobre o coração e o innundam. A pobre senhora estava suffocada, e o conde não teve senão o tempo de a levar para cima d'uma cama, que ella queria obstinadamente deixar com a idéa de correr para junto da condessa.

— Minha mãe! minha mãe! eram as unicas pa-

lavras que podia articular, e erguia-se sobre o leito, com um terrivel ataque nervoso, querendo a todos os instantes sair, não reconhecendo nem seu pae, nem Emmanuel, que a seguravam; em-fim o medico lançou-lhe na bocca algumas gotas d'agua de flor de laranja, que a fizeram cahir anniquilada, mas a respiração até alli op-pressa, foi-se accalmando, pouco a pouco. Havia dez dias e dez noites que não tinha fechado os olhos; o medico fez-lhe tomar um soporifero, sem que ella soubesse o que tomava, e deixou-a soce-gadamente adormecida.

Dormiu assim muito tempo, porque quando acordou, era completamente noite. Passou as mãos pela fronte, recordou-se, e teve medo da noite e do silencio que a rodeavam; não ousava mover-se, e chamava seu pae, em voz baixa, mas ninguem lhe respondia; estava só. Então com os olhos es-pantados, e os cabellos soltos, levantou-se, diri-giu-se, como uma somnambula, para a porta do quarto, tropeçando em todos os moveis; sahio: o mesmo silencio; atravessou o salão vasio e triste, com o seu grande lustre, e agigantados quadros: tudo tinha a apparencia da desolação. Chegou assim á porta do quarto de sua mãe. Escutou, como tantas vezes fizera, mas não ouviu coisa al-guma; entreabriu então a porta, e viu á claridade d'uma unica vela, o que, havia dez dias, lhe pa-recera tantas vezes vér.

O conde d'Hermitage estava á janella, apesar do frio e da chuva; o barão de Bay, assentado junto do leito, com o cotovello apoiado no joelho, e a

cabeça descansada na mão, chorava; Emmanuel conservava-se na sombra, com a mão na mão do conde; Marianna chorava aos pés do leito; e o medico sahira n'aquelle instante. M.<sup>me</sup> d'Hermi estava morta.

---

## IX

Foi um bem triste dia, aquelle que se seguiu á morte de m.<sup>re</sup> d'Hermi. Maria estava aniquilada, parecia, que a pobre creança, perdendo metade do coração, perdera tambem a rasão; conservava-se com o olhar fixo, muda e surda, apesar de tudo que lhe diziam. Muitas vezes um sorriso pallido e triste, um olhar velado pelas lagrimas, respondia ao sorriso, e ao olhar de seu pae; depois cahia de novo na sua atonia, porque parecia terem-se-lhe extinto as forças, não a deixando nem mesmo capaz de soffrer. Era a primeira dôr por que Maria passava, e por isso era bem profunda; todavia, a morte sucedera-se ao apparecimento da doença com uma tal rapidez, que por vezes acreditava estar sob o imperio d'um mau sonho. É extraordinario o modo porque custa ao espirito a acostumar-se á idéa da morte, e

como difficilmente se comprehende que um ente amado, que se estava habituado a vêr e a ouvir, esteja para sempre immovel ; julga-se sempre ser engano dos outros, e que, se o chamarem, reconhecerá a voz, e responderá. Não obstante era indispensavel que Maria se convencesse da verdade ; os que a rodeavam não eram menos incredulos, nem estavam menos desolados do que eila, que tinha sempre deante dos olhos o rosto pallido de sua mãe ; que havia pouco tocára com os labios, o peito inanimado que tocára com as mãos, e o olhar sem vida que, ella propria cobriria, triste dever que ella sabia ter de cumprir, mas que nunca supoz ter de o fazer tão cedo. Emmanuel soffria com o soffrimento de Maria ; de vez em quando pegava-lhe nas mãos, mas, por mais que fizesse, o coração de sua esposa fôra despedaçado, e sangrava muito, para que pudesse facilmente cicatrizar. Mr. de Bay, comprehendendo a sua falsa posição, uma hora depois do falecimento da condessa, despedira-se do sr. d'Hermi, que não era o menos afflito dos espectadores de tão afflictiva scena.

Ha por vezes, noites tão longas, que parecem não deverem nunca conduzir-nos ao dia immedio, e a que se seguiu a tão infasto dia, foi para Maria, de todas a mais longa ; parecendo-lhe a cada momento vêr entrar sua mãe, não ou-sava fechar os olhos, fatigados de chorar. No dia immedio foi confirmada a morte, depois do que teve lugar a autopsia ; essa ultima operação que consiste em destruir qualquer viso de esperança,

que alguem ainda possa ter. Todos os amigos da casa tinham ido inscrever-se, encontrando-se no numero dos mais fieis o marquez de Grige, que não deixára passar um só dia, sem que fosse saber o estado da doente, o que Maria, mesmo no meio da sua dôr, nunca deixára de notar, agradecendo-lhe o mais sinceramente possivel.

Passadas vinte e quatro horas teve lugar o enterro. Eai quanto levavam os restos de sua mãe á egreja e de lá ao cimiterio, escrevia Maria á sua amiga: sentia a necessidade d'expandir a sua dôr n'um seio amigo. Com as pessoas que são testimunhas do nosso sofrimento, a dor é sempre muda, porque nunca acharia expressão, e mesmo porque não a tem. Contou pois á sua amiga, tudo o que se havia passado n'aquelles memoraveis dez dias, mas contou-lh'o com o coração, porque escrevia e chorava; depois quando acabou de fechar a carta, entrou no quarto de sua mãe, pegou em todos os objectos que ella mais amaria, ajoelhou junto do leito, e orou por tanto tempo que quando o conde e Emmanuel voltaram, tristes e acabrunhados, pela triste cerimonia, encontraram-na ainda orando.

O tempo parecia ter-se preparado para a tristeza: o céu estava coberto de nuvens espessas, a neve cahia em grossos flocos, e as ruas estavam lamacentas e escorregadias. O palacio do condé d'Hermi tinha o cunho da consternação; este ultimo, Emmanuel e Maria, conservaram-se juntos toda a noite, sem trocarem uma unica palavra. Parecia recearem que o primeiro que pronunciasse uma

palavra no meio d'aquelle silencio, gelasse de terror os outros dois. Às onze horas, separaram-se, os homens, depois de apertarem as mãos ; Maria, depois de abraçar seu pae. A primeira noite passada no cimiterio, por um ente que foi muito amado, sente-se, aquelle que o amou, constantemente assaltado por um doloroso pensamento, que deve ser este :

— Como deve estar mal no seu tumulo !

Então, tem-se ainda tão pouco tempo, para se estar convencido da insensibilidade do ser que já não é, que se acredita sempre, restar-lhe ainda bastante vida, para poder sentir que está entre as quatro paredes d'um caixão, deitado na sombra humida da terra. Lembram então, os momentos mais felizes d'aquelle ou d'aquelle que se perdeu, e é sempre a fria máscara da morte, quem substitue o rosto risonho, cuja imagem se invoca. Maria não podia convencer-se d'aquelle morte. Havia dois annos que era tão feliz ! Os menores incidentes da sua vida, em que tivera parte m<sup>rm</sup>o d'Hermit<sup>o</sup>, passavam-lhe de continuo, pela vista, tomando do passado e do presente duas faces bem differentes: uma, alegre, a outra triste. Era n'estes momentos que a pobre criança, debulhada em lagrimas, exclamava: « É impossivel ! » Aquella morte ferira immensamente o conde; tinha um coração demasiadamente bom, para que assim não sucedesse; não porque amasse seriamente sua esposa, mas é que amava n'ella a mae e a filha, é que a dor d'essa filha, era todo o seu sofrimento.

— Meu pae, dissera Maria ao conde, é preciso que o quarto se conserve para sempre no mesmo estado em que estava na occasião da sua morte, para que, quando ahi entremos, não possa faltar coisa alguma á recordaçao que ahi devemos encontrar d'ella.

— Sim, minha filha, far-se-ha como desejas. Terás uma chave d'esse quarto, para poderes ir alli orar como a uma egreja. Conservar-se-ha alli tudo no estado em que está, de maneira, que nos pareça estar a condessa unicamente ausente, esquecendo-nos, por momentos, de que partiu para sempre.

No dia em que isto se passára, fechara-se o conde no quarto da condessa, porque tinha que cumprir alli um piédosso dever. Depois de se ter certificado que não poderia ser surprehendido por pessoa alguma, dirigiu-se a um movel, cuja chave a condessa guardava sempre cuidadosamente, e abriu-o. O conde tirou todos os papeis que se achavam nas diferentes gavetas; eram cartas, em que se viam deois ou tres diferentes caracteres de letra. Bastava olhar para aquelles papeis, para conhecer que eram cartas de amor.

É inutil querer fazer conhecer todos os pensamentos que se despertaram no espirito do conde, ao vêr aquellas cartas dirigidas por outros homens a uma mulher que fôra sua, e que agora se achavam em seu poder, pela morte d'essa mulher.

— Pobre condessa, disse elle queimando as cartas, sem querer vêr quaes os nomes que as assinavam; era aqui que estava toda a sua vida.

E continuou olhando para os papeis que se torciam no fogo, até de todo se consummirem. Coisa alguma é attractiva como os papeis que se folheam. Em se começando a folhear o passado, as horas passam desapercebidas.

Das cartas, cujo conteúdo o conde quizera ignorar, passou aos papeis que podia conhecer. Encontrou notas de padrões e qualidades de fazendas de toda a especie, e de todas as grandes insignificâncias, que haviam composto a felicidade da condessa, convites para bailes, cartas de diferentes conhecimentos, mesmo algumas declarações, finalmente, tudo o que constitue a vida de uma mulher da grande sociedade.

— O que resta agora de tudo isto? disse comigo mesmo o conde, lançando no fogo, uma a uma, todas aquellas páginas do passado.

A morte da condessa, tornando ainda mais vazia e deserta a vida do conde d'Hermi, apertara mais os laços do coração que o uniam a Maria.

— Se Deus me levasse também minha filha! pensava elle; que seria de mim?

Clementina apenas recebera a carta que lhe dera a triste nova, correrá logo a Paris. D'aquella vez não houve consideração que a podesse suster. O que não fizera pelo prazer, fizera-o pela dor.

Era natural. Passou oito dias com a sua amiga; ocupavam o tempo, assentadas junto do fogão, fallando das coisas d'outro tempo, e trocando as recordações durante aquellas horas de melancolia, que são o repouso do sofrimento moral. Emmanuel tomara por vezes parte, n'aquellas conver-

sas intimas, sondando com a vista a profundidade da dor de sua esposa, e investigando o que poderia fazer para a distrahir: mas esta surria-lhe e estendia-lhe a mão, com um olhar que parecia dizer: deixem-me chorar; as lagrimas dão-me alivio; e elle então respondia-lhe apenas, com a muda e expressiva consolação dos olhos.

Na manhã do oitavo dia, partiu Clementina, depois de ter ido com a sua amiga, fazer uma terceira peregrinação ao cemiterio, onde a piedosa filha ia sempre, de dois em dois dias, apesar do frio e da neve. Emmanuel abraçou como a uma irmã aquella que estivera para ser sua mulher; agradeceu-lhe o prazer que lhes causára com a sua vindia a Paris, acompanhando-a depois até subir para a carroagem, que devia leval-a ao encontro de mr. Baillard, que, sem a menor duvidá, se julgava já bem infeliz, apesar de duas cartas que sua mulher lhe escrevera para o tranquilisar.

Depois da partida de Clementina, continuou no palacio d'Hermi, o modo de viver ordinario. Ora, devemos confessar, que depois da morte da condessa, apresentára aquella casa um aspecto senistro. É que a morte tem uma influencia muito prolongada sobre os corações d'excepção. O rosto e o coração de Maria estava continuamente sombreados por aquelle incessante pensamento.

Emmanuel deixava-a o menos tempo que lhe era possivel, mas apenas sabia, logo a pobre senhora cahia no seu estado ordinario. Os olhos enchiamente voluntariamente de lagrimas, sentindo o

grande vacuo que tinha em torno de si; então aproximava-se de sua filha, recordando-se do que lhe dissera seu pae: que o berço faz esquecer o tumulto. Quando chegava a noite, collocava-se Emmanuel, como n'outro tempo, a seus pés, e, tomando-lhe as mãos, levava-a a surrir-lhe com aquelle sorriso melancólico, que os labios tomam da melancolia da alma. Fazia então planos para o futuro, falava-lhe de viagens, de felicidade; mas Maria, como se já tivesse presentido o limite da sua vida, levantava os olhos para o céu, e respondia apenas: « Esperemos! » A recordação passava-lhe pelo coração, os olhos innundavam-se de lagrimas; tudo lhe aborrecia; passava dias inteiros n'um lugubre abatimento; passavam-se as horas sem que ella as contasse, e só, no seu quarto, assentada junto do fogão, como Margarida na sua afflição, pensava, olhando para o fogo até que se extinguia, sem se lembrar de o mandar de novo aceender. O crepusculo sombria do inverno, invadiu-lhe de tal modo o quarto sem deixar distinguir o menor objecto, que quando entrava Emmanuel, sucedia algumas vezes, chegar até junto de sua mulher, sem que ella dësse pela sua presença, tanto ella estava sempre absorvida pela sua meditação.

Algumas vezes, aproximava-se do piano, e como que deixava errar os dedos ao acaso, sobre o teclado; então, a alma procurava na musica o eco do seu pensamento; mas poueo a pouco os olhos enchiam-se-lhe de lagrimas e cahia sobre a cadeira, e o piano emudecia. Para se distrahir, se isso fosse possível, tinha de novo aberto a porta ás visitas.

Era no meio destas tristezas, que apparecia Leão. A intimidade deste tinha crescido de repente, por que tomára junto de Maria, o mesmo papel que ella desempenhára, n'outro tempo junto de mr. de Bryon; consolava-a, e a pobre senhora habituara-se a ver aquelle homem, sem suspeitar a influencia que um tal habito poderia ter na sua vida. De Grige, fallando-lhe de sua mãe, que tambem perdera, consolava a dôr de Maria, com a sua dôr; conhecia os lados por onde a alma se deixá surprehender, e aproveitava-se da inercia, em que tão recente desgosto lançava a pobre senhora, para se aproximar d'ella como um pae, e apertar-lhe a mão, como um amante. Maria, não via n'elle o homem, só ouvia a voz que lhe fallava ao coração, e isto a tal ponto, que esquecia, em sua companhia, as horas, do mesmo modo que quando estava só. Todavia, era diante d'ele seu pae, que Maria se abandonava mais francamente á sua dôr, porque lhe parecia, que era elle quem a devia partilhar como nenhum outro.

—Se te obstinas assim em sofrer, lhe dizia o conde; em primeiro lugar, causarás a morte de teu pae; depois arruinarás a tua saude, e um dia, quando tua filha já for crescida, quando necessitar desse amor maternal, de que pôde prescindir sendo herança, mas que procurará quando for mulher, morrerás por tua vez, e causar-lhe-hás antes de tempo o desgosto porque agora passaste. Pensa no futuro, minha filha, pensa nos que te amam, naquelle que deves amar, porque a tua vida, passado um anno, não te pertencerá.

Maria estava no estado em que estão muitas vezes as mulheres, a quem chamam nervosas, quando experimentam uma grande dôr moral; não sabia o que queria. Ora desejava ir passar um mez em casa de Clémentina; ora queria, apesar do luto, voltar á sociedade, porque se sentia morta de isolamento; depois, havia dias em que já não se julgava amada por Emmanuel, e em que já o não amava; em fim, tinha momentos, em que se colocava no numero das mulheres não comprehendidas, e desgraçadas, e passeando agitadamente pelo seu quarto, chorava, então sem rasão, até que Emmanuel voltasse, para lhe ouvir reprehensões que elle não tinha merecido, depois do que, ajoelhava junto d'elle e pedia-lhe perdão.

N'um dia, foi ao cemiterio, o que, como já dissemos, fazia muitas vezes; apeou-se á entrada do campo sagrado, e, só, enternou-se pelo meio das arvores da desolação, alé que chegou ao tumulo de sua mãe, envelhecido já, pela neve e chuva. Entrou na capelinha e ajoelhou; não havia, além della, um unico vivente no lugubre jardim, porque cahia do ceu uma chuva fina e gelada, e ninguem, senão ella, ia visitar os mortos em tão horrivel tempo. Presa d'uma especie de febre, sentia como uma necessidade de frio, comprasendo-se, no meio da oração, em tocar com as mãos, o marmore do tumulo; conservou-se n'aquelle estado, por uma hora; depois saiu, e subiu para a carroagem. A cidade viva, parecia continuar a cidade morta, tanto a chuva a tornava deserta e abandonada. Maria entrou em casa, com os ner-

vos mais irritados do que nunca, com a cabeça escandecida, e o peito oppresso.

Havia in-se passado, pouco mais ou menos, dez minutos, que ella se assentara em frente do fogão, quando entrou de Grige. Maria estendeu-lhe a mão ardendo em febre. Leão notou a sua agitação, e perguntou-lhe o que a causava.

—Vim agora do cemiterio.

—Foi uma imprudencia, minha senhora; o cemiterio é mortal, com um similhante tempo: fere, a mesmo tempo, o corpo e o espirito.

—É indispensavel, continuou Maria, que me lembre dos mortos, e que me chegue para elles, uma vez que os vivos se esquecem de mim !

—Queim pôde esquecer-se de v. ex.<sup>a</sup>, minha senhora ? Repare que a dor a leva a pensar erradamente porque nunca houve uma senhora, mais santa e continuamente amada do que v. ex.<sup>a</sup>.

—Quem me ama d'esse modo ?

—Quem ? Em primeiro logar, seu pae.

—Meu pae ? Um pae ama sempre assim.

—Nem todos, minha senhora.

—Bem ; mas é unicamente meu pae.

—E seu marido, disse timidamente Leão, esperando com anciadade a resposta de Maria.

—Meu marido ! disse ella com um sorriso de dúvida, e andando pelo quarto a passos largos ; diz que meu marido me ama ? Quer dizer, que já me amou ? Mas, o que faz elle n'este momento ? Sabe muito bem que estou só aqui, que soffro, que me sinto consumir pela recordação e pela febre, e durante todo este tempo, está na camara, trata de

política, de ambição, que sei eu? Virá à noite, ainda será cedo para mim. Não, não, meu Deus! Emmanuel já me não ama!

E falando assim, apertava a cabeça entre as mãos, como para segurar um pensamento prestes a escapar-lhe.

— V. ex.<sup>ª</sup> diz que ninguém a ama? continuou Leão: então, ou é muito esquecida, ou vê bem pouco.

— Sim, o sr. talvez me ame, respondeu Maria francamente; mas é a única pessoa que eu não posso amar; e demais, é verdadeiro esse amor?

— E é v. ex.<sup>ª</sup> quem o pergunta?

— É verdade que me aparece sempre que estou triste, e aparece-me para me consolar; o que seria de mim sem o sr., e todavia, não quiz Deus que eu o amasse. É bondoso, nobre e generoso; se fosse meu marido, em vez de meu amigo, não me deixaria sofrer assim; porque sendo apenas meu amigo, faz por mim, o que nem lembra a meu esposo. Mas o sr. não pode ser meu marido, nem meu amante, e nem eu o amo! Oh! meu Deus, como eu soffro!

— Soffre! diz v. ex.<sup>ª</sup>. Julga que não soffri horrivelmente, minha senhora, quando fui fallar de v. ex.<sup>ª</sup> a Emmanuel, na occasião em que sube que ia ser sua esposa? Acredita, que quando voltei a sua casa, e que a encontrei já unida áquelle que a amava, e que era amado por v. ex.<sup>ª</sup> que apenas concedeu ao meu amor a esmola da sua amizade, acredita, acaso, que não soffri? E hoje, que a vejo triste e infeliz, porque não é amada por

um outro, que não pôde amá-la como eu, pensa que não soffro ainda ?!

Maria tornara a assentarse, e, com a cabeça inclinada para traz, escutava o que lhe dizia Leão, que ajoelhara a seus pés, e que lhe cobria as mãos de beijos.

— E todavia, continuou elle em voz baixa, tecíamos sido tão felizes, Maria ! não nos teríamos nunca separado. Seria o seu escravo mais submisso, o seu amante mais fiel; todas as mulheres invejariam o amor de que eu havia rodeado-a; porque não teria no meu coração rival alguma; porque não haveria aqui logar para outra paixão! O paraíso que eu tinha sonhado, tornou-o a senhora, n'um inferno! Por um instante acreditei que poderia esquecer-a; mas se soubesse o que se passa em mim, quando deixo de a ver, se podesse adivinhar como se passam as minhas noites, comprehenderia talvez então, o que é um homem que ama, e lastimar-me-hia de certo!

Maria não respondia coisa alguma. Não escutava, não ouvia o que lhe dizia Leão.

— Sim, Maria, hei-de dizer-lhe tudo; estamos sós, e é a primeira vez que lhe fallo assim; será talvez a ultima, porque não me perdoará, e amanhã ser-me-ha fechada a sua porta, como o seu coração, porque não sabe, que o amor que me faz sentir, é d'aquelle de que se morre!

— Meu Deus! meu Deus! como eu soffro! repetia a pobre senhora, e apertava a fronte com as mãos, em quanto Leão a tinha nos braços, repetindo-lhe ainda que a amava.

Pobre creança! Deus esquecera-a, de certo, para que ella se abandonasse assim a Leão, sem mesmo ter a consciencia do que fazia. O que para ella era certo, era que sentia um incendio, na cabeça e no peito, e que nem mesmo tinha força para se defender. Apenas percebia que um homem se rojava a seus pés, presa de todos os delirios do amor. Tentou com tudo, desembaraçar-se-lhe dos braços, mas caia sempre inerte e exausta; e cahindo, encontrava a voz de Leão, cobrindo de juramentos, as palavras que ella procurava dizer-lhe. Nem todas as mulheres se dão por amor, porque então todas seriam desculpaveis e desculpadas. Pergunte-se ás que tem n'um instante, destruido todo o seu futuro, o que foi que as levou a isso, e a maior parte, senão todas, responderão, se quizerem ser francas, que estão ainda sem saber a causa da sua primeira queda. A mulher é um ente tão fraco, cujo coração se é, ao mesmo tempo, tão feliz e tão louco, em confiar! Sabe ella nunca o que quer, ou sobretudo, o que poderá ainda querer? A mulher cede a todas as influencias, mesmo á da razão. Não tendo, como o homem, os grandes pensamentos que ocupam a vida, acredita, durante as horas de enfado, em todos os conselhos da sua fraquesa, de que ella, mais tarde se arrepende, porque a grande virtude das mulheres é o arrependimento.

Maria amava Leão? Não amava. Ella bem o sabia, não só acabara de lho dizer, mas tinha a certeza de que nunca o amaria. Mas Maria era extremamente nervosa, e n'aquelle dia, estava-o mais

do que nunca ; era ordinariamente melancolica, mas n'aquelle dia estava triste ; finalmente, amava Emmanuel, a ponto de dar a vida por elle, mas n'aquelle dia estivera no cemiterio, fôra presa da febre, e estava como louca, o tempo estava, sombrio, Emmanuel achava-se ausente, e uma vez inecendidos os sentidos pelos beijos d'um homem, não tivera nem a força de se defender, nem ao menos a força de gritar. No estado em que ella se achava, qualquer homem a teria possuido, se o tivesse tentado, porque não podia ser senhora de si. Desgraçadamente, qualquer que seja a causa, os effeitos são os mesmos, e, duas horas depois de Leão ter chegado, se Maria tivesse morrido, teriam os anjos de cobrir os rostos, porque já não a reconheceriam por sua irmã.

Maria sabia, apenas, o que se tinha passado. Leão, desorientado, louco d'amor, arastava-se-lhe aos pés, ao passo que ella sob a impressão de um sonho terrivel, que lhe fazia bater desordenadamente as arterias, e ferver o sangue nas veias, nem mesmo via o homem a quem pertencia. Leão retirou-se sem que ella dêsse por isso, deixando-a semi-morta, no mesmo logar em que se achava. A noite continuou sempre a adiantar-se. D'aquelle vez Emmanuel chegou mais tarde: parecia feliz como nunca o fôra. Encontrou Maria meia adormecida, com as mãos pendentes, e a respiração desusadamente elevada. A infeliz nem tinha força para fallar. Só abriu os olhos, quando Emmanuel, approximando-se-lhe, lhe pegou nas mãos.

—Então! querida filha; lhe disse elle beijando-a na fronte; estavas, como sempre, de tal modo mergulhada nos teus sombrios pensamenlos, que não me sentiste os passos.

Maria escutava machinalmente aquella voz, que não reconhecia pela mesma, que durante algumas horas, lhe zumbira aos ouvidos; levou as mãos á cabeça, e viu Emmanuel que a contemplava com a maior expressão d'amor. Então a lembrança de tudo que se passara atravessou-lhe o espirito com a rapidez do relampago; soltou um grito despedaçador, e caiu desfalecida nos braços de seu marido.

*... e em que o despedaçou  
... e despedaçou...  
... e despedaçou...  
... e despedaçou...*

## IX

Maria julgava ter sonhado. Quando voltou a si, achou-se deitada, e viu junto a si Emmanuel e Marianna. Procurou reunir de novo as idéas, e desde logo se lhe apresentou ao espirito a mesma recordação, sombria e fatal como um espectro! Olhou attentamente para Emmanuel, interrogando-o com a vista, e diligenciando advinhar, se, durante o sonho, teria dito alguma coisa, porque chegára a ter medo até dos próprios sonhos; mas Emmanuel assistira ao seu despertar com o sorriso nos lábios. Não é fácil imaginar as torturas que soffreu com a presença de seu marido; lançou-se-lhe nos braços, chorando quantas lágrimas tinha no coração, sem pronunciar uma só palavra, tal era o modo por que receava, ainda a seu pezar, responder ao terrível pensamento que a dominava. Percorreu todo o recinto, com a vista,

porque lhe parecia, que, como ella, tudo devia estar mudado; mas, ao contrario, todas as coisas estavam nos seus logares; e o retrato de sua mãe, parecia sorrir-lhe ainda; o mesmo socego dentro de casa, o mesmo ruido exterior. Apenas se havia mudado um nome, isto é, toda a sua felicidade, toda a sua vida!

— Sentes-te melhor? perguntou-lhe Emmanuel.

— Muito melhor.

— Mas o que tiveste tu, minha filha?

— Não tive coisa alguma...

— Voltaste ainda ao cemiterio?

— Voltei.

— Queres por força matares-te, e matar-me.

— Mas ainda me amas meu Emmanuel?

— Se te amo!

— Oh! meu Deos! meu Deos! repetia a pobre senhora, debatendo-se em violentas convulsões.

— Então, socega, Maria, socèga, peço-to eu; continuou o sr. de Bryon, deitando-se ao lado della, tomando-lhe carinhosamente a cabeça entre as mãos, e cobrindo-a de beijos; socega, não estou eu aqui? que tens? diz-me o que tens?

— Não tenho coisa alguma, absolutamente nada; continuava Maria, com o olhar fixo; isto é do tempo, é a solidão, é a recordação de minha mãe!

— Sempre o mesmo pensamento. Pensa antes em mim, pensa em tua filha, e não chores desse modo.

— Sim, sim, em minha filha, na minha Clotilde!

E dizendo isto abundantes lagrimas lhe inundavam as faces.

— Olha, agora, continuou Emmanuel, não nos separaremos mais, nem um instante, estaremos sempre juntos. Tens, de certo, soffrido com as minhas continuas ausencias, porque me amavas, e ainda me amas, não é verdade? mas d'aqui em diante não terás coisa alguma a perdoar-me, porque serei todo teu. Comprehendes tu esta alegria de estarmos sempre um junto do outro? Realizaremos todos os nossos projectos, faremos todas as viagens promettidas. Ha coisas que tu não podes perceber. A camara, onde não tornaria a appa recer, se assim o quizesses, não a podia mais cedo deixar airosamente; era preciso que o meu desaparecimento d'ali não parecesse uma fuga, mas sim um abandono.

Maria soffria tanto, que as lagrimas haviam-se lhe esgotado, escutando seu marido, pallida como uma defunta, e com os olhos espantados de uma louca. Emmanuel não comprehendia coisa alguma. Maria não sabia que fizesse; queria ver Leão, porque duvidava ainda; queria procural-o, exigir-lhe que saisse de Paris, sem dizer uma palavra, sem olhar para traz, esquecendo o que se havia passado, e então, talvez que á força de orações, Deus lhe desse, a ella mesma, o esquecimento; mas lembrava-se, no fim de tudo que não poderia sair só sem uma razão justificavel. A idéa de que Leão voltaria, no dia immediato, fazia-a tremer, e occultava o rosto com o travesseiro, deixando assim correr as lagrimas da sua imensa vergonha. Depois, levantava-se, pallida, desfigurada, com os olhos vermelhos e humidos,

os cabellos despenteados, abria a janella, procurando socego no frio da noite, e não escutando nem Emmanuel, nem Marianna, que inutilmente investigavam qual podia ser a causa d'aquella grande dôr, d'aquella febre tão ardente, acabando ambos por attribuila á sua visita ao cemiterio.

Era evidente, que nunca Maria amára Emmanuel, como então o amava; o amor augmentava-se-lhe com os remorsos, e com a falta que commettera, á qual não podia dar o menor pretexto, porque, tornamos a repetil-o, não amava Leão; se o amasse, conservaria o socego na fronte, e o sorriso nos labios, á volta de seu marido, e os remorsos bem naturaes, que ella, por um instante, houvesse experimentado, seriam, como as nuvens do estio, bem depressa dissipados com o sopro d'aquelle novo amor. Mas o que a torturava, era a idéa de que confiára a um homem, que nunca amaria, toda a sua vida, todo o thesouro de candura que enriquecera o seu passado; que esse homem se tornára seu senhor, de quem dependia, tanto no presente como no futuro. Como sabemos, e como por tudo isto se vê, Maria não estava corrompida; qualquer outra mulher teria tomado uma resolução mais atrevida, e, em vez de chorar e de se lamentar como o fazia m.<sup>re</sup> de Bryon, teria simplesmente dito á sua creada do quarto: «Quando vier o sr. de Grige, diga-lhe sempre, que não estou em casa.» E se o acaso a tivesse collocado em face do seu amante, e que este lhe recordasse o que entre elles existia, ter-lhe-ia respondido: «Não o conheço.» Deste modo

conservaria o seu repouso, e a sua felicidade. Maria, nem mesmo teve similhante idéa. A innocent e casta senhora, debruçada sobre o abysmo que abrira a seus pés, media-lhe toda a profundidade, e, em vez de empregar a impudencia, pensava, ao contrario, em recorrer á piedade. Não conhecia os homens; ignorava que podia haver da parte de Leão, dois motivos para continuar a ser seu amante, e a abusar da sua posição: um, que era razão provavel, o seu amor; o outro, razão certa, a sua vaidade. Ignorava de tal modo tudo isto, que a pobre, em vez de tirar a de Grige, as armas que poderia empregar contra ella, tinha a maior pressa em lh'as fornecer.

Como temos visto, foi extraordinario n'aquelle dia, o sofrimento de Maria; mas o seu espirito, no meio de tanta dor, havia tomado uma resolução, que parecia dar-lhe algum socorro. As mulheres, deve-se confessar em seu louvor, são ingenuas até nas suas maiores faltas. A de Maria, era de certo, e a seus proprios olhos, enorme; mas não amava Leão, e fazia o falso raciocinio, que muitos homens leem erradamente sancionado, que só o coração se pode prostituir, e que não ha crime quando é só o corpo que se entrega. Maria, socegou, pois, com a idéa de que no dia immediato escreveria a Leão, pedindo-lhe que esquecesse o que se passára na vespera, em nome do seu amor; fazendo-lhe sentir, que d'aquelle esquecimento, dependia o seu repouso e felicidade futura, e que o julgava demasiadamente nobre, para que quizzesse destruir a existencia de

uma mulher que não lhe havia feito o menor mal. Pobre Maria!

Demais, o que tivera logar era realmente tão inverosimil, que o espirito da pobre senhora, recusava-se, pouco a pouco, a acreditar-o. Depois de muitas lagrimas, esfriara-lhe algum tanto, o cerebro, e á força de vêr Emmanuel á sua cabeceira, surrindo-lhe como n'outro tempo, chegava, com efeito, a convencer-se de que fóra victimá de um horrivel sonho de que, em fim, despertára; e tanto mais que não via Leão para lhe lembrar a verdade.

— Sim, pensava ella; Leão é nobre, e bom; comprehenderá o meu sofrimento, e sairá de Paris, e este mau dia desapparecerá da minha vida, que continuará o seu curso ordinario. Deus perdoar-me-ha uma falta de que não fui culpada, e de que não devo ser victimá. Ainda posso ser feliz.

Mas todas estas reflexões não impediam, que de espaço a espaço, quando a possibilidade do contrario se apresentava ao espirito de Maria, sentisse esfriar-se-lhe o suor na fronte, como se a morte se lhe aproximasse.

O outro dia chegou, porque, não ha dia que não tenha o seu immediato. Maria acordando nos braços d'Emmanuel, esquecera tudo; mas, ainda que morosamente, voltava a recordação: então, de novo se lhe cerrou o coração, tornando a empalidecer. O sr. de Bryon, julgando-a de todo restabelecida, sentia-se feliz e surria-lhe. Já não chovia, e o ceu estava azul; parecia que tambem Deus sur-

ria. Se na vespera estivesse tão bello tempo, teria Maria ido visitar seu pae, e o que sucedeu, não teria sucedido. A que insignificancias se liga muitas vezes um destino!

Maria levantou-se e abraçou sua filha, ainda mais ternamente do que costumava; é que então aquella creancinha era mais do que a sua esperança, era o seu perdão. Ás duas horas saiu Emmanuel, prometendo voltar brevemente. Maria ficou só com a palavra *hontem!* constantemente diante dos olhos, como o spectro de Banquo diante de Macbeth.

Vinte vezes se aproximou da mesa para escrever a Leão; mas d'aquella carta, que no meio da sua febre achara tão boa, e comovente, não podia ocorrer-lhe nem a primeira palavra; depois, sentiu augmentarem as dificuldades: por quem remetteria aquella carta, sem desperlar suspeitas? Não poderia ella ir cair em outras mãos que não fossem aquellas a quem era destinada? As horas passavam, e não podia atinar com o que deveria fazer. Entretanto escutava o menor ruido; já tinham dado tres horas, e Leão não tinha ainda aparecido.

—Se elle não viesse, pensava ella; se o dia se podesse passar assim?

Eram tres horas e meia, quando sentiu que tinha entrado alguém; esteve a ponto de desmaiar. Acto continuo apareceu um creado, anunciando o sr. de Grige. Maria despedaçou as dez cartas, que havia escripto para elle, lançando-as no fogo, mesmo na occasião em que Leão apparecia á porta

do toucador. A pobre senhora quiz levantar-se, mas não o pôde conseguir. Leão estava tão pálido como ella. A posição era realmente difícil para ambos.

— Receava que não recebesse pessoa alguma, minha senhora; disseram-me que esteve hontem muito encomodada, e foi por isso mesmo que insisti, com a intenção de me retirar immediatamente, se a minha presença lhe fosse penosa.

— Não, sr., ao contrario, peço-lhe que fique; tenho que dizer-lhe.

— Parece que está indisposta comigo, Maria, continuou o marquez; falla-me n'um tom que me assusta, ter-lhe hei dado já motivo de queixa? Diga-me o que tem a reprehender-me, para que eu possa de joelhos, pedir-lhe perdão.

— Ama-me, sr. de Grige?

— Mais do que tudo n'este mundo!

— E fará por mim toda a especie de sacrifícios?

— Todos.

— Sem excepção?

— Sem excepção.

— Jura-m'o?

— Pela minha honra.

— Pois bem; é indispensavel que deixemos de nos ver.

— Como poude pensar similhante coisa? Sabe bem o que acaba de me pedir?

— E o seu juramento?

— Mas foi uma traição.

— Desse modo recusa?

— Era preferivel pedir-me desde logo a minha vida.

— Mas se lhe disse que era indispensavel ?

— E eu respondo que a amo !

— Mas um tal amor é um crime para o sr., e uma desgraça para mim.

— Que me importa ? É hoje que v. ex.<sup>a</sup> me vem pedir, que não a torne a ver ? Quer fazer-me endoidecer, minha senhora ?

— Julgava que era mais nobre e mais generoso. Não sabe o que soffri esta noite ? Esquece-se de que ha no mundo um homem, que tem o direito de me pedir contas da minha vida, e que foi do proprio Deus, que recebeu esse direito ? Esquece-se de que tenho uma filha, que mais tarde terá de cárar por sua mãe, se ella hoje não procurar destruir a sua enorme falta ? Em nome de quanto lhe possa ser sagrado n'este mundo, em nome da minha felicidade aniquillada, peço-lho de joelhos, não me perca. É talvez ainda tempo ; supplicarei tanto a Deus, por si e por mim, que não poderá deixar de nos perdoar a ambos. Por toda a parte para onde for, será acompanhado pelas minhas orações : será o meu amigo, agora, e sempre ; mas esqueça esse dia fatal, porque, se o não esquece, juro que causará a minha morte.

Leão tinha-se levantado, e passeava a largos passos, levando frequentes vezes a mão á fronte, e murmurando : Não me ama !

— Leão ! dizia a pobre senhora, arrastando-se aos joelhos do seu amante ; dé-me attenção. Que

Ihe importa uma mulher de mais ou de menos ? Ha no mundo muitas, maüs bellas e maüs amantes do quo eu. O sr. é bom, é nobre, encontrará uma mulher que o amará, e que lhe dará a felicidade que não encontrará em mim. Essa mulher, qualquer que ella seja, orarei tambem por ella, e minha filha, juntará o seu nome aos nossos, nas suas innocentes e bemaventuradas supplicas ao Todo Poderoso. Consenté no que lhe peço, não é verdade, Leão ? Comprehende tudo que lhe digo ; partirá, não é assim ?

—Mas porque ? porque ! ? repelia Leão, no maior auge de abatimento e consternação.

—Porque ? respondeu Maria sempre de joelhos, e inclinando-se para traz ; porque ? Sei-o eu mesma ? Sabia eu hontem o que jazia ? Se o sr. soubesse o que então se passava em mim, apiedar-se-hia. Quando acordei do sonho que ambos tivemos, fiquei como louca. Queria morrer, porque me parecia impossivel que assim tivesse sido, e é impossivel que o seja. Mas disse comigo : Leão verá as minhas lagrimas, e o meu desespero, e comprehenderá o meu sofrimento, e deixar-me-ha em paz. Não é verdade que julguei bem ? não é verdade que partirá, meu amigo ? Amanhã, ésta noite, mesmo já ?

—Mas para onde quer que eu vá, Maria ? Que posso eu ser sem a senhora ? Desde hontem, construi o meu futuro, sobre uma palavra sua ; e é a destruição desse futuro o que exige de mim ! Recorde-se que hontem, a estas mesmas horas, dizia-me que me amava, e que hoje, quando não tenho nin-

gueim no mundo, além da senhora, e quando a amo a ponto de perder a razão, expulsa-me !

—Se apena se tratasse de mim; da minha felicidade, sacrificar-me hia voluntariamente á sua; Leão; mas bem sabe que á minha vida estão ligadas tres existencias, por quem eu um dia terei de responder, e que não poderei sem razão, e cobardemente destruir. Seja grande e bom; esqueça-me, e será, depois d'Emmaduel e de minha filha, quem mais amarei n'este mundo.

—Pois ainda ama esse homem ?

—Sim, amo !

—E confessa-mo ! A mim, que a amo a ponto de renegar a alma; a mim, a quem hontem se entregou ! Que especie de mulher é esta, meu Deus !

—Graça ! graça ! repetia a pobre vítima, que já não sabia o que havia de inventar.

—A senhora não sabe ainda o que é o meu amor ! dizia Leão, fóra de si. Não sabe que morrerei d'elle, se nos não matar a ambos ? Não sabe que desde hontem estou como insensato, e que é indispensavel que seja minha, agora, e sempre ! E é em nome de seu marido, que eu odeio, que vem pedir-me que não a torne a ver ! Quem a roubou ao meu amor ? foi elle. Quem destruiu todos os meus sonhos de felicidade; quem durante dois annos me tornou desgraçado, tornando-me presa da desesperação ? Foi elle. Quem, emsí, hoje, quando a sr.<sup>a</sup> me pertence, se encontra no meu caminho ? elle ainda, sempre elle ! Não comprehende que odeio esse homem, e que se a sr.<sup>a</sup> o ama, e me expulsa, mata-o-hei ?

—Oh! meu Deus! meu Deus! o que fiz eu?

—Não conhece a vida, Maria; não sabe que ha paixões, com as quaes é perigoso brincar; paixões, que, como o raio, consomem aquelles a quem tocam. Imprudente! Não; hoje pertenceme, Maria, e ha-de ser minha, ainda que minha mãe, do fundo do seu tumulo, me lance a maldição!

—Então, disse friamente Maria, morrerei.

Havia n'aquelle phrase um tal accento de resolução e vontade, que fez recuar Leão.

Maria estava socegada. De Grige approximou-se-lhe.

—Deixe-me, senhor, lhe disse ella. Pedi-lhe, supliquei-lhe em nome de tudo que ha de mais sagrado, n'este mundo e no outro; como um condemnado, arrastei-me aos seus pés, pedindo-lhe com lagrimas de sangue, o meu repouso e o de minha filha, que lhe não fez mal algum, a pobre creancinha, e tudo me recusou cobardemente; é vergonhoso! é infame! Deixe-me senhor!

—Perdoe-me, Maria! dizia elle, chorando por sua vez; perdoe-me o amal-a tanto; porque foi só o meu amor, quem me levou a dizer-lhe tudo que lhe disse.

—Depois, quando me tiver despedaçado a vida, como se fôra um brinquedo, então esquecer-me-ha facilmente; então não terei necessidade de lhe pedir que parta, e deixar-me-ha com a deshonra e o desespero, e isto por um momento de loucura, por um minuto de tão extraordinario esquecimento, que ainda ha instantes em que duvido que assim seja, até que o senhor volte, sem

pejo e sem remorsos, recordar-me que assim é. Que lhe fiz eu? Sem o sr. a minha vida seria ainda, socegada e pura; em quanto agora tenho de cōrar diante de meu pae, diante de meu esposo, e de minha filha, sem contar Deus, que não me atrevo a implorar!

—Perdoe-me! repetia Leão, tornando-se humilde e supplicante; perdoe-me, e obedecer-lhe-hei, mas não tão cedo. Não quer, de certo que eu morra, porque morrerei se me afasta de si. Não lhe fallarei nunca do meu amor, receber-me-ha por um minuto, beijar-lhe-hei a mão, e ficarei feliz durante todo o dia; quando não quizer receber-me sentir-me-hei triste, e nada mais; não fallarei em coisa alguma, mas, em nome do ceu não me expulse da sua presença!

Maria não respondia: chorava com a cabeça apoiada nas mãos. Leão, vendo aquellas lagrimas, arratava-se-lhe aos pés.

—Perdoa-me? repetiu elle ainda.

Maria estendeu-lhe a mão.

—Sim, perdoou-lhe, porque agora dependo do seu capricho e vontade. Pôde, como já me disse, perder-me com uma palavra; não sou mais do que sua escrava. Ergua-se; disponha de mim como lhe approuver.

—Faz-me muito mal, Maria, em quanto me falar assim.

—Escute, Leão, lhe disse ella, enxugando os olhos, e procurando apresentar uma physionomia tranquilla; são quasi cinco horas, não tarda Emmanuel, bem comprehende o que eu experimen-

taria, se elle o encontrasse aqui, e estando eu por tal modo commovida. Venha em outro dia, amanhã se o quizer ; mas hoje, em nome do seu amor, deixe-me só !

— Adeus, disse Leão.

— Adeus.

E apenas o marquez saiu, cahiu Maria sobre a sua cadeira, sem força, e sem alento. Commoções tão fortes, como aquellas a que não estava habituada, aniquilavam a pobre creança. Havia um quarto d' hora que Leão tinha sahido, quando entrou Emmanuel. Como costumava, foi logo abraçar sua mulher, dizendo-lhe :

— O sr. de Grige esteve cá ?

— Esteve, respondeu Maria, cheia de susto.

— Encontrei-o agora, e como havia muito tempo que o não via, pedi-lhe para vir jantar hoje com nosco.

— E aceitou ?

— Não.

Maria respirou.

— Mas, continuou Emmanuel, aceitou para amanhã.

A pobre não tinha n'aquelle momento uma gota de sangue nas veias.

— Contraria-te o meu convite ?

— De modo nenhum, respondeu ella tentando surrir. O que tu fazes é sempre bem feito, meu amigo.

E deixando-se cahiu novamente na cadeira, disse comsigo.

— Se eu já soffro tanto, meu Deus ! que me reservareis vós para o futuro ?

No dia immediato, apenas Maria se achou só, escreveu a Leão:

« Meu marido, quando hontem chegou a casa, deu-me parte que o sr. vinha hoje jantar com-nosco ; peço-lhe que não venha. Não sou como as outras mulheres ; o meu rosto não pôde ainda enganar como o meu coração. Se o vejo junto de Emmanuel, não respondo, pelo que pôde succeder. Conceda-me o que lhe peço ; necessito de solidão e recolhimento. »

Depois, fechou a carta, sem a assignar e chamou Marianna.

—Minha boa Marianna, lhe disse ella toda tremula, aqui está uma carta, que tu vaes levar ao seu destino.

—Com todo o gosto, minha filha.

—Mas é preciso que ninguem o saiba.

—A quem devo entregar-a?

—Ao sr. de Grige.

—Ao sr. de Grige? repetiu a excellente mulher, adivinhando o que se passava em Maria, pela extrema pallidez, que lhe via no rosto, e tremendo tambem, pela sua vez.

—Sim, sim, a elle mesmo, continuou m.<sup>me</sup> de Bryon, com uma voz entrecortada.

—Já! disse a pobre velha.

—Não me amaldiçoes! exclamou Maria, lançando-se nos braços de Marianna, a quem sempre olhara como sua segunda mãe, e que, desde a morte da condessa, ainda amava mais.

—Não tenho o direito de te amaldiçoar, minha filha, e devemos esperar que quem o tem nunca o faça.

—Meu pae?

—Teu pobre pae, que ha dois dias não vaes visitar.

—Sim, sim, sou bem culpada!

—Reflectiste bem antes d'escrever esta carta, minha filha? disse-lhe Marianna, abraçando-a.

—Era indispensavel.

—Se alguma vez teu marido...

—Não me digas isso.

—Elle ama-te tanto!

—Matar-me-ha, não é verdade?

—E tua filha, meu Deus!

—Tenho soffrido muito ha dois dias; mas vae, minha boa Marianna, vae depressa, e se trouxeres alguma resposta para mim, occulta-a bem.

—Tranquilisa-te minha filha, eu vou.

E a boa velha affastou-se de Maria, sorrindo, e enxugando ao mesmo tempo os olhos. Uma tal confissão fôra para a pobre Maria um balsamo consolador; ficou sabendo que havia alguem que vesse por ella, e sentiu com isso um grande alivio.

Marianna correu a casa de Leão. Tinha saido, e por isso deixou a carta a Florencio. Leão estava em casa de Julia, de quem nos temos esquecido um pouco, mas que não esquecia coisa alguma. De Grige não deixára de visitar a sua antiga amante, ainda que estivesse bem longe de a amar; mas tinha comprehendido que necessitava occultar a sua nova ligação sob a continuação da sua vida passada. Julia, sempre em dia com todas as acções de Leão, comprehendera tambem, pela sua parte, o papel que lhe convinha representar; mas, como esse papel servia aos seus projectos, aceitou-o de bom grado, e ninguem diria, vendo-a risonha, e sempre encantadora com o seu amante, que ella suspeitasse ao menos, a verdade.

Maria sahiu para ir ao cemiterio, e de lá a casa do conde d'Hermit. Pelas duas horas chegou Leão a casa, e encontrou a carta de m.<sup>me</sup> de Bryon.

Escreveu imediatamente a Emmanuel, disendo-lhe que lhe era impossivel ir ao seu convite, apresentando-lhe para isso um pretexto qualquer; depois sahiu, e dirigiu-se ao cemiterio, onde esperava encontrar Maria; mas esta, já d'alli havia sahido.

Ás cinco horas, entrou Florencio em casa de Julia.

- Uma novidade, minha senhora, lhe disse elle  
— O que é? diz depressa.  
— Uma carta.  
— Onde está?  
— Não pude lançar-lhe a mão; o sr. marquez metteu-a n'uma gaveta da sua secretaria, e guardou a chave.  
— Quem a levou?  
— Uma mulher já velha.  
— Por quem era mandada?  
— Por m.<sup>me</sup> de Bryon.  
— Como o souheste?  
— Segui a velha.  
— Teu amo respondeu-lhe?  
— Respondeu, mas foi ao marido.  
— Não percebo.  
— Eu parece-me que percebo.  
— Explica-te, então.  
— O sr. marquez tinha-me dito, quando lhe perguntei a que hora voltaria, que iria vestir-se ás seis horas. Desejei logo saber aonde ia o sr. marquez, para vir previnir a sr.<sup>a</sup>, e disse-lhe: «v. ex.<sup>a</sup> janta fóra?» Respondeu-me que sim. Depois chegou a carta, a que elle respondeu; e sem duvida, aconteceu alguma coisa, porque me disse depois: «Já não venho vestir-me; janto no Club.»  
— Agora começo a comprehender. Preciso d'essa carta.  
— Se a sr.<sup>a</sup> se apodera d'ella já, o sr. marquez, dá por força, pela desapparição. Eu serei despedido, e a sr.<sup>a</sup> perderá um auxiliar, ou pelo menos, muito tempo.

— Isso é justo.

— Mas há um meio, disse Florencio.

— Qual é?

— Em lugar de subtrair à carta, copial-a-hei, e trar-lhe-hei a copia; mas para isso é preciso que a sr.<sup>a</sup> me empreste a sua chave.

Julia encarou Florencio com desconfiança.

— A sr.<sup>a</sup> não tem de que ter receio, continuou o criado, que lhe surprehendera o olhar, não tenho idéa de a atraíçoar.

Mas, mais tarde, precisarei do original, continuou Julia, dando a chave ao criado de Leão.

— Ha-de tel-a. Se a sr.<sup>a</sup> quizer esperar, é provável que tenha a colecção completa, porque a que veio hoje, é a primeira, mas não será, de certo, a ultima.

— És um rapaz d'espirito, Florencio.

— Mas a sr.<sup>a</sup> sabe, continuou o criado, que no dia em que eu subtrair, ou antes, deixar subtrair, essas cartas, perderei o meu logar?

— N'esse dia, vens para minha casa.

— Póde contar, com a minha dedicação, minha sr.<sup>a</sup>

— Assim o espero. Até ámanhã.

— Até ámanhã, minha sr.<sup>a</sup>

Ora, eis-aqui em que mãos se achava o futuro de Maria. A pobre e incauta senhora, nem mesmo suspeitava similhante trama, e, no outro dia, cheia de reconhecimento pelo sacrifício que Leão lhe fizera na véspera, escrevera-lhe para lhe agradecer, enchendo a carta com todas as imprudências d'uma mulher de dezenove annos. Fóra ainda

Marianna a encarregada de levar a carta; e a boa mulher, pouco habituada áquella especie de commissões, não comprehendia a imprudencia que havia tambem da sua parte, em ir pessoalmente levar a Leão as cartas de sua ama; porque, como vimos, podia ser seguida, e a prova, é que o foi.

Quando o sr. de Grige recebeu aquella segunda carta, juntou-a á segunda, fechou do mesmo modo a gaveta, e guardou, como da primeira vez, a chave no bolso; depois, anioso por ir a casa de Maria, vestiu-se e sahiu. Quem poderia impedir um homem como Leão, que fosse, apenas de dois dias, amante d'uma mulher como Maria, de guardar as cartas que recebera della? Logrando depois do marquez sair, tirou Florencio a chave da aljeira, abriu a gaveta, copiou as duas cartas, tornou a collocal-as no mesmo sitio, fechou de novo a gaveta, e correu para casa de Julia. Mas Florencio que era um pouco diplomata, e que chegaria a ser ministro, se não fosse criado de quarto, disse a Julia quando esta estendia a mão para receber as copias:

— Estas copias, minha sr.<sup>a</sup>, estão escriptas com a minha letra, e poderão, no caso de serem apprehendidas, comprometter-me e perder-me. Permitta, pois, que lhe dite o seu contheudo, porque a sr.<sup>a</sup> não deve ter os reccios que eu tenho.

Julia escreveu o que Florencio lhe ditava, e este apenas ella acabou de escrever, rasgou as copias, que elle proprio fisera, e sahiu.

— Até que enfim!... exclamou Julia, lendo as

duas cartas. Não tentaremos descrever o sorriso com que ella acompanhou estas palavras.

Durante este tempo estava Leão em casa de Maria. Esta começava a humanisar-se; havia já tres dias que chorava, e ent tres dias chora-se muito. Depois, os dias estavam sendo lindos, e ella era muito moça. Aquella falta, que a principio encarára com tanta exaltação, começava a apresentar-se-lhe menos irreparavel. Além de tudo isto, Leão era tão obediente, tão submisso, tão discreto; havia no seu amor tanta confiança e verdade, que seria uma barbaridade, não o recompensar um pouco pelo que fazia, e pelo que teria ainda de fazer. Não foi, pois, com lagrimas, como na vespera, que m.<sup>me</sup> de Bryon recebeu o seu amante; apenas o viu apparecer á porta do seu toucador, estendeu-lhe a mão dizendo: «Obrigada». Então convidou-o a assentar-se junto de si, porque comprehendera que era necessario não o ferir, se quisesse leval-o a obedecer-lhe sempre.

— Não me quer mal pela minha carta de hontem, não é verdade?

— Não me lembro senão da desta manhã.

— É muito bondoso! Não me tinha enganado; ama-me, não é assim?

— Terei ainda necessidade de o repetir? não o sabe tão bem como eu? a senhora, que não responde a este amor, senão com lagrimas e remorsos!

— Pois bem; não chorarei mais, para o futuro. E dizendo isto, não pôde conter um suspiro.

— O que diz?

— A verdade, continuou ella; digo-lhe meu amigo, que em vista do que eu soffro, advinhe o que tem soffrido, e que me arrependo de lhe ter feito tanto mal; considerei que é impossivel voltar sobre o passado, e que esse passado de tres dias, em que eu encontro o seu nome, não é talvez uma desgraça irreparavel, porque o sr. é muito nobre e leal, para que abuse. Disse comigo, Leão, que queria, para o futuro, recebel-o com o surriso nos labios, e a alegria no coração; quero, em fim, ser a alma da sua alma, e a confidente dos seus pensamentos. E agora, querer-me-ha mal?

— Ainda vae exigir de mim algum outro sacrificio, Maria!

— Não, coisa alguma que não lhe tenha já pedido, e que não me tenha já concedido. Escute o que vou dizer-lhe, Leão, e julgue-me depois. Qualquer que fosse a causa que me levasse a isso, é meu amante; confesso-lhe que é uma palavra, que nunca julguei ter de pronunciar, por que até ao presente, o meu amor tem sido santo e legitimo; mas, emfim, agora é mais senhor de mim do que meu marido, porque me dei, sem que coisa alguma me dêsse. Pois bem, meu amigo, ver-nos-hemos todos os dias, escrever-lhe-hei todas as manhãs, e todas as tardes, se isso lhe agradar, Contar-lhe-hei a minha vida, minuto por minuto; mas...

— Mas ?...

— Não me ha-de fazer córar em presença d'Emmanuel....

—Hei-de resignar-me, porque me não ama. E dizendo isto levou ambas as mãos á cabeça, com a maior expressão de desanimo.

—Sou franca, unicamente. Os homens nunca acreditam no amor d'uma mulher, senão quando ella se lhes entrega; mas o sr., já não precisa d'essa prova. Ora confesse, não é mil vezes mais suave, eslarmos, como agora, juntos um de outro, sem reccio e sem remorsos, deixando que, por assim dizer, se fallem as nossas almas, abandonando-se a alegrias celestes que nunca podem ser perturbadas pelas paixões humanas? A minha felicidade Leão, depende do que lhe peço; recusa-mo? Então, pertencer-lhe-hei ainda mais do que pôde julgar; presente ou ausente, será sempre acompanhado pela minha alma, pelo meu pensamento, porque então, proteger-me-ha contra mim mesma, conservando-me pura; e juro-lhe que nenhum outro homem obterá de mim, o que hoje lhe recuso. Pois não comprehende Leão, a santa voluptuosidade, de encontrar uma irmã inesperada, e de poder dizer: Ha alguém que pensa em mim, cujas orações não chegam nunca aos pés de Deus, senão de envolta com o meu nome; alguém que sente por mim um amor tão casto, como o dos anjos? Diga, não é este o unico amor possivel; não deve elle ser mais duradouro do que essa paixão a que os homens deram erradamente o mesmo nome?

São extraordinarias as mulheres! Se Leão consentisse desde logo no que Maria lhe pedia, ter-se-hia esta, pouco a pouco habituado aquelle ge-

nero de vida, que acabára de traçar, e chegaria um dia em que se conveneceria de que nunca fôra amante de Leão; mas este ultimo não respondia. Com a cabeça inclinada para o chão, procurava interiormente a impossivel solução d'esse problema chamado mulher. Por mais violento que fosse o seu amor, não estava na sua mão evitar, que esfriasse um pouco, em presença das eternas exigencias de Maria; por isso, começava a ligar-lhe o calculo, uma vez que já o coração não lhe parecia bastante para convencer: Maria, vendo que Leão lhe não respondia, approximou-se-lhe, e inclinando a cabeça sobre a do marquez continuou:

— Que tem? Quer-me mal! O sr. é que me não ama; obstina-se em não querer comprehenderm-me.

E como Leão não fizesse o menor movimento, foram os labios de Maria pousar-lhe fraternalmente, mas com certo esforço, sobre a fronte, como se desde logo quizesse dar-lhe o primeiro penhor do tractado que acabava de propôr-lhe.

— Vejamos, Leão; é o sr. quem pela sua vez se torna mau, e que já me não ama, depois de lhe confessar o meu amor. Escute o que lhe digo; estamos chegados á primavera, irá comosco para o Poitou. Alli estaremos sós; teremos grandes e lindos dias, em que passearemos muito; não teremos necessidade de nos occultarmos, mais do que n'outro tempo, porque seremos estranhos ao mal.

Leão não respondia.

Maria tomou-lhe a cabeça entre as delicadas

mãos, e beijou-o como se fôra uma creança. Não será uma coisa extraordinaria, esta mulher pedindo a um homem que não a ame, mas pedindo-lho com todas as maneiras empregadas pelo amor mais terno? O que havia de mais incrivel, e de mais verdadeiro ao mesmo tempo, em tudo o que Maria dissera; é que ella acabára por acreditar na possibilidade de associar os dois amores d'Emmanuel e de Leão, tão diferentes um do outro! É que se o sr. de Grige consentisse em esquecer o passado, ella o esqueceria com a mesma facilidade, até ao dia em que a fatalidade o evocasse mais terrivel e medonho do que nunca fôra.

Eram seis horas. N'aquelle epocha do anno, isto é, em fevereiro, as seis horas marcam o ponto mais mysterioso do dia, em que, o lume do fogão se vae extinguindo, antes de que se tenham aceso as velas, e em que toda a gente se entrega a uma doce meditação, quando está só, e ás confidencias mais intimas se está acompanhado de outra pessoa.

Eram, pois, seis horas, e Leão só estava acompanhado por Maria.

E todavia dissera a pobre senhora: «Esqueça-se de mim;» mas não soubera dizer mais do que isto. Não ousava retirar a sua mão da mão d'Emmanuel, e este, olhando-a ternamente, repetia-lhe baixinho:

—Se soubesses como te amo, Maria; nunca fui amado por uma mulher como tu! Não me expulses do teu coração. Não exijas que me esqueça; não me roubes a esperança. Não me ouves, Maria?

Ella, com affeito, não ouvia, não pensava, nem dizia coisa alguma. Abandonava-se aos braços de um homem que a attrahia ; exaurida a força tanto do corpo como da alma, a pobre senhora era impotente contra aquellas luctas desconhecidas. Pedía simplesmente um sacrificio, em nome da sua felicidade e repouso, e, vendo, apesar d'isto, a insistencia do seu amante, já não podia combater mais senão com as lagrimas. Conhecia-se ligada áquelle homem por um minuto da sua vida passada, mas ligada para sempre, se elle o quizesse, por isso só pedia a Deus que lhe dësse a morte antes que Emmanuel conhecesse a terrivel realidade.

É extraordinario o destino das mulheres ! Por um momento de esquecimento que, como sucedera a Maria, lhes pôde ser quasi surprehendido, ficam pertencendo, corpo e alma, ao homem a quem tão imprudentemente se entregaram, pelo menos em quanto lhe agradarem !...

Na vespera não havia senão um dia que Maria desejava riscar da sua vida ; no outro dia havia dois. Então sucedeu, o que devia suceder. Maria, vendo que de novo havia succumbido á vontade do seu amante, quiz achar um motivo de desculpa, que não podia ser senão o seu amor por Leão. Aceitou pois esta desculpa, e, todavia, como no fundo do coração estava convencida do contrario, comprehendeu que necessitava possuir-se bem d'aquelle idéa, para supplantar, senão para calar aquella voz secreta. Seguiu-se escrever a Leão, de manhã e de tarde cartas as mais apaixonadas ;

desejava vê-lo todos os dias ; e, tanto se havia mostrado fria para com elle, como então se mostrava feliz e altiva com o seu amor. É verdade, que muitas vezes, quando embriagado de alegria e felicidade, Leão a deixava. Maria chorava como uma louca ; não com receio do futuro, que ella ainda não entrevia ; não com reinorsos do passado ; mas porque apesar de tudo que podia fazer, não sómente Leão lhe continuava a ser indiferente, mas porque se-lhe tornava odioso, e porque sentia amar. Emmanuel mais do que nunca ; porque a sua falta lhe augmentava este amor. Mas não havia meio de recuar ; era indispensavel, como sucede ao homem, que se lança por uma janella, e que depois de ter perdido o pé, se arrepende do que fez, despenhar-se até ao fundo do erro, mesmo com o risco de se despedaçar.

Leão, graças ao amor proprio que Deus, por piedade, concedeu ao homem, como meio de felicidade, tomava ao serio quanto lhe dizia Maria, e por isso adorava-a realmente. Todos os dias, quer Emmanuel estivesse em casa, quer não, visitava a sua amante, e não sahia senão quando já se tornava impossivel continuar a estar. Maria não tinha, nem aos olhos do mundo, nem aos seus, nem mesmo aos de Deus, desculpa possivel. Via-se obrigada a fechar os olhos, para caminhar n'aquelle nova estrada, em que era guiada por um homem desconhecido, em cuja presença se sentia córar, a quem se dava sem amor, e já sem pudor. Era a eslatua d'um anjo profanada por um sacrilegio.

Marianna bem via como sua ama se perdia, mas

a pobre mulher não se atrevia a dizer coisa alguma; a sua natureza era boa, mas fraca e sem energia. Capaz de se deixar matar sem soltar um grito, por um capricho de Maria, era incapaz de patenteiar, mesmo para seu bem, uma vontade quemada de Bryon; tão fraca como ella, teria aceitado, sem ousar resistir-lhe. E depois, Marianna julgava pelas apparencias, e, convencida de que Maria amava Leão, sabia apenas orar pela pobre senhora, e se não proteger, ao menos occultar quanto lhe era possível, aquelles amores, que todos os dias receava vér divulgar.

Havia ainda o conde, a quem a velha experiência impelia a acreditar as coisas que lhe desmentiam a sua affeção de pão. Muitas vezes visitará sua filha, e sempre alli encontrará Leão; Maria, em quanto seu paé se achava presente, parecia contrafeita, não mostrava ter n'elle aquella confiança que parte d'uma consciencia pura. Vinte vezes o conde esteve a ponto de fallar francamente a sua filha, da eterna presençā de Leão n'aquella casa, e de fazer-lhe notar o que, pelo menos como elle o julgava, não era ainda mais do que uma inconsequencia; mas nunca o ousará porque temia lembrar a sua filha, a possibilidade d'uma coisa, que a sua innocencia nem talvez mesmo suspeitava. Mas, nem por isso deixava de soffrir, e estudava continuamente Emmanuel, esforçando-se em surprehender-lhe no rosto algum signal de tristeza, ou de desgosto, que lhe provasse, que já fôra notado por um outro, aquillo que elle mesmo notára; mas Emmanuel

manuel era sempre o mesmo; sempre bom, sempre feliz, sempre incapaz de conceber a menor suspeita de sua mulher.

O que havia de certo para o sr. d'Hermi, era que sua filha, fosse qual fosse a razão, já não era para elle o que d'antes fôra. Com effeito, a pobre Maria, surprehendera muitas veses o olhar de seu pae, que disfarçadamente a observava, e parecera-lhe que áquelle olhar paternal e profundo coisa alguma poderia escapar, e que lhe devia ter aberto o seu coração, como se fôra um livro, dizendo-lhe tudo que elle queria occultar. Advinhára tristemente quantas vezes seu pae quiserá fallar-lhe de Leão, e tinha sempre, com seu desastrado receio, assustado a conversaçao, ou mudado rapidamente d'assumpto, sem comprehender que em vez de destruir as suspeitas do sr. d'Hermi, as confirmava pela insistencia, visivel para toda a vista exercitada, que ella empregava em não responder. Como era natural, um tão continuo terror, lançava uma certa frieza entre o pae e a filha, que evitava quanto lhe era possivel, achar-se só com o conde, não indo quasi nunca visitá-lo, porque sentia, que á primeira palavra que seu pae lhe dirigisse, confessar-lhe-hia tudo; e então, Deus sabe o que succederia.

O pobre pae, sentia-se, pois, horrivelmente consternado. Vinte vezes estivera a ponto de ir, elle proprio, procurar Leão, e pedir-lhe em nome da sua honra, que lhe dissesse toda a verdade, ainda que tivesse de lhe beijar os pés, para obter delle que saisse de Paris, e que restituisse o repouso

a sua filha. Mas, sentira-se sempre contido, em primeiro logar, pelo pensamento realmente paternal, de que poderia estar illudido ; e depois, porque não sabendo com quem ia tratar, e qual seria o genero do coração do marquez, podia aquella confidencia tornar-se mais prejudicial do que util a Maria, e ser conhecida de Emmanuel, que, como já dissemos, parecia não suspeitar coisa alguma, e que, com effeito, não suspeitava.

Mas alguem havia que velava sempre, e que se encarregava de illueidar todo o mundo. Era Julia !

---

XII

A reforma politica, começava a sua invasão, e o sr. de Bryon era um dos seus principaes chefes. Todas as idéas generosas e liberaes se lhe agrupavam no coração; não era unicamente moveido pela ambição: queria o bem do seu paiz, pelo bem em si mesmo, e não pela posição que d'ahi poderia obter. Como já vimos, o governo, tentára fazel-o parar no caminho que seguia, atirando-lhe com uma pasta, bolo com que se acalmam todos os cerebros politicos; mas Emmanuel recusára, por que, com a pasta, não lhe concediam tudo, que em boa justiça, elle queria que fosse concedido ao povo. Se não tivessemos de seguir o nosso principal assumpto, fallariamos dos projectos politicos d'Emmanuel, e muitos dos nossos homens d'estado, se achariam bem pequenos.

nos a par do nosso heroe; mas como não trattamos senão de um simples estudo do coração, é claro que não devemos, de modo algum, ocuparmo-nos, da reorganisação social. Não podemos senão indicar, de tempos a tempos, os acontecimentos politicos da vida do sr. de Bryon, para mostrar como elles se achavam fatalmente ligados á sua vida privada. Foi a sua reputação que lhe attrabiu Julia; foi a sua reputação que lhe deu o amor de Maria; foi a sua reputação, á qual sacrificou algumas horas de felicidade domestica, que produziu os acontecimentos, que vamos fazer conhecer.

Ja ter logar em Poitiers uma reunião reformista, a que Emmanuel devia presidir. Quando recebeu o aviso, disse a Maria, que se ausentava por alguns dias sómente, e partiu. Sua esposa sentiu-se quasi feliz com aquella ausencia, que lhe dava o tempo de poder olhar em torno de si, e de pôr em ordem as suas idéas.

Duas horas depois de Emmanuel partir, já Leão estava junto de Maria. Para Julia tinha chegado o momento de operar. A Lovely não ignorara a partida do sr. de Bryon, e conhecera a immediata presença de Leão junto de sua esposa. Dirigiu-se logo a casa do marquez, e apoderou-se dos originaes das cartas, cujas copias já possuia. Depois de ter em sua mão aquelles papeis, foi a casa de m.<sup>me</sup> de Bryon, e pediu para lhe fallar. Responderam-lhe que m.<sup>me</sup> de Bryon não recebia. Deixou o seu bilhete, e apresentou-se no outro dia. Maria tinha saído.

— Diga a sua amia, disse Julia ao creado, que faz muito mal em não querer receber-me.

Percebia-se n'aquelle phrase uma certa ameaça, a que o creado, não respondeu coisa alguma.

Quando Maria chegou, entregaram-lhe o segundo bilhete de Julia, e o creado repetiu o que lhe tinham encarregado de dizer.

Maria tinha sobejas razões de tudo recear. Entregou os dois bilhetes a Leão, perguntando-lhe se sabia o que aquillo queria dizer. Leão ao lér o nome de Julia empallideceu; mas não quiz dizer coisa alguma, nem fazer a menor suposição antes de lhe ter fallado. Respondeu a Maria que não conhecia aquelle nome; mas teve um terrível pressentimento.

Às seis horas dirigiu-se á rua Taitbout. Julia estava em casa. Leão como conhecia o caracter da sua amante, não quiz entrar francamente na questão; procurou empregar a astúcia.

— Ah! é o sr.? disse Julia com um modo encantador. Quasi que nunca o vejo. Ha dois dias que nem mesmo oiço fallar no seu nome.

E dizendo isto, apertava a mão tremula que lhe offerecia Leão.

— Já sabe tudo pensou ella; vejamos o que faz.

E encarou o seu amante, para se assegurar de que não era muito para receiar, como adversario. Ouve um momento de silencio, durante o qual os dois combatentes preparavam as suas armas. Foi Leão quem primeiro tomou a palavra.

— Ora diga, Julia, mas, francamente; ha algum motivo por que me queira mal?

— Querer-lhe mal, meu amigo? E porque? Por já me não amar?

Leão esteve a ponto de negar.

— Quer talvez dizer-me que ainda me ama? continuou Julia. Se o disser parecer-me que falta á verdade; dé-me a honra de ser franco comigo. Ha já bastante tempo que não gosava da sua companhia, meu amigo; amei-o muito sinceramente para que o seu amor ainda pudesse durar.

Tudo isto era dito com uma tal tranquilidade, que Leão chegou quasi a duvidar que tivesse sido Julia, quem tinharido a casa de Maria, porque julgara não dever atribuir similhantes visitas senão ao ciúme.

— Mas, pela sua parte, também já me não ama tanto.

— Porque seria uma loucura amar um homem que já me não ama.

— N'esse caso, se já não me ama, creio que não haverá motivo para que me odeie, e que não procurará dar-me qualquer desgosto?

— Ao sr.?

— A mim, ou a qualquer pessoa por quem me interesse.

— Eis-nos chegados ao ponto, disse consigo Julia. Esplique-se, meu amigo; não o comprehendo.

— Escute, continuou de Grige, a quem pareceu preferivel o raciocínio á colera; tomando

entre as suas, as mãos de Julia; sabe, melhor do que ninguem, que é impossivel impôr preceitos ao coração. A sr.<sup>a</sup>, mesmo, tem, involuntariamente, feito soffrer pessoas que a amavam, porque o coração as arrastava para novas affeições. Talvez eu a tenha feito soffrer,

— Que fatuidade! murmurou Julia.

— Mas bem sabe, que á falta de amor, consagr-lhe-hei a amizade mais pura e dedicada!

— E depois? disse Julia no tom da mais atroz ironia.

— Depois, continuou Leão, empallidecendo ligeiramente; nunca eu proprio lho disse, porque ha sentimentos que eu respeito, e susceptibilidades, que nunca ataco, mas talvez alguém já lhe dissesse que tenho uma nova amante. Se lhe disseram que amo essa mulher, disseram-lhe a verdade; agora que a sr.<sup>a</sup> está a sangue frio, posso confessar-lhe estas coisas. O que talvez lho não disseram, é quanto eu respeito essa mulher, quanto ella merece o meu respeito, e qual o interesse que eu tenho pela sua tranquilidade.

— Pelo contrarip, sei tudo isso; e tão bem sei que o sr. não tem conservado as suas relações comigo, senão para occultar essa ligação, que necessitava occultar. Bem vê que estou em dia.

E Julia olhou para Leão d'um modo, que o embaraçou; foi um olhar que não promettia nada bom.

— Cheguemos, pois, ao ponto, continuou elle, mas querendo affectar não conhecer toda a verdade. Venho agora mesmo de casa da pessoa, de

que há pouco lhe fallei, e que me disse que por duas vezes fôra procurada por uma mulher desconhecida, que não quizera dizer o seu nome; mas, pelos signaes que me deram d'essa desconhecida, julguei reconhecer-a, e vim aqui para ter com a sr.<sup>a</sup> uma explicação a esse respeito, e perguntar-lhe, no caso de ter sido a sr.<sup>a</sup> quem se apresentou em casa d'essa tal pessoa, o que é que desejava dizer-lhe.

— Mais nada? perguntou Julia no tom mais insolente que pôde imaginar-se.

— Mais nada; repetiu Leão, que começava a encolerizar-se.

— Pois bem; há em tudo isso alguma verdade. Unicamente, se m.<sup>me</sup> de Bryon lhe disse que tinha sido procurada por uma mulher desconhecida, mentiu-lhe, com certeza a seu marido, quando lhe diz que o ama, por isso que de cada uma das vezes lhe dei um bilhete com o meu nome.

Julia, fallando assim, affectava a maior indiferença, brincando com os heróques da sua cadeia do relojo. E depois continuou, sem que Leão tivesse podido encontrar uma palavra para lhe responder.

— Quer saber agora o que eu tinha a dizer á sua nova amante? Eu lhe digo; era uma coisa bem simples: queria sómente dizer-lhe; continuou Julia, acentuando cada uma das suas palavras, que me chamo Julia Lovely, que há dois annos que sou sua amante; que soube que, por ella, sou enganada pelo sr. e que quero contar

tudo a seu marido. Eis-aqui, meu charo Leão, o que eu tinha a dizer lhe.

De Grige estava estupefacto, olhando para Julia. Esta, surria, como se tivesse dito a coisa mais vulgar d'este mundo.

— Pois queria dizer-lhe isso? perguntou Leão, quasi involuntariamente.

— Ném mais, nem menos, respondeu Julia, juntando á resposta um signal de cabeça affirmativo, e olhando para o seu amante de modo a fazer-lhe comprehender todo o odio que tinha na alma.

— E agora? perguntou Leão, n'um tom ameaçador.

— Agora, direi tudo do mesmo modo ao sr. de Bryon, mas sem previnir sua esposa, visto não ter querido receber-me. O sr. de Bryon foi meu amante, e houve-se mal comigo; tenho sido sua amante, amava-o espontaneamente, e dizendo isto soltou Julia uma gargalhada; e o sr. engana-me com sua mulher. Vingo-me ao mesmo tempo d'elle e do sr. Ha-de convir que não é mal combinado, não é assim?

— E acredita que consentirei em tudo isso? Disse Leão, levantando-se.

— Ha-de consentir, respondeu Julia, erguendo-se tambem.

— Se põe em prática a menor coisa do que me disse, Julia, aconselho-lhe que se acantelle!

— Que me ha-de o sr. fazer?

— Tudo! Ainda mesmo....

— Ainda mesmo que tenha de matar-me, em?

Então já se matam assim as mulheres? Pois asseguro-lhe, Leão, que hei-de fazer tudo que disse. Ora, como sou franca, vou dizer-lhe como e porque o farei. Em primeiro logar é preciso que o desengane d'uma coisa, que talvez um dia, lhe produza remorsos: nunca o amei....

— Que m'importa?

— Então, tanto melhor; mas, em contraposição, estive a ponto de adorar o sr. de Bryon. No dia em que elle desposou m.<sup>elle</sup> d'Hermita tornei-me sua amante, Leão, e se o sr. não fosse a propria fatuidade, teria desconfiado da subita mudança, que a seu respeito, se tinha operado em mim. Tinha-o sempre, até então, achado um ente insignificante, e de repente, sem transição tornei-me louca pelo sr. Era realmente inverosímil. Perlenchia-lhe ao sr. investigar a causa de tudo isto, porque a tinha, e eu lhe digo qual era:

Leão passeava a passos largos, em toda a extensão da sala.

— Não se impaciente, disse Julia; ha-de estimar saber tudo que vou dizer-lhe, porque não haverá senão Deus, o sr. e eu, que o saibamos. Tornei-me sua amante, porque conheci o amor que experimentava por m.<sup>elle</sup> d'Hermita, e porque, não acreditando na virtude das mulheres, logo previ que chegaria a ser seu amante, e tanto mais que logo tencionei inflamar, quanto me fosse possível, esse amor.

Devo confessar que a pobre creança se defendeu quanto lhe foi possível, e por isso tive de o supportar durante dois annos, ao sr., que eu não

amava'; mas emsí, succumbiu, e o castigo seguirá de perto a falta, como nos melodramas do *boulevard*. Vae talvez perguntar-me qual o interesse que eu tenho em perder m.<sup>me</sup> de Bryon. Basta que saiba que não sou a isso movida pelo ciúme. Se não houvesse mais do que esse motivo, deixal-a-hia tranquillo, mas ha uma rasão mais grave, uma rasão d'estado. Sacrificeo-a á felicidade do meu paiz!

E dizendo isto, soltou uma gargalhada.

— E julga, disse Leão, no tom do mais profundo desprezo, que mr. de Bryon acreditará uma mulher perdida, como a sr.<sup>a</sup>?

— Mas acreditará a letra de sua mulher, quando lhe eu mostrar as cartas que ella tem escripto ao seu amante.

Leão tornou-se pallido, como um spectro.

— Pois tem essas cartas em seu poder? exclamou elle.

— Pôde acreditar-o.

— Então roubou-as?

— Exactamente. Não esteja cerrando os punhos, porque lhe asseguro que não conseguirá coisa alguma encolerisando-se.

— Mas onde estão essas cartas?

— Aqui; disse Julia levando a mão ao seio.

— A sr.<sup>a</sup> vae entregar-lhe essas cartas! bradou de Grige espumando de raiva, e avançando para Julia.

— Se o sr. dá mais um passo, disse ella, com um sangue frio mais terrivel do que todas as coleras; abro esta janella, e grito contra um as-

sassino, faço com que seja preso, declaro o motivo porque pedi soccorro, e entrego nas mãos da auctoridade competente as copias d'estas cartas, cujos originaes ficarão em meu poder.

— Que infamia! murmurou Leão, que sentia humedecerem-se-lhe os olhos com as lagrimas produzidas pelo sentimento da sua impotencia e derrota.

— Note, continuou Julia com o eterno sorriso, que coisa alguma lhe fazia desapparecer dos labios, note que previ tudo. Já não pôde vingar-se de pessoa alguma, nem mesmo do seu creado, que de certo vae immediatamente despedir, e que eu vou tomar para o meu serviço; nem mesmo de mim, que sou, aos seus olhos menos do que um creado, que sou uma cortesã; mas, no seculo em que estamos, uma cortesã, é tão poderosa, ou talvez mais poderosa, pela sua bellesa, do que os mais nobres nomes. É demasiado o numero das que, de entre nós, vão morrer ao hospital, para que não fiquem algumas, que saibam fazer fortuna.

Esta ultima phrase foi para Leão, um raio de luz.

— Ha um meio de obter estas cartas, pensou elle. Escute, Julia, continuou elle em voz alta, e affectando a maior resignação, a sr.<sup>a</sup> tem nas suas mãos a vida de dois homens, a honra d'uma mulher e o repouso de uma familia inteira que lhe não fez mal algum.

— Sei tudo isso muito bem.

— Por quanto me vende tudo isso?

— Por dois milhões, respondeu Julia, surrindo sempre.

— Não tenho mais do que um ; dé-me essas cartas, e é seu.

— Pois por eu saber que o sr. não tem mais do que um, é que lhe pedi dois. Não vendo estas cartas. Deixo de fazer a minha fortuna com o sr. ; mas fal-a-hei talvez, com um outro.

— Julia.... disse Leão n'um tom supplicante.

— Confesse que commetteria um crime para obter estas cartas. Eis a honra de um homem. Se eu quizesse ser marqueza de Grige, sel-o-hia, com tanto que lhe levasse em dote este macinho de cartas.

Leão não respondeu.

— Não necessita responder, tenho a certesa de que consentiria. Vê-se que tem muito amor a essa mulher, mas ainda assim não a ama tanto, quanto eu o desresco ao sr. Não ha coisa mais miseravel e despresivel do que um homem vencido e subjugado por uma mulher, contra quem não pôde nada !

E dizendo isto, tocou a campainha.

— Que vac fazer ? disse Leão ; em quem a colera, já perturbava as idéas.

— Vou mandar estas cartas ao correio. Que surpresa para o pobre Emmanuel !

— Julia, a sr.<sup>a</sup> não fará similhante coisa.

— Se duvida escute.

N'este momento entrou a creada do seu quarto. Julia tirou do seio um macinho de cartas.

— Vês este macinho, Héneiqueta ? perguntou Julia á creada.

— Sim, minha senhora.

— Vaes já leval-o ao correio. Lembra-te que não te deves demorar no caminho, por coisa alguma deste mundo.

— Como a sr.<sup>a</sup> está pallida! disse a creada, olhando ao mesmo tempo para Leão, mais pallido ainda do que Julia. O João está lá em baixo, acrescentou ella em voz baixa.

— Não tenho de que receiar, continuou Julia; vae, minha filha, vae.

Henriqueta saiu.

No momento em que a creada saiu, pegou de Grige no chapéu, preparando-se para seguir-a.

— É inutil, lhe disse Julia, assentando-se; estou certa que não lh'as daria ainda que o sr. lhe offerecesse o que eu ha pouco recusei. Imagine meu charo Leão, que esta excellente rapariga que acabou de vér, teve ha tempo um filho, a quem affogou.

As provas do crime estão em meu poder; de sorte que a pobre rapariga tem mais medo do patibulo, do que desejos de possuir o seu milhão.

É para que veja como sei segurar-me com a gente que escolho para o meu serviço. Deixe-a ir pois, seu caminho. Demais nem todas as cartas de m.<sup>me</sup> de Bryon, se acham no macinho que mandei para o correio; fiquei com algumas de reserva para o caso em que as primeiras se desemcaminhem. Sou muito previdente, acredite. No fim de tudo, não faço mais nem menos do que assegurar a

sua felicidade. Depois de todo este escândalo, poderá possuir Maria, sem a menor reserva; e as mulheres não se acharão nunca com vista bastante para o contemplarem, ao sr., o amante de m.<sup>me</sup> da Bryon, a mulher virtuosa por excellencia. Asseguro-lhe que se tornará o homem da moda.

— Muito bem, senhora. Foi quanto Leão pôde dizer; sentia-se suffocado pela cólera.

E sahio, que mais parecia um louco, do que um homem sensato.

— Eis-alli o homem mais desgraçado que hoje se encontra em Paris, disse Julia vendo-o da janela subir para a carroagem, mas, a cada um a sua vez.

Em seguida lançou mão d'uma pena; e escreveu:

— *Minha senhora,*

«Por duas vezes me apresentei em sua casa, e sem que por nenhuma dellas, me quizesse fazer a honra de me receber. Facilmente perdão a quem me causa um desgosto; não, perdão a nunca a quem me insulta. Acabo de remetter a seu marido, meu antigo amante, as cartas que a sr.<sup>a</sup> escreveu ao sr. de Grige, meu actual amante ou antes, nosso amante.»

— *JULIA LOVELY.*

No momento em que acabava de escrever, entrou Henriquela.

— Fizeste o que te disse? perguntou-lhe Julia,

n'um tom em que se advinhava o mais severo castigo, no caso de desobediecia.

— Sim, minha senhora, respondeu Henriqueta; mas com certo embaraço.

— Bem; manda esta carta ao seu destino, e diz lá em baixo que não estou em casa para pessoa alguma.

---

### XIII

Como dissemos, Leão ficára como louco.

— Que hei-de fazer! Que hei-de fazer?.... exclamava elle; cada minuto de inacção, é um anno de felicidade que roubo a Maria.

Não houve combinação imaginavel que lhe não atravessasse o espirito, mas todas cahiam diante da palavra: — impossivel. Fortuna, vida, honra, tudo daria por Maria; e não achava meio de a salvar. Toda a tentativa conduziria a um escândalo maior ainda, do que aquelle que ia ter lugar, deixando as coisas caminhar por si. Mas qual o modo de confessar tudo a Maria? Era para o que Leão não se sentia com animo. Errou por muito tempo, sem destino, por differentes ruas de Paris, e á noite, sem saber o que fazia, entrou no club, não ousando, nem voltar para casa, nem

ir a casa de m.<sup>me</sup> de Bryon. Durante este tempo, fôra João, o creado de Julia, levar a carta, que esta escrevera a Maria, e tinha logo em seguida voltado.

— Estava em casa m.<sup>me</sup> de Bryon? perguntou Julia, ao creado.

— Sim, minha senhora.

— Só?

— Estava com seu pae.

— Muito bem. Que te disse ella?

— Quiz saber a morada da senhora.

— Disses te-lhe aonde era?

— Sim, minha senhora.

— Agora não te esqueças de que não estou em casa para pessoa alguma.

Julia ficou só. Sentia se commovida, porque esperava a visita de Maria, e, por mais forte que se seja, ninguém se lança assim atravez do destino d'uma mulher sem experimentar alguma commoção. Julia precisava, de espaço a espaço, recordar-se bem de todas as rasões que tinha para se vingar de Emmanuel, e desculpar-se assim, a seus proprios olhos, não descendo nunca ao fundo do coração, porque, a seu pezar, encontraria alli precoces remorsos, que não podiam já deixar de augmentar.

— Para que nos havemos arrepender do que fizemos? exclamou ella de repente. E demais, agora já é tarde.

Eram dez horas, entrou João para dar um recado.

— Está lá em baixo uma senhora, com o rosto

\*

todo coberto por um veu, que pede para lhe fallar.

— Não disse já que não recebia ninguem?

— Mas a tal senhora insistiu tanto, disse-me que se tratava de coisas tão graves, que me resolveu a transgredir o ordem que tinha recebido.

— Como se chama essa senhora? perguntou Julia, que bem sabia ser Maria, quem a procurava.

— Não me disse o nome.

— Pois que o diga; não recebo pessoas de quem ignoro o nome.

Alguns minutos depois voltou João, trazendo um bilhete.

— M.<sup>me</sup> de Bryon em minha casa! exclamou Julia, como se fosse grande a sua admiração, e de modo que João ouvisse o nome. Manda entrar.

Appareceu Maria. A pallidez conhecia-se-lhe atravez do veu. Apenas se achou em presença de Julia, não pôde continuar a resistir ás commoções que havia duas horas a agitavam, e deixou-se cahir sobre uma cadeira, debulhando-se em lagrimas.

Eis o que se tinha passado. Maria, como dissera João, estava com seu pae, quando recebeu a carta de Julia. Esta carta fôra tão inesperada e terrivel, que a pobre senhora empallidecera a ponto de attrair á attenção do conde, que logo se lhe aproximou, perguntando-lhe o que tinha; mas, por um momento machinal e rapido, lan-

çára no fogo aquella carta, que não necessitava lér segunda vez, e cujos caracteres lhe haviam parecido de fogo.

— Perguntam a morada; fóra quanto m.<sup>me</sup> de Bryon podéra dizer.

— Que diz essa carta? perguntou o conde.

— Nada meu pae, respondéra Maria estendendo-lhe a mão.

— Tens segredos para mim?

— Não tenho, de certo; meu pae.

— Alguma má noticia?

— Não; trata-se apenas d'um certo negocio.

— Mas porque empallideceste tanto?

— Primeiro assustei-me, quando ouvi bater; depois as primeiras palavras da carta presagiam quasi uma desgraça, fazendo-me receiar um momento por Emmanuel; mas no fim de tudo, como já lhe disse, não é coisa que me impeça de dormir. E Maria, ao dizer estas ullimas palavras, olhou para o relogio.

— Então despedes-me?

— Que lembrança meu pae!

— Mas como já me socegaste, não tenho mais que fazer aqui, e vou deixar-te: até ámanhã.

— Até ámanhã, meu pae.

E abraçaram-se ternamente. Entretanto o sr. d'Hermit ficára sempre inquieto. Não se podia livrar das apprehensões, que tivera sobre aquella carta; suspeitava um mysterio qualquer; todavia sahiu.

Maria via-o afastar-se com uma impaciencia, que não passou desapercebida ao conde. Acom-

panhou-o até á ante-camara, recebeu ainda um abraço do conde, e voltou logo para o seu quarto. Ainda o sr. d'Hermi não tinha fechado a porta quando ouviu um violento toque de campainha, que partia do interior da casa. Pareceu-lhe que seria Maria que chamava a creada do quarto, para se deitar, e desceu. Mas apenas descera alguns degraus, ouviu abrir a porta que elle acabara de fechar, e viu um creado descendo a mesma escada que elle descia, mas com uma pressa incrivel. Pulava os degraus a quatro e quatro.

— Onde vaes? perguntou o conde ao creado.

— Vou mandar *pôr o trem*, sr. conde.

— A sr.<sup>a</sup> vae sahir?

— Sim, meu senhor.

— Então vae, vae depressa.

O conde ficou pensativo. Onde poderia ir sua filha a similhante hora? Esteve quasi resolvido a subir novamente, mas, reflectindo melhor, continuou a descer. Mandou retirar a sua carroagem, e mandando aproximar um trem de praça, que passava n'aquelle occasião, mandou-o estacionar a alguma distancia, e occultando-se o mais que pôde na sombra, esperou. Passado um quarto de hora, pouco mais ou menos, abriu-se o portão para dar passagem á carroagem de m.<sup>me</sup> de Bryon. O conde subiu para o cabriolet que o esperava, e ordenou ao cocheiro, que seguisse a carroagem, o que não era coisa facil; mas acenou-lhe com um *luiz*, e, como por encanto, lembrou-se o mesquinho cavallo de que ainda tinha pernas, con-

seguindo conservar-se a trinta ou quarenta passos da carroagem. Esta atravessou a ponte dos Saint-Pères, o postigo do Louvre, a praça do Carroussel, tomou pela rua do Delphin, pela de S. Roque, e da Michodiére, atravessou o boulevard, e parou no n.º.... da rua Taibout.

Por um momento tivera o sr. d'Hermi o terrible pensamento, de que Maria ia a casa de Leão; mas vendo o caminho que a carroagem seguia, viu com prazer que se havia enganado. E no fim de tudo, era possível que Maria lhe tivesse dito a verdade; talvez fosse efectivamente um negocio, cujos cuidados queria evitar a Emmanuel, o que a obrigára a sahir assim só, e de noite. Viu pois sua filha apear-se, e entrar para a tal casa. Passados cinco minutos, não a vendo sair, foi, por sua vez, bater à porta. O pobre pae achava-se no maior auge da inquietação. Entrou, e perguntou ao porteiro:

— Não entrou aqui, ha pouco, uma senhora?

— Sim, meu senhor.

— Onde foi ella?

O porteiro hesitou. O conde mostrou-lhe um luiz igual ao que déra pernas ao cavallo, e restituuiu assim a voz ao honesto cerbero. Muita rason tinhá Philippe de Macedonia em dizer, que se abriam todas as portas com uma chave de oiro.

— Onde, foi ella? repetiu o conde.

— A casa de uma senhora.

— Mas quem é essa senhora?

— M.<sup>me</sup> Julia Lovely.

— Mas em summa, o que faz essa senhora; a que classe pertence?

O porteiro surriu-se.

— Então?

— M.<sup>me</sup> Julia é uma cortezã; muito socegada, lá isso é verdade; não dá motivo de queixa a ninguem.

O conde sentiu esfriar-se-lhe o suor na fronte. Não podia colligir coisa alguma; mas o que era fóra de duvida, era que sua filha não teria de ir a casa d'uma mulher de similhante especie, de noite, e mysteriosamente, senão por uma rasão vergonhosa. Todavia, fez um esforço sobre si mesmo, e continuou:

— Tem vindo aqui muitas vezes, a senhora que ha pouco entrou?

— Foi a primeira vez que a vimos, não é verdade? perguntou o porteiro á mulher, diligenciando ganhar conscienciosamente os seus vinte francos.

— É a *pura da verdade*, respondeu aquella.

— Estão bem certos de que não se enganam?

— *A gente* nunca se engana, meu senhor.

— Muito bem, faz favor de me abrir a porta?

E ao mesmo tempo o conde lançou o *luiz* sobre a meza do porteiro, que obedeceu, fazendo-lhe um rasgado cumprimento. Depois do conde fechar a porta; não poude o pobre homem conter-se de contemplar beatificamente a moeda que recebera.

— É de 1815! disse elle.

E bateu-a sobre a pedra, para se assegurar da finura do toque.

— E eu que já estava a dormir! continuou o porteiro.

— Mas é o que diz o ditado, « quando quer ser nossa a fortuna, mesmo a dormir nos importuna. » Esta *graça* fez rir muito os dois esposos.

Em quanto ao conde, com o terror na alma, e as lagrimas nos olhos, tornou a subir para o cabriolet; e, apesar do frio, esperou.

---

Julia contemplava Maria. Sentia-se mais forte do que ella; não tinha de que recear; triumphava, emfim. Todavia, por um pudor bem facil de comprehendêr, não ousava ser a primeira em romper o silencio. Com Maria, não podia ella, como fizera com de Grige, jogar com as carlas na meza. Era-lhe ao contrario, preciso, que quando m.<sup>me</sup> de Bryon, saisse de sua casa, fosse convencida do direito que ella tivera de proceder por um tal modo, não podendo accusar da sua desgraça senão a si mesma. Julia tinha demasiado espirito, para que não se possuisse desde logo do papel que tinha a representar. Entretanto, conservando-se muda, contemplando a joven senhora, não poude deixar de dizer consigo: « É realmente muito linda!... »

Foi Maria, quem primeiro tomou a palavra.

—Estamos sós, senhora? perguntou ella.

—Completamente sós.

—É a senhora Julia Lovely?

—Sou eu mesma.

—Foi a senhora, quem ha pouco me escreveu?

Julia fez um signal afirmativo.

—A senhora sabe bem o que fez?

—Muito bem.

—Sabe que me perdeu?

—Sei.

—Sabe que aniquilou a vida de meu marido?

—Sei.

—E o futuro de minha filha?

—Sei.

—Pois a senhora sabia tudo isso, e fez similitante coisa?

Julia comprehendeu que não podia ter desculpa senão tornando-se cruel.

—Sim; disse ella ainda uma vez, appoiendo a cabeça na mão, e encarando a sua rival.

—Então odeia-me muito?

—Sim, odeio-a.

—Mas, que mal lhe fiz eu?

—O que me fez? Ainda pergunta o que me fez?! Tem-me cortado o passo em todas as minhas esperanças, como a propria fatalidade. Eu era amante de Emmanuel, quando elle começou a amá-la; era amada por Leão, quando elle se tornou seu amante. Entre nós, toda a indecisão deve desapparecer, quando um homem tem de escolher entre ambas. A senhora é mais moça, e mais bella; a senhora

dá-se sem nunca se ter vendido! Eis porque a odeio, e porque quiz destruir tudo que a torna superior a mim: reputação, família; amor e virtude; para fazer cair a estatua, desloquei-lhe o pedestal!

—Meu Deus! meu Deus! repetia Maria, soffocada pelas lagrimas; o que será de mim?

—Tornar-se-ha no mesmo em que se tornam todas as mulheres que enganam seus maridos. Emmanuel não é um marido vulgar, e é por isso mesmo que o quero vingar. Como foi, que amada por um tal homem, pouse enganal-o com outro, quem quer que elle fosse?

—E a senhora era o amante d'esse outro!

—O que! Pois faz-me a honra de nos collocar a ambas no mesmo nível? Então vale tanto a virtuosa Maria de Bryon, como a cortezã Julia Lovelv? Esperava, realmente, uma victoria, mas nunca a suppuz tão completa.

—Sou bem desgraçada! repetia Maria, aniquilada, exausta e incapaz de ligar as idéas, julgando a cada momento perder a rasão.

—Sei que deve soffrer muito, continuou Julia. Quem poderia dizer-lhe, á senhora, nascida no mais alto da escala social, que desceria um dia até ao ultimo degrau, para pedir a sua hora a uma perdida como eu? Bem rasão tinha eu em despresal-a; á senhora, que sem duvida voltava o rosto, quando, por acaso ouvia fallar de nós outras; bem fazia eu, nas minhas horas de abandono, em jurar-lhe um odio eterno; e bem fiz ainda, em me vingar por uma só vez, de todos

os despresos do passado! É uma aventura que fará efeito em Paris!

— Em nome do céu, disia Maria, que já não tinha força senão de supplicar, diga-me que tudo isto não passa d'um sonho, e que só teve o intento de me fazer soffrer; mas agora que vê quanto soffro, diga-me que quiz apenas, distrair-se; que não quiz perder uma mulher que só lhe fez mal sem o saber, mas que a abençoará se a salvar, que fará tudo que lhe determinar, que será sua escrava!

Se soubesse como eu soffro, senhora! Tinha perdido minha mãe, minha pobre mãe, que eu amava tanto! Então apparecia-me esse homem a todos os instantes! Em nome do céu, em nome de Emmanuel, que tanto amo, em nome de meu pae, da minha inocente filha, em nome de tudo que ha de mais sagrado neste mundo, salve-me, senhora, salve-me!

— Então, continuou friamente Julia, encostando-se ao leito, e contemplando a pobre creatura que se lhe arrojava aos pés; a senhora tinha uma mãe, cuja memoria pôde invocar; um pae que vive da sua vida, um marido da sua escolha, uma filha, um anjo que lhe chama mãe, um nome illustre, uma grande fortuna, e arrastou tudo isto pelo lodo, sem ter ainda vinte annos! Devia, com efeito, amar muito esse homem!

— Mas quem lhe disse que o amo, senhora?

— Não o ama?!

— Não.

— Não o ama?! repetiu Julia, cujos olhos bri-

lharam com a mais terrível alegria. Então ama um outro?

— E quanto? murmurou Maria soluçando.

— Seu marido, talvez?

Maria fez um gesto afirmativo.

— Eis-aqui uma criatura mais corrompida do que eu! exclamou Julia, com um riso sinistro. Para traz, senhora! Se tivesse sabido similhante coisa, deixal-a-ia entregue aos remorsos, e não me teria incomodado, em lhe apressar o castigo. Ama seu marido! não tem desculpa possível, e vem pedir-me que a salve! Quer saber as desculpas que eu tinha, eu a quem as senhoras despresam?

Minha mãe, sentia-se morrer de fome, e meu pae para a consolar, dava-lhe pancadas. Nunca poderam entender-se senão uma unica vez; foi no dia em que me venderam. Tinha então deseis annos. Sabe como eu os castiguei; eu, que tinha o direito de os castigar? Se os não amei, cuidei sempre delles; se os não tornei felizes, dei-lhes riquezas, e morreram tendo saudades da vida. Eis a minha infancia, eis a minha mocidade, eis o ponto d'onde parti. Sou ainda moça, tenho tido cincuenta amantes; acha horrivel, não é verdade? Pois bem, aos olhos de Deus, que nos está vendo, julgo-me menos culpada do que a senhora; clevo-me, porque a despresso, á senhora, que encheu de desesperação a velhice d'um pae irreprehensivel, que tornou desgraçada a existencia d'um esposo amado, que fez maldita a vida d'uma creança inocente das suas faltas.

— Tudo isso é verdade, senhora; mas juro-lhe que me sinto bem punida. Que hei-de eu fazer? Para onde hei-de ir meu Deus? repetia ella, fitando, sem as vêr, as flores do tapete que tinha sob os pés. Estou-a enfadando de certo, porque como ha pouco me disse, sou uma creatura bem despresivel. Perdi d'uma só vez, o meu nome, a minha felicidade, meu pae, minha filha, e meu marido! Eu que era tão feliz! Se minha mãe vivesse!

Tudo isto fôra dito n'um tom tão doloroso, que a propria Julia, sentiu apertar-se-lhe o coração.

— Vamos, está tudo acabado, continuou Maria, levantando-se. Peço-lhe que me perdoe, por lhe ter feito sofrer tanto. A senhora amava a de Grige, e foi por minha causa que elle deixou de a visitar, senão de a amar. O seu coração é bom; perdoe-me, que aqui, só eu sou a culpada.

E dizendo isto, Maria estendeu a mão a Julia, que não ousou tocar-lhe.

— Vae succeder sem duvida uma grande desgraça, continuou Maria, retirando a mão, e interpretando mal a recusa de Julia em lhe dar a sua; poço-lhe antecipadamente, que não tenha por isso a menor pena; sou eu a unica causa dc tudo, e pela segunda vez lhe peço que me perdoe. Adeus senhora.

Maria deu alguns passos mal seguros. Julia a seu pesar, estendeu as mãos para a amparar, julgando-a realmente proxima a cahir. Maria percebeu o movimento, e agradeceu-lh'o com a vista. A cortezã, vendo aquelle olhar tão suave, mas tão

triste, sentiu-se envergonhada do que fizera, por que era impossivel imaginar uma mais pungente expressão da dôr.

— Minha senhora, disse ella então, se ainda tivesse em meu poder essas cartas, restituia-lh'as; mas infelizmente, já as não tenho.

— Obrigada, senhora; agradeço-lhe de todo o coração esse bom sentimento. Faça-se a vontade de Deus!

E dizendo estas ultimas palavras, levou a mão ao fecho da porta.

Julia, no fim de tudo, era mulher, e a mulher por mais corrompido que tenha o coração, nunca pôde deixar de ser um pouco accessivel á piedade. Por um momento teria dado tudo para poder salvar Maria.

— Ha talvez um meio, disse ella, hesitando um pouco, porque, além de que pareceria estranho que partisse d'ella um meio salvador, receava que esse meio offendesse a dignidade e a dôr de Maria.

— Qual é? perguntou m.<sup>me</sup> de Bryon.

— Partir imediatamente para C.... empregar toda a diligencia para receber as cartas, e fazel-as desapparecer.

— É verdade, respondeu Maria baixando os olhos, porque se sentia humilhada com um tal conselho; é um meio, mas que eu não teria nunca a força de empregar. Mentir ainda; mentir sempre; mas para que? Perfiro antes morrer. Não obstante, obrigada, senhora. Morrerei com a pena de não ter seguido o seu conselho.

Maria abriu a porta, e sahiu sem accrescentar uma unica palavra. Para não cahir pela escada, teve de segurar-se ao corrimão. Subiu para a sua carroagem, e voltou para casa, não vendo, do mesmo modo que quando viera, o cabriolet que a seguia.

Julia ficou só, e quasi espantada do que fizera; porque, em face da sua consciencia, sabia bem que era uma infamia sem causa, sem desculpa, e sem perdão.

— É preciso esquecer; disse ella.

E tocou a campainha.

— Traz-me rhum, e um copo, disse ella a Henriqueta.

— Minha senhora.... disse a rapariga, que parecia ter alguma coisa que dizer a sua ama.

— Faze o que digo, e depressa, respondeu Julia.

— Parece-me que se passa alguma coisa extraordinaria; a senhora tem algum desgostô, porque está bebendo rhum, disse Henriqueta a João.

Passada uma hora, estava Julia estendida sobre a cama, dormindo um sonmo inquieto e febril. Bebera metade da garrafa que lhe tinham trazido. Henriqueta tendo entrado no quarto de sua ama, nas pontas dos pés e vendo o que acabamos de dizer, retirou-se dizendo:

— É o mesmo; amanhã lhe direi o que fiz.



XV

Maria entrou em casa, pallida, com o olhar fixo e simulhante a um authomato. Apenas chegou ao seu quarto, deixou-se cahir sobre uma cadeira. Não se sentia com força para coisa alguma; nem mesmo para orar; parecia-lhe ter o cerebro vasio. Passado, presente e futuro, tudo para ella se confundia n'uma só dôr. Estava n'esse estado em que o infeliz sente que já não pôde soffrer, mais do que soffre, mas em que não pôde raciocinar, nem combater, nem analysar o seu soffrimento. N'um tal estado deixam os labios, d'espaço a espaço, escapar uma palavra, que não parte nem do espirito, nem do coração, e que parece não ser pronunciada, senão para lembrar ao corpo que ainda possue todas as suas faculdades, se a alma já as não tem.

— É preciso morrer, eram as unicas palavras que Maria repetia, e, com a vista sempre fixa no mesmo ponto do sobrado, passava a mão pela fronte, e afastava os cabellos como se tivessem um grande peso.

— Que tens tu, minha filha? disse Marianna approximando-se de m.<sup>me</sup> de Bryon, e ajoelhando junto della.

— És tu Marianna.... Estou perdida, minha boa Marianna! Emmanuel mata-me, se eu não morrer antes d'elle vir.

— Que estás a dizer, filha? perdeste o juizo? Valha-me Nossa Senhora! Mas o que foi que te succedeu?

— Não te disse nada ainda; é uma coisa hem triste! Eu que amava tanto minha filha! Como é que foi tudo isto, meu Deus!

— Vamos, conta-me tudo, minha filha, socega; não sou eu a tua segunda mãe; não posso eu aconselhar-te?

— Bem sei que és muito minha amiga, toda a gente me ama, e eu enganei toda a gente. Minha boa Marianna!.... E a pobre senhora, que felizmente encontrara lagrimas para chorar, lançou-se nos braços da sua velha ama, onde se conservou por alguns instantes, sem poder ter animo para começar a dolorosa historia d'aquelle fatal dia.

De repente ouviu-se um violento toque de campainha. Maria soltou um grito.

— É elle! exclamou ella cheia de terror.

— Quem? perguntou Marianna, levantando-se,

e deixando-se, a seu pezar, tomar do mesmo susto que assaltára Maria.

— É Emmanuel que vem matar-me, respondeu Maria, fugindo para o sitio mais escuro do quarto.

Tocaram segunda vez.

— Não pôde ser teu marido, ainda não pôde espar de volta.

— Vae abrir, disse Maria com a voz quasi extinta; estou resignada a tudo.

Marianna que mandára deitar todos os creados, e que ficára só, á espera de sua ama, foi abrir.

Era Leão que tinha tocado.

— M.<sup>me</sup> de Bryon está em casa? perguntou elle.

— Sim, sr.

— Preciso fallar-lhe; respondeu o marquez, atravessando a antecamara, sem esperar a resposta de Marianna, que fechou a porta, dizendo:

— O que será isto? O que irá suceder?! e a excellente mulher dirigiu a Deus uma supplica silenciosa.

Leão entrou no quarto em que se achava Maria.

— Ainda este homem! murmurou ella.

— Maria, disse de Grige, aproximando-se-lhe; era indispensavel que lhe fallasse.

— Já sei tudo, sr.; perdeu-me, agora peço-lhe que me deixe. O sr. era amante d'uma mulher, e deshonrou outra fria e cobardemente; outra que lhe não fez o menor mal, que o não amava, e que o não ama.

— Não seja cruel para comigo, Maria; sómos victimas d'uma fatalidade, mas juro-lhe, pela

minha honra, que não mereço em coisa alguma, as suas reprehensões.

— Que quer então de mim? Sou sua amante, pertenço-lhe, e vem a uma tal hora procurar-me, até junto do berço de minha filha!

— Maria, acabo de estar com seu pae.

— Meu pae! Já sabe talvez tudo! exclamou a pobre creança!

— Não sabe coisa alguma.

— É preciso que elle saiba a verdade, o mais tarde possível.

— Escute-me, Maria; comprehendo que me odeia neste momento, porque fui eu quem a perdeu. Mas, torno a repetir, não ha coisa alguma em que mereça as suas reprehensões, a não ser pelo immenso amor que me inspirou. Daria neste momento a minha vida, até a minha honra, para poupar a primeira das suas lagrimas.

— Onde viu meu pae? continuou Maria.

— À porta desta casa, para onde me dirigia, porque era preciso que a visse: porque me sentia morrer d'inquietação.

— Mas o que fazia elle a estas horas, à minha porta?

— Tinha-a seguido, e sabia d'oncde vinha.

— Como sou desgraçada!

— Queria tambem fallar-lhe, porque não podia comprehender o que teria ido fazer sua filha a casa d'essa maldita Julia. Procurei tranquilisal-o, enganando-o.

— Que lhe disse então?

— Era preciso salvá-la, Maria.

— Mais emfim, que lhe disse?

— Disse-lhe que o sr. de Bryon fôra amante dessa mulher, que a senhora o soubra; e que fôra o ciúme, quem, de certo, a obrigara a dar similhante passo.

— Mais uma mentira! Era preferível accusar-me, a mim; que sou a unica culpada, e não a elle, que é innocent.

— Mas elle foi amante dessa Julia, Maria.

— Também o sr. o é! E, nem o seu passado me pertence.

— Era indispensavel impedir seu pae de subir. Perdoe-me, Maria; era necessário destruir-lhe as suspeitas.

— Mas impedil-o de me vér, com que fim?

— Por que era eu, quem precisava vel-a.

— Que tinha o sr. a dizer-me, que eu não saiba já? Que lhe pertenço; que sou sua amante; que sou maldita, e que só me resta morrer? Não sei eu já tudo isso, meu Deus! Que lhe tinha eu feito, para que viesse procurar-me, ao fundo do meu amor, primeiro; ao fundo da minha dor depois?! Amava-o eu então? Amo-o agora? Que quer então saber? Que amo Emmanuel? é a verdade; que só a elle amo? sabe-o tão bem o sr. como eu? que o desprezo, ao sr., que enganava ao mesmo tempo, duas mulheres? que o amaldiçou-o porque me destruiu a minha felicidade, a minha reputação, a minha vida, tudo o que tinha de querido neste mundo; meu pae, meu marido, e minha filha? Peça a Deus que lhe perdoe; por que eu, já mais lhe perdoarei!

É a pobre Maria, exausta as forças por tão grandes commoções, deixou-se cahir sobre um canapé, cobrindo o rosto com ambas as mãos.

— Veja o que tem feito, sr. marquez! disse Marianna. Volta a ti minha filha; Deus é bom, ha-de compadecer-se da tua dôr; ha-de absolver-te.

— Maria, continuou Leão, ajoelhando aos pés da sua amante, e tomindo-lhe as mãos entre as suas; não me accuse, porque a amava muito. Sim, abusei da sua fraqueza, da sua dôr, por que era preciso que fosse minha. Sou eu porventura o culpado de que seja tão bella, de que a ame como um louco, de que não tenha o meu nome? Escute-me Maria; o que eu desejava ha dois annos, desejo-o ainda hoje; merece-me a maior estima; respeito-a como a uma santa. Se ámanhã podesse ser minha esposa, saúsfaria o meu mais ardente voto de felicidade. Está desgraçada, bem o sei; está perdida, mas resta-lhe o meu amor; o meu amor que é tão grande que substituirá um dia tudo o que hoje lhe tira. Não olhemos para o passado, lancemos sobre elle um veu bem espesso; encaremos o futuro que ajuda nos pôde surrir.

— É impossivel! murmurou Maria.

— Duvida de Deus?!

— Duvido de tudo, e sobretudo, de mim e do sr.!

— Maria, conhece algum meio de ser feliz, pelo qual eu possa dar a minha vida, o meu sangue, a minha alma? Para a salvar até insultaria o nome de minha mãe!

— Minha mãe! minha pobre mãe! dizia Maria. Se ella ainda existisse, não me teria sucedido similhante desgraça. Fui de certo abandonada por Deus!

— Maria, os instantes são preciosos, continuou Leão; amanhã já seu marido saberá tudo.

— É inevitável.

— E sabe o que elle fará?

— Mata-me.

— Mas que será de mim, então?

— O sr. esquecer-se-ha de mim, e amará uma outra mulher.

— Bem sabe que é impossível isso que diz.

— Não obstante, haverá assim.

— Escute, Maria, é preciso que seu marido não torne a encontrá-la aqui.

— É preciso então, que morra?

— Não, é preciso fugir.

— Comigo, talvez?

— Sim, comigo.

— Isso nunca.

— É porque o ama?

— Sim, é porque o amo.

— Mas assim, que desculpa poderá achar o mundo ao que a senhora fez?

— E tem o sr. o direito de exigir uma desculpa?

— Pois bem, Maria; uma vez que de todos os modos a perderei, sei o que tenho a fazer; disse Leão levantando-se.

— O que fará então?

— Esperarei a qui mesmo o sr. de Bryon, e matal-o-hei.

— A elle ! exclamou Maria ; Emmannel morto pelo sr. ! Oh ! então faça de mim o que quizer !

— Consente em seguir-me ?

— Oh ! meu Deus ! dizia a pobre senhora, suffocada pelos soluções, e occultando o rosto com as mãos ; pois pôde ser possivel tudo o que vejo, tudo o que oïço ? ! Cheguei realmente a similarmente estado em dois annos, eu ! eu ! O que será do meu pobre pae ? ! O mal que tem feito, e que vae fazer, senhor, é incalculavel !

— Pense um pouco, Maria ! não se vê todos os dias succederem casos similhantes ? Não erra tantas vezes o coração ? Casada com um homem, não succede tantas vezes, que uma senhora, ame outro, e que por elle deixe seu marido ?

— Ainda as que amam teem uma desculpa, murmurou, Maria.

— Isso é crueldade, disse Leão.

— Perdoe-me, disse m.<sup>me</sup> de Bryon, estendendo a mão ao seu amante ; perdoe-me, que sou uma louca ! Sim, amo-o, devo amal-o, accrescentou ella fazendo um esforço. Se o não amasse, que nome me dariam, depois de tudo que fiz ? Vejamos, o que é que ha pouco me dizia ?

— Que era preciso que o senhor de Bryon não a encontrasse aqui.

— Tem rasão, respondeu Maria, como ao acaso, enxugando as lagrimas, e tentando adquirir um pouco de socego.

— É necessario sair de Paris.

— Sim, sim.

— Até mesmo de França.

— O fim do mundo, não será ainda longe bastante; porque, que me importa o ponto, para onde iremos, se os remorsos me hão-de sempre acompanhar?

— Não falle desse modo, Maria.

— Assim deixarei tudo; meu pae, o quarto em que morreu minha mãe, e que eu quiz conservar intacto, como um santuário; meu marido que vae amaldiçoar-me; e minha filha que em vão me chamará.

— Leval-a-hemos comnosco.

— E a elle que lhe ficará?

— A desgraça não é eterna; um dia ser-lhe-ha restituído, Maria, tudo quanto amava.

Maria meneou a cabeça em signal de duvida. Sentia-se aniquilada; nem n'uma só fibra tinha força para se defender contra a vontade do homem que a perdera.

— Farei quanto deseja, disse ella; ordene.

— É indispensavel que seu marido não a torne a vêr.

— Mas depois?

— Mesmo seu pae, não deve vel-a; a senhora confessar-lhe-hia tudo, e então ficariamos de todo perdidos.

— Meu pobre pae!

— Ámanhã, ao nascer do dia, partirá.

— Comsigo?

Não, com Marianna.

— Acompanhas-me? disse Maria, voltando-se para a bondosa velha, pobre creatura incapaz de a proteger, e que não sabia mais do que cho-

rar, e animar aquella a quem chamava sua filha.

— Não te acompanho eu sempre para toda a parte?

— Sahirão pela manhã, como para ir passear, e dirigir-se-hão ao bosque de Bolonha, onde as esperará uma carroagem de posta. Subirão para a carroagem sem que tenham necessidade de dizer ao postilhão, uma unica palavra. Alcançal-ashei na primeira muda, munido do passaporte. Em tres dias estaremos em Marselha, e em seis teremos chegado a Florença.

— É horrivel! murmurou Maria.

— Jura-me que fará tudo que lhe disse?

— Juro, respondeu ella com uma voz quasi inintelligivel. Não posso ter desculpa senão n'esta nova falta, pensou ella. Que dirá o mundo; que dirá o proprio Emmanuel, se, depois de o ter enganado, não der ao homem por quem o enganei, uma prova estrondosa d'amor? É verdade que tenho o récuso de morrer, mas terei eu a coragem de me matar, aqui no meio de todas as coisas que me recordam a minha felicidade? Se eu perdesse a rasão, e esquecesse tudo!

Leão encarou Maria, e advinhou fredo que lhe ia pelo pensamento.

— Não me ama, pensou elle, mas, qu'importa? Depois de sér minha, só minha, ha-de chegar a amar-me.

Havia momentos em que Leão, se sentia menes rancoroso contra Julia pelo mal que ella fizera. Não entraria já certa vaidade, n'aquelle começo de perdão, á causadora de tão grandes desgra-

cas? Quem sabe, se Leão, no fundo da sua alma, se não sentia tão cheio de orgulho por aquelle rapto, como se sentiu feliz, no dia em que Maria se lhe havia entregado? O amor; em certos homens aumenta, com a publicidade da falta, a que deram origem, até ao momento em que fazem d'essa publicidade uma arma contra a mulher, que não soube, ou não pôde ser forte.

Maria ficou só.

— Assim, disse ella, assentando-se junto do berço de sua filha, o meu nome tão puro até hoje, vai tornar-se um objecto d'escândalo. Toda a gente me chamará a amante do sr. de Grigel! Eis a minha vida irremediavelmente destruída! Coisa alguma do meu passado, poderá ter o menor poder sobre a minha vida futura, nem a minha infancia cheia de risonhas recordações, nem a memoria de minha mãe, nem a amisade de Clementina, que repousa a esta hora tranquila na sua castidade de esposa e de mãe. Que pensará ella de mim, quando souber tudo isto? Hade despresar-me, porque a acção infame que eu commetti, é indigna do perdão dos mais indulgentes. O que fiz eu dos meus primeiros annos? Oh! meu quarto do collegio, minha oração da tarde, minhas meigas pombinhas, minha existencia d'outro tempo, meus primeiros sonhos d'amor, onde estaeis vós?! Soffro tanto hoje, que chego a ter saudades do desgosto que me causou a morte de minha mãe? Quem me diria que chegaria a similitante estado?! Vou partir, vou expiar o meu crime, vivendo com o homem que me levou a

comettel-o, e que eu odeio; e quando tiver vivido dois ou tres annos d'essa morte quotidiana; voltarei para vós, meus Deus, se não me tiverdes ainda feito a graça de me chamar.

— Pobre creancinha, continuou Maria, olhando para sua filha atravez das lagrimas; dormes socegada; porque ignoras tudo que se passa. Pobre creancinha; a quem eu contava abrir, surrindo, as portas da vida, e que não conhacerás o nome de tua mãe, senão para o maldizeres. Quiz que te chamasses Clotilde, julgando que este nome te daria a felicidade! Sé abençoada, minha filha querida, e não me despreses tanto, quanto eu mereço sél-o! Oh! minha vida passada, nunca terei força para vos deixar!

O sofrimento de Maria, era tal, que chegaria a comover um demonio! Mas as horas passavam. Já começavam a apparecer no horisonte os primeiros arreboes da madrugada, e Paris começava a accordar. Marianna não deixava um instante m.<sup>me</sup> de Bryon, e a pobre mulher, preparando tudo para a jornada, debulhava-se em lagrimas.

— Como tu és boa, minha Marianna! Tinhas o direito de me amaldiçoares, e não o fazes!

Marianna lançou-se então nos braços da sua querida menina, e confundiu as suas lagrimas com as d'ella.

— Devo escrever-lhe, não é assim? disse Maria.

— A quem, minha filha?

— A elle, a Emmanuel. Não posso deixal-o assim, sem lhe escrever uma palavra, sem lhe confessar a minha falta.

Maria enxugou os olhos, e com a mão tremula, escrevera :

«No momento em que ler esta carta, saberás toda a verdade, Emmanuel.

«Sou infame, e indigna do seu amor. Não lhe peço perdão ; toda a minha vida de lagrimas, não seria bastante para o obter. Não mereço senão o seu desprezo; mas não ouso affrontá-lo de face, por isso, parto. Risquendo seu coração o meu nome, como eu já o risquei do mundo. Deus, que o fez grande e generoso, fal-o-ha forte contra esta dor, e talvez um dia, quando já tiver expiado a minha falta, quando a minha vida já estiver extinta, como o está já a minha esperança, talvez cesse de me amaldiçoar, lembrando-se de que lhe dei-xei minha filha.»

Maria fechou esta carta, depondo-a depois entre as mãosinhos de Clotilde, como para purificar a sua falta, confiando-a a um anjinho. Em seguida tentou escrever a seu pae, mas não pôde encontrar termos com que fosse ao encontro de tão grande dor. Ás sete horas, sahiu de casa, com Marianna, depois de ter orado, no quarto vazio de Emmanuel.

A pobre Maria, podia apenas crêrem tudo que fazia. Tornando a vê o dia, e o costumado despertar de todas as coisas, duvidava quasi da verdade.

Parecia-lhe que tinha tido um mau sonho, e que depois de dar um passeio d'uma hora, voltaria para casa, onde iria encontrar Emmanuel, esperando-a com o sorriso nos labios.

A carroagem chegou á porta Maillet. Maria apeou-se, e Marianna deu ordem ao cocheiro, para que voltasse para casa, porque achando m.<sup>me</sup> de Bryon, tão bella a manhã, desejava voltar a pé. A carroagem de posta esperava já no ponto indicado.

— É com efeito verdade tudo isto! Disse Maria sentando-se ao lado de Marianna, n'aquelle outra carroagem que partiu ao galope, pela mesma estrada por onde havia pouco tinham vindo.

Na passagem, viu Maria o seu coupé, que mandára retirar, e que voltava a passo. Olhou, chorando, para aquella carroagem, que, de certo, não tornaria a vêr, e na qual, tantas vezes passeára com Emmanuel, tranquilla, risonha... e casta!

## XVI

O conde não dormira toda a noite. O que lhe dissera Leão, tinha-o assustado.

— Emmanuel engana minha filha, dizia elle; tem uma amante, e Maria é infeliz. É impossível que isto continue assim. Vêr soffrer minha filha; a minha vida! Terei uma explicação com Emmanuel; ámanhã de manhã irei a casa de minha filha que não deve ter outro confidente que não seja eu.

Eis em que o conde pensára toda a noite, depois de ter sido acompanhado até á porta por Leão, que, para explicar a sua presença n'aquelle sitio, dissera ter alli uma amante. Desgraçadamente, aquelle pretexto, não era uma mentira. Quando deixára Maria, Leão, voltára para sua casa, e fizera os seus preparativos de partida.

Como de costume, encontrará Florencio, que o esperava. O marquez, não quizera baixar-se a uma explicação com o seu criado.

— Quanto lhe devo Florencio?

— Não me deve coisa alguma, sr. marquez.

— Bem. Aqui tem um mez de gratificação. Amanhã, pela manhã, ha-de sair desta casa.

— V. ex.<sup>a</sup> despede-me? disse Florencio, que bem suspeitava a causa porque era despedido.

— Não, mas como saio de Paris, não preciso dos seus serviços. Trate das minhas malas, e não se deite. Dirá, a quem quer que seja, que venha procurar-me, que parti.

Entretanto, Florencio sentia a necessidade de se desculpar, ainda mesmo não sendo interrogado.

— M.<sup>me</sup> Julia veiu hoje procurar v. ex.<sup>o</sup>, disse elle a Leão.

— Bem o sei; sei tambem que foste seu cumplice, no roubo d'umas cartas.

— Senhor.... disse Florencio.

— Vamos, vamos; trata-me das malas, e nem mais uma palavra, se não queres ir para a cadeia.

Numa tal alternativa não havia senão obedecer; foi o que fez Florencio. Às nove horas foi Leão visar o seu passaporte, mandando acrescentar n'elle, que viajava com sua irmã, e a governante de m.<sup>me</sup> de Grige. Foi em seguida, a casa do seu banqueiro, onde se muniu de dinheiro, e de letras sobre differentes casas da Itália; depois mandou meter cavallos de posta ao seu coupé, e partiu para se juntar a Maria.

Durante este tempo, tinha mr. d'Hermi ido a casa de m.<sup>me</sup> de Bryon, onde lhe tinham dito que sua filha saíra logo de manhã para passear. O conde resolvera-se a esperar. Ao meio dia, não vendo voltar Maria, começára a estar inquieto. Na disposição d'espirito em que se achava, desde a vespera, tudo lhe era motivo d'inquietação. Lembrou-se então de ir procurar Leão, que parecia ser o confidente de sua filha, e pedir-lhe novos esclarecimentos sobre a ligação ilícita d'Emmanuel.

Foi, pois, a casa do marquez. Não encontrou alli senão Florencio, fazendo as suas proprias mallas, que poderiam ser tomadas pelas de seu amo, tão numerosos eram os objectos que ellas encerravam, vindos legitima ou illegitimamente do marquez. Florencio respondeu que havia uma hora que seu amo saíra de Paris, e segundo lhe parecia, por bastante tempo.

— Mas o sr. de Grige não me fallou de similhante viagem, pensou o sr. d'Hermi; que significava, pois, esta partida tão inexperada? O sr. de Grige, disse elle a Florencio, não tinha hontem idéa alguma de sair de Paris?

— Não, senhor.

— Foi esta manhã, que elle tomou essa resolução?

— Sim, senhor.

— Mas sabe a causa? Seria por motivo de saude? Seria por causa d'algum negocio importante?

O conde não tinha o menor interesse em conhecer todos aquelles detalhes; mas parecia impelido a indagal-os por um instinto secreto.

— Parece-me que é negocio, mas é d'amor, disse Florencio, que já não tinha motivo algum para ser discreto. Julgo que se trata d'uma mulher casada.... d'um rapto.

— Um rapto? repetiu o conde impallidecendo,

— V. ex.<sup>a</sup> está incommodado? disse Florencio, a quem não escapou a pallidez do conde.

— Não, não tenho nada, respondeu elle; mas é que um pressentimento horrivel lhe atravessará o espirito.

— É impossivel, exclamou o conde de repente. Mas elle estava tão commovido esta noite; achava-se na rua, quasi defronte da porta de Maria.... Se me enganou, se.... Oh! que desgraça!

E o pobre pae, desceu a escada, desorientado, subiu para a carroagem, e gritou ao cocheiro:

— Para casa de minha filha.

— Nada; vou encontra-la em casa, esperando por mim; pensava elle, para procurar convencer-se de que eram sem fundamento, os seus receios. Decididamente, parece que perdi o juiso.

Vejamos ao mesmo tempo o que se passava d'um outro lado.

Ás nove horas accordára Julia, do seu sonno febril. Abrira os olhos, olhára em torno de si, e vendo a garrafa de rhum meia despejada, lembrara-se de tudo.

Lançára então mão da campainha, aparecendo imediatamente Henriqueta.

— Ha alguma coisa para mim?

— Não, minha senhora.

— Não veiu alguem procurar-me?

— Não, minha senhora. Acha-se melhor esta manhã?

— Melhor, obrigada.

— A senhora hontem á noite estava tão agitada...

— É verdade.

— Quando entrei no seu quarto, estava a senhora dormindo; mas o seu sonno era muito inquieto.

— Estive, com effeito, muito encommadada. Mas, para que vieste aqui?

— Porque tinha uma coisa que dizer á senhora. E Henriqueta, dizendo, isto tornou-se extraordinariamente córada.

— Então, diz o que é.

— Mas a senhora não ralhará comigo?

— Mas diz o que é.

— É uma coisa que ainda tem remedio.

— Falla! disse Julia, já impaciente.

— A senhora deu-me um masso de cartas para ir levar ao correio....

— Sim, e então que lhe fizeste?

— Não receie a senhora coisa alguma. As cartas não estão perdidas; mas como a senhora tinha tido uma scena violenta com o senhor....

Havia muito tempo, que Leão não era designado em casa de Julia, senão pelo nome de — senhor.

— Então tu tinhas ouvido tudo?

— Contra minha vontade, minha senhora; e como a ordem que me tinha dado parecia desagrada ao senhor, e que, até ao presente, sempre

a senhora tem evitado todas as occasiões de lhe dar desgosto, pensei.... Henriqueta calou-se novamente.

— Acabas de fallar por uma vez? exclamou Julia.

— Eu digo o que fiz, minha senhora. Quando fui ao correio, eram seis horas, e disseram-me que as cartas para a província já não podiam partir senão hoje. Lembrei-me que da remessa das que a senhora me deu, resultaria, talvez, alguma coisa bem grave; por isso, tornei a mettel-as na algibeira, calculando que teria hoje muito tempo de as ir levar ao correio.

Julia olhava para Henriqueta.

— Pensei, continuou a creada; que talvez hoje a senhora tivesse pena de ter enviado aquellas cartas....

— E tu sabias o que elas continham?

— Sim, minha senhora.

— Mas como o soubeste?

— Tinha ouvido a conversa da senhora com o senhor marquez.

— Quer dizer que estiveste escutando.

Henriqueta baixou os olhos.

— Onde estão as cartas? continuou Julia.

— Tenho-as aqui, minha senhora. É ainda muito cedo; se ainda quer que elas vão ao seu destino, vou já leval-as ao correio.

— Deus não o quer, talvez!... murmurou Julia.

— Então, minha senhora?

— Deixa-me.

— A senhora guarda as cartas?

— Sim.

Henriqueta saiu. Quando Julia se achou só, apoiou a cabeça sobre uma das mãos, voltando com a outra o masso das cartas, em todos os sentidos.

— Eis-aqui em meu poder, a vida e a honra de muitas pessoas! Basta-me soltar uma palavra, para lançar o desespero em quatro almas; basta-me fazer um gesto para que este segredo morra, ignorado por aquelles a quem mataria. Não praticarei eu uma boa accção, uma vez na minha vida! Foi Deus quem permittiu que essa rapariga guardasse estas cartas, para me dar o meio de não fazer uma coisa de que, talvez, um dia teria de arrepender-me. Quem pôde calcular o alcance d'uma maldade?! Vamos! é preciso que essa pobre mulher não tenha motivo para se queixar de mim! As cartas não foram, nem hão-de ir.

Em seguida chamou Henriqueta.

— Fizeste muito bem em guardar as cartas. Da-me papel, penna e tinta.

Henriqueta obedeceu, e Julia fechou as cartas num novo subscripto a «Madame de Bryon.»

Depois escreveu a Maria.

« Senhora

« O acaso, ou a Providencia, fez com que as suas cartas estejam ainda hoje em meu poder. « Receba-as, e seja feliz.»

JULIA LOVELY.

— Emmanuel ainda não voltou, por isso não.

pôde haver o receio de que estas cartas lhe vão ter á mão, pensou Julia. Vae levar isto, disse ella a Henriqueta; e recommenda que só entreguem a m.<sup>me</sup> de Bryon. Vae depressa, e ainda que eu te chame, não voltes. Não quero ter a possibilidade de me arrepender do que faço.

Henriqueta correu a casa de m.<sup>me</sup> de Bryon.

Havia duas horas que Maria tinha partido!

## XVII

Como dissemos, o sr. d'Hermi tivera um d'esses terríveis pressentimentos, que invadem repentinamente o espirito, sem que nos possâmos defender d'elle. Dirigiu-se a casa de sua filha, e perguntou se já tinha voltado. Responderam-lhe que só voltára a carroagem: Depois, o conde, entrou no quarto de sua filha, e lançou-se sobre uma poltrona, sentindo a fronte banhada de suor frio. Todos os receios que concebera ácerca de Leão, despertavam-sé-lhe de repente no espirito, e adquiriam uma dolorosa verosimilhança, pela coincidencia da sua partida com a desaparição de Maria.

De instante a instante consultava o relogio. Quanto mais tempo ia passando, mais o conde se convencia de que Maria não tinha de que reprender Emmanuel, e que tudo que lhe dissera de

Grige não passava d'uma mentira. Andava, quasi sem cessar da porta para a janela, collando o ouvido a uma, os olhos a outra, mas não ouvia, nem via cousa alguma. Se escutasse os seus desejos, teria feito uma serie de perguntas a todos os creados; mas continha-se com o receio de que elles advinhassem as suas suspeitas, e fizessem d'ellas conjecturas.

—Não deve tardar, dizia elle passeando em toda a extensão do quarto; mas é impossivel que assim não seja.

Mil ruidos partiam de todas as casas imediatas, e entre todo elle, queria, mesmo pelo preço de dez annos da sua vida, distinguir a voz de Maria. Mil individuos conduzidos pelos seus caprichos, ou negocios passaram por debaixo das janelas, e entre todas aquellas cabeças o pobre pae diligenciava inutilmente reconhecer aquella tão adorada, que o coração procurava com os olhos. O que elle tanto receiava, sucedeu. Os creados tinham já ido duas vezes perguntar-lhe a que hora voltaria m.<sup>mo</sup> de Bryon, julgando-o melhor informado do que elles, ou querendo dar a certesa á sua curiosidade; mas o conde respondera-lhe com toda a ingenuidade da sua alma, que ignorava. Os olhos erguera-se resplandecente sobre a alegre fronte da cidade. Em quanto a vida se patenteava com toda a sua animação exterior, conservára o sr. d'Hermi algumas esperanças; mas depois que os viandantes se haviam tornado mais raras, quando o nevoeiro cubrira e envolvera Paris, quando, enfim, chegára a noite, cahira o conde aniquilado, frio

e mudo como uma estatua; começava a não poder duvidar.

O sr. d'Hermi esteve por muito tempo n'aquelle estado, porque, libertando-se de repente d'aquelle especie de sonno, vio sobre a mesa que tinha a seu lado uma vella accesa, e junto d'ella, uma carta fechada. N'aquelle momento davam dez horas. O conde estremeceu fitando aquella carta, cuja letra reconheceria ser de sua filha. Em torno d'aquelle coração desolado, reinava o mais medonho silencio, só o relogio parecia viver, contando os minutos de vida; que, dentro em pouco, embaraçaria o desgraçado pae, como se fôra um fardo. O sr. d'Hermi pegou convulsivamente na carta; mas no momento de abril-a, vio no subscripto: « Para meu marido. » A carta caiu-lhe das mãos. Chamou um creado.

—Nada? perguntou elle.

—Nada, sr. marquez; mas v. ex.<sup>a</sup> devia encontrar uma carta.

—E para o sr. de Bryon, quem a trouxe?

—Foi encontrada no berço da menina, quando foram deitá-la.

—Não havia lá mais nenhuma?

—Não, senhor conde.

—Não havia coisa alguma para mim?

—Não, senhor.

—Bem; retira-te.

—Esqueceu-se de seu pae...

—Meu Deus! murmurou o pobre homem, descansando a cabeça nas duas mãos, e os cotovellos sobre a banca.

Aquella carta dirigida ao sr. de Bryon, queimava-lhe os olhos e o coração ; e todavia, sentia-se, de certo modo feliz, por não ser para elle. Até á volta de Emmanuel, podia ainda duvidar ou esperar; o que em similhante circumstancia era exactamente a mesma coisa. O conde passou a noite olhando para a carta. Antes de tudo, reconhecia a necessidade de evitar os commentarios dos creados.

—Eu fico aqui, para esperar o sr. de Bryon, disse o sr. d'Hermi ao creado do quarto. Podem ir todos deitar-se. A sr.<sup>a</sup> de Bryon não está em Paris.

O conde viu despontar o dia immediato, do mesmo modo que o da vespera. Viu a vida continuar o seu curso em torno de si; a desolação residia só n'elle. E as horas passavam ; porque, sejam quaes forem as dôres e sofrimentos humanos, as horas passam sempre com a sua indifferença periodica, trazendo-nos tudo que o acaso lhes confia, mas não sabendo o que nos trazem. Ao meio dia foram perguntar ao conde se queria almoçar ; com effeito havia trinta e seis horas que não havia tomado coisa alguma. Bebeu machinalmente um caldo, e continou a esperar.

Desde a vespera tivera à tentação de ir abraçar sua neta, e não ousara ir vêr a creancinha, imagem viva de sua mãe. Se tivesse visto a innocent Clotilde, assim, só todo o dia, ter-se-ia convencido de que Maria tinha morrido, porque só a morte lhe parecia capaz de separar de repente, uma mãe de sua filha. Entretanto chegou a noite. Ás onze horas, ouviu-se no pateo o rodar d'uma car-

roagem de posta, chegando, ao galope dos seus quatro cavallos. O conde escutou; pareceu-lhe que a carroagem parára diante da porta.

— É ella ou Emmanuel! disse elle.

E Deus murmurou-lhe, sem duvida, ao ouvido, como uma ultima esperança:

— Talvez ambos!

Porque um ligeiro surriso lhe coloriu os pallidos labios. O conde, de pé, com uma das mãos sobre a pedra do fogão, e outra sobre o coração, cujas pulsações apenas podia comprimir, esperava. Ouviu subir, bater, e depois os passos d'um homem resoaram na ante-camara. As portas abriram-se uma depois da outra, e enfim apareceu Emmanuel em traje de jornada, pallido e sombrio como a estatua do commendador.

Eis o que se tinha passado.

Emmanuel, apenas não tivera mais que fazer em Poitiers, voltára imediatamente, para ver Maria, o mais cedo possivel. Chegara a Paris cheio d'alegria. Era a sua primeira ausencia depois de dois annos. Apenas se apeára perguntára onde se achava m.<sup>me</sup> d'Bryon, a quem contava surpreender agradavelmente, com a sua volta, um pouco precipitada. Tinham-lhe respondido que havia dois dias saíra, mas que ainda não voltára. Todos os terrores possiveis lhe ocorreram desde logo ao espírito, menos a verdade.

— A sr.<sup>a</sup> de Bryon saiu ha dias, disse elle no primeiro momento, e não disse aonde ia?

— Não, senhor, respondeu o creado, mas foi acompanhada por Marianna.

Este detalhe socegaria um pouco Emmanuel.

— Deixou-me indispensavelmente uma palavra; pensou elle.

— Temos estado todos muito inquietos, disse o officioso creado, talvez com intenção.

— O que disse a sr.<sup>a</sup> de Bryon quando saiu? perguntou Emmanuel.

— Não disse coisa alguma. Sómente, continuou o creado, trouxeram-lhe um massinho de papeis, sem duvida importante, porque quem o trouxe recommendou que só fosse entregue á sr.<sup>a</sup>.

— Onde estão esses papeis?

— Estão aqui.

Emmanuel apenas lera a carta de Julia, adivinhara o resto.

Era necessário que o leitor visse cahir um raio a seus pés, para poder comprehendêr a commoção que o corpo e a alma poderia experimentar no limitadíssimo espaço d'um segundo. Pois o mesmo raio, não produz em pessoa alguma, crêmos, o que aquella carta produziu em Emmanuel.

— O sr. conde está lá em cima, continuou o creado.

— Bem, disse Emmanuel, com aquella força d'alma que o tornara sempre tão superior; fizeram mal em estar inquietos: a sr.<sup>a</sup> de Bryon não corre o menor perigo.

— E a sr.<sup>a</sup> deixou uma carta para v. ex.<sup>a</sup> Parece-me que quem a tem é o sr. conde.

— Bem, bem.

Emmanuel subiu a escada; e, como vimos, di-

rigiu-se ao quarto em que se achava seu sogro. Emmanuel tornou a fechar a porta e encaminhou-se para o conde. Este, apresentou-lhe a carta de Maria, que não quizera abrir. Emmanuel leu-a. Nem uma palavra se havia trocado entre os dois homens. Emmanuel, depois de lêr chamou um creado.

— Vae tirar da carroagem as minhas malas, mas antes disso, ajuda-me a despir.

Emmanuel queria, muito de propósito, demorar o creado, para que ouvisse o que se dizia, e poder repeti-lo.

— N'isto mesmo se reconhece o genio de Maria, disse o sr. de Bryon, em voz alta, surrindo. É uma creançã encantadora! Sentiu-se inquieta por não me vér voltar, e eil-a, só com Marianna, sem prevenir pessoa alguma, correndo pela posta, para ir juntar-se comigo, e escreve-me então, que no caso de eu chegar, que volte: à procura-l-a no sitio de donde vim. Que lhe parece a sua querida Maria, meu charo conde?!

— E Emmanuel, com um olhar que impunha silencio, deu a lêr ao sr. d'Hermi a carta de sua filha. O conde leu-a, de principio ao fim sem dizer uma só palavra, e, depois de terminar, tornou a entregal-a a Emmanuel, o qual, amarrando-a convulsivamente, a lançou no fogo. Não é facil imaginar o que aquelles dois homens sofreram, em quanto se achou presente o creado.

No momento em que este ultimo se retirara, disse-lhe Emmanuel:

— Diz ao postilhão que preciso de quatro ca-

vallos de posta, amanhã ás onze horas da noite. Não posso partir senão a essa hora.

O creado retirou-se. Os dóis homens lançaram-se nos braços um do outro. O pae estava consternado; o marido apenas pallido e sombrio.

— Hade-me deixar esta noite, sr. conde, disse Emmanuel, com uma voz grave, para provar que é verdade o que eu disse. Ámanhã irá para o seu castello, e á noite partirei eu tambem para o meu destino. O resto pertece-me.

O conde fez um gesto de assentimento. O infeliz nem se sentia com força de fallar. Emmanuel occultou-lhe as cartas que lhe mandára Julia.

— É possivel que ainda haja esperança, disse elle; sómente o que lhe peço sr. conde, é que ore sempre a Deus, por que ha-de haver por força alguém que precise das suas orações.

O conde parecia fulminado, os olhos tinham perdido o brilho, e a cabeça pendia-lhe involuntariamente sobre o peito. Abriu a porta sem dizer uma palavra, caminhando sem produzir o menor ruido, e desapareceu como uma sombra.

Se Emmanuel naquelle momento podesse ver alguma coisa, e reparasse no modo por que o conde saiu, teria de certo soltado um grito de susto. O sr. d'Hermi, voltou para sua casa, inacinalmente; pediu um copo d'agua e ficou só. Só Deus podia saber o que então se passava na alma do desgraçado pae.

Depois de todos os creados se terem deitado, o sr. de Bryon, que se havia deitado tambem, le-

vantou-se e dirigindo-se ao berço de sua filha, ajoelhou no mesmo sitio em que Maria estivera ajoelhada antes de partir. Então, Emmanuel, cujo coração se achava horrivelmente comprimido, havia tantas horas, choreu como uma creaça.

Chorou toda a noite, elle, o homem energico, que teria luctado contra um povo, e que se sentia anniquilado pela falta d'uma mulher! Mas, como elle amava essa mulher!

Quando nasceu o dia, ainda elle chorava, e orava; n'aquelle momento quasi perdoava a Maria, por que ainda ignorava que tivesse partido com o seu amante. Mas, ainda assim, quando pensava em similihante traição, julgava-se preso a enloquecer.

Sentindo os passos do creado a quem recomendara que fosse acordal-o pela manhã, entrou para o seu quarto, tornou a deitar-se, dando assim ao creado a satisfação de accordar seu amo.

Emmanuel tornou a levantar-se logo em seguida, vestiu-se e almoçou, ou singiu almoçar, como de costume. Depois mandou *pôr o trem*, deu ordem que vestissem a menina, e que fizessem uma malasinha dos objectos que lhe fossem mais precisos; por isso que, disse elle, fa leval-a para casa de sua tia. Depois de vestida e prompta a interessante Clotilde, quando a levaram risonha e alegre a seu pae, foi grande a dificuldade que este sentiu em conter as lagrimas; a creancinha balbuciava lhe o nome e estendia

para elle as suas mãosinhos de anjo, encarando-o com o olhar divino que as creanças trazem do céu para a terra.

Emmanuel desceu levando a filhinha nos braços, subiu para a carroagem, collocou-a sobre os joelhos, e mandou partir para Auteuil. Durante o caminho a innocentinha começou a chorar; Emmanuel parou á porta de uma loja de quinquilherias, rodeou de *bonitos* a pobre menina, que ao velos já não cabia em si d'alegria, e continuou no seu caminho.

Havia alguma coisa de dolorosamente tocante, n'aquelle grande dor, que se ocupava de tão pequenos detalhes. O proprio Emmanuel, abraçando sua filha, viu as lagrimas cairem-lhe nas faces da creancinha, que então olhava para elle muito admirada, continuando logo a entreter-se com os seus *bonitos*.

A carroagem parou em Auteuil. Emmanuel lembrava-se de ter visto, n'um dia que por alli passara, na rua da Fonte, uma casinha muito branca, a cuja porta brincava uma creança. Agrada-ra-lhe aquella casa, e conservára a lembrança d'ella, sem que nem ao menos lhe passasse pela idéa que teria um dia de a visitar, e que a contar d'esse dia se lhe tornaria cara essa lembrança.

Mandou parar a carroagem á porta da tal casinha, apeou-se, sempre com a filha nos braços, e entrou. Depois de ter entrado, depoz no chão a pequena Clotilde, a qual olhava muito admirada em torno de si, não conhecendo o sitio em

que se achava. Desconfiada, como todas as creancas, a quem tiram dos logares a que estão habituadas, chegou-se instinctivamente para seu pae.

Emmanuel aproximou-se da mulher, que reconheceria ser a mesma que elle vira uma outra vez. Esta ultima, vendo uma carroagem, e umas visitas tão elegantes, havia-se levantado, e, cheia de curiosidade, esperava pelo que Emmanuel teria a dizer-lhe.

— Passei um dia por aqui, e vi á sua porta uma creancinha que me pareceu muito alegre e bem tratada. Hoje vejo-me obrigado a confiar a uma estranha, minha filha, de que nunca me separei. Diga-me, quer fel-a em sua casa?

— É esta linda menina? perguntou a boa mulher.

— É esta.

— Com a melhor boa vontade, meu senhor. Pobre menina, perdeu de cerlo sua mae?

— Não, continuou Emmanuel, empallidecendo, como lhe succedia sempre que a mais pequena palavra ou idéa, lhe avivava a sua recente dör. Sua mae e eu viajámos, e a saude da menina é muito delicada para supportar as fadigas d'uma viagem rapida e continua.

— O senhor vem do ceu, respondeu a mulher. Eu estava vivendo muito triste, por já não ter aquella menina que o sr. viu. Tinha-a creado como se fôra minha filha, mas sua mae veiu buscal-a, e eu fiquei sósinha. De sorte que é uma felicidade para mim o que o sr. me propõe; ficará a sua querida menina no logar da que perdi, e a quem queria tanto.

— Então não direi mais. Nunca estabelecerei condições de dinheiro a uma mulher que vai tornar-se mãe de minha filha; por tanto, eis o que lhe offereço.

A mulher murmurou algumas palavras para fazer comprehendêr que não seria exigente; Emmanuel continuou:

— Esta casa é sua?

— Não, meu senhor.

— Quanto vale?

— Seis mil francos.

— Hade compral-a.

A pobre mulher abriu muito os olhos.

— Compral-a? mas com que, meu Deus?

— Com seis mil francos que irá buscar a casa do meu banqueiro.

— Mas para quem comprarei eu esta casa?

— Para v. me.<sup>o</sup>; dou-lh'a eu.

— Oh! meu senhor, tanta bondade!

— Escute; v. me.<sup>o</sup> vai comprar a casa, e amanhã hão-de vir operarios para arranjarem lá em cima um quarto, que tornarão similarmente áquelle em que minha filha foi creada. Quero que não falte coisa alguma a esta menina; para isso, quanto lhe é preciso cada mez?

— Não tendo que pagar renda da casa, a menina e eu viveremos como principes com cincuenta francos por mez.

— Bem; terá quinhentos francos por mez.

A ama soltou um grilo d'espanto; já não sabia aonde estava.

— Todos os dias virá aqui esta mesma carroa-

gem, para que vá com a menina passear, por duas ou tres horas. Tudo que precisar ser-lhe-ha dado pelo meu banqueiro; mas é preciso que comprehenda bem, que eu quero que a menina seja tão feliz, quanto pôde ser-a uma creança que já não tenha pae nem mãe.

— Mas então o sr. não voltará mais, nem a sua esposa?

— Talvez. Se todayia vier alguem buscar Clotilde, não a entregue sem um bilhete meu; aqui lhe deixo ficar a minha letra para que a conheça.

Emmanuel pegou n'uma penna, e escreveu:

« O senhor Moreau (era o nome do seu banqueiro) dará á senhora....

— Joanna Boulay, responden a ama, que não podia acreditar o que via, e o que ouvia.

« À senhora Joanna Boulay, escreveu Emmanuel, a somma de seis mil francos, e mais quinhentos francos cada mez, até segunda ordem. Dar-lhe-ha, do mesmo modo, tudo o que lhe fôr por a mesma pedido, para a creaçao e educação de minha filha, de que fica encarregada.

« **EMMANUEL DE BRYON.** »

— Agora, continuou elle, irá, pouco a pouco, habituando minha filha á idéa de que seu pae e sua mãe morreram; e torno a repetir-lhe, quando vierem reclamar-lha, entregar-lhe-hão uma carta minha, que lhe assegurará a v. mc.<sup>o</sup> o seu futuro. Só entregará a menina á pessoa que lhe entregar essa carta.

— Obedecerei a todas as suas ordens, meu senhor, disse a pobre mulher não podendo comprehen-

der aquelle personnagem tão extraordinario, que dava a uma ama quinhentos francos por mez, e uma casa que custava seis mil francos.

— Agora, adeus.

— Então o sr. vae-se já?

— Immediatamente.

— Mas não volta mais?

— Talvez ainda uma vez hoje, e talvez nunca.

Emmanuel beijou sua filha, e teve-a apertada contra o coração durante cinco minutos. N'aquelle momento toda a alma lhe passára do coração aos labios; emsím depôl-a no chão, e foi assental-a junto da lareira.

— Ahi está a sua malasinha, em que se acha tudo que lhe pôde ser preciso no primeiro momento. Tenha o maior cuidado em que ande sempre bem vestida, porque ella é muito presumida, disse o pobre pae com as lagrimas nos olhos; finalmente racommeado-lh'a como se fosse sua filha.

Em seguida poz sobre a meza uma bolça, atra-vez as malhas da qual brilhava o oiro, e depois de beijar ainda uma vez sua filha, sahiu, e subiu para a carroagem.

— Ao ministerio de... disse elle ao cocheiro.

E a carroagem partiu ao galope.

Emmanuel sentia-se despedaçado; chorava es-  
sas lagrimas isoladas e contidas, que são as pri-  
meiras d'uma grande dor, porque as grandes  
dôres apenas humedecem os olhos. Entretanto era  
tal a força que Emmanuel tinha sobre si mesmo,  
que os olhos secaram-se-lhe, e o coração desa-  
nuiou-se-lhe a tal ponto, que quando chegou ao

boulevard parecia, se não alegre, pelo menos indiferente.

Apelou-se á porta do ministro que nós já conhecemos, e mandou-se annunciar.

— O que o traz por aqui? perguntou-lhe o ministro.

— Venho pedir um passaporte.

— Então sahe de Paris?

— Saio.

— Agora?

— Já.

— Mas onde pôde o sr. ter de ir em similhante occasião?

— Vou viajar.

— Mas com que fim? sente-se talvez mal de saude.

— Não eu, mas minha esposa.

— Mas volta breve, de certo?

— Talvez.

O ministro parecia não comprehendêr.

— Julgava.... disse elle.

— Que o seu amigo ia ser tambem seu collega?

— O sr. mesmo é que m'ô disse.

— E era verdade.

— Mas pelo que vejo já o não é?

— Não.

— Que está dizendo?

— Disse que ha affeicções ás quaes é preciso sacrificar alé a ambição.

— A sua partida vae de certo fazer grande sensaçao em Paris.

— Paris é sempre muito bom e muito joven.

- Quer então um passaporte ?  
— Indispensavelmente.  
— Para onde ?  
— Para todos os paizes.  
— Para todos os paizes quentes; porque, se a senhora soffre, são os climas que devem convir-lhe.  
— Seja.  
— Vá á Italia.  
— Irei.  
— Mesmo porque encontrará alli um dos seus amigos.  
— Deveras ? quem é ?  
— O marquez de Grige.  
De Bryon estremeceu ouvindo este nome.  
— Não sabia que tinha sabido de Paris.  
— Pois partiu com sua irmã; veiu aqui para visar o passaporte.  
— Com sua irmã, murmurou Emmanuel.  
— Admira-se ? Tambem eu o julgava filho unico; mas parece que effectivamente tem uma irmã.  
Emmanuel advinhou tudo, e sentiu o sangue refluir-lhe ao coração.  
— N'esse caso, está decidido, vou á Italia ; disse elle fazendo um esforço sobre si.  
O ministro tocou a campainha, appareceu aquele secretario que nós tambem já conhecemos, e recebeu da mão do ministro um papel que este acabára de assignar.  
— Mande passar um passaporte, disse elle, e em seguida voltando-se para Emmanuel : — Vae como enviado particular do governo. Deste modo tem

direito aos primeiros cavallos de posta, o que não é para despresar.

— Obrigado, agradeço muito a lembrança, disse Emmanuel, e sem mais se demorar, sahio.

Apenas elle tinha fechado a porta, disse o ministro ao secretario.

— A Julia não tem apparecido?

— Não a vejo ha muitos dias.

— Então não tarda que appareça, por que esta partida deve ser obra sua.

Emmanuel dirigiu-se a casa do conde d'Hermi. O criado que lhe abriu a porta, e que era um dos mais antigos no servico do conde, parecia consternado. Sem dizer uma palavra, conduziu Emmanuel ao quarto em que se achava seu amo, e tornou a fechar a porta sem que este voltasse ao menos a cabeça, ou mostrasse notar a presença do recemchegado.

Emmanuel aproximou-se de seu sogro, que, pálido, com os olhos fitos e molhados com uma lágrima que parecia eternamente pendida das pálpebras, parecia um desses pobres entes a quem a razão vae abandonar, e que, roçando já pela loucura, desconhecendo os novos horisontes que se lhe apresentam, se conservam n'esse estado d'espasmo e atonia, que precede a catastrophe cerebral.

— Abençoe-me, meu pae, disse Emmanuel ajoelhando aos pés d'aquelle hemeru, a que tão grande dor tornará santo e veneravel.

O conde olhou muito attento para seu genro, deixando passar atravez dos labios um sorriso

benevolente, ainda que amargo, como os surrisos que occultam um sofrimento, mas sem pronunciar uma só palavra.

— Meu pae, continuou Emmanuel; tenho cometido alguma acção de que possa reprehender-me?

O conde fez um gesto negativo.

— Desde o dia em que me concedeu a mão de sua filha, deixei eu um só momento de ser o esposo mais afectuoso?

O sr. d'Hermitte repetiu o mesmo gesto.

— Então, não merecendo nunca reprehensão, sou martyr, e não culpado, não é verdade?

O pobre velho abraçou o mancebo, que sentiu correrem-lhe pelas faces duas lagrimas ardentes e sagradas.

— Adeus, meu pae, continuou Emmanuel. Antes de partir queria ter esta consolação; que, partindo de si, é a palavra de Deus.

Emmanuel levantou-se, o conde fez um gesto para o sustar, ou para lhe dirigir alguma pergunta; mas com o olhar fixo, e sem intelligencia, descançou a cabeça sobre as costas da sua poltrona, e deixou sahir o genro, sem lhe dizer coisa alguma.

Emmanuel voltou a Antenil. Encostou a sua filha, com os olhos vermelhos de chorar, mas brincando. Passou duas horas a contemplá-la e a abraçá-la, como se abraçam os que se amam, e a quem se julga não tornar a vêr, fazendo continuamente advertencias á ama, e murmurando uma oração, a cada beijo que dava na creancinha.

Às dez horas voltou para Paris, jantou, ou fin-  
giu jantar, em sua casa, depois vestiu-se e foi  
para a *Opera*. Cantava-se n'essa noite a *Favorita*.  
Escutou no fundo do camarote, aquella maravi-  
lha de musica e de amor. Depois do primeiro  
acto, foi ao salão, onde encontrou alguns ami-  
gos, que ignorando todos o que lhe havia suc-  
cedido, lhe fizeram os seus cumprimentos, por  
que era já conhecido, não só a sua viagem, mas  
o fim d'ella.

Emmanuel recebeu aquellas felicitações como  
homem convencido da instabilidade das coisas hu-  
manas, indo em seguida fazer visita a alguns catua-  
roles, onde todos lhe pediram notícias de m.<sup>re</sup> de  
Bryon. A sua fuga não era conhecida. Emmanuel  
respondia que a saude de sua esposa se achava  
alterada e que por isso ia com ella fazer uma via-  
gem; acrescentando que a sua presença no thea-  
tro n'aquella noite, não era mesmo senão um adeus  
às pessoas que alli costumava encontrar.

Voltou para casa, examinou a carroagem de  
posta que o esperava, e depois de ter vestido um  
traje de jornada, tornou a descer, e partiu ao  
galope de quatro bons cavallos pela estrada do  
Meio dia. Antes de partir enviara ao rei a sua  
demissão de par do reino.

---

## XVIII

A demissão do sr. de Bryon produziu grande sensação em Paris. Todos perguntavam a causa d'aquella viagem, quando o *Monitor*, jornal oficial publicou estas linhas:

«O sr. de Bryon, par do reino, acaba de sahir de Paris, depois d' ter enviado a sua demissão a el-rei. Abandonou completamente os negocios publicos para acompanhar á Italia sua esposa, cuja saude lhe está sendo causa de sérios cuidados.»

Esta noticia fôrça comunicada pelo ministro, de quem Julia era um dos principaes agentes; mas, apesar do bem conhecido amor de Emmanuel por sua esposa, havia certa dificuldade em acreditar n'aquella doença tão expontanea, circulando desde logo a um tal respeito toda a sorte

de commentarios. Quem sabia a verdade era Julia, que se sentira a principio muito admirada de não receber resposta á carta, que escrevera a Maria, e que devia salval-a.

— Eis-aqui como são todas, exclamára ella cheia de despeito, e até quasi arrependida. Agora que já me não receia, nem ao menos me agradeceu o que fiz por ella.

No dia immediato dirigira-se a casa de m.<sup>me</sup> de Bryon, e soubera alli que Maria partira na vespera para o campo; pelo menos fóra o que dissera o sr. d'Hermi. Emfim, quando a noticia da partida de mr. de Bryon lhe chegou aos ouvidos, dirigiu-se a casa delle, e perguntou o que tinham feito das cartas que ella alli mandára, sabendo então que em vez de as entregarem a Maria, que não voltara, as haviam entregado a Emmanuel. Foi nessa occasião que comprehendeu tudo.

— Perdeu-se a meu pezar, disse ella. Agora, como não é possivel salval-a, aproveitemo nos da sua perda.

— Tanto melhor; disse ella depois de reflectir algum tempo n'aquelle novo incidente. Em seguida voltou a casa a buscar uns papeis, e, acto continuo dirigiu-se á secretaria d'aquelle ministro que nós conhecemos.

— Então está satisfeito? perguntou-lhe ella apenas o avistou.

— Muito minha cara Julia.

— Sabe a quem deve o que acaba de suceder?

— Creio que á senhora.

— Não se engana.

— Mas sabe que possue realmente uma habilidade extraordinaria?

— Sei-o muito bem.

— Como foi que chegou a um tal resultado?

— D'um modo muito simples. Sube que o sr. de Grige, que v. ex.<sup>a</sup> olhava como um insigniante, estava apaixonado por m.<sup>me</sup> de Bryon; tornei-me amante do sr. de Grige, convencida de que mais tarde ou mais cedo, se lhe havia de enfregar aquella que elle amava.

— Então é essa a sua opinião ácerea das mulheres?

— Nem mais nem menos. Ella cedeu, e como toda a mulher que cede, escreveu ao seu amante. Esperei que houvesse um certo numero de cartas dirigidas a Leão, apoderei-me d'ellas e enviei-as ao marido. Foi uma vingança feminina das mais naturaes, e que seria desculpada por muita gente de bem, se eu invocasse em minha defesa o muito amor que tinha a Leão, e o estado em que me havia lançado o ciume; continuou Julia, rindo, como para desmentir ainda melhor o que acabava de dizer. Destruí o colosso com uma picada; fiz parar a grande machina com um grão d'areia. V. ex.<sup>a</sup> nunca suspeitou, de certo, que seria este o modo porque o livraria do sr. de Bryon; foi um partido a quem eu decepei a cabeça: fui a Judith d'um Holofernes politico. Causei a demora de dez annos a uma revolução, que não se faria esperar mais de seis mezes. Como o mundo ficaria admirado: se soubesse d'onde partem muitas vezes estes grandes

acontecimentos políticos! E nem um só dos que escrevem a história contemporânea, o sabem! É pena, porque seria para elles do maior interesse, ainda mesmo que o leitor o não acreditasse.

— Fez-nos realmente um grande serviço, Julia; disse o ministro com toda a seriedade.

— A quem o diz v. ex.º!

— É preciso completar a sua fortuna; deseja-o?

— De certo.

— Tem alguma coisa que a prenda em Paris?

— Nada.

— Então está disposta a partir?

— Hoje mesmo, se fôr preciso. Temos agora política estrangeira?

— Justamente.

— E v. ex.º, confesse que não acha de todo inútil, desembaraçar-se da minha presença.

— Isso é loucura.

— V. ex.º teve muita razão em fazer o que faz. Eu seria de certo uma aliada muito perigosa para os que se aproveitam do meu prestígio, se me conservassem sempre junto de si. E depois, eu no fim de tudo, sempre sou mulher, e n'um momento d'esquecimento, como todas nós temos, poderia atraiçoear os segredos d'estado, e fazer-lhe mais mal do que lhe tenho feito de bem. Que escândalo, se soubessem tudo o que eu sei!

O ministro escutava Julia attentamente. De mais comprchendia elle que Julia não fallava assim senão para lhe fazer sentir o interesse que elle tinha em não a desgostar, obrigando-o a não a

affastar de si senão com a condicão de lhe proporcionar uma posição excepcional.

Esteja certa de que nunca terá de queixar-se do que lhe vou propôr.

— V. ex.<sup>a</sup> advinha tudo. Vejamos então; de que se trata?

— Existe um reisito que nos incomoda; é o rei de.... É necessário mandar-lhe uma Maintenon, para que haja uma revolução no paiz.

— Maintenon na influencia, mas Montespan na idade; disse Julia.

— Exactamente.

— À primeira vista parece fácil; mas é realmente perigosa a commissão.

— Intimida-a o perigo?

— De modo algum.

— Então aceita?

— Aceito. Esse rei é, provavelmente, velho?

— Cincoenta e cinco annos.

— Beato?

— Muito.

— Por convicção?

— Não; por medo.

— Tem, por conseguinte, um confessor que o domina?

— Um italiano chamado Gamaldi. Pelo que vejo conhece a historia da Europa?

— Tenho, pois, de me dirigir ao confessor em primeiro lugar; o resto é infallivel.

— Merece uma estatua de oiro, Julia.

— Não terei a estatua, mas terei de renda o valor d'ella. Quando devo partir?

- D'aqui a oito dias.  
— Optimamente.  
— Ámanhã virei receber as suas ultimas instruções.  
— Então até ámanhã.  
— Até ámanhã.  
— Vou sahir de Paris, disse Julia consigo, a subir para a carroagem. Não me desagrada; quem sabe o que pode suceder.

Dirigiu-se em seguida, e muito de propósito aos Campos Elysios, por que Julia não fazia coisa alguma sem intenção. Queria annunciar aos seus amigos a sua proxima partida; ora como estes pela maior parte, se achavam áquelle hora nos Campos Elysios, não quiz partir sem ser a primeira a explicar em Paris, a verdadeira causa da demissão de Emmanuel.

Julia tinha todo o empenho em conservar a sua reputação.

Chegando aos campos Elysios encontrou logo aquelle velho conde de Camul, que nós vimos entrar uma vez no seu camarote dos *italianos*.

— Oh! minha querida Julia, exclamou aquelle velho D Juan; que prazer que eu sinto em vel-a-

— E eu estou encantada por tel-o encontrado. Onde vae, meu querido conde?

— Vou a casa do sr de Bryon, saber se com effeito partiu.

— Escusa de se incomodar por isso; partiu.

— Mas o que significa esta sahida de Paris, depois da jornada que elle fez a G.... e que devia produzir, um grande acontecimento no paiz?

— Realmente ? ! disse Julia fingindo-se muito admirada.

— Com toda a certeza ; tinha as provincias todas por si : era um homem de um grande prestigio. Mas o que significa esta demissão ? Tel-o-hão *comprado* ? pelo menos já não falta quem o diga.

— Não foi nada disso, disse Julia.

— Então sabe alguma coisa a esse respeito ?

— Sei tudo, que é um pouco mais.

— Mas então não m'o diz ?

— Appareça esta noite.

— A que hora ?

— Depois da opera.

— Posso levar comigo o barão ?

— Leve consigo quem quizer.

— E Leão estará tambem presente ?

— Leão sahiu de Paris.

— É admiravel ! Então toda a gente foge ? !

— Assim parece ; é uma bonita historia tudo isso.

— Declaro que não percebo ; elle que parecia adorar-a !

— Adeus, até á noite. Vai alli uma pessoa a quem preciso fallar.

— Até á noite, querida amiga. Previno-a de que continua a ser amada pelo barão, que se tambem fôr á noite, não deixará de lhe fazer a corte como de costume.

— Perderá o seu tempo ; parto d'aqui a tres dias.

— Isso agora é que é para endoidecer ! Pois tambem a sr.<sup>a</sup> ? !

— Tambem eu. Adeus, até á noite.

E ao mesmo tempo fazia Julia signal a um mancebo que passava proximo n'aquelle occasião, para que lhe fosse fallar. Era um d'aquelles muitos que se encontram em Paris, da mesma essencia que de Grige, mas mais arruinado. Em compensaçao era o mais incansavel corretor de noticias que podia encontrar-se. Julia sentira em todos os tempos grande necessidade de dinheiro; e antes de se ter dedicado á politica, e criado uma fortuna, vira-se obrigada a procurar obtel-o por todos os meios que se acham á disposição das mulheres da sua especie, quando são moças e bonitas. Por isso é necessario não nos admirar-mos da intimidade que reinava entre ella e pessoas que ainda não figuraram n'esta historia, e que apenas veremos de passagem.

—Onde vaes, Gaspar? disse ella ao mancebo a quem chamara, e que fizera parar o cavallo para lhe fallar; onde vaes tu?

—Vou satisfazer a um pedido de minha mae?

—O que é?

—Sabe se realmente o sr. de Bryon, sahiu de Paris.

—Acabo agora mesmo de encontrar o conde de Camul, que tinha o mesmo empenho.

—É o grande acontecimento do dia...

—Pois dir-te hei o mesmo que já disse ao conde. O sr. de Bryon partiu.

—Sabes isso, tu?

—E sei ainda mais alguma coisa que te hei-de contar, e que te ha-de divertir, se fores esta noite a minha casa, ás onze horas.

- frei sem falta. Como está Leão?
- Partiu.
- Ora essa!
- E o teu amigo Ernesto?
- Morreu esta manhã.
- De que?
- D'uma estocada; fui sua testimunha.
- Pobre rapaz. Quem foi quem lhe deu?
- Foi aquelle Carlos que era amante de m.<sup>ma</sup> de... lembras-te?
- E foi por causa d'ella que houve o duello?
- Foi. Conhecias-lo?
- Perfeitamente.
- É verdade, não me lembrava que chegaste a estar quasi doida por elle.
- Ficou-me devendo um cavallo.
- Que tu nunca haverás, salvo se elle t'o deixou em testamento. Adeus, até á noite.
- Até á noite.

Julia volteou para casa. No caminho encontrou um terceiro individuo, de faces rubicundas e suissa preta, um verdadeiro typo de agiota, saturado de vinho generoso, de solidos e apetitosos piteus, e o rosto constantemente illuminado com o sorriso do homem sempre feliz em negocios. Julia mandou parar a carroagem, e chamou o tal personagem.

- Girard! gritou ella.
- Ah! é esta querida Julia; como está?
- Esse cumprimento cheira a Vaudeville.
- O sr. Girard riu-se. Era sempre assim que respondia, quando não tinha que responder.

—Vae esta noite? lhe disse Julia.

—Aonde?

—A minha casa.

—Para jogar?

—Então em minha casa joga-se?

—É porque eu não jogo senão na *Bolsa*, disse o sr. Girard, entre um risinho de satisfação, e uma bafurada de fumo de charuto.

—Pelo que vejo tem-se tornado espirituoso?

—Se conseguir ganhar um milhão, pol-o-hei a seus pés.

Ahi está uma bonita phrase. Vou-me embora para não o obrigar a dizer segunda. Até á noite.

—Depois de acabado o espectáculo nas Variedades. *Ella* entra quasi no fim.

—Pois ainda dura isso?

—Sempre.

Julia continuou o seu caminho rindo d'aquella fidelidade, que era um logro para um, e uma fortuna para a outra. Dentro em pouco chegou a sua casa. À noite foi á opera. Entre outras pessoas viu o sr. de Bay que continuava alli os seus habitos em outro camarote, que não era o das senhoras d'Hermi, ao lado de outra senhora, que não era a condessa. Às onze horas estava de volta.

—Vou publicar toda esta história, pensava ella Devia, talvez, calar-me. Ora! tenho feito o que devia. Para que enganou a sr.<sup>a</sup> de Bryon a seu marido? Tanto peor para ella!

Florencio que entrara para o seu serviço n'aquella manhã, anunciou o conde de Camul, e o barão de...

Vamos ver com que exactidão Julia contou a história da demissão de Emmanuel ?

— Minha querida Julia, disse o conde de Camul, compondo em frente do espelho, o cabello, primorosamente tinto ; bem vê que sou de palavra : trouxe comigo o barão.

— Continúa a sentir-se apaixonado por mim, barão ?

— Sempre.

— Mas não lh'ô permitto senão com uma condição.

— Qual é ?

— É que não me tornará a fallar d'amor.

— Pobre barão, disse o conde, arranjando melhor a gravata ; não tinha vindo para outra causa.

— Segue-se que veio para nada. Não lhe succede muitas vezes ir a qualquer parte inutilmente ?

— Foi o que me succedeu hoje, continuou o conde conchegando o colete. Apesar do que me tinha dito, sempre fui a casá de Bryon, onde me disseram ter elle partido para o Poitou. Li depois no *Monitor*, que tinha partido para a Italia, e o secretario do ministro disse-me que fóra tirar um passaporte sem saber para onde iria.

— Quando penso que tenho o segredo de tudo isto !

— Que sem a menor duvida nos vae contar ?

— Sem a menor duvida.

— E tambem o segredo da partida de Leão ?

— Porque não ?

— Sabe que cheguei a acreditar que tinha en-

doidecido, o pobre Leão ; continuou o conde, pu-  
chando os punhos.

—A proposito de que ?

—Do que nos fez um destes dias no club.

—Que lhes fez então ?

—Ha tres ou quatro dias entrou no club, com  
um ar espantado, e assentou-se á mesa do whiste  
comigo e outro sujeito. No meio da partida levan-  
tou-se, pegou no chapéu, e saiu sem dizer nma  
única palavra. Todo o tempo que alli esteve, pa-  
receu muito inquieto e agitado. Depois não o tor-  
námos a ver.

—Tinha talvez alguma entrevista, disse Julia.

—Aqui ? disse o barão.

—Não.

—Tinha talvez uma entrevista, repetiu o conde  
com indifferença, tirando do bolço um pentesi-  
nho de tartaruga, e penteando as suissas.

—Tudo isso pôde ser ; mas sabem se Leão tinha  
alguma irmã ?

—Sim ; uma irmã com quem partiu.

—Tenho a certeza de que não tinha irmã alguma,  
replicou o conde.

Neste momento annunciaram Gastão e sr. Ge-  
rard.

—Chegaram muito a proposito, meus senhores :  
temos aqui que fazer.

—Tanto melhor. De que se tracta ?

—Tracta-se de esclarecer o barão, que pergunta  
como poude Leão de Grige partir com sua irmã,  
quando não tem irmã alguma.

—É facil de adivinhar, disse Gastão. Natural-

menie é uma mulher que leva comsigo, de quem precisa occultar o verdadeiro nome, e que por isso apresenta como sua irmã.

—E sabem o nome d'essa mulher?

—Não.

—Então assensem-se que vou dizer-lh' o. Sabem, continuou a Lovely, que via muitas vezes a de Grige?

—Setes vezes por semana, disse o sr. Girard.

—Vinte e quatro horas por dia, accrescentou suspirando o barão.

—Pouco mais ou menos, continuou Julia. Entretanto, havia algum tempo, accrescentou ella com indifferença affectada, que o não via senão cinco vezes por semana, e seis horas por dia.

—E em que momento começavam essas horas? disse Gastão.

—Algumas vezes antes, e nunca depois do espetáculo. Emfim, como vêem, isto caminhava como devia caminhar. Entre gente d'espirito não há rompimento possível; o amor deixa sempre bastantes migalhas com que se possa formar uma amizade; depois, havia certa pessoa que me fazia andar um tanto inquieta, e Leão, pela sua parte, tinha uma paixão muito séria.

—Eis ahi uma coisa nova.

—É muito lisongeiro para mim o que acaba de dizer.

—Continuamos a escutar.

—N'um bello dia, pois, confessámos mutuamente o estado dos nossos sentimentos. Leão disse-me que devia enganar-me no dia immedioato, e eu con-

tei-lhe que o tinha enganado na vespera. Tornamo-nos amigos, com todos os benefícios da amizade, bem entendido; isto é, com a condição de que me poria sempre ao facto da sua felicidade, salvo o nome que elle recusava dizer-me, contando-lhe também eu as minhas aventuras e amores. A partir d'este momento adoramo-nos, de sorte que quando nos encontravamos eramós accomettidos d'uma alegria louca. O mais que eu sabia, era que a mulher por quem Leão andava doido pertencia á alta sociedade. Causava-me realmente pena vel-o assim affastado do bom caminho; mas não me contentei em lhe conhecer a *especie*, quiz conhecer-lhe o nome.

—E ainda o amava?

—Não; já me aborrecia.

—E a tal pessoa?

—É nada menos do que muito rica.

—De sorte...

—Que meditava enganal-o com um principe.

—Que é por força muito bello.

—Justamente.

—Tanto que chegava a ser de mais.

—Não; tanto quanto eu desejava.

—Maliciosa...

—Mas não continuem a interromper-me.

—Não diremos nem mais uma palavra.

—Queria, pois, saber aonde ia Leão. Sabia que só visitava a sua mysteriosa amante ás duas ou tres horas da tarde, porque não fallava no theatro, e passava o resto da noite, como sabem, no club.

—Nem todas, disse o banqueiro, surrindo e olhando para Julia.

—Ainda outra interrupção.

—D'esta vez foi para constatar um facto.

—O sr. está hoje enfadonho.

—Procuro unicamente a exactidão, uma vez que se tracta de historia. Peço-lhe que continue

—N'um dia em que para matar o tempo, que o separava da hora afortunada em que devia visitar a sua amada, porque na nova sociedade que elle frequentava chama-se amada a uma amante ; veio de Grige a esta casa. Em quanto aqui estava olhou repetidas vezes para o relogio, o que me confirmou na minha opinião; e ás duas horas, sahiu. No dia immedio mandei a minha creada do quarto perguntar ao cocheiro de Leão, o qual não devia recusar coisa alguma á minha creada, onde tinha na vespera conduzido seu amo, quando sahira de minha casa. O cocheiro respondeu ao que lhe perguntaram, e essa resposta foi-me logo comunicada.

—O que lhe disseram então ?

—Não antecipemos, ainda não chegámos ao desfecho. No outro dia, ás seis horas da tarde, subi para a minha carroagem, e com o rosto occulto por um veu, mandei que me conduzissem á morada que me tinham indicado. A casa a cuja porta parei era um magnifico palacio. Entrei e perguntei ao porteiro se era verdade estar para se vender aquella casa ; respondeu-me que não lhe constava similarente coisa. Perguntei-lhe então o nome do proprietario, dizendo-lhe que preferia

escrever-lhe, a ir fallar-lhe em negocios, á hora de jantar. O porteiro disse-me o nome.

— E esse nome era ?...

— No dia immediato, passei tres ou quatro vezes por aquella rua á hora, pouco mais ou menos, em que eu julgava que Leão deveria fazer a sua visita. Com effeito, eram tres horas quando vi a sua carroagem parar á porta do palacio. Eu, continuou Julia, julgára Leão perdidamente apaixonado por essa mulher. Mas, os srs. bem o sabem, Leão era um rapaz que facilmente se habituava a qualquer coisa.... havia muito tempo que se acostumára a viver comigo, e a olhar a minha casa como sua, de tal modo, que passado o primeiro entusiasmo d'uma paixão difficult, voltou-lhe o desejo de tornar aos seus antigos habilos. Infelizmente era coisa difficult comigo. Com rasão ou sem ella, tinha-o amado demasiadamente para que consentisse em não ser para elle mais do que uma especie de hospedeira. A minha amizade não é tão hospitaleira ! Leão havia-o comprehendido, e nem mesmo me fallou em similar coisa ; mas o que elle não podia encontrar em minha casa, encontrou-o em casa d'outra, de que eu posso as mais minuciosas informações, que eu lhes vou contar, e que, ignorando a ligação de Leão com a nossa desconhecida, concebeu a desgraçada idéa de se apaixonar pelo seu novo amante.

— É uma historia admiravel !

— Ora, n'um bello dia, encontrando ella em casa de Leão as cartas da tal dama, descobriu

quem era, e onde morava, e como n'essa occasião o marido estava ausente, e ella conhecia o ponto em que elle se achava, pegou nas cartas de sua mulher, subscriptou-as a elle, e remeteu-lh'as.

— Cada vez se complica mais o negocio.

— Agora, desafio-os a que advinhem o que sucede.

— Continúa, continua, disse Gastão, como se estivesse ainda no tempo em que tinha certos direitos n'aquelle casa ; esta-me interessando muito a tua narração.

— A minha amiga escreveu á sua rival, dizendo-lhe o que tinha feito.

— Foi um acto o mais caritativo.

— A minha amiga é uma excellente pessoa.

— Isso vê-se claramente.

— É n'este ponto que o caso começa a ser extraordinario ! Uma noite, achava-me só, quando o meu creado veio annunciar-me.... advinhem quem ?

— Que malditos enigmas !

— Torna-te sphinx ; depois que OEdipo advinhou á de Delfos, é um emprego vago.

— É escusado impacientarem-se, porque não saberão o nome senão no fim.

— N'esse caso, inclino-me, e resigno-me.

— O meu creado annunciou-me a amante de Leão ; uma mulher da mais alta sociedade.

— Mas o que pretendia ella ?

— É o que vão saber. A pobre mulher ao receber a tal carta, ficára desesperada. Ignoro como

ella tivera conhecimento das minhas relações com Leão, mas o que eu sei, é que ella julgava existirem ainda essas relações, e que fôra eu quem lhe escrevera.

Vinha perguntar-me, pois, se fôra eu quem commettera uma infâmia, de que felizmente, sou incapaz. Nunca na minha vida presenciei uma dôr similar à d'aquella mulher, que eu tomaria por uma creança, tanto era moça e debil. Procurei desenganal-a sobre o que me dizia respeito, sem contudo lhe indicar quem era a verdadeira culpada, dando-lhe em seguida o conselho de fugir com Leão.

— Bonito conselho!

— Que queriam então que ella fizesse?

— Que ficasse.

— E o marido?

— Perdoar-lhe-hia como todos os maridos sensatos.

— Qualquer outro poderia fazel-o, continuou Julia; mas parece que aquelle não só amava, mas adorava sua mulher, e, o que é mais, era por ella adorado, e isto de tal modo, que ella receava, antes de tudo, as queixas de seu marido.

— Mas, disse Gastão, se ella adorava seu marido, para que o enganou?

— Bem sabem que são esses os grandes segredos das mulheres.

— Emfim?

— Emfim, consolei a pobre senhora o melhor que pude, porque, cortava o coração ver tão grande sofrimento. Era meia noite quando me deixou,

e no dia immediato partiu em companhia de Leão, que a fez passar por sua irmã.

— Muito bem ! disse Girard, eis ahi tudo pelo que toca a Leão ; mas não sei que relação possa ter essa historia com a demissão do sr. de Bryon !

— Julga isso ?

O sr. Girard olhára para os outros ouvintes, como para lhes dizer : — Não tenho razão ?

— É verdade, responderam elles.

— Então, não advinham ? disse Julia.

— O que ?

— O nome da tal senhora.

Os homens olharam-se reciprocamente com um pressentimento.

— Essa senhora.... disse o conde de Camul.

— Com a fortuna ! era m.<sup>me</sup> de Bryon !

— M.<sup>me</sup> de Bryon ! exclamaram com a maior expressão d'espanto, os convidados de Julia.

— Comprehendem agora o motivo porque o sr. de Bryon deu a sua demissão, e saiu de Paris ?

— Está bem certa do que diz ? perguntou o barão ?

— Posso afirmal-o. Sómente o que lhe peço é que guardem segredo, em attenção ao pobre Emmanuel, que todos os srs. conhecem, e que é merecedor que não se divulguem similhantes detalhes.

— Pôde contar com o nosso silencio, disse o conde.

— Mas que historia ! exclamou o barão.

— Quem poderia acreditar similhante coisa ? disse o banqueiro.

— Uma mulher encantadora! repetia Gastão. Decedidamente Leão é um homem feliz!

— Pensa que seja assim?

— Quem deixaria de ser feliz com uma tal amante?

— E acredita que o sr. de Bryon saiu de Paris unicamente para se distrahir?

— Apostaria, que foi em seguimento de sua mulher e de Leão.

— Diabo!

— E se o caracter de Emmanuel tem a mesma rigidez na vida privada, que tinha na vida publica, lastimo o marquez.

— Acabarã tido isto por um dramasinho muito bonito, disse o sr. Girard esfregando as mãos.

— A ceia está servida, minha senhora, disse o criado abrindo a porta da sala.

— Meus senhores, não ha coisa alguma que os impeça de cearem, se a ceia não é uma coisa fóra dos seus habitos.

— Com efeito, esteu com fome; disse o conde olhando para si mesmo com certo ar de satisfação!

— E eu tambem, disse o barão.

— Pobre Leão!

— Que infelicidade a de Emmanuel!

— Que extraordinaria historia!

Em seguida offereceu o barão o braço a Julia, e foram para a casa de jantar, fallando ainda por algum tempo da celebre aventura. No dia immedio foi contada no club, do club passou aos salões, destes aos toucadores, que produziram ecco

nas ante-camaras, e que foi repetido nos mais insignificantes jornacs domingueiros. A historia que Julia contará propagou-se com tal rapidez, que alguns dias depois, lia-se integralmente n'uma d'essas folhas diarias que commerceiam com o escandalo, tornando-o ainda mais repelente, pelo lodo que procuram lançar sobre o que muitas vezes é realmente nobre e digno de respeito. O oficioso periodico, não só contava o facto, mas indicava os personagens com iniciaes que toda a gente reconhecia, sem ter que pensar muito.

Emmanuel não tinha ainda ultrapassado a fronteira, e já a sua vergonha, que tanto procurará occultar, em attenção a sua filha, era de todos conhecida em Paris.

Em quanto a Julia, partiu desde logo para a sua missão diplomatica.

Vejamos agora o que é feito de Leão, de Maria, e de seu marido.

## XIX

Leão e Maria tinham chegado a Floreça. M.<sup>me</sup> de Bryon desde que sahira de Paris, não dissera uma unica palavra ao seu amante. Pallida como um cadaver, conservára-se sempre, por assim dizer, escondida, no fundo da carroagem, surrindo de vez em quando para Marianna, vivendo machinalmente, sem intenção de viver. Quem a visse assim diria ser um cadaver a quem mudavam de tumulo.

Leão não affastava da desventurada os olhos um só instante. Maria de espaço a espaço offerecia-lhe a mão, por compaixão, tanto ella o sentia infeliz. O que a pobre senhora soffria pela recordação, era incalculavel; mas valeria procurar o fundo do Oceano, do que o fundo de similhante dôr! Deixava-se conduzir, como se lhe fosse indiferente

tudo o que era estranho ao seu soffrimento. Muitas vezes, durante o silencio da noite, duas lagrimas lhe cahiam vagarosamente pelas faces. Era a sombra de sua mãe, a lembrança do sr. d'Hermi, ou de Emmanuel, que passava diante d'ella.

Leão comprehendeu que não era a sua amante, mas sim uma victima resignada, a mulher que levava consigo.

Chegando a Florença, dirigiu-se a uma hospedaria, onde pediu dois quartos, um para Maria e Marianna, outro para si, até que tivesse alugado, ou comprado, uma habitação conveniente. Maria assentou-se n'uma cadeira, na primeira casa em que entrou, olhou em torno de si, occultou o rosto com as mãos, e não pôde conter as lagrimas.

Muitos raptos teem acabado assim, mas este começava pelo fim de todos os outros.

— Não tenho necessidade de lhe recommendar a sr.<sup>a</sup> de Bryon, disse Leão a Marianna. Eu vou para o meu quarto, quando Maria quizer ver-me, mandar-me-ha chamar.

— Eis a minha vida encadeada á d'esta pobre mulher que me não ama... Mas se eu a amo tanto!

E Leão chegando ao seu quarto, assentou-se também, acabrunhado pela tristeza mais invençivel.

Que diferentes e extraordinarios resultados pôde ter um amor desordenado, quando a mulher não soube resistir-lhe!

Neste livro ha quatro mulheres distintas.

A primeira, m.<sup>me</sup> d'Hermi, fez do amor uma

distracção, que nem mesmo chegou a alterar-lhe o colorido das faces, que foi conhecido de todos que a rodeavam, e que o acceitavam sem lhe pedir contas, apezar d'ella ter um marido, um nome dos mais distintos, é uma filha.

A segunda, Julia Lovely, fez do amor uma mercadoria, um cálculo, um commercio, e a sociedade em troca deu-lhe a celebridade, a fortuna, e até a influencia. Julia vive do seu amor, como o operario do seu trabalho; unicamente Júlia é mais feliz do que o operario.

A terceira, Clementina Dubois, não sente por seu marido mais do que um amor fraternal, sem exaltação, sem receios e sem perigo. Confia no coração, porque desconhece a paixão. Das quatro, será a mais feliz, por que gosará sempre essa paz que provém da tranquillidade de consciencia; esse repouso dos sentidos, que é em si mesmo a virtude.

A ultima, Maria, é de todas estas mulheres, a que sentiu um amor real, que a domina ainda, e que a perdeu, mesmo pela sua intensidade, que a tornará ciosa d'aquelle que lh'o inspirava. Foi por ciúme que atraiçoou seu marido. Não cometeu senão uma falta, e será mais desgraçada do que Julia, e mais punida do que a condessa, porque não terá nunca, nem o cálculo de uma, nem o carácter descuidoso da outra. Ainda que só uma vez tivesse cedido a um homem que não fosse seu marido, essa unica falta seria bastante para lhe despedaçar a existencia, manchar-lhe a memória, destruir a felicidade de seu pae, o fu-

turo do homem a quem amava, e a quem, depois dessa falta, ama ainda, mais do que tudo no mundo. Seria punida, porque não soubera mentir, porque, até mesmo faltando aos seus deveres, o coração se lhe conservára inocente. Cederia a uma fatalidade invencível, e a sua vida, que teria uma unica mancha, tornar-se-hia um meio de obter fortuna, para uma mulher que não tivesse em todo o seu passado uma boa acção a invocar, excepto aquella que praticou demasiadamente tarde, e que tão bem procurou esquecer depois.

Donde procede isto? O que dá causa a que uma criatura de vinte annos, sem experiência e sem força, venha a ser, pelo erro d'um dia, votada ao despeso e à desesperação por toda a vida, e isto por uma sociedade mil vezes mais corrompida do que ella? Por que é que a maldade é lucrativa para uns, e o erro mortal para outros? Será indispensável que a hypocrisia seja o constante guia da vida, com a unica condição de se occultar, para ser absolvida? Não se poderá obter perdão senão d'aquelles que receberam do céu a missão de perdoar, dos sacerdotes, e será uma sociedade eternamente viciosa e falsa quem sempre se constitua juiz das fallas commettidas, tomando a seu cargo castigal-as, como para se desculpar pela punição que inflingé? Deste modo o perdão será interditó à peccadora, a menos que o não vá procurar no proprio seio de Deus; e ainda que aquelles que sofreram com a sua falta, lhe perdoem, o mundo que não sofreu coisa al-

guma, não lhe perdoará, e apontará constantemente para essa mancha, que transformará em repellente ulcera.

Sim, a sociedade é mal constituída; aconselha o mal, e não o repara depois de feito. É uma velha pervertida que vende as filhas, não para obter dinheiro, como uma dessas mediañeiras ordinarias, mas para dar uma desculpa ao que ella propria tem commettido. A mulher que conhece a falta de uma sua igual, jámais a lastima. Primeiro repelle-a, depois, se vem a commetter a mesma falta, cita-a como exemplo, para se desculpar. Facilmente se encontram mulheres com reputação de virtuosas, que o serão talvez, e que continuarão a receber uma mulher adultera, se esse adulterio não produziu um escandalo publico; mas não o farão senão para tornarem mais saliente a sua virtude, e para terem o direito de tomar a defesa de alguém. Entre mil, entre dez mil, não se encontrará uma que diga com franqueza:

— Recebo esta mulher, por que seu marido lhe perdoou, por que talvez eu fizesse o mesmo se me achasse na mesma situação; por que é necessário ser exemplo de peccado para lançar a pedra ao peccador, e eu não sei o que o futuro me reserva.

Como é isto! Pois perdoa-se a uma creança que mate seu pae, alegando-se que não soube o que fez; e não se perdoa ao coração, que é sempre creança, e que por isso nunca sabe o que faz! Produzem-se revoluções para substituir um

a outro rei, uma forma de governo a outra que parece melhor, e em quanto que o que se chama politica avança no caminho do progresso, esta grandiosa questão não dá um passo, revolve-se no lodo, arrastando sempre consigo a honra dos maridos, a felicidade das mulheres, a paz das famílias, e o futuro dos filhos! E a natureza, que não quer mais do que a reprodução dos viventes, aproveita-se de todas estas paixões que a ajudam a attingir o seu fim; mas a sociedade não vive segundo a natureza, mas segundo os seus caprichos, interesses e prejuízos. Amaldiçoa o filho pela falta de sua mãe, deshonra o marido pela de sua mulher, lança sobre uma família inteira o erro de um só dos seus membros, pedindo-lhe constantemente contas, e não lhe tornando a abrir as suas portas senão depois de lhe fazer comprehender que tinha o direito de lhas fechar.

Será indispensável que seja sempre assim? A sociedade contentar-se-ha sempre em dizer:

Eis o bem d'um lado; eis o mal do outro, escolhei: se praticardes o bem, tereis sempre a nossa estima; se o mal, nós vos cuspiremos na face, a menos que vos occulteis, e respeiteis as conveniencias. Adquiri uma reputação, e não quereremos saber o que com ella se oculta. Se as mulheres soubessem o immenso respeito que inspiram a certos homens, quando são virtuosas, todas teriam a vaidade de o ser para obterem a estima desta minoria.

Ainda algumas palavras para uma digressão

que se apresenta naturalmente n'este ponto, e que bem prova a defeituosa organisação da sociedade, que faz o mal, julgando praticar o bem.

Ha em Paris duas ou tres instituições para a educação de meninas, taes como a de São Diniz, e São Germano, onde o governo provê as despesas para a educação das filhas de militares reformados, ou mortos em serviço. Estas meninas recebem uma educação excellente a par das filhas das melhores famílias de França. Depois de terminada a sua educação, julga a sociedade ter feito por ellas tudo o que devia fazer. Não é a educação a fonte de toda a fortuna? É isto um paradoxo geralmente aceite, e ao lado do qual tantos sabios teem morrido de fome!

O que sucede a estas meninas, que não possuem a menor fortuna, quando sahem d'aquelas casas, onde estiveram até aos desesete ou desoito annos? Succede que muitas d'ellas tem demasiada instrucção, demasiada educação, e que viveram muito proximas da opulencia das outras, para desposarem um operario honesto, mas cuja educação não estará á altura da sua, e cujo trabalho não poderá provêr as exigencias a que esses principios as costumaram. Outras não possuem fortuna bastante para desposarem homens cujas posições e jerarchias, estejam em relação com a desgraçada educação que lhes deram, julgando assegurar-lhes o futuro.

O resultado é que estas duas impossibilidades, juntas ás paixões, á perguiça, ao orgulho, ao imperio dos sentidos, a tudo, em fim, que do-

mina em geral a mulher, lançam pouco a pouco, e necessariamente, essas desgraçadas na classe das cortesãs, que todos os dias aumenta, e na qual nos admiramos de encontrar intelligencias e instincções, que, ajudados um pouco pela sociedade, teriam contribuido para o seu bem, e que morrem sem terem produzido senão o mal.

Far-se-hia um livro bem curioso e interessante, sobre a fatal necessidade do vicio, que se torna o resultado da demasiada boa educação. \*

\* Não é só em França que se encontram aqueles defeitos de organização social. Entre nós, com quanto não haja instituições de todo similares às de S. Diniz, e S. Germano, de Paris, temos-as, com tudo, do mesmo gênero, pelo que respeita ao seu principal fim — educação de orphãos. D'estas nossas instituições resultam para o futuro das infelizes, que alli vão receber o pão do espírito, as mesmas dificuldades, que o auctor do romance aponta, falando das educandas de S. Diniz, e S. Germano.

No Recolhimento de S. Pedro do Alcantara, em Lisboa, por exemplo, hasta, para qualquer menina alli ser admittida, ser orphã, e não ter menos de doze, nem mais de treze annos de idade. Uma vez admittidas, recebem, pelo espaço de quatro annos, a educação mais esmerada, que poderia desejar-se. Passado este período de tempo, é julgada completa aquella educação, e desde então não podem continuar a persistir no Recolhimento.

Sahem, pois, d'alli com todas as prendas, que tão dignas são de apreço a n'ma senhora, quando a par dellas, possuem uma pequena ou grande fortuna, que, por assim dizer, lhes complete o direito de aspirar a um casamento vantajoso.

Mas, se uma das condições para entrar n'aquelle Recolhimento, é ser pobre, como é que saindo as educandas com todas aquellas prendas, mas sem o tal complemento, que as coloque nas circunstâncias de escolherem maridos, cuja educação esteja em harmonia com a sua; como é, dizemos, que se lhes assegurou o futuro? Rara será aquella que consinta em desposar um operário honesto e laborioso, mas inferior a si em educação, e cujas posses estejam bem longe de poder satisfazer a to-

Entretanto Emmanuel caminhava sempre. Como não duvidava que sua mulher e Leão viajassem pela posta, buscava informações em todas as mudas, seguindo, até Marselha, o mesmo caminho que os fugitivos. Não parou senão á meia noite. No dia em que chegou partia de Marselha um navio, tomou logar n'ele imediatamente. Não dizia senão o que era indispensável dizer para poder continuar o seu caminho, e não comia senão o preciso para não morrer de fome. Nunca um sofrimento qualquer imprimiu no rosto de um homem uma expressão mais tocante.

Chegou em fim a Leorne; á noite estava em Florença.



das as exigencias filhas das continuas aspirações reveladas ao espirito por uma educação esmerada; e mais rara será a que se sujeite a ser, pelo menos, *creada grave*, de qualquer familia abastada.

Não sucederia assim se aquella educação fosse adquada á sua condicção pobre e humilde; se em vez de *fazerem senhoras*, tivessem em vista *fazer mulheres*, segundo a acepção que, entre nós, se dá vulgarmente a estes dois vocabulos.

Alem destes inconvenientes, tecem, aquellas orphãs, ainda contra si, o saharem do Recolhimento, com direito a um dote de 100\$000 réis, se casarem no espaço de um anno, e de 80\$000 réis, se só o fizerem depois d'este tempo. E é isto contra elles, porque o dote é, muitas vezes, um convite a certa especie de miseraveis, que, só com a mira n'aquelles milhares de réis, não duvidam aceitá-las por esposas, para depois as maltratar, abandonando-as por lim.

Julgamos, pois, judiciosissimas as reflexões do sympathico romancista, e dizemos com elle, *que a sociedade faz muitas vezes o mal, julgando praticar o bem.*

N. D. T.

XX

Quando Emmanuel chegou a Florença, havia tres dias que Leão e Maria alli se achavam. A primeira coisa que fez depois de alli chegar foi dirigir-se á embaixada franceza, e perguntar se o sr. de Grige e sua irmã tinham mandado visar os seus passaportes. Responderam-lhe que, com efeito, tinham chegado o sr. marquez de Grige e sua irmã, e que o seu passaporte, fôra alli mandado do hotel d'Sorh.

Emmanuel dirigiu-se em seguida áquelle hotel, mas lá disseram-lhe que os dois recemchegados tinham saido na vespéra sem que dissessem aonde iam.

Com efeito, Leão, tendo encontrado uma casa solitaria, com todas as condicões que lhe convi-

nham, alugára-a immediatamente, e mudára-se logo para ella com Maria e a sua velha ama.

Emmanuel percorreu todas as ruas, todos os passeios, procurando informações em todas as hospedarias, e querendo achar indícios em todas as casas, sem que conseguisse encontrar os que procurava. Entretanto Leão tentará acalmar a dor e os remorsos de Maria; esta, pela sua parte, não fôra de todo insensível às atenções do seu amante; não por amor, mas por piedade, e dissera consigo:

— Este homem ama-me realmente, e eu sou injusta para com elle. Depois de lhe haver cedido, a minha friesa e indeferença é uma pessima ação. N'um instante sacrificou-me toda a sua vida, e eu ainda não encontrei um sorriso para lhe agradecer um tal sacrifício.

Fizerá, pois, um esforço sobre si mesma, conseguindo, por alguns instantes, parecer tranquilla. Leão aproveitára aquella boa disposição para lhe dizer:

— Maria, é possível que para o futuro ainda hajam dias felizes para nós.

— É possível! responderá a pobre senhora.

— É muito joven, Maria, e por tanto ha-de esquecer-se! Não me ama, bem o sei; por um momento perturbei-lhe os sentidos e a razão, mas nunca lhe possui o coração. A falta que lhe fiz commetter, lhe-gou-a irremediavelmente a mim. Resigne-se pois, ao meu amor, que substituirá todas as affeições que lhe fiz perder; que será ternô e dedicado como o de um pae, fiel e submisso como

o de uma creança, feliz e reconhecido como o de um esposo.

— O seu coração é bom, Leão; disse Maria surrindo, e estendendo a mão ao seu amante.

— Deus desloca muitas vezes existencias que julgam não poder habituar-se ás novas espheras a que são lancadas, e que mais tarde sentem a maior admiração de alli terem vivido. A sua tristeza ha-de diminuir, Maria, e talvez chegue um dia, em que eesse de se arrepender. Em quanto o desejar, não serei mais do que seu irmão, e se mais tarde, convencida da realidade do meu amor, quizer recordar se do laço que nos une, tornar-me-ha o mais feliz dos homens.

Maria não respondeu, apertou a mão de Leão, em signal de reconhecimento, senão de promessa, e procurou dar á sua vida o aspecto commun, para não entristecer demasiadamente o seu amante.

— É necessario, Maria, lhe disse Leão, não digo distrair-se, porque lhe seria por em quanto impossivel, mas pelo menos ocupar o tempo, e fechar o mais possivel o seu espirito aos pensamentos que a fatigam, e que podem matal-a. Gosta de musica: a musica conhece o caminho para a alma, e por isso aluguei um camarote no theatro lyrico; iremos alli todas as noites d'espectaculo, e assim passará alguns instantes, sem estar assos comigo. O camarote que escolei é dos mais ocultos, descerá o seu veu, e não será conhecida de pessoa alguma; d'este modo parecer-lhe-hão as noites menos longas.

— Muito obrigada, meu amigo; aceito.

— Nunca amei assim outra mulher, Maria; nunca empreguei o meu tempo senão em amores faceis e ephemeros. Só a sr.<sup>a</sup> chegou a possuir-me o coração; ignoro o modo de lhe provar que a amo, mas se conhece um meio, ainda que seja a minha morte, diga-mo, porque o empregarei, para que o meu nome não lhe seja odioso. Vamos, olhe para mim, surria-se, chame-me seu irmão!

— Torno a repetir-lhe meu irmão, é extremamente bom, disse Maria, commovida à seu pezar; e o futuro ha-de recompensal-o.

No dia immediato áquelle em que Emmanuel chegára a Florença, Leão e Maria saíram, ao anotecer, da sua casinha, onde Marianna ficou completando os ultimos arranjos, indispensaveis n'uma nova habitação, e foram para o theatro. O camarote de Leão, era o que nós chamámos uma frisa, no ponto mais obscuro, e sombrio, no fundo do qual Maria se assentou, e onde as vistas curiosas dos espectadores procuraram reconhecer quem seria a senhora que tão obstinadamente se occultava.

Emmanuel entrára no theato. Ignorava em que termos se achava Maria para com o seu amante; o que sabia de positivo, era que fugira com elle. Acreditava que Maria o amava, e que o marquez, altivo por possuir uma tal amante, a levaria a toda a parte em que podesse ser vista. Entrou, pois, para um camarote, e, como todos os espectadores, procurará conhecer a dama que se occultava. Não tardou que o conseguisse.

— É com elle! murmurou Emmanuel,

tornando-se ainda mais pallido, e recuando mais para o fundo do camarote para não ser visto por Maria; ella, a quem dera toda a minha vida, e que se entrega sem pudor, ao amor de outro.

E dois annos inteiros passaram deante dos olhos do sr. de Bryon; e cada dia d'esses annos de felicidade o feriu no coração ao passar-lhe pela memoria!

Teremos nós necessidade de analysar o que elle soffria entre o passado e o presente? Estava mais pallido do que um spectro: com a mão direita occultava a bocca, e o chapeu que conservára na cabeça, lançava-lhe sobre os olhos uma sombra unicamente atenuada por um frouxo raiu de luz, que do lustre apenas chegava ao fundo do camarote. Todavia, por mais occulto que estivesse, a ponto de se confundir para todos, com a obscuridade do camarote, conservára a vista tão tenazmente fita em Maria, que era inevitável, que, mais tarde ou mais cedo, pela influencia magnetica, a vista d'ella encontrasse a sua, e o reconhecesse.

Foi o que sucedeu.

Durante um entreacto, voltando Maria a cabeça n'aquella direcção, apercebeu aquelle rosto sombrio, não podendo affastar d'elle os olhos, e conservando-se muda, e com os labios entreabertos, pelo effeito do susto. Mas como o seu espirito, absorvido continuamente por uma recordação, e por um só pensamento, podia influenciar-lhe a vista, tentou acreditar n'uma visão, ou n'um sonho, e affastou os olhos d'aquella terrivel appa-

rição; mas aquelle olhar que nem um instante se affustava della, atraia lhe fatalmente a attenção.

O extraordinario espanto de Maria, não esca-pou a Leão, que inclinando se um pouco para ella, lhe disse:

— Sente-se incommodada?

— Não, não tenho nada, respondeu ella, sem voltar a cabeça, presa como estava por aquelle olhar sombrio como o crime, e ameaçador como o remorso. É elle! é elle! murmurou apenas; e, fascinada, despedaçada por aquella vista, sentia que se não sacudisse violentamente de si aquella impressão, poderia Emmanuel dirigir-se a ella e matal-a, sem que pudesse estender-lhe os braços, ou dizer-lhe uma unica palavra.

Emfim, fazendo um violento esforço sobre si, disse a Leão:

— Vamo-nos embora.

— Mas o que tem?

— Nada, nada, respondeu ella com uma voz rouca; mas, vamo-nos, e não nos contentemos em sair; fujamos!

E os seus labios proferindo estas palavras, pareciam apenas os de uma mulher, no rosto de uma estatua.

Leão seguiu a direcção do olhar da sua amante; mas Emmanuel, occullou-se ainda mais, e passando a mão pelo rosto, escondeu de todo as feições. O marquez, vendo o modo por que Maria empallidecia, lançou-lhe rapidamente a capa sobre os hombros; depois tomndo-lhe o braço,

conduziu-a, ou antes, levou-a, sem que elle affastasse os olhos um só instante do mesmo lugar.

Emmanuel sahiu do camarote, e desceu ao mesmo tempo que Maria; depois, pegando pela mão a um d'aquelles filhos de Italia, que se encontram por toda a parte onde ha algum dinheiro a ganhar ou a furtar, levou-o para o logar mais sombrio que se lhe achava proximo, e disse-lhe, indicando-lhe Leão, e a senhora que o acompanhava, na occasião em que subiam para a carroagem.

— Segue aquella carroagem, e vem dizer-me qual é a casa para onde se dirige. Aqui tens dez francos para ti.

O gaiato deitou a correr, e no momento em que a carroagem ia partir, viu-o Emmanuel trepar a uma das rodas, assentar-se um minuto ao lado do cocheiro, descer logo depois, como um gato saltando d'um muro, e voltar, correndo, ao sitio em que Emmanuel ficára.

— Já ? ! lhe disse elle.

— Sim, excellentissimo.

— Soubeste a morada ?

— Sim, senhor.

— Conhecia o cocheiro ?

— Não, senhor, mas fiz por conhecê-lo. Dei-lhe tres francos, e elle disse-me o que eu queria saber, sem que me fosse preciso correr; assim soube v. ex.\* mais depressa a resposta, e eu não me cancei. O cocheiro disse-me que eram o irmão e irmã, que todos julgam dois amantes...

Emmanuel extremeceu.

— Chegaram aqui ha quatro dias, e moram na rna Paulina n.º 3. Bem vê, excellentissimo, que fiz bem o meu dever.

— Obrigado, disse Emmanuel com voz sombria; e affastou-se, dando ainda ao gaiato mais alguns francos.

— Estou sempre prompto para o servir excellentissimo, disse o gaiato beijando a mão do sr. de Bryon, e indo logo para debaixo de um candieiro contar o total do seu ganho.

Maria entrou em casa sem dizer uma só palavra. Parecia um automato. Quando a carroagem parou diante da porta, m.<sup>me</sup> de Bryon investigou com a vista todos os cantos da rua, procurando, a tremer, aquelle terrivel phantasma que lhe apparecera no theatro. Mas a rua estava solitaria. A cada degrau que subia na escada, a cada passo que dava pelas casas, julgava vêr erguer se diante de si o espectro de seu marido, e as pequenas sombras lhe pareciam occultar a sinistra e vingativa apparição. Leão sem cessar lhe perguntava de que procedia aquella inquietação e pallidez; mas a pobre desventurada que estremecia até com o som da sua voz, voltava o rosto e não respondia.

Por um instante tivera a idéa de fugir n'essa mesma noite para Roma; mas pensando logo em Emmanuel dissera comsigo: É Deus que o manda; alcançar-me-ha em toda a parte em que pertenda occultar-me. Contentou-se, pois, em dizer a Leão que se achava incommodada, pedindo-lhe que a deixasse só com Marianna. Depois de

Leão se affastar, disse ella á sua boa ama, com a maior expressão de susto :

— Já aqui chegou !

— Quem ? perguntou Marianna muito admirada.

— Elle ! Emmanuel !

Marianna recuou como se tivesse pisado uma serpente.

— Onde o viste, minha filha ?

— No theatro.

— Estás certa de que não te enganaste ?

Maria fez um signal affirmativo ; já nem tinha força para fallar.

— O que irá suceder, meu Deus ! disse a pobre velha.

— O que Deus quizer, respondeu Maria, cheia de resignação.

— Parlamos amanhã.

— É inutil, minha boa Marianna ; não conseguiríamos senão demorar a justiça de Deus.

— Que faremos então ?

— Esperar.

— Mas não percas o animo minha filha.

Maria meneou a cabeça em signal de duvida, e debulhando-se em lagrimas, ajoelhou, agradecendo ao Senhor permittir-lhe ainda chorar.

Marianna despio-a, e depois, tomando-a nos braços, deitou-a como se fôra uma creaça, contemplando com amor e tristesa aquelle rosto emmagrecido, que vira outr'ora tão risonho e còrado.

A pobre senhora não estava ainda habiliuada áquelles terrores continuos. Apenas se tinha dei-

tado, coloriram-se-lhe as faces, d'um vivo encarnado, e apoderando-se della a febre, deu-lhe um sonno agitado e inquieto. Passaram-se deste modo duas horas, e Leão, que não sentia o menor ruido, abrio cuidadosamente a porta do quarto de Maria, e approximou-se do leito sem produzir a menor bulha. Marianna orava fervorosamente.

— O que tem ella? perguntou Leão á excelente creature.

— Não tem nada; creio que não é mais do que fadiga, respondeu Marianna, a quem Maria recommendára silencio.

Leão ajoelhou junto do leito, e levou aos labios uma das mãos da sua amante, que parecia queimar.

— Tem muita febre, disse elle.

— Muita.

— É impossivel que não se passasse esta noite alguma coisa extraordinaria; não lhe disse coisa alguma?

— Não.

Maria entreabrio os olhos, e diligenceou surrir para Leão; depois, de repente, foi accometida d'aquelle pensamento funesto, que a abandonará apenas em quanto dormira, assentou-se na cama, e apoiando-se na mão que Leão lhe segurava, perguntou-lhe:

— Que horas são?

— Duas.

— Não veio pessoa alguma?

— Ninguem. Quem poderia vir a uma tal hora?

— É verdade, disse ella deixando cahir a cabeça sobre o travesseiro, é ainda muito cedo.

— Mas o que é isto, meu Deus! o que significam estas palavras? Quer perder a razão?

Maria estendeu a mão a Leão, e fechou os olhos, como para lhe dizer que se retirasse e que a deixasse dormir. Leão retirou-se, com efeito, não comprehendendo coisa alguma do que se passava, e esperando impaciente o dia, para obter uma explicação. Marianna velou toda a noite, e de Grige fez outro tanto. Somente Maria continuára dormindo o mesmo somno febril e agitado. Finalmente amanheceu. Maria despertou, quando Marianna, não podendo já vencer o cançasso, dormitava. Maria desceu da cama, e foi, nas pontas dos pés, entreabrir as cortinas da janella, mas viu a rua tão deserta como na vespera; o sol apresentava-se em todo o seu esplendor; os gritos italianos, tão alegres e frequentes, começavam já a ouvir-se em todas as direcções. Maria pareceu-lhe que tinha sonhado, e tornou a deitar-se.

Apenas Marianna despertou, Maria vestiu-se. Leão entrou no seu quarto, e o dia começou, como todos os outros. A pobre senhora na expectativa de uma desgraça desconhecida, mas de que não ousava fallar, convencida de que não haveria coisa alguma que a defendesse, estava n'uma agitação extraordinaria. Córava subitamente, em resultado das continuas commoções que o coração lhe experimentava a cada novo ruido; então, n'esses momentos, obscurecia-se-

lhe a vista, e julgava-se proxima á perda dos sentidos. Leão não deixava de notar todas aquellas alterações de phisionomia, mas não comprehendia coisa alguma d'um tal mysterio. Convidou-a para sahir, mas ella receando vér surgir de um ou outro lado da rua a ameaçadora visão da vespresa, preferiu ficar em casa. Assim se iam passando as horas. Maria olhando repetidas vezes para o relogio, seguia com a vista o caminhar do ponteiro; cada minuto que passava, e que lhe parecia ser um seculo, restituia-lhe uma esperança. Se durante aquelle dia não ouvisse fallar de Emmanuel, era porque o não tinha visto, não fôra elle quem vira no theatro, e então poderia escapar-lhe ainda; se fosse elle, bem sabia que não era homem que demorasse um só dia a sua vingança e justiça.

Tinham dado dez horas, onze, meio dia, e não succedera coisa alguma extraordinaria. Já um tal ou qual socego havia entrado no coração de Maria, que accedera a ir para a meza, mais para tomar forças de tornar a entrar na vida material, do que para tomar uma refeição. Havia, pouco mais ou menos, dez minutos que estavam á meza, quando se abriu a porta, com grande susto de Maria, e appareceu o creado, dizendo :

— Está alli um sujeito que deseja fallar á v. ex.<sup>a</sup>

— É elle ! murmurou m.<sup>me</sup> de Bryon, empallidecendo.

— Disse como se chama ?

— Aqui está o seu bilhete.

Foi então de Grige quem empallideceu. A sua

vista encontrou a de Maria, e n'este reciproco olhar, advinhou Leão o segredo da vespera, e Maria o nome que vinha no bilhete.

— Lá vou já, disse Leão ao creado, que immediatamente se retirou.

— É elle, não é verdade? perguntou timidamente a pobre victimá.

— É elle.

— Que vae fazer, Leão?

— Vou saber o que quer de mim.

E levantou-se.

— Oh! meu Deus! Seja prudente Leão; elle vem de certo, provocal-o.

— Tambem o creio.

— Mas não acceitará, não é assim?

— Talvez.

— Se o mata! exclamou a pobre senhora, com um grito de terror.

— Ainda o ama! respondeu Leão, com os dentes cerrados.

— Bem sabe que não; mas é o pae de minha filha, e serei eu quem a tornarei orphã! disse Maria, ajoelhando aos pés do seu amante, e pugnando-lhe nas mãos.

— Maria, deixe que Deus e os homens completem a sua obra.

Maria assentou-se novamente, comprimindo, quanto lhe era possivel, os soluços, que lhe trasbordavam do coração. Em quanto a Leão, tinha aberto a porta, e fechando-a logo atraç de si, achou-se em presença d'Emmanuel. Os dois homens cumprimentaram se, e avançaram um para

o outro. Maria arrastou-se sobre os joelhos, até á porta, porque queria, no meio das suas orações, ouvir o que ia dizer-se.

— Para obter do sr. o que venho reclamar, devia enviar-lhe duas testemunhas; mas então encontrar-se-hiam quatro pessoas envolvidas n'uma questão, que não diz respeito senão a nós ambos, por isso venho só.

Leão inclinou-se.

Maria orava com fervor, e Marianna junto d'ella segurava-lhe carinhosamente as mãos.

— Entre nós, continuou Emmanuel, um duello segundo as regras ordinarias, acabaria de comprometter uma mulher, cuja reputação, quando sahi de Paris, procurei salvar o melhor que me foi possivel; esta mulher tem uma filha que usa o meu nome, e que, inocente da culpa de sua mãe, não deve de modo algum ser victima d'ella. É pois, necessário, que sua mãe, depois de um de nós morto, possa tornar a ocupar com ella, o logar que o sr. lhes ia fazendo perder a ambas. Eu disse, depois de um de nós morto, porque, no duello a que me resolvi, um só dos dois haverde morrer, mas inexoravelmente.

Leão empallideceu um pouco em presença de tão doloroso sangue frio, e de novo se inclinou, em signal de assentimento.

Emmanuel prosseguiu:

— Vou, pois, dizer-lhe o que fiz, para chegarmos a este resultado. Aluguei na estrada de Florença a Piza, uma casa pequena, e de todo isolada, onde ainda não entrou nem o meu criado,

e que só por mim é conhecida. Esta noite, ás quatro horas, achar-se-há á sua espera, na praça do Dómo, uma carroagem; subirá para ella e será conduzido á casa de que lhe falei, cuja porta estará aberta, e onde eu terei chegado alguns momentos antes. M<sup>me</sup> de Bryon que deve acompanhal-o, conservar-se-há na carroagem com Magrianna, onde um de nós irá depois encontral-a. Se fôr eu, conduzil-a-hei a Paris, para provar que é ainda digna da minha estima, quer dizer, da estima publica, e passados tres ou quatro mezes, quando esta nossa desapparição tiver esquecido, matar-me-hei, mas de modo que pareça ter sido vítima d'um accidente, e não d'um suicidio. A senhora de Bryon ficará viuva, e nada mais. Como vê, não desejo que o amor que o sr. lhe tem se sinta inquieto pelo futuro, no momento em que morrer, se fôr morto por mim.

Maria que não perdera uma só palavra do que se dissera, não pôde conter um grito, deixando pender a cabeça d'encontro á porta. O sr. de Bryon advinhou logo que era sua esposa quem estava junto da porta, e sentiu innundar-se-lhe a fronte de suor frio, e obscurecer-se-lhe a vista; foi-lhe necessaria toda a sua extraordinaria força de vontade para não perder os sentidos, como qualquer mulher, quando Maria soltou aquelle grito de dor. Deligenciou tornar-se senhor de si, e continuou:

— Se for eu o que morrer, irá o sr. ao encontro de m<sup>me</sup> de Bryon, a quem dará simplesmente parte da minha morte; só ella então saberá o que deve fazer. Depois, como não tenho o menor

desejo de que o sr. seja incommodado por causa d'este duello, que se effectuará sem testimunhas, sob uma convenção de honra, que a justiça não admittiria, encontrar-se-ha na minha carteira um papel que provará um suicidio. Convem-lhe esta proposta?

— Sim, senhor; respondeu Leão com a voz um tanto commovida.

— Bem vê que as testimunhas, não tratariam tão bem d'este assumpto, como nós o fizemos, continuou Emmanuel; agora que tudo está combinado, retiro-me.

Emmanuel cumprimentou Leão, e sahiu, olhando ainda com a mais sombria tristeza, para a porta a que Maria se achava encostada.

— Marianna, disse esta ultima em voz baixa, porque não tinha mais força para fallar, do que para suster-se de pé; segue-o, e vem dizer-me onde móra.

— Que queres fazer, minha filha?

— Anda, vae, faze o que te peço.

E era tempo, porque n'esse momento abrio de Grige a porta; era extraordinaria a sua pallidez.

— Esteve sempre ahi, Maria? disse elle offerecendo-lhe a mão, que ella não aceitou.

— Estive, respondeu ella, vergando ao pezo do remorso.

— Ouviu tudo?

— Tudo.

— O que tenciona fazer?

— O que elle ordenou.

— E d'aqui até lá?

— D'aqui até lá, não o conhecerei; o sr. estará no seu quarto, e eu no meu; d'aqui até lá, continuou ella erguendo-se, pedirei a Deus que não seja severo senão com aquella que o merece, e que seja justo para um, e clemente para outro.

Leão retirou-se dominado por aquella voz que se tornára tão solemne, e foi encerrar-se no seu quarto.

Meia hora depois chegou Marianna.

— Então? perguntou Maria.

— Hotel da Victoria.

— Está só?

— Só.

— Vae levar-lhe uma carta.

Mas no momento em que ia assentilar-se para escrever, uma nova resolução lhe atravessou, sem dúvida o espírito, porque, parou por um instante, e rasgando a carta que começara, acrescentou:

— Não, é inutil, minha boa Marianna; não lhe escrevo, irei pessoalmente. Agora, continuou ella, enxugando os olhos, e parecendo retemperar as forças na resolução que acabara de tomar; vamos arranjar as nossas malas.

— Então vamos partir minha filha?

— Vamos.

— E quando?

— Esta noite. Has-de ir dar ordem para que estejam promptos os cavallos, ás tres horas da manhã.

— Mas hão-de vir buscar-nos aqui?

— Não; á praça do Dómo.

— E aonde vamos?

— Onde estiver minha filha.

— Deus ha-de vêr'o teu arrependimento, minha filha, e ha-de perdoar-te.

— Assim o espero. Agora vae prevenir tudo, para que não faltem os cavallos.

Maria ficou só. Então assentou-se e começou a arrumar a sua mallasinha de viagem, recordando-se com lagrimas dos mesmos preparativos, que fizera alguns annos antes, mas em circumstâncias muito menos tristes, no dia em que risonha e alegre, deixára em companhia de Clementina o collegio de m.<sup>me</sup> Duvernay, para voltar para casa de sua mãe. Entre os objectos que estava arrumando, encontrou algumas cartas, umas de Leão, que por prudenoia trouxera consigo, outras de Emmanuel que guardára com a maior expressão de respeito. As primeiras, queimou-as sem as lér, mas no momento de abrir as do sr. de Bryon, correram-lhe dos olhos tão abundantes lagrimas, que não poude fazer mais do que levar aos labios aquelles papeis, que lhe despertavam tão doces, e ao mesmo tempo, tão tristes recordações, e collocal-os, por assim dizer, religiosamente, na carteirasinha em que as havia encontrado. A pobre creança sentia a alma despedaçada. Esta ultima scena da manhã, dava-lhe ás recordações um certo caracter de loucura; ora antevia um desenvolvimento extremamente lugubre áquelle drama; ora abrigava uma esperança, acreditando no perdão, que não poderia ser-lhe negado, em vista do seu grande arrependimento. O que ha-

via de certo, para ella, era que Emmanuel, estava a dois passos; que a amava por isso mesmo que desejava matar o homem que lhe roubára o seu amor, e que no encontro que devia effectuar-se no dia immediato, ella via ainda uma felicidade fatal, especie de raio de sol que não podia ser interceptado por tantas nuvens. Depois, quando o coração, mesmo o mais desolado, tem já perdido todas as suas illusões, resta-lhe ainda essa moeda a que se chama esperança, e com a qual ainda pode comprar o sonho.

O dia passou-se sem que Leão se apresentasse; tinha comprehendido a sua posição a respeito de Maria.

Na sua veneração para com aquella dor tão natural, nem mesmo pensou em inflingir a ordem que recebera da sua amante. Não duvidará um momento do que tinha de suceder, e esperava pacientemente a hora em que, obedecendo ás convenções feitas com Emmanuel, devia pedir a m.<sup>me</sup> de Bryon que o acompanhasse.

Marianna voltou, de ter ido alugar os cavallos. Pelas nove horas da noite, depois de mandar transportar, tudo o que tinha de levar comsigo, para a carroagem que se se lembram, devia ás tres horas da manhã achar-se na praça do Dômo, sahiu Maria acompanhada por Marianna. O ceu estava sereno e transparente como na mais bella noite de verão; á porta do hotel m.<sup>me</sup> de Bryon hesitou, não sabendo qual o caminho que tomaria.

— Onde vamos nós? perguntou-lhe Marianna.

— Ao hotel da Victoria.

— Onde está o sr. de Bryon?

— Sim.

E as duas mulheres continuaram a caminhar silenciosamente até à rua em que era situado o hotel. Quando chegaram em frente da porta, Maria tornou a parar, e viu-se obrigada a apoiar-se no braço da sua ama. O coração batia-lhe violentamente, no momento em que se resolveu a levantar a argola da porta, que imediatamente se abriu.

— O sr. de Bryon está em casa? perguntou ella ao criado que lhe apareceu.

— Sim, minha senhora.

— Está só?

— Está só.

Emmanuel que não conhecia pessoa alguma em Florença, e que não contava com a visita de sua mulher, nem mesmo pensára em dar ordem para que o negassem.

— Quem devo annunciar-lhe? perguntou o criado.

— O sr. de Bryon espera-me, respondeu Maria, com voz tremula; é inutil annunciar-me, basta que me abra a porta do seu quarto.

O criado abriu a porta como quem sabe advinhar o que a similhante hora uma mulher vai fazer a casa de um homem que a espera, e retirou-se. Maria entrou, ergueu o veu, e apoian-do se ás costas d'uma cadeira, para não cair, disse com uma voz quasi inintelligivel:

— Sou eu Emmanuel, não me reconhece?

O sr. de Bryon levantou-se.

— A senhora! O que vem aqui fazer?

— Emmanuel, continuou a pobre senhora; a sua *colera* não estará nunca ao nível da minha falta, bem o sei; o seu *desprezo* será sempre inferior á minha vergonha, e todavia vim, como primeira expiação; procurar a sua *colera* e *desprezo*, porque tudo me será charo e sagrado, partindo dos seus labios. Talvez que em troca do que me vir soffrer me conceda o que lhe vou pedir. Não saia d'esta casa antes d'amanhecer; não vá a esse mortal encontro!

— Comprehendo; teme pelo seu amante. Não tenha receio, a fatalidade será para mim, e não para elle; vel-o-ha. Entretanto *tranquilise-se*. A senhora ficará viúva, e não verá mais erguer-se a minha sombra para lhe perturbar os seus amores.

— E se não fosse por elle que eu temesse, Emmanuel?

— N'esse caso vem aconselhar-me que cometta uma cobardia, só com o fim de conservar a vida! E que vida! Vida de recordações, de vergonha e de *blasphemias*! A senhora, despedaçou-me o coração, e vem agora dizer-me que viva. E com a vida restituir-me-ha o que m'a fazia amar? E é a senhora, a mulher que eu amei, quem vem dar-me um tal conselhot! A felicidade enlouqueceu-a de certo!

— A felicidade, Emmanuel! Bem sabe que não sou feliz. Escute-me: sei que sou infame, sei que o seu coração está de todo fechado para mim,

mas sei tambem que tenho na alma mais remorsos do que são necessarios para remir uma falta; sei que o enganei, mas sei que o amo, e que se tiver de chorar a sua morte, sendo eu a causa della, nem mesmo me poderei matar, tanto recearei comparecer na presença de Deus, manchada com o seu sangue.

— A senhora é a amante do marquez de Grige, porque o ama; e eu bato-me com elle, porque é indispensavel que me vingue de alguem pelo mal que a senhora me fez, ou que morra. A senhora tem apenas vinte annos; e passados mais dois ou tres terá esquecido tudo. Facilmente se esquece, quando se ama! Deus é demasiadamente justo para que deixe de permittir que seja eu quem succumba.

— Mas quem lhe disse que amo o sr. de Grige, Emmanuel?

— Não ama esse homem?!

— Não! murmurou Maria.

— Não o ama! exclamou Emmanuel; e para se lhe entregar aniquillou-me a felicidade e a vida! Que especie de mulher é a senhora, que se entrega a um homem sem o amar?

— Emmanuel, disse Maria soluçando, rojando-se aos pés do sr. de Bryon e estendendo para elle as mãos; não, não amo o sr. de Grige, nunca o amei; n'um momento de duvida, de ingratidão, e de loucura, entreguei-me a esse homem, sem saber o que fazia; n'esse momento, estava, de certo, abandonada por Deus. Desde esse dia, tenho sentido augmentar cada vez mais o amor

que lhe tinha, Emmanuel, e tenho sofrido todas as dores do remorso.... juro-lh'o pela memoria de minha mãe, e pela vida de nossa filha!

— A nossa filha! disse Emmanuel arebatadamente; e quem me assegura que a sua filha seja tambem minha?

Maria soltou um grito, e occultou o rosto com ambas as mãos; não encontrava palavras para combater similhante duvida. Emmanuel era de uma tal lealdade, que olhou como um sacrilegio a suspeita que acabara de lançar sobre os primeiros dias da sua felicidade e amor. Sentiu-se movido de piedade pela pobre mulher, a quem uma tal duvida aniquilara; arrependeu-se do que dissera, como d'uma cobardia.

Maria ergueu-se e encostando-se á parede, dirigiu-se para a porta. Estava tão fraca e vacilante que o sr. de Bryon receára vel-a cahir. Deu um passo, e offereceu-lhe a mão.

— Obrigada, disse ella; hei-de ter força para sahir d'esta casa, como tive força para o enganar, como o sr. teve força, para me dizer o que ha pouco ouvi.

E como se o esforço que fizera para selevantar, a tivesse de todo aniquilado, cahiu quasi desmaiada sobre uma cadeira.

— É justo, dizia ella; enganei-o uma vez, poderia tel-o enganado sempre. Que terrivel punição para mim, nas suas ultimas palavras, Emmanuel! Agora já conheço quanto a alma pôde suportar, sem succumbir! Qualquer que seja a dor que o futuro me reserve, não me fará soffrer tanto,

como ha pouco soffri ouvindo tão horriveis palavras.

Emmanuel contemplava sua mulher, e sentia todo o seu ressentimento, desapparecer em preseña de tão grande dôr.

— Não o amava!... repetia elle em voz baixa. Diga-me, Maria, exclamou de repente, diga-me que amava esse homem, porque é horrivel pensar que nem mesmo tem essa desculpa!

— Não, Emmanuel, respondeu Maria socegadamente; não o amava, não o amei nunca; não amei e não amo senão meu marido, e hoje mais do que no primeiro dia.... Apenas enloqueci por um instante.... Eis toda a minha desgraça!

Sentia-se por tal modo a verdade n'estas ultimas palavras de Maria, que o sr. de Bryon exclamou:

— Meu Deus! meu Deus! porque se hão-de pedir contas á alma das faltas do corpo?! Ainda amo esta mulher, mesmo apesar de não poder já ser minha!

E commovido, desolado, com os olhos cheios de lagrimas, encostou-se á meza, occultando o rosto com as mãos.

Maria surprehendeu aquelle instante de enterneccimento. Approximou-se de seu marido, ajoelhou a seus pés, e juntando as mãos, disse-lhe com o tom mais supplicante:

— Emmanuel, em nome de sua mãe, que me revelou o amor que me inspirou, em nome de tudo que possa ainda ser-lhe charo, perdoe-me. Fechar-me hei entre as paredes d'um convento; orarei noite e dia, apagarei com o cilicio os vestígios do meu peccado; torturarei o corpo e a

alma, e morrerei surrindo; mas, em nome de Deus, que nos ouve, perdoe-me, Emmanuel; perdoe-me, e não se bata com esse homem.

— Pobre creança, disse Emmanuel, passando os dedos pelos loiros cabellos de Maria; pobre creança, que tens apenas a idade da mulher, e já pedes um perdão!

Maria apoiava a fronte no braço de seu marido, e contemplava-o, com a mais tocante expressão.

— Porque não se hão-de poder riscar da vida os dias que nós envergonhamos? continuou Emmanuel. Sim, perdoa-te; tenho eu por ventura o direito de te amaldiçoar? Perdão-te estes oito dias de sofrimento, pelos dois annos de felicidade que me dêste. Morrerei muito moço, por tua causa, mas morrerei tendo amado. Sem ti, teria, de certo, vivido, mas a minha vida não seria mais do que um caminho difícil, e tortuoso, em que extre-bucharia constantemente sob o peso das minhas paixões, e que tu aplanaste com o teu amor.

— Morrer! meu Deus! repetia Maria; mas quem o obriga a morrer? Bem vés: que é indispensável; por ti, por mim, pela nossa filha. Se continuar a viver, haverá o phantasma desses desgraçados dias erguer-se, a meu pesar, entre nós. Conheço bastante o coração humano! Por mais sincero que seja o meu perdão, por maior que seja o meu desejo de esquecer, haverá dias em que te amaldiçoarei, a ti, a Deus, é à vida. Não, amo-te muito para que possa continuar a viver.

— Diz que ainda me ama, exclamou Maria, o

pertende que o deixe morrer, e não consente que me valha d'essa confissão, para tentar ligar o presente com o passado! Ainda me ama, como acabou de me dizer, n'este momento, e não quer que me sinta com forças para tudo! Renuncie a essas idéas de morte, Emmanuel, e, depois do que acaba de me dizer, terá o direito de me matar, sem que eu o tenha de me queixar. Consinta em viver, e eu morrerei para todo o mundo; vivirei n'um canto de sua casa, como se fôra uma estranha. De tempos a tempos deixar-me-ha ver minha filha, e encommendal-o-hei a Deus; ou se o desejar, não a verei nunca, porque eu, que fui tão fraca, poderei corrompel-a mesmo só com a vista. Exilar-nos-hemos a milhares de leguas d'aqui. No ponto em que então estivermos coisa alguma lhe recordará a sociedade de que fugia. Ninguem saberá, nem o que sou, nem o que fui; o tempo irá passando, e eu envelhecer-ei, e não se encontrará já em mim, senão a mãe. Esquecerá a minha falta; e um dia, quando já fôr difícil reconhecer-me, quando tiver cavadas as faces, e embranquecidos os cabellos, estender-me-ha a mão.

— Não, Maria, quando um homem foi amado por ti, como eu no fui, deve ter sido o único a gozar esta ventura, ou deve morrer. Este duello, é indispensavel. Tem animo, e escuta-mecê se eu succumbir, mandar-me-has fazer aqui um tumulo bem solitário, e ignorado de todos; depois partirás para França, e irás a Auteuil, na rúa da Fonte, encontrarás uma mulher chamada Joanna Beulay, a quem entregarás esta carta; é a ordem que

eu lhe dou de te entregar tua filha, porque foi a ella que a confiei. Dirás a teu pae, que te perdoei, antes de morrer; e para fugires a uma sociedade que, de certó, te pedirá contas d'uma falta, de que, depois de mim, só as deverás a Deus, partirás com Marianna, e o conde, se quizer acompanhar-te, para a Suissa. Alli comprarás uma casinha, á beira d'um lago, e encostada á montanha, com a maior porção possível da imensidade em torno de si, para que a alma da creança possa desenvolver-se sob a vista directa do Senhor. Era assim que eu queria continuar a nossa vida, uma vez realizados ou desfeitos os meus sonhos d'ambição. Deus não o quiz; faça-se a sua vontade. Em vez de serem cinco no lar comum, serão só quatro, e approximando um pouco as cadeiras, não conhacerão que ha um lugar vasio.

— Será verdade o que acabei de ouvir? murmurou Maria. Mas, disse ella de repente, movida por essa necessidade da esperança, que Deus plantou no fundo de todos os corações; quem lhe assegura que sucumbará?

— Não me pergunte o que farei se sobreviver, porque o sonho de felicidade que pôde ainda esperar-me, tornar-me-ha cobarde no ultimo momento; porque esquecerei, talvez, o meu odio, com a esperança da vida, e perdoar-lhe hei, como te perdoei a ti, para me não manchar com sangue.

— Neste momento deu o relojo tres horas.

— D'aqui a uma hora, será cumprida a von-

lade de Deus. Agora, adeus Maria, é tempo de ir onde me chama o meu destino.

M.º de Bryon levantou-se, suffocada pelos solços; não havia nada a responder áquellas palavras, no tom em que foram ditas.

Emmanuel sentia a necessidade de prestar consolação a tão grande sofrimento.

— Sé forte, lhe disse elle; lembra-te de Clotilde; na hora suprema, a alma desprende-se de todos os laços e prejuizos terrestres. Aqui já não ha nem juiz nem peccadora; ha um homem que tem a consciencia de que vai morrer, e uma mulher que expiará com todo o seu futuro, a falta d'um só dia. Vem a meus braços pela ultima vez, Maria, e separemo-nos.

Maria precipitou-se nos braços d'Emmanuel, que por alguns instantes a apertou contra o coração.

— Adeus! lhe disse elle de repente.

Maria sem poder responder uma só palavra, dirigio-se para a porta, com os passos incertos e vacillantes de um louco, ou de um embriagado; mas apenas a tinha aberto, caiu de joelhos, soltando um grito difícil de descrever: faltava-lhe até a força para poder caminhar.

Emmanuel chamou Marianna, que elle sabia ter acompanhado Maria. A pobre mulher lançou-se aos pés d'Emmanuel.

— Perdoe-me, perdoe-me! dizia ella.

— Fez o que devia fazer, Marianna, lhe disse o sr. de Bryon, estendendo-lhe a mão, que ella beijou respeitosamente. Cuide de sua filha; pro-

ture dar-lhe animo, e proteja-a com a sua experienca.

Maria encostou-se ao braço de Marianna, e arrastou-se assim até á carroagem, no fundo da qual se assentou, por tal modo debulhada em lagrimas, que a todos causaria dó.

## XXI

Quem pôde penetrar as mysteriosas supplicas da alma, quando duas horas, apenas, a separam da eternidade? Quem pôde conhecer as tocantes recordações e lisongeiras esperanças, que a vida pôde prometter ao homem, que vê aproximar-se-lhe a morte? Em taes momentos, o mais corajoso, aquelle que caminha affoitamente, sem o menor indicio de medo, a arrostar com a ponta d'uma espada, ou com a balla d'uma pistolla, sente-se, sem duvida, agitado por estremecimentos instantaneos, e secretos terrores, quando contempla a felicidade, que poderia ter gosado sobre a terra, vendo ainda augmentar-lhe o seu explendor, com a sombra desconhecida que a envolve.

Emmanuel achava-se n'este estado. Elle, tão

corajoso na vespere, chamando a morte sem temor, quasi que a receava, na proximidade do momento decisivo. Não acreditara, chegando a Florença, na possibilidade d'uma alegria qualquer, e a presença de sua mulher, despertando-lhe o coração, restituira-lhe uma esperança querida.

A falta de Maria tornava-se menor, depois de perdoada; o presente e o passado podiam esquecer-se; o futuro illuminava-se de novos esplendores; tudo parecia possível, ao espirito de Emmanuel, mas para isso era necessario que ás seis horas da manhã ainda vivesse.

Eram estes os pensamentos que se agitavam no cerebro do sr. de Bryon, que, com a frente encostada a uma das mãos, se entregava a todas as idéas que podem desolar e enfraquecer a alma, em momentos tão solemnes. Todavia, precipitado de repente na realidade, por um relojo longíquo, que dava tres quartos depois das tres horas, levantou-se, e, passando pela ultima vez a mão pela fronte, entrou de novo na possessão de toda a sua força, e socego. Aproximou-se então do espelho, e surriu-se vendo a extrema palidez que lhe cobria as faces. Vestiu-se de preto, como para um casamento, ou para um enterro; porque nós, em nosso desarrasoad o gosto, vestimo-nos para o luto, do mesmo modo que para a festa, como se fosse tacitamente decidido que toda a alegria occulte uma dor; depois, pôz a sua capa, e dirigiu-se a pé, porque necessitava de ar, e porque a noite estava linda, para a casinha onde devia effectuar-se o duello.

Durante este tempo quisera Leão ver Maria ainda uma vez, mas procurára-a inutilmente, disendo-lhe o criado que a sr.<sup>a</sup> de Bryon, tinha partido, acompanhada por Marianna, levando tudo que lhe pertencia, e disendo que não voltaria.

Na praça do Dômo, encontrou Leão a carroagem, que o esperava, e que se pôz a caminbo, apenas elle entrou. Outra carroagem seguia a do marquez; era a que conduzia Marianna e Maria. Foi uma jornada dolorosa para ambas. Maria em face de todas as suas recordações, de seus receios, e esperanças homicidas, porque, ambicionando a vida para Emmanuel, desejava a morte para de Grige, sentia o enorme peso, que lhe premia a consciencia.

— Mas elle perdoou-te! — dizia Marianna apertando contra o coração a cabeça de Maria. — Era preferivel que me tivesse morto, porque a esta hora não sofreria como estou soffrendo.

E as duas mulheres, nos braços uma d'outra, oravam e choravam ao mesmo tempo.

— E teu pae? abalancou-se Marianna a perguntar.

— Não me falles em meu pae, respondeu Maria, tornando-se ainda mais paliida; meu pobre pae! Não ousei pronunciar o seu nome em presença d'Emmanuel, mas todos os dias é a primeira pessoa que encommendo a Deus nas minhas orações, porque o meu sofrimento é nada, nem vista do que elle deve ter soffrido. Parece-te que me terá amaldiçoado?

— Ha-de perdoar-te, porque te amava muito;

assim o espero. É impossível que se destinta tão profunda affeição.

— Amava-me! e em paga d'essa profunda affeição, inimitável neste mundo, eterna no outro, só lhe dei o abandono, a tristeza, o esquecimento, como dei a Emmanuel, em troca do seu amor, a deshonra, e a vergonha! Marianna, Emmanuel é meu pae poderão perdoar-me, Deus perdoar-me-ha, talvez, mas eu é que jámais perdoarei a mim mesma!

— Socega, socega, minha filha, dizia a excelente creature.

— Olha, Marianna, continuou Maria, se Emmanuel voltar, acompanhar-me-ha aos pés de meu pae, que me perdoará, vendo que elle me perdoou... mas se elle não voltar!

E Maria, só com esta idéa estorcia-se entre as mais pungentes agonias, nos braços da sua boa ama.

— Se elle vae ser morto... Morto! comprehendes bem o que ha de medonho n'esta palavra? É horrivel! morto por mim, que o amo tanto! morto por mim, que o atraíoei!... Morto, inanimado, elle, Emmanuel, é impossível! Não tornarei a vel-o! nunca mais me contemplará com aquelle olhar tão nobre! Os seus labios serão immoveis; o seu coração não mais palpitará! Diz-me que é impossível, que seja assim; diz-me que Deus não pôde permitir similhantes desgraças! Maria, fallando deste modo, estava como letica, e fúria de si.

— Ha quanto tempo partimos nós? perguntou

ella, inopinadamente, como sendo acommettida de uma nova idéa.

— Ha, talvez, um quarto de hora.

— Já ? ! Mas então estamos muito perto ?

E continuou a debulhar-se em lagrimas. Mas a pobre senhora sentia a necessidade de fallar ; os pensamentos que se lhe agitavam no cerebro, parecia-lhe que a suffocavam.

— Marianna, continuou ella, enxugando os olhos para se mostrar socegada ; tu, que me viste nascer, e que conheces mais a vida do que eu, julgas que ainda poderei ser feliz neste mundo ? Diz-m'o francamente, falla-me com a experienca e não com o coração.

— Sim, sim, minha filha ; perdõe-te Deus, e poderás ser ainda muito feliz.

— Mas já tens visto que Deus tenha perdoado a outras mulheres tão culpadas como eu ?

— Deus só é rigoroso para o que não se arpende ; minha filha ; mas logo que o arrependimento é superior à falta, perdoa sempre, e eu creio que nunca houve arrependimento mais sincero do que o teu. Não percas a esperança.

— Não a perderei, orando sempre ; e depois, não é verdade que existem felicidades, que não podem ser facilmente destruidas ? Eu era tão feliz, e essa felicidade, é hoje para mim, apenas uma recordação ; tanto hei sofrido ! Mas quando consigo esquecer o presente, quando Deus permite que o passado se me apresente ao espirito, como um sonho, não posso acreditar na desgraça futura. Quando me lembro do meu quartosí-

nho, ao lado da de Clementina, em casa da sr.<sup>a</sup> Duvernay, digo comigo: Orei tanto a Deus, n'essa epocha, em que a minha alma não tinha a menor mancha, que deve, Elle, a recordação eterna, lembrar-se das minhas supplicas d'esse tempo, e collocal-as na balança da sua divina clemencia, em desconto da minha falta. O nosso velho cura, continuou Maria, cujas lagrimas tinham por um pouco cessado de correr, disse-me a ultima vez que me abençoou: «Reze, reze, minha filha, para que o thezouro de suas castas orações se acumule aos pés do Senhor, e na occasião do soffrimento, Elle se lembre de si.» Logo depois chegaste tu, Marianna, para nos condusires, a mim, e a Clementina, que estou certa, é feliz, como eu nunca poderia sel-o. É um anjo do céu, que nunca chegou, nem mesmo a suspeitar o mal, conservando sempre toda a sua serenidade; em quanto eu, que orava pelos outros, tanto necessito agora que orei por mim.

— Olha, Marianna, continueu ainda a desventurada; se Deus permittir que Emmanuel sobreviva, partirei com elle; conduzil-o-hei á egreja onde prégaya o nosso velho confessor, e se aquelle exemplar sacerdote, não tiver já morrido, pedir-lhe hei que diga a meu marido o que eu era n'esse tempo, para que elle possa esquecer-se do que hoje sou. Leval-o-hei ao meu quarto de pensionista; dar-me-hei a conhecer a todas as creanças, pobres anjinhos que me julgarão ainda sua irmã, e cujos beijos me darão o perdão. Purificar-me hei de tal modo com as recordações da minha in-

fancia e da minha pureza; lançarei sobre a minha falta tantas orações e virtudes, que, como o cadáver coberto de flores, de todo desaparecerá.

Maria, depois de assim falar, sentiu-se um tanto mais tranquilla, e encostou-se no fundo da carroagem. Já não chorava, mas orava sempre.

— Verás, Marianna, como me tornarei boa, como amarei minha filha, como entrarei em uma vida nova. Sou ainda muito moça, conto apenas vinte annos, tenho um longo futuro para me resgatar, não é verdade? Além d'isto, minha mãe está na presença de Deus, e lembrar-me-ha constantemente á sua eterna bondade. Sim, minha boa Marianna, devo ainda ter esperança.

Entretanto ia diminuindo a distancia do ponto a que se dirigiam, e Maria olhava machinalmente para a paisagem que orlava a estrada. A lua, desembaraçada de nuvens, illuminava todo aquelle campo, com um reflexo quasi tão claro como o nosso Sol do norte, e m.<sup>me</sup> de Bryon seguia com a vista e com o pensamento aquella magestosa serenidade da solidão e do silencio. Parecia-lhe que atravessava aquella noite tão transparente, e no meio d'aqueles campos desertos, as suas orações subiam mais puras e directas ao céu, e que Deus n'esse momento estava tão exempto de colera, como o firmamento de nuvens; chegava quasi a esquecer-se d'onde vinha, e para onde ia.

De repente, pareceu-lhe que a carroagem diminuia de velocidade.

— Meu Deus! disse ella, empallidecendo, e apertando a mão de Marianna, parece-me que chegá-

mos. Dae-me forças, meu Deus! Tendê compaixão de mim!

Marianna debruçou-se á portinhola, e viu mais ao longe uma outra carroagem parada; era a de Leão. Aquella paragem lançara de novo Maria na realidade, e, de todo perdido o animo, ajoelhou mesmo dentro da carroagem.

— Senhor! disse ella, juntando as mãos, e orando apressadamente, como para que a sua supplica chegassem até Deus, antes que houvesse tempo de consumar-se a desgraça, de que tanto receava; Vós, que conhecéis culpados e inocentes, puni-me só a mim, porque só eu sou a culpada!

Depois, com as mãos ainda erguidas, olhou para a estrada, e viu Leão apear-se, dizer algumas palavras ao cocheiro, e, envolvido na sua capa, dirigir-se para uma casa isolada, e que apenas se distinguia por entre o arvoredo. Era para Maria um espectáculo verdadeiramente extraordinario, aquella sombra caminhando, a uma tal hora da noite, para ir receber ou dar a morte. A pobre senhora batia no peito, como uma louca. Marianna, de joelhos, chorava e orava como ella.

Emmanuel esperava no jardim. Sentindo passos, subiu os quatro degraus de um pequeno terraço, e abriu uma porta, que Leão tornou a fechar, apenas entrou. O senhor de Bryon encaminhou-se para uma sala do pavimento inferior, em que se achava uma bancá, com o necessário para escrever, e um relojo; junto d'ella estavam duas cadeiras. Chegando alli, depôz Emmanuel, sobre a pedra do fogão, a sua caixa de pistolas;

Leão fez outro tanto ; em seguida descobriram-se ambos. Tudo isto se passava á luz de uma só vela, e sem que fosse proferida uma unica palavra. Foi de Grige quem primeiro rompeu o silencio.

— Fui, contra minha vontade, obrigado a faltar a uma das condições.

— Qual é ?

— Não conduzir em minha companhia m.<sup>me</sup> de Bryon, por que não a encontrei em sua casa.

— Já o sei.

— Já o sabe ? !

— Sei-o, porque lhe fallei.

Leão empallideceu.

— Posso saber aonde lhe fallou ?

— Em minha casa. Foi pedir-me que não me batesse com o sr., mas, como vê, não obteve o que pedia. Pediu-me em seguida que lhe perdoasse, e, como ella, de certo, lhe dirá, perdoei-lhe.

Leão inclinou-se.

— Agora, continuou Emmanuel, lembra-se bem das outras condições do combate ?

— Perfeitamente.

— Eis-aqui o papel, que provará, se eu fôr morto, que foi voluntaria a minha morte. Queira lêr.

— É inutil, basta-me a sua palavra.

— Além d'este papel, aqui estão duas chaves, uma da casa, outra do jardim. Se fôr o sr. quem sobreviva, deitá-las-há fóra, depois de se ter servido. No meu bolso estão outras similhantes, para que se acredite, quando as encontrarem, que me fechei em casa, sem companhia alguma.

Leão fez signal de que tinha comprehendido.

— Aqui está tambem papel, pennas, e tinta. Temos ainda cinco minutos; se tem alguma coisa a escrever, péde fazel-o.

— Não tenho de escrever coisa alguma; estou ás suas ordens.

— Trouxe as suas pistolas?

— Sim, senhor.

— Mas só uma está carregada?

— Só uma.

— Alli estão tambem as minhas; vamos tirar á sorte aquellas de que nos serviremos.

Emmanuel tirou do bolso dois luizes, e cobrindo-os com a mão, depois de os pôr sobre a meza, voltou-se para Leão, disendo:

— Pôde fallar.

— Cunhos; disse Leão com uma voz fraca.

Emmanuel levantou a mão; ganhara de Grigo. Os luizes ficaram sobre a meza. Leão, antes de abrir a caixa das pistolas, aproximou-se d'Emmanuel.

— É irrevogavel a sua resolução? lhe disse elle.

— Irrevogavel.

— Todayia, se eu, em vez de o olhar como um adversario, o olhasse como um juiz; se lhe dissesse: Cometti uma infamia, e tenho medo, não de morrer, bem o sabe, mas de o matar. É bastante o sacrilegio de ter atraicoad o sua amizade; tremo com a idéa de commetter um crime; o que me responderia?

— Responder-lhe-ia, que era um cobarde.

Leão não respondeu á provocação, e continuou:

— Se eu lhe dissesse: Deixarei a Italia e a França, e irei para tão longe que possa suppôr-me morto. Se depois tornar a encontrar-me, terá o direito de me matar sem que eu me defenda; mas não concluamos este extraordinario duello, porque, se eu tiver de sobreviver, nem mesmo ousarei, com o pezo d'este duplo crime, e as mãos tintas com o seu sangue, apresentar-me diante de Deus, se lhe dissesse tudo isto, que me responderia?

— Nem mesmo lhe respondia.

— N'esse caso obedecerei; mas Deus é testimunha de que receio, não o ser morto, mas ser homicida, e que a morte vinda das suas mãos, esperal-a-hei com a tranquilidade, e recebel-a-hei como um perdão.

E de Grige, disendo isto, abriu a sua caixa-de pistolas, collocou-as sobre a meza, e cobrindo-as com um lenço, acrescentou:

— Queira escolher. Emmanuel pegou n'uma, ao acaso, e olhou para o relojo.

— Falta um minuto para as cinco horas, disse elle; vamos postar-nos cada um de nós numa das extremidades d'esta meza, e quando soar a primeira das cinco horas, desfecharemos.

Acto contínuo, postaram-se segundo a indicação d'Emmanuel.

Durante este tempo, Maria continuava esperando, sempre de joelhos. De repente, parecendo-lhe que o vento lhe trouxera o ruido surdo e abafado de uma detonação, apertou convulsivamente a mão de Marianna.

— Ouviste? disse-lhe ella com a voz quasi extinta.

— Ouvi; respondeu Marianna atravez das suas lagrimas e orações.

Depois disto, passaram cinco minutos, cinco seculos, durante os quaes a pobre mulher soffreu, quanto é possivel soffrer uma creatura humana.

Passado este tempo pareceu-lhe vér um vulto abrir e fechar a porta da casa.

— Vês?

— Vejo.

— Qual é?

— Não o posso distinguir.

Com effeito, apesar da transparencia da noite, era impossivel distinguir claramente os objectos a uma tal distancia. Apenas o olhar attento de Maria, podera chegar ate aquella sombra. À medida que aquelle homem se approximava, Maria recuava mais para o fundo da carroagem, comprimindo a fronte com as duas mãos, como se receasse perder a razão. Pareceu-lhe que um espesso veu lhe interceptava a vista, e julgou-se proxima da morte; mas logo depois, viu, a vinte passos de distancia, à claridade do luar, o rosto pallido de Leão. A pobre senhora soltou um grito horrivel e despedaçador, e, perdidos os sentidos, cahiu nos braços de Marianna.

## XXII

Quando m.<sup>ra</sup> de Bryon tornou a si, viu que estava assentada junto a uma arvore da estrada; as duas carroagens tinham sido despedidas, para que aquella scena não tivesse testimunhas, além das pessoas interessadas, e Leão estava junto d'ella.

— Fuja da minha vista, senhor! foram as primeiras palavras da triste, apenas abriu os olhos e reconheceu o assassino de seu marido.

— Sei que devo retirar-me, minha senhora, respondeu Leão, com uma voz, ao mesmo tempo, commovida e grave; por que sei, que a partir d'este momento, não podemos, nem devemos tornar a ver-nos; mas antes, é necessario que me justifique do crime de que me accusa. Antes de tocar nas armas destinadas para o combate, ofereci ao sr. de Bryon o desterrar-me, e fazer tudo

que elle ordenasse para evitar as arriscadas probabilidades d'este duello. Recusou; respondeu com dois insultos, ás minhas duas propostas. No seu logar teria feito outro tanto. Em seguida, pegou n'uma pistola, e eu n'outra. No momento indicado, desfechou, em quanto eu não fiz o menor movimento. O sr. de Bryon tinha a pistola que não fôra carregada. Desarmei a minha, e depul-a sobre a meza, dizendo ao mesmo tempo á seu marido: Não ha forças neste mundo que me obliguem a matal-o. Então elle lançou a mão á minha pistola, e disse-me: Quem poude dar a deshonra, pôde tambem dar a morte. A vida que me quer deixar como uma esmola, é para mim uma vergonha. O sr. tem o direito de não querer matar-me, mas eu tenho o de querer morrer. E antes que eu o podesse impedir, disparou a pistola contra o cerebro. O que acabo de lhe dizer, minha senhora, juro pela memoria de minha mãe, ser a verdade.

E Leão, sem accrescentar uma unica palavra, afastou-se de Maria, e desappareceu ao longo da estrada.

— Não teve coragem para viver, marmurou Maria; é porque me não amava.

— Amava-te de mais, respondeu a boa velha.

— Acompanhas-me, Marianna?

E Maria dirigiu-se para a casa onde acabára de consumar-se o duello. O dia começava a despontar, e já a claridade do crepusculo innundava os campos. O ar estava fresco, e não obstante, Maria julgava que lhe ardia o cerebro. Chegadas á porta

da casa, Marianna parou; por mais que fizesse, as pernas recusavam-se a transpôr a fatal porta.

— Não terei animo para vel-o; esperarei aqui, ficarei orando.

Maria tomou o mesmo caminho que Leão seguiria. Julgar-se-hia ser um espectro, tanto o seu aspecto era sombrio; dir-se-ia ser de marmore, tal era a sua pallidez. A porta do quarto em que se effectuara o duello, ficára entreaberta, e a vela ardia ainda no mesmo lugar. Maria parou um momento, e disse comsigo: Assim é preciso! e empurrou a porta.

Logo ao entrar não appercebeu senão a meza, a que se encostou; mas, adiantando-se mais, viu logo Emmanuel, que tinha cahido sobre uma cadeira, e cujos braços pendiam sem vida, sem movimento. Allucinada, e fóra de si, dirigiu-se para o cadáver, ajoelhou junto d'elle e levantou timidamente os olhos para aquelle rosto, que ella não ousára mais encarar. A balla desfigurára Emmanuel; um pouco de sangue denunciava a entrada do projectil, e a contracção da morte separáralhe os labios, tornára-lhe lívidas as faces, e apagára-lhe o brilho dos olhos. Maria, com uma coragem de que nunca se julgaria capaz, collocou a mão sobre o coração d'aquelle que tanto amára. Aquelle coração, que durante dois annos, só por ella palpitára, estava extinto, aniquilado para sempre.

— Morto! exclamou ella.

E precipitou-se sobre o corpo d'Emmanuel, cuja cabeça batendo desamparada no chão produziu o

ruido surdo, que produzem sempre os cadáveres á menor pancada; e que prova não existir já n'elles a vida que possa sentir a dôr. Maria recuou espavorida, e fugiu para a porta, chamando com todas as suas forças por Marianna, que acudiu imediatamente, recebendo-a nos braços quasi morta.

— Fujamos d'aqui... fujamos d'aqui... exclamou ella com uma voz apenas perceptivel.

E foi caminhando ao acaso, pelo campo, não podendo conter-se sem olhar, de vez em quando, para traz, para se certificar de que não era seguida pelo tumulo d'onde sahira.

— Agora bem vés que é indispensavel que eu morra; repetia ella a Marianna, com a voz entrecortada, e os labios convulsos, e resequidos pela febre que a devorava.

— E teu pae? e tua filha? respondia-lhe sempre Marianna, a qual, evidentemente, Deus posera a seu lado, para a consolar e proteger contra si mesma.

A infeliz não respondia, e continuava sempre caminhando. Depois de ter andado pelo espaço de uma hora, chegou a uma casinha, escondida entre viçosas parreiras, e onde ella entrou, já extintas as forças, e prestes a succumbir á sua dôr. Os donos da casa recolheram m.<sup>me</sup> de Bryon com a maior benevolencia. A pobre senhora pediu que lhe déssem um copo d'agua, o que lhe mandaram procurar imediatamente uma carroagem. Aquelte sólo queimava-lhe os pés. Queria, sem demora, fugir dos logares em que se terminara o

drama da sua vida, como se fugindo, conseguisse esquecer-se de tão triste acontecimento. Havia momentos em que se convencia de que ia perder a razão.

— E meu pae? o que será d'elle? esclamou ella; terá, talvez, morrido tambem!

Depois offerecia a sua fortuna ao postilhão para que n'um instante a transportasse aos logares a que o seu coração tinha pressa de chegar. Em seguida queria voltar para traz, para junto de Emmanuel.

— Abandonei o seu pobre corpo, dizia ella, pensando em Emmanuel; é infame um tal abandono! Nem mesmo lhe dei na morte o descanso da sepultura. Elle, de certo, não me abandonaria assim, se fosse eu quem tivesse morrido.

E occultava o rosto, porque via erguer-se diante de si o cadaver d'Emmanuel, pallido, desfigurado, e ameaçador.

— Mas morreria, se ficasse mais tempo junto d'elle; morrer sem abraçar minha filha! Depois de cumprir estes dois deveres, voltarei, procurarei a cova que tiverem cavado para Emmanuel, e deitar-me-hei a seu lado.

Assim se iam passando os dias. Marianna e Maria chegaram, em fim, a Paris. Maria, parecia-lhe, que toda a gente voltava o rosto para vel-a, quando passava, indicando-a depois com o dedo. Queria ir a casa de seu pae, mas chegando ás proximidades, não ousou apresentar-se, e mandou alli Marianna, indo ella, em quanto esperava a volta da boa ama, orar sobre o tumulo de sua

mãe, a cuja memoria desejava pedir animo e coragem.

Marianna foi encontrar Maria no cemiterio, e disse-lhe que a casa da rua dos Saint-Pères estava deserta; que não encontrará alli senão o velho porteiro, que lhe lançára um olhar sinistro, respondendo-lhe que o conde residia no Poitou desde que morrera sua filha.

— Julga-me morta! pensou Maria; vamos partir para o castello, disse ella a Marianna.

Partiram nesse mesmo dia, e chegaram alli no dia immediato. A pobre senhora, quanto mais se aproximava dos logares, que haviam presenciado os folguedos da sua infancia, mais sentia cerrar-se-lhe o coração; não pôde conter as lagrimas, vendo ao longe as elevadas torrinhas do castello, e os seus telhados ponteagudos, continuamente cobertos de rolas e pombos, que, um a um levantavam o vôo, para irem reunir-se nas regiões aerias. Passou em frente da casa d'Emmanuel; as janellas estavam fechadas, e o jardim deserto. Maria persignou-se, como se passasse por um logar sagrado, e continuou caminhando, sem ousar olhar para traz, receando ver aparecer-lhe a sombra de seu marido. Chegou ao castello paternal, e reconheceu todos os por-menos; havia apenas um anno que vira tudo aquillo pela ultima vez, mas calculando pelos acontecimentos e não pelo tempo, esperava encontrar tudo em ruinas. Parou um instante junto da grade, olhando atravez dos varões, para objectos, que não julgou nunca poderem desassiar-

lhe um tão grande interesse. O arvoredo do parque, illuminado por um frouxo raio de sol, apresentava já aquella cór que denuncia a primavera; algumas corças e veados pastavam tranquilamente, como se comprehendessem que ninguem iria perturbal-os; dois cisnes brancos, aos quaes Maria, ainda creança, muitas vezes acariciára com uma das mãos, em quanto com a outra lhes dava as migalhas de pão, trasidas do almoço, resvalavam graciosamente pela superficie do lago, mirando com vaidade o elegante cólo, alvo como a neve, e flexivel como o junco. Mas nem uma só creatura humana animava aquella paisagem, sobre a qual parecia, apesar de tudo, estender-se um veu de tristesa e abandono.

Maria bateu á porta. Pouco depois, apareceu um creado, para ella desconhecido, abriu a porta, e observando as duas mulheres com um ar desconfiado, conservou-se junto d'ella, como se devesse tornar a fechal-a sem as deixar entrar. Aquelle homem parecia não comprehendêr que podesse haver quem batesse á porta do castello.

— Quem procuram as sr.<sup>as</sup>?

— O sr. conde d'Hermi, respondeu Maria.

— Mas as sr.<sup>as</sup> não sabem, que o sr. conde já não recebe visitas?

— Desde quando?

— Desde a morte de sua filha.

M.<sup>me</sup> de Bryon e Marianna estremeceram; era a segunda vez que ouviam aquella palavra.

— Faz-me o favor de chamar o João, jardineiro, disse Marianna.

- O João já aqui não está.
- E o Pedro?
- Também não. O sr. conde despediu todos os creados que tinham conhecido a menina.
- É indispensável que fallemos ao sr. conde.
- É impossível; de mais a mais são horas de andar passeando no parque.
- Então, disse Maria, oferecendo a sua bolsa ao creado, e fallando-lhe do modo mais suave, em nome de sua mãe, deixe-nos entrar, porque vae n'isso o meu repouso, e talvez o do sr. conde.
- O pedido de Maria fôra feito com tão pungente persuasão, que o creado abriu a porta, e deixou-as entrar sem lhes dizer uma unica palavra.
- Neste momento davam quatro horas.
- São estas as horas em que o sr. conde volta para casa; podem ir esperal-o para o salão.
- Para onde vae quando volta?
- Para o quarto que foi de sua filha.
- Então vamos para lá esperal-o.
- O sr. conde não permite que alli entre pessoa alguma.
- Não se inquiete, disse Maria; seu amo ha-de perdoar-lhe.
- Nesse caso vou ensinhar-lhes o caminho.
- Não é preciso; nós conhecemos-l-o. Vem comigo Marianna.
- Marianna! repetiu o creado, muito admirado; é a sr.<sup>a</sup> que foi ama da menina.
- Sou.
- Então pôde ir aonde quizer, porque todos que aqui estavam antes de mim, pronunciavam

sempre o seu nome com o maior respeito. O sr. conde, de certo, o não levará a mal.

Subiram, emsí. Maria entrou no seu quarto. Tudo se achava do mesmo modo : os seus cartões de desenho, e o seu cavalete, estavam no mesmo sitio, em que ella os deixára. Em seguida entrou no quarto vizinho do seu, e que fôra de Clementina ; não tinha alli sido mudada coisa alguma. Terrível ironia dos objectos inanimados !

— Meu pae ainda me ama ! disse ella a Marianna.

E ajoelhou, para orar n'aquelle quarto, santiificado pela dor de seu pae, e pela sua. Maria afastou as cortinas d'aquella janella, de onde vira uma vez seu pae e Emmanuel partirem para a caça, e avistou ao longe uma sombra que se dirigia para o lado do castello.

— Eil-o, disse ella a Marianna, comprimindo quanto podia as pulsações do coração. Bemditó sejaes, meu Deus ! por permittirdes que eu tornasse a ver meu pae !

O conde approximava-se cada vez mais ; mas, á medida que se approximava, sentia Maria encherem-se-lhe os olhos de lagrimas. O sr. d'Hermi estava de tal modo transtornado, que custava a reconhacer. Caberto de luto, parecia ter envelhecido dez annos ; tinha as faces cavadas, e os cabellos todos braneos. Quando elle sahiu de debaixo do arvoredo, um veado cheio de susto fugio espavorido ; e quando se approximou do lago, os cisnes, que iam para sair-lhe ao encontro, pararam a meio caminho. O conde atirou-lhes uns

bocados de pão, e encaminhou-se vagaresamente para o castello.

— Meu pobre pae como está mudado! deixame só com elle, Marianna.

A ama sabiu immediatamente.

Já se ouviam na escada os passos do conde. Maria tirou o veu, assentou-se em frente do cavalete, e continuou a aquarella que estava começada; na sua frente estava um espelho em que podia vér entrar seu pae. Um instante depois, abriu-se a porta. A pobre senhora julgou que ia morrer; mas seu pae aproximou-se d'ella tranquilamente, e disse-lhe com a maior suavidade:

— Que fazes ahí, menina?

Maria levantou-se, julgando-se de tal modo transformada, que se tornaria desconhecida a seu proprio pae. O olhar do conde era doce e benevolente, mas tinha uma extraordinaria fixidez.

— Perdõe-me, meu pae, disse Maria ajoelhando; sou eu, Maria, a sua filha.

Um surriso de duvida se deslisou nos labios do conde.

— Perdão, e de que, menina? lhe disse elle; de ter tocado nos pinceis de Maria, e de ter querido acabar o quadro, para me fazer acreditar, que é minha filha que vem aqui de noite para trabalhar? Mas eu não perdi a rasão, menina; sei muito bem que minha filha morreu, e que não a verei mais.

M.<sup>ma</sup> de Bryon recuou espavorida, e pallida como um cadaver; teve medo.

— Meu pae, disse ella, com voz tremula, não

me conhece? não vê que sua filha não morreu; não vê que sou eu?

O velho fez signal de que não a conhecia.

— Olhe bem para mim; veja que sou sua filha!

— A menina! disse o conde; não, não, tive uma filha, é verdade, mas essa, morreu! e uma lagrima rolou pela face do conde, que deixou pender a cabeça sobre o peito.

— Meu Deus! meu Deus! destrui-lhe a razão, como lhe destrui o coração! Meu pae, meu bom pae, continuou ella, apertando-lhe as mãos, e obrigando-o a assentar-se, em quanto ella ajoelhava a seus pés; sua filha deixou-o, mas não morreu; ama-o muito, e voltou para lho dizer; sua filha está aqui, a seus pés; sua filha sou eu!

— A sr.<sup>a</sup>! disse o conde olhando para Maria, com aquelle olhar fixo, que tanto a assustava; a senhora! Sim, parece-se um pouco com ella, mas como os vivos se assimelham aos mortos, e a matéria ao espirito; bem a conheço, é a senhora quem costuma todas as noites fallar-me d'ella. A senhora é uma visão, é um sonho, mas não é minha filha; não tive senão uma, e essa tenho a certesa de que morreu.

Maria levantou-se; o conde não fez o menor movimento. Ella então abriu a porta, com os olhos sempre voltados para seu pae, e temendo que elle a chamasasse, sahiu.

O objecto mais insignificante era para Maria motivo de susto: aquella casa, desde que tornara a ver o conde, parecia-lhe ter attingido uma forma inteiramente nova, e bizarra, povoando-se de pa-

vorosas sombras; e a infeliz perseguida pelo misterioso terror que a loucura inspira sempre á razão, caminhava como se caminha em sonhos, com receio que o corredor não tenha fim, ou faltem degraus á escada. Havia alguns dias que ella própria sentia o espirito de tal modo inquieto, que chegava a admittir a possibilidade de enlouquecer, e por isso corria, apertando com ambas as mãos a cabeça, como para segurar a razão prestes a escapar-lhe. D'este modo chegou até ao quarto de sua mãe, onde Marianna a esperava.

— Então?

— Valha-me Deus! disse Maria, deixando-se cair quasi desfalecida, sobre uma cadeira.

— Não quiz ver-te?

— Perdeu a razão!

— Louco! exclamou a pobre ama, recuando espavorida.

— Vem comigo.

— Aonde, minha filha?

— Até junto d'elle; tenho medo, accrescentou Maria; se não estiveres ao pé de mim morrerei de susto.

Marianna acompanhou m.<sup>me</sup> de Bryon silenciosamente; esta tornou a abrir, tremendo, a porta do seu quarto; seu pae mudára de logar, e não se apercebera da sahida de sua filha, do mesmo modo que não se apercebera da sua volta. Maria, parecia não ser para elle mais do que uma especie de recordação, imagem, ou pensamento, revestido de fórmas humanas, apresentando-se-lhe, ao mesmo tempo, aos olhos e ao espirito, sem

que lhes causasse a menor preocupação ; tanto os olhos e o espirito do pobre louco estavam habituados aquella imagem, ou pensamento.

O conde abriu uma das janellas que davam para o parque, e, com a mão appoiada sobre o parapeito, contemplava, como o rei Lear, o deitar do Sol, em seu soberbo leito de nuvens e purpura. Os primeiros rumores da primavera, castos em seus mysterios, poeticos em seu conjunto, saudavam os ultimos raios do astro rei, que, desapparecendo no horizonte, deixava o nosso mundo para ir dar a alegria a outro ; sobre aquelle fundo vermelho destacavam-se até os menos asentuados cambiantes da opala ; as arvores gigantescas projectavam as grandes e melancolicas sombras, caprichosamente recortadas pelos annosos ramos, ainda emmagrecidos dos gelados sopros do inverno ; os corvos, cujos ninhos estavam nos cimos das arvores, iam levar aos filhos quanto tinham podido colher na planice, voando rapidamente, e soltando, de espaço a espaço, um grito d'alegria, que mais era nota funebre arrojada ao meio do silencio harmonioso e universal ; os cismes recolhiam para as suas cabanas, e da superficie do lago levantava-se vaporoso, um tenuo e transparente nevoeiro, que se juntava ao que descia do ceu, e que ia, pouco a pouco obscurecendo o horizonte. O crescente da lua, ainda pallido, e algumas estrellas previdentes em não se apresentarem desde logo com todo o seu esplendor, como as luzes pouco intensas, com que se alumia o sonno d'uma creança, começavam a acender

se no céu, ao sopro de Deus, que todas as noites deita e embala a grande creança, chamada mundo.

Maria tornou a fechar a porta, e viu que seu pae se entretinha, deitando migalhas de pão da janella abaiixo.

— Que está fazendo meu pae? perguntou Maria aproximando-se do conde.

— Bem o vés; estou dando pão aos passarinhos, porque são elles que todas as noites me fallam de minha filha, debicando as migalhas, que eu lhes dou.

— É muito amigo de sua filha? disse Maria juntando as mãos.

— Amava-a.

— E agora?

— Agora está morta.

— Mas onde repousa ella?

— Aqui.

E o conde dizendo isto, pôz a mão sobre o coração.

Maria occultou o rosto com as mãos. Marianna chorava. O conde assentou-se junto da janella, e continuou deitando pão aos passaros, e olhando para o horisonte. Maria ajoelhou diante d'elle.

— Senhor conde, disse Maria, tomndo parte, por assim dizer, na loucura do condé, eu coñeci sua filha.

O sr. d'Hermi olhou muito tempo para Maria.

— Disse que a conheceu?

— Muito bem.

— Era linda, e amava-me muito!

- Mais do que a vida.  
— Bem o sei... pobre creança !  
— Lastima-a ?  
— Sim, porque morreu bem desgraçadamente.  
É uma pungente historia, a de minha filha.  
— Conta-ma ?  
— Conto, mas só a ti; sou muito teu amigo,  
porque te pareces um tanto com ella.  
— Então falle, falle meu pae.

Maria pegava nas mãos do conde, mas este retirava-as com desconfiança, e olhando-a com o receio vulgar nos alienados. M.<sup>me</sup> de Bryon, com o rosto pallido, a cabeça inclinada, e os compridos cabellos loiros, caindo-lhe sobre os hombros, assimilhava-se a uma flór, açoitada pela tempestade, esperando um raio de sol, para de novo se erguer viçosa. O conde calára-se; tinha já esquecido o que ia dizer.

- Estou prompta para ouvir, disse Maria com a maior suavidade.  
— Ouvir, o que ?  
— A historia de sua filha.  
— É verdade, é verdade; disse o conde, passando a mão pelos cabellos, como quem reunia as idéas. Estamos sós ?  
— Sim, meu pae.

O conde estava com as costas voltadas para Marianna, a qual presenceava esta scena, no canto mais escuro do quarto.

- Não contarás esta historia a pessoa alguma ?  
— Não, meu pae, não contarei.  
— É bem mau o mundo ! não sabes o que elle

dizia; o que todos repetiam? Diziam que minha filha me não amava, que me abandonaria, e chamavam-me pobre pae! como se uma filha pudesse abandonar seu pae, senão por Deus. Era uma mentira, o que essa gente dizia; a minha pobre Maria nunca deixou de amar-me, bem o sei, e não obstante, acreditei, por um momento, o que diziam; e, acrescentou o conde, deixando rolar pelas faces, duas grandes lagrimas, que foram cahir sobre a fronte de Maria, como esta filha era a minha consolação unica, a minha felicidade e alegria, senti-me muito triste, e depois adoeci. Sofri muita febre, delirei; os meus cabellos enbranqueceram, e eu enlouqueci.

— Oh! meu Deus! murmurou Maria, tende piedade de mim!

— Mas aquelle estado durou pouco tempo; apenas sube a verdade, restabeleci-me promptamente. Tenho pedido muito a Deus por ella, por que cheguei a amaldiçoal-a, e Deus ha-de perdoar-me... n'esse momento estava louco, e soffria muito. Agora ainda soffro, ainda choro, mas não a amaldiçõo; porque sei que não me abandonou, mas que morreu, e o Senhor, compadecendo-se da minha dôr, permitte que ella, durante a noite, desça do ceu, para vir abraçar-me. Algumas vezes encontro-a no parque, debaixo do arvoredo, mas quando me aproximo d'ella, parece desvanecer-se no ar, a sua sombra; é de certo, Deus que a chama para si; assim deve ser, porque lhe pertence. Bem feliz me julgo eu só em vel-a.

O sr. d'Hermi, como se sentisse o cerebro cansado pela attenção que prestára á sua narração, encostou-se ás costas da cadeira, e calou-se, ficando na posição de um homem, que pensa, mas que não pôde fallar.

— Sim, morreu ! murmurou elle.

— Mas como morreu ? disse Maria, pegando nas mãos de seu pae, que d'esta vez não as retirou, e levando-as aos labios.

— Não lh'o disse já, minha senhora ?

— Não, respondeu Maria, estremecendo, ao ouvir tão frio tratamento, que lhe parecia um castigo.

— Vou dizer lh'o, como o poeta m'o disse.

— Qual poeta ?

— O de Deus ; o seu livro acompanha-me sempre ; leio-o todas as noites ; imagine...

E dizendo isto hesitou.

— Então, disse Maria, não quer continuar ?

— Sim, sim ; mas é preciso não contar tudo. Imagine que ella não se chamava Maria ; chama-se Ophelia.

— Meu pobre pae ! murmurou m.<sup>me</sup> de Bryon. Queria antes ouvir-lhe a maldição, do que assistir á sua loucura.

— Ophelia, continuou elle, é um lindo nome, não é verdade ? Era o seu. A pobre creança, disse-m'o o poeta, lembro-me muito bem, amava Hamlet, o filho do rei ; mas Hamlet era louco, como eu fui, e n'um accesso de loucura, quiz matar-me. Ophelia julgou-me morto, e enlouqueceu tambem, pobre filha ! Os seus compridos ca-

bellos loiros, cahiam-lhe sobre os hombros, como fios de oiro; fizera para si uma corda de boninas do campo, e cantava com uma voz triste, ai! tão triste! mas sempre entrelaçando cordas. Um dia, quiz collocar uma d'aquellas cordas, na arvore que está ao pé do lago, escorregou, e a agua, ciosa d'aquelle olhos que eram mais limpidos do que ella, levou a minha querida filha, conduzindo-a assim á morte. Pobre Ophelia! No sitio em que ella morreu, nasceu um cisne! Chora? tem pena d'ella? Se eu soubesse aonde está o seu tumulo, conduzi-a lá; mas não o sei!

O conde acabando de fallar, levantou-se, e começo a passear pelo quarto. Em uma das voltas descobriu Marianna, que o observava, cheia de terror.

— Que sombra é aquella?

— É Marianna; a minha ama.

— Marianna? Já ouvi esse nome, mas não sei aonde; creio que foi n'outro tempo, quando estive louco. Adeus, minha senhora, adeus!

E affastou-se cantarolando a musica d'uma balada.

— Onde vae? perguntou Maria.

— Vou percorrer os corredores; é a esta hora que minha filha costuma aparecer-me; depois, vou á capella.

— Á capella?

— Sim, ouvi alli n'outro tempo uma musica, de que tenho querido recordar-me, mas sempre inutilmente.

O conde, disendo isto, continuou a affastar-se.

— Tenho uma esperança, disse Maria á sua ama; se fôr uma felicidade, para elle, recobrar a razão !

— Qual é?

— Vou á capella, e tocarei alli a musica de que elle quer lembrar-se; e talvez me reconheça !

— Vae, minha filha, vae.

— Mas vem comigo.

As duas mulheres dirigiram-se á capella. Era quasi noite. O conde passeava ainda pelo castello. Maria percorreu o caminho que conduzia á capella, allumiada pela ultima claridade do dia, que ainda penetrava atravez das vidraças, e encontrando a cada passo uma recordação, e ajoelhando em presença d'essas recordações, como diante de um altar. Tornou a vér o logar, onde pela primeira vez se occultara seu pae; a porta que tanto susto lhe causara, ouvindo a voz de sua mãe, que d'alli a chamava; e a pallida sombra de Emmanuel, a quem ella fizera, assim como ao conde, chôrar tantas vezes, ouvindo os lastimosos sons do orgão, passou-lhe diante dos olhos, terrivel de clemencia e de perdão. De repente pareceu-lhe ouvir passos, e deixando Marianna oculta por de traz d'uma columna, foi esconder-se junto da escada que conduzia ao orgão. N'este momento abria o conde a porta.

O sr. d'Hermi subiu a escada do orgão, sem que visse Maria. Como já dissémos, os ultimos raios do dia não tardaram a desapparecer, suplantados pelas primeiras sombras da noite. O conde parecia inquieto. Assentou-se diante do or-

gão, e os dedos, sem memória, começaram a correr sobre o teclado, em quanto com a voz triste e dolorosa da loucura, procurava, ao mesmo tempo, lembrar-se do cantico, que n'outro tempo ouvia cantar a sua filha. Aquella musica era, para o pobre velho, como essas harmonias encantadoras, que nos trazem á memória um paiz querido, e que passam completas pelo espirito, sem que a voz possa nunca encontrar-lhe o motivo; fecham-se os olhos, e mesmo no silencio, ouve-se a longiqua melodia, tal como se ouviu outr'ora; depois, abrem-se de novo os olhos, julga-se ter, por assim dizer, lançado mão da canção tão amada, e vê-se então, á medida que se procura ligar as suas notas, desvanecer-se vagamente, confundir-se, e desapparecer, impalpável como um sonho, ou como os brancos vapores do deserto, que o viajante julga, de longe, ser algum oasis, cheio de frescura, e coberto de sombra.

O conde preludiou, e conseguiu encontrar os primeiros compassos; o orgão, com a sua voz plangente, repetia-os, tanto ao coração do pae, como da filha; de repente parou, vibrando por muito tempo, a ultima nota, que, gradualmente se foi extinguindo. Então o conde levou as mãos aos olhos, molhados de lagrimas, e murmurou:

— Meu Deus! meu Deus! nunca conseguirei recordar-me!

Em seguida tentou ainda uma vez, com as mãos e com a voz; mas, tanto a voz do homem como a do instrumento, de novo se calaram, e

o pobre velho levantou-se, desceu a escada, e começou passeando de um para outro lado, em toda a extensão da capella, procurando sempre apoderar-se da musica, que ouvia no espirito, e que se extinguia chegando aos labios.

Junto do altar, ajoelhou diante de um crucifixo, e implorou da grande dôr celeste, piedade para a sua dôr. Foi então que Maria subiu a escada do orgão, e tomando o logar que seu pae acabara de deixar, lhe fez ouvir o cantico, que elle tanto procurava.

O conde ouvindo aquellas harmonias tão inesperadas, voltou a principio a cabeça, acreditando, pela sua loucura, que eram unicamente os sons, que elle persentia lá muito ao longe, e que, a mais e mais se lhe aproximavam, que se tornavam progressivamente mais distintos, e que elle só ouvia com a memória. Mas o orgão, encontrando a musica esquecida, sob os dedos da chorada filha, vibrava tão dolorosamente, e com tanto encanto; a religiosa e santa harmonia que se espalhava pela capella, como uma nova atmosphera, era, por assim dizer, tão palpavel; a voz que a acompanhava era tão poetica e triste, que não podia ser um sonho, e só devia pertencer a um anjo, nascido da alma de Maria, que, ouvindo a supplica do pobre louco, tivesse descido do ceu, para lhe trazer a consolação da realidade.

O infeliz, de joelhos, com as mãos erguidas, escutava, reprimindo a respiração, como se receasse que o menor sopro, fizesse desvanecer a

celeste melodia, que tão docemente se deixava ouvir.

Pelo effeito ordinario das commoções fortes, tinha-se apoderado do conde uma especie de extasis; todas as faculdades cerebraes se lhe haviam concentrado n'um unico sentido, o ouvido, abandonando os outros a uma completa lethargia. O sr. d'Hermi continuava escutando, com os olhos fitos no espaço, e, com as mãos pendentes, debrado sobre si mesmo, assimilhava-se a um d'esses martyres, a quem Deus, no meio das suas torturas, enviava um anjo, visivel só para elles, e que, apesar dos supplicios, levavam suavemente e sem dôr, a alma do corpo do escolhido. Vendo-o n'aquelle estado, logo se comprehendia, que se lhe passava no espirito, uma grande revolução. A sua pallidez não diminuira, o seu olhar era sempre o de um louco, mas de um louco feliz; a expressão de serenidade e de alegria, via-se-lhe distintamente no resto, cujas fibras des-tendidas, deixavam ver-lhe os labios entreabertos, por um surriso de bem estar, e de reconhecimento.

Esta demasiada felicidade ia talvez causar a morte ao conde, mas elle parecia aspiral-a, querendo absorvel-a toda, simulhante aos mancebos a quem o Velho da Montanha dava uma certa beberagem, que lhes fazia ver um paraíso, ao pé do qual o de Mahomet, era um inferno, e que morriam, depois de terem conhecido esta ventura, que lhe tornava impossivel a vida de outro tempo. Assim, quando Maria, no meio das suas

lagrimas, promovidas pelas recordações, e pelo espectaculo que tinha diante dos olhos, lançou no espaço a ultima nota, seu pae, sentindo-se cahir de novo no silencio que o tinha enlouquecido, exclamou :

— Mais ! mais !

Maria que já se tinha levantado, tornou a assentar-se, e tocou uma das melodias que mais agradavam ao sr. d'Hermi. Quando o pobre louco percebeu que o ente mysterioso lhe obedecia, quiz levantar-se para ir ao encontro da desconhecida sombra, d'aquelle novo bemfeitor, e, com os braços estendidos, os olhos fitos no orgão, e os labios entreabertos, como um somnambulo, deu ainda alguns passos. Depois, aniquilado por tão fortes commoções, sentiu uma violenta dôr no cerebro, levou a mão á fronte, e tremeram-lhe as pernas; quiz encostar-se á parede, mas a mão chegou demasiadamente tarde áquelle apoio, e antes que podesse segurar-se, cahio no chão desamparadamente, soltando um grande grito. Ouvindo este grito, Maria desceu rapidamente a escada, e foi lançar-se sobre o corpo de seu pae, o qual, pallido e inanimado não parecia mais do que um cadaver. Marianna acudiu tambem, e as duas mulheres, reunindo as forças, tentaram levantal-o, mas não o poderam conseguir. Então, correu Marianna em busca de socorro, e Maria, ficando só junto de seu pae, levantou-lhe a cabeça, descancando-lha sobre o braço, implorando ao mesmo tempo o seu perdão, e querendo só com a voz chamal-o á vida; mas o conde não se movia, e

com quanto Maria interrogando-lhe o coração, tivesse conhecido, que a vida não seguira ainda a razão do desventurado, nem por isso era menos horrivel, para ella, um tal estado.

Acudiram os creados; Marianna, durante o caminho pozera-os ao facto do que havia sucedido, indo logo um d'elles chamar o medico. Acto continuo levaram o conde para o seu quarto, despiram-no, e deitaram-no na cama. Maria, de joelhos junto do leito, chorava e orava, como a Virgem aos pés da cruz; em vão chamava seu pae, e lhe beijava as mãos, ardentes de febre; em vão lhe dizia todas essas coisas com que o coração de um filho procura despertar o de seu pae, o conde, com os olhos entreabertos, conservava-se na mais desoladora immobilidade.

A infeliz Maria, tinha já chorado e sofrido tanto, sobre tudo n'aquellos ultimos dias, que a alma começava a perder a energia, o cerebro a deixar de comprehendender, e os olhos a secarem-se lhe; a sua prostração era não só filha de tão acerba dôr, mas da fadiga.

Abriram as janellas, e Marianna fez cheirar ao conde um frasquinho de saes, que o obrigaram a um pequeno estremecimento, ao qual as duas mulheres soltaram um grito d'alegria, mas tornando logo depois a ficar na mesma immobilidade.

Finalmente, chegou o douctor.

— O sr. é quem tem tratado do conde, perguntou Maria ao medico, sem que lhe dissesse quem era.

— Sim, minha senhora.

— E a sciencia tem sido sempre impotente contra a sua loucura ?

— A sciencia não teria sido impotente, se fosse ajudada por alguma commoção inesperada ; d'este modo, teria já, talvez, o doente recobrado a razão.

— Se visse sua filha, por exemplo ?

— Ou, visto já não existir sua filha, alguma coisa que lh'a lembrasse, o mais directamente possivel.

— Mas se essa filha vivesse ainda ; se tivesse sido falso o boato da sua morte ?

— Seria indispensavel que se lhe apresentasse.

— Mas se elle desde logo não a reconhecesse ?

— Devia fazer-se lembrada ao seu espirito por um meio auxiliar.

— Pela muzica, talvez ; o ouvido conserva sempre a mesma lucidez, e não a reconhecendo pela vista, poderia reconhecer-a pelo ouvido.

— Sem duvida.

— Mas, se todavia... peço-lhe que me desculpe todas estas perguntas, disse Maria, com uma commoção cada vez maior, e que só com muito custo conseguia dominar ; se todavia, reconhecendo-a pelo ouvido, a commoção fosse tão violenta, que o doente não a podesse supportar, e desfalecesse ; o que poderia suceder ?

— Poderiam suceder duas coisas : a primeira, é que, voltando a si, poderia encontrar-se restabelecido.

— E a segunda ?

— É que o doente não tornasse a si.

— Oh ! meu Deus ! pois isso é possivel ?

—Isto é a verdade, minha senhora, mas, como vê, ainda ha uma probalidade de cura.

—Contra outrá de morte; ha bastante tempo que Deus me abandona, para que hoje se lembre de mim, com misericordia.

—A senhora é parente do conde?

—Sou sua filha.

—Sua filha!

—Sim, senhor.

—Então minha senhora, disse o medico, que não tendo nunca visto Maria, não sabia o que lhe tinha sucedido; o que foi que se passou?

—Eu ignorava que meu pae estivesse louco, como elle ignorava que eu estivesse viva, porque foi a falsa noticia da minha morte, que lhe tirou a rasão. Sofri muito vendo-o n'este estado, e acreditei que elle me reconhecesse; mas obstinou-se a dizer-me que sua filha se chamava Ophelia, e não me reconheceu.

—Sempre a mesma idéa, disse o medico, e depois?

—Depois, como se dirigisse para a capella e procurasse no orgão uma musica que n'outro tempo tocava, sem que o podesse conseguir, quando elle deixou o orgão, tomei o mesmo logar e toquei a musica, que elle tanto desejava ouvir.

—E então?

—Escutou-me n'um doce extasi; acreditei no bom effeito do meio que empregava, porque o via chorar, e eu sei por experienca que as lagrimas curam bastantes coisas. Quando eu acabei de tocar, exclamou meu pae: « Mais! mais! » e eu conti-

nuei. Foi então que, ou porque me reconhecesse, ou porque quizesse saber quem era que lhe dava o prazer de ouvir aquella musica, de que elle nunca pôderia recordar-se, foi então que se levantou para se dirigir ao orgão, mas não teve forças para alli chegar, e caiu no chão, soltando um grito que me causou o maior susto. Transportamol-o para aqui, e logo em seguida mandei chamar o sr. doutor. Desde esse momento, está, como vé, sem dar signaes de vida.

O medico fez involuntariamente um gesto duvidoso.

— Esse gesto, faz-me morrer de terror, disse Maria, a quem não escapou o movimento do medico.

— Pelo contrario, minha senhora, tenha esperança, disse o medico, tomando o pulso ao doente, palpando-lhe a fronte, e logo em seguida, receitando. O sr. conde precisa, primeiro do que tudo, de repouso; d'aqui a alguns instantes recobrará o uso dos sentidos; isto não é desmaio, é sonno, e o sonno de que elle ha tempo não goza, não pode fazer-lhe senão bem. Fique junto d'elle, minha senhora, a minha sciencia não pôde cousa alguma, a par da sua presença. Agora, é só pelo effeito moral, que se pôde operar o restabelecimento; o que eu posso fazer, n'este caso, é quasi inutil. Todavia, virei ámanhã, não como medico, mas como amigo, saber novas do doente.

— Mas responde-me pela vida de meu pae?

— Tanto quanto uma creatura humana pôde responder por uma coisa que pertence a Deus.

O doutor cumprimentou Maria e saiu.

— Minha boa Marianna, disse m.<sup>me</sup> de Bryon, não dormes já ha muitas noites; se queres vae dormir um bocadinho, que eu ficarei velando.

— E eu velarei tambem.

— Faze o que quizeres; mas bem o sabes, eu não adormecerei, os meus olhos perderam o sonmo, e por isso não precisarei companhia para poder velar.

Marianna deixou-se ficar no quarto. Um candieiro, com uma luz quasi exticta, foi collocado sobre o fogão, ao lado do qual Marianna se assentou n'uma grande poltrona, em quanto Maria junto do leito de seu pae, lhe conservava entre as suas, uma das mãos, ardendo em febre. Deram nove horas. A lua ia já alta, illuminando com o seu pallido olhar o silencio da paisagem; apenas o ruido da queda da agua que cahia no lago, chegava ao ouvido de Maria, e esse mesmo ruido era tão vago, que por vezes o dominava a respiração do conde. A pobre Marianna, não podendo vencer a fadiga, acabára por sucumbir ao somno. No fogão ainda restavam alguns tições que, pouco a pouco, e tristemente, se iam extinguindo. O silencio era solemne e melancolico.

Maria apercebia, atravez das vidraças, illuminadas pelos amarellados raios da lua e as espessas sombras das arvores, que ao longe se destacavam como cimos de florestas fantasticas, e algumas nuvens negras, que impellidas pelo vento norte, velavam momentaneamente o astro da noite.

Maria pensava, e, quando se sabe qual o abysmo de dôres em que ella cairia, havia um mez, facilmente se advinha os pensamentos em que ella a similhante hora se despenhava, no meio de um tal silencio, e deante de similhante espectaculo.

De espaço a espaço ouvia-se abrir ou fechar uma porta do pavimento baixo, era algum creado que ainda estava a pé; depois, ouvia-se ainda, quando o vento soprava de um ou outro lado, o longiquo uivar d'um cão, e que não podia deixar de augmentar a tristesa a quem já estivesse triste.

Em Paris não se crê facilmente na existencia da noite; alli as noites são mais ruidosas do que os dias da provincia. Mas no campo, no fundo de um castello isolado, n'uma compina deserta, a noite tem silencios mysteriosos e extraordinarios, murmurios sinistros, que fazem estremecer contra vontade, e claridades desconhecidas, que só pertencem aos campos, aos borques, aos seres de de cōres bizarras e fórmas phantasticas. Maria pensava, e entre os dois sonhos de Marianna e de seu pae, não onsvava olhar em torno de si. Sentia-se presa por um secreto terror, no logar em que se achava, e donde não se levantaria, porque teria medo do ruido dos proprios passos; estava, por assim dizer, envolvida no silencio universal, e por isso, o menor ruido que perturbasse esse silencio, tel-a-hia assustado. Aquella noite lembrava-lhe a que passará junto do leito de sua mae. Nessa época já ella se julgava sem esperança, e bem pouco tempo depois desesperava

muito mais. Conservava-se, pois, immovel, seguindo a mão de seu pae, e interrogando de espaço a espaço o rosto do conde, ao qual a frouxa luz do candieiro, dava uma certa meia-côr, que espressava ainda um novo sofrimento.

Pouco a pouco foram extinguindo-se esses mesmos ruidos, produzidos por alguem que ainda se achava a pé no castello, cessando até o uivar do cão, e Maria já não sentia senão o sopro do vento da noite, que, depois de ter sibilado por entre as arvores, ia em toda a sua força bater as paredes do castello, zumbindo depois pelos vastos corredores, em busca d'uma saida; então apoderava-se d'ella um tremor involuntario, e aper-tava convulsivamente a mão do conde, impassivel áquella pressão. O silencio era, emfim, de tal modo imponente, que Maria se abysmava cada vez mais em seus terrores, chamando por muitas vezes, Marianna, mas em voz tão baixa, que a pobre ama, mergulhada no somno, não podéra ouvil-a. Chamára depois seu pae, por que mais bem queria as palavras de um louco, do que um tão universal silencio; mas seu pae, immovel em seu somno, como ella em seu receio, não respondia mais do que Marianna. Então Maria sentára-se tambem na sua poltrona, tentando por sua vez, dormir, porque o somno é a esperança dos que tem medo, e dos que soffrem. Os olhos fecharam-se-lhe, mas o pensamento, vendo sempre, conservava-os interiormente abertos, e os terrores da pobre senhora, em vez de serem continuos, eram apenas interrompidos. Te-

remos nós necessidade de dizer quaes as sombras que visitavam a sua insomnia ? Finalmente, a fadiga suplantou a dôr e os receios, e os olhos de Maria fecharam-se ; adormeceu com um sonno ligero e transparente, mas não tanto, que deixasse de lhe occultar os objectos externos.

Dormiu d'este modo proximamente duas horas, no fim das quaes acordou, mas sentindo o espirito de tal modo entorpecido que se viu obrigada, por assim dizer, a tomar conhecimento com tudo que a rodeava. Marianna e o conde continuavam dormindo ; unicamente, figureou-se a Maria, que a mão de seu pae, que ella conservava sempre segura, perdéra aquelle calor febril, que tão violentamente lhe fazia bater o pulso, esfriando singularmente, apesar do calor que as suas lhe transmitiam. Então um pensamento horrivel atravessou o espirito da infeliz ; aproximou o ouvido ao rosto de seu pae, para lhe escutar a respiração, e pareceu-lhe, que tinha parado ; depois, olhou em torno de si, e a seu pesar, largou a mão do conde, que cahiu sobre o leito, inanimada e sem força.

Maria passara n'aquelle momento por um d'esses terrores que paralisam a lingua, e embranquecem os cabellos.

— Marianna, murmurou ella, sem affastar os olhos de seu pae, esperando que a voz que ia despertar a ama, despertaria ao mesmo tempo um cadaver.

Marianna não respondeu, Maria inclinou, quanto pouse, a cabeça para o lado em que dormia a

ama, mas os olhos sempre voltados para o leito, e tornou a chamar-a. O mesmo silêncio.

O terror chegou então ao seu auge, e Maria sentiu que era preciso morrer, ou gritar; levantou-se, fazendo o último esforço e gritou por Marianna, olhando logo para seu pai, mas ele não se moveu. A pobre velha acordou sobresaltada e viu Maria encostada à sua poltrona, e quasi desmaiada. Ergueu-se e perguntou-lhe:

— Que tens tu, minha filha?

— Escuta, respondeu-lhe Maria, pegando-lhe nas mãos.

E aplicaram ambas o ouvido.

— O que é? disse Marianna, levantando a cabeça.

— Não ouves coisa alguma?

— Não.

— Nem mesmo um sopro? disse a pobre senhora caindo sobre a poltrona.

Marianna comprehendeu tudo.

— Não desesperes por tal medo, filha; talvez nos tenhamos enganado

E aproximou-se da cama.

— Não, disse Maria detendo-a; quero ainda duvidar. Manda chamar o doutor.

Marianna tocou a campainha, aparecendo logo um criado a quem deu ordem de correr a casa do medico.

— Chamei-te três vezes, disse Maria.

— Eu estava caindo de cansaço, minha filha; perdoa-me.

— Pobre Marianna!

— O sr. conde talvez não esteja senão adormecido, bem sabes o que disse o medico.

— Sim, mas tambem sei que sou maldita de Deus !

— Tem esperança.

— Esperança ! entre um marido a um pae mortos ! respondeu Maria meneando a cabeça.

As duas mulheres ficaram silenciosas ; não se ouvia senão o sibilar do vento lá fóra ; Maria estava de joelhos ao pé da cama, e Marianna, ao lado d'ella, segurava-lhe uma das mãos. Passou-se d'este modo, meia hora, no fim da qual veio o douctor acompanhado pelo creado que fóra chamal-o. M.<sup>ma</sup> de Bryon, vendo entrar o medico, sentiu um estremecimento indefinivel: era a realidade que chegava.

— Passou-se alguma coisa extraordinaria ? perguntou o douctor.

— É talvez nada, disse Maria indo ao encontro do medico, e querendo ainda dar a si mesma uma esperança impossivel.

— Vamos vér, minha senhora.

O medico aproximou a luz ao doente.

— Minha senhora, disse elle em seguida, peço-lhe que me deixe só com o sr. conde.

E ao mesmo tempo, fez signal a Marianna, para que ficasse. Maria sahiu, tremendo, e, passando para um quarto proximo, ajoelhou e orou.

— Esta senhora, ama extremosamente seu pae ? perguntou o medico a Marianna.

— Mais do que a vida.

— Então é preciso affastal-a d'aqui.

— Já não ha esperança ?

— O sr. d'Hermi já não existe !

Marianna deixou pender a cabeça sobre o peito; a pobre creatura sentia-se aniquilada por tantas desgraças successivas.

— Adeus, minha senhora ; o medico é já inutil aqui. O que é preciso agora é um sacerdote.

E o homem em quem Maria depositára a sua ultima esperança, saiu, em quanto Marianna, debulhada em lagrimas, e não ousando ir ao encontro de Maria, ajoelhou ao pés do morto. Finalmente, levantou-se, abriu a porta, e viu Maria, pallida como um cadaver, sustendo se a custo, e hesitando em entrar, como hesitára em sahir.

— Então ? disse m.<sup>me</sup> de Bryon, com a voz quasi extincta.

— Então, minha filha, é preciso ter muito animo.

— Meu pae morreu, não é assim ? respondeu Maria, empallidecendo ainda mais, mas com uma voz socegada.

— Mas onde está esse Deus que perdoa aos que oram, e se arrependem ? ! exclamou Maria, deixando-se cahir sobre uma cadeira.

— Não blasphemes, filha, acudiu Marianna; deixa á alma de teu pae chegar á presença do Senhor, acompanhado de supplicas, e não de maldições.

— Deixa-me, minha pobre Marianna, foge de mim.

— Deixar-te, filha, fugir de ti ! e porque ?

— Não vés que communico a desgraça a todos que amo, a todos que se me aproximam ? Em oito

dias tenho cavado duas sepulturas ! Deixa-me cavar solitariamente a minha, em algum canto da terra esquecido pelos homens, e se é possível, por Deus.

— Não tens mais coisa alguma que te prenda à vida ?

— Nada ! respondeu Maria, deixando pender as mãos, e fitando no sobrado os olhos, já esgotados.

— Nada ! ? repetiu Marianna ; e tua filha ?

— Minha filha !

— Pobre creaturinha, que seu pae te confiou no mais solemne momento. É mais do que um dever ; é a ultima vontade de um moribundo que tens de cumprir.

— E julgas que Deus terá parado no meio da sua colera ? crês que a creança não tenha seguido o seu e o meu pae ? crês que vá encontrar minha filha risonha, e estendendo-me os braços ? Não, não, Marianna ! minha filha morreu, como elles ; é preciso que eu morra, como ella.

— Ora vamos, tem ânimo ; resigna-te com a vontade de Deus.

— E não o tenho eu feito ? É possível soffrer mais resignadamente do que eu tenho soffrido ? Quando morreu minha mãe, sem que Deus tivesse coisa alguma a reprehender-me, cessei de orar, maldisse porventura o Creador ? Quando Emmanuel acabou com a vida, os meus labios pronunciaram uma unica palavra indigna do Senhor ? Finalmente, durante toda esta noite, rodeada de toda a sorte de terrores, ao lado de meu pae mori-

bundo, deixei de orar constantemente? E dizes-me que tenha animo! Depois de soffrer o que hei soffrido, quando já não tenho esperança alguma que me prenda á vida, é-me desnecessario o animo para morrer!

— Morrer, minha filha! para que Deus prosiga no castigo, e te puna por toda a eternidade! O Senhor não perdoa o suicidio, porque é o crime unico, de que não é possivel haver arrependimento. Vive para tua filha, para ti mesma, e Deus, que parece ter-te abandonado, guarda-te, talvez, ainda dias melhores para o futuro; tu ainda agora estás soffrendo a tua segunda dor, minha filha, lembra-te que o Redemptor soffreu muito mais antes de chegar á cruz, onde sua mãe lhe ia presencear a morte! Não maldigas Deus, porque tem havido muito maiores crimes e infortunios do que o teu.

— Não, não posso maldizel-o, disse Maria levantando-se, e pegando na mão de Marianna, com um sorriso d'amor verdadeiramente filial. Tens razão, não posso maldizel-o; porque, se me arrebatou minha boa mãe, deixou-te junto de mim, tu, que és a segunda alma maternal que me tem protegido; porque, se hoje me levou meu pae, depois de me ter levado Emmanuel, deixa-me minha filha, que era a medianeira do meu perdão, porque é n'ella que se encerra toda a minha esperança. Obrigada minha boa Marianna; agradeço ao teu coração santo e veneravel, as consolações com que procuras suavizar as feridas que tenho n'alma.

E Maria, fallando deste modo lançou-se nos braços de Marianna; depois, tornou a assentar-se, porque sentia alma e corpo despedaçados.

— O que ordenas tu? dize. Quero obedecer-te como a Deus, já não tenho força para querer, apenas me resta a necessaria para obedecer.

— Partiremos hoje mesmo.

— Hoje? e meu pae?

— Para que has-de enfraquecer mais a alma com o espetáculo das ultimas ceremonias? De longe, como de perto, rezarás pelo conde; de longe, como de perto, serão ouvidas por Deus as tuas orações. Iremos a Paris, a Auteuil, onde está tua filha; trazel-a-has para aqui, isolar te has, e Deus, vendo-te tão sinceramente arrependida, não poderá deixar de te absolver; o mundo vendo-te tão recolhida e piedosa, saberá ter força para imitar a Deus. Vamos, minha filha, olha como vae nascendo o dia; vê como está lindo o azul do céu, como é rosada e transparente a nebrina da madrugada, escuta o canto de tantas avesinhás. Pois pôde julgar-se possivel, que o Creador, despertando o mundo com toda esta alegria, dê uma tristesia eterna ás suas criaturas? Não, filha, tem esperança, demais tens soffrido e orado, para que devas perdel-a. A tua alma está immersa em escura noite; mas, como vês, á noite escura sucede o dia mais resplandecente.

— Minha boa Marianna!

— Estamos na primavera; é o tempo do mais bello sol; este olhar do Creador vivifica toda a natureza. Habitaremos, as tres, n'este castello;

verás crescer tua filha, onde tu mesma cresceste, e sentir-te-has feliz pelo passado, pelo presente, e pelo futuro. Assim irá passando o tempo, que é a unica panacea universal, até que chegará um dia, em que deixarás de ser a mulher que peccou, para seres unicamente a mulher que soffreu. Lembra-te de que tens vinte annos, e que estás, apenas, a um terço da vida. Espera com paciencia e resignação, a sorte que o ceu te reserva.

Para as grandes dores, não ha senão as grandes consolações. Maria, que alguns momentos antes, se entregava ao desespero, sentia-se cheia de nova força, ouvindo as palavras simples e benivolentes de Marianna. As apparencias materiaes, desappareciam para darem logar a novas illusões. Emmanuel perdoára antes de morrer, e, a algumas leguas de distancia, sua filha procurava com o coração e com os labios, o coração e a fronte de quem lhe déra o ser. Maria não devia desesperar, porque havia ainda no mundo, uma criatura, que não sómente a amava, mas a quem seria necessaria.

— Tens razão, Marianna; partamos, para voltarmos com minha filha, que orará comigo sobre o tumulo de meu pae, e o futuro, recompenzar-nos-ha de certo.

Maria separou-se de Marianna, e abrindo sem susto a porta do quarto em que tinha morrido o conde, como se o perdão do pae occultasse o cadaver do homem; demorou-se alli por meia hora, rezando por alma do finado; depois, pouso os labios sobre a fronte do morto, cerrou-lhe

os olhos, cuja luz se extinguira para a terra, e abriu uma janella, por onde entrou um raio de sol, que parecia, vindo do ceu ao leito do finado, indicar o caminho radiosso que fôra seguido pela alma do conde. Em seguida voltou para junto de Marianna, abraçou-a, e duas horas depois, percorriam a estrada de Paris.

---

## XXIV

Em quanto Maria e sua ama iam caminho de Paris, orava um sacerdote pela alma do conde. O isolamento em que este vivera desde a desaparição de sua filha aumentava ainda o lucto d'aquelle casa. O medico e o commissario de policia foram verificar a morte; depois, prehendida a formalidade, ficou só o sacerdote.

A chegada mysteriosa de Maria e Marianna, a morte inesperada do conde, e a instantanea partida das duas mulheres, dava que pensar aos creados do castello. Sentiam instinctivamente que um segredo qualquer pairava sobre o cadaver abandonado, como o fôra o homem; não podiam comprehender como uma filha podesse partir assim, duas horas depois da morte de seu pae, deixando aos estranhos o cumprimento dos ultimos

deveres, Em vão o medico quizera apresentar como motivo da partida, a commoção demasiado forte, produsida por aquella morte quasi repentina; aquelles a quem elle se dirigia, sacudiam a cabeça em signal de duvida, lastimando o pae, e stigmatisando o procedimento da filha. Maria durante o caminho ia calculando tudo que devia passar-se no castello.

— A esta hora, dizia ella; estam resando as ultimas orações pela alma do que já foi; e parecia-lhe vér desenharem-se sob as roupas, o rosto e os membros do cadaver illuminados, apenas, pelo reflexo sinistro dos brandões mortuarios, em quanto o ministro de Deus o benzia, recitando os psalmos dos finados.

Era uma bella madrugada de março quando Maria partiu para Paris. Aquella manhã, ainda que fria, illuminava-se já de modo novo e encantador. As arvores começavam a cobrir-se d'um certo esverdeado, sentindo-se surgir a primavera, e fecundar-se mysteriosamente a terra.

Não havia coisa alguma sombria ou triste, em toda a natureza; a alegria universal de que Maria se sentia rodeada, parecia-lhe ser o começo da sua reconciliação com Deus. Via o ceu surrir-lhe, e os raios do sol, que entrando pela portinhola da carroagem, para lhe illuminarem o lucto de que ia coberta, eram como uma esperança e um perdão, dessipando a escuridão que lhe ia n'alma; depois, e sem que por isso se possa accusar o coração de sequidão e egoismo, porque elle é de tal modo feito, que facilmente se alegra pelos

olhos, se estava triste pela recordação, alegrava-se pela vista.

Maria já não tinha deante dos olhos o spectaculo da solidão e da morte; já não ouvia aquelle lugubre sibilar do vento pelos corredores do castello; não via já a phantastica claridade da lua, deslizar-se atravez as vidraças do sombrio quarto, nem o esmorecido candieiro lançavam sobre o rosto dé seu pae uma luz duvidosa.

Com os primeiros raios do dia, perdera a natureza, surrindo, toda a tristeza da noite, e a dôr de Maria, como os ultimos gelos do inverno, não podia deixar de fundir-se com aquelle surriso da natureza.

Além de que, a dôr tem um limite; quando chega a tocal-o, só lhe resta retroceder, ou levar consigo a rasão do que soffre.

A morte de Emmanuel fôra para Maria uma dôr tão violenta, que não podia ser ultrapassada por nenhuma outra.

Depois, achava-se sempre a seu lado Marianna, que para a fazér esquecer de seu pae, lhe fallava em sua filha; que lhe affastava a attenção do tumulo, para lh'a attrahir para o berço; lembra-lhe o que n'outro tempo lhe dissera seu pae, n'aquelle mesmo castello de que tinham sahido, que Deus mandava as creanças para consolação do passado. Dizia-lhe que a mulher que se encontra entre seu pae morto, mas morto surrindo-lhe, e sua filha viva e estendendo-lhe os braços, não pôde julgar-se abandonada por Deus; repetia-lhe sem cessar, que o conde passára tão docemente

da vida para a morte, que o seu rosto conservára toda a natural benevolencia, e que, ainda que a não tivesse podido pronunciar, a sua ultima palavra devia ser um perdão.

Maria tinha tão grande necessidade de ouvir palavras consoladoras, que sentia adormecer-se-lhe o sofrimento com as que ouvia a Marianna.

Chegaram a Paris, á noite, e foram para uma hospedaria. No outro dia muito cedo, subiu Maria e a sua ama para uma carroagem, e foram a Auteuil. Chegando alli, dirigiu-se á casa indicada por Emmanuel.

Ao approximar-se d'aquelle casinha que continha a ultima esperança da sua vida, a pobre senhora, sentia o coração pulsar violentamente, e agradecia a Deus o não ter morrido antes de alli chegar. Como era muito cedo, estava ainda fechada a porta da casa. Maria bateu; logo depois veio uma mulher abrir.

— A senhora Joanna Boulay? perguntou-lhe Maria, com a voz tremula.

— Sou eu, minha senhora, respondeu a boa mulher.

Maria olhou em torno de si; pareceu-lhe extraordinario, que sua filha não fosse a primeira pessoa que ella visse.

— Desejava fallar-lhe, disse ella.

A sr.<sup>a</sup> Joanna fechou a porta.

— Há algum tempo que lhe confiaram uma menina chamada Clotilde; não é verdade? disse Maria, assentando-se. Eu venho buscar essa menina.

— A menina já não está aqui, minha sr.<sup>a</sup>

— É possivel o que disse? exclamou Maria, em-pallidecendo.

— É a verdade, minha senhora.

— Mas onde está?

— É o que eu ignoro.

— Isto é impossivel! Diga-me; o que fez da creanca que lhe confiaram? Responda.

— Entreguei-a.

— A quem?

— Aos parentes de seu pae.

— Mas não devia entregar-a senão a seu proprio pae....

— É verdade, minha senhora, e por isso, quando vieram pedir-ma, fiz valer as ordens do sr. de Bryon, e recusei, mas no dia immediato, fui intimada pelo commissario de policia, para entregar a menina.

— Mas o que fizeram d'ella?

— Como já disse, não sei.

— Ha já muito tempo que a levaram?

— Ha dois dias.

— Dois dias!?

— Sim, minha senhora.

— Oh! meu Deus! meu Deus! o que será feito de minha filha?

— Sua filha? disse a senhora Joanna. A sr. é...

— Sou sua mãe!

Joanna recuou.

— Sua mãe! repetiu ella.

— Pois não o conhece pelo que soffro?

— Sua mãe! murmurou ainda a sr.<sup>a</sup> Joanna; disseram-me que tinha morrido.

— E disseram-no tambem a Clotilde?

— Tambem, sim minha senhora; e a pobre creanca...

— Chorou... diga-me se minha filha chorou! disse Maria juntando as mäos.

— Sim, minha senhora, respondeu a pobre mulher, commovida por aquella scena; chorou muito, e não quiz tornar a brincar com os *bonitos* que lhe déra seu pae.

— Pobre anjinho! Julga que ella esteja em Paris?

— Julgo que sim.

— Mas diga-me o que devo fazer; aconselhe me, porque sinto perder a rasão.

— A sr.<sup>a</sup> yem de fóra do paiz?

— Venho.

— Ainda não foi a sua casa?

— Não, respondeu Maria, cárando.

— Pobre senhora! Antes de tudo quiz ver sua filha. É bem natural.

E a pobre mulher enxugou uma lagrima que lhe corria pela face.

— Primeiro, deve ir a sua casa, continuou ella.

— Depois?

— Alli devem dizer-lhe onde ella está, porque os creados sabem-no. Mas como foi que se passou tudo isto, sem que a sr.<sup>a</sup> o soubesse?

— Andava viajando, e julgavam-me morta.

— É justo. Então é preciso escrever a seu pae!

— Seu pae já não existe! disse Maria com uma voz surda.

— Pobre menina! exclamou Joanna.

— Lastima-a?.. muito lh'o agradeço.

— Lastimo-a porque era muito sua amiga. Agora, minha senhora, se lhe posso servir d'alguma coisa, peço-lhe que disponha do meu prestimo.

— Só lhe peço, que supplique a Deus por mim.

E Maria quasi louca, subiu para a carroagem onde a esperava Marianna.

— Então ? lhe perguntou esta vendo-a só, e tão pallida.

— Já aqui não está.

— Mas para aonde a levaram ?

— Sei-o eu porventura ? Bem te dizia, que Deus não acabára de me amaldiçoar !

— Onde vamos agora ? perguntou o cocheiro.

— Rua dos Saint-Pères n.º 7, respondeu Maria cobrindo o rosto com as mãos. Meu Deus ! dizia ella, ainda me abandonaes ! Consentistes que me arrebatassem a minha filha !

E a pobre mãe, com os cabellos soltos, os olhos inchados á força de chorar, e as faces lividas, stalava de dôr e incertesa. Chegaram. Todas as janellas do palacio estavam fechadas. Maria subiu. O porteiro não a conheceu ; passou adiante, e bateu á porta. Appareceu um creado, que, reconhecendo sua ama n'um tal estado, recuou espavorido.

— Onde está Clotilde, perguntou ella.

— V. ex.<sup>a</sup> não o sabe ?

— Não.

— Está em casa da irmã do sr. de Bryon.

— Tens essa certesa ?

— Sim, minha senhora.

Maria desceu, correndo, e encontrou em baixo Marianna, tendo na mão um masso de cartas.

— Está em casa de sua tia, disse Maria, começando a ter nova esperança. Cocheiro, para a rua de Sèvres n.º 12, a toda a brida.

Ainda o creado não tinha fechado a porta, espantado pelo subito apparecimento de Maria, e já a carroagem tinha desapparecido.

— Aqui estão estas cartas, disse Marianna.

— Que m'importam as cartas!

— Vem de Dreux.

— Então são de Clementina, que nem de certo, lhe passa pela idéa o que me tem succedido.

Maria não abriu as cartas; fallavam, sem duvida, da felicidade da sua amiga, e essa leitura torinal-a-hia ainda mais desgraçada.

A carroagem parou; tinha chegado á casa indicada. Maria subiu só a casa de sua cunhada; aquella cunhada de que ella dizia desejar não ter nunca coisa alguma que precisasse do seu perdão. Apparecendo-lhe uma creada, perguntou se a sr.<sup>a</sup> de Bryon estava em casa; a creada perguntou-lhe o seu nome, foi annuncial-a, e voltou pouco depois, a dizer a Maria, que sua ama não estava em casa.

— Mas eu preciso fallar-lhe indispensavelmente.

— A senhora saiu.

— Esperal-a-hei.

— Mas a senhora não volta, talvez, hoje; foi para o campo.

— Clotilde? gritou Maria.

— Mamã! respondeu uma voz de creança, que parecia ser repremida por alguem.

Então m.<sup>me</sup> de Bryon, empurrou a creada, e

abrindo a porta, que lhe pareceu conduzil-a ao lado d'onde viera a voz de sua filha, achou-se em presença de sua cunhada, que lhe vinha ao encontro, para fazer cessar a sua insistencia.

— Que pertende senhora ? perguntou ella.

— Quero minha filha ! quero minha filha !

E Maria fechou a porta por onde entrárá.

— Sua filha não está aqui.

— Mente ! mente ! exclamou Maria, eil-a !

Com efeito, a pobre creança escapando-se das mãos que a seguravam, correu para sua mãe, chorando e gritando : — Leve-me comsigo mamã, leve-me comsigo !

— Esta mulher não é tua mãe ! disse-lhe sua tia segurando-a, tua mãe morreu. Levem d'aqui esta creança.

Apesar das lagrimas de Clotilde e dos esforços de sua mãe, que pedia e ameaçava ao mesmo tempo, affastaram Clotilde.

— Que pertende ainda ? disse a innexoravel velha.

— Pertendo que me entregue minha filha, e que me diga com que direito m'a roubou.

— Com o direito que assiste á familia, de se apoderar da filha da mulher adultera, que a perdeu, como se perdeu.

— Que está dizendo, senhora ?

— Digo que deshonrou o seu nome, e que matou seu marido !

— Matei meu marido !

— Leia.

E a implacavel cunhada deu a Maria um pe-

riodico, que contava o modo porque tinha sido encontrado o cadaver d'Emmanuel, e o papel que provava o seu suicidio, accrescentando, que se ignorava as causas d'aquelle morte.

— A senhora conhece, de certo, essas causas?

— Mas se foi o proprio Emmanuel quem me mandou buscar minha filha...

— A senhora, mente!

— Foi elle quem me disse onde ella estava, em Auteuil.

— Mente!

— Emmanuel perdoou-me... e Maria mostrava o papel escripto por seu marido.

— Repito, que mente; esse escripto é falso!

— Entregue-me minha filha! continuou Maria, rojando-so aos pés de sua cunhada.

— Nunca!

— Em nome de sua mãe, dé-me minha filha. Hei-de amal-a mais do que a vida! Virá vel-a todos os dias, se o desejar; pedirá a Deus pela senhora; mas, pelo céu, entregue-me!

— É impossivel.

— Impossivel! mas o que lhe fiz eu? Quem pôde condenar uma mulher a não ver sua filha?

— O procurador regio, o homem que deve contas á sociedade de todas as suas accções, o homem em fim, que devendo sustentar essa sociedade sobre bases moraes, não pôde consentir que a mulher que prostituio o seu amor, e malou seu marido, seja, depois de taes accções, a perceptora de sua filha, porque, se mais tarde, essa creança tornada mulher, seguir as pisadas de sua mãe, é

d'esse homem que a sociedade se queixará. Agora, senhora, saia d'esta casa; não a conheço, nem quero conhecê-la.

— Minha senhora, é preciso que esteja bem segura do passado e do futuro, para que possa cometer impunemente uma tal acção. O procurador régio devia fazer tudo isso pela moral, de que deve conta aos homens. Mas acredita a senhora, que o seu procedimento seja auctorizado por Deus? Julga que Deus dá uma filha a uma mulher, depois de a fazer sofrer durante nove meses, para depois reconhecer a outros o direito de lhe roubarem essa filha, quando ella é a esperança, a vida, o alento de sua mãe? Não teme atrahir a maldição de Deus, expulsando-me por um tal modo?

— Não, não a temo, porque no dia em que for chamada a dar-lhe contas, dir-lhe-hei: «Essa mulher não se lembrou de que era mãe, senão depois de ter sido má filha, e má esposa; não se lembrou de que era mãe, senão quando era indigna de o ser.» Eis o que direi a Deus, que de certo me absolverá.

— Mas isto é horrível! repetia Maria de joelhos; é horrível! Minha pobre filha! Diga-me que tudo isto é só para me castigar; condemne-me, porque o mereço, a não a ver, dois, seis meses, um anno; passarei esse tempo na solidão, orando por ella; mas depois d'esse tempo, entregar-ma-ha, não é verdade? Peço-lho de rojo, e beijando-lhe os pés; entregue-me minha filha!

Repiro-lhe que a senhora morreu para sua fi-

lha, e para todos. Pela ultima vez, saia, ou chamo os creados.

Dizendo isto estendeu a mão para a campainha. Maria ergueu-se.

— A senhora é inexorável, disse Maria, por que não tem filhos, e Deus, em sua sabedoria, foi previdente em não lhos dar, porque, assim como não tem coração para me comprehender, não o teria para os amar. Vou sair, sem que precise chamar os creados. Agora é a Deus que pertence julgal-a, e que a amaldiçoará como eu a amaldiçõo.

E Maria depois de olhar, pela ultima vez, para a porta por onde tinha desapparecido Clotilde, sahiu da maldita casa, chorando lagrimas de sangue.

---

## XXIV

Dois dias depois do que acabamos de contar, Maria, pálida, emagrecida, difícil de reconhecer, apeava-se com Marianna, também vestida de luto, d'uma carroagem de posta, coberta de pó, a cem passos da egreja, onde, havia oito annos, commun-gára pela primeira vez.

Não havia em todo aquelle sitio a menor mudança. Unicamente, a ultima vez que Maria vira aquella grande avenida, as arvores estavam garnecidas de folhas, produzindo a mais agradavel sombra. No dia em que tornava a vê-l-as, as folhas do verão precedente já não existiam, as arvores mostravam, apenas, os primeiros rebentos, que o sol da primavera fizera brotar, e que o sol mais ardente do verão, devia desenvolver.

Seguiu, pois, pela avenida, dando a cada arvore,

um olhar, e uma recordação. Sempre acompanhada por Marianna, entrou na egreja. Era domingo, e apenas dez horas da manhã. O sacerdote celebrava o augusto sacrifício, e a egreja estava cheia de gente, que de joelhos escutava o órgão, e as vozes dos meninos do côro, intercalando os seus canticos com as palavras do celebrante.

Maria procurou o logar mais sombrio, e baixando o veu, ajoelhou entre a multidão. Marianna ajoelhou junto d'ella. Quando o sacerdote se voltou, Maria reconheceu o velho cura, que se despedira d'ella no começo d'esta historia, e agradeceu a Deus. A missa terminou, e toda a gente sahiu, benzendo-se, e tomando a agua benta. A porta principal da egreja, toda aberta, deixava penetrar os raios do sol, que iam doiar as flores, e os de mais ornatos do altar. Quando Maria viu que tinha saído quasi toda a gente, aproximou-se do sacerdote, deixando Marianna no mesmo logar, e disse-lhe :

— Desejava confessar-me.

— Está bem preparada para esse acto, minha filha ? lhe perguntou o bom velho.

— Se tudo o que é possivel soffrer como donzella, como esposa, e como mãe, é sufficiente, estou, de certo, preparada.

— Então, siga-me.

O velho approximou-se de um confissionario, o qual abriu e tornou a fechar, logo depois de entrar, dispondo-se a bem escutar a confissão de Maria ; esta ajoelhou, e sem dizer quem era, con-

tou a sua vida ao santo homem. O padre reconheceu-a.

— Pensei muitas vezes em si, filha; e sempre me admirei de não a tornar a ver. Eu estou aqui para a absolver, e não para a reprehender. Mas a sr.<sup>a</sup> já não é, como n'outro tempo, uma menina de quinze annos; a peccadora de hoje necessita de maior penitencia, do que uma menina, para que Deus, que sem duvida, cessou de punir, comece a perdoar.

— Toda a penitencia me parecerá justa.

— Pois bem, minha filha; faça o que lhe dictar o seu arrependimento, e eu, em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo, perdo-o-lhe, e absolv-o-a.

— Já não tenho pae além de Deus, nem mãe além da egreja, nem filhos, que não sejam os pobres, disse Maria com uma voz socegada; dou, pois, os meus bens aos pobres, e á egreja, e eu dar-me-hei a Deus.

O bom velho sentiu-se commovido em presença da resolução d'aquellea mulher tão moça, tão bella, e que elle conhecera tão casta.

— Está bem firme n'essa resolução, minha filha?

— É irrevogavel.

— Lembre-se que é um voto eterno.

— Não ha eternidade n'este mundo; é a do outro que eu quero conquistar.

— Lembre-se que vae entregar toda a sua vida ao Senhor.

— A minha vida não será, de certo, longa.

— Dúvida do seu perdão?

— Tenho esperança em sua clemência.

— Será recebida pelo Senhor, minha filha; e eu, seu ministro, e humilde servidor, não sómente a absolvo, mas abençõo-a. Venha minha filha, venha.

O padre sahiu do confissionario, e pegou na mão de Maria, dizendo-lhe em tom paternal:

— Vá em paz, filha; o seu ultimo dia de liberdade, é esclarecido por Deus com o sol mais resplandecente; depois de o ter adorado na egreja, vá adoral-o em suas obras. Eu vou previnir a superiora do convento do valle do Vert, que a sr.<sup>a</sup> me ajudou a fundar, e que vae hoje pagar-lhe uma divida de gratidão. Para que dia anunciei a sua entrada?

— Para amanhã, a esta hora

— Então, vá com Deus, filha; vá com Deus.

E o velho sacerdote affastou-se.

Maria foi juntar-se a Marianna, e dirigiu-se com ella ao collegio da sr.<sup>a</sup> Duvernay. Tudo ali se achava do mesmo modo. Entrou e perguntou pela perceptora; esta não se fez esperar, Maria ergueu o veu, e não foi reconhecida pela sua mestra.

— Não se lembra de mim, minha senhora, disse Maria; tenho soffrido tanto, que é natural não me reconhecer! Sou Maria d'Hermi.

— Maria! exclamou a sr.<sup>a</sup> Duvernay. Sim, sim, agora já a conheço. Mas, por quem é esse luto?

— Triplice luto! Meu pae, meu marido, e minha filha!

— Todos mortos?!

— Todos!

— Pobre senhora! E no meio da sua dor, lembrou-se de nós!

— Vim aqui para lhe fazer um pedido.

— O que é, minha filha?

— Venho pedir-lhe que me dê, até amanhã, o quarto em que eu outr'ora dormia, e a Marianha o que era de Clementina. Faz-me o que lhe peço?

— Com a melhor vontade. Esses quartos agora estão ocupados; mas por uma noite, irão para outros, as meninas que lá estão. E amanhã, deixam-nos?

— Amanhã deixarei o mundo; entrarei para o convento do valle.

— É por voto?

— Indissoluvel.

A sr.<sup>a</sup> Duvernay, conservou-se muda diante de tão grande sofrimento, mesmo sem lhe conhecer toda a profundidade, acompanhando logo depois Maria, ao quarto de que fallámos. Estavam ainda ali os mesmos moveis, o mesmo espelho, e o mesmo leito; faltava unicamente, para a recordação ser completa, o retrato da sr.<sup>a</sup> d'Hermi.

Estava n'aquelle quarto uma pensionista das mais crescidias, e que tão entretida estava, em dar migalhinhas de pão aos passaros, que não sentiu abrirem-lhe a porta.

— A menina é quem occupa este quarto? lhe disse Maria.

— Sim, minha senhora, lhe respondeu, suspirando, a pensionista.

— Venho pedir-lhe que m'o dispense por esta

noite. Este quarto é o que eu outr'ora occupei, quando tinha a felicidade de ser aqui pensionista; comprehende que é cheio de recordações para mim, e que por isso desejo passar aqui ainda uma noite.

— Como! exclamou a pensionista, pois a senhora tem saudades do tempo em que esteve no collegio?

— Tenho saudades, e muitas! disse Maria levantando os olhos ao céu.

— Pois eu só me lembro do momento em que hei-de sair d'aqui, no proximo mez d'agosto, para poder frequentar a sociedade em compagnia de minha mamã. Todos dizem que é muito para desejar, a sociedade!

Maria olhou com benevolencia para a pensionista.

— Aqui está como eu era ha quatro annos, pensou ella; quem sabe se Deus reserva a esta feliz creança o mesmo futuro que eu tive!

— Pôde dispôr do quarto, em quanto o desejar. Entretanto ficarei no dormitorio.

— Permitte-me que lhe dé um beijo, minha menina? disse Maria.

— Com todo o gosto.

— Parece-me estar tocando com os labios a minha felicidade d'outro tempo, pensou Maria, beijando a pensionista, a qual, pouco depois se retirou.

Maria passou do seu quarto ao de Clementina. Achou tudo do mesmo modo, e assentou-se no meio das suas recordações, que, como avesinhas

lisongeiras, lhe iam cantar em torno, procurando affastar-lhe o pensamento do seu triste destino.

— E Clementina, disse a sr.<sup>a</sup> Duvernay; como estará ella?

— Vamos sabel-o, disse Maria. Marianna, dá-me de entre as cartas que recebemos em Paris, a ultima de Clementina. Marianna percorreu com a vista as datas das cartas, e tirando uma, entregou-a a Maria.

M.<sup>ra</sup> de Bryon, abriu a carta, e leu.

«Minha querida Maria.

«O que é feito de ti? É esta a quinta ou sexta carta que te escrevo, sem que lenha obtido resposta. Acabo agora de ler n'um periodico que teu marido partira para a Italia, por causa da tua saude. Mas tu estás doente? Escreve-me ao menos uma palavra para me tranquilisares. Como está tua filha, o teu bom pae, e o nosso querido Emmanuel? Não tens ciúme d'este *nosso*, não é verdade?

Maria teve de limpar as lagrimas, que a impediam de lêr, depois continuou:

«A minha carta vae talvez encontrar-te em Roma, ou em Napoles; no paiz com que tu sonhavas. Estou d'aqui a ver-te, assentada melancolicamente á sombra das laranjeiras, ou passeando pelo golfo n'uma gondola muito elegante. Realisou-se, em-fim, o teu sonho de viagem! Em quanto a mim não saio do ninho; mas Adolpho é tão bondoso para comigo, que nem me lembro que possa haver outro ceu que não seja o de Dreux; e depois, cada vez tenho mais laços que me prendem aqui.

Annuncio-te o nascimento d'uma *robustissima rapariga*, que ainda não está baptisada, e que irá, talvez, comigo a Paris, para que tu lhe dês um nome que tenha consigo a felicidade; o teu, por exemplo. Escreve-me ao menos uma palavra; se fôr de Napoles ficarei contentissima, mas se fôr de Paris, julgar-me hei feliz.

«Adeus, minha querida Maria; continuo sempre a ser como tu me conheceste, a unica diferença é ser um pouco mais feliz. Abraça, por mim, teu pae, tua filha, e mesmo o sr. de Bryon.

«Sempre tua amiga

«CLEMENTINA DUBOIS»

Maria deixou cair a carta, que lhe agravou horrivelmente o sofrimento. Tanto Marianna como a sr.<sup>a</sup> Duvernay, não poderam conter as lagrimas.

Maria passou todo o dia no collegio, entretendo-se com as creanças, ás quaes o seu fato preto, amedrontára em começo, mas que por fim, vendoa tão affavel e bondosa já não queriam affastar-se d'ella; jantou com a sr.<sup>a</sup> Duvernay, ou antes, assistiu-lhe ao jantar; ás dez horas da noite deitou-se. Adormeceu muito tarde, e despertou de madrugada. Deus permitira algumas horas de somno á pobre creatura. Quando se levantou viu que os pombos, seus antigos conhecidos, não tinham perdido o costume de irem procurar as migalhas de pão, no parapeito da janella.

Ás onze horas, despediu-se Maria, da sr.<sup>a</sup> Duvernay, que chorava como se fôra sua mãe, e acompanhada unicamente por Marianna, dirigiuse para o valle de Vert. O convento recentemente

edificado, parecia surrir-se ao sol, por entre o mais formoso arvoredo.

Maria bateu á portaria; veiu o velho cura recebel-a.

— Eis-me aqui, disse ella.

— Muito bem, minha filha; acompanhe-me.

Então Maria voltou-se para Marianna, e disse-lhe, apertando-a nos braços.

— Adeus minha segunda mãe, que me tens acompanhado em todas as provas dolorosas da minha vida. Não podes vir para onde eu venho; volta para Paris, véla por minha filha, e de tempos a tempos, vem dar noticias d'ella ao meu ultimo e unico protector, que me fallará n'ella, para me dar animo.

As duas mulheres abraçaram-se ainda no limiar da porta. Uma chorava, a outra estava tranquila e resignada.

— Agora, sr. padre, disse Maria, já aqui não ha nem esposa, nem filha, nem mãe; ha uma pecadora que soffre, que se arrepende, e que pede a Deus que a receba em seu seio.

Maria voltou-se pela ultima vez, e viu Marianna descendo para a estrada; acenou-lhe ainda com a mão, e fechou a porta que as separava para sempre.

Dez mezes depois do que acabamos de contar, lia-se n'um periodico de Paris, o seguinte:

#### NOTICIAS DIVERSAS

— Lé-se na *Gazzetta de C...*:

«Acaba de haver aqui um pequeno tumulto. Os estudantes revoltando-se, dirigiram-se á habitação de uma estrangeira, que, segundo dizem, se achava, havia algum tempo, em relações com um dos mais poderosos personagens, por não dizer, com o mais poderoso personagem da cidade. A causa d'esta desordem, foi um decreto que acaba de ser publicado, attacando algumas das mais sagradas instituições, cujo decreto dizem ter sido dictado pela tal estrangeira, que, a exemplo de muitas outras mulheres celebres, se envolve com todo o seu ascendente, nos negocios publicos. Um bando d'aquelles estudantes amolinados dirigiram-se, pois, á habitação da *mulher d'estado*, para a obrigarem a sair da cidade; mas ella, parece ter-lhes querido resistir, chegando, da janela, a dirigir-lhes algumas ameaças. O exaspero chegou então ao seu auge, do que resultou cair sobre ella uma chuva de grandes pedras, uma das quaes a feriu mortalmente na cabeça, deixando de existir d'ahi a alguns instantes. A ordem foi promptamente restabelecida. A tal estrangeira chamava-se Julia Lovely, e era dotada de rara formosura.»

— Lé-se no *Akhbar*:

«O marquez de Grige, muito moço ainda, ha pouco alistado como voluntario, no regimento de spahis, perdeu a vida n'um dos ultimos encontros d'aquelle regimento com os arabes. Esta morte pôde quasi olhar-se como um suicidio, porque o joven marquez, desde que pertenceu ao exercito, tornou-se sempre notavel pela profunda

tristesa, que parecia continuadamente acabrunhal-o; e porque se lançou tão imprudentemente sobre o inimigo, que todos julgam ter elle o proposito firme de buscar a morte.»

— Lé-se no *Écho d'Eure-et Loir*:

«M.<sup>mo</sup> de Bryon, viuva do par do reino Emmanuel de Bryon, que ha tempo se suicidou, sem que nunca se conhecesse a causa de uma tal loucura, acaba de falecer no convento de Vert, consumida por inexoravel e continua febre. Foi sepultada no cemiterio do convento, no meio das orações, e recolhimento de suas irmãs, que tanto admiravam a sua piedade. Não tinha ainda vinte e um annos. Legou todos os seus bens á casa que lhe déra o ultimo asylo.»

E o mundo continuou a caminhar como caminhava.